JUDITH NURIA MAIDA (COORDENAÇÃO)
ADHEMAR MARQUES • AMARILDO DINIZ
FLÁVIO BERUTTI • JULIA O'DONNELL
MAURÍCIO PARADA • PAULO CRISPIM ALVES DE SOUZA
PAULO EDISON DE OLIVEIRA • PEDRO M.C. FERREIRA
SILVIA PANAZZO • VITOR H. SCHVARTZ

PNLD 2021 • OBJETO 2
CÓDIGO DA COLEÇÃO
0151P21204
CÓDIGO DO LIVRO
0151P21204135

ENTER AÇÃO

HUMANAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO • VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

O PODER ECONÔMICO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS POVOS E PAÍSES

ENSINO MÉDIO
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Editora do Brasil

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ENTRE AÇÃO

MANUAL DO PROFESSOR

HUMANAS

O PODER ECONÔMICO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS POVOS E PAÍSES

Judith Nuria Maida (Coordenação)
- Graduada em Geografia e professora da Educação Básica
- Autora e coordenadora de Literatura Infantojuvenil e coleções didáticas de Humanidades (Natureza e Sociedade, História e Geografia, Educação do Campo) da Educação Básica e EJA
- Assessora pedagógica na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Elaboradora de currículos nas redes estaduais e municipais de ensino
- Consultora na implementação da BNCC em escolas e construção de Objetos Educacionais Digitais (OED)

Adhemar Marques
- Especialista em História Moderna e Contemporânea
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor de História em cursos livres

Amarildo Diniz
- Graduado em Geografia
- Autor de livros e materiais didáticos de Geografia e Atualidades
- Consultor de plataforma *on-line* de correção de vestibulares e Enem
- Professor [illegible] cursos pré-vestibular

Flávio Ber[illegible]
- Mestre em História
- Especialista em Metodologia da História
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor e coordenador de História

Julia O'Donnell
- Mestre e doutora em Antropologia
- Autora de materiais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio
- Professora universitária e pesquisadora

Maurício Parada
- Mestre e doutor em História
- Graduado em História
- Autor e organizador de livros de História
- Professor universitário e pesquisador

Paulo Crispim Alves de Souza
- Mestre em Ciências Humanas e Sociais
- Graduado em História
- Autor de livros paradidáticos de Educação
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia no Ensino Médio

Paulo Edison de Oliveira
- Mestre em Ciências Sociais
- Graduado em Ciências Sociais
- Autor de material didático de Ciências Humanas
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio
- Coordenador escolar de Ciências Humanas no Ensino Médio

Pedro M.C. Ferreira
- Graduado em Geografia
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Finalista do prêmio Professor Nota 10
- Professor de Geografia para Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA

Silvia Panazzo
- Pós-graduada em Tecnologias da Aprendizagem
- Graduada em História e Pedagogia
- Autora de materiais didáticos de História para Ensino Fundamental
- Professora de História para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Vitor H. Schvartz
- Doutor em Filosofia com pós-doutorado na área
- Graduado em Filosofia
- Professor de Filosofia e orientador pedagógico no Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio

1ª edição
São Paulo, 2020

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interação humanas : o poder econômico e a construção da autonomia dos povos e países /
Judith Nuria Maida (coordenação). -- 1. ed. --
São Paulo : Editora do Brasil, 2020. --
(Interação)

Vários autores.
ISBN 978-85-10-08372-0 (aluno)
ISBN 978-85-10-08373-7 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio)
2. Ciências sociais (Ensino médio) I. Maida, Judith Nuria. II. Série.

20-39249 CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio
373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2020
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso
Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial: Erika Caldin
Supervisão de arte: Andrea Melo
Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Ethel Shuña Queiroz
Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Júlio Fonseca
Consultoria técnico-pedagógica: Marcelo Campos Tiago
Edição: Agueda Guijarro del Pozo, Carlos Félix, Guilherme Fioravante Salgado, Nathalia Simões e Rogério Cantelli
Assistência editorial: Patricia Harumi e Marina Lacerda D'Umbra
Auxílio editorial: Douglas Bandeira
Especialista em copidesque e revisão: Elaine Cristina da Silva
Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti
Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Fernanda Almeida, Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato, Mariana Cruz, Martin Gonçalves e Rosani Andreani
Pesquisa iconográfica: [illegible] Cecília Ferraz
Assistência de arte: Letícia Santos
Design gráfico: Talita Lima
Capa: Megalo Design
Imagem de capa: Andrey_KZ/iStockphoto.com, bodnarchuk/iStockphoto.com, clu/iStockphoto.com, diegograndi/iStockphoto.com, NNehring/iStockphoto.com e thiago melo/iStockphoto.com
Edição de arte: Paula Coelho e Talita Lima
Ilustrações: Alessandro Passos da Costa, Cris Viana, Fábio Luiz, Hare Lanz, Jairo Souza, Mário Yoshida, Selma Caparroz, Sônia Vaz e Tarcísio Garbellini
Editoração eletrônica: N Public/Formato Editoração
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini
Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2020

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Cara professora, caro professor

O manual que você tem em mãos é fruto de um intenso trabalho de pesquisa e reflexão de educadores que, assim como você, percebem a importância de abordar, com rigor científico e objetividade metodológica, diferentes temas e conteúdos pertinentes às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Tendo como objetivo a construção de um saber problematizador, contextualizado e interdisciplinar, as discussões contidas neste manual vão além de um mero conjunto de estratégias ou sugestões didáticas. Ao discutir os princípios teóricos e metodológicos nos quais a coleção está fundada, nós queremos estimulá-lo a, junto aos estudantes, protagonizar o processo de construção do conhecimento e evitar a fragmentação do saber, os reducionismos e as simplificações cognitivas.

O Novo Ensino Médio tem implicado cada vez mais o professor na busca de metodologias ativas e de práticas didáticas interdisciplinares que abarquem distintas formas de aprender e de ensinar – busca que é um dos objetivos indicados na Base Nacional Comum Curricular.

Nesse sentido, o convite que lhe fazemos é o de sermos parceiros na construção de caminhos que estimulem o espírito investigativo e desenvolvam as competências e habilidades necessárias à formação do estudante.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Da mesma forma, a necessidade de preparação para o Enem e os vestibulares em geral é um desafio contemplado não apenas na escolha das temáticas mas também na proposição de questões e atividades que permitam trabalhar de diferentes maneiras os conteúdos que podem ser exigidos.

Esperamos que este manual – e a coleção a qual ele subsidia – seja seu companheiro na construção da cidadania participativa de nossos estudantes, tarefa à qual nenhum de nós pode se omitir na contemporaneidade.

Bom trabalho!

Os autores

SUMÁRIO

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA V

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: o que são? V

Os conceitos norteadores VII

O paradigma da complexidade cognitiva XVI

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade XVIII

A questão das fontes e da pesquisa XIX

O estudante e a educação no século XXI XXI

A aprendizagem e a formação integral do estudante XXI

As narrativas curriculares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XXII

O diálogo com a contemporaneidade XXV

Proposição didático-pedagógica XXVI

Investigação provocativa: problematização como ponto de partida XXVI

O pensamento computacional XXVII

Leitura, produção de texto e o paradigma da intertextualidade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XXIX

O papel das metodologias ativas XXX

O PAPEL DO PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM DIFERENTES CONTEXTOS XXXI

Ações concretas para a intervenção pedagógica XXXIII

Processo de argumentação e diálogo XXXIII

A prática docente e o conteúdo interdisciplinar XXXVI

Saúde mental e escola XXXVII

NOVO ENSINO MÉDIO XL

As culturas juvenis e o protagonismo do jovem nas sociedades contemporâneas XLI

A escola e os currículos em transformação XLII

As áreas de conhecimento XLIV

Os itinerários formativos XLVI

A OBRA E A BNCC XLVII

Competências gerais XLVIII

Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XLIX

A PROPOSTA DA COLEÇÃO LII

Livro do Estudante LII

Estrutura da obra e recursos LII

Manual do Professor específico LIII

Videotutorial LIII

Cronograma LIV

Quadro de conteúdos LIV

COMO AVALIAR? LVII

Diversidade de formas e de instrumentos de avaliação LVIII

REFERÊNCIAS COMENTADAS LIX

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME LXIII

Objetivos LXIII

Justificativa LXIII

Unidade 1: O que é ser capitalista? LXIV

Temas LXIV

Objetivos LXIV

Justificativa LXIV

O trabalho com a BNCC LXV

Competências gerais da Educação Básica LXV

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXVI

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXVI

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias LXVII

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias LXVII

Perfil do professor LXVII

Orientações didáticas LXVII

Abertura da unidade LXVII

Percurso 1: Capitalismo: origens europeias e desenvolvimento mundial LXIX

Percurso 2: Um mundo em transformação LXXVI

Unidade 2: A memória resiste à dominação? LXXXV

Temas LXXXV

Objetivos LXXXV

Justificativa LXXXV

O trabalho com a BNCC LXXXVI

Competências gerais da Educação Básica LXXXVII

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXXXVII

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXXXVIII

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias LXXXIX

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias LXXXIX

Perfil do professor LXXXIX

Orientações didáticas XC

Abertura da unidade XC

Percurso 3: Dominação imperialista e seus impactos XCI

Percurso 4: Desafios do Novo Mundo XCIX

Unidade 3: Em que mundo queremos viver? CVI

Temas CVI

Objetivos CVI

Justificativa CVI

O trabalho com a BNCC CVII

Competências gerais da Educação Básica CVIII

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas CVIII

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas CIX

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias CIX

Perfil do professor CIX

Orientações didáticas CX

Abertura da unidade CX

Percurso 5: Geopolítica, espaço e poder CXI

Percurso 6: A Nova Ordem Mundial e o respiro democrático CXVII

Questões de Enem e vestibulares – gabarito CXXVI

REFERÊNCIAS COMENTADAS CXXVII

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: o que são?

Os estudos sobre as experiências, as ideias e as ações protagonizadas pelos seres humanos existem desde a Antiguidade. Porém, foi apenas no século XIX que eles passaram a se definir como ciência, nos moldes teóricos e metodológicos até hoje reconhecidos, ao lado de disciplinas voltadas para o conhecimento do mundo natural.

Na época de sua afirmação como ciência, História, Geografia e Sociologia, entre outras áreas, buscaram delimitar os próprios objetos de estudo recortando a experiência humana a partir de seus próprios conceitos, métodos e critérios de análise, separando-se uma das outras mediante critérios objetivos e centrados na definição de verdadeiros territórios intransponíveis do saber. As disciplinas pautaram-se pelo modelo de neutralidade científica que, então, era visto como fundamental para as ciências exatas e deveria se estender às humanas. Também os paradigmas filosóficos que constituíam os fundamentos das Ciências eram ainda pautados por abordagens positivistas, fundadas em uma estreita comprovação empírica dos fenômenos e na pouca criticidade em relação à análise ideológica da forma como os resultados científicos eram obtidos.

Herdeiro dessa tradição, o ensino escolar das Ciências Humanas foi por muito tempo marcado por uma visão disciplinar e fragmentada do conhecimento, que era "repartido" pelas diferentes áreas então disponíveis. Nessa concepção, predominante ao longo do século XIX e na primeira metade do XX, cada disciplina explicaria as experiências humanas por meio do estudo de alguma de suas dimensões: a História daria conta do estudo das sociedades no tempo, a Geografia no espaço, a Filosofia trataria dos paradigmas humanos, enquanto a Sociologia se ocuparia das sociedades contemporâneas, com as diferentes formas de cultura e relações de poder.

Especialmente na segunda metade do século XX, as diferentes áreas do conhecimento foram experimentando transformações substanciais na delimitação dos próprios objetos de estudo, estabelecendo diálogos entre diferentes aspectos das experiências individuais e sociais, e [illegible] pesquisa, que passaram a incorporar não apenas textos ou dados oficiais mas também aqueles produzidos nos mais diferentes gêneros textuais e pelos mais diferentes sujeitos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Na atualidade, a visão cognitiva neutra e fragmentada já não corresponde nem às concepções de conhecimento presentes nos estudos científicos e epistemológicos nem às demandas para a formação de estudantes que atuem numa sociedade em rápida transformação socioeconômica e tecnológica. De acordo com Edgar Morin (2013, p. 187):

> [...] o conhecimento deve saber contextualizar, globalizar, multidimensionalizar, ou seja, ser complexo. Unicamente, um pensamento capaz de compreender a complexidade, não apenas de nossa vida, de nossos destinos, da relação indivíduo/sociedade/espécie, mas também da era planetária, pode tentar realizar um diagnóstico sobre o curso atual de nosso devir e definir as reformas vitalmente necessárias para mudar de via. Somente um pensamento complexo pode nos armar para preparar a metamorfose simultaneamente social, individual e antropológica.

Para promover aprendizados adequados a esse novo contexto científico, tecnológico e social, as políticas curriculares produzidas em diversos países e os teóricos contemporâneos da educação têm enfatizado a necessidade de adotar paradigmas complexos e interdisciplinares de conhecimento.

No currículo do Novo Ensino Médio brasileiro, os campos do saber que compõem as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são: **História**, **Geografia**, **Sociologia** e **Filosofia**. Contudo, para além das trajetórias específicas de construção científica de seus objetos de conhecimento – e justamente por causa delas – essas áreas devem ser pensadas à luz de possíveis diálogos entre conceitos, metodologias e abordagens. O "humano" que as define, afinal, é um só, por mais multidimensional que sejam suas experiências e suas formas de viver e de se expressar.

Por sua vez, o termo "aplicadas" na definição das Ciências Humanas não deve ser entendido de maneira utilitária, como se as competências e habilidades dessa área fossem destinadas à mera "aplicação" dos conhecimentos para executar determinadas tarefas. Na verdade, os sentidos de tal "aplicação" são:

- epistemológicos: em seu itinerário de formação, o estudante deve se apropriar de maneira crítica dos conceitos dessas áreas para que possa desenvolver capacidades de diálogo e de construção de hipóteses e argumentos que o permitam construir conhecimento;
- sociais: um esforço é feito para tentar compreender quais são as necessidades da sociedade, as consequências de viver em sociedade e como promover ações concretas para modificar aspectos da realidade social;
- éticos: dizem respeito à formação humana do estudante, fundada na busca pela compreensão do outro, pela afirmação das individualidades e singularidades humanas, pelo reconhecimento da diferença, pela construção da equidade e pela promoção dos direitos humanos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é, nesse sentido, bastante enfática ao afirmar que:

> [...] a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas [...] propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018a, p. 561).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesta coleção, você encontrará em cada volume um convite para que o diálogo interdisciplinar supere a fragmentação e o reducionismo cognitivo, abrindo caminho para que cada temática proponha o diálogo entre conceitos teóricos e processos metodológicos que, até recentemente, eram exclusivos da abordagem de um único componente curricular.

Outro aspecto relevante é a preocupação em trabalhar temáticas que, encontrando eco em conteúdos classicamente assinalados nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, procuram focar na contribuição dos quatro grandes campos do saber de referência da coleção,

priorizando fundamentalmente uma abordagem integrada dos conceitos de tempo, espaço, sociedade, cultura e poder. Assim, tais conceitos não são concebidos apenas a partir de um único componente, mas do cruzamento interdisciplinar e do diálogo permanente entre eles.

Nos tópicos que seguem, você encontrará subsídios e orientações para melhor compreender a proposta das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em nossa coleção e sua aplicação desafiadora, que passa pela emergência do pensamento computacional, pelo desenvolvimento de novas práticas de pesquisa e por novas perspectivas de problematização e contextualização do conhecimento a partir das várias culturas juvenis, foco de nossas atenções e esforços educativos.

Os conceitos norteadores

Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, alcançar os objetivos de aprendizagem requer a compreensão de alguns conceitos fundamentais que orientam suas principais áreas do saber. Conceitos como tempo, espaço, sociedade, cultura e poder possuem significados múltiplos e dinâmicos, com longos históricos de debates teóricos e metodológicos.

No entanto, cabe ressaltar que, longe de uma abordagem fragmentada, esses conceitos não aparecem aqui vinculados a uma única área disciplinar. Parte-se do pressuposto de que eles fornecem possibilidades de embasar a tessitura complexa dos fenômenos e processos a serem analisados em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, estabelecendo, dessa forma, múltiplos diálogos entre si.

Tempo

Trata-se de um conceito com sentidos bastante diversos quando debatido no âmbito das Ciências Naturais (o tempo dos matemáticos e dos físicos, por exemplo) e das Ciências Humanas e Sociais. No que diz respeito à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o conceito de tempo, embora tradicional estruturante dos estudos históricos, é também utilizado, debatido e problematizado do ponto de vista das demais áreas do saber, já que possibilita ampliar, contextualmente, o alcance dos sentidos de determinada ação ou processo estudado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dentre diversos autores e antropólogos, o tempo é compreendido como uma **construção humana**, que auxilia na compreensão dinâmica dos processos de desenvolvimento tendo em vista algumas perspectivas:

- **cronológica**: o tempo tem uma trajetória múltipla, que passa pela construção dos calendários, dos relógios, das cronologias etc.;
- **temática**: dos períodos, dos conceitos e das demarcações de características dos processos humanos;
- **epistemológica interdisciplinar**: das próprias Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como áreas do conhecimento que dialogam entre si e que têm no tempo uma categoria conceitual indispensável.

A distinção entre presente, passado e futuro, que organiza a relação que as sociedades contemporâneas têm com o tempo, é resultado de processos humanos – e não simplesmente um dado observado na natureza. Portanto, o diálogo entre essas categorias temporais não se dá de forma estanque, mas relacional, percebendo-se, por exemplo, as marcas do "presente" no entendimento construído acerca das experiências passadas. Ou as marcas do "passado" no desenvolvimento de determinadas ações e processos presentes.

> O calendário revela o esforço realizado pelas sociedades humanas para domesticar o tempo natural, utilizar o movimento natural da lua ou do sol, do ciclo das estações, da alternância do dia e da noite. Porém, suas articulações mais eficazes – a hora e a semana – estão ligadas à cultura e não à natureza. [...]
>
> A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Para a criança, "compreender o tempo significa libertar-se do presente" (Piaget), mas o tempo da história não é nem o do psicólogo nem o do linguista. Todavia o exame da temporalidade nestas duas ciências reforça o fato de que a oposição presente/passado não é um dado natural, mas sim uma construção. (LE GOFF, 1990, p. 12-13).

Para os seres humanos, o tempo é mais do que um dado do mundo físico, medido com a frieza de um relógio. Passado e presente apresentam sentidos lógicos e afetivos que possibilitam perceber processos históricos e ajudam a construir identidades e formular projetos de futuro. Os entendimentos do que seja "passado" e "presente" são assim estabelecidos considerando o fato de não serem categorias conceituais estanques e lineares, mas diretamente relacionadas à própria percepção que indivíduos e grupos sociais têm de suas próprias experiências.

Assim, a consciência do passado pode ser vista como uma dimensão permanente da experiência humana, ligada a processos de aprendizado social e de construção de memória para além da vivência do indivíduo.

> Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. [...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBSBAWM, 1998, p. 22).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesse sentido, a consciência do tempo passou por uma ruptura fundamental na modernidade. Até então, as sociedades geralmente conceberam o passado como padrão a ser reproduzido no presente. Já nas sociedades contemporâneas do Ocidente, com base em um processo de racionalização das esferas política, cultural e econômica, tornou-se predominante a ideia de que o tempo deve se orientar para o futuro, sendo o passado concebido de maneira crítica.

Interpretar o "passado" criticamente para estabelecer um posicionamento diante das grandes questões do "presente" é, portanto, uma demanda contemporânea que se coloca para o aprendizado das Ciências Humanas. Por outro lado, também é importante problematizar a concepção de tempo, originária da Modernidade, para que a visão crítica do passado não acabe por naturalizar a ideia de progresso. Essa ideia, que foi formulada em termos filosóficos pelos iluministas durante o século XVIII, tem tido uma profunda influência na sociedade, na política e na cultura moderna, influência essa que pode começar a ser mitigada se o tempo for pensado em uma perspectiva complexa.

Como é possível perceber, os aspectos filosóficos inerentes ao processo de construção das identidades humanas devem ser especialmente privilegiados numa coleção que

procura entender a complexidade das construções espaçotemporais e socioculturais. A reflexão ética sobre as vivências temporais implica perceber os protagonismos individuais e coletivos na transformação das paisagens e na construção das relações sociais.

Em outras palavras, um aprendizado crítico a respeito do tempo envolve também o questionamento dessa concepção, para que ele não seja entendido de maneira reducionista, como um desenvolvimento linear que vai do mais simples ao mais complexo, ou do inferior ao superior, por exemplo. Na experiência humana, o tempo é vivido em cada um de seus "agoras", e não como uma linha de acontecimentos que convergem para alguma finalidade. Tal processo é o que podemos chamar de **diálogo de temporalidades**.

Nesta coleção, o tempo não é, portanto, visto numa mera sequência processual de causa-efeito, mas em um diálogo que excede a relação causal. Buscam-se outros sentidos para experiências do "presente", a partir de releituras do que se convenciona como "passado". O diálogo de temporalidades pressupõe, assim, a construção simbólica das experiências e da narratividade temporal. Ou, como salienta a BNCC:

> Assim, no Ensino Médio, os estudantes precisam desenvolver noções de tempo que ultrapassem a dimensão cronológica, ganhando diferentes dimensões, tanto simbólicas como abstratas, destacando as noções de tempo em diferentes sociedades. Na história, o acontecimento, quando narrado, permite-nos ver nele tanto o tempo transcorrido como o tempo constituído na narrativa sobre o narrado. (BRASIL, 2018a, p. 563).

Sendo assim, a narração busca atribuir sentido às experiências dos seres humanos, sem se limitar à mera descrição de processos, mas à compreensão de suas complexidades. O tempo, portanto, pensado como categoria que norteia o processo de construir experiências e atribuir sentido a elas, não se faz dissociado das condições objetivas humanas e do espaço.

Espaço

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Assim como o tempo, espaço é um conceito em permanente discussão nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Espaço pode ser definido como o lugar material onde os seres humanos agem. Trata-se de uma construção histórica, uma totalidade desigual e em constante transformação e, portanto, em profunda imbricação com o diálogo de temporalidades que norteia a ação humana na transformação das paisagens.

Ao se abordar o caráter histórico-temporal da formação do espaço, este deve ser diferenciado do conceito de paisagem, que se refere a aspectos morfológicos (ou seja, à forma). A paisagem pode, portanto, ser pensada como a unidade sensível do espaço, a sua materialização efetiva em termos das percepções sensoriais dos seres humanos. Espaço, pelo contrário, diz respeito a uma realidade dinâmica, com estruturas que cumprem funções para as sociedades humanas, formando um "mosaico de elementos de diferentes eras", nas palavras do geógrafo Milton Santos.

> Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações,

> deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

O conceito de espaço reveste-se, assim, de uma íntima conexão com as dimensões temporais e contextuais a ele associadas, bem como com as relações de poder vigentes nas sociedades contemporâneas. Conexões estas que definem não apenas as dinâmicas espaciais mas também a transformação constante das próprias paisagens.

Nesse sentido, o caráter unitário do espaço ganha novas complexidades no mundo contemporâneo, com o processo de globalização e a revolução técnico-científico-informacional. Para Edgar Morin (2013, p. 21):

> [...] a globalização constitui o estado atual da mundialização. Começa em 1989, após a queda das economias ditas socialistas. É fruto da conjunção em círculo retroativo do desenvolvimento desenfreado do capitalismo que, sob a égide do neoliberalismo, se propaga pelos cinco continentes, e do desenvolvimento de uma rede de telecomunicações instantâneas (fax, telefone celular, internet). Essa conjunção efetua a unificação tecnoeconômica do planeta.

Assim, a globalização está profundamente vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, a partir de alguns pressupostos básicos desse mesmo desenvolvimento:

- a presença em todos os continentes como paradigma de sua força geopolítica e econômica;
- a construção da complexidade tecnológica instaurada pela ideia de rede;
- a construção da noção de tempo real, que modifica drasticamente o fluxo de capitais e as tomadas de decisão sobre os próprios ritmos e processos produtivos e econômicos.

Os dois últimos pressupostos incidem diretamente na revolução técnico-científico-informacional, que vivencia uma difusão acelerada nas duas primeiras décadas do século XXI. Cada vez mais, a tecnologia redefine identidades espaciais e até mesmo processos de localização geográfica e de transformação da paisagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Do ponto de vista sociológico e antropológico, no entanto, há também de se considerar as resistências políticas e as tensões sociais decorrentes de todos esses processos, já que, de acordo com os geógrafos espanhóis Joan Font e Joan Rufí (2006, p. 35), "[...] temos que verificar seriamente até que ponto as interconexões entre as forças globais e as particularidades locais alteram as relações entre identidade, significado e lugar".

Essas alterações podem, assim, ser perceptíveis nas diferentes escalas nas quais podemos considerar o espaço geográfico: desde a escala planetária, passando pelos territórios nacionais e pelas regiões, até o lugar onde nos encontramos.

Exemplo disso é o fato de que hoje as pessoas de todo o planeta podem estar interligadas pelos mesmos instrumentos tecnológicos que conectam territórios separados por fronteiras culturais, políticas e econômicas. Para além dos impactos diretamente apreensíveis em nosso cotidiano, tais mudanças trazem novos conflitos, desigualdades e problemas de toda ordem, que precisam ser compreendidos como partes de uma mesma totalidade – o espaço geográfico.

Gordwin ODHIAMBO/AFP

Em casa, menina faz aula virtual de dança durante a pandemia da covid-19. Nairóbi, Quênia, 2020.

São importantes na formação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas os conhecimentos relativos à conformação histórica do espaço – os processos de formação e transformação das diversas culturas, dos territórios nacionais e dos alinhamentos geopolíticos, bem como das diferentes visões de tempo que se relacionam com os processos de ocupação do espaço –, que possibilitam ir além da mera constatação de que estamos num mundo multicultural e politicamente delimitado por fronteiras que nem sempre coincidem com os diferentes processos geopolíticos e com as tensões socioculturais decorrentes da globalização.

O estudante deve ser capaz de buscar explicações para esses fenômenos na análise das estruturas e dinâmicas da sociedade global, de maneira a não se tornar apenas um reprodutor de leituras reducionistas e preconceituosas a respeito da diversidade humana e dos conflitos resultantes dela.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Espaço está associado aos arranjos dos objetos de diversas naturezas e, também, às movimentações de diferentes grupos, povos e sociedades, nas quais ocorrem eventos, disputas, conflitos, ocupações (ordenadas ou desordenadas) ou dominações. No espaço (em um lugar) se dá a produção, a distribuição e o consumo de mercadorias. Nele são realizados fluxos de diversas naturezas (pessoas e objetos) e são desenvolvidas relações de trabalho, com ritmos e velocidades variados. (BRASIL, 2018a, p. 563).

Evitar leituras reducionistas implica, portanto, perceber que, por um lado, o espaço fornece as bases materiais para a formação dos indivíduos e dos agrupamentos sociais, e, por outro, que as dinâmicas sociais interferem na organização espacial e na vivência dos próprios processos históricos.

No entanto, as transformações espaciais, quando fruto da ação antrópica, não ocorrem dissociadas das mudanças nas relações entre os seres humanos, fruto da inserção destes em sociedades cada vez mais marcadas por tensões, resistências e acomodações dos indivíduos no que se refere à convivência com as relações de poder vigentes.

Sociedade

A globalização redefine também o que entendemos por sociedade. Esse conceito tem sido importante na nossa própria autodefinição como seres humanos. Desde as tradições filosóficas da Antiguidade Clássica, a vida em sociedade é concebida por meio da relação que temos com nossas necessidades, como espécie, de convivermos coletivamente, já que a existência individual não é capaz de suprir nossas demandas materiais ou imateriais. Na modernidade, o conceito foi desenvolvido com sentidos diversos nas teorias políticas de pensadores como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, que estabelecem uma distinção entre o Estado e a sociedade civil, na tentativa de compreender as relações entre as necessidades da vida coletiva e a organização política complexa dos Estados modernos.

Nos dias de hoje, a caracterização da sociedade a partir das interdependências da vida coletiva continua sendo importante no campo da Sociologia, para o qual o conceito de sociedade tem uma importância central.

> Atores individuais tornam-se objeto das observações de estudos sociológicos à medida que são considerados participantes de uma rede de interdependência. Por isso, e porque, não importando o que façamos, somos dependentes dos outros, poderíamos dizer que a questão central da sociologia é: como os tipos de relações sociais e de sociedades em que vivemos têm a ver com as imagens que formamos uns dos outros, de nós mesmos e de nosso conhecimento, nossas ações e suas consequências? (BAUMAN; MAY, 2010, p. 17).

Ao mesmo tempo, tal necessidade diz respeito às relações, deliberadas e conscientes, que estabelecemos com a natureza. São esses conjuntos de relações, entre as pessoas e das pessoas com a natureza, que nos produzem como indivíduos e, coletivamente, como sociedades historicamente constituídas.

> A sociedade, da qual faz parte o indivíduo, consiste em um grupo humano, ocupante de um território, com uma forma de organização baseada em tradições, práticas, hábitos, costumes, modos de ser e valores, responsáveis por [illegible]de cultural. Na construção de sua vida em sociedade, o indivíduo estabelece relações e interações sociais com outros indivíduos, constrói sua percepção de mundo, atribui significados ao mundo ao seu redor, interfere na natureza e a transforma, produz conhecimento e saberes, com base em alguns procedimentos cognitivos próprios, fruto de suas tradições tanto físico-materiais como simbólico-culturais. (BRASIL, 2018a, p. 565).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A interação entre os indivíduos implica um conjunto de processos culturais, políticos e econômicos que necessitam ser contextualizados. Esses processos, por sua vez, encontram-se inseridos em contextos temporais e espaciais bem definidos. Nesse sentido, o recorte interdisciplinar adotado nesta coleção busca entender as especificidades histórico-culturais e espaciais que definem cada processo de interação, considerando também a dimensão ética envolvida.

Da mesma forma, ao atribuir significados para o mundo, os indivíduos constroem leituras que explicitam seus interesses, suas intencionalidades e os impactos de suas ações nas paisagens. Nas sociedades contemporâneas, nossa socialização é marcada por uma grande fluidez de formas e significados, que tende a produzir indivíduos vulneráveis frente a realidades sociais amplas e complexas.

Diante dessa vulnerabilidade social, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem se constituir uma área do conhecimento que põe em xeque estereótipos e preconceitos, abrindo caminho para uma reflexão acerca das relações de poder e seus impactos no desenvolvimento dos indivíduos e das coletividades. Nesse contexto, cabe a você promover aprendizagens que possibilitem ao estudante conhecer e compreender pontos de vista alheios aos seus. Ao concluir esse conjunto de aprendizagens, o jovem desenvolve a noção de alteridade fundamentada na compreensão do outro, seja nos aspectos socioculturais ou físico-espaciais.

> As diferenças e semelhanças entre os indivíduos e as sociedades foram sedimentadas ao longo do tempo e em múltiplos espaços e circunstâncias. Procurar identificar essas diferenças e semelhanças tanto em seu grupo social (familiar, escolar, bairro, cidade, país, etnia, religião etc.) quanto em outros povos e sociedades constitui uma aprendizagem a ser garantida aos estudantes na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para além dessa identificação, o exercício de deslocamento para outros pontos de vista e o reconhecimento de diferentes demandas políticas é central para a formação das juventudes no Ensino Médio, na medida em que ajuda a superar posturas baseadas na reiteração das referências de seu próprio grupo para avaliar os demais. (BRASIL, 2018a, p. 566).

A capacidade de estabelecer diálogos é crucial na sociedade contemporânea. No entanto, para que tais diálogos ocorram, é necessário compreender que eles são necessariamente mediados pelas formas que os indivíduos têm de elaborar suas próprias visões sobre si mesmos e sobre a forma como entendem e concebem suas diferenças em relação aos outros indivíduos. Esses processos são inerentes ao desenvolvimento de sistemas simbólicos que operam com os repertórios disponíveis para atribuir significado ao mundo. Para desenvolver claramente a compreensão desses processos, o conceito de cultura precisa ser apresentado aos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Cultura

A cultura se relaciona com capacidades especificamente humanas de abstração e simbolização das experiências. Dentre as muitas definições contemporâneas do conceito, o antropólogo Marshall Sahlins define cultura como experiências e ações humanas organizadas por meios simbólicos. Segundo ele, o que distingue os seres humanos não é o fato de que vivemos num mundo material, com o qual interagimos – afinal, isso os animais também fazem; a relação do ser humano com o mundo material se define:

> [...] de acordo com um esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única. Por conseguinte, toma-se por qualidade decisiva da cultura [...] não o fato de essa cultura poder conformar-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. (SAHLINS, 2003, p. 7).

Na modernidade, o conceito de cultura tem uma história problemática em relação a seus possíveis significados. Por ter sido concebida pelos filósofos e cientistas sociais como um

conceito oposto ao de natureza, a valorização da cultura contribuiu para promover uma cisão entre a esfera do que pertence ao "ser humano" e a do que diz respeito ao "natural". Historicamente, esse conceito foi usado tanto para justificar uma relação utilitária e predatória das sociedades com relação à natureza quanto para negar a determinados grupos a condição de seres humanos em sentido pleno, já que seriam povos cuja cultura estaria mais próxima da esfera "natural".

Durante os séculos XVIII e XIX, a "cultura" foi pensada pelas elites das sociedades europeias como "civilização", de modo a afirmar a superioridade cultural do Ocidente diante de sociedades vistas como "bárbaras" ou "primitivas", e como "refinamento", de maneira a inferiorizar as expressões, linguagens e costumes das classes populares por sua "falta de cultura". Decorre daí o costume de julgar esta ou aquela forma de expressão como desprovida de "cultura", ou então de julgar esta ou aquela pessoa como tendo mais ou menos "cultura". Esse uso comum da palavra, geralmente carregado de preconceitos, deve ser contraposto à acepção como entendida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. De acordo com as bases curriculares brasileiras:

> [...] Atualmente, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas compreendem a cultura a partir de contribuições de diferentes campos do saber. O caráter polissêmico da cultura permite compreender o modo como ela se apresenta a partir de códigos de comunicação e comportamento, de símbolos e artefatos, como parte da produção, da circulação e do consumo de sistemas culturais que se manifestam na vida social. Os indivíduos estão inseridos em culturas (urbanas, rurais, eruditas, de massas, populares, regionais, locais etc.) e, dessa forma, são produtores e produto das transformações culturais e sociais de seu tempo.
>
> [...] o conhecimento do Outro, da outra cultura, depende da capacidade de se indagar para indagar o Outro, atitude fundamental a ser desenvolvida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esse é o primeiro passo para a formação de sujeitos protagonistas tanto no processo de construção do conhecimento como da ação ética diante do mundo real e virtual, [...] uma multiplicidade de culturas. (BRASIL, 2018a, p. 566-567).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Devotos de religiões afro-brasileiras durante ritual em homenagem a Iemanjá. Rio Grande (RS), 2020. Segundo o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, foram registrados em 2019 mais de 350 denúncias de intolerância religiosa no país, sendo 61% dos casos relacionados a religiões de matriz africana.

O estudo atento da maneira como indivíduos ou comunidades atribuem significado à sua própria existência e ao mundo à sua volta é revelador de relações de poder e de formas de intervenção na paisagem. Nesse sentido, o estudo das culturas é importante para a compreensão da diversidade do mundo contemporâneo.

Outra característica importante do conceito de cultura é a historicidade: as culturas são constantemente ressignificadas pelos indivíduos e pelos grupos nos constantes processos de interação com outros grupos e com o ambiente. Nesse sentido, rompe-se com a ideia de que as culturas são definidas de forma estanque, desvinculada das relações sociais e do exercício do poder vigente em dada sociedade.

Poder

O conceito de poder é também fundamental para a compreensão da experiência humana. Em seu sentido mais geral, poder é a capacidade de agir e produzir efeitos na realidade. No contexto das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, seu sentido é mais específico, já que diz respeito a ações que têm seres humanos tanto como sujeitos quanto como objetos.

Se o entendermos em sentido especificamente social, ou seja, na sua relação com a vida do homem em sociedade, o poder torna-se mais preciso, e seu espaço conceitual pode ir desde a capacidade geral de agir até a capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: poder do homem sobre o homem. O homem é não só o sujeito mas também o objeto do poder social. A capacidade que um pai tem para dar ordens a seus filhos é poder social, assim como a capacidade de um governo de dar ordens aos cidadãos.

> [...] o meu Poder não reside numa coisa (no dinheiro, no caso), mas no fato de que existe um outro e de que este é levado por mim a comportar-se de acordo com os meus desejos. O poder social não é uma coisa ou a sua posse: é uma relação entre pessoas. (STOPPINO, 1998, p. 933).

Nesse sentido, relações de poder são constitutivas da experiência humana em qualquer de suas dimensões: estão nos processos estudados pela História, na produção do espaço geográfico, nas relações entre indivíduos e sociedade e nas interações entre culturas. Também é importante ressaltar que o poder não é exercido apenas de maneira a forçar o outro a determinada ação mas também por meio do convencimento e da manipulação. O exercício do poder pode se dar, assim, tanto como força de coação física ou moral quanto como discurso legitimador de determinada forma de autoridade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No mundo contemporâneo, o exercício do poder envolve instituições e estruturas sociais complexas, que requerem aprendizagens específicas. Em especial o poder dos **Estados modernos**, ligado a conceitos como os de **território**, **fronteira**, **soberania** e **regime político**.

> A política é entendida enquanto ação e inserção do indivíduo na pólis, na sociedade e no mundo, incluindo o viver coletivo e a cidadania. As discussões em torno do bem comum e do público, dos regimes políticos e das formas de organização em sociedade, as lógicas de poder estabelecidas em diferentes grupos, a micropolítica, as teorias em torno do Estado e suas estratégias de legitimação e a tecnologia interferindo nas formas de organização da sociedade são alguns dos temas que estimulam a produção de saberes nessa área. (BRASIL, 2018a, p. 567).

O poder envolve, portanto, formas de legitimação da autoridade, bem como de resistência a ela. Seu exercício influencia as maneiras como se organizam os espaços e se definem as relações sociais e econômicas. Assim, o poder, vivenciado em distintas experiências temporais e impactando a organização das paisagens, deve ser pensado numa perspectiva complexa e não fragmentada.

O paradigma da complexidade cognitiva

Os conceitos fundamentais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas não têm definições simples ou definitivas. Para que o trabalho com esses conceitos sirva efetivamente à aprendizagem esperada dos estudantes do Ensino Médio, é preciso considerar sempre o caráter complexo da construção do conhecimento.

A palavra "complexo" tem origem no latim *complexus*, que significa "aquilo que é tecido em rede". Fundamentado nesse conceito, o **paradigma da complexidade** pode ser entendido como uma forma de construir conhecimento em rede (e não de maneira isolada, pelo aprendizado sequencial de conteúdos simples).

O ponto de partida é a percepção de que, seja no itinerário formativo de cada indivíduo, seja na produção social de conhecimentos pela humanidade, nenhum conhecimento tem origem em si mesmo. Por exemplo, para que possamos compreender conceitualmente o fenômeno da globalização, precisamos nos apropriar do conhecimento a respeito do que é o tempo histórico, o espaço geográfico, a sociedade, a cultura, o poder, a economia, as fronteiras, os Estados, as regiões, e assim por diante; ao mesmo tempo, a compreensão conceitual da globalização nos permite ressignificar cada um desses conceitos, estabelecendo redes de significados entre eles.

A complexidade é uma realidade presente na construção de cada uma das disciplinas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para construir hipóteses, interpretações e conceitos, as diversas disciplinas partem do que já existia anteriormente, dentro e fora de seus domínios específicos. Cada contribuição nova enriquece conhecimentos já estabelecidos, que se conectam em rede.

Assim, não se trata de conectar os conhecimentos para produzir uma síntese simplificadora que dê conta do real, e sim buscar um conhecimento em permanente colaboração. A complexidade tem uma dimensão ética: trata-se de uma postura diante dos fenômenos da realidade que recusa a simplificação e o reducionismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

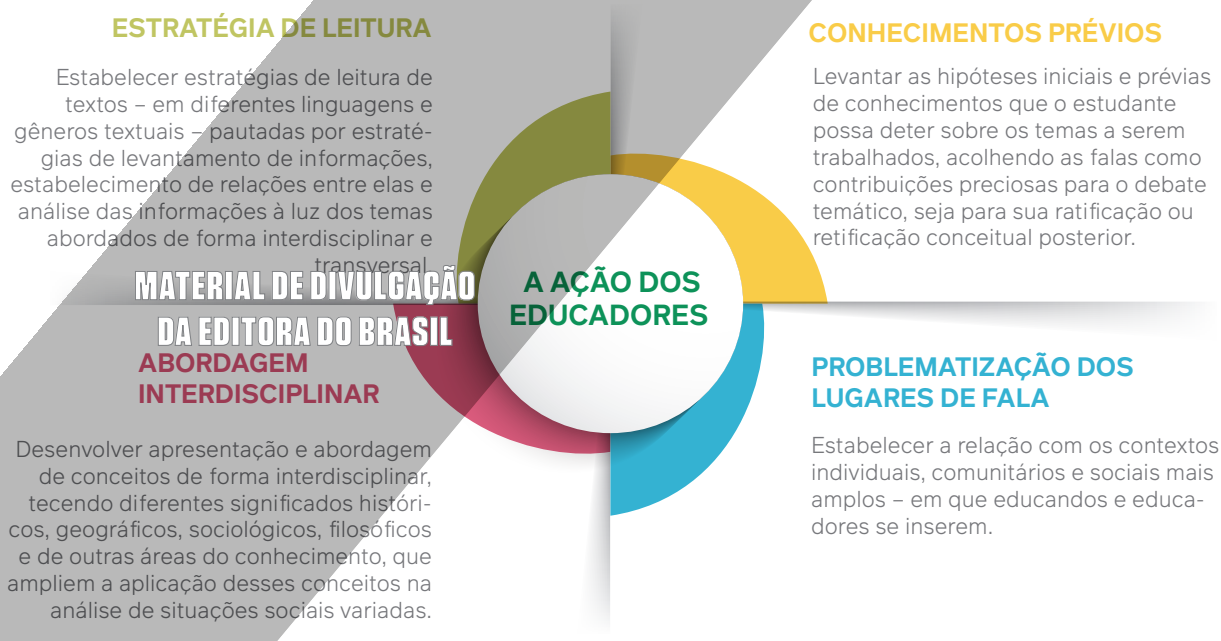
Edgar Morin adverte para o fato de que a fragmentação cognitiva e o consequente retalhamento disciplinar não dão mais conta de compreender a complexidade da vida atual.

> [...] nosso modo de conhecimento fragmentado produz ignorâncias globais. A isso combinam-se as limitações 1) do reducionismo (que reduz o conhecimento das unidades complexas ao dos elementos supostamente simples que as constituem); 2) do binarismo, que decompõe tudo em verdadeiro/falso, ou seja, o que existe é parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso ou simultaneamente verdadeiro e falso; 3) da causalidade linear, que ignora os circuitos retroativos; 4) do maniqueísmo, que não enxerga senão oposição entre bem e mal. A reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento. A reforma do pensamento exige um pensamento que possa religar as partes ao todo, o todo às partes e que possa conceber a relação do global com o local, do local com o global. (MORIN, 2013, p. 184).

Para Morin, a fragmentação está diretamente ligada a uma situação na qual, em vez de tentar compreender a complexidade de um problema ou de uma situação, obtém-se o efeito contrário, reduzindo o alcance ou simplificando questões que merecem ser pensadas a partir de perspectivas mais amplas, com contribuições de diversas áreas do conhecimento.

Por fim, o paradigma da complexidade cognitiva não diz respeito apenas à forma como a ciência e as universidades constroem seus conceitos. Ele se aplica também às práticas que adotamos visando à formação integral do jovem, hoje concebida como o desenvolvimento de capacidades que requerem diálogo entre diferentes realidades e autonomia na produção do conhecimento. Tecer conhecimento em rede é, assim, uma forma de preparar para um mundo global.

> Portanto, o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade. (MORIN, 2003, p. 14).



Aleksandr Bryliaev_Shutterstock.com

Assim, favorecer a percepção complexa dos fenômenos exige um compromisso com a superação da fragmentação disciplinar, que impede a compreensão das diferentes relações conceituais possíveis entre os fenômenos estudados. Nesse sentido, a coleção que você, professor, tem em mãos procura enfatizar as tessituras construídas entre diferentes conceitos na abordagem de um tema, enfatizando tanto aspectos interdisciplinares como transdisciplinares.

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade

Interdisciplinaridade não significa um processo simplista de abolição das fronteiras entre as disciplinas. Na construção do conhecimento sobre os seres humanos, a Filosofia, a História, a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, entre outros campos disciplinares, continuam possuindo seus próprios métodos, suas teorias, seus conceitos e suas abordagens.

Uma abordagem interdisciplinar tem por objetivo promover um diálogo entre campos específicos, para que a teia complexa de relações que explicam os fenômenos que nos cercam não fique encerrada no campo de uma única disciplina. Na perspectiva adotada nestes volumes, reconhecemos que as explicações fundadas num único campo do saber não respondem à demanda pela construção por parte dos estudantes de uma compreensão complexa da realidade.

Assim, uma primeira definição possível de interdisciplinaridade é que ela é antes de mais nada uma postura de "humildade cognitiva", ou seja, um reconhecimento de que os processos de construção do conhecimento escapam às malhas das teias explicativas disciplinares para compor novos diálogos e novas possibilidades, com conceitos, critérios metodológicos e hipóteses advindas de outros campos científicos.

Nesse sentido, podemos afirmar que a história recente da ciência e dos conhecimentos a respeito da experiência humana é feita de intensos debates interdisciplinares. Esse diálogo não significa dissolução das disciplinas, mas uma interlocução visando compreender melhor realidades que não reconhecem fronteiras conceituais.

A influência recíproca entre os campos disciplinares é, portanto, um processo que precisa ser consolidado na construção do conhecimento científico. Esta coleção leva em consideração a complexa teia interdisciplinar na qual estão os conceitos, numa reapropriação constante por várias áreas e temáticas.

Nas práticas de aprendizagem, o diálogo entre os campos do saber possibilita a construção de narrativas [illegible] a partir do objeto que está sendo trabalhado, e não a partir de um conceito [illegible] de uma única abordagem. Se a ideia é aprender sobre o que é um Estado nacional, por exemplo, podemos nos apropriar do que a Geografia, a História, a Sociologia, a Ciência Política etc. têm a nos oferecer, de forma a construir uma definição complexa, que extrapola os limites disciplinares tradicionalmente previstos. Isso ocorre por conta da necessidade de compreender o Estado como um fenômeno complexo, construído a partir de configurações territoriais, projetos de poder, formas próprias de estratificação de sociedades, e estudado por autores imbuídos de determinadas visões de mundo e concepções filosóficas. Uma abordagem puramente disciplinar seria, nesse exemplo, buscar uma definição aceita por autores de um desses campos e a tomarmos como a mais "correta". Isso representaria uma abordagem simplificadora da realidade, que encerraria a construção do conhecimento em limites imóveis, enquanto a interdisciplinaridade é dinâmica na formação de cada estudante e pode se relacionar diretamente com suas próprias histórias de vida.

> [...] à intencionalidade que marca a propriedade de estudos dessa natureza encontra-se justamente na possibilidade que encerram de conjugar diversos olhares, de construir uma compreensão multifacetada de aspectos, de

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes, possibilitando uma leitura interdisciplinar das ações educativas. (FAZENDA, 2005, p. 113).

A construção de narrativas interdisciplinares parte do pressuposto de que os objetos de estudo vão muito além das barreiras e limites das diferentes disciplinas. Nesse sentido, a proposta interdisciplinar deve considerar a intenção de desenvolver habilidades que possibilitem compreender a complexidade do processo a ser estudado.

Nesta proposta, a formação do estudante é interdisciplinar, já que coloca em diálogo a organização do conhecimento sem dissolver as fronteiras disciplinares. O método de trabalho também adota um entendimento transdisciplinar da realidade, já que na prática cotidiana da construção do conhecimento é preciso extrapolar os limites entre as disciplinas.

Afinal, é para um mundo complexo que estamos formando os estudantes, que precisarão construir conhecimento em sua vida pessoal, social e profissional, sem que respostas prontas lhes sejam oferecidas. Assim, o tratamento metodológico dos conteúdos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve evidenciar:

> [...] a contextualização, a diversificação e a transdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e possibilitando o aproveitamento de estudos e o reconhecimento de saberes adquiridos nas experiências pessoais, sociais e do trabalho. (BRASIL, 2018b, p. 4).

Nos seis volumes desta coleção, você encontrará um tratamento interdisciplinar e integrado das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A abordagem envolve também diálogos com as Ciências da Natureza, pois dimensões culturais e naturais da experiência humana mantêm uma teia complexa de inter-relações, a começar pelo fato de que disciplinas como Biologia ou Química possuem também uma história e são parte das estruturas sociais e de poder das sociedades contemporâneas. A contextualização e a problematização [illegible] é um dos objetivos de uma abordagem interdisciplinar, que diz respeito a todas as áreas do saber.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A questão das fontes e da pesquisa

As abordagens interdisciplinares aproximam as práticas formativas dos estudantes daquelas que têm sido usadas para construir o conhecimento científico. Pode-se dizer o mesmo dos procedimentos de pesquisa, como a problematização, a seleção, a organização e a análise crítica das fontes e a escolha de metodologias de trabalho e de exposição.

Também nesse caso, trata-se de uma demanda de nosso tempo, marcado por novas relações dos indivíduos com as fontes de informação. Hoje, muitas dessas fontes são predominantemente digitais, realidade que facilita o acesso e, ao mesmo tempo, acrescenta outras dificuldades às atividades de pesquisa e de formação. As enciclopédias, por exemplo, que fizeram parte da formação de muitas gerações, são muito menos consultadas pelos jovens do que os mecanismos de busca em ambientes digitais.

Na internet há incontáveis fontes de pesquisa, muitas delas aplicáveis aos objetivos de formação dos estudantes; entretanto, há muitas outras que servem à difusão de desinformação, de reducionismos e de preconceitos. As chamadas *fake news* – informações que distorcem os fatos ou não se fundamentam na realidade empírica, mas cujo discurso é assertivamente construído – são o exemplo clássico do reducionismo e da desinformação diante da complexidade do conhecimento.

Ao mesmo tempo, o caráter extremamente dinâmico da sociedade contemporânea exige uma formação que capacite os indivíduos a formular problemas e a responder a eles, buscando respostas em fontes apropriadas e usando métodos que incluem o diálogo e a construção coletiva de soluções. Assim, para que os estudantes estejam preparados para atuar nessa sociedade, é preciso que sejam capazes de problematizar a própria realidade, desenvolvendo alguns dos procedimentos que constituem a produção do conhecimento científico no mundo contemporâneo. A investigação científica deve ser um dos eixos estruturantes dos itinerários formativos deles. Nos termos das diretrizes curriculares brasileiras, a investigação científica na Educação Básica supõe:

> [...] o aprofundamento de conceitos fundantes das ciências para a interpretação de ideias, fenômenos e processos para serem utilizados em procedimentos de investigação voltados ao enfrentamento de situações cotidianas e demandas locais e coletivas, e a proposição de intervenções que considerem o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida da comunidade. (BRASIL, 2018b, p. 7).

No que diz respeito às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o trabalho com fontes inclui tanto a leitura problematizadora e contextualizada de textos quanto os procedimentos de análise de imagens, de abordagem das fontes materiais e imateriais e de estudos de campo. Envolve ainda aprendizados relativos à construção de argumentos e de métodos de exposição. O diálogo com as diversas fontes e métodos deverá, desse modo, capacitar os estudantes para construir seus conhecimentos e elaborar seus argumentos de maneira crítica e consciente, considerando as particularidades de cada fonte, bem como a relação dela com os temas explorados em cada unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> [...] a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas [...] define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos.
>
> De posse desses instrumentos, espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL, 2018a, p. 561).

A atitude de pesquisa é, dessa maneira, condição *sine qua non* da aprendizagem. E, ao pesquisar, o estudante sente-se impelido a desenvolver novo comportamento cognitivo, marcado pela busca e pelo levantamento de informações em fontes confiáveis, pelo estabelecimento de relações entre elas, pela contextualização das informações em diferentes teias e redes de conhecimento e pela elaboração de hipóteses conclusivas.

A coleção pauta-se, assim, pelo estudo criterioso das fontes de informação, fundamentado por uma metodologia que comporta o processo de extração de informações, o estabelecimento de vínculos entre elas e sua contextualização.

O estudante e a educação no século XXI

A aprendizagem e a formação integral do estudante

A realidade global do século XXI vem impondo novos desafios aos profissionais da educação. Nesse contexto, o foco na aprendizagem tem se consolidado como base de teorias e diretrizes educacionais em todo o mundo. Trata-se de conceber a educação tendo como pressuposto que o estudante é o sujeito da construção do conhecimento, e esse processo inclui, fundamentalmente, a prática da leitura, entendida aqui num sentido muito mais amplo do que como mera decodificação de um texto.

Com isso, amplia-se o escopo do que os estudantes devem saber – em relação a conhecimentos, habilidades, atitudes e valores – e, principalmente, do que eles devem saber fazer. Afinal, é preciso que o sujeito do século XXI saiba aplicar o aprendizado na resolução dos desafios cada vez mais complexos da vida cotidiana, da prática da cidadania e da atuação em um mundo do trabalho em rápida transformação. São demandas contemporâneas que incidem fundamentalmente nas relações com o outro.

Essa dimensão de percepção, reconhecimento e relação com o outro – a alteridade – deve ser pensada, pelo menos, sob dois aspectos metodológicos. O primeiro se relaciona com a próprima [illegible] al e atitudinal das temáticas propostas, que problematiza a relação co[illegible] de diferentes enfoques. O segundo diz respeito ao desenvolvimento de habilidades que propõem a compreensão da diversidade humana e da pluralidade de culturas, opiniões e significados atribuídos ao mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Portanto, as transformações vivenciadas no mundo contemporâneo impõem aos professores a necessidade de trabalhar dimensões da vida dos jovens que não faziam parte das teorias e práticas da educação escolar tradicional. O conceito norteador dessa ampliação dos objetivos da formação escolar, consolidada na legislação e nas diretrizes educacionais brasileiras, é a formação integral.

Em consonância com as novas demandas e diretrizes da educação no Brasil e no mundo, os conteúdos curriculares apresentados nesta coleção estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades que visam à formação integral dos jovens no que diz respeito não somente à sua capacidade intelectual mas também às dimensões física, social, emocional e cultural deles. Os temas abordados, as metodologias utilizadas e os enfoques propostos priorizam justamente o encontro dos estudantes com diferentes formas de perceber as dinâmicas humanas e os encontros com as diferenças.

Buscar uma formação integral requer do professor um olhar focado na aprendizagem, entendida como desenvolvimento de todas essas dimensões. Para isso, é preciso superar modelos que enfocam o mero processo de aquisição de conceitos, descontextualizados ou não problematizados – por exemplo, a ideia de que existe uma trajetória única e linear que os estudantes devem seguir para atingir determinado saber ou, ainda, as concepções que reduzem o processo de aprendizado a somente uma de suas dimensões. Assim, é preciso romper com a fragmentação das disciplinas para que os conteúdos ganhem sentido por meio do diálogo com as experiências e trajetórias específicas dos estudantes, entendidos como sujeitos do conhecimento escolar.

Aspecto importante dessa formação é a compreensão de que seres humanos são, como afirma Lev Vygotsky, "seres animais que simbolizam", e que, nesse processo, o desenvolvimento de capacidades complexas é instrumento que serve à formação de um ser humano em sua integridade, cujo objetivo é sua autonomia. Trata-se de dotar o estudante de instrumentos de simbolização que permitam ampliar seu universo relacional para a resolução de problemas específicos de cada trajetória de vida.

> A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (VYGOTSKY, 1991, p. 59-60).

Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a formação integral requer a compreensão de que os processos de simbolização do mundo estão marcados por intencionalidades e relações de poder. A formação crítica e contextualizada no que se refere a fontes e métodos é fundamental para que as competências e habilidades requeridas nessa área sejam cumpridas em cada percurso formativo, a fim de se desvendarem analítica e criticamente tais relações e intencionalidades.

As narrativas curriculares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O currículo da Educação Básica se transformou radicalmente ao longo do tempo. Os conteúdos que compõem cada disciplina se alteraram e as próprias concepções e expectativas de formação são hoje muito diversas daquelas de gerações anteriores. Não são apenas os desenvolvimentos científicos que causam essas mudanças, já que a epistemologia que sustenta a construção dos currículos está em permanente interação com a sociedade. Portanto, a definição deles sempre envolve relações de poder.

> O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. [...] Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder. As teorias do currículo não estão, nesse sentido, situadas num campo "puramente epistemológico", de competição entre "puras" teorias. As teorias do currículo estão

> ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado. (SILVA, 2010, p. 15-16).

Por exemplo, os livros didáticos de História do Brasil de um século atrás praticamente nada nos diziam sobre as histórias e as culturas de matrizes indígenas e africanas, assim como os manuais de Filosofia da mesma época nada nos contavam sobre as experiências e visões de mundo de mulheres que produziram esse tipo de conhecimento. Essas e outras mudanças foram, em grande medida, respostas das organizações curriculares às demandas de sociedades nas quais o direito à igualdade e o direito à diferença foram postos como objetivos a serem alcançados.

Assim, a definição do currículo em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas implica uma operação cognitiva centrada na formação da subjetividade dos estudantes. Por isso, o desenvolvimento de comportamentos cognitivos deve apontar em um sentido claro: a formação da democracia por meio do desenvolvimento de cidadãos capazes de operar subjetivamente com o diálogo interdisciplinar e a percepção da diversidade social, respeitando às diferentes manifestações dos outros.

Mas não foi apenas o conteúdo dos currículos que mudou. Também foram profundas as transformações nos sentidos e nas relações que o currículo estabelece com os processos de aprendizagem. Não se trata mais de oferecer listas intermináveis de conceitos ou informações que deveriam ser memorizadas e assumidas integralmente como verdade pelos estudantes.

A nova organização do Ensino Médio no Brasil estabelece que os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades que devem ser disponibilizadas a todos os estudantes. Nesse modelo, as competências e habilidades são comuns a todos, enquanto os currículos são variados, já que dialogam com as exigências da diversidade tanto regional e local como cultural e econômica dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Além de competências gerais, a BNCC define aquelas de cada componente curricular. Contudo, elas devem ser abordadas de uma perspectiva interdisciplinar e focada na aprendizagem.

> Essa nova estrutura do Ensino Médio, além de ratificar a organização por áreas do conhecimento – sem desconsiderar, mas também sem fazer referência direta a todos os componentes que compunham o currículo dessa etapa –, prevê a oferta de variados itinerários formativos, seja para o aprofundamento acadêmico em uma ou mais áreas do conhecimento, seja para a formação técnica e profissional. Essa estrutura adota a **flexibilidade** como princípio de **organização curricular**, o que permite a construção de currículos e propostas pedagógicas que atendam mais adequadamente às especificidades locais e à multiplicidade de interesses dos estudantes, estimulando o exercício do **protagonismo juvenil** e fortalecendo o desenvolvimento de seus projetos de vida. (BRASIL, 2018a, p. 468).

Assim, o currículo não é entendido como um conjunto de conteúdos a serem transmitidos em um percurso linear e unilateral dos professores aos estudantes. Esse modo de pensar está ligado a formas tradicionais de ensino, que não abarcam a diversidade das trajetórias dos estudantes na construção do conhecimento. A concepção curricular proposta aqui parte de determinadas abordagens espaçotemporais e socioculturais e privilegia a compreensão da complexidade dos fenômenos humanos.

Os volumes desta coleção são organizados de modo a possibilitar que a construção do currículo não se encerre no conteúdo da obra. Ela prossegue nas práticas dos professores e dos estudantes, sujeitos desse processo, pois tomam decisões na definição de suas narrativas curriculares.

Sergio Pedreira/Pulsar Imagens

Estudantes e professora interagem em aula de escola pública. Salvador (BA), 2018.

> [...] BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. (BRASIL, 2018a, p. 16).

A contextualização dos conteúdos em tramas de reflexão temática, bem como a decisão por abordagens interdisciplinares que priorizem um alcance maior dos conceitos em seu diálogo com os processos estudados, constituem-se em um eixo paradigmático adotado em toda a coleção e que se funda na necessidade de engajar os estudantes na aprendizagem da complexidade da vida humana.

O diálogo com a contemporaneidade

As rápidas transformações que caracterizam a sociedade contemporânea não devem nos fazer perder a capacidade de imaginar outros tempos, outras formas de produção e organização do conhecimento, bem como outras possibilidades de vivência social e individual. Essa é a condição fundamental para que possamos dialogar com temporalidades distintas. Em especial, para os jovens que já cresceram integrados à cultura digital, outros tempos podem ser difíceis de conceber sem uma atitude deliberada de busca pelo conhecimento – busca essa que deve ser estimulada nos processos de aprendizagem.

O diálogo de temporalidades está entre as capacidades exigidas dos jovens pela sociedade contemporânea. Para que um diálogo se estabeleça, é preciso que o outro seja reconhecível, problema que se coloca tanto para as temporalidades quanto para os limites dos espaços, das culturas e das sociedades. A busca pelo diálogo é uma busca para compreender o outro que se encontra para além de alguma(s) dessas fronteiras.

A periodização, instrumento de delimitação das rupturas e continuidades no tempo, é um dos instrumentos que servem a esse propósito.

> A importância essencial da periodização deve-se ao fato de que ela aborda, na própria cronologia, o problema central da temporalidade moderna. Desde que o tempo é portador de novidades e surpresas, a questão consiste em articular a variável com o que subsiste. O problema continuidade e/ou ruptura é tão debatido simplesmente por ser consubstancial à nossa concepção do tempo; a periodização permite pensar, a um só tempo, a continuidade e a ruptura. Ela começa por afetar um desses aspectos e, em momentos diferentes, o outro: continuidade no interior dos períodos e ruptura entre eles. (PROST, 2012, p. 107).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao sermos capazes de imaginar contextualmente um outro tempo, reconhecemos melhor o nosso próprio. E para concebê-lo é importante nos apropriarmos de categorias conceituais interdisciplinares que permitam o entendimento de como os seres humanos, em épocas distintas, produziam paisagens, organizavam-se socialmente e criavam visões de mundo e de poder específicas. No entanto, o diálogo entre temporalidades tem um sentido de aprendizagem do "espaço de experiência" que informa os "horizontes de expectativas" dos estudantes.

Aprender as temporalidades que nos constituem nos capacita a elaborar esperanças, medos, desejos, vontades, inquietudes, cálculos racionais e tudo que compõe o que esperamos para o futuro.

Assim, cruzar temporalidades tem um sentido não apenas historiográfico, de compreensão das sociedades no tempo, mas também envolve aprendizados relativos à formação do sujeito num mundo em que as expectativas são alimentadas em sentidos muito diversos. Desse modo, uma formação que leve em conta o projeto de vida dos estudantes deve capacitá-los a elaborar as próprias experiências e expectativas com maior autonomia.

Proposição didático-pedagógica

Investigação provocativa: problematização como ponto de partida

O ponto de partida do diálogo com outras temporalidades é o presente, momento no qual nos indagamos sobre o futuro e o passado. Problematizar é desnaturalizar o olhar. Trata-se de um ato de conhecimento que envolve as estruturas cognitivas e emocionais do indivíduo e que serve de fundamento ao espírito científico, que permite ir além da opinião.

> O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996, p. 18).

A problematização é condição para a aprendizagem nas diversas áreas do saber que compõem o currículo escolar e uma das etapas necessárias da pesquisa. No que diz respeito às competências e habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a problematização é o procedimento que permite a desnaturalização, ou seja, a percepção de que as dimensões culturais e sociais do ser humano estão atuando na realidade. Ao problematizar, ativamos nossas hipóteses cognitivas, desconfiamos de juízos preestabelecidos, ativamos nossa curiosidade em busca do que não é perceptível a olho nu.

Trata-se de um ato de grande importância, já que permite, entre outros processos cognitivos, reconhecer desigualdades e preconceitos que, por serem profundamente enraizados, podemos não perceber. Além disso, permite identificar formas de intolerância e discriminação que se sustentam sobre esses preconceitos, muitas vezes "invisíveis" para quem não os [illegible] dimensão da problematização se relaciona à reflexão ética e à construção de noções de justiça. Quem questiona e investiga está optando por não se contentar com a própria opinião preconcebida e, portanto, com seus preconceitos, superando-os em busca de olhares emancipatórios e eticamente responsáveis.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em cada unidade destes volumes, a problematização do tempo presente é o ponto de partida, mesmo quando o conteúdo se situa em outros tempos. Ao final de cada unidade, o presente também será questionado. A proposta é a de formar um olhar capaz de problematizar. Assim, os estudantes produzirão um ato de conhecimento sobre o "humano" que dialoga com outros tempos e espaços, com o objetivo de desnaturalizar o presente.

Para isso, é preciso "provocar a consciência", nos termos da BNCC:

> [...] para garantir as aprendizagens essenciais definidas para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, é imprescindível que os jovens aprendam a provocar suas consciências para a descoberta da transitoriedade do conhecimento, para a crítica e para a busca constante da ética em toda ação social. (BRASIL, 2018a, p. 569).

O pensamento computacional

Ao longo das últimas décadas, incorporaram-se ao cotidiano das pessoas os instrumentos tecnológicos que possibilitam o uso do processamento de informações na resolução de problemas. Esses processos alteraram profundamente a forma pela qual vivemos os desafios cotidianos, bem como a maneira de olhar a própria dinâmica do dia a dia: algoritmos, sistemas, bases de dados, inteligência artificial, entre outros. Não são problemas que dizem respeito apenas aos matemáticos e programadores, já que interferem em nossas relações interpessoais, no trabalho, no consumo e no modo de construirmos conhecimento.

> A preocupação com os impactos dessas transformações na sociedade está expressa na BNCC e se explicita já nas competências gerais para a Educação Básica. Diferentes dimensões que caracterizam a computação e as tecnologias digitais são tematizadas, tanto no que diz respeito a conhecimentos e habilidades quanto a atitudes e valores. (BRASIL, 2018a, p. 474).

Diretamente vinculado ao mundo e à cultura digital, mas não necessariamente restrito a eles, o pensamento computacional é uma das dimensões importantes para a implementação de competências e habilidades previstas no currículo escolar. Ainda segundo a BNCC (BRASIL, 2018a, p. 475), o pensamento computacional envolve "[...] capacidades de compreender, analisar, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções, de forma metódica e sistemática, por meio do desenvolvimento de algoritmos".

A busca para a solução de problemas recorrendo à interação entre seres humanos e máquinas possibilita, assim, desenvolver as potencialidades do espírito de investigação e da criatividade. Mais do que um instrumento para a pesquisa, trata-se do:

> [...] processo de reconhecer aspectos da computação no mundo que nos rodeia e aplicar ferramentas e técnicas para entender e raciocinar sobre sistemas e processos naturais, sociais e artificiais. Na escola, o pensamento computacional permite que os alunos resolvam problemas, os dividam e criem algoritmos para solucioná-los. (ANDRÉ, 2018, p. 96).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O pensamento computacional é importante também no que diz respeito à formação dos estudantes para o dinamismo e a imprevisibilidade das condições de integração no mercado de trabalho, bem como na análise e intervenção nas diversas situações e circunstâncias cada vez mais imprevisíveis da vida cotidiana. Pouco sabemos hoje como serão as profissões daqui a algumas décadas, tamanho o impacto das novas tecnologias.

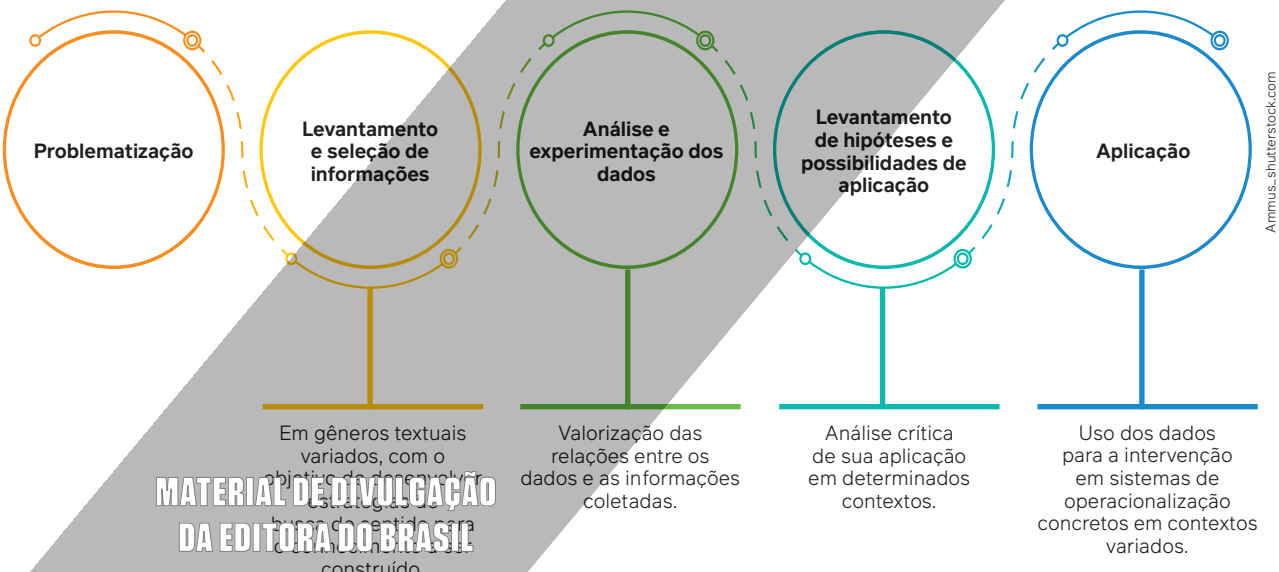
> É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais. (BRASIL, 2018a, p. 473).

Para cumprir esses objetivos de aprendizagem, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem desenvolver capacidades no sentido de formar pessoas para agirem sob a influência da computação. Não se trata de esperar dos professores da área que ensinem aos estudantes como desenvolver sistemas. O objetivo é formá-los para um mundo no qual é preciso

dialogar criticamente com os muitos sistemas computacionais com os quais interagimos constantemente, bem como com as dinâmicas de leitura, produção e circulação de informações decorrentes dessa interação.

> Segundo Dorling, Selby e Woollard (2015), o pensamento computacional deve servir à formação de pessoas para que possam participar e usufruir das oportunidades, das responsabilidades e dos desafios inerentes a uma sociedade na qual a influência da computação se faz cada vez mais presente. É preciso, portanto, que os cidadãos sejam capazes de criar artefatos a partir de análises bem fundamentadas, participar das decisões que afetem suas vidas, organizando um conjunto de valores mediado na consciência da importância de seu próprio aperfeiçoamento e no aprimoramento das relações sociais. (ANDRÉ, 2018, p. 97).

Assim, o pensamento computacional é desenvolvido do ponto de vista metodológico mediante estratégias envolvendo uma série de processos cognitivos que promovam as seguintes ações:



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

É preciso também considerar a existência de estudantes com perfis muito diversos quanto à relação com as novas tecnologias e o pensamento computacional. Para muitos jovens, o entendimento da linguagem dos algoritmos e dos sistemas é como o aprendizado de uma língua materna. Para outros, esse universo é praticamente inacessível para além de suas manifestações mais aparentes, sendo tão incompreensível quanto um idioma estrangeiro. Por exemplo, entre aqueles extremamente familiarizados com esse universo, é preciso problematizá-lo para, assim, provocar o estudante a pensar para além de uma linguagem que, em seu cotidiano, aparece como natural. Já no que diz respeito aos que veem os sistemas computacionais como um universo estranho, é preciso provocar questionamentos que possibilitem desfazer os mistérios que cercam essas tecnologias. Entre esses extremos, há muitas situações possíveis, e os professores precisam estar prontos para lidar com a diversidade, pois todos os perfis demandam o desenvolvimento de capacidades peculiares.

Leitura, produção de texto e o paradigma da intertextualidade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Assim como os algoritmos não dizem respeito apenas às preocupações curriculares da Matemática, leitura e produção de texto não devem ser a preocupação somente de professores da área de Linguagens. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é rica em possibilidades para o desenvolvimento de capacidades relacionadas à leitura e à produção de textos, em diferentes linguagens e gêneros.

É papel da educação escolar, em todas as suas áreas, criar condições para que os estudantes desenvolvam interações com os textos, entendidos como unidades de significado cognitivo, na condição de leitores e de autores. Para formar leitores e autores autônomos, é preciso que os professores se coloquem como mediadores, sem fixar significados prontos, mas promovendo a construção do conhecimento.

Para que os estudantes desenvolvam um processo de leitura, é preciso atentar para os perigos de considerar a leitura do educador como único processo possível e plausível. Nesse sentido, a professora Eni Orlandi (1987, p. 212) faz uma ponderação:

> A relação de interação (leitor/texto/autor) estabelecida na escola, tem como mediador o professor. Uma vez que, segundo a ideologia escolar, o professor é que tem a leitura que se deve fazer (a boa leitura, a legítima), essa relação, além de ser, na maioria das vezes, heterogênea, é, necessariamente, assimétrica: o saber do professor e seus objetivos é dominante em relação ao saber e os objetivos do aluno.

É preciso planejar atividades de leitura que permitam ao estudante não apenas obter informações sobre os temas tratados mas estabelecer vínculos entre essas informações e o contexto de discussão e debate em que os textos se inserem. Nesse sentido, a leitura do texto possibilita que os estudantes se tornem sujeitos do próprio conhecimento. A autonomia deles não significa, no entanto, que a função do professor seja secundária, pelo contrário.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> [...] a categoria de mediador não é transparente. Ao contrário, o mediador tem uma função decisiva na constituição das relações de poder. Ser mediador, no domínio do discurso, é fixar sentidos, é organizar as relações e disciplinar os conflitos. Além disso, essa reflexão também nos indica que o ato de nomear tem implicações ideológicas decisivas. (ORLANDI, 1987, p. 275).

Portanto, possibilitar a construção de leitores e autores que se relacionem com textos de maneira autônoma é objetivo a ser buscado na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A formação do estudante como leitor e produtor de textos envolve também a compreensão das linguagens, antigas e novas, que vão além da linguagem escrita.

> As práticas de leitura e produção de textos que são construídos a partir de diferentes linguagens ou semioses são consideradas práticas de multiletramentos, na medida em que exigem letramentos em diversas linguagens, como as visuais, as sonoras, as verbais e as corporais. Já os novos letramentos remetem a um conjunto de práticas específicas da mídia digital que operam a partir de uma nova mentalidade, regida por uma ética diferente. (BRASIL, 2018a, p. 487).

Por fim, uma leitura e produção de textos autônoma requer aprendizados relativos à intertextualidade, que são desenvolvidos na área de Linguagens desde o Ensino Fundamental. Intertextualidade se refere às relações que diferentes textos estabelecem entre si. Assim, a formação para uma leitura intertextual significa desenvolver a capacidade de manejar citações e paráfrases, interpretar e criar diferentes estilos e vozes em um texto etc.

A capacidade de autonomia como leitor e produtor de textos está relacionada à intertextualidade. Quanto mais os estudantes são capazes de perceber que textos levam a outros textos, que dialogam entre si e que autores e leitores compartilham uma história social e cultural comum, mais eles podem explorar livremente as possibilidades da linguagem textual.

O papel das metodologias ativas

A educação escolar hoje se orienta para a promoção de aprendizados de competências e habilidades que servem à vida do estudante em sentido integral. Teoria e prática devem ser constantemente relacionadas durante todo o processo formativo deles para que essa orientação resulte em transformação real de suas condições de autonomia.

Assim, desde as realidades locais até os grandes temas globais podem ser objetos de aprendizado que promovem o diálogo entre conteúdos curriculares e demandas pessoais e sociais do estudante, provocadas ou não pelos educadores.

As metodologias ativas são uma alternativa ao modelo tradicional de ensino e se propõem a colocar educadores e educandos em parceria na execução de atividades por percursos distintos que levam a diferentes formas de construção do conhecimento. Além disso, elas desenvolvem o protagonismo dos estudantes, ampliando suas possibilidades de leitura crítica do mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para tanto, é preciso ter em mente o caráter complexo e interdisciplinar do conhecimento, bem como o lugar da problematização como fundamento do espírito científico e de uma relação ética com o conhecimento e o mundo. Acolher questionamentos e provocá-los são parte importante do ofício do professor no contexto contemporâneo.

A indissociação entre teoria e prática e entre o saber e o fazer é característica de um conhecimento comprometido com uma formação para a vida. Isso pode ocorrer em diferentes escalas, desde as problematizações com base no contexto local – a escola, o bairro, a comunidade etc. – até aquelas com uma dimensão global. O papel dos professores é essencial nesse processo, inclusive naquilo que diz respeito ao currículo.

Cada pessoa é um universo de saberes, afetos, experiências e expectativas. Tornar-se capaz de buscar conhecimento autonomamente e de maneira complexa é crucial para que o diálogo entre elas se estabeleça. Assim, cabe ao professor acolher e provocar questionamentos de forma a construir com os estudantes o currículo que se adéqua ao projeto de vida de cada um.

O PAPEL DO PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM DIFERENTES CONTEXTOS

O lugar do professor na educação contemporânea não é mais o de se colocar como o portador do conteúdo a ser transmitido aos estudantes nem o de conduzi-los a uma compreensão preestabelecida do conhecimento humano. A formação do professor deve, portanto, estabelecer diálogo com a complexidade cognitiva em que cada um de nós – como seres humanos e cidadãos – está inserido.

Assim, educar para a autonomia é assumir um papel de mediação do diálogo entre os estudantes e a bagagem intelectual que os precede, tendo em vista o desenvolvimento de suas aprendizagens. Essas aprendizagens não se fazem apenas e tão somente pela sistematização de conceitos previamente dispostos em fontes de referências específicas mas numa abordagem que priorize uma concepção de currículo que pressuponha o diálogo de cada estudante – pensado como autor do próprio conhecimento – com essas mesmas fontes de referência.

Nesta coleção, cada unidade é iniciada por uma problematização desencadeadora de questionamentos e reflexões que serão amplamente discutidos e contemplados. Logo a seguir, três perguntas norteadoras visam, justamente, que o educador possa investigar as hipóteses cognitivas dos estudantes sobre o tema proposto. Assim, as problematizações podem se constituir como verdadeiras fontes de pesquisa para os educadores contextualizarem os assuntos que serão trabalhados partindo dos lugares de fala dos estudantes.

Na concepção desta coleção, o currículo não é um conjunto fechado de conhecimentos a serem transmitidos, mas uma construção dialógica que se estende ao trabalho do professor e aos próprios processos de construção do conhecimento elaborados pelos estudantes. Ao longo das unidades e percursos, é possível perceber claramente que a linguagem adotada – rigorosa conceitual e metodologicamente, e clara do ponto de vista de sua compreensibilidade – permite aos jovens estabelecer diferentes diálogos com os problemas e os contextos apresentados para sua reflexão científica interdisciplinar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Assim, "diálogo" pode ser definido, de um ponto de vista da linguagem, como fundamento da comunicação verbal com o outro:

> O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. [...] Ora, a relação que se estabelece entre as réplicas do diálogo — relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc. — é impossível entre as unidades da língua (entre as palavras e as orações) [...]. Esta relação só é possível entre enunciados provenientes de diferentes sujeitos falantes. Pressupõe o outro (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal.
> [...]
> O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores

> imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião tem sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. (BAKHTIN, 1997, p. 294-295 e 320-321).

Ao dialogarmos, construímos argumentos que se apoiam no que já foi enunciado pelos outros. Assim, não somente nos posicionamos a respeito dos conteúdos abordados nas falas mas também de suas intencionalidades e propostas de intervenção na realidade concreta. Desse modo, o protagonismo juvenil não é algo que deva ser encontrado apenas nos temas ou no desenvolvimento da linguagem educacional. Ele deve ser exercido também metodologicamente, por meio do desenvolvimento de habilidades de análise relacional de argumentos e de posturas atitudinais de escuta, reflexão e proposição ética da dúvida e da discordância.

Esse fundamento da comunicação é também epistemológico, já que o questionamento e o estabelecimento do diálogo estão na base da construção do conhecimento, seja na Filosofia, nas Ciências, nas Artes ou nas práticas da educação escolar. Em relação à formação científica nas escolas, Bachelard (1996, p. 300) afirma que:

> [...] para que a ciência objetiva seja plenamente educadora, é preciso que seu ensino seja socialmente ativo. É um alto desprezo pela instrução o ato de instaurar, sem recíproca, a inflexível relação professor-aluno. [...] Nas disciplinas científicas principalmente, esse tipo de instrução cristaliza no dogmatismo o conhecimento que deveria ser um impulso para a descoberta. Além disso, não propicia a experiência psicológica do erro humano.

O papel do professor é, portanto, o de mediador de diálogos que fazem do conhecimento um processo sempre inacabado de construção. Trata-se de um papel ativo, tanto na fala como na escuta, tanto na problematização como no acolhimento de argumentos e problematizações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesta coleção, o trabalho com o diálogo é buscado tanto da perspectiva epistemológica como da perspectiva metodológica e ética. Isso se evidencia em vários momentos específicos, dentre os quais se destacam:

- a valorização de diferentes perspectivas ou pontos de vista, expressos por atores e protagonistas diversos, individuais e sociais, em sua relação com o tema trabalhado;
- o enfoque interdisciplinar, que possibilita ao estudante construir argumentos recorrendo a conceitos procedentes de diferentes áreas do conhecimento e que encontram na argumentação um lugar propício para sua formulação complexa;
- a valorização das problematizações, das inferências e das vivências de pesquisa que favorecem diferentes posturas de diálogo entre os indivíduos, e destes com o mundo à sua volta.

Uma vez definida a necessidade de construção de uma teia cognitiva complexa, interdisciplinar e que estabeleça diálogos entre os mais diferentes sujeitos histórico-sociais, importa agora indicar ações concretas que os professores poderão adotar ao trabalhar com estes volumes.

Ações concretas para a intervenção pedagógica

Processo de argumentação e diálogo

A abertura ao diálogo parte da problematização da realidade e envolve, em papéis diferentes, professores e estudantes. Aqui ela é entendida como a capacidade que o indivíduo tem de se sentir mobilizado a estabelecer dúvidas ou questionamentos acerca dos impactos que determinado tema pode ter na sociedade ou em sua própria vida.

Cada unidade desta coleção é precedida por uma **problematização**, que pode ser o ponto de partida para diferentes questionamentos sobre determinado tema. O objetivo central da problematização inicial é pôr em prática a dúvida sistemática, que abre caminho aos jovens para questionar o mundo e a si próprios, superando, assim, o apego a crenças absolutas e a argumentos preconcebidos. Além disso, elas servem para estimular a interação com diferentes pontos de vista e a escuta ativa deles, incluindo a [illegible] relação ao tema trabalhado.

A metodologia da problematização é uma alternativa inovadora, que visa a um ensino que ultrapasse a abordagem tradicional e que inspire e estimule, nos educandos e educadores, uma postura investigativa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Portanto, a problematização possibilita, do ponto de vista metodológico:

- questionar conhecimentos antes considerados inquestionáveis;
- gerar o "estranhamento" necessário à investigação e à exploração científica;
- conhecer diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, ampliando o repertório de dúvidas, os questionamentos ou as visões a respeito dele;
- valorizar as experiências dos estudantes, que são estimulados a assumir o protagonismo de seu processo de aprendizagem;
- oferecer condições para que os estudantes possam inferir conhecimentos de forma contextualizada e autoral.

Os desafios para transformar as problematizações em diálogo fértil à produção de conhecimento são inúmeros. Em uma turma, encontramos pessoas que se diferenciam quanto aos conhecimentos específicos que têm, quanto às habilidades, às atitudes e aos valores, inclusive no que diz respeito à relação com professores, com a escola e com os demais estudantes. Nesse contexto, compreender a diversidade das trajetórias, segundo as quais os estudantes produzem suas inferências, é essencial para a ação pedagógica.

Inferência

Trata-se da operação cognitiva por meio da qual a pessoa produz novas proposições, tendo por base outras que foram colocadas diante dela. Sendo cada indivíduo singular em suas vivências e nos significados que atribuem a elas ao longo da vida, a inferência é uma operação que ocorre de maneira diversa.

Por exemplo, ao tratar de questões relacionadas à cultura estrangeira, as inferências podem variar muito dependendo do tipo de contato que o estudante já teve com essa cultura. Alguém que nunca ouviu falar na existência de um país vai construir seu conhecimento a respeito dele de maneira muito diversa de outra pessoa que já o visitou ou mesmo que nasceu nele. Ou, ainda, alguém que apenas teve contato com abordagens

preconceituosas a respeito de determinada cultura partirá de uma série de pressupostos e visões discriminatórias. Diante de tamanha diversidade de situações, o papel do professor será o de mediar um diálogo que permita que os estudantes formem, cada qual segundo seu percurso peculiar, as capacidades que permitem compreender aquela cultura. Sua intervenção deverá atender a demandas diversas, que só serão identificáveis mediante o estabelecimento de diálogos.

Portanto, para que as operações cognitivas de cada estudante possam se encaminhar para o desenvolvimento das competências e habilidades esperadas, você não deve tratar os estudantes de forma homogênea. Assim, as diferentes etapas de cada percurso – perguntas desencadeadoras, problematização inicial, sistematização conceitual, atividades de leitura textual – permitirão aos jovens ampliar seus repertórios de forma individualizada, favorecendo não apenas a construção personalizada de cada conhecimento mas a formação de um repertório coletivo de informações, relações e análises, que irão contribuir para o aprofundamento de processos inferenciais.

A trajetória dos indivíduos é singular e suas inferências irão gerar caminhos totalmente inesperados da perspectiva do professor. Nesse sentido, a coleção sugere algumas abordagens para estimular nos estudantes a construção de processos inferenciais.

- Abordagem contextualizada da sistematização de conceitos prevista ao longo dos percursos, valorizando exemplos práticos e estímulos para que o estudante pesquise sua realidade específica.
- Valorização do diálogo interdisciplinar na construção dos conceitos para a abordagem de um tema, permitindo ao estudante uma compreensão mais ampla e menos fragmentada dos conteúdos.
- Inclusão de questões de leitura e interpretação textual que se vinculam ao posicionamento do estudante em relação aos diferentes gêneros textuais.
- Processos inferenciais que ocorrem de maneira gradual e são pautados pela busca de informações, pelo estabelecimento de relações entre elas e pela análise contextualizada de dados.

Portanto, você deve levar em conta as especificidades da construção individualizada do conhecimento e, ao mesmo tempo, priorizar os desafios das transformações – etárias, psíquicas, culturais, socioeconômicas – que os estudantes vivenciam em seus contextos concretos.

Da mesma forma, para estabelecer diálogos é preciso que você esteja sempre aberto a compreender as **culturas juvenis**, que são plurais e complexas, de maneira a não formar sobre elas uma visão preconcebida e simplificadora.

Culturas juvenis

As culturas juvenis são abordadas nesta coleção por meio da valorização dos interesses dos jovens e das linguagens com que eles se relacionam com o mundo:

- enfrentando os desafios da vida em sociedade, que se traduzem em temáticas de amplo alcance, como meio ambiente, direitos humanos e discriminação;
- construindo linguagens próprias de expressão pautadas pelo diálogo e pela inserção em universos socioculturais diversos;
- propondo alternativas de superação dos problemas apontados pelos próprios estudantes, com base nas temáticas abordadas.

É preciso ter em mente que a origem das proposições por meio das quais os jovens constroem suas inferências está, muitas vezes, nas culturas juvenis. Abrir-se ao

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

diálogo com elas significa, portanto, multiplicar os caminhos possíveis para o estabelecimento de diálogos pedagógicos. Assim, o acolhimento de inquietações e problematizações advindas das vivências e dos projetos de vida dos estudantes pode servir de base para a busca de conhecimento.

O trabalho com a coleção permitirá que você organize a prática do diálogo de forma acolhedora e com caráter construtivo, focado nas competências e habilidades a serem desenvolvidas. Permitirá ainda o desenvolvimento de valores de promoção da resolução não violenta de conflitos, de respeito à pluralidade de pontos de vista e de combate às diversas formas de discriminação.

Na prática, tanto as problematizações que abrem cada unidade do livro quanto as diferentes oportunidades de discussão e debate temáticos propostas ao longo dos percursos e das unidades podem motivar a formulação de outras questões, advindas do diálogo proporcionado pelo papel mediador do professor e pelo estímulo ao protagonismo dos estudantes em seu processo de aprendizagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mediação

O exercício do papel mediador do professor em relação às aprendizagens protagonizadas pelos estudantes também encontra fundamento na organização curricular proposta para a coleção, seguindo princípios de caráter epistemológico e metodológico.

- Organização de cada volume priorizando uma temática geral diretamente ligada aos desafios vividos pelos seres humanos nos processos de construção das sociedades, aos sentidos interdisciplinares do processo de construção do conhecimento e às vivências cotidianas dos estudantes.
- Liberdade de organização das rotinas de aprendizagem, marcadas pela constante interação dos estudantes e professores com os temas propostos em cada percurso e em cada unidade. Assim, os temas podem ser trabalhados de forma não linear e em diálogo com outras unidades do mesmo volume ou outros volumes da mesma coleção.
- Valorização das diferentes competências e habilidades previstas na BNCC, não apenas nas atividades propostas ao longo e ao final de cada percurso mas no desenvolvimento dos próprios percursos formativos de cada unidade.

Na prática, a aplicação desses princípios organizadores da coleção significa que as mesmas competências e habilidades podem ser trabalhadas e retrabalhadas em momentos diferentes. Dessa forma, você tem a possibilidade metodológica de desenvolver algumas competências e habilidades num determinado momento, para retomá-las depois, ao abordar outros temas. Assim, as mesmas competências e habilidades retornam numa outra perspectiva e se constituem mais uma oportunidade de diálogo transversal e interdisciplinar proposto pela coleção.

Com base nas problematizações e no estabelecimento das próprias narrativas curriculares, você poderá instigar os estudantes a pesquisar, elaborar hipóteses, argumentar e propor novas questões.

As habilidades de leitura são especialmente importantes nessa construção e devem ser uma preocupação permanente dos professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Incentivar os estudantes a estabelecer relações, percebendo as referências intertextuais e as construções argumentativas

dos diferentes textos trabalhados, é uma forma de desenvolver essas habilidades.

Por fim, para que os procedimentos de pesquisa, leitura crítica de fontes e construção de argumentos se tornem parte da vida dos estudantes, é preciso que eles sejam reiterados na abordagem dos mais diversos temas, de maneira a serem percebidos com crescente complexidade.

A prática docente e o conteúdo interdisciplinar

A interdisciplinaridade é a base na qual se estrutura essa obra. História, Geografia, Sociologia e Filosofia não aparecem aqui como campos separados, que cumprem cada qual uma trajetória particular de formação. Pelo contrário, a coleção combina a diversidade de abordagens e estabelece diálogos entre os componentes curriculares pertencentes à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Do ponto de vista da prática docente, a interdisciplinaridade envolve um compromisso ético do educador em romper com a fragmentação cognitiva que, muitas vezes, ainda é presente na associação de um conceito ou abordagem temática com uma única disciplina. Trata-se de uma nova maneira de conceber o conhecimento, na qual o trabalho docente, pensado numa perspectiva interdisciplinar, é concebido em rede. Conforme alerta a professora Angela Kleiman (1999, p. 47):

> [...] a metáfora da rede em construção ajuda-nos a expressar a ideia central de nossa proposta: que a cognição é o resultado de um processo mental e dinâmico e ativo que se desenvolve por meio de conexões entre pessoas, objetos, conceitos, preconceitos, intuições, enfim, uma rede de associações, e que o aprendiz é sujeito ativo engajado na construção de sua própria rede de conhecimentos. A função mais importante do professor é a de facilitador dessa construção.

O objetivo do trabalho da coleção em tecer redes interdisciplinares implica estimular os estudantes a desenvolver as competências gerais, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as respectivas habilidades que a BNCC define para os três anos do Ensino Médio. Assim, outro princípio epistemológico proposto por Kleiman, e que está presente na coleção, é a interconexão entre temáticas, conceitos e habilidades.

O currículo interdisciplinar não implica dissolução das especificidades de cada componente curricular. Os conceitos, os métodos e os problemas que cada um aborda com mais profundidade são apresentados de maneira contextualizada e integrada. Parte-se da concepção de que o conhecimento humano é construído de maneira complexa, o que exige uma postura de humildade cognitiva. Oferecer uma resposta fechada e simples sobre o que é uma sociedade, uma cultura ou um Estado seria como fechar as portas a novas experiências no campo da cognição.

A adoção de uma abordagem interdisciplinar pode envolver dificuldades específicas, já que tradicionalmente a formação escolar e universitária do professor possui um caráter marcadamente disciplinar.

Um desafio que se coloca é o de oferecer um tratamento contextualizado dos conceitos, que marca uma inovação de ordem epistemológica, pois envolve uma construção por meio de múltiplas abordagens. Por exemplo, não se trata mais de discutir algo como a "cultura" partindo de uma definição "correta", fundamentada em alguma das concepções produzidas pelas disciplinas acadêmicas. O objetivo é construir uma compreensão do que seja "cultura" por meio de diálogos que se estendem pelos três anos do

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ensino Médio, nos quais o conceito será objeto frequente de questionamento. Afinal, "cultura" diz respeito à realidade local dos estudantes e ao mundo digital com o qual eles se relacionam, mas também é intrínseca à discussão sobre as civilizações antigas, sobre a colonização europeia da América ou sobre os problemas ambientais da sociedade contemporânea.

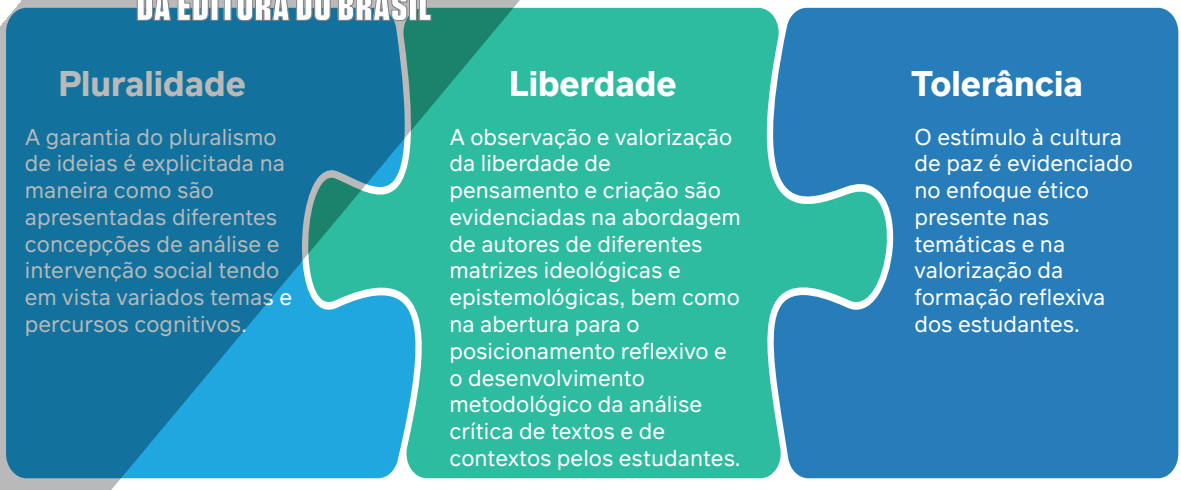
A interdisciplinaridade também coloca o desafio de situar os conceitos fundamentais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no contexto local dos estudantes. Ao organizar os conteúdos de maneira dialógica e problematizadora, a abordagem traz para a prática docente a necessidade de propiciar diálogos, o que significa que você deve levar em conta o universo pelo qual os jovens constroem suas proposições. Por tudo isso, existe a preocupação em garantir a presença de atividades, ao longo dos percursos, que envolvam a exploração conceitual com base no universo de referências presentes na realidade dos jovens.

Nessa mesma perspectiva, o olhar interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas envolve a preocupação com todas as questões que dizem respeito à produção, manutenção e preservação da qualidade de vida dos estudantes. Afinal, a aprendizagem das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas também deve partir de um pressuposto ético fundamental garantindo a valorização da dignidade humana.

Saúde mental e escola

A educação escolar é um direito que, para ser efetivo, requer a efetivação de outros direitos relacionados diretamente à defesa da vida juvenil contra tudo aquilo que pode ameaçá-la em sua integridade socioeconômica, física ou psicológica. No âmbito da atuação dos professores do Ensino Médio, a promoção do pleno desenvolvimento da pessoa passa pela garantia dos direitos humanos e da proteção à infância e à adolescência. Sem isso, nem o preparo para a cidadania nem a capacitação para o mercado de trabalho são possíveis. Para que o direito à aprendizagem ética e à dignidade humanas seja garantido, a coleção [illegible] pios ontológicos a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Andy Chipus_shutterstock.com

Assim, tendo em vista os princípios anteriormente explicitados, é preciso estar atento e atuante na prevenção de violências que são cometidas pelos próprios estudantes, uns contra os outros, ou contra si mesmos.

Bullying, termo da língua inglesa sem tradução precisa em nosso idioma, tem um sentido que remete tanto a "intimidação" quanto a "comportamento cruel" e define situações muito diversas, que ultrapassam o espaço das instituições escolares. Contudo, por ser um espaço central na socialização de crianças e jovens, a escola é um espaço onde o *bullying* é mais frequente e sistemático.

> [...] Em termos gerais, trata-se do emprego de violência física e psicológica realizada contra um indivíduo específico e de modo intencional, ocorrendo em diversos contextos de interação social e envolvendo pessoas de idades distintas, mas cuja prevalência no contexto escolar seria mais investigada. Ao ser erroneamente concebido como parte do desenvolvimento da criança e como algo desde sempre existente nas escolas de todo o mundo, tal fenômeno corre o risco de naturalização. (CHAVES; SOUZA, 2018).

O primeiro passo para atuar na prevenção do *bullying* é, portanto, desnaturalizar sua recorrência em contextos escolares. Isso porque [illegible] prática que pode acarretar graves consequências físicas e, principalmente, psicológicas para os que a vivenciam, seja no papel de agredido, seja no papel de agressor.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Apesar da gravidade, apenas recentemente essa prática passou a ser objeto de preocupações sistemáticas no âmbito das políticas de educação. Uma vez reconhecido como um problema no universo escolar, o *bullying* pode ser objeto de intervenção do professor em sentidos diversos:

1. Por se tratar de comportamentos intencionais visando agredir e provocar danos ao outro, o *bullying* requer do professor uma abordagem ética, que busque desenvolver em todos os estudantes capacidades de empatia e de resolução não violenta de conflitos, o senso de justiça e as noções de direitos e liberdades. Em vários momentos, a coleção deixa explícita a necessidade de o estudante desenvolver a empatia e a alteridade.
2. Por ser um comportamento que se repete no cotidiano juvenil, geralmente levando à estigmatização e ao isolamento, o *bullying* requer uma abordagem mais específica direcionada àqueles que o sofrem. Nesse sentido, é importante acolher as demandas dos estudantes e oferecer apoio nas situações em que isso for necessário.
3. Por se tratar de uma relação fundamentada no desequilíbrio de poder (seja por causa da força física, seja pela coesão do grupo, seja por outros fatores), o *bullying* requer uma abordagem que problematize de maneira abrangente as relações de poder no contexto juvenil, dentro e fora da escola. A mediação de diálogos para a resolução não violenta de conflitos pode ser um caminho para que a problematização tenha também uma dimensão de intervenção no contexto escolar.

O *bullying* não é a única forma de violência sistemática que ocorre entre os jovens no contexto escolar. As diversas formas de discriminação e preconceito também requerem abordagens específicas relacionadas à formação dos estudantes e, quando necessário, intervenção em contextos de violência.

Os preconceitos, entre os quais se destacam os que se relacionam à classe, à raça, à religião, ao gênero, à orientação sexual, à naturalidade ou a alguma condição física, fundamentam formas de discriminação que ultrapassam a experiência escolar e estão presentes, de diferentes maneiras, em toda a sociedade.

O conhecimento sobre eles é objeto das aprendizagens das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas deve ser uma preocupação constante nas práticas pedagógicas, e não somente fazer parte dos percursos curriculares. Assim como no caso do *bullying*, sua recorrência tende muitas vezes a uma naturalização, a ser combatida por meio da formação dos estudantes e do acolhimento de demandas de intervenção por parte do professor. Essa abordagem é priorizada em vários momentos da coleção e, especialmente, na construção de unidades temáticas que valorizam os direitos humanos, a diversidade e a ética.

Também é papel do professor formar, acolher e intervir no que diz respeito à prevenção do suicídio e da automutilação. A manutenção de um ambiente de diálogo, a abertura à escuta e ao acolhimento de demandas dos estudantes, além da adoção de uma postura ativa, intervindo quando necessário, são caminhos possíveis para prevenir a violência autoinfligida.

> [...] Os professores influenciam positivamente quando interagem de forma motivadora e criativa, informando e encorajando nas tomadas de decisão, fomentando a autonomia, sem recorrer a regras e dogmas preestabelecidos que possam defasar-se com o tempo. [...]
>
> Não se sugere aqui, portanto, que educadores tenham a responsabilidade de diagnosticar, ou mesmo sejam exigidos a aplicar qualquer tipo de conhecimento que não seja da área da educação. Porém, considerando que já atuam contemplando os aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais de seus alunos, conhecimentos selecionados em saúde mental, baseados principalmente em aspectos de promoção e prevenção, podem ser de grande utilidade na prática educativa, ao empoderar a figura do educador.
>
> O papel do professor:
>
> 1. Reconheça a responsabilidade de formar o aluno como cidadão.
> 2. Contribua para um clima escolar favorável, priorizando os vínculos.
> 3. Contribua, por meio do diálogo, com o combate ao estigma dos transtornos. Evite a segregação de "alunos-problema".
> 4. Discuta abertamente o assunto "saúde mental" com os alunos.
> 5. Discuta casos de sua prática diária com os colegas, para que possa refletir sobre o que fazer diante de situações difíceis apresentadas pelos alunos que interferem na dinâmica em sala de aula, como isolamento social, comportamentos agressivos e violação de regras.
> 6. Estimule os alunos para que desenvolvam habilidades sociais, como fazer amigos e manter amizades.
> 7. Mantenha-se atento à identificação precoce de problemas para o devido encaminhamento dos alunos que necessitam de assistência nessas áreas.
> 8. Construa parcerias com as famílias para acompanhamento do desenvolvimento das crianças e adolescentes, tanto do ponto de vista emocional como da aprendizagem.
> 9. Adapte objetivos acadêmicos, conteúdos curriculares, método de ensino e outros assuntos educacionais às necessidades de cada aluno, visando a um maior rendimento escolar.
> 10. Solicite à diretoria de ensino cursos e material didático na área de saúde mental para complementar seu conhecimento nessa área. (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014, p. 20-21).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

NOVO ENSINO MÉDIO

Esta coleção foi elaborada em concordância com o **Novo Ensino Médio** que está sendo implementado no Brasil. Para trabalhar adequadamente o novo modelo, é preciso conhecer as concepções curriculares que o fundamentam, especialmente no que diz respeito à maneira como os conteúdos estão estruturados, bem como ao modo de se estabelecer os diálogos entre eles. A mudança mais evidente em relação a outras formas de organização dos conteúdos é o **caráter flexível da organização dos conteúdos**, já que a obra se fundamenta numa **perspectiva temática e interdisciplinar**.

Kubko/Shutterstock.com

O modelo do Novo Ensino Médio é muito diferente em relação às concepções curriculares anteriores. Em primeiro lugar, não se orienta por um conjunto de grades disciplinares fragmentadas e desconexas entre si, mas sim por áreas do conhecimento que pressupõem determinados itinerários formativos. Se antes cada componente disciplinar propunha uma sequência fechada de conteúdos, comum a todos os estudantes, agora a nova estrutura, flexível e interdisciplinar, possibilita que os jovens se tornem protagonistas na definição de suas trajetórias de formação escolar e na construção de seus projetos de vida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ênfase do Novo Ensino Médio no protagonismo juvenil está presente nesta obra em dimensões diversas.

- **Temática:** priorizando abordagens que valorizam diferentes questões e desafios a serem vivenciados pelos jovens.
- **Metodológica:** valorizando questões problematizadoras que dialogam com a própria vida dos jovens.
- **Epistemológica:** valorizando a construção de conceitos e a capacidade de diálogo conceitual com propostas de intervenção em distintas realidades.

Portanto, para além de mudanças de forma, trata-se de uma ruptura profunda com antigos paradigmas da educação no Brasil.

As culturas juvenis e o protagonismo do jovem nas sociedades contemporâneas

Cada jovem que ingressa no Ensino Médio é alguém que vem construindo e reconstruindo sua cultura e visão de mundo de maneira complexa, de acordo com vivências e diálogos que são irredutíveis à categorização de que todos os jovens pertencem a um mesmo universo cultural.

Assim, falar de "culturas juvenis" no plural é recusar o simplismo de considerar todos os jovens como uma categoria homogênea de pessoas definidas somente por sua faixa etária.

> [...] juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. (BRASIL, 2011, p. 12).

Os jovens são indivíduos singulares e ativos na construção da própria cultura, produzida e reproduzida para além do escopo da atuação dos professores ou das instituições escolares. Contudo, esse lugar não implica diminuir o papel dos professores na sua formação. Ao contrário, num mundo que convida os jovens a serem ativos na autoconstrução, os professores são essenciais no desenvolvimento da capacidade de fazer desse processo um caminho para a elaboração e a realização dos projetos de vida deles. Assim, os professores são mediadores que estimulam os estudantes a pensar a historicidade de sua condição juvenil.

> Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu **projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL, 2018a, p. 463).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A tarefa não é fácil e é certamente um dos maiores desafios dos educadores do século XXI. Nesta coleção, o acolhimento aos estudantes é facilitado pelo oferecimento de temas que se relacionam diretamente à condição juvenil de protagonismo nas transformações tão necessárias rumo a uma sociedade democrática, que ofereça condições de equidade a todos os cidadãos.

Afinal, estamos lidando com mudanças aceleradas na socialização das novas gerações. Hoje o consumo, a propaganda e a indústria cultural direcionados à infância e à juventude assumem enorme importância e causam novos desafios para os educadores.

> A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura "agorista" – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. (BAUMAN, 2013, p. 34).

Em especial, as relações hoje estabelecidas entre as culturas juvenis e a cultura digital nos desafiam a oferecer aprendizados que partam da compreensão de como essas relações se estabelecem. A cultura "agorista", apontada por Bauman, deve ser pedagogicamente "desafiada" a ir além do momento presente, tecendo redes de conhecimento que contextualizam o que foi aprendido e, ao mesmo tempo, desenvolvem utopias de transformação social e de inquietação com as desigualdades do tempo atual.

São culturas extremamente diversas, que variam segundo região, local, nível de renda, gênero, tradições culturais e religiosas, diferenças de acesso à cultura digital, entre outros fatores. Mais do que uma categorização dos jovens com qualquer desses recortes, é preciso reconhecer em cada estudante um protagonista de sua formação, tendo em vista seu projeto de vida.

As culturas juvenis são dinâmicas e se transformam num ritmo acelerado, já que os jovens não são meros reprodutores dos significados que o consumo e a cultura digital lhes oferecem. Eles são também protagonistas da construção de suas culturas e da própria cultura digital, à qual já encontram integrados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Por se relacionarem com discursos e construções simbólicas com grande poder de persuasão – em especial, aqueles provenientes de interesses de mercado, que compartilham como consumidores –, é crucial que a formação escolar dialogue e produza conhecimento com base nas referências que os jovens têm. O objetivo desse diálogo deve ser o desenvolvimento de uma compreensão crítica das próprias tecnologias e culturas que lhes são oferecidas e por eles acessadas. Essa compreensão crítica passa também pela análise das origens de inquietações e desejos juvenis, bem como de desafios vivenciados pelos seres humanos contemporâneos em temas cruciais como trabalho, meio ambiente, violência e defesa da dignidade humana.

A escola e os currículos em transformação

O Novo Ensino Médio se propõe a recriar a escola – enquanto espaço/tempo de produção do conhecimento – por meio do reconhecimento de que os estudantes têm um papel ativo na sociedade onde vivem. O protagonismo dos jovens no processo de escolarização é entendido como parte de uma concepção a respeito da escola em que todos os atores sociais envolvidos – educadores e estudantes – são protagonistas de diferentes formas na

construção do conhecimento. Sendo assim, a escola deve se abrir às culturas juvenis para possibilitar que os estudantes se tornem interlocutores nas decisões que dizem respeito a seus currículos e a outros aspectos de suas aprendizagens.

Além disso, os currículos devem ser definidos em diálogo com as realidades locais e atendendo à diversidade regional do Brasil. A ruptura com a concepção de um currículo fechado, a ser aplicado igualmente para todos os estudantes brasileiros, tem também esse sentido de abertura ao diálogo com as realidades nas quais os jovens se formam e atuam. Nesse mesmo sentido, as escolhas operadas ao longo da formação dos jovens deverão ser tomadas de acordo com os projetos de vida de cada um deles.

> Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos.
>
> Logo, é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. (BRASIL, 2018a, p. 472-473).

O reconhecimento dos estudantes como sujeitos implica, do ponto de vista da aprendizagem no Ensino Médio, ênfase – rigorosa e objetiva – na apresentação de diferentes visões de mundo e abordagens dos processos estudados e na garantia de que suas escolhas tenham um sentido ético, saudável e sustentável.

O objetivo é formar os jovens para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem sua autonomia, para que tenham condições de atuar como pessoas, cidadãos e trabalhadores em uma sociedade que está em constante transformação.

Autonomia na construção do conhecimento não requer apenas os conteúdos específicos de cada componente curricular mas também capacidade de abstrair, refletir, interpretar, propor e agir diante do mundo. Para isso, o mundo deve se apresentar aos jovens como um campo aberto, o qual eles podem investigar e no qual podem intervir. Isto implica atitude cognitiva pautada pela busca da curiosidade e compreensão de que o conhecimento não está "pronto e acabado", mas se reconstrói permanentemente por meio da ação de cada um.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em consonância com o Novo Ensino Médio, os seis volumes que compõem a coleção não estão divididos segundo os componentes curriculares específicos nem possuem uma seriação ou forma de indicação cronológica linear a ser seguida pelos professores. Cada uma das dezoito unidades estabelece diálogos interdisciplinares e transversais com base em distintos conceitos e procedimentos oriundos da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Os tempos e os espaços de aprendizagem são definidos pelas relações que se estabelecem entre professores e estudantes que, assim, podem ter na coleção um aliado para a realização do desafio de desenvolver competências e habilidades.

As áreas de conhecimento

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas formam uma das quatro áreas que compõem o Novo Ensino Médio, ao lado de Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Além dessas quatro áreas, o modelo prevê a possibilidade da formação técnica e profissional no itinerário formativo dos jovens.

Cada uma das áreas do Novo Ensino Médio abarca um número variável de componentes curriculares, além de conhecimentos originalmente construídos por áreas que não fazem parte da matriz curricular do Ensino Médio – como Direito, Economia, Psicologia e Antropologia. Nessa concepção, não são os componentes que organizam o currículo, mas sim os objetivos de aprendizagens (competências e habilidades) e os objetos de estudo, que dizem respeito à área como um todo.

Nesse novo modelo, os conteúdos conceituais das distintas áreas continuam importantes, mas estão a serviço das aprendizagens, que se desenvolvem num campo interdisciplinar, segundo uma estrutura de áreas. A organização por áreas do conhecimento:

> [...] não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino. (BRASIL, 2018a, p. 32).

A organização por área requer, portanto, diálogo e cooperação entre os professores responsáveis por diferentes componentes curriculares. Dessa maneira, cada unidade desta obra pode e deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, com base em um planejamento cooperativo envolvendo todos os professores.

Cada unidade inclui, com maior ou menor ênfase, conteúdos de todos os componentes curriculares das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Filosofia	Sociologia
Tem lugar fundamental em unidades que abordam temas e períodos diversos, das relações entre as religiões no surgimento das primeiras civilizações até os desafios colocados na relação contemporânea das sociedades com a tecnologia. O componente também discute as definições do "humano" e os paradigmas epistemológicos, que permitem a construção do conhecimento.	Com enfoque nas instituições e nos grupos sociais, a Sociologia trata de questões que dizem respeito a períodos e temas que vão da análise dos diferentes regimes políticos, sociais e econômicos até a inserção dos jovens no mercado de trabalho. A compreensão de como atuam os diferentes atores sociais e de como se estruturam os poderes na sociedade não se restringe a alguma temática específica e dialoga com todos os demais componentes curriculares.
História	**Geografia**
Aborda principalmente os processos e as dinâmicas em diferentes tempos e sociedades. Os conteúdos desse componente curricular também estão presentes em todas as temáticas, afinal, as dimensões da ação humana são dotadas de historicidade. A dinâmica das transformações diz respeito às discussões sobre o mundo contemporâneo, em cada um dos seus aspectos, tanto quanto é parte dos debates sobre o Mundo Antigo, por exemplo.	Analisa principalmente as relações entre sociedade e natureza e está presente nas mais diversas temáticas que dizem respeito ao ser humano. Os questionamentos a respeito das interações das sociedades com o espaço envolvem desde as dinâmicas da ocupação humana dos diversos continentes até os desafios colocados pela globalização e degradação ambiental no mundo contemporâneo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Também é importante ressaltar que a divisão por áreas não significa que o diálogo interdisciplinar ocorre apenas no interior de cada uma delas. As áreas servem à organização do conhecimento, mas não a seu fechamento em fronteiras intransponíveis. Assim, o

ponto fundamental que a concepção de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas prevista na BNCC traz é a possibilidade de ampliar os focos metodológicos e conceituais que antes estavam inseridos ou referenciados a uma única área.

Os diálogos entre as áreas são múltiplos. Atualmente, na epistemologia das Ciências, a separação entre o "humano" e o "natural", ou entre o que é "social" e o que é "biológico", não é mais pensada como uma oposição entre domínios separados. As Ciências da Natureza têm relações muito mais próximas com as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do que tinham no tempo em que seus objetos eram pensados de maneira dissociada, focados na busca de leis específicas em cada disciplina:

> [...] a ciência de hoje não é mais a ciência "clássica". [...] A própria ambição de reduzir o conjunto de processos naturais a um pequeno número de leis foi abandonada. As ciências da natureza descrevem, de ora em diante, um universo fragmentado, rico de diversidades qualitativas e de surpresas potenciais. Descobrimos que o diálogo racional com a natureza não constitui mais o sobrevoo desencantado dum mundo lunar, mas a exploração, sempre local e eletiva, duma natureza complexa e múltipla. (PRIGOGINE; STENGERS, 1991, p. 5).

Essa complexidade é cada vez mais evidenciada em recortes temáticos que, além de abranger conhecimentos de diversas áreas de origem, apontam para a necessidade de entrelaçar distintas perspectivas e conceitos para se compreender cada um dos temas abordados.

Um tema profundamente marcado pelas relações complexas entre as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as Ciências da Natureza e suas Tecnologias é o das questões ambientais. Hoje, crises como as que envolvem mudanças climáticas ou epidemias e pandemias apresentam uma dimensão global e forçam uma reavaliação sobre a oposição que as ciências tradicionalmente estabeleceram entre as esferas de atuação humana e o mundo natural.

Existem, portanto, diálogos interdisciplinares fundamentais que ultrapassam a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para além das questões ambientais contemporâneas, esse diálogo pode ser feito sobre temas e períodos diversos. Questões como as fontes de energia, os diferentes biomas e as transformações ambientais ao longo da história humana requerem um tratamento que ultrapasse os limites que separam essas áreas. Também diz respeito à dimensão humana e social do conhecimento a trajetória de construção das linguagens, da matemática e das ciências ao longo da história.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

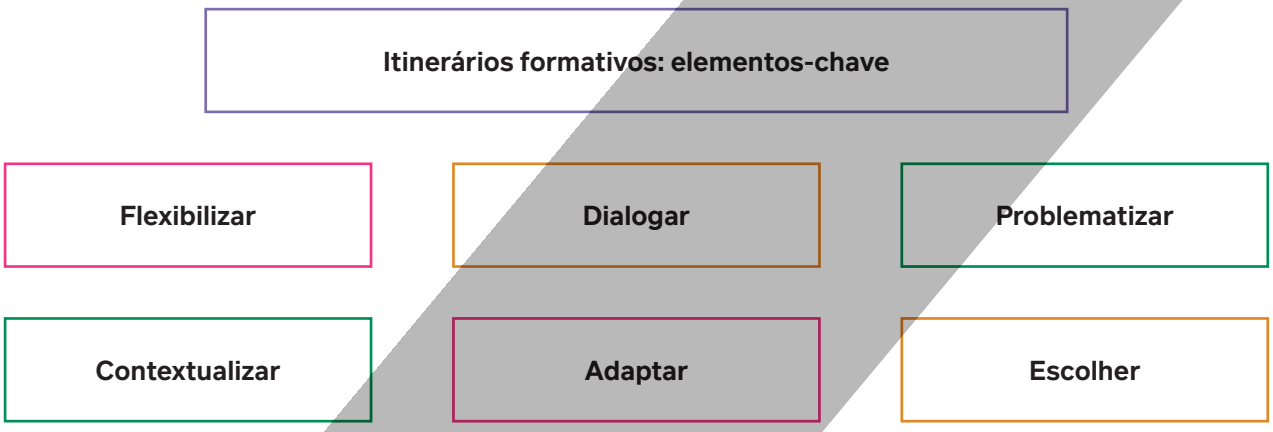
Todas essas trajetórias trazem, portanto, uma implicação teórico-metodológica fundamental: perceber características e comportamentos dos objetos de estudo a serem trabalhados nas aprendizagens. O diálogo entre as diferentes áreas também se justifica pela necessidade de se compreender um mundo em que todas as suas dimensões existenciais cada vez mais se interpenetram, a ponto de não ser mais possível, sob pena de se construírem simplificações frágeis, abordar os principais desafios da contemporaneidade sem essa dimensão interdisciplinar.

Além disso, ao dialogar com a realidade e procurar responder aos desafios de sua comunidade, da cidadania ou do mundo do trabalho, os jovens enfrentarão problemas que não se restringem às fronteiras do conhecimento. Questões sociais, naturais, matemáticas ou de linguagens se apresentam conectadas quando o espaço de construção do conhecimento é o mundo em que o jovem atua – e não somente os conteúdos de uma atividade escolar.

Os itinerários formativos

O currículo apresenta-se como o conjunto organizado de saberes que revela intencionalidades e formas de intervenção na vida humana. Ao se apresentarem sequências didáticas e formas de organização de conceitos e temas, se explicitam determinadas narrativas sobre a própria existência.

Nesse sentido, as organizações curriculares têm um caráter narrativo, já que pressupõem um percurso a ser seguido ao longo de um processo formativo. Com a BNCC, abre-se a possibilidade de definir essas narrativas como parte da formação dos jovens, de maneira que professores e estudantes sejam sujeitos ativos na construção do currículo. O instrumento para organizar essas narrativas são os **itinerários formativos**.



Nessa nova concepção, as delimitações dos diversos campos dão lugar a uma porosidade dos saberes, para que os jovens se apropriem do conhecimento acadêmico e científico que é sistematizado pela escola.

A coleção propõe subsídios temáticos que favoreçam a constituição de percursos narrativos voltados para a formação complexa dos estudantes, tendo em vista os desafios enfrentados pelos [illegible] contemporâneos. Além disso, privilegia uma concepção de itinerário formativo [illegible] ideia de que a formação passa pela problematização dos temas a serem trabalhados, possibilitando a oportunidade de os estudantes se aproximarem dos conteúdos, valorizando opiniões, questionamentos e possibilidades iniciais de reflexão. Além disso, os diálogos interdisciplinares permitem ampliar conhecimentos pela leitura e análise de textos em diferentes gêneros textuais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesse novo modelo, a definição dos itinerários formativos se torna parte do projeto da escola. Nessas escolhas, é importante considerar os papéis sociais dos jovens para além de sua condição de estudantes, considerando a construção das identidades bem como a definição de seus projetos de vida, que vão muito além dos papéis colocados na relação com a escola.

Nesse sentido, é necessário que sejam garantidas condições para que possam refletir e dialogar sobre suas experiências individuais na relação com as aprendizagens. Ao dialogarem sobre as narrativas curriculares, os jovens devem ser instigados a valorizar o conhecimento e a confiar em sua capacidade de atingir seus objetivos de aprendizagem. Nesse ponto, é importante ter em mente a abertura às culturas juvenis e ao mundo digital que fazem parte do mundo contemporâneo.

A OBRA E A BNCC

A Base Nacional Comum Curricular estabelece as aprendizagens essenciais a todos os estudantes da Educação Básica. Como se trata de um documento de caráter normativo, suas proposições devem nortear a elaboração ou adequação dos currículos de todas as instituições escolares do Brasil.

> Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.
> Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018a, p. 8).

Alinhada a essas diretrizes, a coleção apresenta as características a seguir.

- **Organização por competências e habilidades:** a coleção está pautada no desenvolvimento das competências gerais e específicas da BNCC, em que as habilidades são desenvolvidas por meio dos eixos norteadores de cada volume.
- **Protagonismo do estudante:** do ponto de vista metodológico, a coleção privilegia a ação do estudante como princípio fundamental da tarefa cognitiva. A aprendizagem individualizada é respeitada e levada em consideração por meio da proposição de diferentes abordagens e experiências. Embora a construção do conhecimento seja uma experiência pessoal e intransferível, o processo é social e interativo. Portanto, as metodologias visam privilegiar a aprendizagem colaborativa, valorizando o trabalho em grupo, o respeito às opiniões, a cooperação e a convivência harmônica necessárias dentro e fora da escola.
- **Estrutura curricular interdisciplinar:** com base nos conceitos adquiridos, o estudante terá condições de estabelecer interrelações entre as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as demais áreas do conhecimento, além de atuar na realidade. O que denominamos "interdisciplinaridade" é, ao mesmo tempo, causa e efeito do processo curricular.
- **Contextualidade**: os objetos de estudo são abordados de forma contextualizada e vinculados ao cotidiano dos jovens. Para cada temática abordada, há uma problematização desencadeando o processo de contextualização, o questionamento e a motivação.
- **Relevância:** a temática tem um significado relevante para a formação do educando, que se se vê implicado nas questões referentes ao lugar em que vive e ao mundo na contemporaneidade.
- **Não seriação:** a distribuição não seriada dos conteúdos permite o desenvolvimento das competências e habilidades na forma de espiral, em consonância com o desenvolvimento global do educando.
- **Aplicação:** o currículo é desenvolvido visando à construção de conhecimentos por meio dos quais os jovens interpretam distintas situações do cotidiano e as aplicam na prática, no presente e no futuro. É fundamental que o estudante possa visualizar a aplicação

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

dos novos conhecimentos sob pena de perder o interesse pela matéria e de, consequentemente, comprometer a evolução do aprendizado.

- **Valorização e mobilização dos conhecimentos prévios:** considerando a bagagem do estudante, exploram-se os conceitos já internalizados por ele relacionados à temática que será abordada. Para isso, há propostas frequentes de formulação e comprovação de hipóteses que explicitam suas representações acerca dos temas de estudo a fim de fornecer referenciais para a mediação pedagógica do professor ao planejar, propor, realizar atividades, agrupamentos e intervenções, visando à ampliação do repertório cognitivo e conceitual do estudante.
- **Produção do conhecimento:** ocorre pelo confronto direto do estudante com a temática a ser estudada. Essa interação é desenvolvida por meio de uma linguagem científica clara e acessível, mediada pelo professor e facilitada por todos os recursos didáticos desta coleção.
- **Avaliação contínua:** a eficácia do processo pedagógico é medida pela capacidade de produção do estudante. Ela é o critério mais seguro e fundamental da avaliação. Por meio de competências, habilidades, procedimentos, atitudes e valores adquiridos, o estudante terá condições de interferir na transformação da realidade.

Competências gerais

Competências gerais da Educação Básica
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competências específicas e habilidades
Competência específica 1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
O que se pretende nessa competência é desenvolver a capacidade dos estudantes de utilizar métodos, elaborar hipóteses, compor argumentos, sistematizar dados, entre outros procedimentos relacionados à construção do conhecimento. Além disso, trata-se de formar uma visão crítica a respeito da própria ciência, tal como se constituiu historicamente, por meio de conceitos dicotômicos como modernidade/atraso, Ocidente/Oriente, civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo etc. Também faz parte das habilidades relacionadas a essa competência a análise de fontes de diversas naturezas, incluindo textos, obras de arte, mapas, vestígios da cultura material e imaterial etc. O foco dessa competência incide também no processo de tratamento da informação, mediante várias ações cognitivas que incluem a busca e levantamento de fontes de conhecimento para a abordagem de uma temática, a utilização dessas fontes e determinados contextos de aplicabilidade, bem como a análise e interpretação de dados extraídos das fontes.
EM13CHS101 Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
EM13CHS102 Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
EM13CHS103 Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
EM13CHS105 Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
EM13CHS106 [illegible] gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação [illegible] crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
Trata-se de desenvolver a capacidade de comparar e avaliar a ocupação do espaço e a formação das fronteiras, com atenção aos agentes que levam às transformações nas diversas realidades (rurais, urbanas, de zonas limítrofes etc.). Para isso, será preciso trabalhar as diferentes formas de negociações e conflitos, de igualdades e desigualdades e de inclusão e exclusão na produção do espaço. O raciocínio geográfico e estratégico e os conceitos históricos, econômicos, sociológicos e políticos devem ser trabalhados para uma compreensão complexa do território. Entre as habilidades relacionadas a essa competência também estão incluídas a de analisar dinâmicas de mobilidade de pessoas, de mercadorias e de capital, e transformações tecnológicas relacionadas ao território e ao poder que se exerce sobre ele, e a de contextualizar visões dualistas a respeito do território (como aquelas entre cidade e campo e entre nomadismo e sedentarismo).
EM13CHS201 Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
EM13CHS202 Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas e habilidades

EM13CHS203 Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

EM13CHS204 Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

EM13CHS205 Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

EM13CHS206 Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Competência específica 3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

O objetivo dessa competência é capacitar os estudantes a analisar como diferentes grupos, povos e sociedades pensam de maneira distinta os territórios. Para tanto, deverão ser consideradas suas múltiplas formas de apropriação da natureza, de organização social e política, de estabelecimento de relações de trabalho e de troca, bem como de sua cultura e linguagens. Também devem ser considerados os objetos advindos da indústria cultural, incluindo os instrumentos e as práticas próprias da publicidade e da propaganda, que atravessam a cultura contemporânea e, em particular, as culturas juvenis.
Essa competência relaciona-se com as habilidades de problematização dos hábitos socioambientais, com destaque para o combate à poluição e ao consumismo e para a análise crítica das cadeias produtivas e do papel de diferentes agentes relacionados a essas questões. Por fim, trata-se também de comparar e avaliar modelos, de forma a promover uma relação sustentável com o planeta.

EM13CHS301 Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

EM13CHS302 Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

EM13CHS303 Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

EM13CHS304 Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, [illegible] econômicas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS305 Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

EM13CHS306 Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Competência específica 4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

O objetivo dessa competência é que os estudantes compreendam os múltiplos significados do trabalho, da estratificação social e da participação política nos diversos contextos culturais e sociais. Para isso, eles devem analisar contextualmente indicadores como os de emprego e renda, as relações entre transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e as formas de trabalho nos diferentes tempos e espaços.
Também é dada ênfase aos papéis que os seres humanos tiveram na manutenção ou resistência a determinadas formas de exploração do trabalho, bem como na proposição de alternativas aos padrões de produção vigentes em diferentes contextos espaciais, temporais e sociais.
Outro aspecto importante é a reflexão ética sobre os sentidos do trabalho em diferentes sociedades e na contemporaneidade.

EM13CHS401 Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

EM13CHS402 Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

Competências específicas e habilidades
EM13CHS403 Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
EM13CHS404 Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Para a promoção de princípios éticos, democráticos e de respeito aos direitos humanos, é preciso formar os estudantes para compreender os contextos culturais nos quais eles foram construídos. Além disso, faz-se necessária uma abordagem com base na vida cotidiana dos estudantes, na qual eles poderão desnaturalizar condutas, costumes, desigualdades, preconceitos e as diversas formas de discriminação. Essa problematização se estende desde o contexto imediato dos estudantes até as políticas públicas de âmbito nacional e internacional. Fazem parte também das habilidades relativas a essa competência a identificação de formas de violência (física, simbólica e psicológica, por exemplo) no sentido de combatê-las, assim como a análise dos novos impasses éticos colocados pelas rápidas transformações no mundo contemporâneo.
EM13CHS501 Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504 Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
Competência específica 6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
Essa competência está voltada para o cumprimento de deveres pautados por princípios constitucionais da liberdade de expressão e do respeito aos direitos humanos, que demandam o estímulo à participação responsável e crítica na vida pública. Além disso, trata-se de formar os jovens para o respeito ao livre debate de ideias, para a autonomia de pensamento e para a construção de uma visão crítica da realidade. As habilidades relacionadas a essa competência enfocam ainda identificação e análise das demandas e dos protagonismos de povos indígenas, populações afrodescendentes, incluindo os quilombolas, e populações migrantes e refugiadas, considerando a dimensão histórica desses processos de inclusão pelo desenvolvimento das relações étnico-raciais brasileiras.
EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.
EM13CHS603 Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).
EM13CHS604 Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.
EM13CHS605 Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
EM13CHS606 Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A PROPOSTA DA COLEÇÃO

Livro do Estudante

Estrutura da obra e recursos

UNIDADE 1

A abertura da unidade é formada por duas páginas duplas. As duas primeiras páginas trazem uma proposta de sensibilização por meio da observação e da leitura da imagem, além da questão problematizadora – que tem por objetivo instigar e provocar os alunos a se debruçar e pesquisar, de forma investigativa, os assuntos necessários à compreensão dessa questão – e um quadro com perguntas norteadoras para a discussão do tema proposto.

As duas páginas seguintes contextualizam a situação-problema e a colocam em diálogo tanto com o tema do volume quanto com os percursos que vêm a seguir. Além disso, destaca-se o quadro **Na BNCC**, que identifica as competências e habilidades da BNCC a serem desenvolvidas na unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Cada unidade tem dois percursos complementares, em que são desenvolvidos os conteúdos relacionados à problematização inicial, com textos, imagens, mapas, gráficos, obras de arte, atividades em diferentes formatos e abordagens, além das seções e dos elementos a seguir.

GLOSSÁRIO

Boxe que traz o significado de algumas palavras e expressões relevantes para a compreensão do texto, com o objetivo de ampliar o vocabulário do estudante.

Análise

Essa seção promove análises de documentos diversos (mapas, textos, imagens, gráficos, entre outros) para ampliar as formas de tratamento do tema e subsidiar distintas abordagens e interpretações.

Vozes

Nessa seção, o estudante encontra o perfil de atores sociais cuja trajetória e importância estão diretamente relacionadas ao tema trabalhado.

Boxe Conhecimentos prévios

Violência simbólica: caracteriza-se pelos mecanismos sutis que emprega e por contar com a cumplicidade de quem sofre a violência e de quem a pratica, muitas vezes sem terem a real consciência disso no processo.

Quadro com contextualização ou definição que retoma um conhecimento importante para compreender o conteúdo que está sendo desenvolvido.

Boxe Destaque

A manipulação do fogo foi uma das tecnologias fundamentais para a constituição da humanidade e um dos grandes passos rumo ao topo da cadeia alimentar. As técnicas de cozimento de alimentos duros, como grãos, a esterilização de germes e parasitas e a proteção contra outros animais foram a base do que se tornou o ápice do conhecimento técnico de nossa civilização.

Quadro que reforça um conteúdo importante para o entendimento e desenvolvimento do assunto tratado.

Prática de pesquisa

Proposta de um projeto de pesquisa científica por meio de metodologias ativas, em que os estudantes desenvolvem o protagonismo e a atitude investigativa.

#Ficaadica

Referências complementares para pesquisa ou consulta, assim como indicações de *sites*, vídeos, livros, entre outros, para ampliar o repertório do estudante.

Atividades

No fim de cada percurso há duas páginas de atividades de reflexão e de sistematização, a respeito do conteúdo estudado.

Questões de Enem e vestibulares

No fim de cada volume há uma seção de atividades do Enem e de vestibulares de acordo com os conteúdos apresentados ao longo das unidades. A indicação das alternativas corretas e comentadas estão no Manual do Professor específico.

Manual do Professor específico

Você encontrará em cada volume desta coleção um Manual do Professor específico, com subsídios importantes para ajudá-lo a:

- estruturar e montar o planejamento;
- desenvolver o programa curricular;
- promover atividades individuais e em grupo, com orientações de gestão de sala de aula, suporte metodológico e recomendações para o fazer pedagógico;
- aplicar atividades e avaliações, com orientações e respostas esperadas para as atividades propostas e gabarito comentado das questões de Enem e vestibulares.

Por meio do manual específico, você poderá ter clareza dos objetivos e justificativas para o trabalho a ser realizado em cada unidade, encontrando explicações detalhadas de como são desenvolvidas as competências gerais, as competências específicas e as habilidades da BNCC. Além disso, terá acesso a uma tabela de assuntos tratados em cada percurso, para se programar e construir o caminho que trilhará em sala de aula. O Manual do Professor específico também apresenta uma oferta diversificada de referencial teórico para consulta e aprofundamento nos temas trabalhados em cada unidade e uma apresentação gráfica convidativa para garantir uma consulta fácil e ágil em sala de aula e nos momentos de planejamento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Videotutorial

A obra é acompanhada de um videotutorial, em que são apresentados os objetivos e a estrutura dos seis volumes, oferecendo subsídios para o planejamento, a preparação e a condução das 18 unidades dentro e fora da sala de aula.

O videotutorial elucida como trabalhar cada unidade, dando informações e sugestões de abordagens dos temas que vão além do Manual do Professor. O vídeo, por se tratar de outra linguagem, também pode apresentar alguns recursos de forma mais clara e acessível.

Cronograma

A coleção foi concebida de modo a oferecer diferentes configurações de utilização durante o ano letivo e ao longo dos três anos do Ensino Médio.

Os volumes não são seriados, podendo ser utilizados livremente por estudantes e professores de todas as séries do Ensino Médio, a critério dos professores da área e em apoio ao currículo da escola.

Apresentamos as possibilidades de planejamento do curso ao longo de um ano, por meio do cronograma a seguir.

Divisão anual do curso	Utilização por unidades	Utilização por percursos	Práticas de pesquisa (uma por mês)
Bimestral	1 unidade + 1 percurso independente	3 percursos	2 práticas
Trimestral	2 unidades	4 percursos	3 práticas
Semestral	3 unidades	6 percursos	6 práticas

Quadro de conteúdos

Em consonância com a organização dos conteúdos por áreas do conhecimento, os seis volumes da coleção não têm caráter sequencial e são autocontidos. Sua divisão é temática, de maneira que todas as unidades podem dialogar entre si, independentemente do volume em que estão inseridas.

A seguir, você encontra uma breve descrição de cada unidade. As informações detalhadas estão disponíveis no Manual do Professor específico.

Unidade 1 **Que brasis formam o Brasil?**	**Objetivos** • Identificar diferentes características territoriais e socioculturais do Brasil e suas especificidades no contexto global. • Relacionar a formação da sociedade brasileira com as [illegible] paisagens. • Investigar as diversas tradições culturais e práticas de [illegible] socioambiental brasileira.	**Competências gerais:** 1, 2 e 7 **Competências específicas:** 1, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS601
Unidade 2 **O que é ser civilizado?**	**Objetivos** • Definir paisagem e civilização considerando o desenvolvimento histórico de diferentes sociedades. • Relacionar aspectos naturais e culturais na transformação das paisagens e seus impactos para a sociedade.	**Competências gerais:** 1, 2 e 9 **Competências específicas:** 1, 2 e 5 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS206 e EM13CHS502
Unidade 3 **O Estado me controla?**	**Objetivos** • Definir Estado considerando seu desenvolvimento histórico e o impacto na organização espacial e política das sociedades. • Comparar os papéis do desenvolvimento tecnológico e científico em diferentes contextos e situações. • Relacionar o papel do Estado à implementação de distintos modelos de desenvolvimento científico e tecnológico.	**Competências gerais:** 1, 4, 6, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS304, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS504 e EM13CHS603

Unidade 1 **Os direitos do trabalhador são respeitados?**	**Objetivos** • Definir Revolução Industrial e dividi-la em fases. • Reconhecer impactos da Revolução Industrial nas transformações sociais e das paisagens. • Considerar a Revolução Industrial como um dos paradigmas de construção da ideia de contemporaneidade.	**Competências gerais:** 2, 3, 4 e 5 **Competências específicas:** 2, 3, 4 e 5 **Habilidades:** EM13CHS202, EM13CHS306, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 2 **O trabalho se modifica no tempo e no espaço?**	**Objetivos** • Definir trabalho tendo em vista suas características específicas. • Relacionar trabalho e transformações das paisagens. • Reconhecer distintas formas econômicas e sociais de organização. • Comparar formas capitalistas e não capitalistas de trabalho tendo em vista seus contextos históricos e sociológicos.	**Competências gerais:** 2, 6, 8 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 4 e 5 **Habilidades:** EM13CHS103, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS503 e EM13CHS504
Unidade 3 **Por que trabalhamos?**	**Objetivos** • Descrever processos sociológicos de exploração do trabalho. • Interpretar dados e processos relacionados à organização e à exploração do trabalho. • Analisar processos de exploração do trabalho tendo em vista aspectos filosóficos e sociológicos específicos.	**Competências gerais:** 1, 2 e 6 **Competências específicas:** 1, 4 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404 e EM13CHS606

Unidade 1 **O que é ser capitalista?**	**Objetivos** • Identificar e reconhecer processos vinculados ao surgimento e desenvolvimento das sociedades capitalistas e dos Estados. • Analisar criticamente a expansão marítima e colonial europeia. • Posicionar-se de maneira ética diante de desafios contemporâneos.	**Competências gerais:** 1, 2, 6 e 10 **Competências específicas:** 1, 2 e 4 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS201, EM13CHS204 e EM13CHS401
Unidade 2 **A memória resiste à dominação?**	**Objetivos** • Descrever os processos políticos e econômicos do imperialismo em conexão com a história das relações raciais e do racismo. • Investigar o impacto do imperialismo europeu sobre a organização geopolítica da África, da Ásia, da Oceania e da América. • Refletir sobre as sociedades e identidades que convivem no continente americano.	**Competências gerais:** 1, 3, 4, 7 e 9 **Competências específicas:** 1, 2, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS503, EM13CHS601, EM13CHS603 e EM13CHS605
Unidade 3 **Em que mundo queremos viver?**	**Objetivos** • Conhecer as guerras mundiais e o nazifascismo e analisar as estratégias geopolíticas nesses eventos. • Relacionar a Guerra Fria aos interesses geopolíticos por meio da análise de alguns de seus principais conflitos. • Analisar criticamente a globalização e as ameaças à paz mundial. • Descrever processos de uso da mídia e das redes sociais [illegible] lógicos e refletir eticamente sobre eles.	**Competências gerais:** 1, 5, 8 e 9 **Competências específicas:** 1, 2, 4 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS403, EM13CHS603 e EM13CHS604

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 1 **De onde vem a fome?**	**Objetivos** • Relacionar a fome com as questões agrárias no Brasil. • Identificar os arranjos territoriais brasileiros e sua relação com a economia agroindustrial brasileira. • Compreender a dinâmica dos problemas ambientais no campo e suas alternativas sustentáveis.	**Competências gerais:** 1, 2, 6, 7, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS202, EM13CHS206, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS303, EM13CHS304, EM13CHS306, EM13CHS601 e EM13CHS606
Unidade 2 **Somos uma democracia?**	**Objetivos** • Compreender a história da emancipação política do Brasil. • Conhecer o processo de formação do Estado brasileiro. • Relacionar a democracia com o exercício pleno da cidadania.	**Competências gerais:** 1, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS205, EM13CHS602, EM13CHS603 e EM13CHS606
Unidade 3 **Um mundo melhor é possível?**	**Objetivos** • Compreender a relação entre geopolítica e meio ambiente. • Conhecer a história das questões ambientais no Brasil. • Compreender o que é violência, sua gênese e suas marcas na sociedade brasileira. • Propor meios de combate à violência no cotidiano.	**Competências gerais:** 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS305, EM13CHS503, EM13CHS602 e EM13CHS606

Unidade 1 **Você é um cidadão global?**	**Objetivos** • Reconhecer os principais conflitos do mundo contemporâneo e relacioná-los a um contexto mais amplo. • Conhecer a função e a atuação de organismos internacionais, alianças geopolíticas, ONGs, entre outros, na política internacional. • Avaliar os impactos éticos decorrentes dos conflitos contemporâneos na organização dos espaços e das sociedades atuais, elaborando o conceito de cidadania global. • Compreender as crises humanitárias e os deslocamentos populacionais de uma perspectiva crítica e ética.	**Competências gerais:** 1, 2, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS305, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS603, EM13CHS604 e EM13CHS605
Unidade 2 **Política para quê?**	**Objetivos** • Reconhecer o processo histórico de formação política do Brasil pós-ditadura tendo em vista seus contextos específicos. • Relacionar as características do desenvolvimento político brasileiro contemporâneo às transformações sócio-espaciais mais recentes. • Avaliar o papel das recentes decisões políticas brasileiras na organização dos espaços e das sociedades atuais.	**Competências gerais:** 1, 2, 5 e 7 **Competências específicas:** 2, 3, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS203, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS304, EM13CHS403, EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS602
Unidade 3 **Por que direitos humanos?**	**Objetivos** • Valorizar os direitos humanos, conhecendo seus fundamentos históricos, filosóficos e sociais. • Analisar os desafios colocados para a defesa da dignidade humana nos contextos brasileiro e mundial contemporâneos. • Compreender a linguagem artística como expressão humana. • Identificar e problematizar diferentes movimentos artísticos, conhecendo seus contextos e formulações estéticas e políticas.	**Competências gerais:** 1, 3, 4, 7 e 8 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS205, EM13CHS303, EM13CHS502 e EM13CHS605

Unidade 1 **Existe a verdade?**	**Objetivos** • Definir ética, tendo em vista seus diversos pressupostos. • Conhecer diferentes concepções a respeito da verdade. • Conhecer e valorizar o conhecimento científico. • Observar a importância da ciência para a sociedade.	**Competências gerais:** 1, 2, 5 e 7 **Competências específicas:** 1, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS403, EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS605
Unidade 2 **Eu consigo conviver com o diferente?**	**Objetivos** • Elaborar os conceitos de identidade, diferença, diversidade e pluralidade. • Reconhecer diversas formas de discriminação e de intolerância. • Compreender eticamente, historicamente e sociologicamente o problema do racismo no Brasil. • Analisar o direito à cidade e as dificuldades para sua plena realização. • Avaliar criticamente o pensamento dualista.	**Competências gerais:** 1, 7 e 8 **Competências específicas:** 1, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS601 e EM13CHS605
Unidade 3 **O desenvolvimento sustentável é possível?**	**Objetivos** • Compreender o conceito de antropoceno. • Relacionar os problemas ambientais globais com o sistema hegemônico e de produção mundial. • Identificar o papel dos organismos internacionais e da sociedade civil na preservação do meio ambiente. • Identificar alternativas sustentáveis na relação com a natureza dos povos tradicionais. • Caracterizar os domínios morfoclimáticos brasileiros.	**Competências gerais:** 1, 2, 7, 8, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS304, EM13CHS305, EM13CHS306 e EM13CHS601

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

COMO AVALIAR?

Avaliar e autoavaliar o trabalho é um procedimento útil e necessário na atividade educativa. Reler, revisar e refazer as tarefas ajuda o estudante e o professor a compreender o que foi aprendido e o que precisa ser melhorado. Entendemos, assim, que a avaliação escolar é um processo contínuo.

Nesta coleção, o foco da avaliação do estudante é o aprimoramento de suas competências e habilidades. Por isso, é necessário que ela seja processual e contínua, privilegiando o caráter diagnóstico, a fim de adotar medidas necessárias para a eficácia da aprendizagem. Considerando que a "avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu consequente projeto de ensino" (LUCKESI, 1996, p. 71), entende-se que a avaliação não tem uma finalidade em si mas subsidia ações que visam construir um resultado previamente definido. Dessa forma, sua dimensão de análise é o desempenho do estudante, do professor e de toda a situação de ensino que se realiza no contexto escolar.

É necessário compreender o significado da avaliação como relação dialógica na construção do conhecimento, valorizando o papel mediador do professor, que deve estar consciente de como se processa sua prática avaliativa.

O aprimoramento e a sistematização dos conhecimentos sobre o desenvolvimento do estudante são imprescindíveis ao professor que atua no Ensino Médio. Esses conhecimentos vão habilitá-lo a refinar a capacidade de observação e reconhecimento dos hábitos, desejos, medos, competências, criatividade, formas de relacionamento e dificuldades do jovem.

Como o ensino-aprendizagem é um processo que provoca modificações tanto no estudante como no professor, a avaliação deve ser feita para acompanhar e revelar o crescimento cognitivo dos jovens, em um contexto abrangente, não se restringindo às medições estritamente quantitativas da aquisição de conhecimento. A prática avaliativa deve atuar como estimuladora da autonomia e como fonte de reflexão sobre os caminhos percorridos, podendo, dessa maneira, contribuir para o pleno desenvolvimento social, ético e intelectual do jovem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A avaliação, muitas vezes, exige uma mudança de postura, uma quebra de paradigmas, no sentido de descrever uma atitude voltada para o diálogo, não apenas como um momento de conversa mas também como uma relação de troca que considera o conhecimento como a apropriação do saber tanto pelo estudante como pelo professor, resultando num conhecimento aprimorado e carregado de significados.

Uma vez entendido como um recurso de aprimoramento de indivíduos, o processo avaliativo deixa de ser imposição e passa a ser um ato partilhado e construtivo. Ele deverá ser contínuo, sistemático e cumulativo ao longo do período letivo, de acordo com os objetivos relacionados aos diversos conteúdos. É importante que a avaliação seja feita por meio de indicadores qualitativos, que em geral exigem mais atenção do professor por estarem relacionados a processos e situações de sala de aula que não são facilmente mensuráveis.

Ao avaliar, você não pode perder de vista as interações do jovem com o meio, com os colegas e com os adultos, nem as crenças e os valores que ele traz do grupo social em que está inserido. Essa percepção deve permear sua prática educativa, ajudando a dar sentido à aprendizagem.

As atividades em grupo propostas na coleção constituem ótimas oportunidades para a avaliação. Bem-sucedidas, elas podem criar nos estudantes um sentimento de pertencimento e de realização, e desenvolvem o espírito do trabalho em equipe, de cooperação. Dessa maneira, é possível observar e avaliar o desenvolvimento de capacidades não só intelectuais mas também afetivas, motoras, de inserção social, interação pessoal, liderança, ética e estética.

As atividades individuais, como registros relativos ao processo de aprendizagem, devem ter um enfoque regulador da avaliação, uma vez que explicitam os processos em desenvolvimento, possibilitando o acompanhamento das aquisições e necessidades de cada estudante.

As avaliações externas, por meio de testes padronizados, visam ao monitoramento da educação e são focadas no que diz respeito ao controle dos resultados. Para tanto, a escola é obrigada a repensar suas práticas pedagógicas, o currículo e seus instrumentos de avaliação, entre outros pontos, uma vez que é a todo momento pressionada a desenvolver atividades que possam ir ao encontro da necessidade dos estudantes de apresentar bons resultados nas avaliações em larga escala. Entretanto, pautada pela imposição constante de melhores resultados e da competitividade, interfere de modo direto no movimento interior da escola.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Contudo, as escolas devem conciliar instrumentos diversificados em seus modelos avaliativos, para garantir uma avaliação que possa atingir seu objetivo principal: possibilitar que os alunos tenham materializado o direito de conhecer e interpretar o mundo que os cerca, dialogando com ele.

Enfim, a avaliação deve ser compreendida como um processo comprometido com a regulação e o acompanhamento do trabalho pedagógico, cujo objetivo é a garantia da aprendizagem de todos e de cada um.

Diversidade de formas e de instrumentos de avaliação

Os instrumentos de avaliação, de acordo com as atividades, devem ser, na medida do possível, bem diversificados. Além da tradicional prova escrita, outras formas mais interessantes e eficazes são propostas: pesquisas, estudo dirigido, desenvolvimento de projetos, apresentação de trabalhos, produção de textos, criações artísticas, realização de experimentos, entrevistas, seminários, elaboração de mapas, projeção de simulações, montagem de gráficos, participação em debates, solução de problemas, campanhas comunitárias, ajuda aos colegas e apresentação de propostas.

A avaliação deve ser inspirada em uma pedagogia da produtividade e consequente prazer de aprender e ensinar, fatores relevantes de autoestima. Afinal, é necessário gerar no estudante uma sensação de crescimento e de valor pessoal.

No final do programa curricular, uma avaliação global do desenvolvimento dos estudantes, levando-se em conta todos os objetivos para o período, pode subsidiar o planejamento da continuidade dos trabalhos no próximo ciclo, ao mesmo tempo que oferece aos estudantes e familiares uma síntese dos progressos individuais alcançados. Essa avaliação global deve ser constituída de uma análise criteriosa do processo vivenciado pelo estudante durante o ano, de forma individual e em relação ao convívio coletivo, com base nos registros e nos diversos instrumentos utilizados.

Avaliar e ser avaliado a todo o momento é um componente social de todas as relações. Na escola não pode ser diferente, pois a avaliação desempenha papel capital, constituindo-se ponto nevrálgico do processo pedagógico.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

ALMEIDA, Fernando José de; FRANCO, Monica Gardelli. *Avaliação para a aprendizagem:* o processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos. São Paulo: Ática, 2008. (Série Educação em ação).

Nesse livro, a teoria e a prática sobre avaliação para a aprendizagem são combinadas. Do ponto de vista teórico, a obra reflete por que se avalia, quais as condições necessárias para uma boa avaliação e o que é a avaliação eficaz. No campo da prática, orienta no direcionamento do trabalho desenvolvido em sala para que a avaliação seja, efetivamente, um instrumento pedagógico voltado à aprendizagem.

ANDRÉ, Claudio F. O pensamento computacional como estratégia de aprendizagem, autoria digital e construção da cidadania. *TECCOGS*, São Paulo, n. 18, p. 94-109, jul./dez. 2018.

Artigo que permite conhecer melhor as potencialidades do pensamento computacional na educação, abordando conceitos e formas de aprendizagem que podem ser desenvolvidos nesse campo.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico:* contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Obra que discute como se constrói o conhecimento científico e a forma de pensar questionadora que caracteriza essa construção. Aborda o aprendizado da ciência tanto do ponto de vista de sua epistemologia quanto em suas dimensões psicológica e pedagógica.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Nesse livro, [illegible], o teórico da cultura desenvolve sua concepção dialógica da linguagem, por meio da análise de textos literários, com atenção às inter-relações entre seus múltiplos sujeitos.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude:* conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Livro composto por 20 capítulos com temas diversos, fruto do diálogo entre o sociólogo Zygmunt Bauman e o editor Riccardo Mazzeo. O livro aborda o papel da educação na sociedade contemporânea, com reflexões que envolvem a indústria cultural, o consumismo e outras questões contemporâneas ligadas às experiências das juventudes.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Esse livro aborda os principais conceitos e debates da sociologia contemporânea. Os autores analisam questões como a liberdade do indivíduo na sociedade, a formação das identidades e as relações de poder, buscando a construção de um olhar sociológico sobre a realidade.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

A BNCC é um documento com diretrizes e conteúdos para normatização do ensino nas escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Foi desenvolvida para orientar professores e coordenadores de escolas de Educação Básica. A BNCC do Ensino Médio deve ser adotada por todas as escolas até 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CNE/CEB nº 5, de 4 de maio de 2011*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&category_slug=maio-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 jun. 2020.

Documento oficial que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018*. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2018b. Disponível em: http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf. Acesso em: 8 jan. 2020.

Documento que apresenta as diretrizes curriculares para o ensino nas escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, elaborado para orientar professores e coordenadores. A BNCC do Ensino Médio deve ser universalmente adotada até 2022.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Mauricio Rodrigues de. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100214&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2020.

Artigo que discute conceitualmente os fenômenos relacionados à violência em contexto escolar conhecidos como *bullying*, chamando atenção para a necessidade de sua desnaturalização, em perspectiva crítica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

DONATONI, Alaíde Rita (org). *Avaliação escolar e formação de professores*. Campinas: Alinea, 2010.
Coletânea de textos que ajuda a relacionar a avaliação à formação de professores, com um olhar crítico sobre uma prática que ainda necessita ser atualizada em sala, sob o risco de prejudicar o processo de ensino e aprendizagem, em vez de promovê-lo.

ESTANISLAU, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo (org.) *Saúde mental na escola:* o que os educadores devem saber. São Paulo: Artmed, 2014.
Esse livro, em que são abordadas questões sobre a saúde mental de crianças e adolescentes, está repleto de dicas e exemplos que auxiliarão os profissionais da educação na compreensão de questões de saúde mental na escola e em como lidar com elas.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade:* história, teoria, pesquisa. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005.
A autora busca organizar estudos acerca da interdisciplinaridade desenvolvidos desde a década de 1970, com o intuito de corroborar com a produção de saberes novos/velhos na área da educação.

FERNANDES, Claudia de Oliveira (org). *Avaliação das aprendizagens:* sua relação com o papel social da escola. São Paulo: Cortez, 2014.
Na sociedade contemporânea, a visão dos processos avaliativos ainda está apoiada em concepções quantitativas e conteudistas. Para avançar nessa questão, a obra questiona e desafia os professores da Educação Básica a repensar suas práticas.

FONT, Joan N.; RUFÍ, Joan V. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2006.
Utilizando os instrumentos que a nova Geografia Política oferece, os autores analisam temas essenciais da Geografia contemporânea e o fenômeno da globalização.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
Livro clássico sobre a dimensão cultural da colonização europeia e da criação de sociedades mestiças no Novo Mundo. A obra analisa a trajetória colonial do México e permite refletir conceitualmente sobre as relações de poder no contato entre diferentes culturas.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
Coletânea de artigos na qual o historiador reflete sobre diversas questões relacionadas às tarefas de escrever e ensinar a história. Dentre os temas abordados estão a memória coletiva, as identidades e as relações de poder.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação:* mito & desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1990.
A autora apresenta a sua teoria de avaliação mediadora e desafia o mito da avaliação classificatória. Assim, ajuda a ressignificar essa prática como acompanhamento da construção do conhecimento dos estudantes. Para isso, apresenta exemplos de situações vividas nas escolas.

KELLAGHAN, Thomas; GREANEY, Vincent. *Uso dos resultados da avaliação do aproveitamento escolar*. Rio de Janeiro: Campus, 2009. v. 5.
Como transformar as conclusões extraídas das avaliações de aproveitamento escolar em políticas e práticas educacionais satisfatórias para o aprendizado dos alunos? Essa questão é o ponto de partida dos autores, que refletem sobre os subsídios que tornam uma avaliação eficaz.

KLEIMAN, Angela. *Leitura e interdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
Com o objetivo de apresentar propostas para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, o livro coloca como atividade central a leitura, acompanhada dos subsídios teóricos que a sustentam, dos modos de desenvolvê-la e de alguns exemplos.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-RJ, 2006.
Nessa obra, o historiador debate a formação de um tempo histórico específico da modernidade, que articula passado, presente e futuro com base na concepção de um tempo inédito. Entre as discussões mais importantes estão aquelas sobre a história do conceito de revolução e sobre as relações entre espaços de experiência e horizontes de expectativa.

LACOSTE, Yves. *A geografia:* isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1988.
Nessa obra clássica, o geógrafo faz uma contundente análise das relações de poder que são inseparáveis da formação e do desenvolvimento do campo disciplinar da Geografia. Seus questionamentos se dirigem às funções políticas e militares do conhecimento geográfico bem como à falta de debates epistemológicos que permitam a construção de uma geografia crítica.

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza:* como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.
O livro discute em termos epistemológicos e políticos os desafios colocados à ciência do século XXI em razão das crises ecológicas e das dificuldades na construção de sociedades democráticas, que demandam um novo entendimento sobre as relações entre seres humanos e natureza.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
O livro analisa as diversas epistemologias construídas sobre o corpo pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e pelas Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Dessa maneira, constrói um diálogo interdisciplinar que permite refletir sobre o corpo humano na interface entre o cultural (antropológico e sociológico) e o biológico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
O livro analisa em profundidade alguns conceitos fundamentais ligados à construção do conhecimento histórico. Além de conceitos como história, memória, decadência, calendário, também são investigadas algumas das polaridades que organizam o tempo histórico, como passado/presente, progresso/reação e documento/monumento.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar:* estudos e proposições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
O livro apresenta diversos estudos relacionados à avaliação da aprendizagem escolar e orienta sobre como torná-la um instrumento viável e construtivo. Uma obra direcionada a educadores e a estudantes de cursos de Pedagogia e licenciaturas.

MAGER, Robert F. *A formulação de objetivos de ensino*. Porto Alegre: Globo, 1976.
O autor defende, nesse livro, a ideia de que os problemas de desempenho escolar podem ser resolvidos, com frequência, se associarmos adequadamente às situações os conhecimentos científicos resultantes do estudo do comportamento humano.

MALAVASI, Maria Márcia Sigrist; FREITAS, Helena Costa Lopes de; SORDI, Mara Regina Lemas de. *Avaliação educacional:* caminhando pela contramão. São Paulo: Vozes, 2012.
Os processos de avaliação em três níveis são abordados pela obra: a avaliação de sistemas (ou de redes), a avaliação institucional e a avaliação do professor em sala de aula.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
A obra propõe uma mudança de paradigma na forma como construímos o conhecimento sobre o mundo. Trata-se de uma das referências mais importantes no debate contemporâneo sobre complexidade e interdisciplinaridade na construção do conhecimento, inclusive na educação escolar.

MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
Essa obra discute as perspectivas desoladoras da sociedade global do início do século XXI, buscando caminhos para enfrentar os grandes problemas atuais. Para tanto, o autor desenvolve os conceitos de sua proposta de reforma do pensamento, que parte do reconhecimento de seu caráter complexo e interdisciplinar.

NÓVOA, António (org.). *Avaliação em educação*: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1999.
António Nóvoa faz uma avaliação de seu percurso no campo da História da Educação e oferece pistas para analisar a escola contemporânea e o traçado por ela desenhado com vistas ao futuro.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.
O livro analisa a construção do discurso, tecendo reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. *A avaliação da aprendizagem na Escola da Ponte*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
Instituição pública de Portugal, a Escola da Ponte promove, desde 1976, uma forma de aprendizagem fundamentada na autonomia do estudante e na relação solidária com seus pares e comunidade. Nesse livro, o idealizador da Escola da Ponte compartilha seu pensamento sobre como se processa a avaliação e a sua influência na forma como a aprendizagem acontece.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação:* da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.
O autor mostra a complexidade do problema da avaliação, o qual se deve à diversidade das lógicas em questão, a seus antagonismos, ao fato de que a avaliação está no âmago das contradições do sistema educativo e, constantemente, na articulação da seleção, da formação, do reconhecimento e da negação das desigualdades.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
O livro é uma importante referência na educação por competências, concepção que tem sido adotada pelos sistemas de ensino no Brasil e no mundo. A interdisciplinaridade, as estruturas curriculares, entre outros temas são debatidos numa obra cujo eixo central é o desenvolvimento de competências como base de uma nova educação.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança:* metamorfose da ciência. Brasília: UnB, 1991.
Nessa obra, os autores propõem transformações no desenvolvimento da ciência no sentido da construção de paradigmas complexos e interdisciplinares.

PROST, Antoine. Os tempos da História. *In*: PROST, Antonie. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
O capítulo analisa a história do tempo como construção social, incluindo a trajetória dos calendários nas épocas antiga e medieval, bem como o surgimento de um conceito de tempo inédito, específico da modernidade. Discute ainda os procedimentos que os historiadores adotam para trabalhar com o tempo social.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
Nessa obra clássica, o antropólogo debate o conceito de cultura como simbolização, contrapondo-se às visões puramente utilitárias da dimensão cultural das práticas humanas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar? Como avaliar?:* critérios e instrumentos. Petrópolis: Vozes, 2014.
Quando o assunto é avaliação, a formação dos professores ainda não está sintonizada com as necessidades dos jovens, do dia a dia da escola e das questões que permeiam o século XXI. A obra ajuda a repensar práticas e a transformar a avaliação escolar numa ferramenta mais justa e criativa.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1994.
O livro discute os desafios colocados à sociedade contemporânea diante da crise da modernidade e de seus paradigmas. Entre os temas debatidos estão a consciência política, a ética, a educação e a utopia, os paradigmas da modernidade e a crise que caracteriza a pós-modernidade.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008.
Numa série de ensaios, o geógrafo discute conceitos e métodos para a compreensão da globalização e de suas dinâmicas. São abordadas as novas contradições na organização do território e as novas características da urbanização.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI:* no *loop* da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
No livro, o historiador analisa as rápidas transformações tecnológicas, culturais e sociais do mundo contemporâneo, abordando a passagem do século XX para o século XXI. Os novos desequilíbrios e conflitos globais, os impactos de tecnologias ligadas à revolução microeletrônica e as questões ambientais e éticas da sociedade contemporânea estão entre os temas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade:* uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
Livro que analisa a história das diferentes teorias a respeito do currículo escolar, refletindo sobre o saber, o poder e as identidades ao longo dessa trajetória.

STOPPINO, Mario. Poder. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: UnB, 1998.
Verbete sobre poder no mais renomado dicionário de política, elaborado por diversos autores, principalmente das áreas de Ciência Política e Filosofia. Assim como os demais verbetes, o conceito é discutido tanto em sua gênese histórica, quanto em sua pluralidade de usos e implicações nas teorias políticas contemporâneas.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
Reunião de alguns dos principais ensaios do psicólogo Lev Vygotsky. Sua psicologia do desenvolvimento analisa os processos cognitivos na construção do conhecimento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME

Este volume aborda as **relações de poder** e os **processos econômicos e políticos** que originaram o **mundo contemporâneo** desde os primeiros momentos da formação de economias capitalistas na Europa medieval até a crise global de nossa época. Ele contempla temas como a transição do feudalismo para o capitalismo, a formação dos Estados Modernos, a expansão comercial europeia, os processos de colonização e de independência de possessões europeias, a história das nações americanas, as guerras mundiais, a Guerra Fria, a dissolução da União Soviética, a globalização e o papel de organismos internacionais, de blocos econômicos e da mídia no mundo contemporâneo.

Objetivos

- Conhecer os processos de formação dos Estados e dos mercados nacionais por meio dos conflitos territoriais ao longo do tempo.
- Relacionar a formação dos Estados Nacionais à eclosão do capitalismo, à expansão colonial europeia e à construção do imperialismo político e econômico.
- Refletir sobre os impactos econômicos, ambientais e culturais da exploração imperialista em distintas regiões do globo.
- Compreender os grandes conflitos do século XX, incluindo as guerras mundiais e a Guerra Fria, com base na análise geopolítica das relações de poder internacionais.
- Conhecer os principais atores dos conflitos globais, como as potências geopolíticas, os organismos internacionais, os blocos econômicos e a mídia, e analisar seu papel no mundo contemporâneo.

Justificativa

Os embates políticos e econômicos travam na arena do capitalismo global impactam nossas vidas de muitas formas. Guerras, acordos econômicos, tratados militares, entre outros eventos protagonizados por economias hegemônicas e organismos internacionais, exigem um estudo cuidadoso. Numa sociedade global, esses eventos são determinantes em todas as esferas da vida, demandando a compreensão de conceitos como Estado, mercado, capitalismo, colonialismo, imperialismo, guerra, globalização e geopolítica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Alcançar os objetivos significa desenvolver uma compreensão integrada dos processos de formação do capitalismo, de construção dos Estados e do surgimento de um sistema político e econômico capitalista global. Para isso, é essencial a análise da expansão colonial e da atuação do imperialismo ao longo da história moderna e contemporânea. A mundialização da economia, da política e da guerra ocorreu por meio de processos que transformaram as diversas regiões do planeta para atender às demandas do imperialismo europeu. A compreensão desse e de outros grandes conflitos globais possibilitará aos jovens visualizar os principais atores da geopolítica no mundo capitalista. Assim, eles poderão entender melhor as tensões mundiais e se posicionar de maneira crítica e ética diante delas.

UNIDADE 1 O que é ser capitalista?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
1 Capitalismo: origens europeias e desenvolvimento mundial	• Capitalismo, globalização e construção das identidades • A produção e o consumo de riquezas • O sistema capitalista: definição • O desenvolvimento comercial na Idade Média e seus reflexos • O crescimento da população urbana na Idade Média • As corporações de ofício, a burguesia e a formação de classes sociais • As universidades medievais • A crise do sistema feudal e o início da transição para o capitalismo	• Educação Financeira • Educação para o Consumo • Trabalho • Educação Fiscal • Educação em Direitos Humanos
2 Um mundo em transformação	• As rotas comerciais terrestres e marítimas • O início do processo de mundialização • O início do processo de colonização da América e do Brasil • A localização geográfica do Brasil e a exploração de recursos naturais pela metrópole • Capitalismo e geopolítica da colonização • Revoltas e transformações políticas na América Latina pós-independências • Escravidão e desenvolvimento capitalista • A questão colonial na compreensão das diferentes sociedades	

Objetivos

- Identificar e reconhecer processos históricos e geográficos vinculados ao surgimento e desenvolvimento das sociedades capitalistas e dos Estados Nacionais.
- Relacionar o desenvolvimento capitalista à formação dos Estados Nacionais e ao início do processo [illegible] econômica.
- Analisar criticamente a expansão marítima, comercial e colonial europeia e suas dinâmicas concorrenciais marcadas por guerras e escravização.
- Posicionar-se de maneira ética diante de desafios da sociedade contemporânea.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

Os objetivos desta unidade concorrem para a **compreensão das sociedades capitalistas** por meio da análise dos processos fundamentais que as produziram: a crise da sociedade feudal, a formação do Estado Moderno e a expansão colonial europeia. A análise desses processos é parte fundamental do desenvolvimento das competências e habilidades do Ensino Médio, porque possibilitam ao jovem conhecer, discutir e investigar o mundo contemporâneo utilizando conhecimentos, métodos e conceitos das Ciências Humanas.

Os processos históricos e geográficos relacionados à origem das sociedades capitalistas são aqueles que ocorreram no contexto da **crise do feudalismo**, no final da Idade Média europeia. São processos como a expansão demográfica sob o impacto das inovações de técnicas agrícolas, o crescimento urbano propiciado pelo desenvolvimento do

comércio e a transição da servidão para o trabalho assalariado, associada à ascensão da burguesia e às revoltas camponesas.

A formação dos **Estados Modernos** é inseparável da história da formação do capitalismo. Desde o final da Idade Média, o poder dos reis e a riqueza dos banqueiros e mercadores confluíram para a organização de Estados capazes de enfrentar o poder da nobreza feudal, a influência da Igreja Católica, as revoltas dos camponeses e as dificuldades de ingressar nos grandes negócios da Expansão Marítima, marcada pela concorrência entre Estados europeus.

Relacionar **desenvolvimento capitalista, Estados Nacionais e colonialismo** é importante para uma compreensão complexa do mundo contemporâneo, que não se limite a oposições dicotômicas simplistas, como aquelas entre Estado e iniciativa privada ou entre países avançados e atrasados.

A análise histórica da **colonização europeia** é importante para entender o mundo contemporâneo, marcado pela mundialização. Além disso, ela possibilita perceber os processos históricos, geográficos e sociais que produziram desigualdades entre países, entre sociedades, entre classes sociais e entre grupos étnicos e raciais.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 2, 6 e 10
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2 e 4
Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS201, EM13CHS204 e EM13CHS401
Competência específica de Ciências da Natureza e suas tecnologias: 1
Competência específica de Linguagens e suas tecnologias: 1

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: é desenvolvida na valorização e utilização dos conhecimentos construídos pelas diversas áreas das Ciências Humanas para explicar a realidade do capitalismo global. As atividades estimulam a continuidade desse aprendizado e a colaboração dos jovens para uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competência geral 2: é contemplada quando os jovens exercitam a curiosidade intelectual e utilizam os métodos de investigação das Ciências Humanas para analisar criticamente o capitalismo como sistema histórico global, as causas de sua formação e mundialização e como ele atua em nossas vidas. A unidade possibilita, ainda, o exercício da criatividade e da imaginação na construção de um olhar problematizador da realidade do mundo capitalista.

Competência geral 6: é trabalhada quando são valorizados os saberes e as vivências culturais de diferentes sociedades, inclusive aqueles que são subalternizados pela ação do colonialismo europeu. Assim, quando os jovens fizerem escolhas pessoais, profissionais e coletivas, poderão contar com um olhar descolonizador, construído por meio do estudo crítico da história do colonialismo.

Competência geral 10: é contemplada nas atividades que promovem a autonomia dos estudantes para que tomem decisões buscando conhecer as relações sociais que os cercam e as avaliem de modo ético. Em especial, a problematização dos objetos

do cotidiano, cujo objetivo é que os jovens tomem decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: é trabalhada quando são analisados processos como a transição do feudalismo para o capitalismo, a expansão comercial europeia e o colonialismo moderno. Essa análise envolve os âmbitos local, regional, nacional e global em diferentes tempos e recorre a procedimentos múltiplos, que abrangem a problematização dos objetos cotidianos, a análise e a comparação de situações históricas e a formação de um olhar descolonizador.

Competência específica 2: é desenvolvida na análise da formação de territórios e fronteiras do mundo moderno, incluindo aquelas entre a cidade e o campo (marcadas pelas disputas entre classes urbanas e rurais) e a formação dos territórios coloniais e periféricos na história do capitalismo. Em ambos os casos, a análise trabalha a compreensão [illegible] e das relações de poder [illegible] fronteiras do mundo contemporâneo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência específica 4: é explorada na análise das relações de produção, capital e trabalho que produzem os objetos e as ideias do mundo contemporâneo. A unidade exercita essa análise em diferentes territórios, contextos e culturas, tanto na abordagem da formação do capitalismo na Europa como na de sua mundialização por meio da expansão colonial.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS101: é desenvolvida na identificação, análise e comparação entre fontes e narrativas para a compreensão de processos e eventos históricos, como as invasões dos *vikings*, a origem das cidades medievais, os problemas ambientais ligados à transição do feudalismo para o capitalismo, a peste bubônica, a produção de paisagens coloniais na América, entre outros.

EM13CHS103: é contemplada nas atividades que incentivam a elaboração de hipóteses com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas, incluindo formas de expressão artística, como a pintura e os quadrinhos, além de mapas, tabelas, gráficos e documentos escritos.

EM13CHS104: é desenvolvida quando é estudado o sentido da produção de bens em diferentes culturas, com análises de objetos e vestígios da cultura material de cidades medievais e contemporâneas, bem como das sociedades ameríndias e coloniais da América.

EM13CHS201: é desenvolvida na análise e caracterização das dinâmicas que concorrem para a formação do capitalismo, com destaque para a mobilidade humana em processos como o crescimento urbano na origem do capitalismo da Europa e o tráfico negreiro na formação do mundo contemporâneo. Assim, os estudantes podem compreender alguns dos processos fundantes do capitalismo global e posicionar-se criticamente em relação a eles.

EM13CHS204: é trabalhada quando são comparados e avaliados processos de ocupação do espaço e formação de territorialidade, em especial na dinâmica da formação do Estado Moderno na Europa e na expansão comercial e colonial europeia para os demais continentes. Na unidade são analisados diferentes agentes desses processos, com destaque para os Estados Modernos europeus, os respectivos

impérios coloniais e os movimentos de independência que romperam com eles para formar os Estados Nacionais do continente americano.

EM13CHS401: é contemplada na identificação e análise das relações entre sujeitos, grupos e classes sociais na formação do capitalismo, com destaque para o impacto das transformações técnicas que caracterizam seu desenvolvimento, desde a invenção da charrua até as revoluções industriais. As relações entre camponeses e senhores, entre burgueses e nobres, entre burguesias europeias e elites coloniais da América, entre outras, são estudadas para desenvolver uma compreensão global da formação do capitalismo.

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Competência específica 1: desenvolvida na análise de eventos e processos que envolvem as dimensões natural e humana do conhecimento de maneira integrada, como a peste bubônica, e no estudo de impactos de processos sociais e tecnológicos no meio ambiente. Entre outros temas, destaca-se a destruição de florestas e a transformação de paisagens pela urbanização durante o processo de formação do capitalismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 1: trabalhada na análise de diversas obras de arte (pintura, iluminura, gravura, xilogravura, litogravura, afresco, fotografia, tirinha, charge e poesia) de diferentes contextos para a compreensão das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas da formação do capitalismo. As atividades de leitura dessas obras desenvolvem a formação do jovem como receptor e produtor de linguagens artísticas.

Perfil do professor

Os assuntos desta unidade poderão ser trabalhados pelo professor de **História**, cuja formação é adequada para analisar as transformações sociais, econômicas e culturais do capitalismo ao longo de sua trajetória de formação, da Idade Média até a mundialização contemporânea. Os métodos e as teorias da História também são abordados na investigação de trabalhos de historiadores como Jacques Le Goff e Sérgio Buarque de Holanda.

A unidade também é propícia para o trabalho do professor de **Geografia**, por desenvolver uma análise das interações entre o rural e o urbano na formação do capitalismo, com destaque para os impactos ambientais e as migrações, e por abordar a formação do mundo moderno analisando o colonialismo em vários aspectos, como expansão territorial, disputas geopolíticas, impactos demográficos (caso do tráfico negreiro) e transformação das paisagens (como no estudo das cidades coloniais).

Também é recomendável para o trabalho desses conteúdos o professor de **Sociologia**, cuja formação possibilita a análise dos atores coletivos e dos conflitos sociais na origem e no desenvolvimento do capitalismo e de sua mundialização. Conceitos como classe social, relações de produção, sociedade capitalista e colonialismo podem ser estudados em uma abordagem sociológica.

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 8–9

Na abertura da unidade, o estudante é provocado a pensar criticamente em dois processos interligados: o desenvolvimento do capitalismo e a globalização. Para isso, apresente situações inerentes ao universo do jovem com o objetivo de propor uma reflexão acerca dos processos de circulação internacional de mercadorias, ideias e pessoas em diferentes escalas.

Faça a pergunta "De onde vem os produtos que você usa no dia a dia?", estimulando, dessa forma, o estudante a pensar sobre a origem dos objetos do cotidiano. Ouça os estudantes e promova um debate sobre o tema; no final, pode ser feita uma lista dos países que "fazem parte" da rotina da turma, chamando a atenção para o fato de que a globalização está no cotidiano de todos nós, mesmo quando não a notamos.

A atividade é uma boa oportunidade para uma avaliação diagnóstica a respeito do processo de expansão do capitalismo e da organização contemporânea da economia global.

Respostas

1. O capitalismo se originou da expansão colonial europeia sobre os demais continentes, processo que levou à mundialização de uma forma particular de economia, baseada na reprodução do lucro, passando por [illegible] da história.
2. A economia [illegible] fruto da expansão capitalista e das respectivas contradições produtoras de conflitos em diversos âmbitos.
3. Utilize a questão para estender o olhar problematizador sobre a origem dos objetos cotidianos além da sala de aula. Eletrônicos, automóveis, alimentos, água engarrafada, material de construção usado em casas e em edifícios: tudo pode ser incluído nessa construção do olhar. No final, deixe clara a importância da compreensão histórica da expansão do capital, em que se destaca o processo de mundialização do sistema capitalista como elemento-chave para a definição do atual cotidiano globalizado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 11

Respostas

Você pode iniciar a atividade perguntando aos estudantes se algum deles torce para times estrangeiros ou acompanha campeonatos internacionais. As questões podem ser respondidas oralmente, na forma de debate coletivo, propiciando assim que a turma compreenda o aspecto global de certos sentimentos, por exemplo, a admiração por um jogador de futebol que protagoniza torneios acompanhados pelo mundo todo, como a Liga dos Campeões da Uefa e a Copa do Mundo da Fifa.

1. O episódio se relaciona ao fenômeno da globalização por mostrar um menino afegão cujo ídolo é um atleta argentino que se projetou em um time espanhol. A admiração por Messi não tem fronteiras. O jogador tem fãs em todos os continentes, eles são falantes de muitas línguas, praticantes de diferentes religiões e compartilham diferentes culturas.
2. Resposta pessoal. A questão visa iniciar uma reflexão sobre o fato de a globalização e o capitalismo não se restringirem a bens materiais, mobilizando também pessoas, ideias e paixões. Os estudantes podem trazer, entre outros, exemplos de músicos estrangeiros que eles acompanham. O caráter global do sistema capitalista possibilita a globalização de sentimentos e afetos, incluindo a admiração por pessoas e por suas obras e talentos.
3. Resposta pessoal, na qual se espera que o jovem relacione a globalização a eventos e processos ligados a outras modalidades esportivas. Podem ser mencionados atletas de sucesso global do início do século XXI, como o corredor jamaicano Usain Bolt, além de atletas da principal liga estadunidense de basquete, a NBA, entre outros possíveis artistas e torneios cujo alcance seja mundial.

Respostas

1. A imagem mostra a alta demanda pelas mercadorias oferecidas por uma corporação internacional que havia acabado de estabelecer seus primeiros restaurantes na antiga União Soviética, até então organizada economicamente de maneira a impedir a atuação dessa e de outras companhias nos países socialistas.
2. O grande marco da globalização foi a desintegração da União Soviética, que tinha uma economia baseada em ideias socialistas. A queda do regime soviético abriu espaço para que as potências ocidentais ampliassem as conexões globais da economia capitalista.
3. A atração pelas mercadorias produzidas pelo mundo capitalista foi reforçada, nesse caso, pela novidade do acesso a elas. É possível comparar a situação da fotografia com a abertura de lojas de *fast food* de grandes redes internacionais em bairros periféricos de metrópoles como São Paulo, que, em alguns casos, geraram filas imensas na inauguração, já que, antes disso, as lojas só eram encontradas em regiões centrais e valorizadas da cidade.

4. A questão deve ser indicada por você, professor, como tarefa para casa, e seu resultado deve ser compilado para resolver a questão 6, trabalhada em sala na aula seguinte.
5. Espera-se que o jovem relacione a expansão das empresas ao interesse delas de ampliar seus lucros, já que passam a atingir novos mercados. É importante que os estudantes percebam a lógica dessa expansão, fundamentada na reprodução do valor, com diminuição de custo e aumento de lucro, tendendo à concentração de capital por poucas corporações transnacionais, já que os negócios locais têm dificuldade de concorrer com elas.
6. Utilize as respostas da questão 4 para situar a presença da globalização no cotidiano dos estudantes. Organize um debate sobre o impacto da globalização em nossas vidas, convidando os estudantes a imaginar como seria viver num mundo "desglobalizado", ou seja, sem as empresas mencionadas. Quais seriam os problemas? Haveria vantagens? Quais? Não há, para essas questões, respostas conclusivas, o importante é a compreensão de que os impactos da globalização estão por toda parte em nosso cotidiano.

Percurso 1

Capitalismo: origens europeias e desenvolvimento mundial

Página 12

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Neste percurso, a temática está diretamente relacionada à transição da economia feudal para a economia capitalista. Esta, em linhas gerais, foi decisiva para a estruturação da sociedade europeia num período histórico que se convencionou denominar de Idade Moderna.

Certamente não se pode relegar a segundo plano os espaços historicamente construídos relacionados ao trabalho livre e às lógicas comerciais, também presentes na Idade Média, sobretudo nos séculos finais.

É importante destacar aos estudantes o expressivo papel desempenhado pelas corporações de ofício na normatização daquela sociedade, influenciando, inclusive, a organização da estrutura das universidades.

Por fim, mas não menos importante, abra um espaço para os estudantes refletirem sobre os impactos da intensa exploração dos recursos naturais na Europa ao longo do século XIII, estabelecendo paralelos com aspectos da crise ambiental da atualidade.

O desenvolvimento comercial na Europa a partir do século XI

Inicie esse assunto localizando a região do Mediterrâneo. Neste percurso, você pode utilizar o mapa das Cruzadas (página 14) e o das rotas comerciais do final da Idade Média (página 15). É importante que os estudantes visualizem o Mediterrâneo como espaço de trocas envolvendo populações da África, da Europa e do Oriente Médio desde a Antiguidade. Por ser um espaço para onde confluíam rotas de longo alcance, o Mediterrâneo foi disputado comercialmente e por meio de guerras entre povos como fenícios, egípcios, gregos e persas.

Também é importante observar que a queda do Império Romano foi o evento que levou à fragmentação política que define o feudalismo. Até então, havia uma organização política unificadora, cujo papel era o de administrar as tensões e as guerras entre as populações da Europa e de partes da África e da Ásia, construindo, assim, a *pax romana*.

A queda do Império Romano deixou a Europa sem uma referência central de poder, considerando-se que cada reino foi formado por meio de vínculos pessoais em diversos âmbitos, de locais a religiosos, que não representava uma unidade política efetiva, mas era estabelecido por meio de vínculos de lealdade pessoal que se estendiam descontinuamente por uma grande área da Europa.

Página 13

As "últimas invasões"

Num primeiro momento, as expedições muçulmanas, magiares e *vikings* causaram insegurança e, assim, contribuíram para reforçar o poder dos senhores locais, que

se tornaram responsáveis pela defesa das populações, dada a fragilidade das diversas monarquias. A capacidade do nobre (senhor feudal) de garantir a segurança física dos que estavam à sua volta, independentemente de se tratar de outro nobre ou camponês, era o que, principalmente, assegurava seu poder. É preciso ressaltar que o poder dos reis não era resultado de riqueza material ou da concepção divina que o legitimava, mas sim fruto de confrontos bélicos. Os vínculos pessoais de proteção diante das incursões de outros povos estão entre os aspectos centrais que diferenciam a sociedade feudal de outras formas de organização social.

Os *vikings*

Localize a Escandinávia num mapa-múndi e descreva o quanto suas redes de comércio e incursões de guerra atingiram regiões distantes, entre elas, a Irlanda, a Islândia, a Groenlândia, a América do Norte, a Rússia (cidade de Novgorod), Constantinopla (capital do Império Romano do Oriente) e o Mediterrâneo (Itália, sul da França etc.).

Utilize o excerto de Jacques Le Goff para problematizar nossa visão exclusivamente guerreira dos *vikings* e de outros povos do passado.

As imagens de pacatos que sobrevalorizam a guerra dos *vikings* e de outros povos foram construídas para estigmatizar esses povos em contexto de guerras e disputas territoriais. Além disso, durante o processo de formação dos Estados Nacionais, no século XIX, foram criadas narrativas históricas que davam grande importância às guerras e batalhas, o que contribuiu para alimentar a imaginação sobre o passado com cenas de batalhas e campanhas militares.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 14

Vozes: Jacques Le Goff

Aproveite o boxe sobre o historiador Jacques Le Goff para que os estudantes entendam uma transformação importante nas metodologias da História, com a ampliação do conceito de fonte histórica promovida pelas Escola dos Annales, à qual o historiador se filia. Dessa forma, é possível destacar que a disciplina de História, assim como as demais, desenvolveu diferentes métodos, abordagens e teorias ao longo de sua trajetória.

Um dos impactos da ampliação das fontes operada por esses historiadores foi a possibilidade de investigar exaustivamente domínios da História até então pouco explorados, como a vida privada e familiar, a história ambiental, as relações dos seres humanos com o corpo, a história de setores marginalizados da população, entre outros. Outro impacto foi a ampliação do diálogo da História com outras disciplinas, já que as fontes não escritas vinham sendo objeto de reflexão pela Arqueologia, Etnografia, Antropologia, Linguística, Semiótica, filosofia da linguagem etc.

A retomada comercial na Baixa Idade Média

Durante as Cruzadas, o papa prometia a salvação da alma e as riquezas do Oriente a quem integrasse o movimento. Desse modo, os motivos espirituais foram substituídos por ambições políticas e interesses materiais, apesar de ambos existirem desde o princípio. É igualmente importante enfatizar que comerciantes e cruzados construíram Estados na Terra Santa nos moldes ocidentais, o que favoreceu práticas comerciais que contribuíram para o crescimento da burguesia e para o surgimento de cidades na Europa durante a Idade Média.

Respostas

1. A Terra Santa compreende uma região localizada entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo. Na atualidade, encontra-se dividida entre Jordânia, Cisjordânia e Israel.
2. Essa área foi denominada Terra Santa pelos cristãos por ter sido a região da Palestina em que Jesus Cristo teria vivido e também por causa do valor

histórico-religioso dela para três grandes religiões monoteístas: cristianismo, judaísmo e islamismo.

3. À época das Cruzadas, a região se encontrava sob controle muçulmano, no caso, dos turcos seldjúcidas, que a conquistaram e praticamente fecharam suas estradas para os peregrinos, em especial, para os cristãos.
4. Na atualidade, a região é um dos principais focos de tensão mundial, pois é uma área disputada por Israel e por populações muçulmanas, principalmente pelos palestinos que vivem sob ocupação militar israelense. Ambos os lados do conflito reivindicam soberania na região, mas o foco principal da disputa é a cidade de Jerusalém, considerada um lugar sagrado para o islamismo e o judaísmo.

Página 16

Análise: O comércio internacional atual

Respostas

1. Uma das características da Nova Ordem Mundial é a existência de blocos econômicos regionais. Atualmente, predominam os seguintes tipos de blocos: as áreas de livre comércio, as uniões aduaneiras (ou alfandegárias), os mercados comuns e as uniões econômicas e monetárias.

Nas áreas de livre comércio, os países-membros eliminam as barreiras alfandegárias entre eles, possibilitando, assim, a livre circulação de mercadorias. Nas uniões aduaneiras, além da eliminação das barreiras alfandegárias, os países-membros estabelecem uma tarifa externa comum para os produtos vindos de fora do bloco. Nos mercados comuns, é instituída a livre circulação de todos os fatores de produção (bens, mão de obra, capitais etc.) e é prevista, em longo prazo, a integração monetária.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os princípios que regem a integração econômica dos países-membros dos blocos são estabelecidos por uma série de acordos. O Acordo de Livre-Comércio Norte-Americano (Nafta), a Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec) e a União Europeia são exemplos de blocos econômicos atuais. A União Europeia é hoje o bloco econômico regional mais importante do mundo e há livre fluxo de capitais, serviços e pessoas entre os países-membros. No Nafta, verifica-se a ausência de barreiras tarifárias e a Apec é um bloco econômico regional cujo objetivo é promover a abertura de mercado entre seus membros.

No contexto de uma economia globalizada, a integração econômica por meio de blocos fortalece os países-membros diante de países isolados ou de blocos mais fracos economicamente, o que contribui para que imponham preços, limitem o volume de comércio e até mesmo rompam as transações comerciais com esses países ou blocos mais fracos.

O aumento da população urbana

Utilize o texto e a tabela desta seção para desenvolver a análise das transformações demográficas. A tabela permite visualizar uma mudança na tendência de crescimento demográfico lento, que passa de 2 milhões de pessoas a cada 50 anos, entre 1050 e 1150, para um acelerado aumento da população a partir de 1150: 11 milhões de pessoas até 1200. Relacione essa mudança com o desenvolvimento técnico agrícola e metalúrgico e também com o crescimento específico das cidades, possibilitado pela maior produção de alimentos no campo.

As cidades organizaram a formação do capitalismo, já que nelas se concentram as atividades mercantis e financeiras. Datam do final da Idade Média os primeiros bancos e as primeiras companhias de seguro, por exemplo. As cidades eram também o espaço de poder e prestígio da burguesia, em contraposição ao domínio da nobreza no campo.

Página 17

Análise: Brasil atual: urbano ou rural?

Os dados podem ser pesquisados no *site* do IBGE, na seção denominada Séries Históricas, disponível em: https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=CD91&t=populacao-situacao-domicilio-populacao-presente-residente (acesso em: 3 jul. 2020).

É possível também pesquisar o tema por unidade federativa, permitindo que os estudantes verifiquem quando a população urbana superou a rural em seu estado. Nos casos de Rio de Janeiro e São Paulo, os dados só permitem afirmar que foi antes de 1950, já que a série se inicia nessa década e os dois estados já eram predominantemente urbanos.

Respostas

1. **a)** Em 1950, a taxa de urbanização do Brasil era de 36% e, em 1960, de 45%. Com a urbanização crescente da população brasileira, em 1970 a taxa de urbanização subiu para 56%. Portanto, foi ao longo da década de 1960 que a população brasileira se tornou majoritariamente urbana.

   b) Entre os fatores que explicam esse aumento da população urbana destacam-se o intenso êxodo rural e o grande crescimento vegetativo da população. A partir da década de 1950, as cidades passaram a atrair intensamente uma população rural que buscava melhores condições de vida, o que resultou no aumento da taxa de urbanização. O crescimento industrial tem um papel relevante nessas transformações, principalmente depois da Era Vargas, acelerada pelas políticas do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961) e pela modernização da agricultura durante o Regime Militar.

2. **a)** A região mais urbanizada é a Sudeste. A causa principal é a grande concentração industrial e urbana que caracteriza historicamente a região no contexto brasileiro, em especial em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro. Essa concentração foi construída em diferentes períodos. Ela se relaciona com: a economia mineradora do século XVIII, que deslocou o eixo econômico da América portuguesa de Salvador para o Rio de Janeiro; o estabelecimento da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, que consolidou o predomínio político e econômico dessa região no século XIX; o deslanche da economia cafeicultora escravocrata no Vale do Paraíba e no Oeste Paulista no século XIX; e, finalmente, o processo de industrialização e urbanização do início do século XX, concentrada nas metrópoles do Sudeste.

   b) O Nordeste. Os mesmos processos que fortaleceram a economia urbana e industrial do Sudeste contribuíram para o fortalecimento da economia agrária no Nordeste, apesar de esse quadro já não ser mais o de uma sociedade predominantemente rural. O Nordeste é uma região com biomas, culturas e atividades econômicas diversas, mas seu setor econômico dominante desde o Período Colonial é a agroindústria de exportação de gêneros como a cana-de-açúcar, o algodão, o cacau e os couros.

As feiras, os cambistas e as cidades

No final da Idade Média, a vida urbana reapareceu com intensidade em virtude do aumento da atividade comercial, do crescimento demográfico e do aumento da produtividade no campo. É importante lembrar, no entanto, que a sociedade feudal permaneceu essencialmente agrária.

A feira é fundamental para entender esse processo. A mercantilização crescente das relações fortaleceu o poder das cidades e da burguesia que nelas habitava, que, a princípio, era uma classe desprestigiada nos sistemas políticos cujas elites agrárias eram o grupo social dominante.

O tema do desenvolvimento das cidades é importante para entender diversos processos históricos, como as transformações do modo de produção, a expansão do trabalho livre, a nova lógica comercial, o surgimento da burguesia e o próprio "movimento comunal", que resultava na libertação das imposições feudais feitas a uma cidade ou comuna por meio da compra da autonomia dela ou, em alguns casos, de conflitos armados. Assim, os habitantes dos burgos garantiam a liberdade da comuna por meio de um documento intitulado "Carta de Franquia".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 18

Análise: *O banqueiro e sua mulher*

Respostas

1. Sim. Ela está, inclusive, inclinada na direção do banqueiro, observando com atenção a pesagem das moedas. O livro está aberto em suas mãos, mas sem que ela lhe dê atenção.

2. O banqueiro é identificado com sua atividade pela prática da pesagem de diferentes moedas de metal. Na época do Renascimento, os banqueiros atuavam como cambistas de diferentes moedas, além de serem credores a juros e seguradores. Hoje, continuam realizando operações de câmbio e oferecendo crédito e seguros, mas seus negócios são muito mais diversificados e envolvem operações financeiras com títulos de dívidas de Estados, investimentos transnacionais, financiamento de bens ao consumidor etc. Uma diferença importante é que hoje o banqueiro, entendido como proprietário ou grande acionista de um banco, não é mais quem faz pessoalmente o trabalho de trocar e checar a veracidade das moedas (entre outras operações), já que

os bancos se tornaram grandes corporações, com milhares de funcionários. Outra diferença é que as operações hoje são predominantemente digitais e, mesmo quando envolvem moeda, é na forma de cédulas de papel e moedas de metal não precioso, cujo valor é uma representação simbólica garantida pelo Estado que a emitiu. Na época, as moedas tinham valor por suas propriedades, como o peso e a composição química, e eram geralmente fabricadas em ouro, prata, bronze ou cobre, de acordo com seu valor. A pureza e o peso precisavam ser verificados para que o valor da moeda fosse avaliado.

3. A mudança na maneira de pensar de uma sociedade na qual a burguesia irá se consolidar ao longo da Idade Moderna. Os valores da sociedade capitalista em construção, como o apego aos bens materiais, vão se sobrepor, gradualmente, aos valores da sociedade feudal, como o *status* definido pela linhagem de nobreza, o teocentrismo e a intensa religiosidade, com o respectivo predomínio da Igreja e dos estamentos nobres.

Página 19

Respostas

1. A cidade de Bruges era protegida por uma muralha, construída ao redor dela, devido à necessidade de defesa.
2. O curso de um rio foi alterado para que dois canais concêntricos protegessem a cidade, oferecendo mais uma dificuldade a quem procurasse invadi-la.
3. Por um lado, a orientação securitária da gestão da cidade garantia que o comércio e o serviço urbanos funcionassem regularmente, gerando riquezas no local. Por outro lado, as cidades sofriam com problemas sanitários [illegible] geralmente os maiores beneficiários dessa estrutura urbana eram integrantes de uma elite comercial que, em cidades mais prósperas, tornavam-se muito poderosas, como ocorreu em Florença e Veneza. A maioria da população das cidades era formada por trabalhadores pobres, como artesãos e funcionários do comércio.
4. Resposta pessoal, na qual se espera um exercício de reflexão sobre a orientação securitária da arquitetura urbana atual. Grandes muros, grades, catracas, cancelas, arame farpado, cercas elétricas, guaritas, câmeras de vigilância, sensores de movimento, alarmes, entre diversos elementos das paisagens urbanas contemporâneas ligados à segurança, podem ser relacionados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 20

Análise: Os mestres-artesãos

Respostas

1. Resposta pessoal. Os estudantes podem comparar a imagem, por exemplo, a pequenos negócios da atualidade, como oficinas, sapatarias e ateliês de costura, nas quais há um balcão de atendimento, mercadorias expostas ou outras formas de anúncio dos serviços prestados. e pessoas trabalhando no interior da própria loja.
2. O balcão para atendimento dos clientes. As mercadorias expostas num varal visível da área externa da sapataria. O mestre mostrando os sapatos para uma pessoa que está atrás do balcão.
3. O mestre está mostrando os sapatos para um provável cliente e os oficiais estão trabalhando na fabricação dos sapatos.

Página 21

Forisburgus

Importante destacar que os termos "burguês" e "burguesia" estão no cotidiano dos estudantes. Por essa razão, é necessário distinguir como os estudiosos empregam esses termos, diferentemente do que é usado pelo senso comum. Entre os estudantes do Ensino Médio, os termos "burguês", "burguesa" e "burguesia" são usualmente associados às pessoas ricas, que possuem muitos bens materiais. Entretanto, não é esse o sentido empregado pelos profissionais das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que a acepção histórica diverge do uso comum.

Historicamente, a burguesia é uma classe social formada nas cidades, em contraposição ao domínio de elites rurais na sociedade feudal. Ela passou a se distinguir como mercadores, negociantes, banqueiros e mestres enriquecidos, contrastando com a população pobre das cidades, formada de aprendizes, artesãos, trabalhadores do comércio e outros setores. É importante ressaltar esse conceito de burguesia distinto do senso comum.

O surgimento das universidades

Situe o surgimento das universidades na Europa durante os séculos XII e XIII no contexto do crescimento urbano e das burguesias. Essas instituições precisaram afirmar

sua autonomia diante da Igreja e da nobreza, consolidando, ao longo dos séculos, uma posição importante na produção de conhecimento, em debates filosóficos, teológicos e científicos e na formação de profissionais de áreas como o Direito e a Medicina. É importante também relacionar a trajetória das universidades europeias com o contato cultural desenvolvido com bizantinos e muçulmanos, o que possibilitou a recuperação da cultura clássica, greco-latina, que vinha sendo preservada e desenvolvida por eles.

Páginas 22-23

A crise do sistema feudal

Trabalhamos, nesse momento, a compreensão das relações complexas de causa e efeito na inter-relação cidade-campo. Já foi visto que o desenvolvimento de técnicas rurais propiciou o crescimento populacional, com destaque para o desenvolvimento urbano, que produziu uma burguesia autônoma em relação aos senhores rurais, focada em operações lucrativas de múltiplos setores.

Assim, é importante os estudantes perceberem que o sistema feudal foi enfraquecido por causas naturais e sociais. Explique a eles que as causas naturais estão relacionadas às causas sociais, inclusive o desenvolvimento capitalista, que causou desequilíbrio geoclimático pelo desmatamento de novas áreas para a agricultura mercantil. O poder crescente dessas burguesias possibilitou a mercantilização paulatina da produção agrária, com o enfraquecimento do poder das elites rurais e o fortalecimento das cidades, o que provocou impactos disruptivos no sistema econômico do feudalismo.

Portanto, foi o próprio desenvolvimento propiciado pelas técnicas no campo que colaborou para a crise na área rural e para um novo equilíbrio de forças entre nobreza rural e burguesia urbana.

Análise: Impactos no meio ambiente

Respostas

1. No primeiro caso, o problema da destruição das florestas se relaciona à explosão demográfica e ao aumento da demanda por madeira e gêneros agropecuários. No segundo, as causas da crise social do século XVII são a devastação de colheitas e campos pelas chuvas e a queda dos preços, que levam o mundo dos camponeses à calamidade.
2. Resposta pessoal. No primeiro caso, a relação entre demandas da economia capitalista e devastação florestal ocorre em muitas situações no mundo, incluindo a Amazônia. No segundo caso, a convergência de fatores naturais e socioeconômicos para desencadear situações de calamidade remetem a eventos como o terremoto e a tragédia humanitária do Haiti na década de 2010, a pandemia de covid-19 no mundo em 2020, os impactos atuais e potenciais do aquecimento global, entre outros.
3. Resposta pessoal, na qual se espera que o jovem relacione os problemas ambientais e os padrões de consumo do mundo capitalista.
4. Resposta pessoal, na qual se espera que o estudante avalie as políticas ambientais com base em informações e métodos das Ciências Humanas, além de reportagens na imprensa e dados fornecidos por ONGs e outras instituições que atuam na defesa do meio ambiente.
5. As perspectivas não são otimistas, pois se for mantido o atual padrão de consumo, a humanidade precisará de "muitas Terras" para explorar no futuro. O uso irresponsável dos recursos naturais tem causado grandes mudanças no meio ambiente, o que pode comprometer, de forma irreversível, a possibilidade de manutenção da vida no planeta.

A peste bubônica

Você pode trabalhar este conteúdo em parceria com a área de Ciências da Natureza, de forma a produzir análises interdisciplinares sobre as epidemias e pandemias no decorrer da história. A atividade pode ser desenvolvida com a identificação dos agentes biológicos e das condições naturais e sociais que propiciaram a alta letalidade desse evento, além da forma que diferentes sociedades enfrentaram problemas como esse.

Página 25

Respostas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Como a quantidade de vítimas da covid-19 no mundo é alterada diariamente, os impactos demográficos devem ser analisados na época em que os estudantes fizerem esta atividade. Procure fontes confiáveis produzidas por organismos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e publicações científicas e médicas mundialmente reconhecidas.

As revoltas camponesas

Explique aos estudantes que a estratificação social medieval colocava os trabalhadores rurais numa posição subalternizada e sem acesso às decisões que impactavam a própria vida. As revoltas foram, portanto, o modo que esses setores encontraram para interferir em seu destino e atuar com protagonismo pelo enfrentamento da superexploração que as elites rurais pretendiam impor a eles e mudar o rumo de sua vida. Esses enfrentamentos levaram ao desaparecimento do trabalho servil, que foi substituído pelo trabalho assalariado, e ao fim da instituição da corveia, elemento básico do feudalismo clássico.

Página 26

A passagem para o capitalismo

O encerramento deste percurso pode propiciar uma reflexão sobre o papel das crises (sociais, econômicas, religiosas, culturais etc.) na aceleração das transformações estruturais. A análise do historiador Hilário Franco Jr. possibilita o estabelecimento de diversas relações entre crise e transformação, que dialogam com a crise global que vivemos atualmente, associada a transformações rápidas na economia, no trabalho, na sociedade, na política etc.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

É fundamental nesta etapa que os estudantes compreendam que a origem do capitalismo está relacionada a uma crise nas relações feudais, cujas causas foram analisadas ao longo do percurso. O capitalismo é fruto de diferentes respostas que foram necessárias para o enfrentamento dessa crise e fortaleceram o poder da burguesia e da realeza sobre a nobreza feudal e a Igreja.

Páginas 27–28

Atividades

Respostas

1. Porque houve avanços significativos nas técnicas produtivas. Surgiram novas ferramentas, inovações nos sistemas de tração e técnicas inovadoras de cultivo dos campos (ou novas técnicas agrícolas).
2. Com a introdução de novos instrumentos de trabalho (em especial aqueles ligados à metalurgia) e novas técnicas agrícolas (como inovações no uso de animais de tração), houve aumento de produtividade e, consequentemente, na produção, o que resultou em maior rendimento para os servos que já arrendavam partes do feudo.
3. Com o aumento da produtividade e da produção agrícola, verificou-se maior oferta de alimentos, o que resultou no aumento da população da Europa Ocidental durante os séculos XI e XII.
4. O principal fator para a multiplicação das cidades foi o aumento populacional e da produção. Complementando esse fator, pode-se destacar o fim das invasões e o crescimento do comércio.
5. As corporações eram instituições fechadas, lideradas por mestres-artesãos. Essas instituições foram criadas com os seguintes propósitos: garantir o fornecimento e os menores preços de matérias-primas; instituir o monopólio da produção em determinada cidade; evitar a concorrência; limitar a produção.
6. Com o revigoramento das atividades comerciais, as moedas passaram a ter importância significativa. Como havia grande multiplicidade de moedas, surgiram os banqueiros, responsáveis por trocar as moedas usadas no comércio em determinada região. No entanto, era comum emprestarem dinheiro a juros.
7. Entre as razões destacam-se: as intempéries da natureza; a superexploração feudal; as revoltas camponesas e urbanas; a peste bubônica; além de outros fatores que, em conjunto, desencadearam a crise do feudalismo.
8. **a)** A vontade de Deus.
   b) "A epidemia procede da vontade divina, não temos outro conselho a dar que o de recorrer humildemente a essa vontade, sem desprezar, contudo as prescrições do médico." A universidade reconhece, assim, a importância das prescrições médicas, mas sem deixar de se alinhar à orientação teológica do conhecimento, àquela época exercida pela Igreja Católica.
9. Porque a venda da força de trabalho se tornou a única fonte de subsistência dos trabalhadores.
10. Ao afirmar ser muito desconfortável para o ser humano "não ter ninguém com quem conversar e renunciar

aos contatos pessoais", Eric Hobsbawm descreve transformações contemporâneas no mundo do trabalho que têm sido aprofundadas rapidamente no contexto da pandemia global da covid-19. A demanda humana por convívio social no trabalho tem sido cada vez menos suprida, dando lugar a relações virtuais. A tendência foi acelerada em razão das imposições sanitárias necessárias para o combate à pandemia, que teve no distanciamento social sua principal política de contenção.

Percurso 2

Um mundo em transformação

Página 29

Este percurso trabalha a expansão do capitalismo entre os séculos XV e XIX. Apresentamos o processo de consolidação das principais potências marítimas durante as Grandes Navegações e a articulação de fatores políticos, econômicos e sociais que viabilizaram a formação dos impérios ultramarinos. O tema da colonização é apresentado de forma crítica pela temática da mundialização do capitalismo, com discussão sobre a forma que a história do Novo Mundo foi marcada por esse processo. São desenvolvidas reflexões sobre a divisão política e econômica do mundo entre países centrais e periféricos, com especial atenção aos recentes movimentos de produção de saberes descentralizados. Nesse sentido, o percurso toma como base uma trajetória histórica para estimular os estudantes a refletir, de forma ativa, sobre questões da geopolítica da atualidade e sobre os impactos da globalização em seu cotidiano.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise: Quantas versões tem uma história?

O objetivo da atividade é o envolvimento ativo dos estudantes nas questões desenvolvidas na abertura do percurso para levá-los a compreender os impactos geopolíticos da globalização e o modo como eles interferem na vida de todos nós, inclusive nos currículos escolares. A temática da atividade será desenvolvida mais profundamente no fechamento da unidade: os saberes descentralizados e sua importância num mundo globalizado.

Sugerimos que as questões 1 e 2 sejam debatidas coletivamente, para mobilizar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a ideia de descobrimento do Brasil. Em seguida, você pode conduzir uma interessante discussão sobre a importância de ver a história sob um ponto de vista plural.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes mencionem a história por meio de um olhar eurocêntrico, como a descrição do desembarque de Cabral feita na carta de Pero Vaz de Caminha.
2. Resposta pessoal. Oriente os estudantes para que percebam as múltiplas visões de uma mesma história.
3. Essa questão deverá ser respondida individualmente, na forma de redação. É uma boa oportunidade para avaliar o grau de adesão dos estudantes à narrativa do "descobrimento", estimulando-os a pensar criticamente sobre o assunto.

Página 30

Impérios por toda parte

Caso seja possível, apresente aos estudantes o *site* Shipmap (disponível em: https://www.shipmap.org/; acesso em: 15 jul. 2020), que exibe as principais rotas marítimas comerciais atuais em tempo real. Com base nessas informações, vocês podem fazer comparações e discutir as principais diferenças entre a atualidade e o comércio global dos séculos XVI e XXI.

Página 31

Portugal

Os estudantes devem perceber o quadro de transformações sociais, econômicas e políticas em Portugal que os ajudará a compreender o protagonismo desse reino no início das navegações atlânticas. Naquela época, as rotas mais lucrativas estavam

concentradas no Mediterrâneo, mercado a que Portugal não tinha fácil acesso e era dominado pelas cidades comerciais italianas. Assim, o Atlântico se tornou o espaço da expansão comercial, militar e religiosa de Portugal, que se organizou como um reino ao longo das guerras de reconquista, seguidas pela expansão atlântica, que chegou a todos os oceanos e continentes.

Página 32

Análise: Seres de outro mundo?

As respostas dos estudantes podem ser compartilhadas em um debate coletivo, que favorece o desenvolvimento da reflexão sobre etnocentrismo.

Respostas

1. Resposta pessoal. É importante destacar a mistura entre traços humanos e não humanos das figuras.
2. São referências clássicas, o que fica evidente na forma dos corpos (muito similares às representações da arte renascentista), nos instrumentos e na paisagem, que não se assemelha a uma floresta tropical. É interessante mostrar aos estudantes obras em que essa referência se evidencia, como o *Davi* de Michelangelo.
3. Ao representar o desconhecido, o autor mostra a ambiguidade que o levava a duvidar da humanidade dos seres do Novo Mundo, ao mesmo tempo em que via neles traços humanos. Essa dúvida era bastante comum no período, uma vez que os indígenas não eram considerados iguais aos europeus, fator que justificou, em diversas ocasiões, o violento processo de dominação colonial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Espanha

A Espanha também se formou ao longo das guerras de reconquista, por meio de uniões dinásticas entre diversos reinos cristãos da Península Ibérica, que chegaram a incluir Portugal no período da unificação entre os reinos, nos séculos XVI e XVII (a União Ibérica). Os estudantes devem entender que os casamentos eram centrais para as estratégias dos regimes políticos da época, assim como as narrativas religiosas que legitimavam esses regimes. A centralização da monarquia espanhola, no contexto da Reconquista, propiciou a entrada da Espanha na corrida por oportunidades de lucro no Atlântico, rivalizando com o reino de Portugal. Ressalte a importância do Estado, capaz de mobilizar recursos, soldados e influência política para que os empreendimentos da expansão marítima fossem possíveis.

Página 33

A forma da Terra

A atividade é uma boa oportunidade para retomar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental sobre a descoberta do formato da Terra. Sugerimos que seja feita em duplas, e que os estudantes sejam incentivados a compartilhar a redação com o restante da turma. A atividade pode se desdobrar numa pesquisa sobre "terraplanismo", com uma abordagem que mostre a apropriação ideológica do tema por determinados setores da sociedade que buscam deslegitimar o conhecimento científico. Dê oportunidade aos jovens de expressarem impressões e ideias sobre essas narrativas e reforce a importância dos métodos e das teorias científicas para explicar a realidade.

Respostas

1. **a)** Auxilie a pesquisa dos estudantes em fontes da internet, como *sites*, vídeos, páginas e redes sociais, que defendam a ideia da "Terra plana".

   b) Instrua os jovens a utilizar fontes confiáveis para interpretar e se contrapor aos argumentos terraplanistas. A esfericidade da Terra pode ser comprovada de muitas formas, como cálculos matemáticos por meio de observações no solo, imagens de satélite (e a própria existência e funcionalidade dos satélites), observações feitas de naves espaciais, a recorrência cotidiana das viagens aéreas e navais conectando portos e aeroportos de todos os continentes sem que cheguem ao "fim" do planeta etc.

   c) Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem argumentos como: o desaparecimento de um barco no horizonte; as diferentes constelações que ficam visíveis de acordo com a latitude; os fenômenos de eclipse; o fato de não vermos o continente africano do litoral brasileiro etc.

Página 34

Respostas

1. Entre outras, a proporção dos continentes, com destaque para a grande extensão da África, quando comparada à pequena Europa; e a diferença na forma e no tamanho da América.
2. Os europeus haviam chegado à América há poucos anos, não conheciam, portanto, todo o território.

França

Reforce a importância do Estado para o ingresso da França na concorrência pela expansão marítima, ao lado de Portugal e Espanha. A centralização do poder ocorreu ao longo dos conflitos que marcaram a crise do feudalismo. A França ingressou na concorrência confrontando a divisão do mundo expressa no Tratado de Tordesilhas. Os estudantes devem analisar esse tratado e entender que esse documento estabeleceu uma linha imaginária que dividia o mundo não europeu entre Portugal e Espanha, com ratificação do Papa. Foi nesse contexto que surgiram as Reformas Protestantes, que afirmaram o poder régio sobre o papado em diversos países. A importância política do papa na Idade Média foi, assim, questionada e desafiada com sucesso por países como a França.

Páginas 35-36

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Países Baixos

Destaque a especificidade da formação do Estado nos Países Baixos, constituídos como uma República cuja política era fortemente influenciada por companhias comerciais marítimas. Essa forma inovadora de organização da expansão colonial colocou os Países Baixos em vantagem na concorrência com as monarquias que tinham sido pioneiras no negócio.

Inglaterra

Ao trabalhar com este conteúdo, situe as Reformas Protestantes entre as consequências da crise do feudalismo, como desenvolvido no Percurso 1. A quebra da unidade da Igreja Católica interessava ao fortalecimento do poder dos reis e a Inglaterra foi o exemplo seguido pelos outros países. Outra característica importante da trajetória específica da Inglaterra foi a série de guerras civis que marcaram a Revolução Inglesa, e o resultado foi a submissão da realeza ao Parlamento dando origem a um regime liberal muito antes dos demais países europeus. Uma vez organizada como Estado centralizado cujas decisões eram influenciadas pela burguesia, a Inglaterra se lançou à concorrência pelos mercados coloniais, destacando-se no tráfico de pessoas escravizadas entre a África e a América.

Página 37

O tempo do (e no) capitalismo

A atividade pode ser feita em duas etapas: trabalhe a primeira questão na sala de aula, coletivamente, e a segunda na forma de redação individual.

Respostas

1. O primeiro texto reforça o caráter mensurável do tempo, toma-o como uma mercadoria de grande valor no capitalismo. O segundo apresenta uma visão crítica da relação entre tempo e dinheiro, sugerindo que essa associação "atropela" a vida e deixamos de dar valor ao que realmente importa.
2. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante compreenda criticamente a concepção específica de tempo que define a sociedade capitalista como a que submete o tempo aos interesses financeiros.

Colonialismo

Construa o conceito de colonialismo com os estudantes com base nas trajetórias dos Estados analisadas ao longo do percurso. O colonialismo foi o domínio de territórios periféricos integrados ao capitalismo europeu, que resultou da concorrência entre Estados durante a expansão marítima. Ao submeterem diferentes regiões do mundo a seu domínio, cada Estado procurou defender seus interesses com políticas que restringiam o comércio. O mercantilismo foi um conjunto de políticas econômicas desses Estados, caracterizado pelo protecionismo, entre outros fatores.

Página 38

Análise: Potosí

Caso haja construções do Período Colonial em sua cidade, esta é uma boa oportunidade para uma atividade extraclasse que aborde as paisagens produzidas durante a colonização do Brasil. São comuns muitas construções militares (fortes e arsenais), marítimas (portos e faróis), religiosas (igrejas e conventos) e políticas (palácios, casas de câmara e cadeia). Dessa maneira, os estudantes identificarão diferentes dimensões da história do colonialismo e o modo que as paisagens da América foram transformadas no período.

Respostas

1. Igrejas, casas no estilo europeu (não dos povos nativos), estradas e um muro na porção inferior da imagem. Esta é uma boa oportunidade de discutir com a turma o impacto da colonização sobre as paisagens, tanto em relação às construções quanto à destruição do meio natural.

Páginas 39-41

A América Portuguesa

Conceitue o engenho como a base da economia de agroindústria exportadora que usava tecnologias inovadoras na época e se integrava diretamente a setores dinâmicos e altamente lucrativos da economia europeia. Problematize a escravidão como uma forma arcaica de relação social, instrumentalizada pelo colonialismo. A generalização do escravismo mercantil em diversas regiões da América era um fenômeno novo, relacionado à expansão do capitalismo.

Contextualize a exploração das Minas Gerais com as políticas mercantilistas e a necessidade de balança comercial favorável para que Portugal continuasse tendo condições de concorrer com outros Estados europeus. Naquela época, o reino português já havia sofrido muitas perdas, principalmente na Ásia, e teve de restringir seus negócios coloniais quase exclusivamente aos territórios atlânticos da África e da América (o Brasil).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 42

Análise: O semeador e o ladrilhador

Sugerimos encaminhar esta atividade coletivamente, uma vez que a tipologia desenvolvida por Sergio Buarque de Holanda pode não ser de fácil compreensão.

Aproveite a atividade para explicar aos estudantes que a comparação é um método da historiografia que permite conhecer melhor o que é específico de determinada trajetória coletiva pela contraposição a outros casos que partilham do mesmo contexto ou de contextos distintos. As abordagens comparativas em História têm obtido grande importância, inclusive na historiografia da colonização europeia.

Respostas

1. O traçado de São Paulo não é geométrico e revela um crescimento não planejado, espontâneo. O traçado de Córdoba, por sua vez, é geométrico e revela que seus fundadores fizeram um cuidadoso planejamento urbanístico.
2. Conforme exposto no texto, o português semeador não se preocupou em fazer das cidades um instrumento de dominação, deixou que elas se formassem e crescessem de modo espontâneo. Já o espanhol ladrilhador investiu fortemente nas cidades como um elemento importante do processo de colonização, garantindo, pelo planejamento dos traçados, o domínio da administração metropolitana sobre o território colonial. Para o historiador, a variação nos traçados urbanísticos expressa a diferença entre as ideias impulsionadoras desses dois empreendimentos coloniais.

Páginas 43-44

A escravidão e o Atlântico negro

Conduza os estudantes à compreensão do tráfico negreiro como elemento fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, resultado direto da expansão dos negócios das burguesias europeias fora do continente e que concorriam entre si. A escravidão era comum em parte das sociedades africanas, mas com um sentido muito diverso do que ocorreu no capitalismo. Isso é perceptível pela escala que o tráfico de pessoas adquiriu ao longo da colonização

europeia, com impactos profundos na história global, incluindo guerras e despovoamento da África. O tráfico negreiro foi a maior migração forçada conhecida da história humana, organizada e dirigida por homens brancos europeus. Aliados locais dos europeus na África exerceram papel secundário nesse negócio, já que seus beneficiários principais estavam na Europa, para onde eram canalizados tanto os lucros do tráfico de pessoas quanto os das mercadorias que essas pessoas produziam na América, como açúcar, ouro e algodão.

Respostas

1. A venda de pessoas como mercadoria anula seus direitos e está associada a diversas formas de violência, o que aproxima as experiências contemporâneas de exploração sexual e do trabalho com o que ocorria durante a colonização europeia. Uma diferença importante é que o colonialismo promovia ordem jurídica: a escravidão era plenamente legal e recebia forte incentivo político das metrópoles. Já o tráfico de pessoas e a exploração análoga à escravidão da atualidade são atividades criminosas e que violam diversos acordos internacionais.

Página 45

Cemitério dos Pretos Novos

Contextualize o Cais do Valongo no Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX, quando a cidade se tornou a mais importante cidade escravista das Américas, e a enorme mortandade na travessia do Atlântico em navios negreiros. Você pode desenvolver uma atividade sobre o cais e o cemitério que inclua a estimativa do número de pessoas desembarcadas, a dinâmica dos desembarques ao longo do tempo e as características do local no contexto urbano do Rio de Janeiro. A região é considerada berço do samba e tem grande importância na história do candomblé.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A independência dos Estados Unidos

É importante que os estudantes visualizem o papel da crítica ao pacto colonial no surgimento de movimentos de independência. Tratava-se de uma reivindicação dos colonos para inserção autônoma no mercado mundial capitalista dos territórios britânicos na América. Assim, as elites poderiam comercializar com qualquer país do mundo e estabelecer suas formas de governo e estratégias comerciais, diplomáticas e militares, sem atender aos interesses das burguesias da metrópole.

Página 46

Revolução haitiana

A Revolução no Haiti tem sido considerada por historiadores um dos acontecimentos mais impactantes da história contemporânea por sua ampla influência desde os rumos da escravidão nos demais países da América até a formulação de teorias sociais e filosóficas na Europa durante o século XIX. Contudo, o evento tem sido colocado em segundo plano, se não totalmente excluído, de análises sobre a "Era das Revoluções" dos séculos XVIII e XIX. É importante destacar a história desse movimento revolucionário, o único movimento de independência na América liderado por pessoas que haviam sido escravizadas. Devido aos acontecimentos pós-independência, até hoje o país sofre com imposições de ocupações militares estrangeiras, a última delas foi liderada por militares brasileiros. Nesse contexto, é possível apresentar de forma introdutória o cenário atual do Haiti aos estudantes relacionando-o com o boxe **Análise** da próxima página.

Página 47

Análise: Haiti

Respostas

1. A entrevistada destaca que a colonização do Haiti foi feita mediante a escravização de cerca de 800 mil pessoas pela França e após sua independência foi imposto o pagamento de uma enorme quantia aos franceses, a título de indenização, que deixou a jovem nação em más condições econômicas. Além disso, as nações ocidentais tardaram em reconhecer

o Haiti como nação independente, o que prejudicou as relações comerciais do país durante muitos anos. Tudo isso resultou em grande prejuízo econômico e contribuiu para que o Haiti não tivesse condições de se desenvolver adequadamente.

2. O *post* se refere à ideia de que não podemos dissociar o fato de o Haiti ser o país mais pobre do Hemisfério Ocidental da constatação de que foi a primeira nação negra independente do hemisfério. Isso significa que a independência conquistada pela população negra teve custos muito altos para o país, num cenário que revela as bases econômicas, políticas e sociais sobre as quais se consolidou o processo de mundialização do capitalismo. Na segunda parte da questão a resposta é pessoal. Fique atento a eventuais falas que possam promover discursos e comportamentos preconceituosos.
3. Resposta pessoal. Podem ser ressaltados, por exemplo, o legado da escravidão para a população negra do país, os problemas econômicos causados por séculos de exploração colonial, que envolveram pilhagem de riquezas, como o ouro das Minas Gerais, devastação ambiental, como a destruição da Mata Atlântica, extermínio de populações indígenas, entre outros.

Páginas 48–49

Independência na América Espanhola

Contextualize as independências hispano-americanas na crise revolucionária iniciada com a Revolução Francesa, que provocou uma guerra pan-europeia. Nas colônias da Espanha, a invasão de Napoleão Bonaparte teve efeito inverso daquele verificado no Brasil. Enquanto no Brasil a Corte portuguesa se estabeleceu no Rio de Janeiro para escapar de Napoleão, fortalecendo assim o poder real em sua principal colônia, a Espanha teve seu rei preso pelo imperador francês, o que enfraqueceu o papel coesivo do poder da metrópole sobre as diversas colônias. Os movimentos de independência nas colônias espanholas começaram, portanto, como reação ao cativeiro do rei e em nome da defesa de seu poder, para só depois, aos poucos, tomarem o caráter de movimentos de independência.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Independência na América Portuguesa

Contextualize a Independência do Brasil como parte das transformações que vinham ocorrendo na política europeia e de suas colônias americanas desde a independência dos Estados Unidos. Ressalte que a Inconfidência Mineira não propunha a Independência do Brasil como um todo, já que não havia uma identidade comum entre as elites das diferentes partes da América Portuguesa. As articulações políticas dos inconfidentes chegavam, no máximo ao Rio de Janeiro e a São Paulo; o objetivo mais evidente era uma sublevação em Minas Gerais, que levaria à formação de uma República mineira.

É possível desenvolver este conteúdo também por meio de comparação com a Sedição Baiana de 1798 (também conhecida como Conspiração dos Alfaiates), que buscou a Independência da Bahia em relação a Portugal. Nesse caso, diferentemente do que ocorreu em Minas, diversos protagonistas do movimento eram pessoas pobres, incluindo oficiais mecânicos, soldados e desertores de tropas militares, na maioria descritos como pardos e pretos. Na sedição baiana, não foi questionado apenas o pacto colonial, mas as desigualdades de classe e de cor que havia na sociedade escravocrata brasileira. A repressão também foi dura e levou ao enforcamento de quatro homens, acusados de espalhar panfletos em defesa de uma revolução em Salvador, inspirada na Revolução Francesa.

O processo de Independência do Brasil teve particularidades, como a preservação da monarquia e da Dinastia de Bragança e a reiteração do regime escravocrata o que não era consenso na época. Ideias republicanas, liberais radicais, favoráveis à abolição, entre outras, foram defendidas por muitos atores políticos dos conflitos que dividiram o Brasil ao longo do processo de formação do Estado Nacional, nos anos finais do século XVIII e na primeira metade do século XIX.

Dessa maneira, é possível problematizar a ideia do senso comum de que a singularidade brasileira é fruto de inevitabilidade histórica ou de um caráter peculiar, "pacífico" ou "acomodado", do povo brasileiro.

Páginas 50-51

Impérios coloniais no século XIX

Após as independências de quase todos os territórios coloniais que os europeus dominavam na América, o colonialismo direcionou-se de forma mais intensa para a África e a Ásia. Essa mudança está relacionada à mudança do discurso que legitimava a colonização pela expansão da fé cristã e do poder real (que tem como exemplo o Brasil), para um novo discurso que legitimava a colonização como obra civilizatória. A concorrência entre metrópoles continua sendo central para a compreensão desse novo momento do colonialismo, que teve como evento marcante a partilha da África pelas potências coloniais europeias.

Datam dessa época a formulação e difusão de teses racistas a respeito da diversidade humana, que fizeram grande sucesso na Europa e entre os descendentes brancos em outros continentes, já que justificavam as desigualdades, as hierarquias e as violências sofridas pelos negros como forma de imposição de uma cultura superior, branca, cristã e europeia. O supremacismo racial moderno deve ser entendido, portanto, como um produto do colonialismo europeu, que passou a usar argumentos supostamente científicos para difundir a ideia de que algumas raças ou culturas são superiores ou inferiores a outras.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise: A partilha da África

Respostas

1. A charge apresenta a África como um pedaço de carne (um produto) a ser cortado e dividido entre os países europeus, como se fosse uma mercadoria.
2. A charge denuncia o processo de exploração do continente africano, visto unicamente como fonte de lucro pelos países desenvolvidos, beneficiários diretos do colonialismo.
3. Resposta pessoal. Com as respostas a essa questão você pode mobilizar o debate sugerido acima. Se for possível, é interessante mostrar aos estudantes quais são as imagens mais frequentemente associadas à África. Contraponha essa visão com a realidade de sociedades que, mesmo fortemente impactadas pelos séculos de colonialismo e pela persistência de formas de espoliação e intervenção das potências em seus países, têm desenvolvido enorme diversidade de experiências sociais, políticas e econômicas que não costumam ser abordadas pelos meios de comunicação.

As razões da concentração de países "avançados" no continente europeu não devem ser justificadas por uma suposta superioridade dos povos daquela parte do mundo, mas pelo fato de que essas economias se beneficiaram da pilhagem, escravização e divisão dos recursos naturais da maior parte dos países subdesenvolvidos. Na África, a Etiópia é o único país que nunca foi dominado por potências europeias, e mesmo nesse caso o colonialismo provocou guerras e devastações que atingiram duramente sua população.

Saberes descentralizados

Discuta com os estudantes a influência do eurocentrismo na forma como concebemos o mundo contemporâneo. Entre outras questões, é importante destacar que durante muito tempo a história ensinada nos livros escolares era fundamentada na ideia de que a civilização se desenvolveu de maneira superior na Europa, e que essa visão é encontrada na literatura, nos meios de comunicação, em filmes etc. O objetivo é formar um olhar crítico dos estudantes sobre esses conteúdos, que leve à percepção de que a narrativa histórica eurocentrada não condiz com o conhecimento produzido pela historiografia fundamentada em métodos e teorias próprios dessa disciplina.

Nesse sentido, destaque o exemplo do lugar central ocupado pela China na

economia mundial até o século XVIII, o que significa que mesmo durante os séculos de expansão marítima, a Europa não era a região mais desenvolvida do mundo.

Página 52

As diversas histórias do capitalismo global

Encerre o trabalho desta unidade retomando a questão da abertura. Os objetos de nosso cotidiano são feitos de acordo com relações de produção, circulação e consumo de mercadorias que foram historicamente construídas. O colonialismo foi o elemento central da montagem do sistema mundial que temos hoje, e seu impacto continua sendo determinante na posição que cada país ocupa no mundo globalizado. A formação de um olhar problematizador sobre o cotidiano e seus objetos é importante para a compreensão crítica do capitalismo e da mundialização contemporâneos.

Página 53

Prática de pesquisa: De onde vêm as mercadorias que consumimos?

Nesta prática, os estudantes desenvolverão a crítica de informações pela análise de objetos [illegible] colaboração, num sistema de trabalho que prioriza a divisão de responsabilidades. O resultado será um infográfico, com a apresentação das conclusões da pesquisa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- **Juntem-se e organizem-se!:** incentive os estudantes a escolher peças produzidas no Brasil e em outros países, para manter a diversidade e dar uma ideia da cadeia produtiva. Quando forem divididas as funções, reitere que devem ter como foco as responsabilidades, e não a quantidade de trabalho a ser feita.
- **Investiguem!:** a pesquisa é atividade de todos, independentemente da função. Esta dinâmica de grupo deve favorecer a autonomia de trabalho dos estudantes. Uma boa forma de conduzir um grupo focal é, na emergência de problemas ou dúvidas, relembrá-los de suas funções e deixá-los propor soluções com base nessas funções.
- **Reflitam e compartilhem!:** após a produção do texto, oriente os estudantes na elaboração do infográfico com as informações coletadas e as análises feitas. Promova a autonomia dos estudantes no processo de criação, lembre-os de que há responsáveis para diferentes tarefas. Os estudantes podem julgar que as mercadorias foram produzidas de forma ética e sem impacto, ou não. A proposição de novos hábitos de consumo é solução para o segundo caso.

Páginas 54-55

Atividades

Respostas

1. **a)** Na divisão entre metrópoles e colônias do mundo colonial, a Europa ocupava o lugar de centro da economia capitalista em expansão, enquanto os demais continentes eram regiões periféricas desse sistema. No mapa atual, a Europa continua sendo uma das áreas principais do capitalismo global, mas países como os Estados Unidos, a China, o Japão e a Austrália também se destacam.

   b) A África, continente que durante o período do colonialismo clássico (séculos XV a XVIII) foi devastado pelas guerras e escravização de pessoas, promovidas por potências europeias, e que no período do imperialismo (século XIX até o início do XXI) sofreu pesadamente com a imposição de regimes de exploração e domínio baseados em ideologias supremacistas.

2. A centralização política propiciada pela Revolução de Avis, que beneficiou o desenvolvimento de uma burguesia comercial interessada na expansão marítima e que podia contar com a monarquia para canalizar os recursos e esforços do reino português para as navegações. Por não ter acesso aos mercados mais lucrativos do Mediterrâneo, Portugal pôs todos os seus esforços de expansão comercial no Atlântico, atingindo ilhas como Cabo Verde e Açores, além de diversas regiões da costa da África, América, Ásia e Oceania.

3. **a)** O Bojador é um cabo na costa africana, atualmente controlado pelo Marrocos, que, na época das Navegações, era conhecido como "Cabo do

Medo", dados os riscos da navegação na região. O Bojador era o fim do mundo conhecido pelos europeus até 1434, quando uma expedição portuguesa o cruzou. No poema, o Bojador aparece como marco do processo de expansão marítima portuguesa, encarado como um processo doloroso para o povo português em razão dos perigos e das perdas humanas que o caracterizaram.

b) O poema questiona quanto do sal do mar provém das lágrimas choradas pelo povo português, relacionando a expansão marítima portuguesa à dor das perdas humanas ao longo de sua história. Ao mesmo tempo, a expansão marítima é vista como um ato de grandeza da alma e é associada à abnegação diante da dor.

c) Resposta pessoal, na qual o jovem deve recorrer a diferentes trechos do poema para construir seus argumentos. O poema comporta ambiguidade, já que, mesmo relacionando a expansão marítima principalmente à dor (uma visão negativa), não deixa de considerar que tal empreendimento "vale a pena". A referência à alma, a Deus e ao céu dão um sentido existencial e religioso à dor vivida durante a expansão além de suas motivações mundanas.

4. a) O caráter atlântico dessa expansão, que avançou pouco a pouco no litoral africano até atingir o Oceano Índico, suplantando as rotas mediterrânicas centradas em Gênova e Veneza, e a possibilidade de organizar grandes frotas e expedições graças à centralização política da monarquia portuguesa após a Revolução de Avis.

b) As práticas mercantilistas abrangem a proteção de setores do mercado, o controle fiscal e político sobre os mercados das colônias, a busca por metais preciosos, a [illegible] de moedas e os grandes investimentos em iniciativas de expansão comercial e militar para alavancar a economia do país.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

5. Quando a Revolução Francesa aconteceu, o Haiti era a principal colônia da França na América, com uma produção agrícola altamente lucrativa e baseada no trabalho de pessoas negras escravizadas. Os eventos revolucionários na Europa desencadearam revoltas na ilha, a princípio pela igualdade entre as pessoas livres, já que muitas delas não eram brancas e exigiam direitos civis e políticos. A crise abriu espaço para uma revolução dos escravizados, que tomaram controle do processo e efetivaram a abolição da escravidão no país, bem como o fim do modelo de economia agroexportadora. Mesmo com diversas tentativas europeias de reimplantar a escravidão, o Haiti conseguiu manter a principal conquista de sua revolução durante o século XIX, além de ter contribuído para a abolição em outros países, como no acordo que seu governo estabeleceu com Simón Bolívar para apoiar as independências sul-americanas em troca da promessa de fim da escravidão nesses países.

6. Uma característica fundamental dessa mundialização é sua origem eurocêntrica. Entre outros exemplos de mundialização trabalhados no percurso estão a expansão do mundo conhecido representada nos mapas de diferentes épocas (sob uma perspectiva europeia), as transformações de paisagens em diferentes regiões do planeta por influência do colonialismo europeu, a partilha dos continentes africano e asiático por potências europeias.

7. Durante o século XIX, a legitimação da expansão colonialista deixou de se basear em argumentos de conversão religiosa e fortalecimento político das monarquias tradicionais para se fundamentar em teses sobre a superioridade civilizacional ou racial dos europeus com relação às demais populações do mundo.

8. O conceito é uma elaboração de estudiosos críticos ao colonialismo e à perspectiva eurocêntrica na produção do conhecimento que decorre do lugar ocupado pela colonização europeia na formação do mundo contemporâneo. Sua importância está na construção de um conhecimento que seja de fato global, articulando perspectivas de diferentes partes do mundo sem a imposição de um "centro" a servir de modelo civilizacional para o resto do planeta.

9. a) Mafalda se refere à visão cartográfica predominante nas representações do mapa-múndi, como na Projeção de Mercator. Nela, a Europa está ao centro e acima, além de ser representada de forma desproporcionalmente grande quando contraposta à África, por exemplo.

b) A Liberdade acabara de demonstrar que a visão de mundo que Mafalda entendia como natural era, na verdade, uma construção histórica relacionada ao colonialismo europeu. O que acabou de acabar foi a naturalização dessa convenção e, por extensão, da visão de mundo que ela representa.

c) Sim, porque a visão descolonial é crítica à centralidade europeia das representações e narrativas sobre o mundo. Espera-se que os jovens argumentem sobre o eurocentrismo na visão de mundo criticada.

d) Resposta pessoal, na qual se espera que o jovem reflita sobre o papel da representação simbólica eurocêntrica do mundo (com a Europa ao centro e acima) na formação de nossa visão de mundo, com impacto em nossas ações e comportamentos.

10. Espera-se que o jovem estabeleça conexões entre a expansão europeia e a história dos demais continentes com base no conteúdo da unidade, em particular quanto ao colonialismo e imperialismo que decorreram dessa expansão.

UNIDADE 2 A memória resiste à dominação?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
3 Dominação imperialista e seus impactos	• O imperialismo e as mudanças na configuração territorial • Estratégias de ocupação europeia da África, da Ásia e da Oceania no contexto da colonização • Violência simbólica e racismo científico: impactos na atualidade • Conflitos étnicos decorrentes da ocupação imperialista na África, Ásia e Oceania • A importância dos mapas no processo de colonização e no imperialismo • Independência de países africanos pós-imperialismo	• Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
4 Desafios do Novo Mundo	• Os desdobramentos dos processos de colonização na América Latina e a formação de elites regionais • Os processos de independência na América Latina e os interesses imperialistas • As sociedades indígenas e a configuração das nações latino-americanas • O processo de independência brasileiro • Lutas e desafios das populações afrodescendentes no contexto da crise da colonização e do início da formação do Estado brasileiro • A questão da igualdade política • Conflitos pela busca da igualdade política de grupos e minorias	

Objetivos

- Descrever os processos políticos e econômicos do imperialismo em conexão com a história das relações raciais e do racismo contemporâneo.
- Relacionar a formação do imperialismo com o desenvolvimento histórico do sistema capitalista, as transformações tecnológicas e os conflitos entre impérios europeus nos séculos XIX e XX.
- Investigar o impacto do colonialismo e do imperialismo europeu sobre a organização geopolítica da África, da Ásia, da Oceania e da América.
- Refletir sobre as sociedades e identidades que convivem no continente americano, conhecer e valorizar as resistências e tradições culturais e as produções de pessoas negras e indígenas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

O tema da unidade é o **papel do imperialismo na organização do mundo no século XIX**, assim como seus impactos nas relações de poder, no ordenamento geopolítico e nas identidades na realidade contemporânea. Ela está estruturada em dois percursos, que trabalham na mesma perspectiva: a análise dos processos históricos que resultaram em conflitos atuais tanto na América como na África, Ásia e Oceania.

Buscando analisar a formação dos Estados Nacionais em contextos de independência com relação ao domínio europeu, a unidade propõe que os jovens debatam temas ligados ao nacionalismo, aos conflitos étnicos, raciais e sociais, à violência simbólica, ao racismo científico e aos direitos humanos em uma perspectiva que relaciona o assunto estudado à realidade dos estudantes. Parte-se de exemplos recentes para convidar o jovem à reflexão e à análise de documentos históricos, em diferentes suportes e linguagens, inclusive muitos trabalhos com **mapas** e com **obras de arte**.

Atualmente, a **herança do imperialismo e das ideias racistas produzidas no contexto de sua formação** tem sido questionada em todo o mundo. Esse questionamento é marcante nos protestos antirracistas que levaram à derrubada de monumentos e estátuas de personagens históricos. Ao descrever a formação do imperialismo, o papel desses personagens é relacionado ao desenvolvimento capitalista, às transformações tecnológicas e aos conflitos entre impérios, que são características desse processo.

Ao investigar o **impacto do imperialismo nos diversos continentes**, os jovens poderão desenvolver [illegible] mundo contemporâneo. Os territórios da África, da Ásia e da Oceania, as estratégias das diferentes potências imperiais e as guerras travadas entre elas e contra populações locais marcaram profundamente as sociedades e a vida política dessas regiões.

Por sua vez, as aprendizagens sobre a **história da formação das nações americanas**, no mesmo contexto, possibilitam desenvolver a compreensão da atuação do imperialismo nesse continente, que, a partir da década de 1820, já era quase todo formado por nações independentes. Na América, são importantes questões como a do supremacismo branco nos Estados Unidos, ligado à narrativa da "Marcha para o Oeste" e ao discurso do "destino manifesto". Também é relevante o estudo das múltiplas identidades que formam o mosaico de culturas e povos da América. São aprofundados os **diálogos com as artes e com as linguagens**, propiciando uma reflexão ampla e criativa com relação às identidades no continente americano, com destaque para o estudo do muralismo no México, além de poemas e outras obras de arte.

O estudo e a valorização das **matrizes africanas e indígenas na história, na cultura e na arte do continente americano**, são cruciais para fazer frente às heranças do imperialismo na sociedade brasileira contemporânea. Na unidade, é promovido um rico diálogo entre as situações históricas analisadas em outros países e a realidade de nosso país, onde as heranças do colonialismo, da escravidão e do imperialismo também se manifestam na forma de discursos e práticas preconceituosos e discriminatórios. A análise de obras de autoras como Conceição Evaristo permite construir a compreensão das sociedades contemporâneas, inclusive a brasileira, onde o jovem exercerá seu protagonismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 3, 4, 7 e 9
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 5 e 6
Habilidades: EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS503, EM13CHS601, EM13CHS603 e EM13CHS605
Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: 1
Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias: 2

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: desenvolvida na valorização e utilização dos conhecimentos das Ciências Humanas para entender e explicar as transformações históricas e geográficas que ocorreram no mundo a partir do século XIX. São problematizados os discursos racistas elaborados no contexto do imperialismo e que se apoiavam em paradigmas científicos superados, de maneira que, com essa reflexão, os estudantes possam colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competência geral 3: ao longo da unidade são apresentadas manifestações artísticas, como pintura, filmes, charges, tirinhas e poesia. A análise da história e da cultura do continente americano é desenvolvida em constante diálogo com as expressões artísticas de diferentes matrizes do continente, sendo a atividade final da unidade uma proposta de organização de práticas de produção artístico-cultural.

Competência geral 4: desenvolvida nas atividades que promovem a utilização de múltiplas linguagens, incluindo aquelas artísticas e digitais. Valoriza os diálogos entre história, cultura e arte, abrangendo problematizações e exercícios de pesquisa que levam à partilha de informações, ideias, experiências e sentimentos sobre os impactos do imperialismo no mundo e sobre as identidades e sociedades do continente americano.

Competência geral 7: promove atividades e problematizações que incluem o debate e a construção de argumentos com base em fatos, dados e informações confiáveis sobre os temas abordados. O respeito aos direitos humanos e o posicionamento ético são desenvolvidos na abordagem de temas complexos e atuais, como o supremacismo racial e o nacionalismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência geral 9: presente em atividades de pesquisa e debate que exercitam a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação. O respeito aos direitos humanos e o acolhimento à diversidade étnica, linguística, cultural e de expressão artística são valorizados, assim como o combate aos preconceitos, em especial aqueles relacionados ao racismo produzido pela dominação imperialista europeia.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: os estudantes são instigados a analisar os processos que levaram à expansão imperialista durante o século XIX e seus impactos nos dias atuais. Esse trabalho envolve a leitura de documentos históricos, mapas e obras artísticas, entre outras fontes por meio das quais são possíveis reflexões e posicionamentos fundamentados em fontes de natureza científica diante de problemas relacionados ao imperialismo, ao nacionalismo e ao supremacismo racial.

Competência específica 2: desenvolvida ao analisar a formação dos Estados Nacionais africanos e asiáticos que se sucederam na esteira do processo de descolonização do continente, bem como a formação das nações latino-americanas no século XIX. O papel geopolítico dos Estados-Nações e as relações de poder desiguais no contexto do imperialismo são abordados em ambos os percursos da unidade.

Competência específica 5: a identificação e o combate às diversas formas de injustiça, preconceito e violência são trabalhados recorrentemente em ambos os percursos por meio de atividades que promovem a adoção de princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários e o respeito aos Direitos Humanos.

Competência específica 6: contemplada nas diversas atividades que promovem o debate crítico e respeitoso entre diferentes posições, relacionadas a temas como estigmas raciais, conflitos étnicos e nacionais e a história das mulheres negras na América. O tema e os problemas relativos aos direitos humanos e aos preconceitos são bastante trabalhados nos percursos.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS104: é contemplada no estudo da dimensão cultural do imperialismo e das resistências a ele, como também dos períodos Pré-Colonial e Colonial da América. Os objetos do imperialismo analisados incluem obras de arte, produtos para clarear a pele, mapas manipulados para servir de propaganda do colonialismo, entre outros. A cultura imaterial é analisada por meio da dança étnica maori e sua apropriação desportiva e comercial na Nova Zelândia. O estudo das sociedades da América inclui também análise da cultura material, como a Pirâmide do Sol e o Monte Albán, no México, o calendário [illegible] no Peru, as bandeiras [illegible] do Chile em 2019, entre outras. Essa competência também é desenvolvida pela análise de personagens e narrativas dos quadrinhos e do cinema, como o Pantera Negra e o Capitão América, já que seu enfoque são valores, crenças e práticas de identidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS106: trabalhada na utilização de diversos mapas e imagens, por meio dos quais os fundamentos ideológicos e geopolíticos do imperialismo são conhecidos. A unidade oferece a oportunidade do trabalho com mapas e fontes iconográficas em diversos exercícios e problematizações, de maneira que os jovens possam refletir e produzir conhecimento com elas.

EM13CHS204: é trabalhada na análise, comparação e avaliação de processos de ocupação e territorialização dos continentes africano e asiático, bem como das transformações territoriais operadas pela ação do imperialismo europeu nesses continentes. São identificados os papéis das potências coloniais e de organismos internacionais nos processos de disputa e partilha da África e da Ásia, de descolonização desses continentes e de eclosão de conflitos contemporâneos, como a Independência do Sudão do Sul. A competência também é desenvolvida no estudo da afirmação do poderio dos Estados Unidos no continente americano.

EM13CHS206: é contemplada no desenvolvimento do raciocínio geográfico por meio da leitura de textos e de mapas que descrevem a dinâmica da ocupação humana e da produção do espaço, com destaque para o tema da atuação do colonialismo e do imperialismo europeu ao longo dos séculos. Destacam-se as análises das representações cartográficas coloniais da África, da situação estratégica do Estreito de Gibraltar e do Canal de Suez e da produção das fronteiras coloniais da África, incluindo a atividade sobre o "Mapa Cor-de-Rosa" e as disputas anglo-portuguesas pelo interior do continente. No que diz respeito à América, são analisados os processos de ocupação pré-colonial e colonial do continente, bem como a expansão para o oeste, na formação dos Estados Unidos.

EM13CHS503: contemplada por meio da identificação de diversas formas de violência ligadas ao imperialismo, com destaque para a simbólica. Ao longo da unidade são problematizadas as causas, os significados e os usos políticos da dominação imperialista e do supremacismo racial, bem como seus desdobramentos em atitudes e valores contemporâneos.

EM13CHS601: trabalhada na identificação e análise de demandas e protagonismos de povos indígenas e de populações afrodescendentes do Brasil, como parte do estudo da história do imperialismo e de seus efeitos no mundo e nas Américas. Os jovens são incentivados a promover ações para a redução de desigualdades étnico-raciais, além de entrar em contato com intelectuais e artistas que valorizam suas identidades e ancestralidades negras.

EM13CHS603: desenvolvida na análise da formação de países, povos e nações, por meio do estudo de suas experiências políticas nos processos de formação do Estado Nacional. Conceitos como os de Estado, poder, nação e etnia são elaborados para a compreensão da diversidade e dos conflitos presentes no mundo contemporâneo.

EM13CHS605: contemplada quando são analisados princípios da Declaração dos Direitos Humanos, em especial aqueles que dizem respeito à autodeterminação dos povos e ao combate ao racismo e às violências étnicas e raciais. Esse conteúdo é desenvolvido de maneira a incentivar a promoção de ações concretas diante de desigualdades e violações de direitos, em especial no que tange ao respeito à diversidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Competência específica 1: é desenvolvida no estudo dos impactos ambientais do imperialismo, em especial na atividade sobre o Congo e a exploração do marfim pela Bélgica durante o século XIX. Questões como a biodiversidade e os desequilíbrios ecológicos são abordadas de maneira integrada em suas dimensões naturais e humanas.

Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 2: desenvolvida ao promover a compreensão de processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas da linguagem, por meio do estudo dos impactos do imperialismo e das identidades no continente americano. Nas atividades de ambos os percursos, os jovens analisam e produzem expressões artísticas de maneira crítica, plural e com base em princípios éticos e de respeito aos direitos humanos.

Perfil do professor

Para trabalhar esta unidade, o professor de **Geografia** terá condições de utilizar seus conhecimentos sobre as relações de poder na formação do mundo contemporâneo, em especial em sua dimensão geopolítica. A abordagem dos conceitos de imperialismo e de Estado Nacional possibilita a operacionalização dos conhecimentos e métodos dessa disciplina, assim como as diversas atividades que envolvem a leitura e o estudo de mapas, objetivando o raciocínio geográfico por parte dos jovens.

Também o professor de **História** terá boas condições de desenvolver as aprendizagens da unidade. O estudo das transformações em diversas regiões do mundo relacionadas ao imperialismo, aos seus impactos e à formação dos Estados Nacionais é bastante desenvolvido no âmbito dessa disciplina, propiciando o aprofundamento desses conteúdos e um diálogo entre aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

O professor de **Sociologia**, por sua vez, poderá desenvolver os conteúdos sobre as relações de poder e as imposições culturais do colonialismo, do imperialismo e da ideia de "destino manifesto" estadunidense. A problematização das identidades

étnicas, linguísticas e nacionais nos processos de descolonização também pode receber desse professor uma abordagem que dialogue com os conceitos sociológicos e antropológicos sobre cultura e poder.

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 56-57

Faça uma leitura das imagens com os estudantes. Na fotografia da página 56, apenas uma parte dos jogadores da seleção de futebol francesa cantam o Hino Nacional. De origem argelina, Karim Benzema, à esquerda na fotografia, chegou a ser alvo de uma campanha de políticos da extrema direita francesa para ser excluído da seleção por se recusar a cantar o hino em diversos jogos. A recusa está relacionada a versos da letra do hino que promovem a guerra, além de citarem uma ideia de "pureza de sangue" da nação francesa ("Nossa terra do sangue impuro se saciará!"). Relaciona-se também com o longo histórico de utilização do nacionalismo francês para legitimação da violência colonial contra povos de outros continentes.

Já a fotografia da página 57 retrata um jogo de futebol americano da National Football League (NFL), nos Estados Unidos. Os jogadores se ajoelham durante a execução do Hino Nacional para protestar contra casos de violência policial contra negros no país. Colin Kaepernick, no centro da imagem, foi quem deu início a essa forma de protesto, justificando que não saudaria uma bandeira que oprime pessoas negras e de outras etnias. Assim como o hino, a bandeira dos Estados Unidos tem sido contestada nos protestos antirracistas, nos quais elas são carregadas de cabeça para baixo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Nas duas fotografias há jogadores que não estão cantando o hino de seu país, quebrando uma tradição dos esportes.
2. Resposta pessoal. Diversos exemplos podem ser mencionados, como o protesto de atletas antirracistas dos Estados Unidos na Olimpíada de 1968, que, ao ouvirem o hino no pódio da prova de 200 metros rasos, baixaram a cabeça e ergueram um dos punhos usando luvas pretas em referência à saudação dos Panteras Negras, movimento que vinha sendo perseguido pelas autoridades do país. Também é conhecida a história de Muhammad Ali, boxeador que se recusou a se alistar para a Guerra do Vietnã e se opôs abertamente ao conflito, sendo punido com a perda de títulos e a exclusão de competições quando estava no auge da carreira. Outro exemplo são protestos recentes de seleções femininas de futebol de diferentes países pelo fim da desigualdade entre homens e mulheres no esporte e na sociedade. No Brasil, também é conhecido o exemplo da Democracia Corinthiana, movimento que envolveu jogadores e torcida que se opunham ao regime militar na década de 1980. Podem ser mencionados ainda outros aspectos da relação entre esporte e política, como o uso de esportes populares para a propaganda de regimes autoritários ou o ingresso de jogadores e dirigentes esportivos na política eleitoral.
3. Resposta pessoal. Indague os estudantes sobre os motivos que os levaram a torcer ou não pela seleção, mediando uma reflexão acerca de suas respostas.

Página 58

Expandindo as fronteiras: dominação em nome do progresso

Aproveite este texto de abertura para levantar temas e problematizações que serão desenvolvidas na unidade. Nacionalidades e nacionalismos, migrantes e refugiados africanos na França, tensão racial nas Américas, diferentes pontos de vista sobre o mesmo tema, disputa por narrativas, entre outros. Pergunte se recordam algum protesto realizado por jogadores no Brasil ou se lembram de outras relações entre esporte e política na atualidade.

Apresente os episódios relacionados ao questionamento da manutenção de monumentos e estátuas que homenageiam pessoas responsáveis pela escravização e outras violências históricas. Trata-se de um tipo de protesto muito antigo, no qual esses símbolos sofrem intervenções ou

são derrubados e destruídos. Uma série de eventos desse tipo ocorreu nos meses de maio e junho de 2020 em países como Estados Unidos, México, Inglaterra, Bélgica, Portugal, Suíça, África do Sul, entre outros.

O debate sobre os monumentos permite perceber que as nações geralmente possuem, além de símbolos, personagens históricos que foram considerados heróis nacionais por gerações passadas e que, em muitos casos, tornaram-se inaceitáveis para os valores das gerações mais recentes.

Página 59

Respostas

1. Resposta pessoal. Oriente o debate entre os estudantes de modo que percebam as causas e consequências desses atos, tomando o cuidado de corrigir falas que expressem opiniões preconceituosas ou discurso de ódio.

Respostas

1. O artista propõe que a estátua seja reposta, mas incluindo também os manifestantes representados por estátuas de bronze em tamanho real, que puxam cabos de aço amarrados ao pescoço de Colston, reproduzindo a cena da derrubada.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes debatam o tema contrapondo a defesa de patrimônios artísticos e históricos à legitimidade de um protesto que pretende excluir do espaço público monumentos que celebram opressões e violências históricas, representantes de uma memória que valorizam a memória de suas vítimas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Percurso 3

Dominação imperialista e seus impactos

Página 60

Como forma de sensibilizar os estudantes para o tema, apresente o filme *Pantera Negra*. Para além da história narrada nessa ficção – que fica em segundo plano nesse momento do percurso –, as discussões levantadas pelo filme envolvem a representatividade dos africanos.

A indústria cinematográfica também é responsável pela consolidação de visões preconceituosas. Por exemplo, o personagem Tarzan, representado em vários filmes no cinema, reforçou uma visão dos africanos como povo atrasado e não civilizado. Daí a importância histórica do filme *Pantera Negra*, que marca uma posição clara ao trazer o africano como protagonista e herói, que vive conflitos como qualquer outro povo, mas, nesse caso, é valorizado pelos seus elementos culturais.

Página 61

Análise: A revolução de *Pantera Negra*

Aproveite o texto para destacar os países e as etnias mencionadas, podendo localizá-los em um mapa da África. Aponte também a presença de elementos africanos que são citados no texto e que também estão presentes no Brasil (capoeira e babalaôs). É importante compartilhar com os estudantes referências sobre as lideranças mencionadas: Nelson Mandela e Fela Kuti (se possível, escutem juntos alguma canção desse artista).

Respostas

1. Ele pediu a seu pai que fizesse um exame de DNA para saber mais sobre suas múltiplas raízes na África, e se inspirou em diversos discursos, livros e produções artísticas ligados à cultura e história africana, aprendeu artes marciais africanas, viajou para a África do Sul para pesquisar e aprendeu xhosa, uma língua falada nesse país.
2. O ator afirma que sua pesquisa de herança genética levou-o a suas origens, e não apenas ao país mas também ao grupo étnico a que seus ancestrais pertenciam. Descobriu que eles eram da etnia iorubá da Nigéria, das etnias limba e mende de Serra Leoa e da etnia jola da Guiné-Bissau. Com base nesse trecho, é possível notar que as nações são identidades ligadas a Estados soberanos; já as etnias são povos com culturas e ancestralidades específicas que vivem nos territórios nacionais desses países.

3. Eles temiam que os espectadores tivessem dificuldade para compreender o inglês falado com sotaque xhosa. Boseman argumentou que as pessoas sempre se acostumam com sotaques europeus como o da Inglaterra e o da Irlanda, portanto não haveria razões para que não se acostumassem ao sotaque africano. Seu questionamento busca problematizar essas razões, que podem incluir questões como o etnocentrismo e os estigmas e preconceitos relacionados à África e às pessoas negras.
4. Resposta pessoal. Fique atento para falas que possam promover discursos e comportamentos preconceituosos. Uma possibilidade de trabalhar a questão é relacionar no quadro todas as origens étnicas e nacionais mencionadas, o que permite a construção de um panorama de diversidades com base nos conhecimentos dos jovens sobre suas próprias origens. A depender dos resultados da atividade, ela pode ser desenvolvida também com a localização das origens em um mapa, incluindo as origens regionais, ligadas às migrações no Brasil.

Página 62

O imperialismo

Para construir o conceito de imperialismo, se for preciso, retome o que foi o Período Colonial e de que modo esse período refletiu as transformações pelas quais passavam os países europeus. Aponte diferenças entre os contextos do século XVI e do século XIX que podem ter se refletido na dominação colonial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O século XIX e as transformações do capitalismo

É importante ressaltar o contexto histórico do imperialismo (conceito central do percurso); por isso, é necessária uma explicação sobre as transformações tecnológicas e políticas pelas quais os países europeus passaram durante o século XIX. Nesse momento, evidencie o impacto territorial das transformações tecnológicas, como os transportes marítimos e terrestres, a eletricidade e a comunicação por meio de telégrafo e telefone.

Página 63

Vozes: Thomas Edison

O papel de Thomas Edison na criação da lâmpada foi o de mobilizar os conhecimentos de ciências como a Física e a Química para produzir um objeto útil em várias situações, que teve grandes impactos na produção industrial, na sociedade e na cultura das cidades, entre outros aspectos.

Página 64

Análise: Etnocentrismo e imperialismo na mídia

Respostas

1. A questão precisa ser bem trabalhada, pois é por meio da descrição da imagem que se pode caminhar para análises e reflexões. A conversa sobre as interpretações possíveis e a troca de opiniões na hora de redigir as respostas favorece a aprendizagem. A imagem mostra uma mulher branca com vestes inspiradas na cultura clássica do Ocidente cortando o cabelo de um homem chinês. A mulher/civilização tem a expressão tranquila, uma estrela resplandecente na cabeça e realiza com firmeza o ato de cortar o cabelo do homem/China, retratado de maneira estereotipada, desengonçado, contrariado com o corte. Embora não seja possível ler na reprodução da imagem, no manto da mulher está escrita a palavra ***civilization*** (em português, "civilização"); na roupa do homem, **China**; e, na tesoura, ***19th century progress*** ("progresso do século XIX").
2. A imagem representa a civilização europeia em um lugar superior diante de civilizações consideradas inferiores, sendo o papel dos brancos extirpar os costumes "bárbaros" ou "atrasados" das demais culturas.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relatem vivências e impressões sobre discursos de superioridade e inferioridade cultural, que podem levar a um debate sobre o caráter preconceituoso desses discursos. Nesse momento, discursos que reproduzem preconceitos podem ser problematizados de maneira a desconstruir os argumentos falaciosos que os sustentam. Deixe claro que, apesar de a representação estar relacionada à Ásia, também a África e a Oceania foram alvos do avanço imperialista, como será aprofundado adiante.

Higiene e racismo

Leia com a turma o texto e a imagem, que relacionam a branquitude à limpeza, com um teor claramente racista. Peça aos estudantes que façam uma leitura atenta da imagem e discutam quais ideias estão por trás da mensagem passada por ela. Retome que a higiene foi um dos argumentos utilizados como justificativas civilizatórias à ocupação imperialista da África e da Ásia. Oriente a discussão de modo que os estudantes se posicionem diante do tema, expressando seus sentimentos e suas hipóteses em relação aos impactos de tais mensagens. Fique sempre atento a falas preconceituosas. Pergunte também se conhecem propagandas da atualidade que tenham sido questionadas por difundirem concepções e imagens racistas.

Página 65

Análise: A melanina

É possível também realizar uma parceria com o professor de Arte para elaborar um projeto relacionando os diferentes padrões de beleza com o modo como impactam a vida de meninos e meninas ao redor do mundo. Esta atividade pode ser relacionada à política de branqueamento adotada pelo Estado brasileiro no final do século XIX. Trata-se de um importante diálogo com o problema da violência simbólica, colocando em contato dois contextos históricos diferentes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. A notícia refere-se ao uso de produtos para clarear a pele em países da África.
2. Resposta pessoal. Espera-se que o estudante relacione o uso desses produtos à herança imperialista, que difundiu visões de mundo e padrões de beleza que promovem a noção de superioridade europeia e branca. A "lavagem cerebral" referida no texto é a imposição dos padrões europeus ao resto do mundo, que é "fruto de séculos de escravidão e colonização".
3. Resposta pessoal. Faça um debate, sensibilizando os estudantes a respeito de problemas relacionados ao preconceito e à discriminação racial. A discussão desse texto ainda abre possibilidade para problematizar as semelhanças entre os padrões de beleza buscados na África e os observados pelos jovens no cotidiano. Aproveite para conversar com a turma sobre autoestima, preconceito, diversidade e padrões.

Página 66

Análise: *A redenção de Cam*

Propõe-se aqui uma análise dos ecos do racismo científico no Brasil. Muito embora este não seja o foco do percurso, o estabelecimento de relações e conexões de um conceito em diferentes tempos e espaços é um importante recurso didático. A obra *A redenção de Cam* ilustra um projeto político e social que não envolvia apenas as artes mas aspectos como a política migratória (que incentivou a vinda de colonos brancos, abrindo exceção apenas aos japoneses), a política de acesso a terras e oportunidades de carreira (que privilegiava os brancos), a política de saúde (que adotou ideias higienistas e eugenistas da época, com heranças ainda vivas), entre outras políticas de Estado. A tese era basicamente a de que o Brasil deveria se encaminhar para um futuro mais branco e culturalmente mais parecido com a Europa por meio da miscigenação e da incorporação de pessoas brancas à nação promovidas pelas políticas imigratórias. Com isso, o objetivo de "clarear" a descendência foi apresentado como uma meta social que as pessoas negras deveriam adotar. Essa orientação política do Estado brasileiro aprofundou desigualdades, com impacto na autoestima das pessoas negras. O texto dialoga também com a atividade anterior, que propõe aos estudantes um olhar para a questão dos padrões de beleza no Brasil.

Respostas

1. Entre as heranças da "tese do branqueamento" no Brasil estão as desigualdades de renda e de acesso a oportunidades, a intolerância com expressões culturais e religiosidades de matriz africana, a discriminação pelos sistemas de segurança, judicial e penal, que leva a encarceramento e letalidade maiores de homens jovens negros, além dos problemas relacionados ao padrão de beleza e à autoestima abordados no conteúdo sobre os produtos clareadores de pele. No caso do Brasil, ainda que não seja frequente o uso desses produtos, os padrões têm impacto, por exemplo, na ideia de que cabelos crespos são "ruins" e precisam ser alisados para ficarem "bons". Retome a imagem analisada na página 64, na qual a "Civilização" corta os cabelos de um homem que simboliza a "China", lembrando que as tradições culturais associadas ao corte de cabelo são importantes para diversas culturas, já que podem afirmar identidades, crenças e valores.

Vozes: Juliano Moreira

Ao apresentarmos a biografia de Juliano Moreira, trazemos aos estudantes a referência de um cientista brasileiro que se contrapôs às ideias hegemônicas propagadas pela comunidade científica em relação às teorias racialistas. Destaque o caráter interdisciplinar de sua abordagem, bem como a importância de sua reflexão e seu posicionamento antirracista no mundo científico e acadêmico. Traga a discussão também para os dias atuais: veja se os estudantes conhecem cientistas que se contraponham ao discurso hegemônico vigente. Como exemplos podem ser mencionados os estudos pós-coloniais e os estudos sobre as opressões, resistências e identidades de gênero, que questionam, respectivamente, o eurocentrismo e o androcentrismo na epistemologia das Ciências, nas diversas áreas do conhecimento. É um bom momento para o aprendizado sobre a História e os métodos do conhecimento científico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 67

O imperialismo na África

A discussão se inicia pela África e volta a diferentes épocas a fim de que se possa compreender o processo de ocupação do continente anterior ao século XIX. É importante posicionar os estudantes nesse caminho, seja quanto ao próprio percurso, seja em relação aos diferentes tempos históricos nos quais o texto se desenvolve. Se necessário, faça uma linha do tempo para situar os eventos mencionados.

Página 68

Análise: A África na cartografia colonial

Respostas

1. O mapa representa tanto o território africano quanto imagens de embarcações europeias e criaturas marinhas, expressando o domínio de países da Europa sobre os mares do mundo. Nas laterais são representadas personagens que simbolizam diferentes culturas da África, estereotipadas em suas formas de vestir.
2. Na Europa, na época da colonização, os mapas dos outros continentes eram segredos de Estado, guardados com muito cuidado, já que era um conhecimento estratégico. Por meio dos mapas, os europeus conseguiam definir com maior eficácia suas táticas e estratégias comerciais, bélicas e políticas, além de representar fronteiras que eram fruto de acordos entre os diferentes Estados que concorriam pelas colônias. Quando for relacionar a importância dos mapas no passado com a atualidade, lembre os estudantes de que hoje os mapas são muito utilizados em aplicativos que usam a localização por GPS.
3. O território é descrito com menos detalhes e denominações de lugares no interior do continente, incluindo alguns espaços vazios e representações de animais nativos. Essa diferença era consequência do caráter marítimo da expansão europeia no período anterior ao imperialismo do século XIX, que promoveu maior interiorização da colonização do continente.

Página 69

Expedições geográficas pela África durante o imperialismo

Pontue a importância que as expedições geográficas tiveram a partir do século XIX. Faça uma leitura da imagem de Charles Lemaire, destacando sua postura e os aparelhos e medidores que eram utilizados na época (pergunte quais instrumentos seriam usados hoje em novas expedições). Destaque também o aproveitamento da rede

hidrográfica africana nessas explorações e faça menções às estratégias de ocupação colonial do Brasil, que, apesar de estar em outro contexto, também utilizou muito os rios como via de acesso ao interior.

Página 70

Análise: Caça violenta ao marfim

Respostas

1. A fotografia mostra presas de elefantes espalhadas pelo chão e colonizadores belgas de pé, no centro da imagem, vestidos com trajes ocidentais, posando com essas mercadorias que tinham alto valor na Europa. Entre esses homens estão dois meninos africanos e, à direita, um grupo maior de congoleses, alguns sentados, outros de pé. A cena confirma a relação descrita no texto por representar o negócio do marfim, principal objetivo de Leopoldo II; os homens negros, à direita, provavelmente estavam trabalhando no carregamento do marfim, uma das atividades citadas no texto.
2. O objetivo principal era acumular fortunas com a exploração do marfim, obtido por meio da caça de elefantes, o que levou a consequências como a drástica diminuição da população desses animais e desequilíbrios ecológicos relacionados a ela. Outras atividades também tinham sérios impactos, como a mineração de ouro e diamantes.

Página 71

A partilha do continente africano

A Conferência de Berlim é um marco importante do imperialismo que precisa ser destacado nessa leitura. Chame a atenção para a fotografia, na qual representantes diplomáticos brancos europeus conversam para buscar um acordo acerca do domínio que exerciam na África. Chame a atenção para o imenso mapa da África na parede e para o globo terrestre à esquerda, que é apontado por dois homens durante a conversa. Relembre o quanto os mapas foram importantes durante o imperialismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 72-73

Faça uma leitura mediada dos mapas e destaque o rápido crescimento das áreas sob domínio de países europeus, com crescimento expressivo principalmente da Grã-Bretanha e da França e com o fim do suseranato otomano no norte da África e o início do domínio belga no Congo. Até 1880, o domínio europeu sobre a África era marcadamente marítimo, fruto da expansão entre os séculos XV e XIX caracterizada pelo domínio de postos litorâneos e pelo tráfico de pessoas escravizadas.

Análise: O "Mapa Cor-de-Rosa" e o "Colosso de Rhodes"

Analise as imagens com os estudantes e ressalte a postura com que Rhodes é representado, simbolizando uma posse triunfal sobre toda a África. É importante destacar o aspecto dos conflitos de interesses entre as potências europeias na disputa pelo território africano. Sabe-se que essas disputas, que se estenderam até o início do século XX, tensionaram forças políticas na Europa e são apontadas como uma das causas da Primeira Guerra Mundial.

Respostas

1. Portugal já dominava Angola e Moçambique desde os séculos anteriores e pretendia unir essas colônias por meio da expansão para o interior do continente. A Grã-Bretanha pretendia estabelecer uma área contínua de norte a sul no continente e construir uma ferrovia ligando o Egito à África do Sul. Portanto, esses objetivos eram mutuamente excludentes.
2. A ausência dos povos locais está relacionada à dominação exercida por Estados europeus, que foi construída ao longo de séculos de expansão colonial, produzindo discursos e imagens de inferiorização das culturas e dos povos da África. Segundo os colonizadores, os povos do continente não eram "civilizados" como eles para poderem se autogovernar. Ressalte o caráter falacioso desse discurso, já que os povos da África sempre contaram com formas de organização social e de governo diversas, inclusive Estados que durante a Idade Média eram mais poderosos que os da Europa Feudal.

Respostas

O cartaz "Portugal não é um país pequeno" faz parte de uma propaganda salazarista da década de 1930. Contextualize o que foi a ditadura salazarista e qual era sua posição em relação ao controle dos territórios ultramarinos portugueses.

1. O mapa pretende demonstrar, por meio da sobreposição dos territórios das colônias no mapa da Europa, que elas faziam de Portugal um país maior.
2. Ressalte que o cartaz não reproduz um *mapa*, mas uma *sobreposição de mapas*, criando uma representação geográfica inexistente e carregada de um sentido ideológico. Discuta com os estudantes a opção por afirmar que "Portugal não é um país pequeno" em vez de afirmar que "Portugal é um país grande". Essa escolha está relacionada à afirmação do poderio português, apesar de sua pequena extensão no território europeu, onde Portugal é "um país pequeno". As colônias são, assim, afirmadas como parte fundamental da identidade portuguesa, o que leva a uma defesa do colonialismo como um objetivo do país.
3. O cartaz omite que outras potências imperialistas da época, como a França e a Inglaterra, dominavam territórios muito maiores que os de Portugal. Ao incluir apenas as colônias portuguesas na representação, o mapa dá a ilusão de que Portugal se destaca numa competição na qual o país já não era mais protagonista há séculos. Também é possível mencionar a omissão de que países como Angola e Moçambique eram regiões em que viviam povos com formas de cultura e organização social diversas daquelas de Portugal e que, mesmo estando submetidos à estrutura de poder colonial português, não se identificavam necessariamente com a nação portuguesa.

Página 74

A partilha da Ásia e da Oceania

Deixe claro para os estudantes que a Ásia e a Oceania também foram alvos dos avanços imperialistas. Apesar de algumas diferenças em relação ao processo que se desenrolou na África, o contexto histórico, os interesses europeus e os conflitos que esses continentes vivenciam hoje guardam muitas semelhanças.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 75

A China contra o imperialismo

Contextualize o ópio como um grande negócio, podendo ser comparado ao tráfico internacional de drogas nos dias de hoje. A Grã-Bretanha agiu para forçar a China a permitir esse comércio em seu país enquanto o proibia em seu próprio território, com o objetivo de obter os lucros do negócio sem arcar com as consequências sociais e para a saúde da população.

Página 76

Análise: Crise em Hong Kong

Respostas

1. Uma proposta de lei que previa mecanismos para facilitar a extradição de acusados de crimes para serem julgados pela legislação da China continental, ferindo o acordo de "um país, dois sistemas".
2. A dominação britânica levou a uma afirmação da população de Hong Kong como sendo orgulhosamente chinesa, ao passo que a integração à China fez com que ganhasse força uma identidade local, de maneira que há os que não querem mais ser chineses, e sim honcongueses. Essas transformações permitem perceber as relações entre identidades e conflitos políticos relacionados ao imperialismo.
3. Resposta pessoal. É importante que os estudantes situem o papel dos EUA levando em conta os conteúdos abordados, que consideram aspectos econômicos e políticos do interesse de potências econômicas em suas disputas geopolíticas. Atualmente, EUA e China protagonizam embates globais, disputando mercados e influência política, de maneira que enfraquecer o poderio chinês é parte dos interesses do governo estadunidense.

Páginas 77–78

A ocupação imperialista na Oceania

Solicite aos estudantes que façam uma pesquisa sobre James Cook e sobre as intervenções ocorridas em suas estátuas na Austrália no ano de 2020. Com isso, é possível desenvolver mais profundamente o conteúdo sobre as violências e as desigualdades históricas sofridas pelos povos da Oceania, como os aborígenes australianos.

Análise: All Blacks e a dança étnica maori

A atividade coloca em diálogo diferentes pontos de vista sobre o mesmo fenômeno. Relacione o conteúdo à introdução feita com o filme *Pantera Negra*, que traz uma produção cultural de massa, realizada em renomados estúdios de alcance global, com elementos das culturas tradicionais africanas. Volte também à atividade de abertura desta unidade e destaque a importância do esporte como um fenômeno social.

Respostas

1. Trata-se da apropriação da cultura pop do haka, dança bélica de origem maori que é encenada pelos jogadores da seleção de rúgbi da Nova Zelândia, além de ser utilizada em comerciais e em outros conteúdos ligados à indústria do entretenimento. O primeiro texto celebra a apropriação, enquanto o segundo a critica por descontextualizar a dança e utilizá-la para produzir lucros.
2. Resposta pessoal. É importante que os estudantes elaborem na discussão o conceito de "apropriação cultural" de maneira adequada, destacando que não se trata de uma crítica às interações culturais entre povos e culturas, mas sim ao uso descontextualizado e comercial de elementos culturais, sem que as decisões e os benefícios ligados a essa apropriação sejam das pessoas que praticam efetivamente essa cultura.
3. Os maoris que se apresentaram na Grã-Bretanha estavam em excursão pelo país. Para os britânicos da época, imersos na cultura do imperialismo, essas expressões culturais eram valorizadas como de um "outro" exótico.

Página 79

Processo de descolonização e o surgimento dos Estados Nacionais

Nesse momento, abre-se a discussão sobre as consequências do imperialismo na formação dos atuais Estados Nacionais africanos e asiáticos. Antes de iniciar a leitura, pergunte aos estudantes quais são suas hipóteses em relação ao tema. Por exemplo, pergunte quais seriam os fatores responsáveis pelo fim do colonialismo nos continentes estudados e quais podem ter sido os desafios enfrentados pelas gerações seguintes. Pergunte também sobre os acontecimentos atuais relacionados a conflitos civis nesses territórios e quais seriam as possíveis relações com os processos de independência. Registre na lousa as ideias compartilhadas pelos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 80

Por que a tensão no Sudão do Sul é comparada ao clima pré-genocídio de Ruanda

O boxe tem como objetivo apresentar um dos inúmeros conflitos por independência presentes no continente. A singularidade desse evento, em especial, é que não se tratou de uma independência em relação à metrópole europeia, mas em relação a um país da própria África, ao qual o território estava incorporado. Aproveite o momento para voltar ao direito da autodeterminação dos povos, resgatar o papel da ONU em processos como esse e relacioná-lo com outros conflitos separatistas no mundo, que não são uma exclusividade da África.

Página 81

Prática de pesquisa: Guerras de independência na Ásia e na África

Nessa prática de pesquisa, os estudantes devem investigar os processos de independência na África e na Ásia no final do período imperialista por meio de análise comparativa. O resultado será um *podcast* para divulgar as conclusões da turma.

- **Juntem-se e selecionem!**: é importante que os estudantes compreendam o que foram o imperialismo e o processo de descolonização. Contextualize o fortalecimento dos movimentos de independência no período das duas grandes guerras e seus impactos nos países europeus, bem como as ideias surgidas com o advento da ONU e da Declaração dos Direitos Humanos.
- **Aprofundem, comparem e analisem!**: para que os estudantes possam entender a situação atual, é interessante buscar matérias de jornais, índices de desenvolvimento e análises que deem uma ideia da conjuntura de cada país. A pesquisa pode ser feita tendo como uma das fontes o livro *História geral da África*, publicado pela Unesco e disponibilizado em domínio público. O Volume VIII aborda o período da descolonização. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000325.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

- **Compartilhem!**: possibilite que os estudantes desenvolvam colaboração, autonomia e resolução de problemas na produção do *podcast*. Eles podem ficar um pouco nervosos com a situação de produzir uma gravação. Reitere que o formato do *podcast* pode ser o de uma conversa normal, na qual o tema é desenvolvido por meio do diálogo. As gravações podem ser feitas em celulares pessoais e o conteúdo pode ser veiculado em algum evento especial da escola.

Páginas 82-83

Atividades

Respostas

1. Proponha aos estudantes que escrevam um texto utilizando as questões como roteiro, mas avise que não precisam se restringir somente a respondê-las, caso queiram expressar outros aspectos. Antes da produção do texto, você pode fazer uma leitura coletiva da proposta e dos mapas. Retome, por exemplo, o boxe **Análise** da página 61 em que houve menção às etnias africanas e ao zulu e ao xhosa, que aparecem representados no Mapa 1. Volte também às discussões sobre nacionalidade, que desde a atividade de abertura da unidade permeia muitas das propostas realizadas.
   a) Ambos os mapas representam a diversidade linguística de países que se tornaram independentes após longo período de domínio imperialista europeu. Em comum, a África do Sul e a Índia são nações [illegible] grupos étnico-linguísticos, abrangendo tanto línguas locais quanto aquelas que resultam da presença do imperialismo, como o inglês e o *afrikaans* (em português, "africâner").
   b) Os idiomas têm sido elementos importantes de identidade nacional, em processos que envolvem frequentemente a valorização de determinadas línguas e culturas em detrimento de outras, ou mesmo a tentativa deliberada de destruir tradições étnico-linguísticas em nome de uma cultura nacional dominante. Em outras situações, nações constroem suas identidades de maneira plurilinguística, reconhecendo os diversos idiomas falados como expressões legítimas da nacionalidade. A África do Sul passou por sérios conflitos relacionados ao idioma *afrikaans*, já que durante o período do regime autoritário, nacionalista e racista conhecido como *apartheid*, o ensino desse idioma foi imposto às populações que falavam línguas de origem africana. A Índia, por sua vez, é o país com o maior número de idiomas ameaçados do mundo e vive conflitos étnico-religiosos relacionados à disputa com o Paquistão pela Caxemira e pela ascensão de um governo que promove o nacionalismo hindu, caracterizado pela intolerância com diversas minorias.
   c) Nessas regiões, antes do colonialismo europeu, vários povos tinham tradições étnico-linguísticas extremamente diversificadas. Essa diversidade foi, em parte, ameaçada pela imposição de novos padrões culturais e linguísticos, mas as línguas europeias não se tornaram as mais faladas na maioria do país (à diferença, por exemplo, do que ocorreu na colonização da América, incluindo o Brasil).
   d) Resposta pessoal, na qual se espera que o jovem valorize a diversidade linguística e a relacione ao papel dos governos em sua preservação. Podem ser mencionados desafios como o de oferecer uma educação que não imponha violentamente uma língua sobre outras, o de combater preconceitos e formas de discriminação relacionados à língua, e o de desenvolver políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural e linguístico de diferentes povos.
   e) No Brasil há uma grande diversidade linguística, mas em nenhuma região do país o português é menos falado que algum outro idioma. Existem semelhanças relacionadas à imposição cultural europeia, enquanto as diferenças se relacionam com as estruturas políticas ameríndias (que, no caso do atual território do Brasil, eram marcadas pela fragmentação) e com as especificidades da ação dos colonizadores europeus na América, entre os séculos XVI e XIX, que desenvolveram esforços sistemáticos para promover a religião cristã e a língua portuguesa, ao mesmo tempo em que as populações indígenas eram drasticamente reduzidas por causa de epidemias, da escravidão, das guerras e da destruição do modo de vida delas.
2. Ao analisar as imagens, é importante evidenciar para os estudantes alguns elementos do contexto da África do Sul em 1900. Os bôeres, ou africâneres, são os descendentes dos holandeses que colonizaram o país por séculos até a chegada dos ingleses, quando se iniciou uma disputa. Eles empenharam uma grande jornada pelo interior do país, chamada Great Trek, ocupando as terras e entrando em conflito com diversos grupos nativos.
   a) As imagens e o texto abordam o contexto de grande violência da expansão dos bôeres no interior da África do Sul. A imagem da esquerda mostra um pai ensinando seu filho, ainda

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

criança, a atirar em seus inimigos. A da direita mostra uma batalha particularmente sangrenta desses conflitos, o massacre de Weenen (1838).

b) Na imagem 2, os zulus são reconhecíveis por serem negros e utilizarem roupas, adereços, armas e escudos de origem africana. Os bôeres são identificáveis por serem brancos e usarem roupas e armamentos de origem europeia. A imagem mostra os bôeres cercados pelos zulus, e alguns já se encontram caídos. Os zulus parecem estar na ofensiva, apesar de os bôeres portarem armas de fogo, muito mais poderosas que as lanças e os escudos dos zulus.

c) Os colonizados nem sempre foram dominados com facilidade e venceram muitas batalhas contra o imperialismo, em todas as épocas desse processo. O domínio prolongado da Europa sobre os demais continentes não deve apagar essas resistências, retomadas com intensidade nas lutas de libertação colonial do século XX.

3. As causas são conflitos étnicos e políticos que resultam do domínio imperialista sobre a região e da guerra civil que se seguiu a ele. Desde a independência, as etnias Dinka (maioria no país) e Nuer partilham o poder, e as tensões entre elas se agravam.
4. O domínio europeu sobre a África produziu fronteiras e estruturas de poder étnico e político que atendiam aos interesses europeus, gerando conflitos que se desdobraram para além do processo de independência. Um caso conhecido desse tipo de conflito foi o genocídio de Ruanda.
5. Oriente os estudantes para que pesquisem no *site* da ONU. Essas informações podem ser buscadas em: https://nacoesunidas.org/conheca-os-membros/ (acesso em: 25 jul. 2020). Eles devem ter o papel da ONU como principal organização internacional responsável pela resolução de conflitos internacionais, sendo o reconhecimento um passo crucial para a independência de um Estado.
6. Podem ser apresentados casos como o da jogadora de futebol feminino dos Estados Unidos, Megan Rapinoe, que justificou o ato como protesto contra o presidente Donald Trump por ele ser "machista, misógino, racista, mente pequena e, por fim, uma pessoa ruim", ou ainda do jogador de futebol americano Colin Kaepernick, que mencionou especificamente o racismo como alvo do protesto.
7. Os estudantes devem escolher algum contexto analisado no percurso para elaborar o texto. Espera-se que observem a importância da memória para a afirmação de identidades que rompam com o domínio colonial. Por exemplo: os episódios relacionados à derrubada de monumentos e estátuas de colonizadores (quando manifestantes afirmam uma memória contrária ao colonialismo); a elaboração de uma memória africana no filme *Pantera Negra*; a recuperação da memória dos antigos impérios e reinos da África; os dilemas da identidade de Hong Kong diante da memória das atuações do imperialismo britânico e da passagem à soberania chinesa; as discussões sobre a apropriação dos ritos maoris na Nova Zelândia (que são símbolos ligados à memória da resistência ao colonialismo); além das guerras de independência na África e na Ásia trabalhadas na prática de pesquisa, que são movimentos que organizam novas identidades nacionais com base na memória pré-colonial e colonial dos povos de seus países.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Percurso 4

Desafios do Novo Mundo

Página 84

O que é ser americano?

Como forma de sensibilizar os estudantes para o tema, comece a trabalhar o conteúdo pela referência do filme *Capitão América*. Para além da história narrada nessa ficção, as discussões levantadas pelo filme ficam em torno da representatividade dos estadunidenses.

Nesta unidade tivemos a oportunidade de investigar como os estereótipos sobre a África (e, em larga medida, também sobre a Ásia e a Oceania) são herança de processos históricos de séculos. A indústria cinematográfica também é responsável pela consolidação dessas visões preconceituosas.

Análise: Americano ou estadunidense?

Respostas

1. Resposta pessoal. O personagem Capitão América representa uma visão universal e determinista do que é ser uma pessoa nascida no território americano. Desse modo, todos os habitantes dos países do continente americano poderiam ser assim reconhecidos no personagem. Contudo, o "herói" representa um estereótipo branco, tido como universal, algo muito questionado pelos povos autóctones e de descendência africana que construíram e povoaram a América junto com os europeus e em condições discrepantes mediante o modelo escravocrata de colonização.

Página 86

Respostas

As imagens servem como mobilizador para que os estudantes se identifiquem como cidadãos do continente americano, para que percebam a atualidade do tema com base em patrimônios culturais e grandes manifestações recentes que marcam o continente em função de suas disparidades e contradições.

A escolha desses fatos e imagens possibilita uma abordagem ampla e interdisciplinar para a área de Ciências Humanas. É fundamental destacar as relações e os conflitos que evidenciam o desdobramento do modelo colonial e escravocrata que formou as nações do continente, como também ressaltar para os estudantes que os conflitos apresentados demonstram a permanência de aspectos étnico-raciais, sociais e culturais — que precisam ser aprofundados e explorados pelos professores de acordo com o seu planejamento e recorte curricular.

1. É muito importante localizar no mapa os países envolvidos nesses protestos, solicitar e mediar uma breve pesquisa sobre os motivos das reivindicações, destacar a permanência de símbolos que demonstram que o processo de luta segue existindo no continente, além de estimular os estudantes para que sejam sujeitos ativos do conhecimento, trazendo novas leituras, outros conflitos e outras possibilidades para a abertura desse assunto.
2. Os protestos no Equador estão relacionados às medidas de austeridade, de caráter neoliberal, aprovadas pelo governo do país, bem como à revogação de subsídios que serviam para diminuir o preço dos combustíveis para a população. Isso ocorreu num contexto qu[illegible]ecimento, além de problemas [illegible]ão dos povos indígenas. Em 13 de outubro de 2019, os processos se encerraram com vitória, já que foi anunciada a revogação das medidas de austeridade e do fim do subsídio aos combustíveis. Os protestos em Charlottesville, Virgínia (EUA) foram em reação à organização de marchas de neonazistas e supremacistas brancos no contexto da eleição de Donald Trump à presidência. Os protestos resultaram em conflitos violentos entre supremacistas brancos e manifestantes antirracistas e antifascistas. Nesse caso, não houve vitória, já que nos anos seguintes a brutalidade contra pessoas negras continuou ocorrendo e gerando reações, enquanto os grupos de extrema direita, armamentistas e supremacistas permanecem atuando, e a reação a eles é tratada pelo governo como "terrorismo".
3. As manifestações apresentadas estão presentes em diferentes territórios e contextos, com símbolos e significados distintos, porém semelhantes quando pensamos em resistência a um modelo desigual e excludente em um continente com enormes desigualdades. Nessa perspectiva, comente outros conflitos que servem como mobilização para o assunto e permitem inúmeras conexões dentro da área, como o componente estético e simbólico dos zapatistas, mapuches e dos camponeses no Brasil, o debate sobre o modelo agrário em diferentes regiões do continente, a forma de manifestações e resistências, a compreensão e o significado da terra para diferentes sujeitos em tempos distintos, a própria ideia do muro como elemento concreto e simbólico de separação e esgarçamento das relações internacionais, entre outras possibilidades que conversam com os diferentes componentes de Ciências Humanas em suas especificidades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ideia de raça e as mulheres negras

O trecho de Aníbal Quijano apresenta o conceito de colonialidade do poder, que foca na dominação cultural e na construção mental dessa ideia de inferioridade em virtude da raça. Nesse momento, pode-se aproveitar para debater e valorizar saberes e fazeres influenciados pela presença africana no continente, de maneira que se identifique essa vulnerabilidade social para quebrar a perspectiva de superioridade que o autor reforça em sua obra. Assim, sugerimos referências da poesia e do pensamento acadêmico, como Angela Davis e Conceição Evaristo, justamente para contemplar esse esforço de ampliação do universo de referências sobre a produção cultural brasileira e estadunidense.

Vale salientar para os estudantes o componente estrutural do racismo brasileiro. Ele pode ser ampliado e aprofundado conforme o entendimento e a realidade da escola e dos professores. Tema obrigatório por lei, deve ser abordado para além dos aspectos sociais, econômicos e históricos que ele carrega no Brasil. Desse modo, é preciso apresentar referências negras de diversas áreas, além de reforçar a oralidade e a corporeidade negra como elementos de resistência, resgate e memória dessa ancestralidade.

Página 87

Análise: Poemas de recordação

É fundamental resgatar e valorizar os múltiplos saberes produzidos pela população afro-brasileira como forma de ampliar o repertório dos estudantes. A autora aqui sugerida é uma dessas possibilidades quando falamos de literatura. Existe ainda a perspectiva de uma parceria com o componente curricular de Língua Portuguesa a fim de aprofundar e expandir esse universo para a turma.

Aqui, além de desenvolver o assunto por meio do recorte sobre a mulher negra, o objetivo é proporcionar um diálogo com outras áreas, como a literatura, estabelecer relações com as questões históricas, sociais e culturais e criar oportunidades para uma conversa que traga a condição da mulher negra para o debate, sem, é claro, excluir outras possibilidades de abordagem do tema.

Respostas

1. O poema descreve e valoriza a resistência das gerações de mulheres negras anteriores à da autora, que enfrentaram o tráfico negreiro, a escravização e a subalternização de sua condição no pós-Abolição, quando muitas delas continuaram atuando em trabalhos domésticos e passaram a viver em favelas.
2. São apresentados o tráfico negreiro, a escravização no Brasil, [illegible] em favelas. O tráfico foi abolido em 1850; a escravidão, em 1888; o trabalho doméstico só teve seus direitos trabalhistas reconhecidos em 2013 (os quais são frequentemente desrespeitados); e a vida em condições precárias, em favelas, continua sendo parte da realidade de muitas pessoas negras.
3. Resposta pessoal. Aproveite a questão para um debate, e preste atenção em falas que possam levar a discursos e comportamentos preconceituosos. Textos, livros e palestras de mulheres negras podem ser trabalhados no debate, como o livro *Mulheres, raça e classe*, de Angela Davis, ou outros poemas e textos de Conceição Evaristo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 89

Respostas

Em caso de impossibilidade de acesso à internet, oriente os estudantes para que localizem e interpretem a imagem do que ocorreu em 2019 no México. Ela retrata a marcha de inúmeros povos da América Central tentando atingir a fronteira com os EUA em busca de sobrevivência.

1. Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e, como resultado, necessitam de "proteção internacional". Segundo as Nações Unidas, refugiados são especificamente definidos e protegidos no direito internacional. Já os migrantes correspondem àquelas pessoas que se deslocam voluntariamente e permanecem no país de destino por vontade própria, como alguém que cruza uma fronteira à procura de melhores oportunidades econômicas.
2. A marcha inclui tanto imigrantes, que buscam melhores condições de trabalho e vida nos Estados Unidos, quanto refugiados de conflitos sociais e políticos da América Latina.
3. Essa questão possibilita resgatar a ideia de América estereotipada pelos personagens dos quadrinhos, a tentativa de universalizar aquilo que é diverso, a herança social e cultural com base na ideia de raça que classificou grupos como inferiores, como indígenas e negros, entre outras possibilidades de relações que devem ser estimuladas e mediadas pelo professor nesse momento.
4. Esse processo pode envolver os professores de Sociologia, História, Geografia, Filosofia e demais colegas como um grande projeto de protagonismo, com base nos Direitos Humanos e nas questões atuais, por meio da mediação e construção da proposta de pesquisa seguida de um registro que sintetize e transponha os muros escolares. Uma campanha em vídeo pode ser disseminada, pode-se envolver algum grupo ou instituição de seu estado ou cidade que atue com refugiados, gerando empatia e ação social por parte do grupo. Ela pode ser ampliada conforme o planejamento e entendimento do grupo de professores, mas também pode servir como uma síntese do percurso, que envolve conceitos como racismo, colonização, protagonismo, resistência, memória, entre outros que são basilares para a integração da área.

Páginas 90-91

Respostas

Promova uma leitura mediada dos mapas sugeridos e enfatize a diversidade de povos que viviam nesses territórios. Converse com a turma sobre a ideia de uma história que começa a partir da chegada dos europeus, ressaltando que essa herança segue fazendo parte dos embates e da diversidade que caracterizam o continente. Retome o que já foi oferecido neste percurso.

Destaque a divisão territorial ocorrida após a implementação do sistema colonial; enfatize e reforce a pluralidade de saberes que marcam as sociedades que aqui viveram e que muitas vezes são apagadas da memória por um viés eurocentrista — que deve ser problematizado com o grupo. Uma opção é produzir com a turma um grande mapa coletivo em que essas diferenças sejam evidenciadas por meio de alguns elementos que apontaremos na sequência desta proposta. Nesse processo, reforce o tempo presente, de maneira que os estudantes pesquisem e conheçam diferentes realidades do continente.

Pluralidade de identidades na América

O panorama geral sobre o processo de dominação do continente por meio da instituição do modelo colonial é uma das possibilidades de análise aqui sugeridas. As resistências no passado e no presente diante das inúmeras situações vivenciadas pelos povos descendentes, seja no Brasil, seja em qualquer outro país do continente, devem ser destacadas o tempo todo. O percurso valoriza esses saberes, que devem ser retomados e ressignificados. O conceito **trabalho** pode ser aprofundado com um diálogo interdisciplinar que traga alguns elementos da atualidade, além dos embates e da violência vividos pelos povos indígenas no Brasil.

Página 92

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mapuche

Essa pesquisa visa mobilizar o grupo para analisar a permanência dos conflitos no continente, bem como relacionar esse processo ao modelo de colonização implementado.

Respostas

1. As principais demandas dos manifestantes são: a revogação do aumento da passagem do transporte público; a renúncia de Andrés Chadwick (Ministro do Interior e de Segurança Pública); mudanças estruturais relativas às questões sociais, que deveriam constar em uma nova Constituição, em substituição ao texto atual, elaborado e aprovado no período da ditadura militar.
2. A primeira reação do governo foi decretar estado de emergência e, a seguir, toque de recolher.
3. Resposta pessoal. O presidente Piñera pediu a renúncia de todo seu gabinete de ministros, fazendo uma reforma que incluía a saída do ministro do interior e de segurança pública, pedida por muitos manifestantes.
4. O Club Social y Deportivo Colo-Colo é o clube chileno de futebol com maior número de torcedores e o mais importante da cidade de Santiago. Foi fundado por David Arellano. Suas cores são o preto e branco, vigentes no uniforme desde sua fundação. Quanto a seu escudo, mantém as cores da bandeira do Chile e, desde princípio dos anos 1950, incorporou a figura de um mapuche como emblema. A posição política do indivíduo está totalmente relacionada ao meio que o cerca e, nesse sentido, só o fato de ele torcer ou representar determinado time já demonstra sua atitude política. No Chile, na época da violenta ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990), foi a vez de Carlos Caszely se manifestar de forma corajosa contra esse regime. Como sua mãe foi torturada nos porões do governo chileno, o então jogador se recusou a apertar a mão de Pinochet, no chamado "Jogo da Vergonha".

Página 93

Vestígios dos povos ameríndios

Valorizar o protagonismo dos povos mesoamericanos antes e depois da colonização é fundamental para que esses saberes historicamente silenciados sejam ressignificados. Comente com a turma que esses conhecimentos, em áreas como Matemática, Engenharia e Astronomia, surpreenderam os colonizadores europeus e seguem impressionando as sociedades atuais. Assim, é possível uma parceria interdisciplinar e entre áreas com temas como a etnomatemática, além de outras opções.

O conhecimento sobre esses povos e sua história pode ser estimulado com imagens, navegação em *sites* dos museus desses locais etc. Busque localizar esses lugares na atualidade, destaque a permanência de saberes herdados desses povos e, se possível, promova uma exposição na escola sobre o que foi pesquisado e problematizado com o grupo.

Página 94

Análise: Maias

Respostas

1. O calendário religioso maia era dividido em 13 meses com 20 dias cada. Regido pela Lua, orientava os costumes pessoais desses povos, como trabalho, amor, saúde etc. Já o calendário agrícola contava com 365 dias, era regido pelo ano solar e organizado de acordo com o plantio e as colheitas na agricultura maia. Interessante saber que os calendários eram sincronizados, ou seja, funcionavam juntos de acordo com cálculos matemáticos associados ao planeta Vênus. Isso nos conta um pouco mais sobre o conhecimento de Astronomia desses povos.
2. Atualmente, os calendários são instrumentos essenciais para a organização da vida social, determinando períodos de trabalho, de estudo, funcionamento de atividades comerciais, entre outros aspectos. Eles também continuam tendo sentido simbólico, religioso e ritual. Celebrações como o Ano-Novo e o Carnaval e feriados cristãos como a Páscoa e o Natal são datas importantes para muitas pessoas em nossa sociedade.
3. É possível destacar seus usos (agrícola, religioso, de celebração coletiva, de organização do trabalho e da vida econômica etc.) e seus principais marcos, que, no caso da sociedade contemporânea, incluem o Ano-Novo, um feriado que costuma ser marcante na vivência das pessoas.

Página 95

Respostas

1. Os incas foram uma civilização complexa presente em territórios atualmente de diversos países como Peru, Chile, Argentina e Colômbia (situe-os em um mapa). Essa civilização contava com um complexo sistema de estradas que representaram seu desenvolvimento e apogeu, com a dominação de um vasto território a partir da região de Cuzco, no Peru. Antes dos incas, a região conheceu alguns outros povos, mas nada comparado à potência e abrangência dos quéchuas (nome pelo qual os incas eram chamados).
2. O Império Inca dominou regiões. Cobrava impostos dos povos subjugados e contava com um sistema de governo teocrático (organizado com base em crenças religiosas). Tinha por volta de 6 milhões de pessoas sob seu domínio. Depois dessa análise, problematize com o grupo a importância dos estudos científicos de maneira integrada para entendermos nossa memória e nossos antepassados, além de focar e aprofundar a ideia de descoberta que atravessou o tempo quando pensamos em América e África.
3. A questão recoloca o problema do "descobrimento" como sendo uma perspectiva europeia dos contatos entre povos na história da América. Debata essa questão para além da leitura e análise dos incas, estabelecendo paralelos com outros saberes, como os africanos e indígenas vinculados à formação do Brasil. É uma forma de criar novas leituras e perspectivas sobre o significado do processo de colonização e a centralidade desses grupos na formação social, histórica e cultural do que hoje conhecemos como continente americano.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 97

Análise: *La guerra de la Independencia de México*

Para o estudo da imagem é preciso contextualizar e retomar, em linhas gerais, o processo de independência do México, além de valorizar e destacar a representação simbólica de toda obra de arte. É possível criar parcerias com o componente de Arte de sua escola e desenvolver uma habilidade central para o aprendizado dos estudantes relacionada à identificação, problematização e reflexão acerca da linguagem artística da pintura em diferentes contextos. Um bom debate sobre memória também se apresenta como norte nesse momento.

Respostas

1. Oriente os jovens para que pesquisem e elaborem instrumentos – como uma linha do tempo da Revolução Mexicana e uma relação dos protagonistas, com os dados biográficos mais importantes e as respectivas reivindicações – e que, com base nesses instrumentos, analisem o processo. Entre os protagonistas que precisam ser destacados estão Emiliano Zapata, comandante revolucionário do Sul, e Francisco "Pancho" Villa, comandante do Norte.
2. Na parte de baixo, estão os conflitos violentos durante a colonização espanhola da região, representando o passado colonial. No centro, encontram-se personagens e símbolos da independência no século XIX. Na parte superior, estão os eventos relacionados à Revolução Mexicana no século XX.
3. Entre os elementos que podem ser destacados estão: os chapéus característicos das populações pobres combatentes na Revolução Mexicana; a águia segurando uma cobra, símbolo asteca apropriado pela identidade nacional mexicana e que faz parte da bandeira do país; as indumentárias e armas de astecas e europeus, que simbolizam o embate que está na origem da nação mexicana.

4. Na imagem, há trocas tanto relacionadas à colaboração como ao conflito entre diferentes personagens representados. Espera-se que o jovem observe nela algumas dessas interações e procure identificar os personagens com base na pesquisa realizada.

Páginas 98-99

Voltando ao Capitão América

Utilize essa seção para retomar e organizar os saberes e fazeres que foram apresentados acerca de algumas civilizações que viviam no território americano, de maneira que o grupo perceba o embate e o choque de modelos de sociedade que representaram o processo de ocupação do Oeste americano. É preciso que a turma identifique a força dos valores morais/religiosos presentes na doutrina do destino manifesto. Também é importante que estabeleçam relações com o presente, como o recrudescimento de discursos extremistas, as marchas destacadas na abertura deste percurso, a relação com os refugiados e imigrantes nos EUA.

Páginas 100-101

Análise: Marcha para o Oeste

Respostas

1. A mulher representada na imagem é Colúmbia, uma personificação dos Estados Unidos do século XIX.
2. Os gestos, de uma mulher angelical, passam a ideia de que o processo de colonização foi suave e pacífico, quando na realidade ele foi brutal e violento.
3. Resposta pessoal. O movimento mostra os povos nativos e os animais selvagens sendo afugentados e expulsos de seu território.
4. A mulher está segurando um livro escolar, o que significa levar a civilização para o Oeste.
5. Ambos trazem consigo a alegoria que representa o chamado "destino manifesto".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Povos das Américas: diferentes narrativas

Para encerrar o percurso, retome os principais tópicos associados aos eventos relacionados ao questionamento e derrubada de estátuas no ano de 2020 em vários países. Os estudantes devem perceber o imperialismo como um processo global, que gerou problemas semelhantes em diversas regiões do mundo.

Páginas 102-103

Atividades

Respostas

1. **a)** O personagem é um policial, caracterizado pelo uniforme e o uso de um cacetete.
   b) Ela aponta para o cacetete, definindo-o como "um objeto de apagar ideologias".
   c) A personagem de Mafalda está apontando para a violência legalmente exercida pelo Estado como um instrumento de poder ideológico, em especial em contextos autoritários, quando essa força é utilizada para silenciar opositores políticos e ideológicos ao regime vigente.
   d) Pela violência contra manifestantes, opositores e pessoas que, por alguma razão, são tratadas como inimigos pelo Estado, o que, em razão das heranças do colonialismo e do imperialismo, são as populações racializadas, como indígenas e negros.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes retomem a discussão sobre o personagem do Capitão América como uma construção que homogeneíza o continente com base num padrão branco, masculino e ocidental, sem considerar a imensa diversidade da população do continente e mesmo dos Estados Unidos internamente.
3. Os muralistas foram inspirados pela Revolução Mexicana, iniciada em 1910, e foram responsáveis pelo resgate e valorização da América Pré-Hispânica e da cultura indígena presente na sociedade contemporânea. Eles buscavam uma arte popular e nacional, identificada com essas heranças, e se notabilizaram pela produção de grandes murais que fazem referência a elementos da história e da cultura do continente americano. Entre seus principais artistas estão Federico Cantú, José Clemente Orozco, Diego Rivera e David Alfaro Siqueiros.
4. O território asteca se localizava no atual México, em uma região conhecida como Mesoamérica. Entre as características que podem ser destacadas estão a organização política teocrática, ligada ao culto do Sol, as construções imponentes, as grandes dimensões da capital e os conhecimentos científicos, além de outros aspectos.
5. **a)** A cena destaca o lugar central e superior de D. Pedro I, príncipe herdeiro português que liderou a Independência brasileira. O objetivo é

promover uma leitura da identidade nacional brasileira que valoriza a monarquia e a dinastia reinante, bem como o caráter supostamente pacífico da Independência do Brasil. Ela omite que a Independência teve episódios muito mais marcantes do que o Grito do Ipiranga, tais como as batalhas da Guerra de Independência na Bahia. O quadro também omite a participação popular no processo, tendo um sentido inverso ao da valorização popular no muralismo mexicano. Um homem pardo, trabalhador rural e pobre aparece no canto inferior esquerdo da imagem, aparentemente sem qualquer protagonismo no acontecimento, com uma expressão corporal que denota surpresa com o ocorrido.

b) A obra foi produzida por Pedro Américo, autor de outros quadros históricos importantes, no contexto da crise da monarquia brasileira, quando o regime e o reinado de D. Pedro II eram questionados pelo movimento republicano.

c) A valorização de eventos passados atende a demandas do presente, como foi possível debater ao longo do percurso por meio da análise de obras como a do muralismo mexicano, ou no caso das estátuas que têm sido questionadas e derrubadas ao redor do mundo. A produção de imagens sobre eventos passados pretende valorizar determinadas leituras, certos personagens e aspectos desses processos, orientando a interpretação que as pessoas terão sobre seu passado coletivo. Por exemplo, a Independência poderia ser representada de diferentes maneiras, com a valorização de Maria Quitéria e de outras personagens [illegible] artista fosse valorizar o protagonismo delas nesses eventos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

d) Oriente os estudantes para que pesquisem como se deu o processo de independência em diferentes regiões do país, com destaque para aquelas onde ocorreram conflitos bélicos prolongados, como Bahia, Piauí, Maranhão e Grão-Pará, além de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas, cujo processo foi marcado pelas revoluções de 1817 e de 1824, esta última denominada Confederação do Equador. Sobre a Independência do Brasil, existem diversas obras recentes que propiciam uma abordagem atenta à diversidade e ao protagonismo popular de populações negras e indígenas no processo, como as dos historiadores István Jancsó, Evaldo Cabral de Mello, André Roberto de Arruda Machado, entre outros. Procure saber se houve eventos marcantes do processo de independência em seu estado.

6. A construção dos Estados Nacionais levou cada país a afirmar e valorizar suas singularidades diante de outros. Outro fator são as diferenças históricas e linguísticas entre esses países. Além disso, no Brasil a Independência levou à formação de um regime monárquico que afirmou sua especificidade diante das repúblicas hispânicas como um modelo superior e mais civilizado de organização política. Por fim, os interesses dos Estados Unidos atuaram na política do continente para impedir iniciativas de maior integração e solidariedade latino-americanas, promovendo alianças estratégicas específicas com alguns desses países, inclusive o Brasil, em particular a partir da Segunda Guerra Mundial.

7. O torneio tem esse nome em homenagem aos heróis das independências da América Latina, como Simón Bolívar e San Martín. A problematização pode levar a debates diversos, incluindo o alcance social variado dos processos de independência e dos regimes que estabeleceram a continuidade da influência geopolítica europeia e estadunidense sobre o continente depois das independências, além da recuperação das memórias desses heróis por políticos e regimes contemporâneos, como é o caso da Venezuela, entre outros aspectos.

8. Essa é uma atividade-síntese, que deve servir como experiência, integração e vivência para os estudantes que passaram pelo percurso de estudo aqui sugerido. Permite integração com a área de Linguagens por meio do corpo, da poesia, da arte gráfica, da música, entre outras possibilidades diretamente relacionadas aos conceitos e temas estudados até aqui. A síntese proporciona o desenvolvimento de uma série de habilidades e promove o protagonismo dos jovens no que tange a organização, negociação entre o grupo, mediação de conflitos, diversificação de vozes e compartilhamento de habilidades, entre outras capacidades.

O trabalho de mediação, planejamento, improviso e adaptação de um *slam* deve funcionar em conformidade com a realidade local. É preciso valorizar danças, cenas, versos e poesias de acordo com os diversos interesses do grupo, mediar e negociar o tempo, aprender a planejar, além de reforçar a relação do tema com o Brasil, formado por esse cruzamento de povos promovido pela colonização, que permeia nossas relações e saberes até o tempo presente. Converse com o professor de Língua Portuguesa e Arte. Se possível, transforme esse trabalho em um grande projeto, que possa reunir outros educadores e envolver ainda mais a comunidade escolar.

UNIDADE 3 Em que mundo queremos viver?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
5 Geopolítica, espaço e poder	• Geopolítica, espaço e poder • Nacionalismos e geopolítica da Europa • A Primeira Guerra Mundial • Crise das democracias liberais • A ascensão do fascismo e do nazismo • A Segunda Guerra Mundial • Guerra Fria, alianças econômicas e militares • Nações divididas pela Guerra Fria • A crise no bloco socialista	• Educação em Direitos Humanos
6 A Nova Ordem Mundial e o respiro democrático	• Nova Ordem Mundial (aspectos econômicos e políticos) • Notas sobre democracia e história: Grécia, iluminismo e Escola de Frankfurt • Globalização da economia, neoliberalismo e democracia • Corporações transnacionais • Fluxos turísticos e turismofobia • Organizações internacionais e democracia • Blocos econômicos: União Europeia, Mercosul, USMCA e Blocos do Pacífico • O poder da mídia • Democracia em risco e uso político da internet • Mudanças no mundo contemporâneo • Desglobalização e pandemia	

Objetivos

- Conhecer a história das guerras mundiais e do nazifascismo, analisando o papel do nacionalismo, do imperialismo e das alianças e estratégias geopolíticas nesses eventos.
- Relacionar [illegible] Guerra Fria aos interesses geopolíticos das superpotências por meio da análise de alguns de seus principais conflitos.
- Caracterizar a Nova Ordem Mundial e analisar criticamente a globalização da economia e as ameaças à paz mundial e à segurança dos povos representadas por regimes antidemocráticos.
- Observar os principais conflitos do mundo contemporâneo e o papel de Estados Nacionais, alianças militares, blocos econômicos e organismos internacionais em seu encaminhamento.
- Descrever processos de utilização da mídia e das redes sociais para fins políticos e ideológicos, para uma reflexão ética sobre a participação política, a cidadania e os direitos humanos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

O principal objetivo da unidade é **problematizar o mundo globalizado** em que vivemos sob a ótica dos arranjos e rearranjos do poder político e econômico e observar como suas articulações em escala global e regional influenciam as dinâmicas sociopolíticas locais,

possibilitando ao estudante compreender tais experiências e posicionar-se criticamente diante delas, assumindo protagonismo no âmbito da vida coletiva para a construção de um mundo menos desigual e mais justo.

A **(re)configuração geopolítica do mundo contemporâneo** está, em grande medida, alicerçada em tensões e conflitos que emergiram e moldaram as relações entre os Estados-Nação do século XX. A história das **guerras mundiais**, incluindo suas motivações geopolíticas e as transformações que provocaram nas relações de poder global, propicia melhor compreensão dos problemas do mundo contemporâneo. Por sua vez, o estudo das **experiências políticas nazifascistas** é crucial para a reflexão sobre os graves perigos representados por projetos autoritários que promovem o nacionalismo, o militarismo, o racismo e que se utilizam da perseguição a opositores e da manipulação de massas para atingir seus objetivos.

O estudo da **Guerra Fria** também é importante na construção do conhecimento sobre as relações de poder globais no mundo contemporâneo. A divisão de países como Alemanha, Coreia e Vietnã no pós-Segunda Guerra Mundial, bem como as guerras que colocaram em lados opostos os EUA e a URSS, são temas que proporcionam uma compreensão mais complexa dos interesses e (des)equilíbrios em jogo nesses conflitos.

A caracterização do **capitalismo globalizado** e da **Nova Ordem Mundial** da geopolítica posterior à queda da URSS é crucial para o entendimento dos conflitos contemporâneos e dos desafios éticos e políticos que hoje se colocam para os jovens. São abordados na unidade temas como a atuação dos Estados-Nação, dos blocos econômicos e dos organismos internacionais no contexto geopolítico do pós-Guerra Fria, de maneira que os conflitos em escalas global, regional e nacional possam ser analisados com base nos conhecimentos e métodos das Ciências Humanas.

Por fim, a unidade desenvolve a autonomia, o pensamento crítico, o respeito ao pluralismo e a reflexão ética para a atuação do jovem no mundo contemporâneo. Além do estudo dos conflitos globais, a **análise do papel da mídia e das redes sociais na política contemporânea** coloca em pauta problemas fundamentais enfrentados hoje pelas democracias. Entre outros temas, são discutidos os impactos da concentração da mídia sobre os sistemas políticos democráticos, a difusão das *fake news* nas redes sociais para fins políticos e ideológicos e as ameaças colocadas atualmente à democracia e aos direitos humanos no mundo, diante do ressurgimento de movimentos e partidos que visam à destruição da democracia e que promovem o nacionalismo, o militarismo, a xenofobia e o racismo, apoiados nas novas possibilidades de difusão de suas ideias nas redes sociais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 5, 8 e 9
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 4 e 6
Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS403, EM13CHS603 e EM13CHS604
Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: 3

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: desenvolvida ao valorizar e utilizar os conhecimentos das Ciências Humanas para explicar a realidade política e econômica global do mundo contemporâneo, de forma que os jovens possam continuar aprendendo e promovam a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. A análise de eventos como as guerras, a formação de alianças e blocos geopolíticos e a ascensão de regimes autoritários possibilita trabalhar essa competência em diversos momentos dos percursos.

Competência geral 5: contemplada quando são estudadas e utilizadas tecnologias digitais de informação e comunicação para a compreensão dos potenciais e dos problemas das aplicações dessas tecnologias no mundo contemporâneo. Em especial, a competência é desenvolvida na análise do papel da mídia e das redes sociais na política contemporânea, com a problematização do fenômeno das *fake news*.

Competência geral 8: trabalhada quando o jovem exercita o autorreconhecimento na diversidade humana e a compreensão do papel das emoções em sua vida, aprendendo a lidar com elas e a exercer sua autocrítica. Na unidade, essa competência está presente ao serem analisadas as guerras, as experiências do nazifascismo e o ressurgimento de novos movimentos que mobilizam ideias e afetos semelhantes, em especial nas reflexões e nos debates filosóficos que esses temas suscitam.

Competência geral 9: o exercício da empatia, da resolução de conflitos e da cooperação está presente nas diversas atividades que promovem o debate relacionado às guerras, aos totalitarismos, às mídias e à política, temas propícios para aprendizagens sobre valorização da diversidade e sobre o combate aos preconceitos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: contemplada ao ser desenvolvida, em diversas leituras e atividades, a análise de processos políticos e econômicos, com desdobramentos em todos os âmbitos da vida, como as guerras mundiais, os nazifascismos, a Guerra Fria e a globalização capitalista. Esses estudos se utilizam da pluralidade epistemológica das Ciências Humanas, bem como da diversidade de pontos de vista, e promovem a busca e a análise de fontes de natureza científica.

Competência específica 2: é trabalhada na análise da formação dos territórios e fronteiras do mundo contemporâneo, mediante a compreensão das relações de poder e do papel geopolítico dos Estados Nacionais contemporâneos. O tema da unidade é bastante propício, de forma que a competência é desenvolvida ao longo de todo o seu conteúdo.

Competência específica 4: é desenvolvida na análise territorial das relações de produção, capital e trabalho, por meio do estudo do processo de globalização, incluindo temas como as disputas comerciais globais, os mercados comuns, os fóruns de cooperação internacional, as crises financeiras e os impactos econômicos mundiais da pandemia da covid-19.

Competência específica 6: desenvolvida nas ocasiões em que são promovidos debates em torno de temas como o imperialismo, os nazifascismos, a globalização e o papel das mídias digitais no mundo contemporâneo. Nessas atividades, os jovens exercitam a cidadania, a liberdade, a consciência crítica, a responsabilidade e o respeito a diferentes posições.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS101: desenvolvida na identificação, análise e comparação entre fontes e narrativas de eventos e processos como o imperialismo, as guerras mundiais, o nazifascismo, a Guerra Fria e a globalização, com recurso de linguagens diversas e reflexão sobre ideias filosóficas que contribuem para a compreensão de processos e eventos do mundo contemporâneo.

EM13CHS106: trabalhada nas muitas atividades nas quais os jovens utilizam mapas, imagens, gráficos e textos diversos, inclusive com recurso de tecnologias digitais, para que construam uma relação crítica, significativa, reflexiva e ética diante das práticas sociais. Em particular, o estudo de mapas e de infográficos é bastante explorado ao longo dos percursos desta unidade.

EM13CHS201: contemplada na análise das dinâmicas do capitalismo nos séculos XX e XXI, já que seu estudo envolve a compreensão da mobilidade humana e dos fluxos de mercadorias e capital. O impacto das guerras, a divisão de países por interesses geopolíticos, a globalização, a xenofobia e as crises de refugiados estão entre os nos quais essa habilidade é desenvolvida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS403: é trabalhada no estudo dos impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais no mundo contemporâneo, com reflexões importantes sobre a indústria bélica, a questão nuclear e a manipulação política nas redes sociais por meio da difusão de *fake news*.

EM13CHS603: desenvolvida na análise da formação de países e nações, tema recorrente ao longo dos percursos, já que são estudados o imperialismo, as guerras mundiais, a Guerra Fria e a globalização, todos processos essenciais para a história dos Estados Nacionais contemporâneos, incluindo suas experiências políticas. Conceitos políticos como Estado, poder, sistemas e regimes de governo, soberania etc. são construídos no decorrer da unidade.

EM13CHS604: contemplada no estudo de organismos internacionais como a ONU, a OMS, a OMC, o Banco Mundial e o FMI. A unidade desenvolve uma compreensão crítica a respeito da importância, dos problemas e dos limites da atuação dessas organizações, em diálogo com a história dos conflitos mundiais contemporâneos e com a construção de conceitos como poder, geopolítica e globalização.

Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Competência específica 3: desenvolvida ao propor aos jovens a investigação de situações-problema que envolvem aplicações do conhecimento científico e tecnológico, de maneira integrada ao estudo das consequências dessas aplicações nas experiências históricas analisadas. Entre outros problemas, são abordadas as pandemias, a instrumentalização da ciência para fins políticos, as armas químicas e nucleares e as novas tecnologias de comunicação.

Perfil do professor

Nesta unidade, o professor de **Geografia** terá condições de trabalhar os conhecimentos e métodos de sua disciplina, em especial na análise geopolítica dos conflitos globais, incluindo diversas atividades com leitura de mapas e análise de dados e informações relativos aos (des)equilíbrios de poder no mundo globalizado.

A unidade pode ser trabalhada pelo professor de **Filosofia**, que poderá desenvolver os conteúdos sobre as relações de poder e as comunicações no mundo contemporâneo por meio do estudo de

conceitos originados na Antiguidade Clássica, como democracia e política, observando seus significados de maneira complexa segundo diferentes épocas e autores. O conteúdo dos percursos aborda pensadores como Montesquieu e Hannah Arendt, abrindo possibilidades de reflexões sobre poder, liberdade, autoridade, autonomia, entre outros conceitos.

O conteúdo pode ser desenvolvido ainda pelo professor de **Sociologia**, que terá condições de utilizar os conceitos e métodos dessa disciplina para o estudo das relações de poder, com especial atenção ao papel de diferentes atores, desde os indivíduos globalizados, passando pelas instituições que compõem o Estado nacional, até os organismos, alianças e blocos econômicos internacionais. O papel da mídia, o funcionamento das instituições democráticas, como os parlamentos, e outros aspectos das relações de poder no mundo contemporâneo são analisados na unidade.

Também o professor de **História** poderá desenvolver este conteúdo, em especial no estudo de conflitos como as guerras mundiais, a ascensão do nazifascismo e a Guerra Fria, que são abordados sob múltiplos enfoques, com destaque para as relações entre poder político e econômico. A perspectiva histórica pode ser adequada para a compreensão das especificidades de cada um desses eventos e de suas conjunturas, que são analisadas na unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 104–105

Comece a trabalhar a unidade pela questão-problematizadora. Incentive a turma a contribuir com ideias — oralmente — para completar a resposta com situações compatíveis com o mundo em que desejam viver. Permita a livre manifestação dos estudantes, problematizando eventuais ideias incompatíveis com princípios éticos e de respeito aos direitos humanos, de maneira que eles sejam instigados a refletir criticamente sobre as próprias ideias.

Ressalte que se trata de uma reflexão sobre o mundo, e não sobre as expectativas pessoais. Por exemplo, não é cabível *"um mundo em que eu seja..."*, *"em que eu possa ser..."*, mas sim *"onde as pessoas sejam"*, *"onde as pessoas possam ser"*. Proponha-lhes que imaginem um futuro no qual não saibam em que parte do mundo nascerão, nem se serão ricos ou pobres, homens ou mulheres etc.

Registre na lousa as ideias e peça aos estudantes para anotá-las no caderno. Durante as discussões dos temas da unidade, retome-as com eles e estimule-os a imaginar cenários geopolíticos e democráticos e a propor ações de cidadania que favoreçam a construção do mundo em que querem viver.

Respostas

1. Utilize a questão para introduzir o tema do impacto de grandes acontecimentos históricos mundiais. Aborde alguns acontecimentos que influenciaram o mundo todo nas últimas décadas, como crises econômicas, inovações tecnológicas, mudanças climáticas e a pandemia da covid-19, desenvolvendo uma reflexão em torno desta.
2. O conceito de globalização será construído ao longo da unidade. Ele pode ser definido como o momento atual da expansão do capitalismo, que é marcado pela atuação global de grandes corporações e investidores do mercado financeiro, promovendo uma intensificação dos fluxos econômicos e minimizando o papel do Estado na organização desses fluxos. Por um lado, a pandemia foi potencializada pela globalização, já que esta tem sido acompanhada pela intensificação dos deslocamentos humanos, contribuindo para a difusão do vírus em escala mundial. Por outro lado, ela colocou em questão a globalização, ao desacelerar a economia capitalista, provocar o fechamento de fronteiras e recolocar a discussão do papel do Estado, uma vez que, em escala global, o combate aos impactos da pandemia só pôde ser realizado mediante a

implementação de políticas públicas vigorosas por parte dos Estados em áreas como saúde, economia, trabalho, programas sociais etc. Dessa forma, a pandemia ocorre num momento de fortalecimento de discursos nacionalistas e militaristas que tomam um rumo desglobalizador, o qual tem um grande potencial para gerar conflitos.

3. Faça um exercício de imaginação, incentivando os estudantes a recorrer aos conhecimentos da área de Ciências Humanas. O debate pode incluir questões ambientais, sociais, econômicas, culturais, entre outras, e temas contemporâneos como o aquecimento global, a devastação de florestas, a poluição em suas muitas formas, o acirramento das desigualdades sociais, as transformações no mundo do trabalho, as aplicações da inteligência artificial, o futuro da internet, a robótica, a indústria bélica, entre outros. Aproveite a questão para fazer uma avaliação diagnóstica sobre os conhecimentos e o entendimento ético dos jovens a respeito de problemas relacionados aos modos de vida do capitalismo globalizado.

Páginas 106-107

(Des)Equilíbrios geopolíticos no século XX

Na página 106, a imagem à esquerda está relacionada à recente pandemia da covid-19, cujas mudanças e (re)equilíbrio na ordem político-econômica em nível global estão abertos e em curso, o que traz à tona a discussão sobre os cenários contemporâneos da globalização e de seus desequilíbrios, como o risco de novas pandemias em um mundo hiperconectado; o papel dos organismos internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), na coordenação de medidas em escala mundial e na orientação aos governos em contextos de crises globais; as respostas dos governos e as tensões/negociações nas relações internacionais decorrentes; as relações entre condições de saneamento básico e propagação do vírus.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As demais imagens remetem a três processos históricos com profundas implicações na geopolítica do século XX e com impactos indiretos na formação do mundo contemporâneo: a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); a Segunda Guerra Mundial (1939-1945); e a Guerra Fria, que dominou o cenário mundial na segunda metade do século XX.

Percurso 5

Geopolítica, espaço e poder

Páginas 108-109

Utilize essa seção para definir imperialismo, em conexão com conceitos como os de geopolítica, espaço, poder, revoluções industriais, capitalismo, etnocentrismo e racismo. O mundo globalizado foi construído por relações de poder entre Estados concorrentes na conquista de territórios e mercados. Esses processos geopolíticos, do ponto de vista ideológico, foram marcados por uma visão etnocêntrica característica do imperialismo europeu.

Pergunte o que os estudantes sabem sobre o conceito de etnocentrismo e indague se conhecem os contextos da história do Brasil em que o etnocentrismo também se manifestou; mobilize os conhecimentos prévios dos estudantes sobre a visão etnocêntrica dos colonizadores europeus. Estimule a participação oral e registre na lousa as principais ideias apresentadas, a fim de que tenham um roteiro da discussão.

Proponha, então, a criação de um mapa mental sobre o imperialismo, para ser retomado e complementado ao longo da unidade. O mapa deve ter a palavra imperialismo no centro. Nesse primeiro momento, conecte o conceito:

- à Segunda Revolução Industrial, ligada ao capitalismo monopolista financeiro, às linhas de montagem industriais e a inovações técnicas, científicas e tecnológicas, como a eletricidade, o telefone, os motores, as vacinas, o rádio etc.

- à Geopolítica, ligada às disputas por territórios e mercados, aos equilíbrios e desequilíbrios de poder entre potências, ao militarismo, ao nacionalismo, às guerras mundiais etc.
- ao etnocentrismo, ligado ao colonialismo, ao racismo, ao darwinismo social, aos conflitos étnicos, nacionais e raciais etc.

Essa conceitualização permite abarcar dimensões diversas do imperialismo relacionadas à economia, à política, à sociedade e à cultura.

Se necessário, compartilhe orientações de como fazer um mapa mental, disponíveis em: https://geekiegames.geekie.com.br/blog/como-fazer-um-mapa-mental/ (acesso em: 15 jul. 2020).

Auxilie os estudantes na identificação de qual Estado representa cada caricatura: a Grã-Bretanha é representada pela rainha Vitória (à esquerda), tendo ao lado a Alemanha, representada pelo imperador Guilherme II, e a Rússia, representada pelo czar Nicolau II; atrás dele, em pé, a França, representada pela alegoria de Marianne (a República Francesa), e, na extremidade direita da imagem, o Japão, representado por um samurai. No [illegible] em pé com as mãos erguidas, vê-se a China, representada por um oficial com indumentária típica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Oriente os estudantes para que, na análise, percebam a relação do cartum com o imperialismo associando os elementos da imagem (personagens representados por caricaturas, a torta demarcada em fatias, a faca que alguns personagens têm na mão e o protesto do personagem chinês indicando um pedido para que os outros parem a divisão).

Como forma de auxiliar a interpretação dos estudantes, pergunte-lhes como a imagem remete às disputas territoriais entre Grã-Bretanha e Alemanha pelo território chinês. As caricaturas da rainha Vitória e do imperador Guilherme II se encaram com expressões faciais nada amistosas. A mão esquerda da rainha está sobre parte da torta – que representa o território chinês – como se a protegesse, e a mão direita tem uma faca empunhada, em sinal de ameaça ao imperador alemão caso ele avance.

Indague também qual elemento da imagem sugere uma postura mais diplomática da França em relação à ambição sobre a China. Espera-se que os estudantes mencionem o fato de a França, representada por Marianne, não estar sentada ao redor da mesa onde está a torta, isto é, a China, como os demais Estados que a cobiçam, além de ter uma das mãos apoiadas sobre o ombro de Nicolau II, da Rússia, indicando o apoio às pretensões russas sobre o território chinês. O lugar de Marianne deve servir para mostrar que não há apenas animosidades mas também alianças nessas disputas.

Página 110

Nacionalismos e geopolítica na Europa

Estimule a reflexão crítica dos estudantes sobre manifestações recentes de xenofobia por nacionalistas extremados. Aproveite para problematizar a dicotomia nacionalismo/globalismo estabelecida por ideologias nacionalistas do mundo contemporâneo.

Proponha uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto no contexto atual. Peça-lhes que identifiquem e expliquem as principais ideias das atuais ideologias nacionalistas, como elas se manifestam em diferentes países, os argumentos de seus defensores, os contra-argumentos de seus críticos, as implicações da dicotomia nacionalismo/globalismo sobre as relações internacionais multilaterais e outras questões motivadas pelo interesse dos estudantes.

Página 111

Respostas

1. Sim, porque foi uma época marcada pelo nacionalismo, pelos processos de unificação, pelo armamentismo, pelo militarismo e pela rivalidade na disputa por territórios e mercados coloniais. As potências rivais europeias adotaram ideologias agressivas, militarizaram e armaram seus países e demonstraram pretensões de domínio que passavam necessariamente pela guerra, de forma que a paz não só era instável como se mostrou ilusória, quando a Primeira Guerra Mundial devastou o continente europeu, além de outras regiões do mundo.

Página 112

Primeira Guerra Mundial

Como atividade complementar sobre o assunto, pode ser proposta a criação de um *podcast* sobre a Primeira Guerra. Divida a sala em grupos, de maneira que cada um represente uma equipe de correspondentes de um país (Alemanha, Grã-Bretanha, França, Itália, EUA, Rússia, Império Austro-Húngaro, Império Otomano). O programa se inicia com um panorama da situação de cada país. Em seguida, os acontecimentos considerados mais importantes da guerra são descritos do ponto de vista dos países envolvidos. Eventos como a entrada de cada país na guerra, batalhas decisivas, Revolução Russa, gripe Espanhola, entre outros, podem ser incluídos, culminando na assinatura do Tratado de Versalhes. Uma vez prontos os *podcasts*, os grupos devem compartilhar com os colegas o respectivo trabalho, que também pode ser disponibilizado numa página na internet.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 113

Crise econômica e das democracias liberais

Problematize a concepção de meritocracia contida no princípio liberal, estimulando a reflexão sobre as realidades de exclusão socioeconômica que implicam condições desiguais de oportunidades, que, por sua vez, desfavorecem alguns grupos sociais em relação a outros.

As contradições do modo de ser estadunidense

Respostas

1. A fila de desempregados, que contavam com a distribuição de sopa para se alimentar, estava situada numa das mais ricas metrópoles mundiais, sede de grandes empreendimentos que geravam fortunas para poucos magnatas e investidores.
2. Resposta pessoal. Com esse questionamento, objetiva-se aproximar o tema estudado à realidade do estudante, favorecendo a construção de sentido, a elaboração de relações passado-presente e as percepções sobre a história vivida. As desigualdades sociais devem ser debatidas de maneira que se desnaturalizem e despersonalizem suas causas, recorrendo a conceitos das Ciências Humanas como estratificação social, classe social, conflitos de classe, relações de trabalho, racismo estrutural, capitalismo, exclusão social, marginalização social, entre outros.

Páginas 115–116

Ascensão do fascismo e do nazismo

A polarização política que tem marcado o debate político no Brasil nos últimos anos, especialmente nos meios digitais, trouxe à tona visões sobre o nazismo muitas vezes distorcidas pelo embate ideológico travado no país. Como forma de desfazer esses equívocos, é preciso compreender o tema no respectivo contexto histórico. Apresente reportagens e/ou artigos acadêmicos que esclarecem, com argumentações cientificamente embasadas, a desvinculação do nazismo com o socialismo e com o ideário de partidos de esquerda.

Por meio da leitura das imagens, é possível introduzir alguns dos aspectos mais importantes do nazismo, que o aproximam dos conceitos trabalhados na definição de imperialismo. Aproveite para retomar o mapa mental, fazendo acréscimos e alterações, a fim de incluir conexões entre o fascismo e os aspectos do imperialismo, como o racismo, o militarismo, o nacionalismo e o expansionismo imperial.

Propaganda com apelo político

Aproveite o conteúdo para encaminhar uma discussão sobre a produção, o compartilhamento e a circulação de *fake news* nos contextos sociopolíticos atuais, problematizando os impactos sobre as democracias. Permita que os estudantes relatem vivências pessoais relacionadas ao assunto.

Divida a turma em grupos e distribua matérias jornalísticas que abordam os impactos das *fake news* nas dinâmicas sociopolíticas recentes do contexto nacional. Se possível, forneça a cada grupo uma matéria jornalística diferente.

Reserve uma aula para que os grupos compartilhem com a turma os aspectos mais relevantes observados na matéria jornalística analisada e apresentem propostas para checar a veracidade das informações. Registre na lousa as propostas dos grupos e peça aos estudantes que selecionem as que julgarem mais adequadas para serem divulgadas na comunidade escolar.

Para finalizar, proponha aos grupos que criem uma campanha para divulgar as propostas à comunidade, por meio de cartazes, vídeos, postagens na rede social da escola ou outras formas compatíveis para alcançar o público.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Página 117

Análise: A praça da ignorância

Respostas

1. Uma grande queima de livros de autores críticos ao regime ou que não se adequavam à sua ideologia de extrema direita. O evento ocorreu em Berlim, capital da Alemanha, no auge da perseguição aos intelectuais e professores, no mesmo ano em que Hitler tornou-se chanceler.
2. Com um monumento, no qual está escrita a frase do poeta Heinrich Heine "Onde se queimam livros, acabam-se queimando pessoas".
3. A intenção é fazer com que as pessoas se lembrem daqueles eventos e de sua vinculação com a "queima de pessoas" durante o Holocausto, de forma a contribuir para que perseguições a intelectuais, cientistas e professores nunca mais se repitam.
4. A frase foi elaborada no século XIX, muito antes da ascensão do fascismo. Naquele tempo, a referência mais comum de queimas de livros e de pessoas na Europa eram os autos de fé da Inquisição, que ocorriam no contexto da contrarreforma. Assim como o nazismo, a Inquisição perseguiu cientistas e intelectuais, proscrevendo suas ideias, e chegou a queimar em fogueiras pessoas acusadas de heresia, bruxaria, prática do judaísmo, entre outras coisas.

   No contexto da construção da placa na Bebelplatz, a frase relaciona o evento da queima de livros de 1933 ao Holocausto ocorrido logo depois, tendo o sentido de afirmar que a barbárie, que se manifestou primeiro contra ideias e pessoas específicas, depois se estendeu a milhões de indivíduos que foram exterminados em campos de concentração.

Vozes: Hannah Arendt

Converse com a turma sobre o legado do pensamento arendtiano referente aos dilemas morais e políticos do século XX postos de forma crua pelos regimes totalitários (nazismo e stalinismo). Apresente à turma o conceito "banalidade do mal", cunhado por Arendt, e dialogue sobre ele com os estudantes. Ao elaborar esse conceito, a autora critica a massificação da sociedade e a criação de uma multidão incapaz de fazer juízos morais, aceitando cumprir ordens sem questioná-las.

Ampliando

Há vasto material sobre a filósofa no *site* do Centro de Estudos Hannah Arendt, disponível em: https://hannaharendt.wordpress.com/ (acesso em: 8 jul. 2020).

Página 118

Segunda Guerra Mundial

Para explorar o infográfico, é recomendável planejar uma sequência didática interdisciplinar que envolva História, Filosofia, Geografia, Física e Química a fim de abordar as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki sob a perspectiva do que esses eventos representaram do ponto de vista da ética, da geopolítica, da ciência e da tecnologia.

Como ponto de partida, os professores de Geografia e História podem fazer um levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema, lançando perguntas que retomem as sínteses produzidas nas aulas de História. Em paralelo, o professor de Filosofia pode encaminhar uma discussão coletiva e estimular uma reflexão crítica sobre o evento e a aplicação da ética no desenvolvimento e no lançamento da bomba atômica.

Os professores de Química e de Física podem abordar os temas da ciência e das tecnologias aplicadas na produção da bomba atômica e da energia nuclear, o processo de enriquecimento de urânio, os usos da radioatividade, os impactos da exposição excessiva à radiação e da contaminação do solo e da água, remetendo a casos como os de Chernobyl (1986) e Fukushima (2011). O objetivo é encaminhar uma discussão sobre as implicações éticas na aplicação de conhecimentos da área de Ciências da Natureza para tecnologias de uso militar como também alertar para os potenciais riscos dessas tecnologias.

Página 119

Sistema de Posicionamento Global

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. É importante pensar no papel que o setor de defesa tem nesse tipo de inovação tecnológica. Para desenvolver a questão, pode ser solicitada uma pesquisa sobre o uso atual de drones em conflitos armados, como na Guerra Civil da Síria, iniciada em 2011.
2. Resposta pessoal. É importante destacar que o desenvolvimento científico e tecnológico tem sido estratégico para os principais atores da geopolítica global, de maneira que a ausência de políticas autônomas nesses campos coloca o país em situação de dependência e subalternidade com relação às potências mundiais.

Página 120

Respostas

1. No cartaz, a ideia de cooperação entre o bloco capitalista é desenvolvida pela representação de cada país da Europa como parte de um mesmo mecanismo. Cada nação europeia é uma pá na composição de um moinho de vento, que só funcionará adequadamente se todos estiverem presentes na união. Por trás das pás com as bandeiras europeias há uma bandeira estilizada dos Estados Unidos, que remete à liderança desse país no bloco ocidental e ao papel que teve na reconstrução da Europa Ocidental com o Plano Marshall.

Página 121

Análise: Desespero e inocência

Respostas

1. Resposta pessoal. A atividade visa sensibilizar o estudante para as consequências das guerras no cotidiano e nas experiências pessoais. Trata-se de uma fotografia icônica da Guerra do Vietnã que mostra crianças fugindo aterrorizadas após o ataque com napalm à aldeia. Podem ser destacados o terror na expressão das crianças; as queimaduras por napalm, que fazem a menina correr nua e de braços abertos em razão dos ferimentos; a presença de soldados estadunidenses, que aparentemente apenas acompanham a fuga das crianças após o ataque aéreo; e a grande nuvem de fumaça ao fundo, resultado do bombardeio.
2. Oriente os estudantes para que reflitam sobre as consequências humanas que um conflito armado pode produzir. Apresente casos recentes, como a Guerra Civil na Síria, a intervenção da ONU no Haiti e os conflitos entre Israel e Palestina. Podem ser também incluídos casos de uso de aparato militar de guerra em conflitos brasileiros, como nas recentes ocupações do Exército em comunidades no Rio de Janeiro. Casos de tiros disparados de helicópteros contra escolas e residências, bloqueios militares no acesso às moradias, invasões de casas sem respeito aos direitos e liberdades civis, entre outras formas de violência, estão relacionados a essas situações de guerra.
3. O trabalho da imprensa livre, jornalistas e fotógrafos, é essencial na conscientização sobre os efeitos nefastos dos conflitos armados e sobre a necessidade de investir na diplomacia para mediar conflitos. É importante destacar a relevância da fotografia analisada, dentre outras, na consciência das pessoas a respeito dos horrores da Guerra do Vietnã, já que ela contribuiu para que a campanha antiguerra crescesse nos Estados Unidos, de maneira que o governo acabou por sair da guerra quando os vietcongues lançaram uma ofensiva vitoriosa no Vietnã do Sul.

Páginas 122-123

Respostas

1. No caso das Coreias, ambos os lados viveram sob regimes autoritários após o fim da guerra, cada qual alinhado com um dos blocos da Guerra Fria. As divisões geraram graves problemas no cotidiano das populações, quadros traumáticos do ponto de vista psicológico, uma vez que também provocaram a separação entre familiares e amigos.
2. Resposta pessoal. Podem ser propostas, por exemplo, a flexibilização da separação para maior fluxo populacional entre os países; mediações de organismos internacionais a fim de garantir uma negociação que respeite demandas de ambas as partes; políticas de desarmamento em âmbito global e regional; negociação de um processo político de unificação com consulta às populações sobre de que forma ela ocorrerá, além de outras ideias.

A crise no bloco socialista

Uma possibilidade interessante de atividade nesse momento de encerramento é uma análise do filme *Adeus, Lênin*, indicado na seção **#Ficaadica**. O longa-metragem é uma obra de ficção que aborda as transformações na Alemanha Oriental (alinhada à URSS) no contexto da crise do regime socialista e da queda do Muro de Berlim.

Páginas 124-125

Atividades

Respostas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. **a)** Carl Peters se utiliza dos argumentos do tratamento que os alemães davam aos "nativos" da África, alegando que eles seriam "mais civilizados" nas áreas dominadas pelos brancos do que naquelas sob domínio dos africanos negros. Ele sustenta seus argumentos em teses racistas sobre a suposta "natureza" de povos não europeus, descritos como animais brutais. Ao trabalhar essa questão, problematize as ideias de supremacismo racial, identifique sua origem no imperialismo e fique atento a falas que possam promover discursos e comportamentos preconceituosos.

   b) Solicite aos estudantes que retomem o mapa mental do conceito de imperialismo, elaborado ao longo da unidade, para responderem a este item. Entre os elementos do texto que demonstram que as ideias de Peters eram imperialistas estão: a legitimação do domínio europeu sobre outros continentes com base em argumentos racistas, a defesa da violência como estratégia para essa dominação e o discurso do "fardo do homem branco", segundo o qual a colonização cumpre um papel civilizador, sendo dever dos europeus impor sua cultura supostamente superior às demais.

   c) Peters utilizou argumentos ideológicos de natureza preconceituosa que remetiam a uma suposta superioridade ética, moral e civilizatória dos brancos em relação aos africanos, criticando seu modo de vida, para justificar a colonização europeia. Esse é um importante exercício para o desenvolvimento de competências ligadas à cidadania, ao respeito, à diversidade e aos direitos humanos.

2. O discurso de Ferry é claro quanto aos interesses europeus no final do século XIX em relação à China. O político discorre sobre as fartas reservas minerais do país, notadamente de carvão mineral, e seu grande mercado consumidor. As potências europeias que viviam a Segunda Revolução Industrial e o capitalismo monopolista do imperialismo viam a expansão colonial sobre territórios e sociedades na África e na Ásia como complemento indispensável às suas economias.
3. Utilize novamente o mapa mental do conceito de imperialismo. As justificativas de Peter são de ordem cultural, alegando a superioridade europeia como civilização, ligando-se ao etnocentrismo, ao racismo e ao discurso do "fardo do homem branco". Os interesses explicitados por Ferry nos recursos naturais e novos mercados consumidores também eram componentes indispensáveis do imperialismo europeu no século XIX, mas nesse caso estão conectados à Segunda Revolução Industrial e à geopolítica. Trata-se de uma fala que descreve interesses materiais das potências europeias; já Peter se defendeu de acusações com base em discursos ideológicos.
4. **a)** As disputas entre as potências europeias no contexto do avanço imperialista foram a causa fundamental para a articulação dos blocos político-militares que deram origem à Primeira Guerra Mundial.

   b) Dentre outros desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, podem ser destacados: o surgimento de regimes nazifascistas na Europa, a fragmentação de impérios como o Turco-Otomano e o Austro-Húngaro, o fortalecimento de novas potências como os Estados Unidos, a Revolução Russa de 1917 e uma transformação radical nas fronteiras nacionais da Europa.
5. **a)** Sim, é verdadeira. Em 1929, os Estados Unidos mergulharam numa depressão econômica cujo estopim foi a vertiginosa queda das ações da Bolsa de Valores de Nova York. As causas foram a concentração e financeirização de capitais; a falta de regulação do Estado em relação ao sistema financeiro, devido à política econômica liberal;

e o excesso de produção sem que o consumo a acompanhasse. A produção industrial declinou 29% entre 1929 e 1931.

b) A crise econômica levou a um aumento brutal do desemprego, que saltou para 16% e elevou a pobreza no país. Foi uma época de fome, desesperança, violência racial contra os negros e outras minorias, organização de máfias em torno de negócios ilegais etc. O quadro só começou a se reverter com a mudança na política econômica, o New Deal, com maior intervenção do Estado na economia.

6. a) Entre os países socialistas podem ser citados: URSS, Polônia, Angola, Cuba e China. Entre os capitalistas, EUA, Canadá, África do Sul, Brasil, França, Austrália e Japão.

b) O Ártico era uma região estratégica durante a Guerra Fria, devido à relativa proximidade entre a União Soviética e os Estados Unidos; ou seja, um eventual conflito nuclear utilizaria o espaço aéreo ártico.

c) A ação econômica mais importante para conter a influência soviética no pós-Segunda Guerra Mundial foi a criação do Plano Marshall, por meio do qual os Estados Unidos patrocinaram a reconstrução econômica da Europa Ocidental. O Plano Colombo teve objetivo similar para países asiáticos, notadamente o Japão.

7. a) Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e União Soviética.

b) Sim, está correta. O Tratado de Potsdam foi assinado em 1949, no contexto da Guerra Fria. O documento determinou a divisão da Alemanha em dois países: República Federal da Alemanha, que adotou o sistema capitalista e manteve-se sob influência [illegible] da França; e República Democrática da Alemanha, de regime socialista e sob influência da URSS.

c) O Muro de Berlim simbolizou a ordem bipolar da Guerra Fria, separando a República Federal da Alemanha (capitalista) da República Democrática da Alemanha (socialista). Sua queda, em 1989, decorreu do colapso do socialismo real no Leste Europeu e foi um marco do fim da bipolaridade da Guerra Fria.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Percurso 6

A Nova Ordem Mundial e o respiro democrático

Página 126

É importante, nesse início de percurso, observar e valorizar o conhecimento das Ciências Humanas para a compreensão das tensões e dos conflitos econômicos e políticos no mundo. Para compreendermos por que acontecem guerras, revoluções, golpes, mudanças de regimes, crises econômicas, sanções internacionais etc. é preciso analisar e compreender a geopolítica internacional considerando múltiplos agentes e relações de poder desiguais.

Respostas

1. A finalidade é fazer com que o estudante pesquise o fenômeno Primavera Árabe a partir de 2010, com destaque para o protagonismo feminino, as reivindicações das mulheres em países que, por vezes, apresentam características culturais e políticas que dificultam a participação da mulher na vida política. Devem ser utilizadas reportagens jornalísticas de fontes confiáveis e artigos acadêmicos. Sobre o caso do Egito, representado na fotografia, recomenda-se a leitura do texto *Após lutar na Primavera Árabe, mulheres egípcias correm risco de ver seus direitos reduzidos*. Disponível em: https://www.geledes.org.br/apos-lutar-na-primavera-arabe-mulheres-egipcias-correm-risco-de-ver-seus-direitos-reduzidos/ (acesso em: 9 jul. 2020).

Página 127

Análise: Trajetória da democracia

Respostas

1. A Grécia Antiga (meados do século V a.C.) foi fundamental em colocar em prática alguns princípios da democracia, inclusive da democracia direta.
2. O filósofo iluminista Montesquieu deu uma contribuição importante para o aprimoramento das democracias: a necessidade de separação entre os poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). O estudante deverá pesquisar, na internet ou em publicações impressas, países em que esse princípio tenha sido violado nos últimos anos.
3. Os movimentos de emancipação são muito importantes no desenvolvimento da democracia, uma vez que partem de segmentos sociais historicamente discriminados, a exemplo dos movimentos feminista e negro.

Página 129

Respostas

1. Uma fonte que pode ser utilizada é o documentário *A batalha do Chile*, desenvolvido em três partes,

cujo conteúdo pode ser trabalhado por diferentes grupos, tendo como perspectiva compreender o antes, o durante e o depois do golpe. O filme foi produzido enquanto a crise chilena se desenrolava. Algumas das características do golpe militar no Chile em 1973 foram a prolongada desestabilização do governo Allende por setores conservadores e pró-Estados Unidos, a brutalidade da repressão que se estabeleceu imediatamente após a tomada do poder pelos militares, e a adoção de políticas neoliberais de forma pioneira pelo governo ditatorial de Augusto Pinochet.

2. A fotografia destaca a repressão política contra opositores, caracterizada na imagem pelo lançamento de jatos de água contra manifestantes, procedimento típico de regimes autoritários. O fato de a segurança pública estar a cargo de forças militarizadas também é um traço desses regimes e estão presentes na cena.

Página 130

Respostas

1. Entre os aspectos positivos estão a industrialização, a geração de empregos e a produção de riquezas em países subdesenvolvidos, como Bangladesh. Entre os aspectos negativos estão o aprofundamento de desigualdades sociais, regionais e raciais, com a exploração de mão de obra barata em países subdesenvolvidos por corporações de países desenvolvidos, e a falta de responsabilização dessas corporações pelos impactos sociais e ambientais de sua atuação, também notável no exemplo de Bangladesh.
2. A atuação de corporações transnacionais durante a globalização [illegible] concentração das riquezas e m[illegible] desenvolvidos sem que essas empresas se responsabilizem socialmente pelas consequências de sua atuação, que visa somente à produção de lucros, canalizados principalmente para investidores que vivem em países desenvolvidos. Entre essas consequências estão a superexploração, o acirramento de desigualdades, a degradação ambiental, a desestruturação e tomada de terras de povos tradicionais, como os indígenas do Brasil, e a negligência com as condições de trabalho e de vida das pessoas que trabalham para essas empresas, especialmente aquelas que desempenham funções terceirizadas e em condições precárias.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem os benefícios da democracia para países que apresentam problemas relacionados a direitos trabalhistas, ambientes de trabalho insalubres e inseguros e baixos salários, como a mobilização e organização de protestos para pressionar os empresários e o Estado a tomarem medidas com o objetivo de respeitar direitos e melhorar a legislação de proteção aos trabalhadores.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 131

Respostas

1. Podem ser mencionados países como EUA, Reino Unido, França, Espanha, Alemanha, Itália, Portugal, Turquia, China, Tailândia e Japão.
2. A Europa, continente com extensão territorial muito inferior à da Ásia, à da África e à da América, aparece no mapa com as maiores receitas turísticas. Essa situação está relacionada ao lugar que ocupou na história do imperialismo, processo que está na base da formação do capitalismo globalizado.
3. Alguns países apresentam alta dependência do turismo para suas economias, como México, Tailândia e Grécia. Essa dependência do turismo na totalidade da economia pode ser um problema nos períodos de crise econômica internacional que levam à queda dos fluxos turísticos. São exemplos as crises de 2001, após os atentados contra os Estados Unidos, a crise financeira de 2008 e a pandemia de 2020.

Páginas 132-133

Organizações internacionais, multipolaridade e democracia

Respostas

1. Oriente os estudantes para que pesquisem em fontes acadêmicas e oficiais o que é o FMI e qual foi sua trajetória de formação e atuação. Uma breve apresentação do Fundo está disponível no *site* da ONU: https://nacoesunidas.org/agencia/fmi/ (acesso em: 9 jul. 2020). O Fundo Monetário Internacional (FMI) é uma agência especializada da Organização das Nações Unidas (ONU) que foi criada em 1944 com a função de promover a cooperação monetária e organizar o comércio e as finanças globais, por meio do monitoramento do setor financeiro, do oferecimento de empréstimos a países-membros e do treinamento de pessoas que atuam na gestão financeira dessas nações.
2. O quadro econômico da Argentina foi de grave crise nos primeiros anos do século XXI, com um período de estabilização e recuperação econômica a partir de 2003. Nos últimos anos, o país tem sentido os impactos das crises globais, mas seu quadro econômico segue estável se comparado aos anos 1990 e ao colapso econômico de 2001. Para a pesquisa, podem ser usados artigos acadêmicos e dados oficiais sobre o desenvolvimento econômico

e humano. Nesse momento, pode ser trabalhado o documentário *Memórias do saque* (2004), que trata da crise financeira da Argentina na passagem entre os séculos XX e XXI. Nele, são debatidas criticamente as políticas promovidas pelo FMI. Além disso, é recomendada a leitura do artigo de José Matias-Pereira "A conexão entre a crise política e econômica na Argentina e o fracasso das políticas de corte neoliberal na América Latina" (*Revista de Administração Mackenzie*, v. 3, n. 1, p. 115-133, 2002), disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/896/1/ARTIGO_ConexaoCrisePolitica.pdf (acesso em: 9 jul. 2020).

3. A faixa que aparece em destaque na imagem, em espanhol, afirma que "a dívida é com o povo, não com o FMI". Essa formulação é uma crítica à atuação do FMI, que pressiona os países para o ajuste de contas que permita honrar compromissos financeiros externos, mesmo que para isso sejam impactadas negativamente as populações desses países. Portanto, o *slogan* da faixa coloca em questão a quem devem servir as receitas que os Estados Nacionais obtêm de impostos e de outras fontes: a credores do mercado financeiro internacional ou aos serviços públicos que atendem à população?

Relacione o mapa do G7 aos países desenvolvidos e ao processo histórico de construção política econômica do imperialismo no século XIX, ressaltando o papel dos Estados Unidos e do Japão, que hoje são considerados países desenvolvidos. Dentre os países do G7, apenas o Canadá não teve participação direta no imperialismo. Mesmo assim, o país pode ser considerado beneficiário de uma ordem política que privilegiava as nações ocidentais em detrimento de povos da África, Ásia, Oceania, América Latina e Caribe.

Ao analisar o mapa do Brics, destaque as características da Nova Ordem Mundial, período no qual Estados Unidos e Europa Ocidental se colocam como principais beneficiários da queda da economia planificada soviética. Em busca de alternativas, países em desenvolvimento, com grandes potenciais de crescimento econômico, procuram construir uma cooperação econômica e diplomática independente dos países desenvolvidos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao trabalhar o mapa do G20, chame a atenção para a existência de apenas um país africano entre as 20 maiores economias do mundo – a África do Sul. Relacione novamente o mapa ao processo de construção histórica do capitalismo global, lembrando o imperialismo imposto à África. O processo de descolonização, além de ser recente, foi seguido pela exigência do pagamento de dívidas e indenizações dos novos Estados para as antigas metrópoles e para outros países desenvolvidos. A Europa Ocidental, por sua vez, aparece como uma região formada por grandes economias, beneficiadas pela expansão imperialista promovida pelo continente.

Página 134

Respostas

1. G7: Canadá, Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Alemanha e Japão. Brics: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. G20: Canadá, Estados Unidos, México, Brasil, Argentina, Reino Unido, União Europeia, França, Alemanha, Itália, Turquia, Arábia Saudita, África do Sul, Rússia, Índia, China, Coreia do Sul, Japão, Indonésia e Austrália.
2. Sim, pois com o advento da globalização, apesar do predomínio político, militar e econômico dos Estados Unidos, outros países exercem influência no restante do mundo. Além dos países da Europa ocidental, destacam-se China, Rússia, Japão e Coreia do Sul.
3. Oriente os jovens para que pesquisem em fontes jornalísticas, acadêmicas e *sites* oficiais dessas cúpulas. Espera-se que, utilizando conceitos como geopolítica, multipolaridade, comércio internacional, globalização, protecionismo, Estado Nacional, entre outros, eles relacionem os debates mais recentes nessas cúpulas com o conteúdo da unidade, compreendendo as funções das cúpulas e alguns dos interesses em disputa nesses espaços.

Respostas

1. **a)** Os principais fluxos do comércio internacional se realizam entre as regiões mais dinâmicas do ponto de vista econômico, os Estados Unidos, a União Europeia e a Ásia (Leste e Sudeste). Esses fluxos se concentram principalmente no Hemisfério Norte.

   b) Estreitos entre golfos, mares e oceanos, além de canais artificiais (Panamá e Suez), são

estratégicos para o comércio marítimo internacional, uma vez que facilitam o transporte de mercadorias numa economia globalizada. O estreito de Ormuz é importante para as exportações de petróleo do Oriente Médio para os países desenvolvidos e os emergentes, como a China. O estreito de Málaca é essencial no tráfego de navios cargueiros com produtos industrializados provenientes de países como China, Tigres e Novos Tigres Asiáticos.

2. Resposta pessoal. Oriente os estudantes para que realizem a pesquisa em páginas dedicadas ao comércio exterior, como as de associações e federações de comércio internacional, ou relacionadas à mercadoria específica que é objeto da pesquisa. Os principais compradores das exportações brasileiras são a China e os Estados Unidos, que aparecem no mapa do comércio marítimo como centros importantes da economia global.

Página 135

Respostas

1. Ao promover a cooperação entre um grupo maior de países, incluindo alguns em desenvolvimento, como o Brasil, o G20 é mais democrático que outros fóruns da geopolítica global, como o G7. Contudo, essa "democracia" é limitada, já que a esfera de atuação do G20 é a colaboração entre bancos centrais para a estabilização econômica do sistema capitalista, sem romper com suas estruturas antidemocráticas e desiguais, além do fato de que continuam fora desse espaço de colaboração as economias subdesenvolvidas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Entre as vantagens podem ser apontadas a maior integração e colaboração entre esses países, o que propicia maior autonomia diante dos países desenvolvidos. Entre as desvantagens, o fato de que setores econômicos podem ser afetados pela mudança nas condições de concorrência com empresas de outros países, além de crises financeiras em países cuja economia é menos industrializada. Desse modo, incentive os estudantes a avaliar se os países do Mercosul apresentam cenário político e econômico favorável a uma união monetária.

Página 136

União Europeia

Relacione o contexto de assinatura do Tratado de Maastricht (1992) e da fundação da União Europeia (1995) com a queda da União Soviética, a globalização e a Nova Ordem Mundial, conforme esses conceitos vêm sendo desenvolvidos ao longo da unidade.

Páginas 137–138

Respostas

1. Oriente os estudantes para que façam um levantamento das funções do Parlamento Europeu e sua relevância como instituição democrática no âmbito da União Europeia. Podem ser utilizadas como fontes análises na imprensa, trabalhos acadêmicos e o portal do Parlamento Europeu (disponível em: https://www.europarl.europa.eu/; acesso em: 20 jul. 2020), que oferece uma descrição de seus órgãos, funcionamento e atribuições. O Parlamento Europeu é composto de deputados eleitos em todos os Estados-membros. Suas funções principais são elaborar leis da União Europeia e controlar democraticamente as demais instituições que a compõem, como a Comissão Europeia. Sua organização é liderada por uma presidência e conta com deputados que pertencem a diferentes grupos políticos e atuam em diversas comissões, em cooperação com os parlamentos nacionais e outros órgãos e instituições.
2. O número de deputados por país é praticamente proporcional à população de cada um deles. Trata-se de uma proporcionalidade degressiva: nenhum país pode ter menos de 6 deputados, nem mais de 96, e o número total não pode exceder 751 (750 mais o presidente). Os eurodeputados estão agrupados por filiação política, e não por nacionalidade.
3. O estudante deve investigar o atual parlamento europeu para compará-lo ao gráfico de 2019 e verificar se houve mudanças em sua composição. A página do Parlamento Europeu, indicada na questão 1, possui um quadro atualizado de deputados por Estado-Membro e Grupo Político no qual é possível inclusive analisar em quais países os diferentes grupos políticos são mais fortes.

Página 139

Respostas

1. No referendo, o Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia) ganhou em grande parte da Inglaterra e do País de Gales. A permanência na União Europeia obteve maioria na Irlanda do Norte, na Escócia e em metrópoles importantes como Londres.
2. Nos anos 2000, cresceu o movimento nacionalista na Escócia, que pretende sua separação do Reino Unido, revelando tensões políticas importantes na monarquia britânica. A Escócia teve preferência

pela União Europeia, o que levanta o risco de fortalecimento do separatismo escocês no futuro. Londres é uma cidade global, um dos principais centros financeiros do mundo. A saída da União Europeia prejudica os negócios na cidade, uma vez que várias empresas cuja especialidade são as transações comerciais e financeiras com o bloco podem se deslocar para outros países. Já a Irlanda do Norte possui intenso comércio com a Irlanda; assim, a saída da União Europeia prejudicaria sua economia.

Respostas

1. Resposta pessoal. A questão deve servir para desenvolver os conceitos de plebiscito e de referendo, distinguindo adequadamente seus significados e procedimentos. Procure trabalhar o entendimento dos processos legislativos nas democracias e a promoção de valores democráticos, inclusivos e de respeito aos direitos humanos.

Página 141

Democracia no Mercosul e o Protocolo de Ushuaia

Respostas

1. O protocolo prevê que nenhum membro do Mercosul pode romper com a democracia, além de não aceitar o ingresso no bloco de países que não possuem um regime democrático.

Respostas

1. O Brasil possui como principais produtos de exportação *commodities*, o que torna o país um fornecedor de matérias-primas. A Organização Internacional do Trabalho, já o Japão foca sua exportação em produtos industrializados, os quais possuem maior valor agregado, o que faz com que o país seja considerado um fornecedor de tecnologias ou produtos tecnológicos na DIT.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 142

O poder da mídia

Os estudantes devem analisar os meios de comunicação como instrumentos políticos poderosos, capazes de influenciar decisões e desequilibrar conflitos políticos. Ao mesmo tempo, devem compreender a importância da liberdade de expressão e de comunicação para as democracias, o que envolve o combate a práticas de censura ao jornalismo, à cultura, à educação, às ciências, às artes e ao entretenimento, além da garantia da pluralidade de pontos de vista.

Página 143

Respostas

1. Entre as sete maiores emissoras de TV aberta no Brasil, cinco (Globo, Band, Gazeta, CNT e SBT) tiveram sua primeira concessão durante a Ditadura Civil-Militar. A Record já existia desde 1953 e a Rede TV! foi criada em 1999, ao adquirir a concessão da TV Manchete, também criada sob o Regime Militar. A concentração da mídia no Brasil é um problema analisado em diversos estudos, que podem servir de fontes para aprofundamento do tema.

Respostas

1. Entre os países com maior número absoluto de usuários de internet estão China, Japão, Índia, Estados Unidos e Brasil. Em termos proporcionais, destacam-se os países desenvolvidos, em especial os da Europa e os Estados Unidos. A Coreia do Sul é um dos países mais conectados do mundo. Outros exemplos são a Alemanha, o Reino Unido e os países nórdicos (como Suécia e Noruega).
2. Resposta pessoal. A exclusão digital é um problema adicional às disparidades sociais já existentes nos países. Aproveite esta atividade para desenvolver as aprendizagens relacionadas à formulação de propostas de intervenção na realidade por parte dos estudantes. Outras medidas que podem ser debatidas são o investimento em desenvolvimento tecnológico e em infraestrutura de comunicações por parte do poder público, o subsídio ou fornecimento gratuito de acesso à internet para os cidadãos, as mudanças na regulamentação do setor, entre outras.

Respostas

1. A pesquisa objetiva ampliar o conhecimento sobre o fundador do *site* Wikileaks, que trouxe a público o que os Estados Nacionais escondem da opinião pública. Os documentos secretos expostos pelo Wikileaks apresentaram, a princípio, informações protegidas por legislações locais, mas também revelaram casos extremos de violação de direitos humanos em várias regiões do mundo. Em especial, os vazamentos do Wikileaks incluem casos de militares e funcionários de Estado que quebraram sua lealdade e subordinação para com seus empregadores para expor crimes contra a humanidade, correndo sérios riscos por isso.

Página 144

Democracia em risco?

Destaque os problemas relacionados ao uso das *fake news* para obter vitórias eleitorais e conquistar apoio de setores da sociedade para políticas que interessam aos financiadores dessas iniciativas, e não à população. É importante ressaltar que existem grandes corporações e governos atuando com a utilização desse tipo de mídia, que fere princípios éticos e coloca em risco os regimes democráticos.

A comparação com as experiências do nazifascismo pode ser desenvolvida com uma análise comparativa dos usos do rádio e do cinema pelo nazismo alemão e da internet por grupos de extrema direita atualmente. Assim como as redes sociais nos dias de hoje, o rádio e o cinema eram novidades na Alemanha na época da ascensão do nazismo. Esses meios foram usados com eficácia pelos nazistas, que convenceram a população alemã a respeito de teses conspiratórias e racistas se utilizando de tecnologias inovadoras.

Página 145

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem iniciativas que não partem nem de governos, nem de empresas, nem de ONGs, mas da própria população que se organiza para a defesa de um bem comum, no caso a prevenção e o combate à pandemia. Descubra se houve iniciativas desse tipo em sua região e estimule os estudantes a partilhar suas vivências e impressões sobre a solidariedade e a colaboração em âmbito local ou mesmo interpessoal naquele contexto.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relembrem o papel dos meios de comunicação naquele contexto, ressaltando sua importância para a disseminação de informações acerca da evolução da doença, ações que deveriam ser realizadas para proteção e decisões tomadas por governanças locais e globais. Também podem ser mencionadas as *fake news* e suas consequências para a proteção da população. Como forma de se proteger dessas falsas notícias podem ser mencionados a verificação dos dados em fontes confiáveis, o não compartilhamento de informações sem certeza de sua veracidade etc.

Página 146

Análise: A pandemia anterior

Respostas

1. A charge leva a perceber que os jornais noticiavam intensamente a pandemia. A resposta do médico está carregada de ironia, já que deixar de ler os jornais não preveniria o paciente de contrair a gripe espanhola, apenas o livraria de ter notícias dela.

Página 147

Desglobalização e pandemia

Para encerrar o trabalho desta unidade, retome o conceito de globalização, agora para colocar a questão de uma possível "desglobalização" no contexto da pandemia da covid-19. Destaque as conexões globais da economia, o impacto que uma interrupção nos fluxos tem em cada região do mundo e o crescimento de grupos nacionalistas.

A crise global do capitalismo deixa para o futuro um horizonte incerto. Chame a atenção dos estudantes para o imenso desafio que sua geração enfrentará diante desse quadro, marcado por novos conflitos, novos problemas e pelo ressurgimento de velhos e perigosos discursos sobre a "superioridade" e "inferioridade" de povos e civilizações.

Página 148

Análise: *A Noite*

Respostas

1. Nesta atividade, o objetivo é mobilizar o estudante a fazer conexões entre a Arte Contemporânea e a realidade social, política e econômica. A obra *A Noite*, de Iran do Espírito Santo, apresenta a bandeira brasileira somente com as estrelas à noite. Por um lado, o trabalho pode ser interpretado apenas como uma singela imagem do céu estrelado noturno, onde brilha cada unidade da federação. Por outro, é possível associá-lo aos períodos de crise que o país atravessa, ao sentimento de desolação e de desesperança

em relação à gravidade dos problemas nacionais. Com o apagar das luzes do progresso no Brasil, só restam as parcas estrelas da noite.

2. Resposta pessoal.

Página 149

Prática de pesquisa: Covid-19 e os impactos no cotidiano de cada um

Nessa prática de pesquisa os estudantes devem realizar entrevistas com pessoas próximas para compreender suas experiências durante a pandemia da covid-19, investigando os impactos do evento no comportamento e no modo de pensar dessas pessoas. Assim, pretende-se que os estudantes produzam uma análise das visões dos entrevistados referentes à pandemia, dos respectivos modos de pensar e agir em relação a ela, das razões que motivaram tais condutas e dos valores e sentimentos que as permeiam.

É provável que muitos dos estudantes tenham vivido situações intensas durante a pandemia. É importante abrir esse projeto e dar espaço para que seus relatos sejam ouvidos. Assim, o próprio processo de elaboração da entrevista pode tornar-se uma oportunidade para a reflexão dos estudantes sobre as próprias historicidades.

- **Juntem-se e desenvolvam!:** no quadro a seguir você encontrará alguns dos enfoques que podem ser trabalhados pelos estudantes em cada tema. Se necessário, ajude-os a desenvolver a entrevista.

OMS e governos locais	Meios de informação	Impactos no cotidiano
Sugestões de perguntas: • O que é OMS? • Qual foi sua atuação durante a pandemia e que importância teve essa atuação no cenário mundial? • De que forma a atuação da OMS repercutiu nas decisões das autoridades locais (prefeitos)? • Como você avalia o papel da instituição no enfrentamento à pandemia da covid-19?	Sugestões de perguntas: • Como você se informou sobre a pandemia (evolução, prevenção etc.)? • Como você avaliava se uma [illegible] confiável? • Durante suas leituras sobre a pandemia na época, encontrou informações divergentes ou contraditórias? • Depois da pandemia, sua forma de buscar informações mudou? De que modo?	Sugestões de perguntas: • A pandemia provocou mudanças na sua rotina? • De que forma a quarentena afetou sua rotina e qualidade de vida? • Você adquiriu novos hábitos motivados pelos cuidados com a saúde? • Qual é sua opinião sobre ações de solidariedade no enfrentamento da pandemia? Você participou de alguma ação solidária (fazendo ou recebendo doações)? • Você fez algum ativismo digital nas redes sociais (exemplo: postagens com a #fiqueemcasa) voltado a incentivar as pessoas a adotar medidas protetivas? • O ativismo nas redes influenciou alguma mudança no seu comportamento ou na sua opinião em relação às medidas protetivas? • Quais sentimentos estiveram mais presentes em sua vida durante a pandemia? Como eles influenciaram seu comportamento ou suas atitudes no dia a dia? • As experiências vividas na pandemia mudaram sua maneira de ver o mundo/a vida, e os seus valores?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- **Entreviste!:** reitere com os estudantes a importância de pedir autorização para a entrevista com antecedência e de valorizar a narrativa de cada indivíduo. Organize-se para que as entrevistas com a comunidade escolar aconteçam durante a aula e peça aos estudantes que tragam prontas aquelas realizadas com as pessoas de fora.
- **Analise e reflita!:** os estudantes podem, nesse momento, caso se sintam confortáveis, compartilhar suas reflexões em relação às próprias experiências durante a pandemia.

Páginas 150–151

Atividades

Respostas

1. **a)** O plebiscito de 1988, no Chile, foi vencido pelo "No", o que significava que o ditador Augusto Pinochet deveria deixar o cargo e permitir a organização de um regime democrático.

   b) O plebiscito levou ao fim da ditadura de Pinochet no ano seguinte, conduzindo o país para um regime liberal democrático.

2. A abertura da economia, com a adoção de medidas neoliberais (como privatizações, estímulo para a entrada de investimentos estrangeiros e crescimento das exportações), proporcionou crescimento do PIB e geração de empregos, apesar de seus efeitos sociais e humanos perversos, como a carência de serviços públicos, a perda de direitos trabalhistas e previdenciários e o aumento da desigualdade social.

3. A Nova Ordem Mundial foi um momento geopolítico da história do capitalismo, marcado pela globalização, que teve como principal marco a queda da URSS. Os regimes liberais democráticos se expandiram desde então, tanto pela transição de regimes socialistas para regimes capitalistas liberais no antigo bloco soviético quanto pela abertura política e derrubada de ditaduras apoiadas pelos EUA e contrárias ao socialismo, principalmente nos países da América Latina.

4. O termo **democracia** (poder do povo) surgiu na Grécia Antiga, em Atenas, em meados do século V a.C. Foi uma experiência de democracia direta com a participação de cidadãos (homens atenienses com mais de 18 anos). As mulheres e os estrangeiros eram proibidos de participar.

5. Um dos legados [illegible] Barão de Montesquieu foi a separação entre os três poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário, e o controle recíproco. Este é um princípio fundamental que rege as democracias representativas na atualidade. O comprometimento da independência do Judiciário ou do Legislativo é um sinal de crise democrática e de prática autoritária. Em 2017, o governo da Venezuela convocou uma Constituinte que levou ao enfraquecimento do parlamento, dominado pela oposição ao governo.

6. A OMC foi criada em 1995 com o objetivo de estimular o comércio multilateral, ou seja, entre a maioria dos países. Ela também promove a mediação de conflitos comerciais entre eles. O G20 atuou em prol da maior democratização do comércio mundial, visto que defendia a abertura dos mercados dos países desenvolvidos para produtos agrícolas provenientes dos países em desenvolvimento.

7. A União Europeia (antiga CEE) teve origem em 1957, sendo integrada por democracias pluripartidárias, e implantou mecanismos democráticos como consultas populares para a adesão ao bloco, implantação do euro e promoção dos direitos humanos. O Espaço de Schengen (1985) permitiu a livre circulação de cidadãos da maioria dos países do bloco e de nações associadas. Para a implantação do Mercosul não foram feitas consultas populares, embora tenha sido observado um princípio democrático importante: o Tratado de Ushuaia, que não permite a entrada de regimes autoritários no bloco.

8. Em um plebiscito, é realizada uma consulta popular sobre um determinado tema e, se o resultado for favorável, cria-se a norma legal. Em um referendo, primeiro cria-se a norma e depois ela é submetida à consulta popular para ratificação ou não. O Brexit foi decidido num referendo democrático, porém com importante influência de *fake news* e manipulação politicamente orientada das novas mídias sociais. Essa característica gerou um importante debate sobre o uso dessas ferramentas para a propagação de mentiras e desinformação, um dos problemas atuais que ameaçam as democracias contemporâneas.

9. A utilização política da internet é importante como fonte de informação para os cidadãos, como forma de organizar mobilizações populares e na atuação de organizações da sociedade civil nas esferas social, política e ambiental. Todavia, a internet também é utilizada de forma massiva por grupos políticos que propagam notícias falsas e disseminam ideologias que podem comprometer a democracia e os direitos humanos.

10. Historicamente, crises econômicas e sociais, que enfraquecem a confiança em princípios democráticos, podem estimular a circulação de ideologias políticas antidemocráticas. Desde a crise financeira de 2008, observa-se um crescimento do extremismo político e sua ascensão ao poder em alguns países. Além disso, a difusão do nacionalismo, do militarismo, da xenofobia, do racismo e do preconceito contra minorias sociais tem sido um elemento comum entre a extrema direita dos anos 1920/1930 e a extrema direita contemporânea. Por fim, a utilização de novas tecnologias de comunicação para a difusão de mentiras, de teses conspiratórias e de discursos anticientíficos e anti-intelectuais é um elemento comum entre esses processos.

11. **a)** No conjunto do país e em todas as regiões, a utilização da internet é muito maior nas áreas urbanas e menor nas áreas rurais.

    b) A inclusão digital é maior nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, sendo menor no Norte e Nordeste. Na área rural da região Norte é de apenas 27,3%.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

c) A exclusão digital é definida como a falta de acesso aos recursos e conhecimentos necessários para que os cidadãos participem do mundo digital. O gráfico analisado é um bom indicador, já que mensura os domicílios com e sem acesso à internet, uma variável importante para medir o fenômeno. No caso dos dados apresentados, as explicações para a exclusão digital no campo estão relacionadas à maior infraestrutura de comunicações nas cidades e ao maior interesse de empresas em cobrir áreas densamente povoadas (nas quais há muitos clientes), além das desigualdades e exclusões históricas que atingem as populações rurais do país, principalmente aquelas de áreas mais afastadas dos grandes centros urbanos. Quanto à maior inclusão digital observada no Sudeste do Brasil, em detrimento do Norte e do Nordeste, um fator importante é a alta concentração do desenvolvimento industrial em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro.

12. a) A diminuição do papel dos Estados Nacionais como protagonistas da definição de políticas econômicas, lugar que passa a ser ocupado principalmente por organismos como o FMI e o Banco Mundial, que não são abertos às escolhas dos cidadãos e respondem a interesses do mercado financeiro, acima daqueles das populações.

b) Porque a democracia tem por premissa um poder de escolha do povo, uma vez que os organismos internacionais que atualmente determinam, em grande medida, os rumos da economia são fechados à participação da população e à tomada [illegible] pelo povo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

c) Resposta [illegible] os estudantes respeitem o conceito de democracia, bem como a promoção de valores democráticos e dos direitos humanos.

13. A China tornou-se o maior país exportador do mundo, principalmente de produtos industrializados. É um grande importador de *commodities* minerais e agrícolas. Assim, muitos países apresentam déficit na balança comercial com a China, a exemplo dos Estados Unidos, da Índia e da Alemanha.

14. Esta atividade pode ser desenvolvida como uma pesquisa mais detalhada a respeito das pandemias. Uma comparação poderia abarcar, por exemplo, a diversidade de políticas adotadas pelos Estados nacionais em cada contexto. Durante a Primeira Guerra Mundial, as notícias sobre a pandemia da gripe espanhola foram censuradas na maioria dos países envolvidos no conflito, que temiam que suas populações e principalmente os soldados deixassem de colaborar no esforço de guerra total ao se preocuparem com si próprios e com a saúde de suas famílias. Ao negarem a pandemia, esses países agravaram seu impacto, já que as pessoas não puderam compreender os eventos e se precaver. Essa atitude pode ser comparada a eventuais posturas negacionistas no contexto da pandemia da covid-19. Nesse caso, o contexto global é de integração ainda maior entre economias, sociedades e culturas, como parte do processo de globalização. A pandemia da covid-19 se alastrou com mais rapidez do que a grupe espanhola, chegando com grande impacto em todos os continentes, provocando um refluxo da integração humana e econômica, já que levou ao fechamento e maior controle de fronteiras e a medidas protecionistas, entre outras limitações à circulação de pessoas e de mercadorias.

15. A desglobalização pode ser pensada em diferentes sentidos. Para os grupos de extrema direita e neofascistas, ela se justifica por uma suposta necessidade de cada nação se fechar ao resto do mundo, impedindo a entrada de imigrantes e refugiados e promovendo o protecionismo econômico, de maneira que o país não fique sujeito às crises globais. Como demonstraram as experiências do nazifascismo, esse apego a um nacionalismo agressivo e militarista pode levar não à reversão da mundialização capitalista mas sim a uma maior conflituosidade dentro desse sistema, já que os países traçam estratégias que são mutuamente excludentes, levando a um desfecho trágico. Contudo, outras "desglobalizações" podem ser imaginadas, justificando-se como formas novas de integração global, mais democráticas, participativas e não mais determinadas por interesses de especuladores financeiros e de corporações transnacionais.

Questões de Enem e vestibulares – gabarito

Páginas 152–154

Unidade 1

1. Alternativa **d**.

   O texto aborda a massificação dos padrões de consumo devido à publicidade. No capitalismo, os meios de comunicação são importantes para a produção de necessidades, uma vez que, por meio deles, os indivíduos são sugestionados a adquirir determinados produtos. Na lógica da globalização e da ampliação de tecnologias de comunicação, esses padrões tendem a romper fronteiras entre países, facilitando a homogeneização de aspectos culturais.

2. Alternativa **b**.

   O texto fala do modelo de produção fordista, criado por Henry Ford no início do século XX. A disseminação dessa técnica, que otimizava o tempo e os custos da produção fabril, foi importante para a consolidação das linhas de montagem nas fábricas e para a massificação da produção de determinadas mercadorias.

3. Alternativa **b**.

   O termo "indústria cultural" diz respeito à produção em massa de artefatos artísticos e culturais, como música e literatura. Esse conceito tem sentido na sociedade capitalista e globalizada, em que a padronização de hábitos se torna uma constante devido ao uso dos meios de comunicação para a publicidade.

4. Alternativa **c**.

   O texto aborda as cadeias de produção e de comercialização de [illegible] e as desigualdades envolvidas nesses processos. Com a mundialização, o mesmo insumo pode ser fabricado por meio de tecnologia e depender da força de trabalho de um indivíduo para ser comercializado. Nessa estrutura, é comum que o lucro se concentre nas empresas responsáveis pela fabricação do produto em questão.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 2

1. Alternativa **c**.

   Os ideais libertários da Revolução dos Cravos (ocorrida em Portugal) foram um fator importante para o processo de independência de Moçambique, colônia de Portugal que se tornou independente em 1975. Um ano depois de se declarar um país independente, uma guerra civil que duraria 16 anos se iniciou em Moçambique, resultando em milhares de mortos.

2. Alternativa **d**.

   O texto aborda o papel da instituição família na formação da sociedade brasileira. Para o teórico, essa instituição foi fundamental para a formação das elites coloniais e sua consolidação econômica, social e política no Brasil.

3. Alternativa **e**.

   Cuba e Porto Rico se tornaram independentes do domínio espanhol em 1898. Ambos os países receberam apoio dos Estados Unidos (que tinham interesses econômicos nessas ilhas) em suas reivindicações por autonomia da Espanha. Apesar de tardios em relação aos demais países da América Latina, os processos de independência de Porto Rico e Cuba também envolveram conflitos.

4. Alternativa **a**.

   O enunciado aborda o "mito" da democracia racial, que, por muito tempo, dominou as teorias sobre a formação da sociedade brasileira. Atualmente, as análises do processo de formação da sociedade no Brasil envolvem reflexões sobre a exploração de indígenas e de africanos escravizados. Na contemporaneidade, esses grupos ainda sofrem marginalização e, muitas vezes, não têm o mesmo acesso que pessoas brancas a oportunidades de emprego e de escolarização, por exemplo.

Unidade 3

1. Alternativa **e**.

   A questão relaciona o conceito de tutela de Kant a meios de comunicação muito difundidos nos dias atuais: as mídias sociais. Apesar de essas mídias permitirem maior autonomia aos internautas no consumo, produção e disseminação de conteúdos, é comum que elas sejam utilizadas de forma passiva ou sem questionamento. O usuário, portanto, deixa de usar a "razão" e continua sendo mero receptor de informações.

2. Alternativa **c**.

   O texto aborda algumas características da Guerra Fria, conflito marcado pela polarização de duas potências mundiais: Estados Unidos e União Soviética no período pós-Segunda Guerra Mundial. Ambas disputavam a hegemonia de influência sobre os demais países e obtiveram aliados capitalistas (ao lado dos EUA) e socialistas (ao lado da URSS).

3. Alternativa **d**.

   No texto, Hannah Arendt critica os processos de preconceito, segregação e extermínio, que revelam projetos por trás de conquistas políticas. Para a teórica, essas ações, que deveriam ser abominadas, são naturalizadas à medida que são consideradas alheias à realidade.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes*: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
Um livro de referência sobre o Período Colonial brasileiro. O autor desenvolve a noção do sentido mercantil da colonização, considerando o tráfico e o monopólio comercial como eixos explicativos para a relação colonial.

ALVES, Ana Rodrigues C. *O conceito de hegemonia*: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, São Paulo, v. 80, n. 71-96, p. 71, 2010.
Esse artigo problematiza o conceito gramsciano de hegemonia em uma relação de diálogo com o modelo imperialista abordado nos percursos em relação aos continentes americano, africano e asiático.

BANDEIRA, Luiz Alberto M. *Geopolítica e política exterior dos Estados Unidos, Brasil e América do Sul*. Brasília, DF: Funag, 2010.
Essa obra investiga o processo histórico das relações exteriores entre Estados Unidos e o continente americano, sobretudo o Brasil, possibilitando o aprofundamento de conceitos como territorialidade, relações internacionais, imperialismo etc.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
O livro trata da modernidade líquida, especialmente das relações interpessoais amorosas e afetivas sob efeito da globalização contemporânea e de redes como a internet. As interações sociais – cada vez mais flexíveis e inseguras, que se desmancham com facilidade – são atingidas: não apenas as relações de afeto mas também a capacidade de tratar o diferente com humanidade.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. São Paulo: Edipro, 2016.
Análise clássica que definiu os estudos contemporâneos do Período Feudal.

BRUIT, Héctor. *O imperialismo*. 12 ed. São Paulo: Atual, 1994.
A obra analisa o imperialismo em seus vários matizes, a partilha da África na Conferência de Berlim, a Guerra do Ópio (China), a Guerra dos Bôeres (África do Sul), e a Doutrina Monroe e o Big Stick (nas relações entre Estados Unidos e América Latina). Trata do combate ao imperialismo no interior das classes sociais.

COTRIM, Ivan. *Superprodução:* velhas e novas crises. *Revista de Economia Mackenzie*, v. 8, n. 3, p. 147, 2010. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rem/article/view/3794/0. Acesso em: 27 abr. 2020.
O artigo aborda um tema importante nas diversas crises capitalistas: a superprodução, os limites para a expansão dos mercados e acúmulo de capital. A Crise de 1929 é um dos casos típicos.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras*: uma história do tráfico de escravos entre África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
O autor usa documentação de navios negreiros, testamentos etc. para analisar a complexa economia do tráfico atlântico d[illegible].

HENRIQUE V. Direção: [illegible]. Produção: Bruce Sharman. Los Angeles: The Samuel Goldwyn Company, 1989. 1 DVD.
Baseado na peça de William Shakespeare, o filme é uma dramatização da batalha de Agincourt, durante a Guerra dos 100 anos, vencida pelos ingleses.

INSTITUTO CAMÕES. Navegações portuguesas. [*S. l.*]: CENTRO VIRTUAL CAMÕES, c2002-2006. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html. Acesso em: 20 jul. 2020.
Página do Instituto Camões com informações sobre as navegações portuguesas.

JOANNA D'ARC. Direção: Luc Besson. Produção: Patrice Ledoux. Paris: Gaumont, 1999.
Filme sobre a jovem que liderou as tropas francesas durante a Guerra dos 100 anos.

LE GOFF, Jacques. *Para uma outra Idade Média*: tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 2012.
O historiador francês analisa as diversas formas de viver e sentir ao tempo do mundo feudal: o tempo da Igreja, do mercador e dos trabalhadores.

MELLO E SOUZA, Laura de. *O diabo e a terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
O trabalho centrado na análise da religiosidade no universo colonial contribui para a compreensão do ambiente cultural do período.

MUSEU GROENINGE. *In*: VISITBRUGES. Bruges: [s. n.], [c2020]. Disponível em: https://www.visitbruges.be/nl/groeningemuseum. Acesso em: 20 jul. 2020.
Localizado em Bruges, conta com um importante acervo de arte dos séculos XIV e XV.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA DO MÉXICO. Cidade do México: Secretaría de Cultura, 2018. Disponível em: https://www.mna.inah.gob.mx/. Acesso em: 20 jul. 2020.
Com um dos maiores acervos sobre os povos pré-hispânicos, o museu possibilita acesso virtual a esse acervo no *site*, o que permite compreender melhor os hábitos e costumes de maias, astecas e mapuches, entre outros povos.

O NOME da rosa. Direção: Jean-Jacques Annaud. Produção: Bernd Eichinger. Los Angeles: Warner Brothers, 1986. 1 DVD.
Filmagem do livro homônimo de Umberto Eco. A história se passa em um mosteiro italiano no século XIV e mistura um enredo policialesco com novela histórica.

O SÉTIMO selo. Direção: Ingmar Bergman. Suécia: [*s. n.*], 1957.
Filme clássico que dramatiza a relação do ser humano com a morte, tendo como cenário a crise deflagrada pela peste bubônica.

PAMPLONA, Marco A.; MADER, M. Elisa (org.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.
O livro reúne diversos trabalhos que analisam os processos de independência ocorridos na América colonial.

QUAL a diferença entre 'refugiados' e 'migrantes'? *In*: NAÇÕES UNIDAS BRASIL. [Rio de Janeiro], 24 nov. 2017. Disponível em: https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes/. Acesso em: 20 jul. 2020.
Plataforma digital com imenso acervo sobre as pesquisas envolvendo dados sobre refugiados, vídeos com diferentes relatos e experiências, além da defesa dos direitos humanos, que pode ser ampliada e compreendida com o material aqui disponível.

REVOLUÇÃO. Direção: Hugh Hudson. Produção: Irwin Winkler. Los Angeles: Warner Brothers, 1985. 1 DVD.
O filme conta a história de um pai e seu filho durante as guerras de independência dos Estados Unidos.

UNESCO. *História geral da África*. Brasília, DF: Unesco: Secad/MEC; São Carlos: UFSCar, 2010. Disponível em: https://www.ufrgs.br/blogdabc/colecao-unesco-de-historia-geral-da-africa-em-portugues-e-disponivel-para-download/. Acesso em: 20 jul. 2020.
Coleção em oito volumes que abrange diversos períodos e foi escrita por especialistas africanos.

VESENTINI, José William. *Novas geopolíticas*. São Paulo: Contexto, 2013.
Livro que abrange o interesse de estudiosos das Ciências Humanas dada a interdisciplinaridade com que discute os conflitos geopolíticos que poderão ser palco das disputas pela hegemonia e poder no século XXI, apontando que elas não são mais somente entre Estados em busca de poder econômico e territorial mas também entre vertentes de ordem cultural.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

INTER AÇÃO

HUMANAS

O PODER ECONÔMICO E A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA DOS POVOS E PAÍSES

Judith Nuria Maida (Coordenação)
- Graduada em Geografia e professora da Educação Básica
- Autora e coordenadora de Literatura Infantojuvenil e coleções didáticas de Humanidades (Natureza e Sociedade, História e Geografia, Educação do Campo) da Educação Básica e EJA
- Assessora pedagógica na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Elaboradora de currículos nas redes estaduais e municipais de ensino
- Consultora na implementação da BNCC em escolas e construção de Objetos Educacionais Digitais (OED)

Adhemar Marques
- Especialista em História Moderna e Contemporânea
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor de História em cursos livres

Amarildo Diniz
- Graduado em Geografia
- Autor de livros e materiais didáticos de Geografia e Atualidades
- Consultor de plataforma *on-line* de correção de vestibulares e Enem
- Professor de Geografia em cursos pré-vestibular

Flávio Beru
- Mestre em História
- Especialista em Metodologia da História
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor e coordenador de História

Julia O'Donnell
- Mestre e doutora em Antropologia
- Autora de materiais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio
- Professora universitária e pesquisadora

Maurício Parada
- Mestre e doutor em História
- Graduado em História
- Autor e organizador de livros de História
- Professor universitário e pesquisador

Paulo Crispim Alves de Souza
- Mestre em Ciências Humanas e Sociais
- Graduado em História
- Autor de livros paradidáticos de Educação
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia no Ensino Médio

Paulo Edison de Oliveira
- Mestre em Ciências Sociais
- Graduado em Ciências Sociais
- Autor de material didático de Ciências Humanas
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio
- Coordenador escolar de Ciências Humanas no Ensino Médio

Pedro M.C. Ferreira
- Graduado em Geografia
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Finalista do prêmio Professor Nota 10
- Professor de Geografia para Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA

Silvia Panazzo
- Pós-graduada em Tecnologias da Aprendizagem
- Graduada em História e Pedagogia
- Autora de materiais didáticos de História para Ensino Fundamental
- Professora de História para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Vitor H. Schvartz
- Doutor em Filosofia com pós-doutorado na área
- Graduado em Filosofia
- Professor de Filosofia e orientador pedagógico no Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio

1ª edição
São Paulo, 2020

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interação humanas : o poder econômico e a construção da autonomia dos povos e países /
Judith Nuria Maida (coordenação). -- 1. ed. --
São Paulo : Editora do Brasil, 2020. --
(Interação)

Vários autores.
ISBN 978-85-10-08372-0 (aluno)
ISBN 978-85-10-08373-7 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio)
2. Ciências sociais (Ensino médio) I. Maida, Judith Nuria. II. Série.

20-39249 CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio
373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2020
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso
Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial: Erika Caldin
Supervisão de arte: Andrea Melo
Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Ethel Shuña Queiroz
Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Júlio Fonseca
Consultoria técnico-pedagógica: Marcelo Campos Tiago
Edição: Agueda Guijarro del Pozo, Carlos Félix, Guilherme Fioravante Salgado, Nathalia Simões e Rogério Cantelli
Assistência editorial: Patricia Harumi e Marina Lacerda D'Umbra
Auxílio editorial: Douglas Bandeira
Especialista em copidesque e revisão: Elaine Cristina da Silva
Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti
Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Fernanda Almeida, Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato, Marcia Cruz, Martin Gonçalves e Rosani Andreani
Pesquisa iconográfica: [illegible] Cecília Ferraz
Assistência de arte: Letícia Santos
Design gráfico: Talita Lima
Capa: Megalo Design
Imagem de capa: Andrey_KZ/iStockphoto.com, bodnarchuk/iStockphoto.com, clu/iStockphoto.com, diegograndi/iStockphoto.com, NNehring/iStockphoto.com e thiago melo/iStockphoto.com
Edição de arte: Paula Coelho e Talita Lima
Ilustrações: Alessandro Passos da Costa, Cris Viana, Fábio Luiz, Hare Lanz, Jairo Souza, Mário Yoshida, Selma Caparroz, Sônia Vaz e Tarcísio Garbellini
Editoração eletrônica: N Public/Formato Editoração
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini
Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2020

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Começo de CONVERSA

O Ensino Médio está mudando e você também

Durante os anos do Ensino Médio, você vai se deparar com **novos desafios** e novas formas de aprender. Neste período de sua formação, as inquietudes e descobertas próprias da adolescência virão acompanhadas da necessidade de construir o seu projeto de vida e tomar decisões para caminhar em direção a ele.

As escolhas relacionadas à vida pessoal e profissional serão mais frequentes, exigindo que você se torne cada vez mais capaz de pensar e agir de maneira autônoma, ética e responsável.

Para ampliar o papel da escola neste momento de escolhas tão importantes, o Ensino Médio está mudando. Agora, cabe também aos estudantes selecionar o caminho do próprio aprendizado de acordo com seus interesses e expectativas pessoais e profissionais.

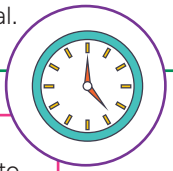
Diante dos dilemas acerca do Enem, do vestibular e do futuro profissional, sua participação ativa se faz cada vez mais importante para que você reflita e atue sobre o que quer para si mesmo e para o mundo a sua volta.

O Novo Ensino Médio foi pensado para acompanhá-lo durante esse processo, sempre estimulando a **autonomia**, o **protagonismo** e a **responsabilidade**, para que você possa fazer escolhas e tomar decisões em relação aos projetos presentes e futuros, dentro e fora da escola.

Principais mudanças do novo Ensino Médio

Estabelecimento de cinco itinerários formativos, relacionados às áreas do conhecimento:
I – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;
II – Linguagens e suas Tecnologias;
III – Matemática e suas Tecnologias;
IV – Ciências da Natureza e suas Tecnologias;
V – Formação técnica e profissional.

Ampliação da carga horária de 2400 horas para 3000 horas, sendo 1200 horas de livre escolha para o estudante se aprofundar em uma área do conhecimento ou se dedicar à formação técnica e profissional.



Os conteúdos das disciplinas continuam obrigatórios, mas abordados especificamente nas áreas da Base Nacional Comum Curricular. Apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática permanecerão durante os três anos do Ensino Médio.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco no desenvolvimento do projeto de vida do estudante, incluindo apoio na escolha dos caminhos que irá seguir no próprio Ensino Médio e em seu futuro pessoal e profissional.

Mad Dog_Shutterstock.com

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** compreende os componentes de **História**, **Geografia**, **Sociologia** e **Filosofia** em uma perspectiva interdisciplinar.

Na **abordagem interdisciplinar**, as diversas disciplinas interagem para construir um conhecimento que não se detenha nas fronteiras do que é estudado em cada uma delas. Essa abordagem nos capacita a compreender os problemas da realidade recorrendo a conhecimentos desenvolvidos em diversas áreas, de maneira complexa.

O grande objetivo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é levar os estudantes a se perguntar sobre tudo o que nós, seres humanos, fazemos e pensamos, as ações, ideias e os comportamentos sob perspectivas múltiplas. Com base nessa análise, o estudante reflete sobre o valor dos direitos humanos, a relação entre as sociedades e com a natureza, e debruça-se sobre a própria existência para desenvolver autonomia e reconhecer sua participação e responsabilidade coletiva sobre o mundo.

O que é a BNCC

A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** é o documento que define as diretrizes e os conteúdos do ensino em todas as escolas de Educação Básica do Brasil. Ela orienta os professores e os demais responsáveis pela educação escolar nas escolhas relacionadas à aprendizagem dos estudantes.

A BNCC não define qual será o percurso que você fará ao longo de sua formação escolar, mas ela estabelece o que você deve aprender no decorrer desses anos. Dentre as definições da BNCC, o objetivo para o Ensino Médio é levar os estudantes a desenvolver **competências gerais** em todas as áreas do conhecimento, além de **competências específicas** e **habilidades** que dizem respeito a cada área. Essas competências e habilidades devem ser desenvolvidas ao longo dos três anos do Ensino Médio, de acordo com a trajetória definida por professores e estudantes.

Os itinerários formativos e a carga horária

No Ensino Médio, você terá contato com disciplinas que não existiam no Ensino Fundamental e poderá escolher em qual área quer desenvolver mais sua aprendizagem por meio dos itinerários formativos, relacionados aos eixos estruturantes: investigação científica, mediação e intervenção sociocultural, processos criativos, empreendedorismo. Durante três anos, serão oferecidas 3 mil horas de aulas; dessas, 1800 correspondem aos conteúdos da BNCC, que são os mesmos para todos os estudantes. As outras 1200 horas você pode decidir a qual área deseja dedicar: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Formação Técnica e Profissional. Dessa maneira, você poderá seguir itinerários diversos na construção do conhecimento e se tornar protagonista do próprio processo de formação.

Sobre o volume

A correspondência aos códigos da BNCC podem ser encontrados na página 156.

Este volume aborda as relações de poder e os processos econômicos e políticos que produziram o mundo contemporâneo, desde os primeiros momentos da formação de economias capitalistas na Europa Medieval até a crise global de nossa época. Os temas abordados incluem a transição do feudalismo para o capitalismo; a formação dos Estados Modernos; a expansão comercial europeia; a colonização da América e as independências das colônias; o imperialismo na África, na Ásia e na Oceania; a história das sociedades e nações americanas; as guerras mundiais; a Guerra Fria; a dissolução da União Soviética; a globalização e o papel de organismos internacionais, de blocos econômicos e da mídia no mundo contemporâneo.

Eixo norteador: Poder, Cidadania e Desenvolvimento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Objetivos

- Conhecer os processos de formação dos Estados e dos mercados nacionais pela análise dos conflitos territoriais ao longo do tempo.
- Relacionar a constituição dos Estados nacionais à formação do capitalismo, à expansão colonial europeia e ao processo de construção do imperialismo político e econômico.
- Refletir sobre os impactos econômicos, ambientais e culturais da exploração imperialista sobre distintas regiões do globo.
- Compreender os grandes conflitos do século XX, incluindo as guerras mundiais e a Guerra Fria, por meio da análise geopolítica das relações de poder internacionais.
- Conhecer os principais atores dos conflitos globais e analisar seu papel no mundo contemporâneo, incluindo as potências geopolíticas, os organismos internacionais, os blocos econômicos e a mídia.

Justificativa

Os conflitos travados por poderes políticos e econômicos na arena do capitalismo global impactam nossa vida de muitas formas. Guerras, acordos econômicos, tratados militares, sanções comerciais, leis protecionistas, acordos de livre comércio, dentre outros eventos protagonizados por grandes atores como Estados nacionais e organismos internacionais, são determinantes na economia, política, sociedade e cultura.

Unidades	Percursos	Objetivos	Justificativas	Competências e habilidades da BNCC
1 O que é ser capitalista? Esta unidade aprofunda a discussão do capitalismo sob o ponto de vista filosófico e histórico por meio da relação entre a acumulação primitiva do capital e a formação dos Estados nacionais.	**1 Capitalismo: origens europeias e desenvolvimento mundial** **2 Um mundo em transformação**	• Identificar e reconhecer processos históricos e geográficos vinculados ao surgimento e desenvolvimento das sociedades capitalistas e dos Estados nacionais. • Relacionar o desenvolvimento capitalista com a formação dos Estados nacionais e o início do processo de mundialização econômica. • Analisar criticamente a expansão marítima, comercial e colonial europeia, suas dinâmicas concorrenciais e marcadas por guerras e escravização. • Posicionar-se de maneira ética diante de desafios na sociedade contemporânea.	• A compreensão das sociedades capitalistas requer, necessariamente, a análise dos processos que as produziram: a crise da sociedade feudal, a formação do Estado moderno e a expansão colonial europeia. • Relacionar desenvolvimento capitalista, Estados nacionais e colonialismo é importante para entender a complexidade do mundo contemporâneo, que não se limita a oposições dicotômicas simplistas. • Refletir criticamente sobre o capitalismo e o colonialismo contemporâneo possibilita melhor conhecimento do mundo e, consequentemente, o exercício do papel de protagonista.	Gerais: 1, 2, 6 e 10 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2 e 4 EM13CHS101 EM13CHS103 EM13CHS104 EM13CHS201 EM13CHS204 EM13CHS401
2 A memória resiste à dominação? Esta unidade discute o papel do imperialismo na organização do mundo no século XIX, bem como suas imbricações nas relações de poder dos séculos posteriores.	**3 Dominação imperialista e seus impactos** **4 Desafios do [illegible]**	• Descrever os processos políticos e econômicos do imperialismo em conexão com a história das relações raciais e do racismo contemporâneo. • Relacionar a formação do imperialismo com o desenvolvimento histórico do sistema capitalista, as transformações tecnológicas e os conflitos entre impérios europeus entre os séculos XIX e XX. • Investigar o impacto do imperialismo europeu sobre a organização geopolítica da África, da Ásia, da Oceania e da América. • Refletir sobre as sociedades e identidades que convivem no continente americano, conhecer as resistências e tradições culturais e as produções de pessoas negras e indígenas.	• Ao investigar o impacto do imperialismo nos diversos continentes entende-se melhor o mundo contemporâneo, cujos problemas e desigualdades estão relacionados ao período de domínio econômico e político europeu. • O aprendizado da história da formação das nações americanas leva a compreender a atuação do imperialismo neste continente. Ao estudar as múltiplas identidades que formam o mosaico de culturas e povos da América é possível refletir sobre as identidades no continente. • Estudar as matrizes africanas e indígenas na história, na cultura e na arte do continente americano é crucial para fazer frente às heranças do imperialismo na sociedade brasileira contemporânea.	Gerais: 1, 3, 4, 7 e 9 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 5 e 6 EM13CHS104 EM13CHS106 EM13CHS204 EM13CHS206 EM13CHS503 EM13CHS601 EM13CHS603 EM13CHS605
3 Em que mundo queremos viver? Esta unidade discute o papel do poder no que se refere a práticas de comunicação e de imposição ideológica de valores.	**5 Geopolítica, espaço e poder** **6 A Nova Ordem Mundial e o respiro democrático**	• Conhecer as guerras mundiais e o nazifascismo, analisar o papel do nacionalismo, do imperialismo e das alianças e estratégias geopolíticas nesses eventos. • Relacionar a Guerra Fria aos interesses geopolíticos por meio da análise de alguns de seus principais conflitos. • Caracterizar a Nova Ordem Mundial e analisar criticamente a globalização e as ameaças à paz mundial e à segurança dos povos representadas por regimes antidemocráticos. • Descrever processos de uso da mídia e das redes sociais para fins políticos e ideológicos, para reflexão ética sobre a participação política, a cidadania e os direitos humanos.	• O estudo das guerras possibilita melhor compreensão do mundo contemporâneo. Conhecer as práticas políticas nazifascistas é crucial para a reflexão sobre os perigos representados por projetos autoritários que promovem o nacionalismo. • O capitalismo globalizado e Nova Ordem Mundial da geopolítica posterior à queda da URSS são cruciais para o entendimento dos conflitos contemporâneos. • A análise do papel da mídia e das redes sociais na política coloca em pauta problemas fundamentais enfrentados pelas democracias atualmente e promove o pensamento crítico, o respeito ao pluralismo e a reflexão ética para a atuação do jovem no mundo contemporâneo.	Gerais: 1, 5, 8 e 9 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 4 e 6 EM13CHS101 EM13CHS106 EM13CHS201 EM13CHS403 EM13CHS603 EM13CHS604

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SUMÁRIO

UNIDADE 1 **O que é ser capitalista?** 8

Capitalismo e circulação 10

Percurso 1 – Capitalismo: origens europeias e desenvolvimento mundial 12

O desenvolvimento comercial na Europa a partir do século XI 12

As "últimas invasões" 13

A retomada comercial na Baixa Idade Média 14

Análise: O comércio internacional atual 16

O aumento da população urbana 16

Análise: Brasil atual: urbano ou rural? 17

As feiras, os cambistas e as cidades 17

Análise: *O banqueiro e sua mulher* 18

As corporações de ofícios e a burguesia 20

Análise: Os mestres-artesãos 20

A crise do sistema feudal 22

As más colheitas 22

Análise: Impactos no meio ambiente 22

A peste bubônica 23

As revoltas camponesas 25

A passagem para o capitalismo 26

Atividades 27

Percurso 2 – Um mundo em transformação 29

Análise: Quantas versões tem uma história? 29

Impérios por toda parte 30

Análise: Seres de outro mundo? 32

Um só capitalismo? 37

Colonialismo 37

A América Espanhola 38

Análise: Potosí 38

A América Portuguesa 39

Análise: O semeador e o ladrilhador 42

A escravidão e o Atlântico negro 43

A crise colonial 45

Análise: Haiti 47

Impérios coloniais no século XIX 50

Análise: A partilha da África 50

Saberes descentralizados 51

As diversas histórias do capitalismo global 52

Prática de pesquisa: De onde vêm as mercadorias que consumimos? 53

Atividades 54

UNIDADE 2 **A revolução resiste à dominação?** 56

Expandindo as fronteiras: dominação em nome do progresso 58

Percurso 3 – Dominação imperialista e seus impactos 60

Análise: A revolução de *Pantera Negra* 61

O imperialismo 62

O século XIX e as transformações do capitalismo 62

As justificativas para o avanço imperialista 63

Análise: Etnocentrismo e imperialismo na mídia 64

Higiene e racismo 64

Análise: A melanina 65

Racismo científico e o debate acadêmico 65

Análise: *A redenção de Cam* 66

O imperialismo na África 67

Análise: A África na cartografia colonial 68

Expedições geográficas pela África durante o imperialismo 69

Análise: Caça violenta pelo marfim 70

A partilha do continente africano 71

Análise: O "Mapa Cor-de-Rosa" e o "Colosso de Rhodes" 72

A partilha da Ásia e da Oceania 74

A China contra o imperialismo 75

Análise: Crise em Hong Kong 76

A ocupação imperialista na Oceania 77

Análise: All Blacks e a dança étnica Maori 77

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Processo de descolonização e o surgimento dos Estados Nacionais ... 79
Mas e o *Pantera Negra*? ... 80
Prática de pesquisa: Guerras de independência na Ásia e na África ... 81
Atividades ... 82

Percurso 4 – Desafios do Novo Mundo ... 84
O que é ser americano? ... 84
Análise: Americano ou estadunidense ... 84
Colonização do território americano? ... 84
"Primitivo" ou "civilizado"? ... 85
A ideia de raça e as mulheres negras ... 86
Análise: Poemas de recordação ... 87
Formas de violência e preconceito ... 88
A luta pela memória dos povos hispano-americanos ... 89
O trabalho nas colônias espanholas ... 89
Movimento zapatista ... 90
Pluralidade de identidades na América ... 91
Vestígios dos povos ameríndios ... 93
Análise: Maias ... 94
A arte e seus símbolos na América ... 95
Movimento muralista ... 95
Análise: *La guerra de la Independencia de México* ... 97
Voltando ao Capitão América ... 98
A Guerra de Secessão nos EUA ... 98
Análise: Marcha para o Oeste ... 100
Povos das Américas: diferentes narrativas ... 100
Atividades ... 102

UNIDADE 3 **Em que mundo queremos viver?** ... 104

(Des)Equilíbrios geopolíticos no século XX ... 106

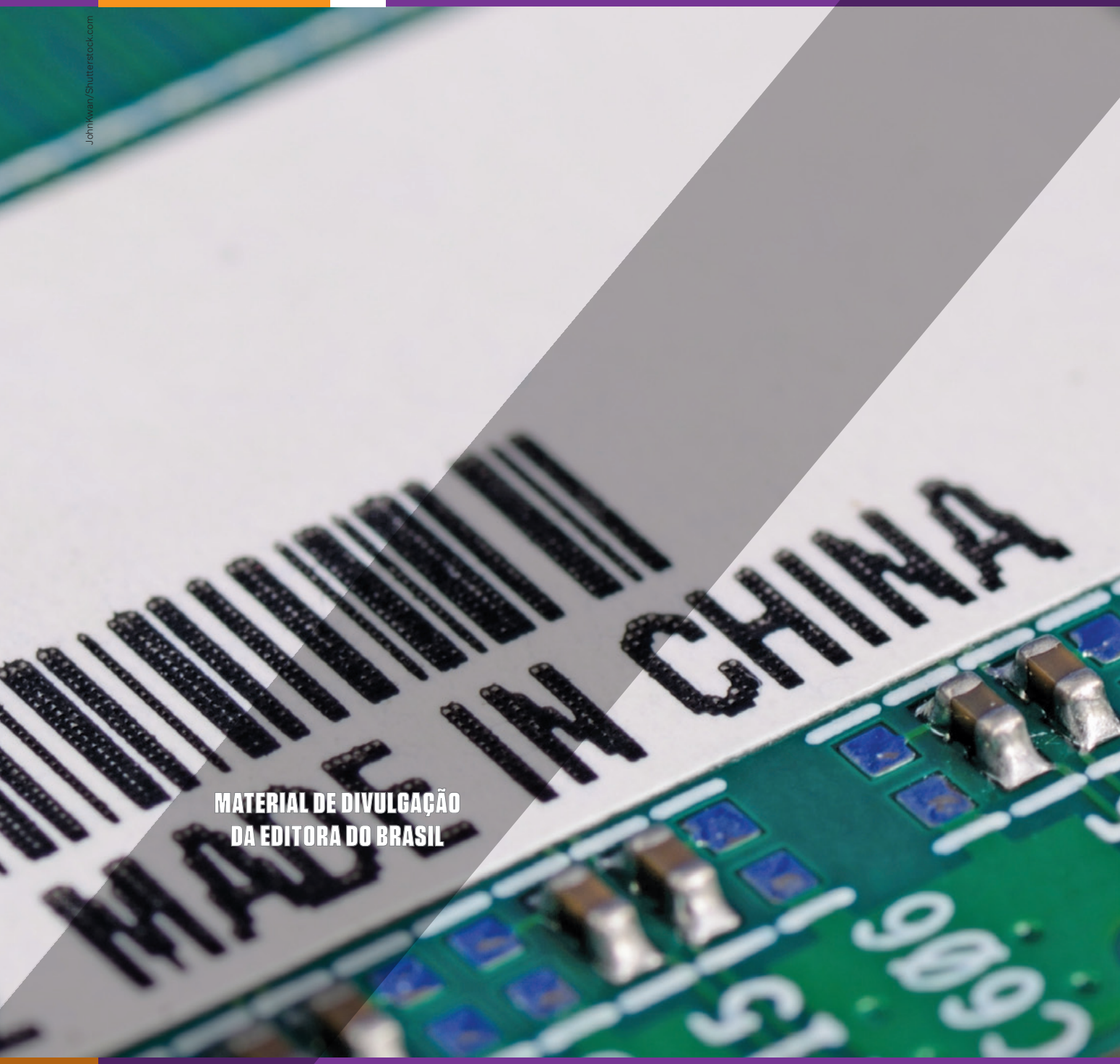
Percurso 5 – Geopolítica, espaço e poder ... 108
Nacionalismos e geopolítica na Europa ... 110
Unificação da Alemanha e da Itália ... 111
Crise econômica e das democracias liberais ... 113
Ascensão do fascismo e do nazismo ... 115
Análise: A praça da ignorância ... 117
A ordem bipolar da Guerra Fria (1945-1991) ... 119
Alianças militares ... 120
Alianças econômicas ... 120
Nações divididas pela Guerra Fria ... 120
Análise: Desespero e inocência ... 121
A crise no bloco socialista ... 122
Atividades ... 124

Percurso 6 – A Nova Ordem Mundial e o respiro democrático ... 126
Análise: Trajetória da democracia ... 127
Globalização: a liberdade econômica? ... 128
Os liberalismos e a experiência do Chile ... 128
As corporações transnacionais ... 130
A fluidez das pessoas e a turismofobia ... 130
Organizações internacionais, multipolaridade e democracia ... 132
Os blocos econômicos ... 135
União Europeia ... 136
A integração da América Latina ... 140
Mercosul ... 140
Aliança do Pacífico ... 141
Blocos na Bacia do Pacífico ... 141
O poder da mídia ... 142
Democracia e censura ... 142
O poder da televisão ... 142
Democracia em risco? ... 144
Mudanças na contemporaneidade ... 144
O mundo pós-pandemia: o que vai mudar? ... 144
Reflexões e incertezas ... 145
Análise: A pandemia anterior ... 146
Desglobalização e pandemia ... 147
Análise: *A noite* ... 148
Prática de pesquisa: Covid-19 e os impactos no cotidiano de cada um ... 149
Atividades ... 150

Questões de Enem e vestibulares ... 152
Índice remissivo ... 155
Competências e habilidades da BNCC trabalhadas neste volume ... 156
Referências ... 158

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

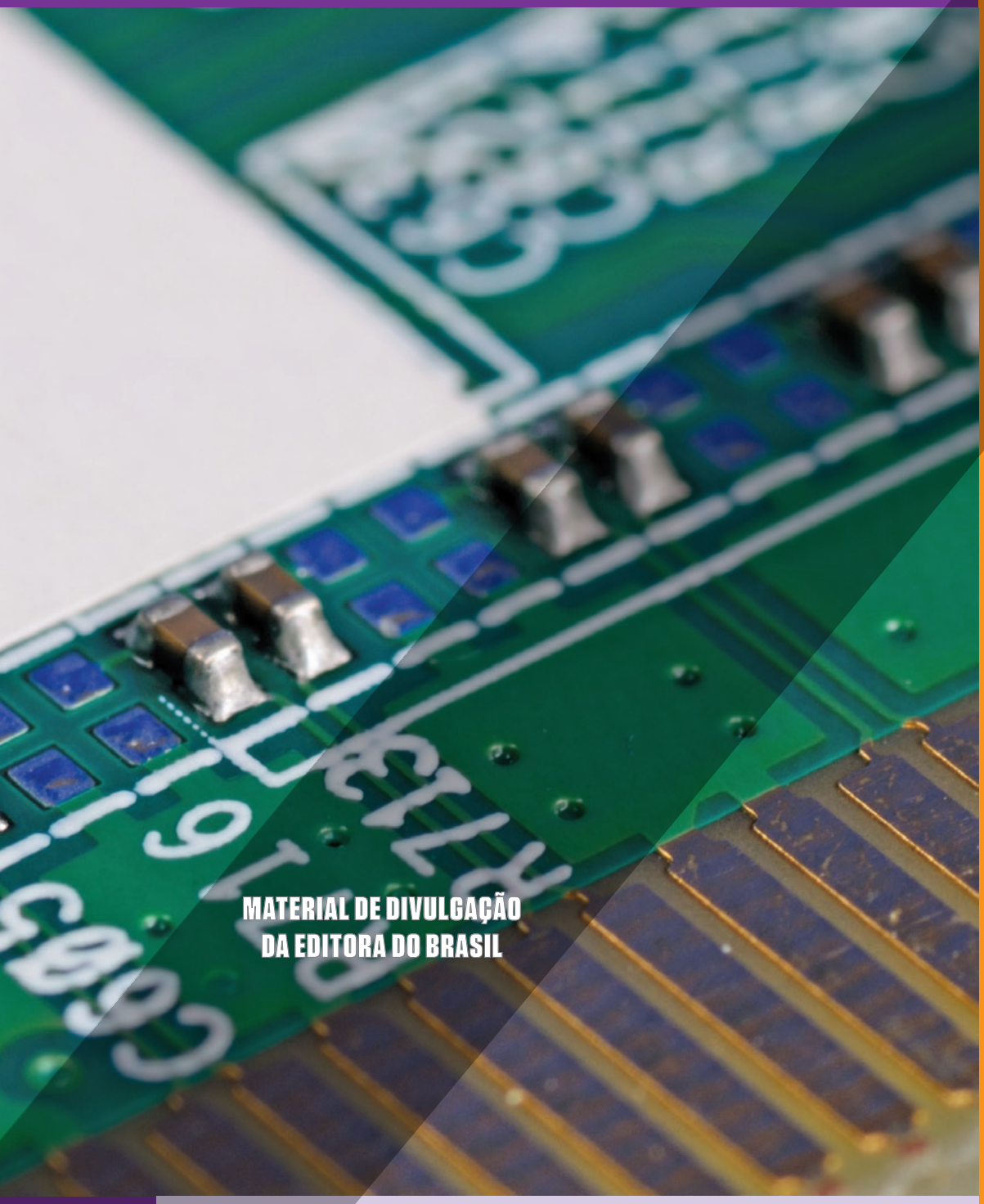
UNIDADE 1



JohnKwan/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O QUE É SER CAPITALISTA?



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com a globalização, as partes de um produto podem ser produzidas em qualquer lugar do mundo.

1. Você sabe como se originou o sistema capitalista no qual vivemos?

2. Qual é a relação entre esse sistema e o processo de mundialização?

3. De que forma a economia global faz parte de seu cotidiano?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 1, 2, 6 e 10, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 2 e 4, e as habilidades EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS401.

Capitalismo e circulação

Você sabe onde foi fabricado o calçado que está usando neste momento? Pare um momento e busque essa informação na etiqueta ou pela marca. É possível que ele tenha sido feito no Brasil, mas não será nenhuma surpresa descobrir que veio de outro país. É muito comum, no dia a dia, encontrarmos produtos fabricados em países como China, Vietnã, Bangladesh, dentre muitos outros. Estamos acostumados a conviver diariamente com alimentos, roupas, acessórios, eletrodomésticos e mesmo itens de material escolar provenientes de diversos lugares do mundo. Isso está tão incorporado ao nosso cotidiano que nem nos preocupamos em conhecer a origem de cada produto que vestimos, comemos ou usamos.

ThomasLENNE/Shutterstock.com

A etiqueta indica que a peça de vestuário foi produzida em Bangladesh.

Basta pensarmos um pouco mais para percebermos que isso ocorre não apenas com bens materiais. Cada vez mais, pessoas de diferentes ramos de atividades vão trabalhar em outros países, temporária ou permanentemente. E o inverso também é verdadeiro: é cada vez mais comum encontrarmos estrangeiros trabalhando no Brasil.

Um exemplo bastante popular são os jogadores de futebol. Crianças e jovens de todos os cantos do país sonham em se tornarem jogadores profissionais e não apenas nos times nacionais, muitos almejam jogar em grandes times da Europa. Não por acaso, é cada vez mais frequente vermos pessoas vestindo camisas de times como Barcelona, Real Madri, Liverpool etc.

Tudo isso nos lembra constantemente que vivemos num mundo marcado pela intensa circulação de pessoas, objetos, moedas, músicas, filmes e informações. É comum associarmos essa dinâmica à atualidade – afinal, os avanços tecnológicos fizeram com que as trocas entre países distantes se tornassem cada vez mais rápidas e eficientes. Pela internet é possível assistir, de qualquer lugar do planeta, a uma partida do Campeonato Europeu de Futebol (Eurocopa) ou da Liga dos Campeões da Uefa (a Champions League). Sem sair de casa, podemos torcer por um time que esteja disputando o campeonato vestindo a camisa dele. Tudo isso seria impensável há poucas décadas.

Karim Jaafar/AFP

O jogador de futebol Lionel Messi acompanhado do garoto afegão Murtaza Ahmadi. Doha, Catar, 2016.

Murtaza Ahmadi enfim realizou seu sonho. No início do ano, o garoto afegão de seis anos se tornou conhecido no mundo todo ao ser fotografado vestindo uma camisa improvisada, feita de plástico, com o nome de Lionel Messi. Quase um ano depois, Murtaza teve a chance de encontrar seu ídolo nesta terça-feira, durante [a] passagem do Barcelona por Doha, no Catar.

O encontro foi promovido pelo clube catalão, que levou o garoto até Doha, cerca de 3000 km distante de Ghazni, no Afeganistão, onde Murtaza vive. Messi carregou o fã-mirim no colo e posou para fotos, em momento registrado pelo Comitê Organizador da Copa de 2022. Murtaza vestia a camisa que já havia ganhado, meses antes, de presente do Barcelona.

GAROTO afegão que fez camisa de plástico encontra ídolo Messi. 13 dez. 2016. Disponível em: https://veja.abril.com.br/esporte/garoto-afegao-que-fez-camisa-de-plastico-encontra-idolo-messi/. Acesso em: 16 jul. 2020. Crédito: Veja / Abril Comunicações S.A.

1. O episódio de Murtaza Ahmadi se relaciona ao fenômeno da globalização? Explique.
2. Esse caso revela que a globalização não se refere apenas a bens materiais, mobiliza emoções. Você conhece outros exemplos desse fenômeno?
3. Além do futebol, você reconhece em outros esportes as marcas do processo de globalização, mencionadas neste início de unidade? Explique.

Desde a década de 1980, o processo de aprofundamento da integração econômica, social, política e cultural entre países de diversas partes do mundo vem sendo chamado de **globalização**. O termo se refere também ao contexto de redução de custos de meios de transporte e de comunicação no final do século XX e início do século XXI, que fez com que o intercâmbio entre pessoas e instituições de diferentes nacionalidades se tornasse cada vez mais intenso e frequente.

Como tudo isso começou? Será que se trata, de fato, de um fenômeno novo?

Não há dúvidas de que o desenvolvimento das mais recentes tecnologias intensificou enormemente a possibilidade de trocas e circulação em escala mundial. Isso não significa, porém, que não acontecessem antes. Sabemos que, já na Antiguidade, diversos povos praticavam trocas comerciais em diferentes formatos e intensidade, o que fazia circular pessoas, produtos e ideias por lugares diversos. Nos séculos seguintes, o mundo assistiu ao progressivo aumento do intercâmbio material e cultural entre diferentes povos e nações, num processo cujos desdobramentos estão profundamente enraizados no cotidiano atual.

Há muitas maneiras de contar essa história e de pensar sobre seus desdobramentos sociais, culturais, políticos e ambientais, mas todas passam, necessariamente, pela compreensão do surgimento e do desenvolvimento de um sistema econômico que alterou profundamente a paisagem, as relações sociais e a organização política do planeta: o **capitalismo**.

Alexander Zemlianichenko/AP Photo/Glow Images

Em 31 de janeiro de 1990, centenas de pessoas aguardaram a inauguração do primeiro restaurante de uma conhecida marca mundial de *fast-food* na, então, União Soviética, [illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Que aspectos da globalização econômica estão presentes na imagem?
2. De que forma a situação descrita na legenda da fotografia relaciona a globalização com o capitalismo?
3. Em sua opinião, por que motivo a rede de lanchonetes retratada atraiu a atenção de tantas pessoas?
4. Ao longo das próximas 24 horas, preste atenção a todas as empresas estrangeiras que fazem parte de seu cotidiano. Considere itens como alimentação, vestimenta, transporte, eletrodomésticos, entretenimento etc. Ao final, responda: Quantas empresas estrangeiras você encontrou nesse período?
5. Em sua opinião, que interesses levam uma empresa a expandir sua marca para diversos países?
6. Compare sua resposta do item 4 com as dos colegas e reflita: Como seria sua vida caso essas empresas desaparecessem?

Esta unidade é um convite para você conhecer melhor essa história e compreender os muitos fios que ligam as origens do capitalismo a sua vida cotidiana.

PERCURSO

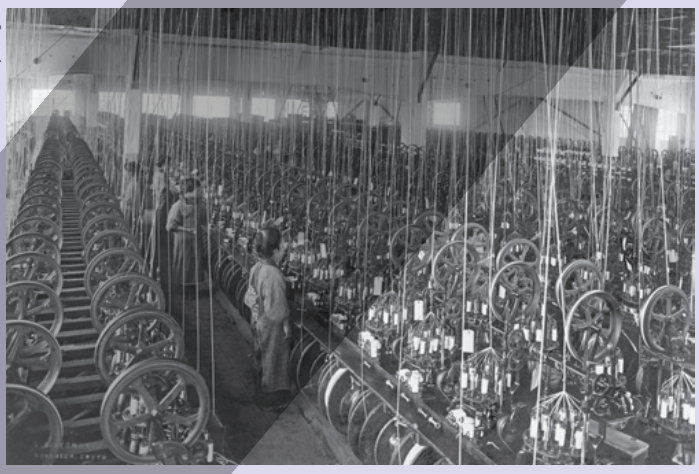
1 Capitalismo: origens europeias e desenvolvimento mundial

Globalização e capitalismo são dois termos que, de uma maneira ou de outra, estão sempre de "mãos dadas". Vivemos em um mundo no qual o sistema capitalista é predominante. No entanto, ao longo da história das sociedades, algumas alternativas ao capitalismo foram concebidas e até mesmo implantadas, como na Rússia, em 1917, e na China, em 1949.

A Revolução Industrial

Ao longo deste percurso, você estudará as origens do capitalismo.

Na segunda metade do século XVIII, teve início, na Inglaterra, um processo de profundas modificações na produção de mercadorias em larga escala que consolidou o sistema capitalista. Tais modificações ficaram conhecidas como Revolução Industrial.



Bettmann Archive/Getty Images

Operárias em fábrica de cabos. Tóquio, Japão, ca. 1870.

A produção passou a ser feita em fábricas nas quais a imensa maioria dos trabalhadores era assalariada, e voltou-se ao abastecimento do crescente mercado interno e externo. O foco da burguesia industrial passou a ser o lucro e houve racionalização do processo produtivo. Esse processo tem sido descrito como uma revolução técnica, mas, na realidade, não foi apenas isso, uma vez que a mudança revolucionária foi a instalação da produção industrial capitalista.

A expressão Revolução Industrial passou a ser usada e difundida por volta da década de 1820 por socialistas ingleses e franceses, portanto, aproximadamente meio século após o início desse processo histórico.

Foi apenas a partir de 1906, com a publicação do livro *A Revolução Industrial no século XVIII*, do historiador francês Paul Mantoux (1877-1956), obra clássica sobre o tema, que a expressão se consagrou em definitivo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mas qual é a relação entre o sistema capitalista e nosso modo de vida, em pleno século XXI?

Os objetos que você utiliza e quase tudo ao seu redor foram produzidos por trabalhadores assalariados. Esse fenômeno é uma das características do sistema capitalista.

O desenvolvimento comercial na Europa a partir do século XI

Na Idade Antiga, muitos povos praticavam trocas comerciais de forma e intensidade variadas, o que fazia circular pessoas, mercadorias e ideias por lugares diversos. O comércio pelo Mar Mediterrâneo era intenso, e as civilizações fenícia, grega e romana se destacaram nessa atividade.

Porém, por causa da insegurança no início do Período Medieval, resultante, principalmente, das invasões dos *vikings*, verificou-se uma retração nas atividades comerciais da Europa, que só voltariam a se intensificar durante a Baixa Idade Média – do século XI ao XV –, na época do feudalismo, quando novas formas de produção e de organização do trabalho se aliaram a importantes avanços tecnológicos.

As “últimas invasões”

As crises e os vários problemas que a Europa ocidental passou a enfrentar desde a desagregação do Império Romano se agravaram em razão das “últimas invasões”, que, para parte da historiografia, constituíram uma grande migração de povos, tal como ocorrera nos séculos V e VI em relação aos germânicos.

Durante os séculos IX e X, as populações do norte europeu foram surpreendidas por levas intermináveis de guerreiros normandos (“homens do norte”), mais conhecidos como *vikings* (“guerreiros do mar”). Na mesma época, inúmeras regiões do centro e leste da Europa foram atacadas em ondas sucessivas pelos magiares ou húngaros, de origem asiática, que fizeram várias incursões militares em territórios atualmente correspondentes à República Tcheca, Eslováquia, Hungria, Áustria, França, Alemanha e norte da Itália. Por fim, a partir do século VIII, os árabes, praticantes da religião muçulmana, ocuparam a Península Ibérica e, paralelamente, dominaram o Mar Mediterrâneo.

Em consequência dessa série de incursões e migrações de povos, a insegurança solidificou ainda mais os laços de dependência pessoal em diversas regiões da Europa, que se cobriu de castelos fortificados, ao mesmo tempo que o poder dos senhores se afirmava devido à fragilidade dos reinos, incapazes de conter as contínuas devastações. O pânico gerado por estas últimas invasões era tão grande que, referindo-se aos *vikings*, uma oração da época implorava: “Do terror normando, livrai-nos, Senhor!”

Vikings ou normandos?

De maneira geral, há dúvidas em relação à utilização desses dois termos. Para elucidá-la, vamos recorrer ao *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*, elaborado pelo historiador brasileiro Antonio Carlos do Amaral Azevedo:

> Normandos: denominação genérica aplicável a povos escandinavos entre os quais noruegueses, dinamarqueses e suecos. O termo origina-se do vocábulo nórdico *northman* (“homem do norte”), sendo também utilizado para designar os grupos de viquingues.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 328.

Os *vikings*

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Durante os séculos IX e X, os *vikings*, como se autodenominavam, espalharam-se por várias regiões da Europa, [illegible] Escandinávia, região norte da Europa onde atualmente estão localizados os países Dinamarca, Noruega, Suécia e Finlândia. Atacaram cidades e estabeleceram-se na Normandia (norte da França) e em parte da Inglaterra, saquearam a Irlanda, colonizaram a Islândia e a Groenlândia e alcançaram a América do Norte. Organizaram bases comerciais na Rússia, como Novgorod, e mantiveram intenso comércio com Constantinopla, antiga Bizâncio e capital do Império Romano do Oriente, também chamado de Império Bizantino.

No século XI, os normandos conquistaram a Inglaterra (1066) e fizeram incursões no sul da Península Itálica e na Sicília.

No entanto, não era apenas a pilhagem que interessava aos normandos. As trocas comerciais também eram importantes. O historiador medievalista francês Jacques Le Goff (1924-2014) propôs uma discussão sobre os *vikings* no livro *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Ele ressaltou o lado mercantil dos *vikings* e desmitificou a ideia de que eram bárbaros (no sentido pejorativo do termo) que saqueavam, pilhavam, matavam e não tinham nenhuma piedade.

> Vejam os *vikings*: talvez vocês já tenham visto imagens onde eles são mostrados desembarcando nas costas da Normandia, no norte da França, para saquear e destruir o interior. Na verdade, é provável que fossem apenas mercadores vindos dos países do norte para comerciar – e alguns deles acabaram se instalando na França.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007. p. 14.

Vozes

Jacques Le Goff se especializou em estudos sobre a Idade Média ao longo da carreira. Fez parte de um movimento de renovação historiográfica na década de 1920 que ampliou a noção de "fonte histórica", denominado **Escola dos Annales**. A partir desse movimento, os historiadores passaram a utilizar os termos "vestígio" e "registro" para denominar, genericamente, tudo o que possa revelar importantes informações acerca da atividade humana, tanto no presente quanto no passado, como fotografias, canções, provérbios, mapas, filmes, pinturas, obras arquitetônicas, armas, sepulturas e outros.

Jacques Le Goff. França, 1999.

Frederic Souloy/Gamma-Rapho/Getty Images

GLOSSÁRIO

Escola dos Annales: movimento intelectual associado à revista francesa *Annales* (Anais da História Econômica e Social) no qual um grupo de historiadores indicou os novos objetos, problemas e abordagens da escrita da História.

A retomada comercial na Baixa Idade Média

Até o século X, embora não tivessem desaparecido, as atividades comerciais mostraram-se limitadas em todo o mundo medieval. A partir dessa época, começaram a ocorrer com mais frequência no cotidiano de diversos povos europeus.

Um fator que colaborou para essa nova dinâmica foi o movimento conhecido como Cruzadas: um conjunto de expedições militares organizadas pela cristandade e que se estendeu do século XI ao XIII com a finalidade de conquistar a chamada Terra Santa.

As Cruzadas

Selma Caparroz

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 16.

1. Você já leu ou ouviu a expressão Terra Santa? O que significa? Para responder, faça uma breve pesquisa a respeito.
2. Por que essa região recebeu tal denominação?
3. Se a cristandade europeia desejava conquistá-la, quem a dominava naquela época?
4. E na atualidade? Essa região ainda é palco de conflitos? Por quê?

As Cruzadas representaram uma verdadeira "guerra santa" da Europa cristã. Foi nessa época, inclusive, que se acelerou o processo da reconquista cristã da Península Ibérica, até então dominada pelos muçulmanos. Não alcançaram o principal objetivo – a libertação plena da Terra Santa –, mas as incursões tiveram outras consequências, como o enfraquecimento da aristocracia feudal (a nobreza feudal), relativo fortalecimento do poder real e a expansão das atividades comerciais.

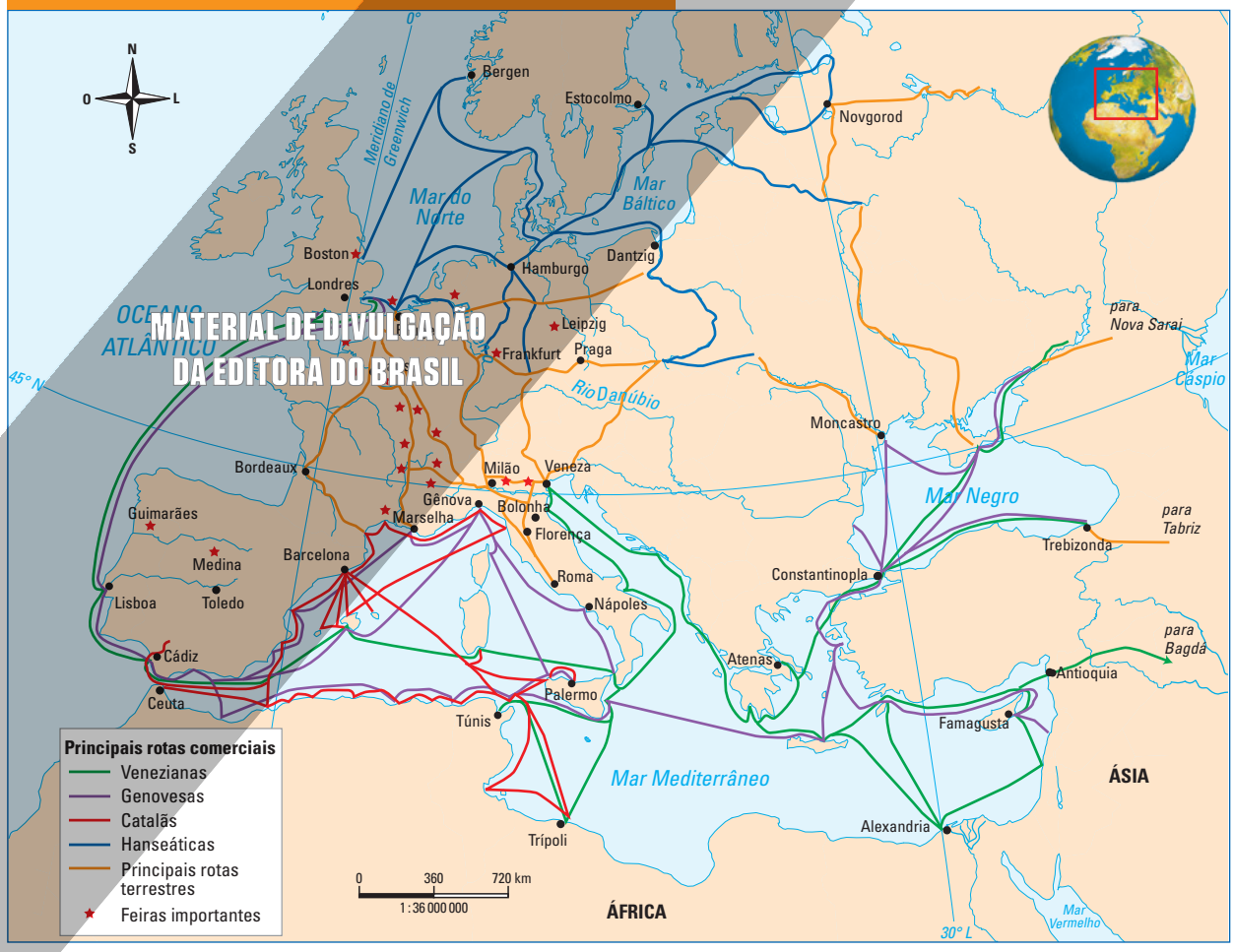
As Cruzadas exerceram significativo papel no processo de articulação comercial euroasiático por meio do Mar Mediterrâneo. Como consequência, o consumo de produtos de luxo na Europa aumentou – tecidos finos, tapetes persas, porcelana chinesa, peles, especiarias etc. – e, num segundo momento, de outras mercadorias como sal, armas, madeiras, cereais e vinhos.

Além disso, ao colocar povos europeus em contato com civilizações de grande importância cultural, como a bizantina e a árabe, as Cruzadas contribuíram para que novos hábitos e costumes fossem divulgados na Europa.

Nessa época, desenvolveram-se dois núcleos comerciais que se integravam num comércio de dimensão intercontinental:

- a área do Mediterrâneo, sob o controle de comerciantes de importantes cidades italianas – como Veneza, Pisa, Gênova – que dominaram o transporte marítimo ao se articularem com os portos do Mediterrâneo Oriental (Constantinopla, Antioquia, Alexandria, dentre outros);
- a área do norte da Europa, na qual se desenvolveu uma poderosa associação de cidades mercantis – Lübeck, Bremen, Bruges e outras –, denominada Hansa ou Liga Hanseática, que mantinha o monopólio comercial na região estendendo suas atividades a várias cidades inglesas, alemãs, belgas, holandesas, dinamarquesas e russas.

Idade Média: rotas comerciais – séculos XII e XIII



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sônia Vaz

Fonte: BLACK, Jeremy. *World History Atlas.* Londres: Dorling Kindersley, 2008. p. 190-191.

Articulando esses dois núcleos, merece destaque o eixo comercial que se estendia das cidades italianas até o Mar do Norte, no qual se desenvolveram inúmeras rotas de comércio e feiras medievais.

Análise

O comércio internacional atual

No início desta unidade, propusemos uma reflexão acerca do processo de globalização na atualidade, que se caracteriza pela intensificação do comércio internacional, intercâmbio cultural, de avanços científicos e tecnológicos ligados tanto à produção e à circulação de mercadorias e informações como ao trânsito de pessoas. O volume de negócios no mercado internacional aumentou bastante nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, aproximando, ainda mais, as diversas regiões do planeta.

Atualmente, o fluxo comercial está estruturado em torno de três centros econômicos mundiais, cujos países formaram alianças e blocos regionais:

- União Europeia, composta de países europeus;

Sofion Sawan/Shutterstock.com

Bandeira da União Europeia.

- Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA), em substituição ao **Nafta**. O USMCA tem sido referenciado como Nafta 2.0;

Lightspring/Shutterstock.com

A imagem representa o USMCA, com as bandeiras dos países que o compõem.

- Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), composta de países asiáticos.

NanamiOu/Shutterstock.com

A imagem representa a Apec.

Esses centros econômicos são responsáveis por grande parte das transações comerciais em todo o planeta.

1. Faça uma pesquisa sobre esses três blocos econômicos. Busque informações sobre suas características, as vantagens obtidas pelos países desses blocos nas negociações com países de fora do bloco – como Brasil e outros países da América do Sul – e seu *status* atual.

GLOSSÁRIO

Nafta: a sigla significa Acordo de Livre-Comércio da América do Norte), formado por Estados Unidos, Canadá e México. Esse acordo entrou em vigor em 1994. Entretanto, em outubro de 2018, após a assinatura de um acordo bilateral entre Estados Unidos e México, passou a vigorar o Acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA), em substituição ao Nafta.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O aumento da população urbana

A partir do século XI, o crescimento demográfico, as atividades mercantis, as rotas de comércio e as feiras deram vigor à vida urbana, fazendo com que as cidades se multiplicassem e se expandissem rapidamente.

A população urbana era formada, em grande parte, por mercadores, artesãos, aprendizes, trabalhadores assalariados e camponeses que se evadiam das áreas rurais em busca de mais liberdade. É conhecido o ditado alemão daquela época: "O ar das cidades torna um homem livre".

A partir de meados do século XI, a população europeia aumentou rapidamente, como você pode comprovar nos dados do quadro a seguir.

Crescimento da população europeia entre 1050 e 1300

Ano	População
1050	46 milhões
1100	48 milhões
1150	50 milhões
1200	61 milhões
1300	74 milhões

Fonte: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Sociedade feudal*: guerreiros, sacerdotes e trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 43.

Você sabia que existe uma relação entre a maior oferta de alimentos e o aumento da população? No caso da Europa medieval, esse aumento ocorreu ao longo de três séculos. Naquele período, as áreas de cultivo foram ampliadas em razão, principalmente, dos progressos técnicos na atividade agrícola.

Mas quais foram esses progressos?

Em primeiro lugar, a substituição do arado de madeira pela charrua, instrumento de metal que fazia um sulco mais profundo no solo, além de revolvê-lo. Aliada à charrua, foi aplicada uma nova forma de atrelagem de animais de tração. E, por fim, houve acentuado progresso na metalurgia.

A expansão das áreas de cultivo, que resultou em maior oferta de alimentos, ficou conhecida como "movimento dos **arroteamentos**". Esse movimento foi também estimulado pelo aumento no preço dos cereais, o que incentivou os proprietários de domínios feudais a ampliarem as áreas agrícolas.

A partir do século XI, o surgimento de cidades e o "renascer", em geral, da vida urbana abalaram as bases da sociedade medieval.

As cidades medievais eram pequenas se comparadas às de hoje. No entanto, desempenharam significativo papel na economia da época, independentemente do número de habitantes. Basta lembrar que Lübeck, cidade que liderou a formação de uma poderosa associação mercantil, contava com, aproximadamente, 25 mil habitantes no século XIII.

GLOSSÁRIO

Arrotear: ato de cultivar em terrenos áridos, agrestes, considerados impróprios para a agricultura.

Análise

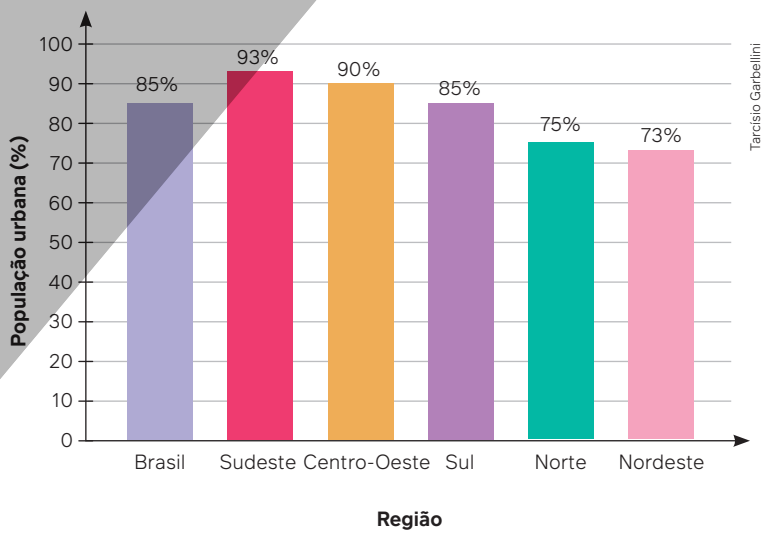
Brasil atual: urbano ou rural?

Como você viu, as cidades se multiplicaram na Europa Ocidental a partir do século XI, mas a maioria da população ainda residia no campo. E no Brasil atual, predomina a população urbana ou rural?

1. Pesquise o processo de urbanização no Brasil e responda às questões a seguir.
   a) Quando a população urbana superou a [illegible]
   b) Quais [illegible] do processo de urbanização?
2. Com base na leitura do gráfico ao lado, responda às questões a seguir.
   a) Qual é a região mais urbanizada? Qual seria a causa principal?
   b) Qual é a região menos urbanizada? Qual seria a causa principal?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Brasil: porcentagem da população que vive em área urbana – 2015



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015. *In*: IBGE. *Sidra*, Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/261. Acesso em: 27 jun. 2020.

As feiras, os cambistas e as cidades

Paralelamente, e como reflexo da intensificação das atividades comerciais e urbanas, desenvolveram-se, na Idade Média, as feiras e os mercados, como a Feira de Lendit, próxima a Paris.

As feiras, realizadas ao longo do ano, destacaram-se como importantes centros de comercialização de incontáveis mercadorias. Eram pontos de encontro de mercadores e negociantes que vendiam seus produtos em larga escala às populações.

Letras de câmbio: títulos ou papéis que comprovavam que determinada quantia havia sido depositada num local. De posse da letra de câmbio, o comerciante podia resgatar o valor nela registrado em outra localidade e não precisava levar consigo grandes quantias, o que lhe proporcionava mais segurança nas viagens.

Com elas, generalizou-se o uso de moedas, principalmente as de aceitação geral, como o florim, de Florença, e o ducado, de Veneza. Devido a essa generalização, surgiram os **cambistas**, que faziam conversão de moedas, operavam com **letras de câmbio** garantidas por eles, efetuavam empréstimos a juros etc. Com o tempo, multiplicaram-se e sofisticaram-se as atividades bancárias, tanto nas cidades como nas próprias feiras, e os cambistas passaram a ser chamados de "banqueiros". As feiras de maior significação foram as da região de Champagne, na França.

GLOSSÁRIO

Cambista: aquele que negocia título de crédito e faz câmbio (que significa "troca", "permuta").

Análise

O banqueiro e sua mulher

A pintura a seguir foi produzida em 1514 pelo pintor flamengo Quentin Metsys. Atualmente, está exposta no Museu do Louvre, em Paris. Ela retrata o banqueiro no local de trabalho pesando moedas. Numa época em que as moedas eram cunhadas em ouro e/ou prata, seus valores eram definidos pela quantidade de metais preciosos utilizados em sua fabricação, daí a importância da pesagem.

A esposa do banqueiro foi representada folheando um livro com a mão esquerda. Como há a imagem de um santo em uma página, é provável que o livro seja de caráter religioso, talvez de orações.

1. Observe o olhar da esposa: É possível afirmar que ela está mais interessada nas moedas do que no livro? Por quê?
2. Observe a composição dos elementos nesse quadro. Quais deles nos permitem reconhecer que se trata da profissão de um banqueiro? Que elementos diferenciam a profissão de banqueiro representada no quadro da profissão dos banqueiros da atualidade?
3. Que mudança de mentalidade da época da Renascença, no início [illegible] para o capitalismo, o artista representou nessa obra?

Museu do Louvre, Paris

Quentin Metsys. *O banqueiro e sua mulher*, 1514. Óleo sobre madeira, 67 cm × 70 cm.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Localizadas em pontos estratégicos – nas proximidades dos castelos fortificados, dos entroncamentos de rotas fluviais e terrestres, ao redor de feiras tradicionais e mesmo próximo às edificações religiosas –, as cidades se destacaram, também, como centros de atividades artesanais.

A fonte histórica transcrita a seguir descreve o surgimento de Bruges, na Bélgica, capital da província de Flandres Ocidental, que foi elevada à categoria de cidade em 1128.

> Para as necessidades dos habitantes do castelo, começaram a afluir diante da sua porta, junto da ponte, negociantes, depois taberneiros e hoteleiros. [...] Tantos habitantes aí acorreram que em breve nasceu uma cidade, que ainda hoje conserva o seu nome de ponte ['brugghé'].
>
> LE LONG, Jean. Crônica de São Bertino, século XI. *In*: FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. 2. ed. Lisboa: Plátano, 1977. v. 2, p. 164.

A historiadora medievalista francesa Régine Pernoud (1909-1998), autora de diversos livros sobre a Idade Média, destacou na obra *As origens da burguesia* como as cidades amuralhadas, isto é, cercadas por portentosas muralhas, foram se multiplicando, paralelamente ao crescimento da burguesia.

A permanência dos mercadores dá nova animação às cidades. [...] Frequentemente, o novo burgo aparece sob a proteção da antiga cidadela (castelo); outras cidades nascem espontaneamente nos locais mais bem situados. Da palavra "burgos", de cuja fortificação eles não se descuidam para garantir a segurança de seu comércio e de suas mercadorias, se originará a palavra "burguês" (comerciante), que durante muito tempo será sinônimo de mercador. [...] O burguês sentia a necessidade de assegurar a sua defesa sem recorrer à tradicional proteção do senhor. O comércio não se desenvolve sem segurança. Por isso, um dos primeiros direitos que os burgueses reclamam é o de construir muralhas e fortificações.

PERNOUD, Régine. *As origens da burguesia*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973. p. 19.

Anamaria Mejia/Shutterstock.com

Antigo portão que dá acesso à parte histórica da cidade de Bruges. Bruges, Bélgica, 2018.

A cidade de Bruges, na Bélgica

A cidade de Bruges surgiu e se desenvolveu com a retomada das atividades comerciais e a evolução das manufaturas de lã e tecidos. É um exemplo da recuperação do espaço urbano na Idade Média, decorrente, entre outros aspectos, da mobilidade das pessoas. Observe a imagem a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Coleção particular

Gravura do livro *Civitates Orbis Terrarum* de Georg Braun (1541-1622) e Franz Hogenberg. Antigo mapa da cidade de Bruges, 1572.

1. De acordo com a planta da cidade de Bruges e da fotografia no alto da página, identifique um dos principais aspectos físicos das cidades medievais. Como se caracterizavam?
2. De que maneira os recursos naturais (sobretudo os hídricos) foram utilizados para garantir o isolamento de Bruges?
3. Em que medida a organização do espaço urbano das cidades medievais respondia às demandas dos cidadãos naquele contexto histórico?
4. Observe com atenção a planta de Bruges. Na Idade Média, sete portões davam acesso à cidade. Que semelhanças e diferenças você encontra entre as cidades muradas medievais e a cidade em que mora atualmente?

As corporações de ofícios e a burguesia

GLOSSÁRIO

Jornaleiro: pessoa que cumpre determinada jornada de trabalho, geralmente diária, em troca de pagamento em dinheiro.

Até aqui analisamos as origens do capitalismo pelo viés da atividade comercial. Agora vamos iniciar o estudo das atividades manufatureiras, retomando alguns conceitos relativos às atividades artesanais, típicas da Idade Média.

Com o desenvolvimento do artesanato, verificou-se maior especialização do trabalho, sobretudo entre os trabalhadores rurais (camponeses) e urbanos (artesãos). Com o tempo, o afluxo de mercadores para as cidades tornou-se mais intenso.

Nas cidades, o núcleo da produção manufatureira era a oficina, que pertencia a um mestre-artesão que trabalhava com oficiais (ou **jornaleiros**) e aprendizes. Para preservar seus interesses – garantir matéria-prima, exclusividade da produção, uniformidade de salários, horários de trabalho, impedir a concorrência, fiscalizar os métodos de produção etc. –, os mestres-artesãos se reuniam em corporações de ofícios, que se compunham dos mestres dedicados à fabricação de determinado produto.

Segundo os estatutos das corporações, os mestres eram obrigados a cuidar dos aprendizes, que geralmente entravam nas oficinas ainda adolescentes e trabalhavam sem remuneração em troca de casa, comida e aprendizado. Já na idade adulta, os aprendizes tornavam-se oficiais, recebendo salários. Para chegar ao grau de mestre, exigia-se do oficial o pleno domínio das técnicas de fabricação e a realização de uma verdadeira obra-prima, que era julgada pelos demais mestres-membros da corporação.

Análise

Os mestres-artesãos

Os mestres-artesãos constituíam uma corporação para proteger seus negócios e interesses. Os mestres-sapateiros, por exemplo, eram membros-associados da "corporação dos sapateiros".

Observe a imagem ao lado, que representa uma sapataria europeia na passagem da Idade Média para a Idade Moderna.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Quais aspectos [illegible] ção?
2. Liste três detalhes da imagem que são indícios de que as mercadorias produzidas nas oficinas eram também comercializadas pelos mestres.
3. Indique, pela observação da imagem, quem é o mestre e quem são os oficiais.

World History Archive/Easypix Brasil

Jost Amman. *Sapateiros*, século XVI. Xilogravura.

Com o aumento do número de mercadores no interior dos burgos, como eram denominadas as fortificações medievais (castelos), foi necessário instalá-los do lado de fora das muralhas, dando origem aos *forisburgus*. Nesses "novos burgos", verificou-se o nascimento de uma nova classe social, a **burguesia**, nome derivado de burgo, como destacado pela historiadora Régine Pernoud em texto transcrito anteriormente.

Forisburgus

Como já visto, a palavra **burgo**, a princípio, denominava o castelo, lugar de proteção ou refúgio. A respeito do *forisburgus*, o historiador belga Henri Pirenne (1862-1936) observou:

> Os burgos eram fortalezas, cujas muralhas encerravam um perímetro limitado. [...] Os mercadores foram obrigados a instalar-se, por falta de lugar, no exterior desse perímetro. Construíram, ao lado do burgo, um burgo exterior, ou seja, um subúrbio (*forisburgus, suburbium*). Este subúrbio é ainda chamado [...] "novo burgo", por oposição ao burgo feudal [...] ao qual está ligado.
>
> PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. 4. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977. p. 112.

Gradualmente, o **novo burgo** foi ficando mais importante, pois para ele acorriam comerciantes e artesãos. Nesse centro populacional, que, com o tempo, passou a ser denominado burgo, desenvolveu-se a burguesia.

Os burgueses eram, a princípio, os habitantes da cidade, em oposição àqueles que viviam nos campos. Com o tempo, a palavra burguês passou a designar apenas os ricos mercadores, negociantes, banqueiros e importantes mestres. Essa distinção se explica em razão do rápido enriquecimento de uns poucos em contraste com a pobreza de muitos – aprendizes, oficiais e todos os que vendiam sua força de trabalho na forma de uma jornada diária.

Logicamente, as condições de vida de uns e de outros eram diferentes. Esse contraste entre ricos e pobres e a exploração do trabalho destes últimos foi motivo de inúmeros conflitos sociais. Acrescente-se, por fim, a reação das populações urbanas aos abusos constantes dos senhores feudais, como apreensão de mercadorias, diversos tributos, arbitrariedades judiciais etc.

Em sua luta, os burgueses buscavam a autonomia das cidades, o que era garantido pelas Cartas de franquia, documento conseguido por meio de compra ou guerra contra os senhores e que garantia as conquistas dos habitantes das cidades. Não raro, os burgueses contaram com a simpatia e até mesmo apoio dos monarcas, pois eles também estavam interessados em superar certos privilégios feudais.

Algumas das novas cidades dirigidas pela próspera burguesia transformaram-se em "pequenas repúblicas", com magistrados, assembleias e governo próprio. Esse fenômeno foi mais comum nas cidades italianas.

O surgimento das universidades

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O surgimento das universidades está diretamente ligado à expansão demográfica e urbana, além [illegible] nomia. De fato, embora a universidade tenha se originado no século XII (em Bolonha, 1158, e em Paris, 1200), foi durante o século XIII que elas se multiplicaram: Cambridge (1209), Pádua (1222), Nápoles (1224), Toulouse (1229), dentre outras.

A estrutura das universidades lembrava a das corporações de ofícios, tanto que o termo *universitas* era utilizado para designar uma associação de professores e alunos. Ao se "corporativizarem", as universidades procuravam preservar e lutar por mais direitos e privilégios, como autonomia em relação aos poderes eclesiásticos ou monárquicos, por exemplo. O método utilizado nas aulas dos mestres baseava-se em dois pontos: leitura (*lectio*) e interpretação de textos, seguida de debates (*disputatio*) sobre o tema em questão.

Embora, a princípio, a influência da Igreja sobre as universidades fosse significativa, com o tempo, os ricos burgueses, detentores do poder em inúmeras cidades, procuraram atrair intelectuais e fundaram universidades que escapavam ao controle do clero. Assim, surgiram cursos de Direito e Medicina, entre outros.

Chris Lawrence Travel/Shutterstock.com

Capela da Universidade de Cambridge. Reino Unido, 2017.

A crise do sistema feudal

A transição do sistema feudal para o sistema capitalista começou com a Crise Geral do Século XIV, ou crise do feudalismo. A partir daí, a sociedade feudal não mais conseguiria se reproduzir e transformações profundas alteraram seus "pilares", como os laços de servidão e as relações de dependência pessoal.

As más colheitas

O crescimento populacional europeu ao longo do século XIII, além de dar maior dinâmica ao comércio, elevou o preço dos cereais. Assim, teve início um acentuado processo de desmatamento com o intuito de incorporar áreas até então consideradas impróprias à agricultura. Muitas áreas de pastagem também passaram a ser utilizadas na produção de cereais, o que, com o tempo, comprometeu a fertilidade dos solos.

Na imagem a seguir, ainda que idealizada, é possível observar um camponês valendo-se da charrua com o intuito de preparar o campo para o plantio. Como esta ferramenta agrícola era de metal (ferro), tornou-se possível lavrar os solos pedregosos e os terrenos desflorestados, o que estimulou o cultivo em áreas que até então contavam com cobertura vegetal. Em longo prazo, a destruição dos recursos naturais teve resultados catastróficos.

A. De Gregorio/De Agostini Picture Library/Bridgeman Images/Fotoarena

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Arando os campos, detalhe de *Triunfo de Ceres*, cena do mês de agosto atribuída a Cosimo Tura e Mestre de Ercole. Afresco, c. 1470.

Essa destruição em larga escala – contra a qual, inclusive, algumas vozes se levantaram na época – acabou gerando um sério desequilíbrio geoclimático, que se traduziu em chuvas torrenciais no início do século XIV.

As chuvas causaram erosão em grande proporção, esgotamento de nutrientes do solo, diminuição das áreas agrícolas e péssimas colheitas. O resultado de todo esse desastre logo se fez sentir: longos períodos de escassez, fome, debilitamento orgânico das populações mais pobres e conflitos sociais.

Análise

Impactos no meio ambiente

O meio ambiente é extremamente sensível à interferência humana, conforme ocorreu entre os séculos XI e XIII, devido aos arroteamentos e à prática de uma agricultura predatória. É importante destacar que os problemas ambientais ocorridos na Europa no século XIV, como as pesadas chuvas entre 1315 e 1317, foram consequência de processos ocorridos nos séculos anteriores.

Os textos a seguir se referem às Atividades extrativistas que contribuíram para os problemas ambientais do século XIV na Europa.

Texto 1

> A explosão demográfica provocou estragos de destruições no meio ambiente. Derrubaram-se milhares de hectares de florestas para aumentar a superfície das terras aráveis e pastagens. Além disso, a madeira era, na época, o principal combustível de uso doméstico, e servia também para construir casas, moinhos, pontes, fortalezas [...]. Os navios eram de madeira, assim como as máquinas e teares. [...] Em 1300, as florestas da França cobriam 13 milhões de hectares, ou seja, um milhão de hectares a menos em que nossa época. [...]

Richard Fitz Nigel, tesoureiro do rei da Inglaterra, registrava em 1170, um período de intenso desflorestamento dos bosques para cultivar o solo, lavrá-lo e dele fazer pastos para os animais. Alguns números extraídos dos registros de contas dão uma ideia da extensão das destruições de recursos naturais [...]. Na Inglaterra, em meados do século XIV, a construção do castelo de Windsor exigiu o corte de uma floresta inteira (3944 árvores).

GIMPEL, Jean. *A Revolução Industrial na Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. p. 73.

Texto 2

Entre 1315 e 1317 sucedem-se pesadas chuvas por todo o norte da Europa Ocidental, de forma tão intensa e ininterrupta que os campos são devastados e as colheitas perdidas, produzindo uma situação de calamidade para o mundo camponês, e que se soma aos vários anos bons que haviam levado os preços a níveis bastante baixos. Sem colheitas e sem poupança, o mau tempo inaugura o grande movimento de crise do século XIV.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Sociedade feudal*: guerreiros, sacerdotes e trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 70.

Por meio da leitura dos textos selecionados, você obteve informações sobre problemas ambientais à época da crise do feudalismo. Esses problemas podem ser relacionados ao consumo, porque as florestas foram dizimadas para a ampliação dos campos de cultivo, uso da madeira na construção civil e demais aplicações descritas no Texto 1.

Nos dias atuais, o comportamento consumista é um dos principais responsáveis pela aceleração da degradação do meio ambiente global.

Por meio da leitura dos textos selecionados, você obteve informações sobre problemas ambientais à época da crise do feudalismo.

1. Explique a diferença entre a origem dos problemas mencionados nos dois fragmentos de texto.
2. Em algum dos textos há semelhanças com o que você observa atualmente no Brasil e no mundo? Explique.
3. Em sua opinião, por que alguns problemas ambientais ligados ao ritmo do consumo dos recursos naturais da Terra persistem até hoje?
4. Os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos também são responsáveis pela degradação ambiental. Nesses países ocorrem devastações de todos os tipos, como derrubada e queimada de florestas nativas e assoreamento dos rios. No caso do Brasil, as políticas de preservação da natureza são consideradas prioritárias? Explique.
5. Quais são as perspectivas para a humanidade caso o atual modelo consumista de desenvolvimento [illegible]?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Otávio Valle/Folhapress

Céu da cidade de São Paulo encoberto por fuligem das queimadas que ocorreram no Norte do país. São Paulo (SP), 19 ago. 2019.

A peste bubônica

Para piorar ainda mais o quadro de crise, a partir de meados do século XIV praticamente todas as regiões da Europa foram atingidas por uma epidemia de origem asiática denominada **peste bubônica**, também conhecida como peste negra, que dizimou pelo menos 1/3 da população europeia.

Sem dúvida, a precariedade das condições sanitárias das cidades contribuiu muito para a propagação da peste bubônica. Só havia esgoto subterrâneo em algumas cidades europeias, e o hábito do banho não era generalizado entre as populações daquela época. Essa situação, evidentemente, favorecia a proliferação de ratos e pulgas. Mas qual é a relação entre ratos e pulgas e a peste bubônica?

GLOSSÁRIO

Bacilo: tipo de bactéria cuja forma se assemelha a um pequeno bastão (bastonete).

Um **bacilo** chamado "*Pasteurella pestis*" foi o causador da terrível moléstia. A bactéria é transmitida pelas pulgas aos roedores, mas pode contaminar outros animais, inclusive seres humanos. A peste manifestou-se, de início, com a morte de um número inusitado de ratos em Messina, cidade localizada na ilha da Sicília. Os moradores estranharam o fato, mas só avaliaram o perigo a que estavam expostos quando a doença já havia contaminado a população.

Entre 1347 e 1351, período no qual ocorreu a epidemia de peste bubônica, o perigo da contaminação levou populações inteiras a abandonar as cidades em direção ao campo. Porém, entre os fugitivos havia centenas de pessoas que já portavam o mal, o que propagou a doença entre as populações camponesas.

Biblioteca Real da Bélgica, Bruxelas/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

Gilles Le Muisit. *Peste negra em Tournai*, 1349. Iluminura.

Doenças no passado e na atualidade

O escritor Giovanni Boccaccio (1313-1375) testemunhou e registrou a chegada da peste bubônica à cidade de Florença em sua obra *Decamerão*, na qual ele atribui à "justa cólera divina" a origem da doença.

> Afirmo, portanto, que tínhamos atingido já o ano bem farto da Encarnação do Filho de Deus, de 1348, quando, na cidade de Florença, cuja beleza supera a de qualquer outra da Itália, sobreveio a mortífera pestilência. Por iniciativa da justa cólera divina, tivera início nas regiões orientais, há alguns anos. Tal praga ceifara, [illegible] quantidade de pessoas vivas.
>
> A peste, em Florença, não teve o mesmo comportamento que no Oriente. Lá, quando o sangue saía pelo nariz, era sinal evidente de morte inevitável. Em Florença apareciam, no começo, tanto em homens como nas mulheres, ou na virilha ou na axila, algumas inchações. Algumas destas cresciam umas mais, outras menos; chamava-os o povo de bubões. O que se poderá dizer ainda – pondo-se de lado o condado, para se tratar apenas da cidade – é que, no período que vai de março a julho, mais de 100 000 pessoas foram arrebatadas à vida, no interior dos muros da cidade de Florença.
>
> BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Abril Cultural, 1981, v. 1, p. 11.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Na década de 1980, o livro *A Europa na Idade Média*, do historiador francês Georges Duby (1919-1996), provocou o leitor ao propor um exercício de imaginação relacionado aos supostos impactos de uma epidemia tão avassaladora como a peste bubônica atualmente. Mal sabia ele que no final de 2019 e decorrer de 2020, o mundo seria impactado pela pandemia da covid-19.

> Imaginemos, tentemos imaginar, transpondo para os nossos dias, seriam, em aglomerações como as de Paris ou de Londres, quatro, cinco milhões de mortos em alguns meses do verão; os sobreviventes, estarrecidos após semanas de medo, partilham as heranças e veem-se, por consequência, metade menos pobres do que eram antes, apressando-se para casar, procriar: verifica-se um aumento do número de nascimentos no ano em que se segue à mortandade.
>
> DUBY, Georges. *A Europa na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 112.

1. Faça uma pesquisa e compare as informações dos impactos demográficos da peste bubônica e da pandemia da covid-19, na Europa. Apesar de haver controvérsias em relação aos números de mortos pela peste, verificou-se, de fato, uma diminuição significativa da população europeia. Em 1300, a população da Europa era estimada em 75 milhões de habitantes. Em 1400, estava reduzida a 45 milhões.

Sandro Pereira/Fotoarena

A pandemia da covid-19, que acometeu o mundo no final de 2019 e decorrer de 2020, muito se assemelhou à peste bubônica e milhares de mortes foram atribuídas a ela naquele ano. Na fotografia, valas abertas em cemitério. Manaus (AM), 2020.

O ganho dos senhores feudais diminuiu sensivelmente em função da queda da produção agrícola, que não podia ser compensada devido à baixa produtividade do trabalho, além da falta de interesse e de estímulo dos camponeses em aumentá-la e da própria falta de mão de obra, uma vez que milhões de servos morreram devido à peste bubônica.

A solução encontrada pelos senhores feudais foi intensificar a exploração dos servos valendo-se de antigas normas, além de criar medidas jurídicas que aumentavam o tempo de trabalho deles em suas terras e o valor dos impostos pagos. O conjunto dessas medidas ficou conhecido como superexploração.

O resultado do aumento da exploração foram fugas dos servos para as cidades, que já não sentiam os efeitos da peste, para se tornarem livres das "amarras" feudais, e revoltas armadas contra os senhores – que abalaram o mundo feudal.

Na segunda metade do século XIV, a vida urbana ganhou intensidade devido à ampliação das atividades comerciais e à migração de servos para as cidades. É importante lembrar, entretanto, que a sociedade feudal permaneceu essencialmente agrária.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As revoltas camponesas

As revoltas camponesas ficaram conhecidas por *jacqueries*, expressão derivada de Jacques Bonhomme, isto é, Jacques, o "simples" – apelido depreciativo que os nobres colocavam nos camponeses.

Em 1358, na França, unindo-se aos pobres das cidades, os camponeses estavam dispostos a "aniquilar todos os nobres até o último". Chegaram a destruir castelos e executar seus habitantes, numa insurreição extremamente violenta. A repressão posterior também foi bastante cruel, com o assassinato de mais de 20 mil camponeses.

Na Inglaterra, Londres foi atacada duas vezes por "exércitos" de camponeses empobrecidos (1381). Liderados por Watt Tyler, os camponeses chegaram a saquear a cidade, incendiaram propriedades dos ricos e decapitaram autoridades. Apesar do sucesso inicial, os camponeses foram duramente reprimidos e muitos foram executados.

As insurreições camponesas representaram um momento de questionamento do sistema feudal como um todo. O trabalho servil, ao longo do tempo, foi sendo substituído pelos arrendamentos pagos em dinheiro, ou seja, o camponês passou a pagar determinada quantia em troca do direito de cultivar uma área.

Dessa forma, a corveia – obrigação do servo de prestar serviços gratuitos nas terras do senhor –, elemento básico do feudalismo clássico, foi gradualmente desaparecendo.

Sala da Paz, Palazzo Publico, Siena. Fotografia: PHAS/UIG/Fotoarena

Afresco de Siena de Lorenzetti que retrata o bom e o mau governo. Itália, c. 1337-1343.

Também nas cidades, a inquietação social foi uma constante durante o século XIV. As diferenças sociais opunham os burgueses ao chamado "povo miúdo" (artífices, artesãos, aprendizes), o que provocava greves, motins e insurreições.

Destacou-se ainda o "movimento comunal", que teve início nas cidades do norte da Itália e, posteriormente, chegou a outras regiões da Europa Ocidental. Esse movimento era vinculado à luta das cidades pela manutenção da autonomia em relação aos poderes dos senhores feudais, fossem membros do clero ou não, e tinha o objetivo de transformar cidades em comunas, isto é, cidades livres.

Na busca de seus objetivos, os burgueses valeram-se, inclusive, da ação militar contra os senhores, sobretudo quando eram eclesiásticos, mais resistentes à mudança.

A passagem para o capitalismo

Para o historiador medievalista brasileiro Hilário Franco Júnior, a crise do século XIV pode ser subdivida em várias crises, cujas "soluções" vão constituir, em seu conjunto, os chamados "grandes processos da modernidade", entre eles a expansão ultramarina – e é aí que se efetiva a relação entre as crises e o início do capitalismo.

> Depois de séculos de relativa tranquilidade, voltavam os grandes inimigos: a guerra, a fome, a peste, a morte. [...] Diante da crise agrária fazia-se necessária a conquista de novas áreas produtoras. Diante da crise demográfica fazia-se necessário o domínio sobre populações não europeias. Diante da crise monetária fazia-se necessária a descoberta de novas fontes de minérios. Diante da crise social fazia-se necessário um monarca forte, controlador das tensões e das lutas sociais. Diante da crise político-militar fazia-se necessária uma força centralizadora e defensora de toda a nação. Diante da crise clerical fazia-se necessária uma nova Igreja. Diante da crise espiritual fazia-se necessária uma nova visão de Deus e do homem. Começavam os novos tempos.
>
> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média*: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 92-93.

Como vimos até aqui, para entender os processos que levaram à mundialização da economia voltamos alguns séculos na história da formação do capitalismo. Assim, percorremos muitos processos sociais, culturais, políticos e econômicos que se desenvolveram na Europa e [illegible] entrada do capitalismo, com o final da Idade Média.

No próximo percurso, você continuará nessa jornada: seguiremos juntos mais alguns séculos de desenvolvimento e consolidação desse sistema econômico e, sobretudo, de sua expansão para além das fronteiras europeias.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

1066 | Nerdologia, de Nerdologia (8min40s). Vídeo que aborda as invasões normandas na Inglaterra, ocorridas em 1066. Disponível em: https://jovemnerd.com.br/nerdologia/normandos-1066/. Acesso em: 27 jun. 2020.

As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino (Companhia das Letras). Nessa obra, em que o autor conta a história do viajante Marco Polo, a cidade deixa de ser um conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana.

Cruzada, de Ridley Scott (194 min). O personagem principal desse filme é Balian, um ferreiro francês. Com a morte da esposa e do filho, ele decide se dedicar a manter a paz na Terra Santa.

Movimentos populares na Idade Média, de José Rivair Macedo (Moderna). O autor aborda mil anos de história e analisa costumes, estrutura econômica e aspectos da sociedade europeia durante a chamada "Era das Trevas", denominação pejorativa da Idade Média, que na realidade foi repleta de possibilidades para desenvolver o conhecimento.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Explique as razões para o aumento da produtividade agrícola a partir do século XI.
2. Liste os progressos técnicos introduzidos na Europa à época do feudalismo no setor agrícola.
3. Por que a população da Europa Ocidental aumentou durante os séculos XI e XII? Explique.
4. Identifique o fator que contribuiu para a multiplicação de cidades na Baixa Idade Média e explique como muitas delas surgiram.
5. Descreva como funcionavam as corporações de ofício.
6. Por que a importância do trabalho dos banqueiros aumentou expressivamente? Descreva as funções exercidas por eles.
7. Liste as razões que desencadearam a Crise do Século XIV ou Crise do Feudalismo.
8. No século XIV, a peste bubônica casou a morte de milhões de pessoas na Europa. A respeito desse tema, a Faculdade de Medicina de Paris fez o seguinte parecer:

> Digamos, antes de mais nada, que a causa longínqua e primeira dessa peste foi e é, ainda, alguma constelação celeste [...] a qual conjunção [dos astros], com outras conjunções e eclipses, causa real da corrupção mortífera do ar que nos rodeia, pressagia a mortalidade e a fome. [...] Não queremos deixar de dizer que, quando a epidemia procede da vontade divina, não temos outro conselho a dar que o de recorrer humildemente a essa vontade, sem desprezar, contudo as prescrições do médico.
>
> OPINIÃO da Faculdade de Medicina de Paris. *In*: FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. 2. ed. Lisboa: Plátano, 1977. p. 176. v. 1.

   a) De acordo com a Faculdade de Medicina de Paris, o que provocou o surgimento da peste bubônica?
   b) Que passagem do documento é reveladora do controle das universidades – e, portanto, do conhecimento – pela Igreja?

9. Uma consideração importante sobre o capitalismo é a de que os lucros se realizam basicamente no momento em que são pagos os salários aos trabalhadores. De fato, a riqueza produzida ao longo de várias jornadas de trabalho diárias não corresponde ao valor pago pelos salários mensais. Leia com atenção o texto a seguir.

> Conceitua-se capitalismo como um determinado modo de produção de mercadorias, criado historicamente desde [illegible] encontrou sua plenitude no intenso processo de desenvolvimento industrial inglês [illegible] ou Revolução Industrial. [...] Capitalismo significa não apenas um sistema de produção de mercadorias, como também um determinado sistema no qual **a força de trabalho se transforma em mercadoria** e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca. Para que exista capitalismo fazem-se necessárias a concentração da propriedade dos meios de produção nas mãos de uma classe social e a presença de outra classe para a qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência.
>
> CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 8-9.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

De acordo com o autor do texto, por que os trabalhadores se submetem a um regime de baixos salários?

10. Desde suas origens, o sistema capitalista vem sofrendo transformações, e a importância da informática vem se consolidando nas últimas décadas, nas quais a humanidade vivencia a chamada Quarta Revolução Industrial. No texto a seguir, o historiador Eric Hobsbawm discute mudanças no trabalho nessa nova era. Leia-o com atenção e responda à questão.

> Sem dúvida, a tecnologia informática está produzindo mudanças notáveis no trabalho. Sou cético quanto à probabilidade de uma mudança radical e quanto à capacidade da economia moderna para funcionar sem nenhuma referência às tradições sociais. Claro que é tecnicamente possível trabalharmos em casa e nos comunicarmos com o mundo somente por *e-mail*. Mas a realidade é que as pessoas não gostam de trabalhar assim. [...]
>
> É muito desconfortável para um ser humano não ter ninguém com quem conversar e renunciar aos contatos pessoais. Estes são elementos absolutamente essenciais para a produtividade e a eficiência no trabalho.

Toda essa conversa sobre trabalho descentralizado, em casa, em parte não passa de propaganda para justificar demissões. [...] Esse é um caso de utopismo tecnológico que ignora o fato de que os seres humanos não querem ficar sozinhos, e preferem trabalhar com outras pessoas.

Na área do trabalho, a socialização é, e continuará a ser, absolutamente indispensável. Não é por acaso que se tornou um lugar-comum dizer que as pessoas vão ao mercado não só para comprar coisas, mas também para encontrar outras pessoas e trocar notícias e fofocas. [...]

Mesmo os mais entusiastas a respeito das vantagens da comunicação à distância preferem encontrar-se fisicamente nos mesmos bares a fim de saber como andam as coisas e quais são as últimas novidades.

HOBSBAWM, Eric. *O novo século*: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 149.

- Observe as duas fotografias reproduzidas abaixo e, a partir delas, reflita sobre as observações do historiador Eric Hobsbawm a respeito das áreas de trabalho. A seguir, realize a atividade proposta.

Monkey Business Images/Shutterstock.com

O trabalho no escritório ajuda na socialização e troca de ideias.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

zhu difeng/Shutterstock.com

A opção de muitas empresas, durante a pandemia da covid-19, foi aderir ao trabalho remoto, conhecido no Brasil como *home office*.

Em 2020, durante a pandemia da covid-19, o isolamento social foi uma das medidas mais efetivas para evitar a disseminação do vírus. Por essa razão, muitos trabalhadores passaram a trabalhar em regime de *home office*. Comente a seguinte afirmação do historiador: "É muito desconfortável para o ser humano não ter ninguém com quem conversar e renunciar aos contatos pessoais".

PERCURSO 2

Um mundo em transformação

Em 2020, o mundo ficou diferente. A pandemia da covid-19 levou pessoas de todo o planeta a praticar o distanciamento social, ficando em suas casas, enquanto o comércio e muitos serviços fechavam as portas. O fluxo de viagens internacionais no Brasil teve redução de 90%, revelando que o intercâmbio de pessoas entre países caiu drasticamente. Ao mesmo tempo, a internet possibilitou que o mundo ficasse conectado como nunca. Informações em tempo real sobre o avanço da pandemia em outros países, jogos de *video game on-line* entre usuários de diferentes continentes e *lives* de artistas famosos fizeram com que pessoas de todo o mundo descobrissem outras formas de estarem juntas. Procure se lembrar onde você estava durante esse período. Você teve alguma forma de contato com pessoas de outros lugares pela internet? Como você acha que teria sido esse período para você sem esse recurso?

Apesar de tratar de um episódio recente, o exemplo da pandemia da covid-19 remete a um processo bastante antigo: a mundialização. Ela se define como a aproximação entre pessoas que estão cotidianamente inseridas em espaços geográficos distintos e pode ocorrer de diversas formas, como o contato pessoal ou remoto (por carta, vídeo ou áudio), a troca de mercadorias ou o intercâmbio de informações.

Registros arqueológicos possibilitam afirmar que as trocas entre diferentes sociedades começaram já na Antiguidade, com momentos de avanço e de recuo ao longo da história humana. Podemos, porém, dizer que esse processo se intensificou de modo notável a partir de um momento e local específicos: a Europa do século XV. É disso que vamos tratar neste percurso, discutindo quais fatores fizeram com que esse contexto marcasse uma importante transformação no curso da história humana.

Um bom ponto de partida é a narrativa que se construiu em torno do "descobrimento" do mundo por parte dos europeus durante o Período das Grandes Navegações. Apesar de muito popular, essa ideia de "descobrimento" vem sendo cada vez mais criticada, sob o argumento de ser eurocêntrica.

O que você vê na sua sala de aula? Você vai descobrir muitos objetos feitos de plástico, madeira, borracha, vidro e metal. Eles foram produzidos a partir de matérias-primas transformadas pela indústria. O mundo em que vivemos se apresenta como uma grande cadeia de produção, circulação e consumo com extensão planetária.

Análise

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Quantas versões tem uma história?

Observe a tira acima.

1. Procure imaginar como foi a história narrada pela professora.
2. Você concorda com a intervenção do estudante? Explique.
3. Imagine que você fosse o menino da tira. Produza um texto narrativo sobre a chegada dos portugueses ao Brasil sob o ponto de vista dos indígenas.

De fato, é muito comum que os antigos livros de História expliquem a evolução da humanidade sob o ponto de vista europeu. Mesmo que essa perspectiva seja ainda bastante presente, ela vem sendo repensada por diversos estudiosos empenhados em chamar atenção para o fato de que a humanidade não tem uma história única, e sim muitas histórias, que, em diferentes momentos e circunstâncias, podem se encontrar com maior ou menor intensidade.

No entanto, antes de entendermos como essas críticas vêm sendo feitas, é preciso compreender como e por que se consolidou essa perspectiva eurocêntrica da história humana e quais são suas relações com o aprofundamento do processo de mundialização que hoje marca nossa vida de forma tão intensa. Para isso, é preciso refletir sobre o período compreendido entre os séculos XV e XX, quando o mundo assistiu a um contínuo processo de expansão das sociedades europeias por outros continentes, resultando em transformações políticas, econômicas e culturais em escala mundial.

Impérios por toda parte

Você já deve ter ouvido falar na Era dos Descobrimentos – ou das Grandes Navegações. Essas são algumas das formas de designar o período entre os séculos XV e XVII, quando diferentes países europeus exploraram o globo terrestre em busca de novas rotas de comércio. Por meio de grandes expedições marítimas, navegadores alcançaram diferentes pontos da América, África e Ásia, num período marcado pela internacionalização do **capitalismo** e pela ascensão dos Estados-nação na Europa.

A seguir vamos conhecer os protagonistas desse processo, bem como as condições que possibilitaram que eles se lançassem nessa grande empreitada.

Observe no mapa abaixo as principais rotas marítimas dos séculos XV e XVI, por meio das quais se consolidaram os impérios coloniais do período.

Expansão Marítima dos impérios nos séculos XV e XVI

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Sônia Vaz

Fonte: BLACK, Jeremy. *World History Atlas*. Londres: Dorling Kindersley, 2008. p. 80-81.

Portugal

Após o período de forte centralização política e consolidação territorial que marcou a Dinastia Afonsina, em 1383, Portugal mergulhou em uma grave crise sucessória. A morte do rei D. Fernando, que não deixou herdeiros diretos, levou sua viúva a oferecer o trono português à princesa Beatriz, casada com o rei de Castela. A situação deu origem a uma série de revoltas populares, que culminaram no assim chamado **interregno** – um período de cerca de dois anos, durante o qual o trono português ficou vazio.

Em 1385, apoiado pela burguesia, D. João I (também conhecido como Mestre de Avis), irmão bastardo de D. Fernando, venceu D. Juan de Castela naquela que ficou conhecida como a Batalha de Aljubarrota. Com isso, sagrou-se rei de Portugal, dando início à Dinastia de Avis e inaugurando um período de fortalecimento da monarquia portuguesa.

A **Revolução de Avis**, como ficou conhecido o episódio que levou D. João I ao trono, foi fundamental para o desenvolvimento da burguesia local, que se beneficiou largamente dos investimentos feitos pelos reis da Dinastia de Avis na expansão comercial. O desenvolvimento da burguesia e a estabilidade política foram fundamentais para que o país despontasse como pioneiro no processo de expansão marítima iniciada nos primeiros anos do século XV.

As navegações passaram a concentrar os esforços da nobreza e da burguesia locais. Entretanto, diferentemente dos demais países europeus, a monarquia portuguesa dirigiu seu projeto político e econômico para o comércio atlântico. Como não podia disputar o **comércio no Mediterrâneo**, Portugal investiu no caminho para o Atlântico e para a costa da África. Isso levou os navegadores e comerciantes portugueses a se tornarem os principais pesquisadores de novas técnicas de navegação e saberes cartográficos.

Comércio no Mediterrâneo: entre os séculos VII e XV, a expansão do Islã e a ascensão das cidades comerciais italianas tornaram o Mediterrâneo "fechado" à navegação e ao comércio de outros povos. Os muçulmanos passaram a controlar as rotas comerciais que chegavam aos portos do Norte da África, do Levante e a Constantinopla. Além disso, a navegação costeira era controlada por mercadores e piratas árabes.

Portugal contava com outras condições que estimulavam a expansão comercial e marítima. A primeira delas é o fato de que o país carecia de terras cultiváveis para a produção de alimentos tanto para a população como para os mercados europeus. A busca por terras era, por isso, parte importante da atuação dos nobres e mercadores portugueses, uma vez que o território peninsular se tornou pequeno para as ambições do reino.

Além disso, a situação geográfica de Portugal trazia uma série de possibilidades. Servindo de entreposto entre as rotas comerciais que ligavam o Mediterrâneo ao norte da Europa, os portos portugueses [illegible] e neles circulavam pessoas, ideias, mercadorias e capitais muit[illegible]mpo, a proximidade com a costa africana dava aos mercadores portugueses a possibilidade de participar de um importante nicho de transações comerciais. Afinal, a costa atlântica da África era um espaço econômico atravessado por importantes rotas comerciais nas quais circulavam ouro, marfim, sal, alimentos etc.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

Nuno Gonçalves. Painéis de São Vicente, c. 1470. Óleo sobre painel. 207.5 × 128.5 cm. Datada do final do século XV, essa obra representa a Corte portuguesa e diferentes grupos sociais. Leva o nome daquele que foi nomeado padroeiro das conquistas ultramarinas de Portugal.

A escassez de recursos no mundo europeu, e em Portugal em particular, contribuiu para a imaginação de que a descoberta de novas regiões teria como resultado a conquista de terras abundantes e ricas. Ao mesmo tempo, o novo mundo era habitado pelo medo de seres fantásticos e perigos incontornáveis. A imaginação, ao mesmo tempo fascinante e aterrorizante, pelo mundo a ser "achado", produziu importantes narrativas e relatos.

Análise

Seres de outro mundo?

Biblioteca Digital Luso-Brasileira, Rio de Janeiro

Walter Raleigh. *Homens e mulheres sem cabeça*, 1599. Litogravura. A imagem representa indígenas na região da Guiana.

1. Descreva os seres representados na imagem acima.
2. Quais referências o autor usa para desenhar os corpos e os artefatos retratados na imagem?
3. Reflita sobre os motivos que levaram o autor a representar os nativos americanos dessa maneira.

Conquista de Ceuta: ocorrida em 1415, a conquista de Ceuta pelos portugueses marca o início da Expansão Marítima Portuguesa. Localizada no Norte da África, a cidade era um importante entroncamento comercial no continente, recebendo diversas caravanas comerciais vindas do Oriente. Diante disso, D. João I viu na conquista de Ceuta uma oportunidade para solucionar a grave crise econômica enfrentada por Portugal, além de uma porta de entrada para a propagação da fé cristã pelo território muçulmano.

Guerra da Reconquista: série de batalhas entre cristãos e muçulmanos ocorridas entre os séculos VIII e XV, que visavam à retomada dos territórios conquistados pelos mouros (berberes que professavam a religião muçulmana) na Península Ibérica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao longo do século XV, a monarquia portuguesa investiu no processo de expansão e financiou muitas expedições comerciais e de exploração. Após a **conquista de Ceuta**, em 1415, ela continuou explorando a costa africana: Guiné, Congo e as ilhas de Cabo Verde. Em 1498, Vasco da Gama contornou o continente africano e chegou ao Índico. Dois anos depois, Pedro Álvares Cabral aportou na América. Essas viagens possibilitaram à Coroa portuguesa firmar os acordos militares, diplomáticos e comerciais que forneceram a base para a montagem de um império colonial intercontinental.

Espanha

No início do século XV, a Espanha era um nome relacionado ao conjunto de todo o território ibérico e dos reinos que nele se incluíam, mas não se referia a um país ou Estado específico. Nesse território, convivia uma grande mistura de povos e culturas, divididos em regiões independentes. A situação só mudou em 1469, quando se casaram Isabel, futura rainha do Reino de Castela, e o rei Fernando II, do Reino de Aragão.

A união marcou a aliança entre os dois reinos católicos mais influentes da Espanha, que desde o início da **Guerra da Reconquista**, no século VIII, lideravam os hispânicos contra os invasores mouros.

Após uma luta de dez anos, em 1492, os reis católicos (como ficaram conhecidos Isabel e Fernando II) venceram o sultão Mohamed XII do reino muçulmano de Granada, encerrando o período de presença árabe na península. No mesmo ano, decretaram a expulsão dos judeus e dos mouros, que não aceitavam se converter ao catolicismo, dando forma a um processo de forte centralização política e unificação cultural. Nesse período, o exército espanhol foi remodelado, o clero e a nobreza se fortaleceram e a Espanha lançou as bases para ser a grande potência europeia do século XVI.

No mesmo ano da conquista de Granada, os monarcas Fernando e Isabel decidiram financiar a expedição de Cristóvão Colombo. O projeto era controverso e visava encontrar uma rota que chegasse ao Oriente navegando para Oeste, cumprindo o **Tratado de Alcaçovas**, que reservava a Portugal o caminho para o Índico através da África. Na montagem de sua expedição, Colombo levava em conta pesquisas de diversos cartógrafos e astrônomos que apontavam para a esfericidade da Terra.

Na montagem de sua expedição, Colombo levava em conta pesquisas de diversos cartógrafos e astrônomos que apontavam para a esfericidade da Terra.

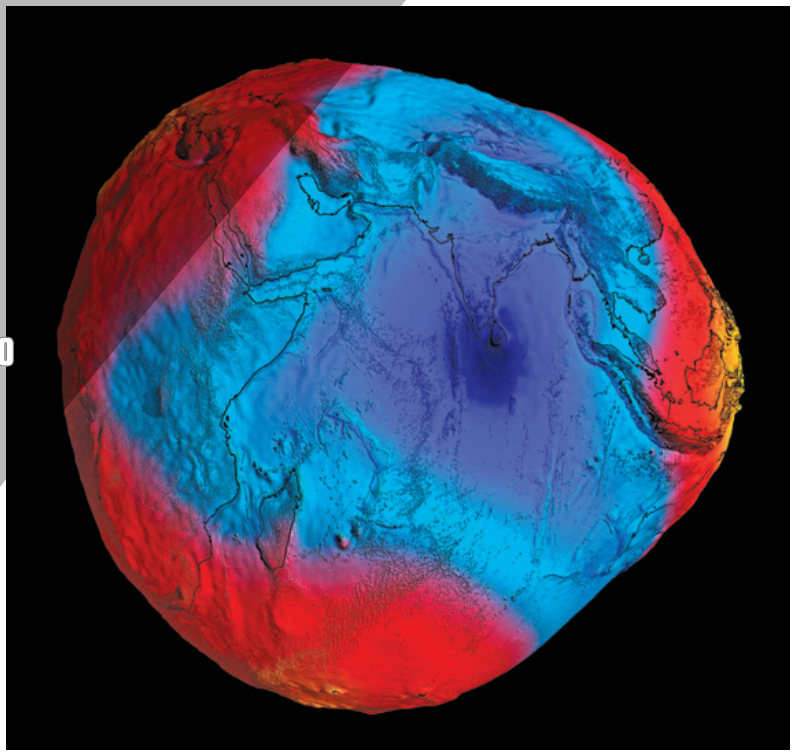
Tratado de Alcaçovas: acordo firmado em 1479 entre os reinos de Castela e Portugal. Recebeu esse nome por ter sido selado na vila portuguesa de Alcaçovas. Além de selar o fim do conflito causado pela sucessão do Reino de Castela, o tratado delimitava as propriedades e os direitos marítimos de cada um dos dois reinos no Oceano Atlântico. Por meio dele, o Reino de Castela ficou com a propriedade das Ilhas Canárias, e Portugal recebeu outras possessões na África Ocidental.

A forma da Terra

Recentemente, surgiram contestações da esfericidade da Terra. Contra todas as evidências científicas que comprovam a forma do planeta, os "terraplanistas" argumentam que a Terra seria um disco plano em movimento.

As primeiras comprovações da forma esférica da Terra remetem ao trabalho dos gregos Anaxagóras (500 a.C.-428 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.). Eratóstenes (276 a.C.-194 a.C.) chegou a calcular a circunferência da Terra com certo êxito. No século XIX, com o avanço da Física, Carl Friedrich Gauss (em 1828) e J. F. Listing (1873) elaboraram o modelo físico que se aproxima da forma real da Terra, o geoide, com pequenas variações devido à influência da força da gravidade e da massa do planeta. Em 2015, o IBGE passou a utilizar o modelo geoidal na aferição correta das maiores altitudes do Brasil.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



ESA/HPF/DLR/NASA

Modelo de geoide do planeta Terra, fornecido pelo satélite GOCE, em 2014. As cores indicam a variação de altitude, das profundezas oceânicas (tons de azul) às cadeias montanhosas (vermelho e amarelo).

1. Pesquise e faça o que se pede.

a) Levante e relacione os argumentos dos "terraplanistas".

b) Liste os argumentos científicos que provam a esfericidade da Terra.

c) Escreva uma redação para apresentar esses argumentos a um "terraplanista".

Em 12 de outubro de 1492, as naus espanholas comandadas por Colombo chegaram às atuais Antilhas sem saber que tinham atingido terras desconhecidas dos europeus. Somente anos mais tarde o navegador Américo Vespúcio identificaria a região.

O mapa-múndi de 1507, de Martin Waldseemüller, foi elaborado para documentar e atualizar novos conhecimentos geográficos derivados das explorações portuguesas e espanholas do final do século XV e início do século XVI. Ele se baseava em dados reunidos durante as viagens de Américo Vespúcio ao Novo Mundo entre 1501 e 1502. Em reconhecimento à constatação de Vespúcio de que um novo continente fora descoberto, Waldseemüller batizou as novas terras de "América".

Biblioteca Nacional da França, Paris

Planisfério de Ptolomeu segundo Martin Waldseemüller, 1507.

1. Quais são as principais diferenças entre este mapa e o mapa-múndi que você conhece?
2. Que fator você relaciona o formato atribuído à América nesse mapa?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As expedições marítimas foram acompanhadas de uma intensa atividade militar de conquista no continente americano. Hernán Cortez e Francisco Pizarro, entre outros, lideraram uma extensa lista de campanhas em que derrotaram e submeteram as diversas populações do continente. Os impérios Inca e Asteca foram desbaratados em pouco tempo, e o continente foi dominado pelos espanhóis em menos de 50 anos. O Império Espanhol tomava uma dimensão mundial.

França

Em 1453, os franceses estavam encerrando um longo conflito com os ingleses pelo direito de sucessão ao trono da França. A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) havia transformado o território francês num campo de combates, gerando grande desgaste político e social. Além da guerra, o século XIV foi um tempo de fome e doenças, como a epidemia de peste bubônica, que atingiu o país e matou parte da população.

Foi durante esse período de grandes crises que o feudalismo na França começou a se desintegrar. Para enfrentar a guerra, a peste e a fome, o Estado francês começou a ter uma forma mais centralizada e a se organizar com instituições mais eficientes, reduzindo aos poucos a influência dos poderes locais. Nesse momento de reestruturação interna, a ideia da expansão comercial e marítima se tornou uma questão importante para a monarquia francesa.

Quando o **Tratado de Tordesilhas** foi ratificado pelo Papa Alexandre VI, em 1494, uma nova configuração política emergia na Europa. Para fazer frente à ascensão de portugueses e espanhóis, a monarquia francesa passou a orientar sua política externa a fim de romper o pretenso monopólio das nações ibéricas. Sem condições de competir nas rotas que contornavam a África e cortavam o sul do Oceano Atlântico em direção à América, os navegadores franceses buscaram caminhos para o Oriente pelo Hemisfério Norte.

Em 1524, Giovanni da Verrazzano, navegador e explorador florentino a serviço da França, explorou a costa atlântica da América do Norte. Dez anos depois, Jacques Cartier fez a primeira de suas três viagens à América do Norte a serviço da Coroa francesa, abrindo caminho para a chegada à região do atual Canadá, no século XVII.

No Caribe, os franceses disputaram com os espanhóis o controle da Ilha de Hispaniola, onde mais tarde fundaram a colônia de Saint-Domingue, que, após a independência em 1804, tornou-se o Haiti. Na América do Sul, a monarquia francesa tentou estabelecer três colônias, mas apenas uma sobrevive até hoje, a Guiana Francesa, porém com status de região ultramarina da França.

Uma das tentativas francesas de ocupar territórios na América portuguesa foi a fundação da França Antártica, em 1555. A colônia foi fundada na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, por Nicolas Durand de Villegagnon, e durou até 1570. A intenção era construir um núcleo militar e comercial que servisse de base para as ações francesas na região. No entanto, o cenário interno francês se tornou instável com as disputas políticas entre católicos e protestantes, e eles foram derrotados pelos portugueses.

Até hoje, porém, as marcas da passagem francesa estão presentes na Baía de Guanabara. Na fotografia acima, vê-se a Ilha de Villegagnon – numa homenagem ao almirante francês – situada no interior da baía.

Também [illegible] começaram a estabelecer postos comerciais ao longo da costa [illegible], foi criada a Companhia Francesa das Índias Orientais para competir pelo comércio no Leste, por meio da qual o governo francês estabeleceu diversos pontos de comércio na Índia e na China. Aos poucos, a França construiu um império colonial capaz de competir com os demais países europeus.

Tratado de Tordesilhas: documento assinado em 1494 que delimitou, por meio de uma linha imaginária, as posses portuguesa e espanhola nas terras "descobertas" e a "serem descobertas" no contexto das Grandes Navegações. Seu objetivo era dar fim às disputas de território entre os dois países, que ocorriam desde a chegada dos europeus ao Novo Continente, dois anos antes. A linha imaginária passava a 370 léguas de Cabo Verde, ficando o território a oeste designado à Espanha, e a leste a Portugal. Com o tempo, os portugueses passaram a invadir o território espanhol, fazendo com que o Brasil ganhasse os contornos que conhecemos hoje. O Tratado de Tordesilhas foi oficialmente extinto em 1750.

Luca Atalla/Pulsar Imagens

Ilha de Villegagnon na Baía de Guanabara. Atualmente é ocupada pela Escola Naval da Marinha Brasileira. Rio de Janeiro (RJ), 2014.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Países Baixos

Após um longo período de conflitos contra o domínio espanhol na região, em 1579, as províncias do Norte se mobilizaram promovendo a proclamação da República das Províncias dos Países Baixos. Com forte tradição nas atividades comerciais, a jovem nação não tardou em assumir posição de ponta na realização de transportes marítimos, ficando responsável pela distribuição de mercadorias em toda a Europa.

Para isso, fundou duas companhias de comércio. A Companhia Holandesa das Índias Orientais (1602), voltada à criação de postos de comércio e à manutenção das rotas marítimas para a Ásia, foi uma das mais importantes empresas comerciais do período. Seus administradores controlavam o tráfico de pessoas escravizadas e o comércio de chá, especiarias e seda entre portos asiáticos e europeus. A companhia mantinha uma frota própria e exercia funções militares nas regiões sob seu controle. Já a Companhia das Índias Ocidentais (1621) recebeu o direito de explorar o comércio nas Antilhas, América do Sul e África, o que significava a participação no tráfico de africanos escravizados e no comércio de produtos valiosos, como açúcar e tabaco.

Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro

Autoria desconhecida. Sede da Companhia das Índias Orientais, localizada em Amsterdã, em 1750. Por meio dela, a Holanda se tornou a maior potência europeia durante o século XVII.

Além do comércio marítimo, a Companhia das Índias Orientais mobilizava um grande contingente de trabalhadores na fabricação das embarcações e no trabalho administrativo.

Diante desse cenário, a economia dos Países Baixos conseguiu, no século XVII, superar a dos portugueses e espanhóis, constituindo-se na primeira rede econômica de extensão mundial. No século XVIII, porém, o império colonial dos Países Baixos começou a declinar como resultado dos constantes conflitos com a Inglaterra, para a qual perdeu parte importante de suas possessões coloniais e de seus monopólios comerciais.

Inglaterra

Na Inglaterra, assim como em outros Estados europeus, a expansão marítima esteve relacionada ao processo de centralização política e burocrática, após um longo período de guerra civil no século XV, em que diferentes dinastias de nobres disputavam o controle do reino. A Guerra das Duas Rosas (1455-1485) ocorreu como desdobramento das graves crises ocorridas no século precedente, especialmente a Guerra dos Cem Anos e a epidemia de peste bubônica. Por 30 anos, de forma intermitente, os Yorks e os Lancasters mantiveram a ordem interna do país em suspenso enquanto mobilizavam pessoas e recursos para defender suas pretensões ao trono. A guerra terminou quando Henrique Tudor derrotou o rei Ricardo III, dando início a uma nova dinastia reinante. Os Tudors foram responsáveis pela reorganização do reino e administraram a Inglaterra na transição do feudalismo para o capitalismo.

Coleção particular, Madri

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Hans Holbein (O Jovem). *Rei Henrique VIII*, séc. XVI. Óleo sobre painel de carvalho, 28 cm × 20 cm.

A política externa dos Tudors foi dedicada a encontrar um lugar para a Inglaterra em um cenário internacional controlado por Portugal, Espanha e, depois, pelos Países Baixos. Seus exploradores procuraram, inicialmente, um caminho para o Oriente através do Atlântico Norte. A primeira expedição sob comissão da Coroa inglesa foi capitaneada pelo italiano Giovanni Caboto (John Cabot) e alcançou, em 1497, a costa norte do continente americano. Entre 1577 e 1580, Francis Drake foi o primeiro inglês a comandar uma expedição de circum-navegação do globo. Algumas colônias foram fundadas nesse período, mas somente no século XVII companhias de comércio ou grupos de colonos fugindo das tensões religiosas derivadas da Reforma Protestante começaram a ocupar o litoral da América do Norte.

A Reforma Protestante

A Reforma Protestante foi um movimento social com orientação religiosa deflagrado no século XVI. Por meio dele, foram dirigidas críticas à Igreja Católica, especialmente contra a venda de indulgências – prática que consistia em receber pagamento de fiéis em troca do perdão dos pecados, mesmo os ainda não cometidos. Inicialmente, os reformadores pretendiam realizar apenas mudanças na doutrina, sem provocar rupturas na Igreja. Com o tempo, porém, diante da contrarreação católica e o desdobramento do movimento em diversas correntes, foram surgindo novas igrejas cristãs, hoje conhecidas como evangélicas.

Em 1600, a Companhia Britânica das Índias Orientais administrava postos comerciais na Índia e existiam colônias inglesas estáveis na América do Norte (Nova Inglaterra, Virgínia, Carolina) e na América Central (Antígua, Barbados, Belize e Jamaica). Na África, entrepostos operados por comerciantes britânicos participavam ativamente do comércio de pessoas escravizadas para as colônias americanas.

Nos séculos XVII e XVIII, os ingleses enfrentaram diversas vezes as marinhas dos Países Baixos e da França, conseguindo, enfim, a afirmação de seu projeto colonial. No século XIX, o Império Britânico já se estendia por todos os continentes, configurando um complexo econômico mundial que submetia à sua ordem milhões de pessoas ao redor do mundo.

Percebemos, assim, que se configurava uma verdadeira teia de relações geopolíticas que movimentava diferentes mares e continentes. Nela, as grandes potências econômicas e marítimas estabeleciam rivalidades e alianças, num equilíbrio de forças em mutação permanente.

Um só capitalismo?

Esse breve histórico dos processos que levaram ao desenvolvimento das maiores potências marítimas do Período das Grandes Navegações deixa claro que a expansão do capitalismo não pode ser entendida apenas como um fenômeno de ordem econômica.

Além das motivações comerciais, era necessário que os países reunissem condições políticas que possibilitassem a empreitada expansionista. Para isso, a dominação exercida por meio do Estado nacional foi se transformando na principal forma de conceber a política, fazendo com que as expansões coloniais resultassem em um grande complexo de nações organizadas em enormes cadeias produtivas gerenciadas por Estados.

O tempo do (e no) capitalismo

> Lembra-te que *tempo é dinheiro*; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora cinco xelins a mais.
>
> FRANKLIN, Benjamin. *In:* WEBER, M. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 42-43.

> Dizemos, com frequência, que fomos atropelados pelos acontecimentos – mas quais acontecimentos têm poder de atropelar o sujeito? Aqueles em direção aos quais ele se precipita, com medo de ser deixado para trás. Deixamo-nos atropelar, em nossa sociedade competitiva, porque medimos o valor do tempo pelo dinheiro que ele pode nos render. Nesse ponto remeto o leitor, mais uma vez, à palavra exata do professor Antonio Candido: "O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é uma brutalidade. O tempo é o tecido de [illegible] nal da vida contemporânea não nos permite parar para ver o que atropelamos: torne as coisas passageiras, irrelevantes, supérfluas.
>
> UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Vestibular Estadual 2013 – Exame discursivo 2ª fase, 2012. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. p. 6. Disponível em: https://www.vestibular.uerj.br/wp-content/uploads/2019/04/2013_ED_LPI.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Qual é a posição defendida por cada um dos textos acima sobre a relação com o tempo?
2. Com qual delas você se identifica mais? Explique.

Colonialismo

Os impérios coloniais foram uma forma de ampliar a soberania dos Estados modernos europeus às áreas conquistadas no processo de expansão a partir do século XVI. Por meio de suas colônias, estenderam seus domínios, definindo um centro de poder por meio do qual era exercido o controle sobre os territórios externos.

Uma das consequências geopolíticas mais marcantes desse processo foi a distinção de territórios entre centro e periferia. Isso fez surgir um novo mapa político de escala global, levando vastas extensões continentais a serem partilhadas entre países considerados "centrais".

Essa partilha foi feita com base no mercantilismo – nome dado às práticas econômicas dos Estados europeus na época do absolutismo e da expansão colonial. Apesar de essas práticas terem sido agrupadas nesse termo comum, elas correspondem a um conjunto de medidas econômicas diversas, de acordo com os diferentes Estados. Ainda assim, podemos dizer que as ideias mercantilistas tinham alguns pontos comuns. O principal deles era a crença na noção de que a riqueza do mundo tinha um valor inalterável. Isso levou os administradores da economia a entenderem que a dinâmica das operações financeiras era uma conta de soma zero – ou seja, o lucro de um significaria o prejuízo do outro.

Protecionismo: o protecionismo como prática econômica visava impedir a entrada de produtos estrangeiros nos mercados nacionais em formação. Práticas protecionistas foram o centro das políticas econômicas mercantilistas dos Estados europeus. A ideia era estabelecer uma balança comercial favorável, ou seja, controlar as importações por meio de taxações e potencializar as exportações, criando uma situação vantajosa para a produção nacional.

Assim, o Estado deveria intervir, estimulando a produção, para conseguir vender mais do que comprar. O aumento das exportações e o controle das importações deveria garantir uma posição favorável na balança de comércio com outros países. A taxação de produtos importados era o mecanismo mais comum, fazendo com que as práticas mercantilistas fossem extremamente **protecionistas** com relação ao mercado interno.

A conquista e a exploração de colônias eram vistas como pontos nucleares dessa dinâmica, tornando o domínio colonial uma importante fonte de enriquecimento da metrópole. Nesse contexto, as colônias europeias multiplicaram-se por toda a América, fornecendo às metrópoles matérias-primas – ouro, prata, gêneros tropicais – e mão de obra compulsória indígena e escravizada africana, numa engrenagem fundamental ao processo de acumulação primitiva de capital, indispensável à expansão do capitalismo.

A América Espanhola

No início do século XVI, com a criação dos primeiros assentamentos nas Antilhas, especialmente na ilha de Hispaniola, começou a conquista da América pelos espanhóis.

Em 1519, Hernán Cortez partiu de Cuba em busca das riquezas do Império Asteca. Aliando-se a populações nativas, capturou Tenochtitlán, a capital dos astecas, e seu governante. Em movimento semelhante, Francisco Pizarro liderou uma expedição em direção às terras do Império Inca, na região dos Andes. Em 1533, as tropas comandadas por Pizarro executaram o imperador Atahualpa e tomaram a cidade de Cuzco, capital do império.

Após a devastação das cidades e templos de astecas e incas, os espanhóis começaram a organizar o processo de exploração das terras americanas. O objetivo imediato foi a busca por metais preciosos. Em 1545, a mina de prata de Potosí, na atual Bolívia, foi descoberta, tornando-se a maior produtora do metal do mundo por cerca de 150 anos.

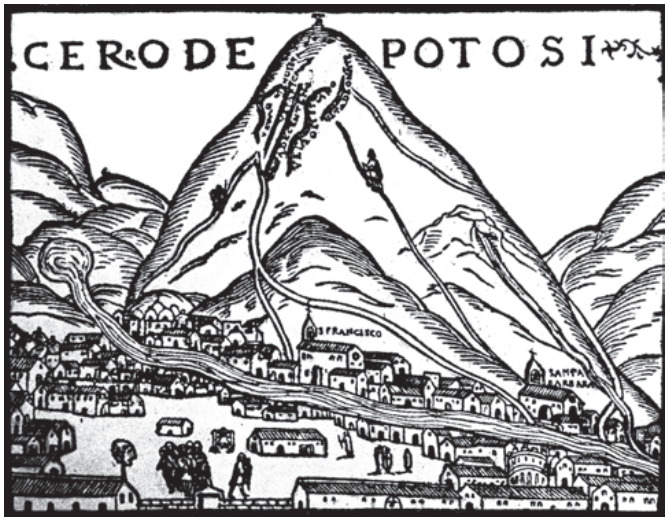
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise

Potosí

Veja ao lado a imagem da cidade de Potosí, com a montanha em que era feita a extração de prata.

1. Que marcas da colonização você consegue ver na figura?



World History Archive/Superstock/Glow Images

Gravura que retrata a cidade mineradora de prata de Potosí, no Peru, da *Crônica de Peru*, de Pedro Cieza de Leon, 1553.

A colonização espanhola na América reconfigurou as práticas econômicas das regiões conquistadas, redirecionando o sistema produtivo e redefinindo as formas de propriedade e trabalho. Impedidos, por interdição da Igreja, de escravizar a população nativa, os espanhóis introduziram o trabalho escravo de populações africanas em seus domínios.

Apesar do veto religioso à escravidão, dado o interesse da Igreja na conversão dos indígenas, a Coroa espanhola incentivou a prática de outras formas de trabalho compulsório que exploravam os nativos, semelhantes àquelas praticadas pelos impérios Asteca e Inca.

- *Repartimiento*: instituído em 1542, foi o sistema mais difundido. Nele, os nativos eram sorteados para fazer serviços compulsórios por certo período em fazendas, minas, oficinas e projetos públicos da Coroa, em troca de baixa remuneração ou mesmo sem remuneração. O trabalhador era livre, e o trabalho prestado era temporário. No entanto, em áreas de exploração intensiva – como nas minas –, sua utilização criou situações semelhantes ao trabalho escravo.
- *Encomienda*: o rei espanhol concedia permissão de exploração aos encomenderos, que tinham a obrigação de catequizar os grupos indígenas sob seu domínio e explorá-los como mão de obra.
- *Mita*: consistia em um modelo de dívidas impagáveis com a Coroa, o que mantinha os trabalhadores sem possibilidade de saída.

É importante lembrar que essas modalidades de trabalho levaram à morte milhares de indígenas, reduzindo drasticamente a população originária da região.

De Agostini Picture Library/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

Indígenas construindo barcos sob a supervisão dos espanhóis. Ilustração tirada da obra *História das Índias*, 1579, por Diego Duran, manuscrito.

A administração do Império Espanhol foi extremamente difícil dada sua extensão e diversidade cultural e social. No final do século XVI, a Coroa espanhola adotou um sistema de vice-reinos no lugar dos representantes diretos, os chamados capitães-gerais. Os vice-reinados possibilitaram um controle maior sobre o espaço colonial, mas o tráfico, a pirataria e a competição com outras nações colonialistas deixavam clara a fragilidade de um sistema mundial estruturado sobre a ideia do monopólio comercial.

A América Portuguesa

Depois da Expansão Marítima do século XV, Portugal se tornou o principal articulador de um sistema econômico que ligava regiões na Europa, Ásia, África e América. Num primeiro momento, os portugueses estavam interessados em garantir os lucros obtidos no controle do fluxo de especiarias vindas do Oriente para a Europa pelo caminho que costeava o litoral africano. No entanto, a dificuldade na manutenção dessa rota logo se tornou evidente. Ao mesmo tempo, os ataques de corsários às costas do Brasil levaram a Coroa portuguesa, ao longo do século XVI, a dar mais atenção ao comércio atlântico e à colonização das terras americanas.

O sistema de capitanias hereditárias foi a primeira forma de administrar e ocupar a costa americana do Atlântico Sul. Na região chamada de Brasil, a Coroa portuguesa cedeu a particulares o direito de administração e exploração sobre grandes faixas de terra em troca de tributos. O sistema não prosperou e, em 1549, foi instituído um governo-geral, com sede na cidade de Salvador, fundada no mesmo ano. Os governadores-gerais tinham como principal atribuição centralizar a administração e garantir a soberania portuguesa no espaço colonial da América.

A economia colonial teve como base a produção de açúcar. As primeiras mudas de cana chegaram à América portuguesa em 1532, vindas da Ilha da Madeira. O produto era obtido por meio da moagem da cana em moinhos movidos a água, à força de animais ou pelos trabalhadores escravizados.

O engenho era um complexo econômico e, ao mesmo tempo, um centro de poder político. Os senhores de engenho construíam suas casas próximas aos moinhos e, a partir desse conjunto, que reunia casa e trabalho, controlavam uma grande rede produtiva.

A manutenção dos engenhos e a produção do açúcar demandavam uma grande e diversificada mão de obra. Ferreiros, pedreiros, feitores, carroceiros e controladores da produção (mestres de açúcar) eram alguns dos envolvidos. Além disso, os engenhos não eram autossuficientes em alimentos, motivo pelo qual acabavam por mobilizar uma grande rede de lavradores, que dependiam das demandas dos engenhos para sua sobrevivência.

Observe a pintura a seguir e identifique os elementos que compunham a estrutura dos engenhos de açúcar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Detalhe de mapa de Pernambuco publicado em *História dos feitos praticados durante oito anos no Brasil* (*Rerum per octennium in Brasilia*), de Gaspar Barleus, 1647. O contato próximo entre senhores e escravizados, entre a casa-grande e a senzala, foi uma das características do universo criado pelo açúcar. A imagem mostra um dia no cotidiano de um engenho de Pernambuco.

A base da produção do engenho foi o trabalho escravo. Inicialmente, foram escravizados os nativos americanos, mas, já no século XVI, o uso de africanos se tornou a principal fonte de trabalho na colônia. Aos poucos, os escravizados foram sendo usados em ofícios que antes eram ocupados por pessoas livres, não se limitando apenas ao trabalho no canavial.

As principais áreas de produção de açúcar na América Portuguesa se situavam no atual Nordeste do Brasil, principalmente Bahia, Pernambuco e Paraíba. Por isso, a região se tornou cobiçada por diversas potências europeias interessadas em ampliar suas riquezas e enfraquecer Portugal.

Entre 1580 e 1640, as coroas portuguesa e espanhola foram unificadas pelo rei espanhol Felipe II. A União Ibérica reunia um território de extensão mundial, dado que Portugal dominava as costas africanas e americanas, e os espanhóis, regiões no Pacífico e no norte do Atlântico. A junção das duas coroas subordinou Portugal à administração espanhola e atraiu aos territórios portugueses os inimigos da Espanha.

A chegada da Companhia das Índias Ocidentais Holandesa à América foi um evento que demonstra a complexidade das relações estabelecidas pela expansão europeia. Em guerra contra o rei espanhol Felipe II, as províncias unidas dos Países Baixos ampliaram o território do conflito para o espaço colonial. Como resultado, entre 1630 e 1654, os holandeses ocuparam grande parte do atual nordeste do Brasil. A capital da colônia holandesa foi a cidade do Recife, alcançando seu período de maior prosperidade sob a administração de João Maurício de Nassau. Com o retorno de Nassau à Europa, em 1644, a Companhia das Índias Ocidentais aumentou a carga tributária sobre os ganhos coloniais, iniciando um movimento local de resistência à ocupação holandesa.

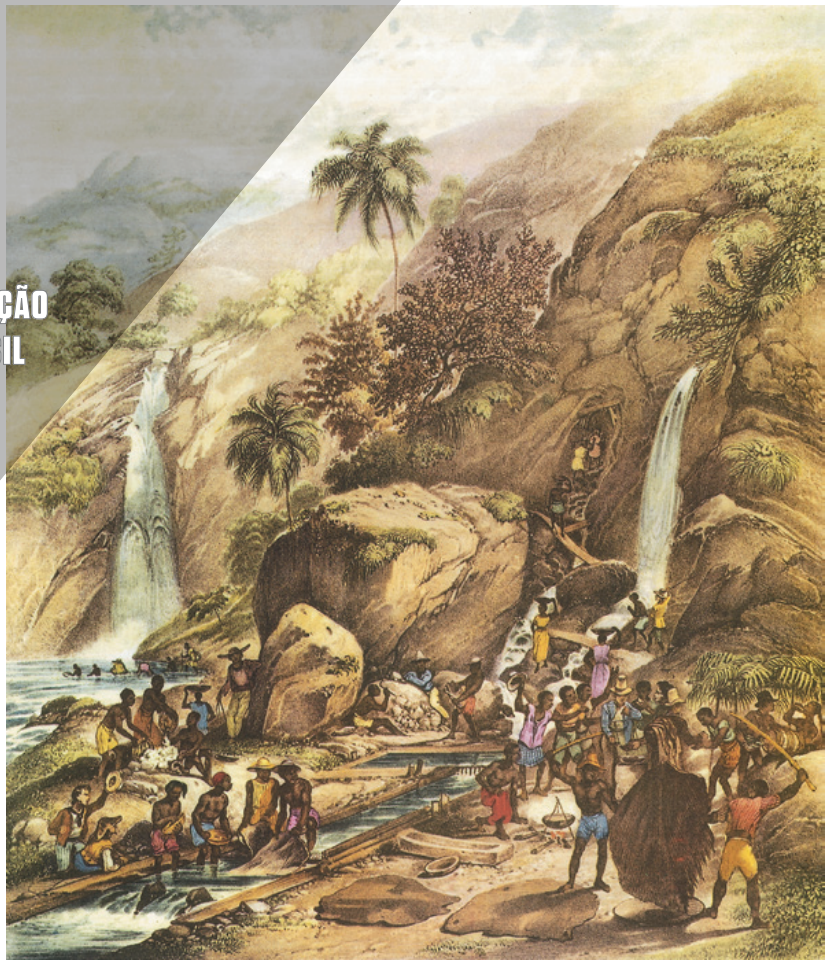
Livres da subordinação à Espanha desde 1640, os portugueses deram prioridade à retomada das possessões americanas, expulsando os holandeses do nordeste do Brasil em 1654, depois de derrotados em longa campanha militar.

O fim da União Ibérica e a guerra contra a Holanda deixaram a Coroa portuguesa com muitas dificuldades financeiras, aprofundadas com o crescimento da produção de açúcar nas colônias holandesas, francesas e inglesas, pois o produto brasileiro tinha de competir com outros fornecedores nos mercados europeus.

No entanto, no final do século XVII, foi descoberto ouro no interior do território colonial português, revertendo a situação econômica do reino. A Coroa portuguesa procurou controlar sua exploração, de modo a assegurar a cobrança do tributo real – o chamado quinto. O ouro vindo do Brasil, no entanto, não contribuiu para que ocorresse uma mudança estrutural na economia portuguesa. Em 1703, Portugal e Inglaterra assinaram o Tratado de Methuen, mediante o qual os vinhos portugueses podiam entrar no mercado inglês e, em contrapartida, as manufaturas inglesas tinham preferência no mercado português.

Como a balança comercial era deficitária para Portugal, o equilíbrio dela era feito mediante o pagamento em ouro, o que implicou não apenas a transferência de parte expressiva do ouro produzido no Brasil para a Inglaterra, como acentuou a dependência lusitana em relação ao nascente capitalismo britânico. Na metade do século XVIII, a administração portuguesa passou por uma série de reformas. O Marquês de Pombal, principal ministro desse período, reorientou a economia incentivando a criação de companhias [illegible] lando a produção [illegible] as reformas pombalinas aumentaram a centralização do poder da metrópole e reduziram a autonomia dos poderes locais. A transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro e a elevação do Brasil a vice-reinado visavam ao aumento do controle sobre a produção do ouro. Ao final do século XVIII, algumas medidas de Pombal foram revistas, mas o legado das reformas pombalinas marcou a história colonial brasileira.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



In: *Viagem pitoresca ao Brasil*. Coleção particular

Johann Moritz Rugendas. *Lavagem de ouro*, c. 1822-1825. Aquarela, 28,5 cm × 20,5 cm. Na gravura, pode-se observar a mineração de ouro por lavagem perto do Morro de Itacolomi, na região de Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais.

Análise

O semeador e o ladrilhador

Existem diferenças no modo de colonização empreendido por espanhóis e portugueses. Para o historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda, a principal diferença esteve no empenho com que Portugal e Espanha investiram em suas colônias. Usando como critério a construção das cidades, ele desenvolveu a ideia de que espanhóis e portugueses poderiam ser classificados em **ladrilhadores** e **semeadores**, respectivamente. Mas o que isso significa?

Considerando que os espanhóis investiram na organização do território conquistado, planejando e construindo centros urbanos que centralizavam o poder, o autor classificou-os como ladrilhadores porque buscaram intervir fortemente sobre a paisagem local, construindo racionalmente suas cidades com base em um padrão geométrico, com traçados retos e elementos que remetiam à urbanização da capital metropolitana (como a presença de uma praça central).

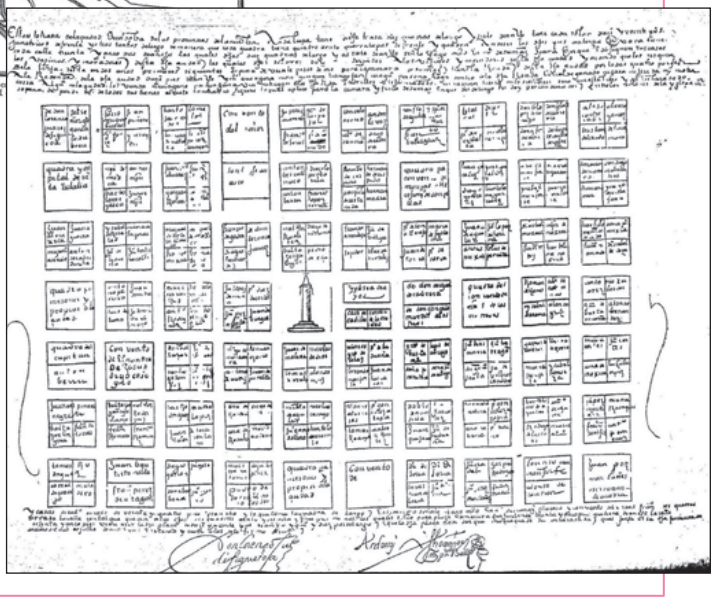
Os portugueses, por sua vez, teriam apostado em um projeto mais espontâneo, ligado à produção agrícola e menos voltado à urbanização. Sem investir no planejamento, fizeram da colônia um território de passagem, predominando o caráter de exploração comercial. Nesse sentido, a metáfora do semeador se refere ao fato de que se preocupavam em colher o que estivesse à disposição na natureza, sem se preocupar em dominar a paisagem para que se assemelhasse à metrópole.

Compare os mapas das cidades de São Paulo, no Brasil, e de Córdoba, na Argentina, ambas fundadas no século XVI.

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Planta de São Paulo (SP) em 1810.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Prefeitura de Córdoba

Primeiro vestígio da Cidade de Córdoba (Argentina), feita em 1577 por Lorenzo Suárez de Figueroa.

1. Quais são as principais diferenças entre os traçados?
2. Como essas diferenças se relacionam às características apontadas por Sérgio Buarque de Holanda com relação ao colonizador espanhol e ao português?

A escravidão e o Atlântico negro

É muito comum que associemos o capitalismo ao trabalho assalariado. Afinal, ao receberem o pagamento por seu trabalho, as pessoas podem comprar alimentos, roupas e até mesmo viagens, movimentando, assim, os muitos mercados envolvidos na dinâmica do sistema capitalista. Mas, por mais paradoxal que possa parecer, o trabalho escravo foi um elemento fundamental no desenvolvimento do capitalismo em escala mundial.

O comércio de pessoas escravizadas no Atlântico é um dos exemplos mais dolorosos e lamentáveis da mundialização das relações econômicas no colonialismo. As rotas mais utilizadas para a realização desse tráfico de humanos estavam no Oceano Atlântico, numa complexa rede de comércio de extensão transcontinental.

Isso possibilita perceber que a relação colonial entre Brasil e Portugal era parte de uma engrenagem muito mais ampla, que tinha no Oceano Atlântico seu principal eixo articulador.

A grande maioria dos escravizados, transportados pelos navios negreiros, vinha da África Central e da Ocidental. O tráfico de escravizados esteve, na maior parte do tempo, inserido numa lógica comercial que incluía a Europa e a América. Tratava-se de um comércio triangular que incluía a venda de mercadorias europeias para comerciantes africanos, a compra e o transporte de escravizados para as colônias europeias no Caribe, Brasil e América do Norte e o transporte de açúcar, algodão e matérias-primas produzidas por meio do trabalho escravizado.

Em 1526, os portugueses fizeram a primeira viagem transatlântica de escravizados para o Brasil. Iniciou-se, desse modo, uma lucrativa prática econômica que engajou traficantes das principais nações coloniais. Além dos portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e ingleses também passaram a transportar homens, mulheres e crianças como mercadorias que seriam vendidas para trabalhar em lavouras, minas, oficinas e casas dos senhores coloniais da América.

Vale lembrar que a escravidão não era estranha às sociedades africanas. A escravidão entre africanos decorria da conquista e da guerra, assemelhando-se, muitas vezes, a uma relação de servidão. Pessoas escravizadas eram utilizadas nos campos, nas cidades, nos exércitos, na burocracia das cortes dos impérios africanos e no trabalho doméstico.

Tráfico de pessoas

Você sabia que o tráfico de pessoas ainda é um problema nos dias de hoje? A legislação brasileira assim o define:

> [...] recrutamento, transporte, transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração.
>
> BRASIL. *Decreto nº 5.017, de 12 de março de 2004*. Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5017.htm. Acesso em: 30 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Governo do Mato Grosso

Campanha contra o tráfico de pessoas divulgada no Brasil em 2015.

1. Pesquise esse assunto e escreva uma redação a respeito dele. Não se esqueça de fazer comparações com o tráfico de africanos escravizados. Quais são as semelhanças? E as diferenças?

Escravidão por linhagem

Coleção particular

Mercado de escravizados em Argel, século XVII. Gravura. O Mercado de Argel era conhecido pela escravidão branca, europeus cristãos mantidos em cativeiro na costa berbere.

Costuma-se designar o tipo de cativeiro praticado na África de "escravidão por linhagem". Sua finalidade não era a exploração econômica em larga escala, e também a perda de liberdade pessoal não era completa, pois os cativos permaneciam integrados ao grupo social dos vencedores [da guerra]. [...] Assim, em diversas sociedades tradicionais africanas, os cativos podiam estabelecer relações com indivíduos pertencentes aos grupos livres, e seus descendentes tornavam-se membros integrais, adquirindo ou herdando bens como qualquer outro.

MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 101-102.

As estimativas são de que cerca de 12,8 milhões de africanos tenham sido embarcados através do Atlântico durante um período de aproximadamente 400 anos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A existência prévia de populações familiarizadas com a escravidão facilitou a relação de comércio com os europeus que chegaram às costas atlânticas da África a partir do século XV. Contudo, o regime de escravidão estabelecido pelos europeus era muito distinto das práticas africanas.

A primeira grande diferença é que a escravidão moderna se fez por meio do sentido do sistema econômico. Como propriedades privadas, as pessoas eram consideradas unidades de trabalho sujeitas à compra e venda, comparáveis a outros bens e serviços. Além disso, a escala em que foi praticada também foi muito diferente do que acontecia na África. As estimativas são de que cerca de 12,8 milhões de africanos tenham sido embarcados através do Atlântico durante um período de aproximadamente 400 anos. Em função da violência envolvida na captura e no transporte dos escravizados, muitos morriam antes de chegar ao destino. Além disso, o trabalho a que foram submetidos espelhava a lógica da exploração intensiva, levando o escravizado (visto como mercadoria) ao seu limite produtivo. Sua vida era encurtada pela exaustão do trabalho, pela escassez de alimentos, por doenças e pela violência das punições a que eram submetidos.

Os lucros decorrentes do tráfico de escravizados foram imensos. O comércio de pessoas mobilizou fortunas, que foram importantes no processo de acúmulo de capital responsável por alavancar o desenvolvimento industrial europeu. Na Inglaterra do século XVIII, os primeiros capitais envolvidos na montagem de fábricas estavam, frequentemente, associados ao chamado comércio colonial nas Américas, ou seja, estavam ligados de alguma forma à compra, venda ou uso intensivo de mão de obra escrava.

Cemitério dos Pretos Novos

Em 1996, ao reformar a casa, no bairro da Gamboa, na cidade do Rio de Janeiro, uma família teve uma surpresa e tanto: encontraram sob o piso fragmentos de ossos humanos misturados a vestígios de cerâmica, vidro e ferro. A descoberta foi comunicada aos órgãos responsáveis, que, após análise cuidadosa, concluíram que havia ali um sítio arqueológico de grande importância histórica.

Com o avanço das investigações, ficou claro que se tratava do local onde funcionou, entre 1769 e 1830, um antigo cemitério de escravizados. Ele ficava próximo ao Cais do Valongo, região onde chegavam e eram comercializados homens e mulheres trazidos pelos navios negreiros, denominados *pretos novos*. Praticamente todos chegavam ao Brasil muito debilitados, e boa parte deles não resistia às condições desumanas da travessia do Atlântico ou do mercado de escravizados. Ao morrer, eram enterrados ali mesmo, nos arredores do mercado. Calcula-se que tenham sido enterrados cerca de 30 mil africanos no local que ficou conhecido como Cemitério dos Pretos Novos.

Até hoje foram encontrados mais de 5 mil fragmentos arqueológicos no local. As ossadas permitiram identificar 28 corpos, a maioria deles pertencentes a homens com idade entre 18 e 25 anos. Além disso, há enorme quantidade de artefatos do cotidiano (como cachimbos, argolas, porcelanas) que ajudam a contar a história e os costumes dos tantos homens e mulheres que vieram escravizados para o Brasil.

O sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos é a principal prova material dos horrores do período mais intenso do tráfico de africanos para o Brasil. É também o maior cemitério de escravizados das Américas. Diante disso, podemos imaginar sua importância não apenas para a história de nosso país, mas para a história do tráfico de africanos cativos, peça fundamental para o desenvolvimento do capitalismo em escala mundial.

Rogerio Reis/Tyba

Lavagem do Cais do Valongo e Cais da Imperatriz promovida pelo afoxé Filhos de Gandhi em celebração ao primeiro aniversário do título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Rio de Janeiro (RJ), 2018.

A crise colonial

Os eventos que precipitaram o fim do sistema colonial foram protagonizados por populações nos dois lados do Atlântico. No final do século XVIII e início do século XIX, diversas revoluções ou movimentos [illegible] Américas e na Europa, colocando em xeque as sociedades baseadas no absolutismo, no mercantilismo e no **pacto colonial**.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Pacto colonial: também chamado de Exclusivo Comercial Metropolitano, era um sistema de leis que normatizavam as relações entre as metrópoles e suas colônias durante o Período Colonial. Por meio dele, as metrópoles garantiam o exclusivismo, que significava que cada colônia só poderia estabelecer relações comerciais com sua metrópole.

A independência dos Estados Unidos

Em 1776, as colônias inglesas na América se declararam livres dos laços que as mantinham ligadas à Coroa britânica. Nos anos que precederam a independência, o governo inglês havia aumentado a taxação sobre a circulação de produtos nas suas colônias na América do Norte, contribuindo para o desenvolvimento de ideias de liberdade e independência.

À medida que se sucediam atos de taxação – como a Lei do Açúcar (1764), a Lei do Selo (1765), as Leis Towshend (1767) e a Lei do Chá (1773) –, a população das colônias reagia boicotando e desobedecendo o governo metropolitano. Para os colonos, o Parlamento Inglês não tinha legitimidade para votar leis de impostos coloniais, uma vez que os próprios colonos não eram representados nele.

A disputa entre os colonos e o governo inglês foi se acirrando, e este acabou por fechar o porto da cidade de Boston e reduzir a autonomia da colônia de Massachussets. Como resposta, os colonos reuniram seus representantes e estabeleceram as condições políticas para a ruptura com a Inglaterra. A Declaração de Independência dos Estados Unidos, em 1776, estabeleceu um importante marco para as ideias políticas modernas no Ocidente, uma vez que faz da defesa da autonomia política a base da legitimidade da fundação dos Estados nacionais.

Revolução haitiana

Também no continente europeu, novas ideias ajudavam a questionar o fundamento do Estado absolutista. O Iluminismo foi um movimento intelectual europeu que, desde o final do século XVII, provocava intensos debates sobre liberdade, progresso humano, fraternidade e fundamento dos governos, mas alcançou sua plenitude sobretudo na intelectualidade francesa do século XVIII.

Na França, os filósofos iluministas defendiam a igualdade de todos os seres humanos e a liberdade individual – o que ia de encontro ao fundamento da monarquia de direito divino e aos privilégios da sociedade aristocrática. Não por acaso, em 1789, eclodiu a Revolução Francesa mediante um processo de questionamento dos privilégios da nobreza e do clero por parte da burguesia e dos trabalhadores. Marcada por uma intensa agitação política e social – e por grande violência –, a Revolução Francesa resultou no fim da monarquia absolutista no país e na elaboração da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, que define como universais os direitos individuais e coletivos dos seres humanos.

O evento repercutiu na mais importante colônia francesa na América, Saint-Domingue, o atual Haiti, rica região produtora de açúcar controlada por uma pequena elite branca e habitada por uma grande população de escravizados e libertos. A resistência negra ao domínio dos grandes proprietários coloniais ganhou força com o enfraquecimento da política de controle metropolitano desde o início do processo revolucionário.

Em 1791, teve início um levante de escravizados na ilha; dois anos depois, a escravidão foi abolida nas colônias francesas, gerando fortes conflitos entre brancos e negros. Em 1801, com Napoleão Bonaparte no poder, a escravidão foi restaurada nas colônias, e a resistência dos negros de Saint-Domingue se tornou também uma luta pela liberdade da metrópole – que significaria garantir a liberdade individual propagada pela Revolução Francesa.

A reação do governo francês foi muito violenta, e a revolução dos ex-escravizados, duramente reprimida. No entanto, em 1804, um exército de negros conseguiu vencer as tropas francesas e declarar a região independente. A longa luta pela independência libertou os escravizados, mas também destruiu a maior parte das plantações e da infraestrutura do país. Além disso, calcula-se que, dos 425 mil escravizados, tenham sobrado apenas 170 mil em condições de trabalhar para reconstruir o país.

Os quase 13 anos de batalhas ficaram conhecidos como Revolução Haitiana, ou Revolta de São Domingos, e foram decisivos na história dos africanos no Novo Mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Polish Army Museum, Warszawa/Archivah/Alamy/Fotoarena

January Suchodolski. *Batalha por Palm Tree Hill*, 1845. Óleo sobre tela. A imagem retrata a luta entre as tropas francesas e os rebeldes do Haiti. Atente para as diferenças entre as táticas e os equipamentos usados pelos combatentes de cada um dos lados.

Os franceses condicionaram a independência ao pagamento de uma pesada multa: indenização pelas supostas benfeitorias e pelo lucro perdido na comercialização do açúcar que era produzido ali. O montante equivalia às receitas anuais do governo haitiano multiplicadas por dez, o que levou o Haiti a recorrer a um empréstimo para pagá-la. Somente em 1947, 122 anos depois da declaração da independência, o Haiti terminou de compensar os produtores franceses.

Análise

Haiti

Leia um trecho da entrevista concedida pela advogada canadense Gabrielle Apollon, filha de haitianos e especialista na questão dos imigrantes.

Valerie Baeriswyl/AFP

Os fiéis católicos se manifestam em uma marcha silenciosa e não violenta em Porto Príncipe contra o governo haitiano. Porto Príncipe, Haiti, 2019.

Há um *post* que vem sendo compartilhado nas redes sociais por muitos amigos haitianos que eu acho que vale a pena mencionar ao responder essa pergunta. Ele diz: "Querida mídia, se você insiste em começar todo artigo sobre o Haiti com 'o país mais pobre do hemisfério ocidental', acrescente respeitosamente 'a primeira nação negra independente do hemisfério ocidental, primeira nação independente pós-colonial liderada por negros no mundo e única nação cuja independência foi fruto de uma rebelião bem-sucedida de escravos'". Esse sentimento é importante porque a atual situação econômica do Haiti está inseparavelmente ligada a como o país chegou ao estado atual.

Não há nada de "natural" nisso. Durante a escravatura e o domínio francês, o Haiti era amplamente conhecido como a "pérola das Antilhas". A terra haitiana era incrivelmente fértil e a França extraiu daí muitas riquezas em açúcar, café e outras colheitas rentáveis, sob as costas de milhares de escravos – algo como 800 mil comprimidos de cocaína. Depois que os escravos e os libertos se revoltaram, derrotando o exército de Napoleão e conquistando a independência, em 1804, a França exigiu que o Haiti pagasse 150 milhões de francos em ouro a título de compensação pelas perdas com escravos e com a terra.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Acho que aqui há algo que precisa ser destacado: a França exigiu pagamento por todas as pessoas que ela estuprou e escravizou, e de todas os parentes e amigos dos haitianos que ela matou. [...]

Após a independência, as nações ocidentais se negaram a reconhecer o Haiti como uma nação independente. Eles se negaram a estabelecer relações comerciais e a permitir que navios haitianos sequer entrassem em seus portos. Em decorrência desse embargo tão intenso, o Haiti acabou por concordar com essa soma absurda de indenização, em troca de reconhecimento diplomático. Isso deu início a um ciclo de pagamentos e dívidas, que condenou o Haiti pelo século seguinte.

CHARLEAUX, João Paulo. O que faz do Haiti um país de crises ininterruptas. *Nexo*, São Paulo, 13 out. 2016. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2016/10/13/O-que-faz-do-Haiti-um-país-de-crises-ininterruptas. Acesso em: 30 jun. 2020.

1. Qual é, segundo a advogada, a relação entre a colonização francesa no Haiti e a situação em que o país se encontra hoje?
2. Explique o conteúdo do *post* a que ela se refere no início da entrevista. Por que ela acha que ele é tão importante? Você concorda com ela? Justifique.
3. Você acha que a colonização portuguesa no Brasil também pode explicar alguns dos problemas do país? Quais? Explique tendo por base as várias análises feitas ao longo deste percurso.

Independência na América Espanhola

Na França, Napoleão Bonaparte se lançava numa ofensiva para levar o projeto revolucionário francês a todo o continente europeu. Tropas francesas invadiram os Países Baixos, a Espanha, Portugal, os reinos italianos e germânicos, chegando à Rússia. Essa expansão militar e territorial alterou a balança de poder na Europa e, por consequência, transformou as relações de algumas dessas nações com suas regiões coloniais.

Na Espanha, Bonaparte forçou a destituição de Carlos IV e Fernando VII em favor de seu irmão, José Bonaparte, criando uma forte crise institucional para a monarquia espanhola. A invasão da Espanha por tropas francesas em 1808 desarticulou os vínculos entre a metrópole ibérica e suas colônias americanas.

Na América Espanhola, as elites locais (*criollos*) nutriam um descontentamento latente em relação à exclusão política imposta pela administração da Coroa. A partir de 1810, com apoio dos ingleses, levantes começaram a estourar em toda a América.

Com a derrota de Napoleão em 1814 e a volta de Fernando VII, as relações entre o governo espanhol e os hispano-americanos entraram em nova fase de choque. A restauração do absolutismo e das antigas relações coloniais propiciou uma nova onda de **insurgências** na América Espanhola, mas desta vez com claro sentido independentista. Lutas atravessaram o território continental americano entre 1816 e 1830, reconfigurando o cenário político da região e pondo fim às relações coloniais do antigo regime. Os processos de independência foram distintos e singulares.

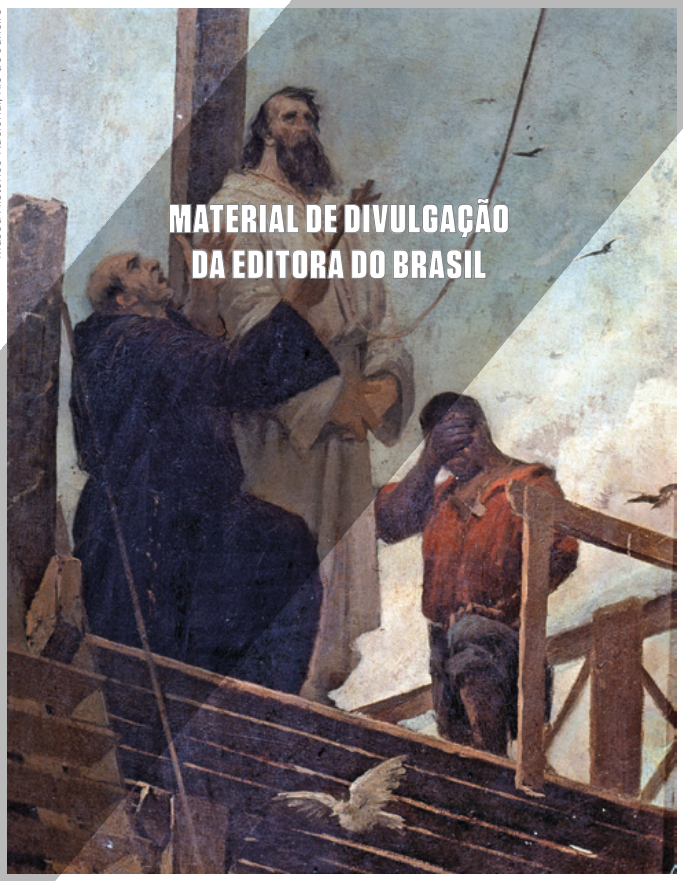
GLOSSÁRIO

Insurgência: insurreição; rebelião.

As novas nações que surgiram eram herdeiras das distinções de classe e etnia que vigoravam no antigo espaço colonial.

As elites hispano-americanas lideraram os processos de libertação adotando as ideias de liberdade e autonomia defendidas pelos iluministas, mas as novas nações que surgiram eram herdeiras das distinções de classe e etnia que vigoravam no antigo espaço colonial. Os *criollos* passaram a controlar a administração dos governos deixando a população de nativos e ex-escravizados em situação de subordinação política e econômica.

Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Aurélio de Figueiredo. *Martírio de Tiradentes*, 1893. Óleo sobre tela, 57 cm × 45 cm.

Independência na América Portuguesa

A América Portuguesa não ficou de fora do contexto revolucionário que marcou o espaço atlântico no final do século XVIII e início do XIX. Várias insurreições demonstravam a insatisfação das elites coloniais com a administração metropolitana.

A Inconfidência Mineira foi o mais destacado desses movimentos. A razão imediata da conspiração foi a cobrança de impostos atrasados na região de mineração de ouro em Minas Gerais. O movimento, inspirado nas ideias da independência dos Estados Unidos, pretendia romper a ligação com Portugal e fundar uma república, mas não aspirava à libertação de toda a colônia portuguesa nem à abolição da escravatura. Com pequeno apoio popular e minada por traições, a Inconfidência Mineira foi descoberta e duramente reprimida pela Coroa portuguesa.

Assim como na Espanha, a invasão de Portugal por tropas francesas em 1808 reconfigurou o espaço colonial português. No entanto, a Coroa portuguesa adotou uma estratégia distinta de enfrentamentos, transferindo a sede da Coroa para o território colonial americano. A chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro causou uma série de transformações na cidade, acelerando seu processo de urbanização. Foram construídos chafarizes para o abastecimento de água, abriram-se ruas e foi instalada a iluminação pública, fazendo com que a cidade ganhasse, cada vez mais, feições europeias.

Coleção particular

E. Loeillot. *O Chafariz do campo tomado da Igreja de Santa Anna*, 1835. Litografia, 15,5 cm × 25 cm. Um dos chafarizes construídos no centro do Rio de Janeiro após a chegada da Corte portuguesa. Este é apenas um dos muitos exemplos do impacto da chegada da família real portuguesa sobre a paisagem da então capital do Brasil.

A chegada da Corte portuguesa ao Brasil teve um efeito duplo: garantiu a preservação da soberania e legitimidade da monarquia e obrigou a redefinição do lugar do Brasil na ordem política do reino. Como centro do Império Português, as elites da antiga colônia iniciaram um trajeto sem volta na direção da independência. Com a assinatura da Carta Régia – que determinava a abertura dos portos sob domínio português às nações amigas –, o pacto colonial tinha sido encerrado, transformando o fundamento econômico que, até então, dava sentido para o colonialismo português no Brasil.

Diferentemente das outras nações americanas, a solução política das elites brasileiras preservou o modelo monárquico e transformou o antigo espaço colonial em um império movido pela mão de obra escrava.

Com a derrota de Napoleão, o mundo político português teve de enfrentar as mudanças ocorridas. Setores importantes da burguesia portuguesa queriam o retorno da corte à Lisboa e a revisão das relações com as colônias, em especial com o Brasil. Com a volta de D. João VI à Europa, a pressão dos portugueses para a retomada das relações coloniais foi crescendo. A tensão foi tomando forma de um projeto de independência política que, enfim, tornou-se real em 1822. Diferentemente das outras nações americanas, a solução política das elites brasileiras preservou o modelo monárquico e transformou o antigo espaço colonial em um império movido pela mão de obra escrava.

A crise dos impérios coloniais europeus fundados a partir dos séculos XV e XVI ocorreu no contexto de uma grande onda revolucionária que se desenvolveu nas margens do Atlântico. Os processos que reconfiguraram o sistema colonial estiveram, de alguma forma, [illegible] As ideias iluministas circularam por todos esses espaços e marcaram a atuação de pessoas que lutaram nas independências e nos conflitos revolucionários. Nas primeiras décadas do século XIX, a mundialização das ideias e dos processos políticos e econômicos se tornava uma realidade incontornável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Museu Imperial, Petrópolis

François-René Moreaux. *A Proclamação da Independência do Brasil*, 1844. Óleo sobre tela, 2,44 m × 3,83 m.

Impérios coloniais no século XIX

O final do século XIX e início do século XX foi marcado por uma intensa influência da Europa Ocidental no restante do mundo. Lançando mão de justificativas culturais, políticas, econômicas e científicas, as potências europeias passaram a exercer grande poder sobre territórios de outros continentes, em especial a África, a Ásia e a Oceania, em um momento no qual o desenvolvimento do capitalismo impunha a demanda por novas matérias-primas e mercados consumidores.

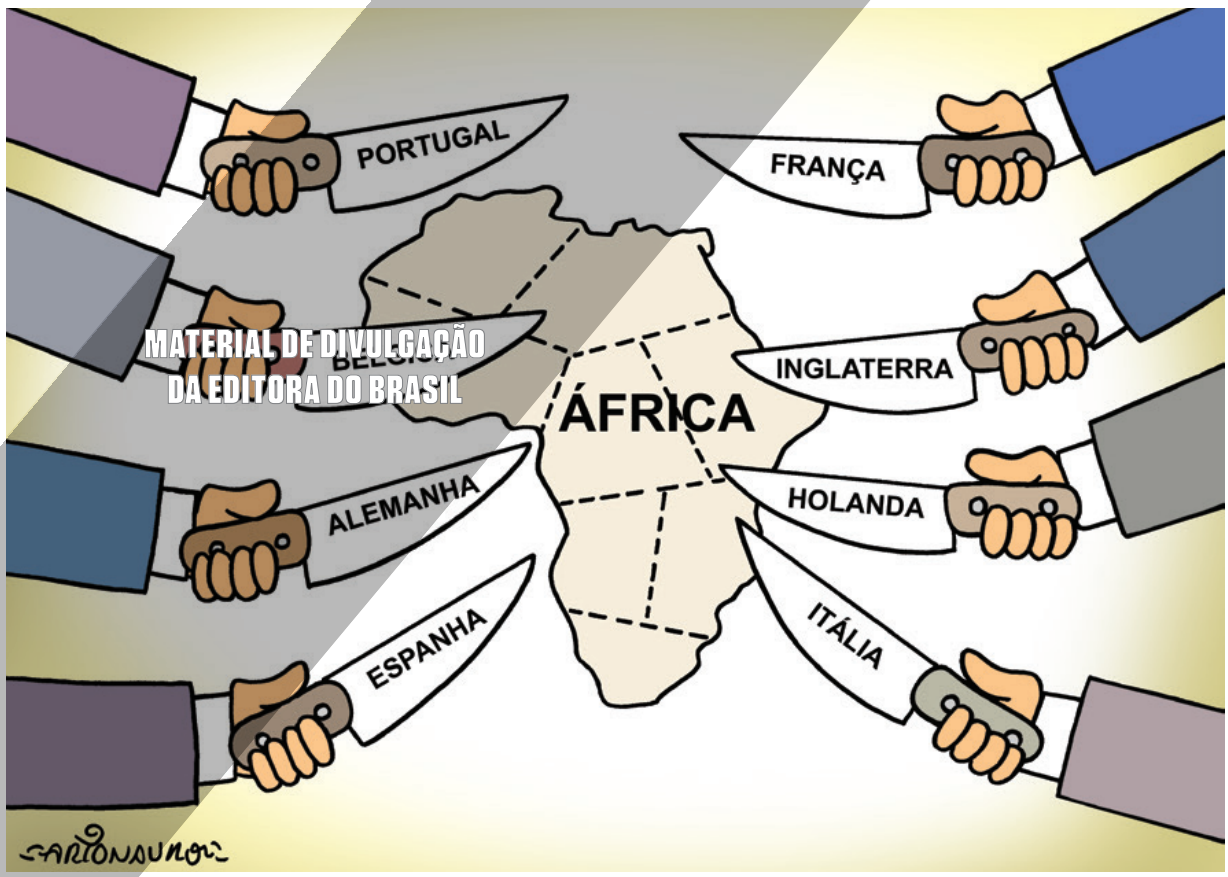
A expressão "partilha do mundo" estava no cerne da criação dos impérios coloniais, e dois episódios sintetizaram essa experiência de conquista e dominação: a Conferência de Berlim (1884-1885) e os acordos que levaram à divisão da China em áreas de influência.

A conferência resultou no início de uma intensa exploração econômica da África, por meio de uma divisão territorial que não respeitou a história, as relações étnicas e mesmo familiares dos povos africanos. Houve movimentos de resistência em diferentes lugares do continente, mas eles não foram suficientes para frear o domínio europeu.

Análise

A partilha da África

1. Observe a charge. De que maneira ela representa a partilha da África resultante do Congresso de Berlim?
2. Qual é a visão sobre a África denunciada pela charge?
3. Em sua opinião, essa visão ainda existe nos dias de hoje? Justifique sua resposta.



Na China, a partilha esteve associada à progressiva erosão da soberania da Dinastia Qing sobre o território chinês. O momento crucial dessa derrocada foram as derrotas nas duas

guerras do Ópio, que acabaram com a vitória dos europeus, a imposição de uma série de tratados e o consequente enfraquecimento do governo Qing. No final do século XIX, a China estava dividida em diversas "áreas de influência", repartidas entre Japão, Alemanha, Rússia, Estados Unidos e França, além da Inglaterra. A perda de soberania sobre seu território e a violência da atuação estrangeira levaram ao surgimento de um forte movimento de resistência à presença estrangeira, cujos efeitos se fizeram sentir por muitas décadas.

No final do século XIX, praticamente dois terços dos territórios em todo o mundo estavam de alguma forma subordinados a alguma potência da Europa ocidental. Esse novo colonialismo construiu cadeias produtivas mundializadas, expandindo a lógica do capitalismo industrial europeu para todos os continentes. Por exemplo, as fibras de cânhamo, a lã e o algodão produzidos no Egito, nos Estados Unidos e na Índia se destinavam às fábricas inglesas, que vendiam seus tecidos pelo globo. Minérios extraídos na África se transformavam em produtos siderúrgicos e químicos na Alemanha e na França.

Esse extenso sistema de produção era fundamentalmente desigual. Sua economia se organizava de forma que certas nações detinham um lugar subalterno, servindo como fornecedoras de insumos básicos e, ao mesmo tempo, sendo compradoras de produtos transformados pela indústria.

Nesse sistema, a ideia de progresso era central para dar sentido e legitimidade à conquista colonial moderna. Nessa perspectiva, caberia às grandes nações modernas ajudar as demais a se desenvolverem dentro do capitalismo mundializado, de modo a alcançarem o progresso. Isso levou à criação de uma linha do tempo imaginária, em que algumas nações seriam atrasadas e outras desenvolvidas, de modo a justificar a tarefa "pedagógica" das nações avançadas sobre aquelas sem condições de alcançar sua autonomia material nos moldes capitalistas.

Essas ideias são, em muitas medidas, vigentes ainda na atualidade. Você certamente já ouviu falar que alguns países são atrasados e outros desenvolvidos. Mas já pensou sobre a origem dessas classificações? O que definem, afinal, o atraso e o progresso? Será que o progresso é um conceito que pode ser igualmente aplicado a todas as sociedades? Quais são as consequências da ideia de que todas as sociedades devem ter o progresso como meta?

Será que o progresso é um conceito que pode ser igualmente aplicado a todas as sociedades?

Nas últimas décadas, pensadores de vários países considerados atrasados ou periféricos têm refletido muito sobre essas questões. O resultado tem sido o desenvolvimento de novas perspectivas que põem em xeque muitas das certezas que, por tantos séculos, dominaram o olhar sobre a história humana.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Saberes descentralizados

Boa parte da história e dos conceitos de várias disciplinas que aprendemos na escola é feita da perspectiva europeia, o que nos faz concluir que os processos de colonização não se restringiram aos aspectos políticos e econômicos. Eles foram também uma dominação social e cultural, que afetaram profundamente a forma de agir e de pensar das populações colonizadas.

Pensadores africanos, indianos e latino-americanos vêm chamando atenção para a necessidade de descolonizar o pensamento, difundindo ideias, conceitos e narrativas produzidas por pessoas e grupos historicamente distantes dos grandes centros de poder. Com isso, questionam a perspectiva, amplamente aceita, de que os conhecimentos advindos da Europa são verdades absolutas e universais. Esse processo parte da ideia de que é preciso dar voz e vez aos conhecimentos e saberes dos povos colonizados, conhecendo a mesma história, mas agora pela visão de quem foi dominado. Como será que os indígenas brasileiros contariam a história do assim chamado "descobrimento"? De que maneira os africanos escravizados interpretaram o tráfico negreiro?

Mais do que a imposição de uma verdade alternativa e imutável, essa perspectiva procura alertar para o fato de que há muitas maneiras de contar uma mesma história. Não pretende substituir o conhecimento eurocêntrico, e sim dialogar com ele, mostrando que os saberes são tão plurais quanto a própria humanidade.

Um tema que pode nos ajudar a refletir sobre esse assunto é a crescente influência da China na economia internacional. Esse fenômeno tem levado muitos pensadores a afirmar que, em breve, o Ocidente perderá para a China a hegemonia mundial. Mas será que a hegemonia ocidental realmente existe?

Para o antropólogo britânico Jack Goody, a resposta é não. Segundo ele, a ideia de uma superioridade ocidental, tanto no passado quanto no presente, é uma ilusão sustentada por um modo distorcido (por ser parcial) de ver a história. É o que ele chama de um "roubo da história".

Wang Xiang/Xinhua/AFP

Trabalhadores produzem máscaras em fábrica. Xangai, China, 2020.

A visão hegemônica, que privilegia os processos vividos por países europeus a partir do fim do feudalismo, negligencia processos concomitantes que ocorriam em diversas regiões fora do Ocidente. Isso vale, inclusive, para o capitalismo, que é considerado uma invenção exclusivamente europeia. De acordo com Goody, as bases do capitalismo já estavam disseminadas em muitas outras partes do mundo, especialmente na China e na Índia, onde havia complexos sistemas de produção de seda e algodão.

Por isso, Goody afirma que a forte presença asiática nos mercados mundiais não é um fenômeno atual. Basta lembrar, por exemplo, que a China foi a maior potência exportadora do século XVIII.

Tudo isso nos leva a uma série de questões: O que é, então, a mundialização? Será que ela se refere, de fato, a um processo que diz respeito a todo o mundo, incluindo em sua periodização as muitas histórias que entrelaçam a humanidade? Ou será que ela se refere à disseminação de determinadas práticas e valores, relativas a determinados países, em momentos específicos da história?

As diversas histórias do capitalismo global

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Abrimos esta unidade perguntando de onde veio o calçado que você está usando agora. Já descobriu? Mesmo que tenha encontrado uma resposta na etiqueta, após [illegible] você deve desconfiar que a resposta não é tão simples assim.

Num contexto fortemente mundializado, em que objetos, pessoas e informações circulam sem cessar, a pergunta inicial se desdobra em muitas outras: De onde vieram as matérias-primas que deram origem ao tênis? Onde ele foi projetado? Onde ele foi montado? Para onde vai a maior parte do lucro que ele gera? Quantas mãos, técnicas e saberes foram necessários para que ele chegasse até você?

Ao longo desta unidade vimos que a expansão do capitalismo significou a disseminação de novas formas de produzir, viver e pensar. Mas vimos também que, apesar de estar profundamente relacionado à história europeia, o desenvolvimento do capitalismo não pode ser visto como um processo único e linear. Ele é tão plural quanto as muitas histórias que cabem nele.

Nesse sentido, em vez de se perguntar de onde veio o seu calçado, você talvez possa se questionar: Quantas histórias cabem no meu tênis?

#Ficaadica

12 anos de escravidão, de Steve McQueen (134 min). O filme é uma adaptação da autobiografia de Solomon Northup, um negro livre estadunidense que, em 1841, foi sequestrado e escravizado.

O fantasma do rei Leopoldo, de Adam Hochschild (Companhia das Letras). História de Leopoldo II, rei dos belgas, que tornou a região do Congo seu feudo pessoal, deixando um legado de enorme exploração.

Prática de pesquisa

De onde vêm as mercadorias que consumimos?

Nesta prática de pesquisa, você vai, em grupo, investigar a proveniência de alguns objetos a sua volta e elaborar um infográfico. Por meio de um sistema de trabalho que prioriza a divisão de responsabilidades, será possível se aprofundar na coleta, análise e crítica de informações acerca dos produtos escolhidos. Dessa forma, você e os colegas poderão estabelecer uma dinâmica de grupo focal, ou seja, um grupo de trabalho em que cada um, desempenhando diferentes papéis, colabora para o aprofundamento da pesquisa. No final, vocês produzirão um infográfico para apresentar suas conclusões.

- Organização: em grupos de quatro estudantes.
- Duração sugerida: 4 a 5 aulas.
- Material: computador com acesso à internet; livros, jornais e revistas; caderno; caneta e lápis.

Juntem-se e organizem-se!

Reúna-se com três colegas para iniciar o projeto. Primeiro, escolham, juntos, três objetos que façam parte do dia a dia do grupo e se enquadrem nas seguintes categorias: produto de gênero alimentício (chocolates, balas ou vegetais), um eletroeletrônico (celulares, televisores ou geladeiras) e uma peça de vestuário (óculos, tênis ou camisetas).

Em seguida, leiam o quadro com a divisão de funções que será adotada pelo grupo para desenvolver o projeto.

Motivador	Acompanha todo o processo e mantém o grupo dentro da proposta do projeto.
Mediador	Ajuda membros do grupo com diferentes responsabilidades a se comunicar.
Desenvolvedor	É o responsável por criar perguntas que impulsionarão as investigações do projeto.
Revisor	É o responsável pela análise criteriosa de toda a informação gerada e coletada pelo grupo, inclusive perguntas, pesquisa e texto de conclusão.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dividam-se nessas funções, lembrando que todos serão responsáveis por criar e pesquisar informações para a elaboração do infográfico.

Investiguem!

O desenvolvedor deve propor as perguntas com o objetivo de:

- levantar as características dos objetos;
- definir a procedência geográfica e cultural dos materiais que compõem o objeto;
- estabelecer como ele é produzido;
- refletir sobre as características da mão de obra utilizada na produção dele.

Pesquisem em livros, artigos científicos, internet ou mesmo no manual e nas etiquetas dos produtos para responder às perguntas da forma mais completa possível.

Reflitam e compartilhem!

Reúnam as informações coletadas para análise. De onde vem o produto? Quantos trabalhadores, em média, participam de sua produção? Esse objeto passou por muitos lugares antes de chegar até você? Redijam um texto com as conclusões.

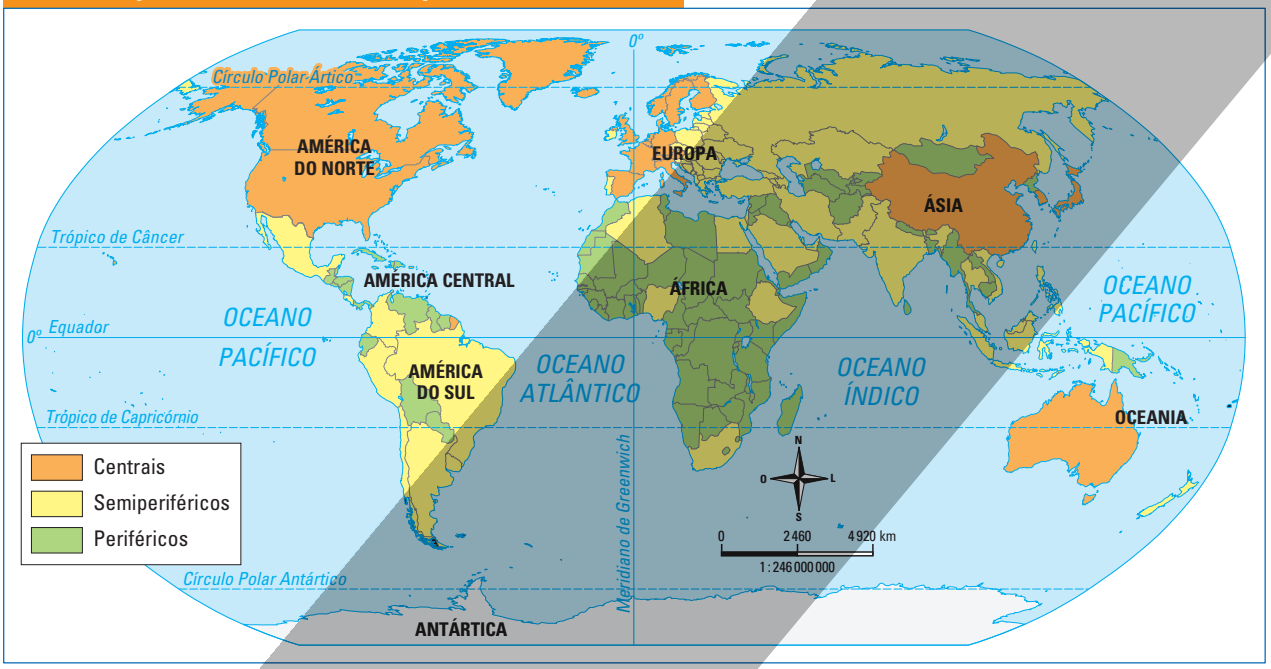
Apresentem à turma e discutam com os colegas novas possibilidades de hábitos de consumo.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Observe o mapa abaixo. Procure imaginar qual foi o critério utilizado na classificação dos países em centrais, semiperiféricos e periféricos.

Centro e periferia no mundo a partir do ano 2000



Alessandro Passos da Costa

Fontes: CHASE-DUNN, Christopher; KAWANO, Yukio; BREWER, Benjamin. Trade Globalization Since 1795: Waves of Integration in the World-System. *American Sociological Review*, Washington, v. 65, n. 1, p. 77-95. fev. 2000; IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 32.

a) Compare a divisão acima com aquela vigente durante o Período Colonial. O que mudou entre uma e outra?

b) Qual é o continente com maior número de países considerados periféricos? Desenvolva hipóteses que expliquem sua resposta.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2. Quais foram os principais fatores que levaram Portugal a se tornar uma das maiores potências mundiais no contexto da Expansão Marítima do século XV?

3. Leia o poema a seguir e responda às questões.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. Mar português. *In:* PESSOA, Fernando. *Mensagem*. [Brasília, DF]: Portal Domínio Público, [20--?]. p. 11. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf. Acesso em: 30 jun. 2020.

a) Pesquise o que é o Bojador. Explique qual é o sentido de sua menção no contexto descrito no poema?

b) De acordo com o poema, qual é a relação entre Portugal e o mar?

c) Em sua opinião, o poema expressa uma visão positiva das Grandes Navegações? Explique com um texto argumentativo.

4. Leia o texto a seguir e faça o que se pede.

> Em 1498, o português Vasco da Gama consegue chegar a Calicute, nas Índias, contornando o Cabo da Boa Esperança. Em seguida, as frotas portuguesas procuraram estabelecer um maior controle do oceano Índico. À medida que as rotas de navegação se consolidam, Portugal centraliza o comércio das especiarias alterando o papel a ser desempenhado pelas cidades de Gênova e Veneza.
>
> THEODORO, J. *Descobrimentos e Renascimento*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 20.

a) A partir de informações presentes no texto, mencione duas razões que explicam o pioneirismo português nas navegações durante os séculos XV e XVI.

b) Estabeleça uma relação entre práticas mercantilistas e a expansão comercial e marítima.

5. O Haiti foi o primeiro país das Américas a abolir a escravidão. De que maneira esse fato está relacionado à Revolução Francesa?

6. Identifique um exemplo de processo de mundialização apresentado neste percurso.

7. De que maneira as grandes potências europeias buscavam justificar seu domínio sobre territórios da Ásia e da África durante o século XIX?

8. Explique o conceito de "saberes descentralizados", destacando sua importância na construção de narrativas históricas sobre diferentes partes do mundo.

9. Analise a tirinha a seguir.

Um mundo de cabeça para baixo?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

© Joaquín Salvador Lavado (QUINO)
TODA MAFALDA/Fotoarena

a) A que visão cartográfica Mafalda se refere quando afirma que o mapa está ao contrário?

b) A que ela se refere quando diz que "alguma coisa acabou de acabar"?

c) Podemos dizer que os argumentos da personagem Liberdade estão alinhados com a perspectiva descolonial? Explique.

d) Em sua opinião, faria alguma diferença caso o mapa-múndi fosse usado de cabeça para baixo? Justifique sua resposta.

10. A partir do que você estudou neste percurso, a história da expansão europeia se conecta com outras histórias? Explique sua resposta.

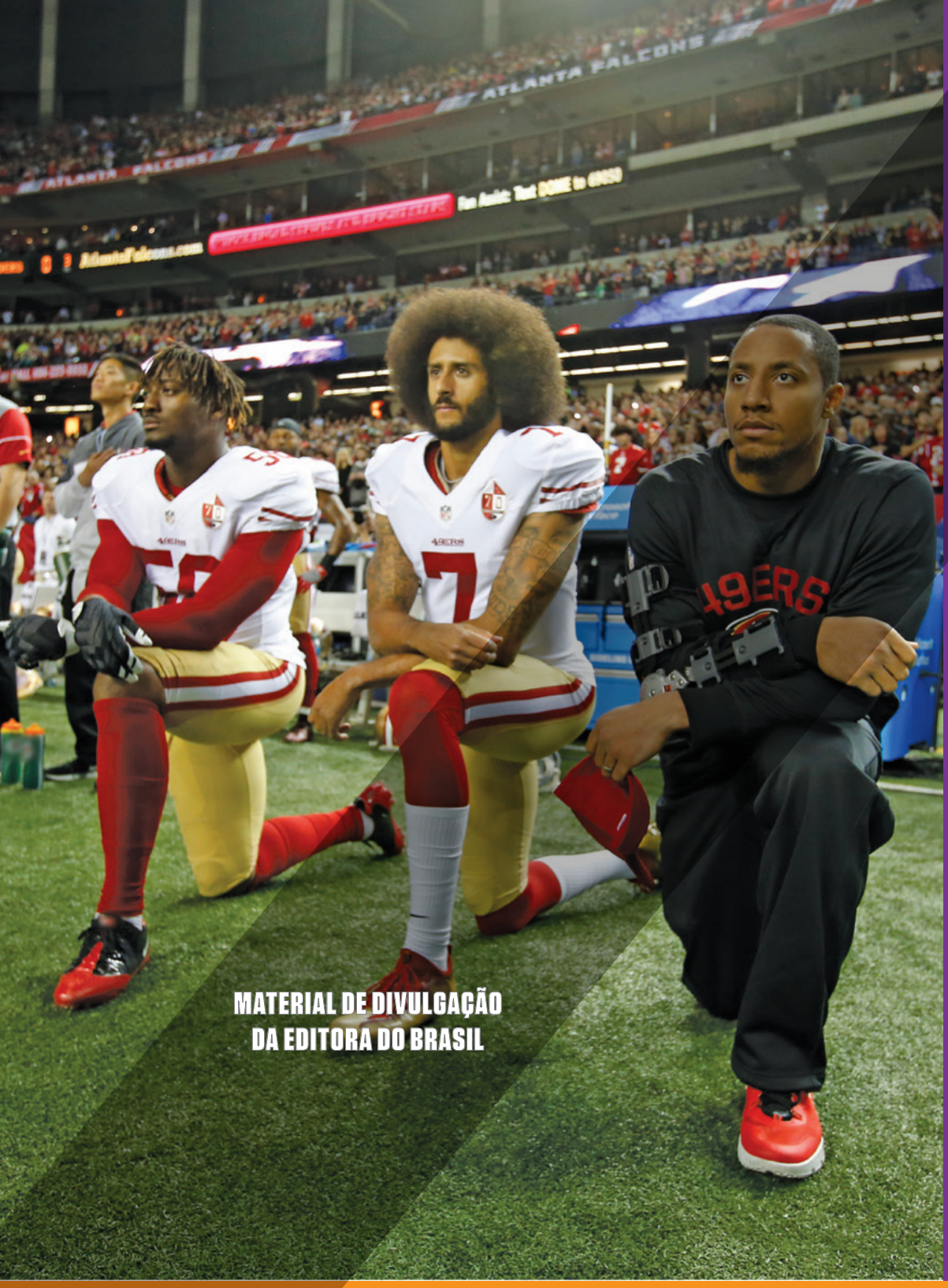
UNIDADE 2

Scott Heavey/Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. O que estas duas fotografias têm em comum?
2. Você conhece outros exemplos da relação entre esporte e manifestação política? Quais?
3. Você torce pela seleção do seu país? Por quê?

Jogadores da seleção da França durante a execução do hino nacional francês na partida da França × Espanha, nas eliminatórias para a Copa do Mundo de Futebol de 2014. Paris, França, 2013.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Michael Zagaris/San Francisco 49ers/Getty Images

Jogadores durante a execução do hino nacional estadunidense em uma partida de futebol americano da NFL – National Football League (Liga Nacional de Futebol). Atlanta, Estados Unidos, 2018.

A MEMÓRIA RESISTE À DOMINAÇÃO?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 1, 3, 4, 7 e 9, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 2, 5 e 6 e as habilidades EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS503, EM13CHS601, EM13CHS603, EM13CHS605.

Expandindo as fronteiras: dominação em nome do progresso

As imagens que você analisou são dois exemplos de episódios relativamente recentes no esporte internacional. Na seleção francesa de futebol, formada por uma equipe de muitos refugiados, imigrantes ou descendentes deles, o jogador Karim Benzema, de ascendência argelina, se negou a cantar o hino nacional da França, alegando que ele "apela à guerra". O jogador estava se referindo à seguinte passagem:

> Às armas cidadãos!
> Formai vossos batalhões!
> Marchemos, marchemos!
> Nossa terra do sangue impuro se saciará!

A MARSELHA. *Embaixada da França no Brasil*, [Brasília, DF], 13 jan. 2017. Disponível em: https://br.ambafrance.org/A-Marselhesa. Acesso em: 20 maio 2020.

O jogador de futebol americano Colin Kaepernick, em gesto que inspirou outros colegas à época, se ajoelhou durante o hino nacional estadunidense em sinal de luto e repúdio. Quando perguntado sobre seu gesto, afirmou:

> Eu não vou me levantar e mostrar orgulho por uma bandeira de um país que oprime negros. Para mim, isso é maior do que o futebol americano e seria egoísta de minha parte ver isso de outra forma. Há corpos nas ruas e pessoas escapando de um homicídio.

ESTRELA da NFL protesta em hino dos EUA: "Eu não vou me orgulhar de um país que oprime negros". *ESPN*, São Paulo, 27 ago. 2016. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/626033_estrela-da-nfl-protesta-em-hino-dos-eua-nao-vou-me-orgulhar-de-um-pais-que-oprime-negros. Acesso em: 8 maio 2020.

O que as mortes e os protestos de negros estadunidenses e o protesto de um descendente de argelino que vive na França têm em comum?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Esses exemplos (um aconteceu na Europa e outro nos Estados Unidos) resgatam tensões sociais, cada um ao seu modo. A escolha de manifestar sua posição política no momento do hino nacional não é coincidência. Hinos são símbolos nacionais; quando entoados, costumam unir os cidadãos e evocar um certo patriotismo que não ocorre no dia a dia. Muitas das críticas que ambos os atletas receberam vieram de setores nacionalistas, que viam a ação como um desrespeito à pátria.

No entanto, para além dessas semelhanças, o que as mortes e os protestos de negros estadunidenses e o protesto de um descendente de argelino que vive na França têm em comum? Para compreendermos as tensões sociais e raciais presentes nesses gestos, precisamos voltar alguns séculos e analisar parte do processo histórico que está atrás dessas duas cenas.

Durante muitos séculos, sobretudo a partir do XVI, diversas nações europeias expandiram seus territórios em empreendimentos coloniais. América, Ásia, Oceania e África foram, cada continente a seu modo, territórios disputados por potências europeias em diferentes contextos. O acúmulo das experiências vividas por esses povos gerou consequências que até hoje podem ser percebidas.

Esta é a proposta da unidade: partindo desses dois exemplos, mas longe de nos restringirmos a esses dois países, vamos analisar o processo histórico de formação de territórios e nacionalidades na América, África, Ásia e Oceania. Veremos que esses processos têm heranças que perduram até os dias atuais. Jogadores que se negam a cantar o hino nacional de um país é apenas uma delas.

Na onda dos protestos antirracistas que ocuparam as ruas de várias cidades dos Estados Unidos e da Europa em junho de 2020, uma estátua foi arrancada pelos manifestantes e jogada ao rio na cidade de Bristol, na Inglaterra.

A estátua era de Edward Colston (1637-1721), um funcionário da Royal African Company que enviou centenas de milhares de africanos escravizados para a América do Norte e o Caribe.

Símbolos ligados ao colonialismo estão presentes em grande parte das cidades do mundo e têm suscitado uma série de debates sobre a pertinência de manter tais homenagens em pleno século XXI.

Se por um lado esses símbolos estão associados à escravização e morte de milhares de pessoas, por outro são parte da história, e destruir essa memória pode contribuir para apagar um passado que precisa ser lembrado, inclusive, para que não se cometam os mesmos erros no futuro.

Giulia Spadafora/NurPhoto/Getty Images

Manifestantes transportando a estátua de Edward Colston, comerciante de escravizados do século XVII que teve um papel importante para o desenvolvimento da cidade de Bristol, até o Rio Avon. Bristol, Reino Unido, 2020.

1. Você é a favor da preservação de monumentos e estátuas que homenageiam pessoas responsáveis pela escravização de outras no Período Colonial? Justifique seu ponto de vista.

Banksy propõe nova versão de estátua de comerciante de escravos derrubada na Inglaterra

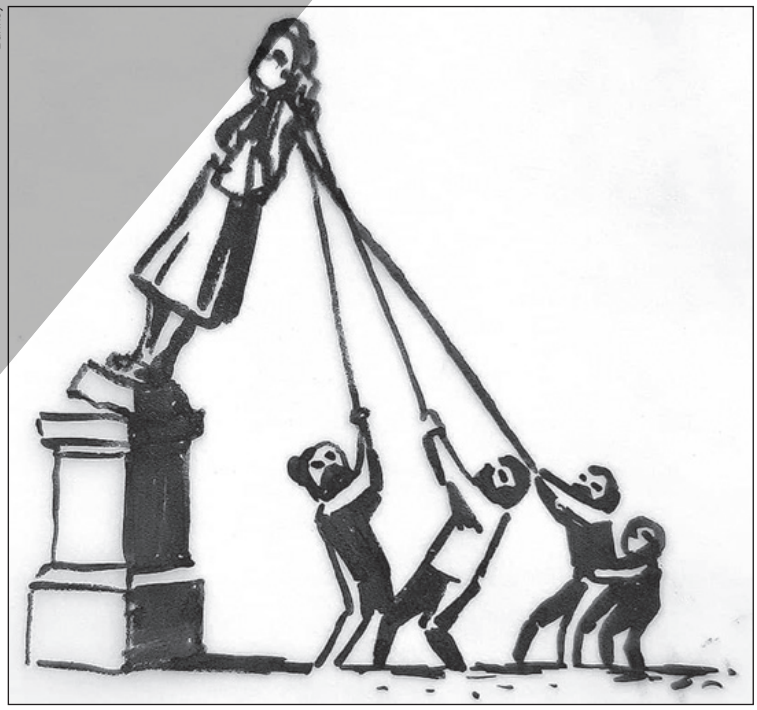
Artista sugere que estátua seja reposta no local, mas com cabos amarrados em seu pescoço [...]

[...]

"Eis uma ideia que serve tanto àqueles que sentem falta da estátua de Colston quanto àqueles que não sentem", [...]. "Nós o erguemos da água, colocamos de volta no pedestal, amarramos cabos ao redor de seu pescoço e encomendamos estátuas de bronze de tamanho real de manifestantes puxando-o para baixo. Todos felizes. Um dia faremos relembrado".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Banksy



BANKSY propõe nova versão de estátua de comerciante de escravos derrubada na Inglaterra. *G1*, Rio de Janeiro, 10 jun. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/06/10/banksy-propoe-nova-versao-de-estatua-de-comerciante-de-escravos-derrubada-na-inglaterra.ghtml. Acesso em: 29 jun. 2020.

1. Qual foi a proposta do artista Banksy para "repor" a estátua de Colston na cidade de Bristol?
2. Se esse fato tivesse ocorrido na cidade onde você mora, qual seria sua posição em relação à reposição da estátua? Qual seria sua proposta?

PERCURSO

3 Dominação imperialista e seus impactos

A.F. Archive/Alamy/Fotoarena

Cena do filme *Pantera Negra* (2018).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A tecnológica Wakanda é o país fictício onde se desenvolve a trama de *Pantera Negra*, lançado em 2018 e ilustrado na imagem acima. Protagonizado por atores negros e com muitas referências culturais do continente africano, o filme retrata a articulação de uma comunidade em defesa dos recursos e interesses da nação, que se encontra isolada dos países vizinhos.

Embora seja uma obra de ficção, podemos compreender esse filme como um documento histórico. Para além do enredo, o filme se insere em uma discussão sobre a representatividade africana na grande mídia. Quantos filmes de heróis africanos você conhece?

A imagem que temos de um determinado povo é fruto de uma construção histórica. Africanos, asiáticos e tantos outros povos são pouco lembrados na história por suas próprias perspectivas culturais. Durante séculos, sobretudo entre o XV e o XX, a Europa expandiu sua área de influência por territórios da América, África, Ásia e Oceania. Um conjunto descabido de justificativas legitimaram, aos olhos da comunidade internacional, a incorporação forçada desses povos na rota do capitalismo, como veremos durante este percurso. Essas justificativas, sempre associando os povos nativos à selvageria e ao exotismo, produziram **violências simbólicas** que permanecem até os dias atuais.

Violência simbólica: caracteriza-se pelos mecanismos sutis que emprega e por contar com a cumplicidade de quem sofre a violência e de quem a pratica, muitas vezes sem terem a real consciência disso no processo.

O auge da ocupação europeia ocorreu entre meados do século XIX até praticamente a Segunda Guerra Mundial, no fenômeno denominado de **imperialismo**, que é o foco deste percurso.

Análise

A revolução de *Pantera Negra*

"É um momento de mudança", diz o protagonista, Chadwick Boseman. "É o renascimento do cinema negro, mas ainda não é o suficiente."

[...] Quando Boseman conseguiu o papel do Pantera Negra, uma das primeiras coisas que fez foi pedir ao pai que fizesse um exame de DNA. Queria saber mais sobre suas raízes. "AfricanAncestry.com", diz. "Esse site é bem específico quanto ao grupo étnico de onde você vem, não apenas de qual país" (para constar: iorubá da Nigéria, limba e mende de Serra Leoa e jola de Guiné-Bissau). Ele conta que também rastreou sua linhagem americana o máximo que pôde. "Para ir mais longe", afirma com um sorriso irônico, "eu teria de buscar registros de propriedade".

Ele se inspirou em várias influências da vida real para fazer T'Challa: o chefe tribal Shaka Zulu e o líder político Patrice Lumumba, discursos de Nelson Mandela e músicas de Fela Kuti. Leu sobre guerreiros massais e conversou com um babalaô iorubá. Para suas cenas de luta, treinou artes marciais africanas – boxe dambe, luta com bastões zulus e capoeira angolana. Além disso, fez duas viagens à África do Sul para pesquisar. Em uma delas, um músico de rua da Cidade do Cabo lhe deu um nome xhosa: Mxolisi, ou "Pacificador".

Para ele, o mais importante foi o sotaque. No filme, o povo de Wakanda fala essencialmente xhosa, uma das línguas oficiais da África do Sul, e, quando fala inglês, é com sotaque xhosa. "Senti que de maneira nenhuma conseguiria fazer o filme sem sotaque, mas precisei convencer [o estúdio] de que era algo do qual não poderíamos ter medo. Meu argumento foi treinarmos os ouvidos do público nos primeiros cinco minutos – colocando legendas, dando o que precisassem – e acredito que se acostumarão do mesmo jeito que se acostumam com um sotaque irlandês ou britânico. Vemos o tempo todo filmes em que isso acontece", acrescenta. "Por que, de repente, é 'não conseguimos acompanhar' quando se trata de sotaque africano?"

[...]

EELLS, Josh. A revolução de *Pantera Negra*: a criação do filme de super-heróis mais radical de todos os tempos. *Rolling Stone*, São Paulo, 9 abr. 2018. Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-139/revolucao-pantera-negra-filme-super-heroi-radical-todos-tempos/. Acesso em: 29 jun. 2020.

1. Qual foi a estratégia do ator Chadwick Boseman ao se preparar para o papel do Pantera Negra?
2. Com base em elementos do texto, explique: Qual é a diferença entre etnia e nacionalidade na África?
3. Qual era o medo dos produtores do filme em relação ao sotaque xhosa no inglês falado pelos atores? Qual foi o argumento para convencer a produção a manter a maior parte do filme sem legenda?
4. O que você conhece de suas raízes? O que você sabe sobre a nacionalidade ou etnia de seus antepassados? Reconhece alguma herança africana em você e na sua família?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O texto acima suscita uma série de temas complexos que permeiam os continentes africano e americano. O que leva o estadunidense a buscar suas origens nas etnias africanas? Por que as nacionalidades africanas não foram suficientes para a busca do ator? Qual é o significado histórico de vermos um filme estadunidense que traz a África ressignificada às telas de cinema de todo o mundo? Por que situações como essa ainda são tão incomuns?

Qual é o significado histórico de vermos um filme estadunidense que traz a África ressignificada às telas de cinema de todo o mundo?

A valorização da africanidade, seja no Brasil, seja nos EUA, é um ato político e de resgate histórico. Há menos de dois séculos, as sociedades africanas e muitos outros povos não ocidentais foram alvo de um processo violento, que deixou marcas vívidas até hoje, inclusive na autoestima de seus descendentes. Esse processo decorreu do imperialismo.

Nas próximas páginas, vamos estudar os desdobramentos do imperialismo na África, na Ásia e na Oceania, buscando compreender os mecanismos de expansão territorial das potências europeias, as formas de controle de novas colônias e os impactos que perduram até os dias atuais.

O imperialismo

As grandes transformações proporcionadas pela Segunda Revolução Industrial tiveram um forte impacto também na reorganização dos territórios e das relações entre os países em escala mundial.

O fim do século XIX e início do século XX foi marcado por um novo momento na expansão colonial europeia. Repleto de invasões e conquistas, esse período se distingue por ocorrer associado à Revolução Industrial e após as transformações da grande revolução atlântica, que abalou as bases políticas e econômicas do Antigo Regime.

Grande parte de três continentes sentiram diretamente o impacto da ascensão dos novos impérios coloniais: os territórios banhados pelo Oceano Pacífico, as terras da Oceania até a China, no continente asiático, e a África, onde apenas a Etiópia e a Libéria mantiveram autonomia em relação às potências metropolitanas.

O século XIX e as transformações do capitalismo

O século XIX foi marcado por importantes mudanças tecnológicas e políticas, sobretudo na Europa. O capitalismo europeu entrou em uma fase de consolidação do sistema industrial, aumentando o grau de automação da produção e acelerando o desenvolvimento de novos combustíveis para movimentar as máquinas. O surgimento de grandes oligopólios industriais, a busca pela expansão de mercado e a consolidação da formação dos Estados Nacionais são algumas das mudanças mais marcantes do período.

As grandes transformações tecnológicas pelas quais a Europa passou, sobretudo na segunda metade do século XIX, foram responsáveis pela reorganização das relações de trabalho e de produção, determinando o que se chama de Segunda Revolução Industrial. Dentre suas características estão a substituição da energia a vapor por energia elétrica e pela utilização dos derivados do petróleo; o avanço das locomotivas; e o uso do aço como matéria-prima para produção de diversos bens.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ensuper/Shutterstock.com

arslaan/Shutterstock.com

EvilWata/Shutterstock.com

Bateria recarregável, telefone e lâmpada elétrica são algumas das várias invenções que marcaram o século XIX, pois tiveram forte impacto na organização social daquele tempo e também das gerações que se sucederam.

GLOSSÁRIO

Efusão: no sentido figurado, a expressão significa entusiasmo, fervor.

Em um momento de **efusão** científica, embora pesquisadores tivessem desenvolvendo projetos muito parecidos simultaneamente, aquele que patenteava primeiro as descobertas ficava reconhecido na história como o inventor do produto.

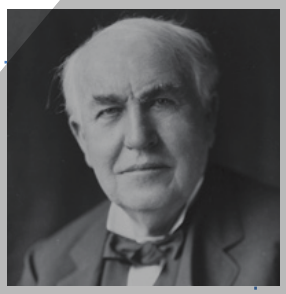
Atribui-se a criação do telefone ao cientista inglês Graham Bell, no ano de 1876. Já o cientista estadunidense Thomas Edison é considerado o inventor da lâmpada incandescente, criada em 1879. As baterias recarregáveis à base de chumbo e ácido foram desenvolvidas pelo francês Gaston Planté em 1859.

Vozes

Thomas Edison foi o criador da lâmpada de luz elétrica.

Em 21 de outubro de 1879, ele criou uma lâmpada composta de um filamento de algodão carbonizado dentro de um bulbo a vácuo que brilhou por 45 horas seguidas. A solução genial de Edison foi ter criado um conjunto de alimentação para poder vender as lâmpadas. Esse empreendimento foi revolucionário, pois transformou completamente os ambientes, possibilitando um aumento sem precedentes na produção industrial.

Com isso, ele inventou um sistema de energia que move o mundo até os dias atuais.



Biblioteca do Congresso, Washington

Thomas Alva Edison, c. 1922.

A participação dos **Estados Nacionais** europeus – alguns recém-fundados, como é o caso da Itália em 1870 e da Alemanha em 1871 – na busca por matéria-prima e na conquista de mercado consumidor fez com que as fronteiras nacionais deixassem de ser um limite à expansão, e o crescimento econômico passou a caminhar de mãos dadas com a expansão territorial, fato que reorganizou o mapa-múndi político, gerando conflitos entre colonizadores e colonizados e disputas entre as próprias potências europeias por novos territórios.

Os **Estados Nacionais** surgiram na Europa Moderna de antigos territórios fragmentados que se unificaram com base na ideia de uma nacionalidade única. Delimitação das fronteiras, surgimento dos símbolos nacionais e organização político-administrativa do território redefiniram o continente europeu, sobretudo após a Revolução Francesa; nos séculos seguintes, essa forma de organização política e territorial se espalhou pelo mundo, guardando peculiaridades locais.

Observando esses acontecimentos, o teórico político russo Vladimir Lênin desenvolveu em seu livro *Imperialismo: fase superior do capitalismo*, escrito em 1917, o conceito de imperialismo para caracterizar esse conjunto de mudanças políticas, geográficas e culturais.

As justificativas para o avanço imperialista

O período imperialista foi justificado por uma série de teorias racistas que colocavam os europeus e estadunidenses em posição de superioridade cultural em relação aos asiáticos e africanos. Um conjunto de ideias baseadas em teorias científicas da época autorizava a dominação europeia sobre estes continentes, partindo do princípio de que se tratava de uma missão civilizatória, abrindo caminho para o avanço e o controle dos territórios colonizados. Desconsiderava, assim, os milênios de ocupação humana do continente, onde se desenvolveram complexas [illegible] civilização, como veremos mais adiante.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Um poema chamado "Fardo do homem branco", escrito pelo poeta britânico Rudyard Kipling, acabou se tornando um dos símbolos da mentalidade europeia no período. O fardo, neste caso, refere-se à missão, ainda que custosa e difícil, que o homem branco tinha em relação aos povos locais dos continentes que estavam sendo explorados.

Leia a seguir uma reflexão do filósofo Leandro Karnal a respeito deste tema.

> [...]
>
> O sentimento de superioridade de brancos marcou o século 19 de diversas formas. Foi o auge da escravidão de negros africanos, aprisionados e explorados de forma industrial. No mundo contemporâneo, o mesmo discurso produziu a eugenia, o higienismo, o holocausto. Milhões morreram para que essa superioridade se afirmasse. A civilização e a barbárie clássicas foram redefinidas com extrema violência, sempre, claro, com as mais cristalinas e piedosas intenções. Afinal, em decorrência perversa nunca enunciada por Darwin, era uma mostra de que a espécie mais forte se imporia à mais fraca.
>
> [...]
>
> O falecido antropólogo britânico [Jack Goody] narra como os europeus criaram sua própria versão da História do mundo e deles mesmos, o eurocentrismo. Eles seriam a mola propulsora do mundo, com seus valores como democracia, liberdade, igualdade de direitos, cristianismo, universidades, individualismo e a idealização do amor romântico. Goody demonstra como essas invenções são, na realidade, apropriações de valores

orientais. Claro, tentando desentortar o prumo europocêntrico, o autor decide que tudo veio de fora da Europa. Isso não é verdade, porém já é o momento de descobrirmos um mundo fora das narrativas europeias do século 19, já que nem mesmo o Velho Mundo acredita mais na sua superioridade mundial. É preciso ter esperança.

KARNAL, Leandro. O fardo do homem branco e o roubo da História. *Jornal Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 17 jul. 2019. Disponível em: https://www.jornalcruzeiro.com.br/opiniao/artigos/o-fardo-do-homem-branco-e-o-roubo-da-historia/. Acesso em: 3 jul. 2020.

Análise

Etnocentrismo e imperialismo na mídia

Observe a imagem ao lado com atenção. Trata-se da reprodução da capa de uma revista estadunidense chamada *Puck*, publicada em 1898. Em seguida, faça o que se pede.

1. Descreva detalhadamente esta imagem: Quem são as pessoas retratadas? Como elas se vestem? Como estão dispostas na gravura? O que está acontecendo na cena?
2. Em sua opinião, essa imagem pode revelar uma noção de superioridade de uma cultura sobre a outra? Justifique.
3. Você já ouviu discursos que colocam uma cultura em um lugar de inferioridade ou superioridade em relação a outra? Descreva sua experiência.

Biblioteca do Congresso, Washington

Capa da revista estadunidense *Puck*, de 1898, onde se lê: "A trança tem que sair" (tradução nossa). A gravura representa a ideologia por trás do discurso imperialista.

Biblioteca Wellcome, Londres

Higiene e racismo

Durante a expansão imperial europeia, a missão de levar a civilização aos "selvagens" africanos e asiáticos passou, inclusive, pela ideia de hábitos de higiene.

Observe a imagem ao lado. Trata-se de uma propaganda de um famoso sabonete inglês chamado Pears' Soap. O conceito de higiene foi um importante argumento utilizado para justificar a pretendida superioridade europeia em relação aos africanos.

Nesse documento, podemos observar que um menino branco oferece o sabonete a um menino preto que, após o banho, tem sua pele "descolorida".

A associação da negritude a hábitos selvagens e não civilizados criou preconceitos que perduram até os dias atuais. As propagandas de sabonete constituem um bom exemplo de como a violência durante o imperialismo era não apenas física mas também simbólica.

Anúncio do sabonete Pears' Soap, onde se lê: "Inigualável para a pele". Reino Unido, década de 1890.

Análise

A melanina

[...]

Na África, o branqueamento de pele não é novidade. Os especialistas médicos alertam há anos sobre os riscos que essa prática pode ter para a saúde.

Os ativistas da consciência negra estão indignados com essa herança nefasta e lavagem cerebral, fruto de séculos de escravidão e colonização. Sua voz é cada vez mais ouvida no restante do mundo, mas não tanto no continente africano, enquanto o fenômeno não para de crescer.

"O uso de produtos para clarear a pele é crescente, particularmente entre adolescentes e jovens", explica Lester Davids, professor de Biologia Humana na Universidade de Pretória, na África do Sul.

"A antiga geração utilizava cremes, a nova utiliza pílulas e injeções", conta. Ele faz um alerta e diz que "não se sabe as consequências que esses produtos, ainda mais concentrados, terão a longo prazo".

Cristina Aldehuela/AFP

Estabelecimento vende produtos para clareamento de pele na cidade de Acra, capital de Gana, 2018.

[...]

Os recentes movimentos de "consciência negra" tentam mudar essas ideias preconcebidas. A hashtag #Melaninpoppin ("A melanina é tendência") celebra a pele negra nas redes sociais; o filme Pantera Negra, com um elenco exclusivamente negro, com um vestuário inspirado nos trajes tradicionais e os cabelos afronaturais, mudou consciências; e a visão eurocentrada dos cânones de beleza está em retrocesso. [...]

USO de produtos para clarear a pele cresce na África e especialistas alertam para riscos da prática. *G1*, Rio de Janeiro, 14 ago. 2018. Disponível em: https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/08/14/uso-de-produtos-para-clarear-a-pele-cresce-na-africa-e-especialistas-alertam-para-riscos-da-pratica.ghtml. Acesso em: 29 jun. 2020.

1. Qual é o assunto dessa notícia? Ela se refere a qual acontecimento?
2. Segundo ativistas mencionados no texto, o uso de cosméticos para branquear a pele é "herança nefasta e lavagem cerebral, fruto de séculos de escravidão e colonização". Com base no que você estudou neste percurso, você concorda com essa afirmação? Justifique.
3. No Brasil temos um grande número de pretos e pardos. Como você percebe o padrão de beleza por aqui? Há um ap[illegible]que aos homens? Como você se sente em relação a isso?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Racismo científico e o debate acadêmico

As ciências naturais e humanas passaram a ser usadas, com provas científicas, como instrumento ideológico para justificar a dominação dos ocidentais sobre os demais povos. Por meio de medições do crânio, o racismo científico classificava os humanos em uma controversa evolução do "simples" ao "complexo", opondo **povos autóctones** aos ocidentais europeus e apontando para uma superioridade de um grupo diante do outro.

O conceito de evolução biológica, bastante estudado pelo naturalista Charles Darwin (1809-1882), foi utilizado de forma distorcida por muitos cientistas durante o imperialismo. Atualmente o conceito de evolução nas Ciências Sociais está muito mais ligado às mudanças pelas quais as sociedades passam no decorrer do tempo do que necessariamente à ideia de progresso e superioridade.

O racismo científico também teve eco no Brasil. No final do século XIX, enquanto o movimento abolicionista crescia no país, cientistas e médicos desenvolviam estudos que tinham o objetivo de comprovar a inferioridade dos negros em relação aos brancos, ecoando as ideias que ganhavam terreno na Europa.

GLOSSÁRIO

Povo autóctone: povo nativo/originário de determinado território.

O médico e antropólogo Nina Rodrigues (1862-1906) chegou a afirmar que a mistura entre negros e brancos no Brasil levava a "degenerescência". Levadas a cabo pelo Estado brasileiro, esse conjunto de ideias promoveu práticas de eugenia, como a política de branqueamento. O então diretor do Museu Nacional, João Batista Lacerda, chegou a escrever em 1911 que, dali a um século, o Brasil iria se tornar um país branco por conta do aumento da imigração europeia. Segundo ele, o elemento branco da população, dentro de algumas décadas, sufocaria os elementos negros.

Análise

A redenção de Cam

De 1895, a tela pintada pelo espanhol Modesto Brocos foi utilizada para ilustrar os argumentos de João Batista Lacerda em seu folheto "Sobre os mestiços", apresentado no Congresso Universal das Raças em Londres, em 1911. Nela, vemos a representação de diferentes gerações de uma família que foi embranquecendo: da senhora negra à esquerda ao bebê – que ocupa o centro da imagem, segurando uma laranja –, observamos os traços negros abandonando as gerações. Conforme descreveu João Batista Lacerda: "O negro passando a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças".

1. As teses racistas defensoras do embranquecimento da população brasileira não têm mais o respaldo da comunidade científica, mas a experiência brasileira de séculos de escravidão, aliada ao conjunto de ideias que historicamente inferiorizou os negros, ainda tem heranças na sociedade atual. Como você percebe isso em seu dia a dia?

Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro

Modesto Brocos. *A redenção de Cam*, 1895. Óleo sobre tela, 199 cm × 166 cm.

As produções de teorias científicas, entretanto, não são uníssonas. No interior do campo científico, é comum disputas que colocam em debate diferentes visões sobre os fenômenos estudados. Muitas vezes, teorias consideradas hegemônicas no campo científico são contrapostas por estudos que apontam para outra direção. Durante o domínio das teorias do "racismo científico" no campo acadêmico, por exemplo, alguns cientistas levantaram-se contra esse discurso e apresentaram os resultados de seus estudos em congressos e artigos. Minoritárias [illegible] ideias são praticamente consensuais no campo científico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Vozes

Juliano Moreira (1873-1933), nascido em Salvador, era filho de uma descendente de mulher escravizada com um português. Desde cedo desenvolveu o gosto pelos estudos e com apenas 13 anos ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia. Foi um dos precursores da psicanálise brasileira, divulgando as ideias até então desconhecidas do psicanalista Sigmund Freud.

Juliano não aceitava a tese de que negros eram intelectualmente inferiores aos brancos. Em 1903, tornou-se diretor do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, quando decidiu retirar as grades das janelas e proibir o uso de camisa de força, além de propor o tratamento humanizado aos pacientes. Entre 1925 e 1926, recebeu Albert Einstein durante sua visita ao Brasil. Em viagem ao Japão, em 1928, recebeu a Ordem do Tesouro Sagrado do imperador Hiroito.

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Juliano Moreira, c. 1920.

Suas pesquisas combatiam parte do discurso hegemônico dos cientistas brasileiros da época, que justificavam, aparentemente de forma científica, o racismo e a superioridade de uma raça sobre a outra. Moreira se contrapôs às ideias de Nina Rodrigues (professor da Faculdade de Medicina da Bahia), que afirmava que a ocorrência de doenças mentais no Brasil era fruto da mestiçagem de brancos e negros.

O imperialismo na África

A ocupação humana do continente africano

A ocupação humana do continente africano data de muitos milênios. Ele é o berço das espécies de hominídeos que precederam a espécie humana, bem como do próprio *Homo sapiens*.

Mais recentemente (últimos 10 mil anos de ocupação), diversas civilizações floresceram em território africano. O Egito Antigo, por exemplo, chegou a ter milhões de habitantes ainda no século XIII a.C. O Império do Mali, outra importante civilização que prosperou no continente, abrangeu uma área de 1,2 milhão de km² no auge de sua expansão. O imperador Mansa Mussa, que comandou esse império no século XIV, organizou uma caravana à cidade de Meca que reuniu milhares de pessoas.

O Egito Antigo, por exemplo, chegou a ter milhões de habitantes ainda no século XIII a.C.

Pictures From History/akg-images/Album/Fotoarena

dpa Picture-Alliance via AFP

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mansa Mali (imagem à esquerda) foi o décimo imperador do Império do Mali, assumindo o trono em 1312. O fóssil Lucy (imagem à direita), australopiteco datado de 3,2 milhões de anos, é considerado o registro mais antigo de um ancestral humano. Esse fóssil foi encontrado na região da atual Etiópia. Ambas as imagens, apesar de muito distantes historicamente, são registros da antiga e diversa ocupação humana do continente africano.

Embora haja registros de trocas comerciais e culturais entre africanos e europeus há muitos séculos, a partir do século XV essa relação ficou mais intensa. Na expansão marítima europeia, protagonizada, inicialmente, por Portugal e Espanha, a busca por novas rotas até as Índias passaria a incluir a África no mapa-múndi. Na Expansão Marítima portuguesa, as rotas das viagens visavam contornar o continente africano saindo da Europa e pressupunham atravessar o temido Cabo das Tormentas, rebatizado de Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias, navegador que o atravessou em 1488. Tal feito e as viagens seguintes possibilitaram o mapeamento mais detalhado do território.

Análise

A África na cartografia colonial

Biblioteca da Universidade Northwestern, Evanston

Mapa *Africae nova descripti*, elaborado pelo cartógrafo Willem Blaeu em 1635, 41 cm × 55 cm.

Analise o mapa observando os detalhes, a distribuição dos elementos e as mensagens que são exibidas explícita ou implicitamente.

1. Descreva como esse mapa está organizado mencionando o território representado, os elementos que o compõem e como eles estão distribuídos.
2. Em sua opinião, qual foi a importância dos mapas durante o processo de ocupação? E hoje em dia, os mapas continuam tendo importância estratégica?
3. Utilizando elementos do próprio mapa, por que é possível dizer que, naquela época, o interior do continente africano era menos conhecido do que o litoral? Justifique.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Produzido em 1635, o mapa de Willem Blaeu é considerado um dos primeiros mapas da história a representar elementos precisos do contorno do continente africano. Observe que, na parte superior, estão ilustrados alguns centros comerciais africanos que há tempos se relacionavam com a Europa. Nas laterais, há diversos grupos humanos representados de forma estereotipada, acompanhando latitudinalmente o continente: os povos mais ao norte se vestem como árabes, os povos ao sul são representados com a cor de pele mais negra, por exemplo.

Além disso, ele tem componentes fantasiosos. No oceano, são representadas diversas criaturas fantásticas e exóticas, como peixes voadores, baleias e serpentes marinhas. No interior do continente, há exemplos de animais das savanas e outros mamíferos de grande porte, como se não houvesse humanos na região. Tal perspectiva do continente permaneceu na mentalidade europeia durante séculos, sendo muito presente, como vimos, nos discursos imperialistas do século XIX.

Vale ressaltar que, durante o **Período Colonial**, um conjunto de justificativas também garantia a conquista de territórios africanos e americanos pelos colonizadores.

Diferentemente dos argumentos usados durante o imperialismo, o **Período Colonial** ancorou-se em justificativas religiosas. Por exemplo, a passagem bíblica chamada de maldição de Cam, narrada no Antigo Testamento, foi utilizada durante muito tempo para justificar a escravização de negros africanos. Essa passagem foi revisitada na obra *A rendição de Cam*, analisada anteriormente.

Durante os séculos XVI, XVII e XVIII, a presença europeia na África se restringiu, de fato, à ocupação da costa. Os europeus construíram feitorias e entrepostos comerciais principalmente para abastecer os navios coloniais, fornecendo pessoas escravizadas e matérias-primas.

Como já estudamos neste percurso, foi no final do século XIX que as potências europeias passaram a expandir seus domínios coloniais em busca de maior mercado consumidor e de fontes de matéria-prima. A África foi um dos primeiros territórios a serem disputados pelos europeus nesse período, seja por sua proximidade com o continente europeu, seja pelas riquezas naturais do continente.

As antigas colônias americanas, que eram territórios das potências europeias desde o século XVI, estavam consolidando os respectivos processos de independência. O Brasil, por exemplo, fez isso em 1822; o Chile, em 1818; e a Colômbia, em 1819. Por isso, na nova fase do capitalismo que se instalava, outros territórios passariam a ser alvo dos avanços das potências da época.

Estreito de Gibraltar

Embora a África e a Europa sejam continentes muito diferentes, eles são vizinhos e separados por um braço de mar chamado Estreito de Gibraltar. A distância entre eles é de apenas 23 quilômetros. Ao norte do estreito é território espanhol e, ao sul, é marroquino. O estreito, que possibilita trocas entre os dois continentes, é atualmente extremamente vigiado para controlar a entrada de imigrantes e refugiados em território europeu.

Google Earth, 2020

A imagem de satélite mostra o Estreito de Gibraltar, entre o continente europeu e o africano. Fotografia de 2020.

Expedições geográficas pela África durante o imperialismo

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

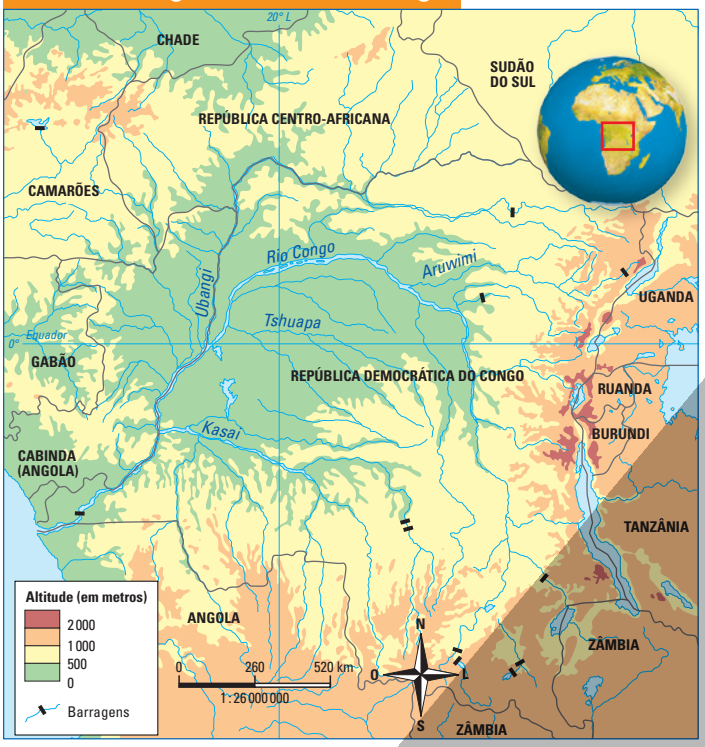
A partir do século XIX, sobretudo na sua segunda metade, foram organizadas diversas edições de incursão pela África, cujo interior era ainda pouco conhecido das potências europeias. Ao mapear rios e relevo, contatando povos e prospectando minérios (principalmente cobre, ferro e carvão), as expedições foram redesenhando a organização territorial do continente africano. Consequentemente, a presença europeia tornou-se cada vez mais comum no controle de rotas e territórios, tanto que conferências entre os países precisaram ser realizadas a fim de organizar a disputa por terras. Apesar de ter havido resistência local, em pouco tempo o continente africano foi em larga medida reorganizado em colônias europeias.

Em 1872, o rei da Bélgica, Leopoldo II, organizou a Conferência Geográfica de Bruxelas. Sobrepondo, muitas vezes, os interesses econômicos pessoais aos interesses políticos do Estado belga, Leopoldo II enviou expedições para explorar o Rio Congo com o objetivo de desbravar o interior do continente.

Museu Real da África Central, Tervuren

Entre 1898 e 1900, Charles Lemaire liderou uma expedição para Katanga, no interior do Congo. Na fotografia acima, podemos observá-lo com seus instrumentos para medições geográficas.

Bacia hidrográfica do Rio Congo



Alessandro Passos da Costa

Fonte: CONGO basin. *In*: *Encyclopædia Britannica*. [Chicago], 19 dez. 2019. Disponível em: https://www.britannica.com/place/Congo-Basin. Acesso em: 29 jun. 2020.

A Bacia Hidrográfica do Congo é a segunda maior do mundo, atrás apenas da Bacia Amazônica. Grande parte dela é coberta por uma floresta equatorial com alta biodiversidade, e nos limites norte e sul da bacia já se observa a transição para as savanas. Mesmo na atualidade, o Rio Congo e seus afluentes são hidrovias fundamentais de acesso ao interior em decorrência da precária infraestrutura ferroviária e rodoviária. O alto potencial hidrelétrico da Bacia do Congo é decorrente do grande volume de água e desníveis topográficos. Entre os complexos hidrelétricos destaca-se Inga, cujo objetivo é fornecer energia para empreendimentos de mineração, inclusive na África do Sul.

Na área da bacia hidrográfica, somente na República Democrática do Congo são mais de 80 milhões de habitantes de diversas etnias. Muitas delas dependem dos recursos dos rios (pesca) e da agricultura de subsistência. O desflorestamento provocado pela exploração de madeira nobre e a mineração indiscriminada estão entre os problemas socioambientais mais graves da bacia congolesa. Além da Bacia do Congo, o continente africano tem outras vastas bacias hidrográficas, como a do Rio Níger e a do Nilo.

Análise

Caça violenta pelo marfim

O principal objetivo do rei [Leopoldo II] era acumular uma fortuna tão grande quanto possível para si próprio. O marfim foi, inicialmente seu foco principal. De estações fluviais, os agentes da companhia vasculhavam o país, enviando grupos de caçadores [illegible] carregadores, adquirindo presas em troca de miçangas ou barras de latão, ou simplesmente confiscando-as. Os habitantes locais eram proibidos de vender ou entregar marfim para qualquer outra pessoa; nem eram autorizados a receber dinheiro como pagamento. Os agentes, no entanto, eram pagos por comissão; quanto mais marfim recolhiam, mais ganhavam. Seus métodos de obtenção do marfim e o recrutamento de carregadores, portanto, tornaram-se cada vez mais cruéis. O símbolo do reinado de Leopoldo tornou-se o chicote – feito de couro cru de hipopótamo seco ao sol e cortado em tiras longas com arestas finas, usado para açoitar as vítimas, às vezes até a morte.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Bridgeman Images/Easypix Brasil

Caça ao marfim, 1900. A imagem mostra uma grande quantidade de marfim extraído no Congo durante a ocupação belga.

MEREDITH, Martin. *O destino da África*: cinco mil anos de riquezas e desafios. Tradução: Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 453.

1. Explique como a composição da fotografia (planos em que estão retratados os elementos da fotografia; posição dos elementos na cena; vestimenta dos retratados) confirma a relação mencionada no texto entre colonizadores e colonizados no Congo.
2. Utilizando elementos da fotografia e do texto acima, explique os objetivos belgas na ocupação do Congo e as consequências ambientais decorrentes dessa ocupação.

A partilha do continente africano

Outras potências europeias logo reagiram à tentativa de controle do território centro-africano pelos belgas e buscaram, a seu modo, conquistar territórios e criar **protetorados** no continente, acirrando a disputa pelas terras e pelos recursos naturais da região.

O recém-fundado Estado alemão logo se prontificou a sediar uma importante conferência, reunindo as grandes potências europeias da época com o objetivo de organizar a ocupação e orquestrar uma ação conjunta de controle do território, apaziguando, assim, os conflitos entre essas potências.

GLOSSÁRIO

Protetorado: território que mantém parte de suas estruturas políticas, sociais e econômicas, mas que está subordinado a outro Estado, cujos representantes exercem, de fato, o governo.

A **Conferência de Berlim**, que ocorreu entre 1884 e 1885, consistiu em uma série de reuniões nas quais foram costurados acordos diplomáticos para a conquista do território africano. Ali ficaram acordadas as regras para a "livre navegação" fluvial pelo continente e também as que estabeleciam o modo pelo qual as potências deveriam reivindicar a posse de novos territórios.

Coleção particular/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A imagem ao lado é uma representação de uma das reuniões da Conferência de Berlim. Note que um mapa estava projetado ao fundo, e que, distantes da realidade local africana e sem a participação dos sujeitos desses territórios, os representantes de Estado europeus traçaram suas áreas de influência. Gravura de 1885.

Com pouca ou nenhuma presença dos povos locais, a Conferência de Berlim abriu caminho para que o vasto continente africano passasse a ser ocupado pelas potências europeias. Aos poucos, um novo mapa político do continente ia sendo redesenhado.

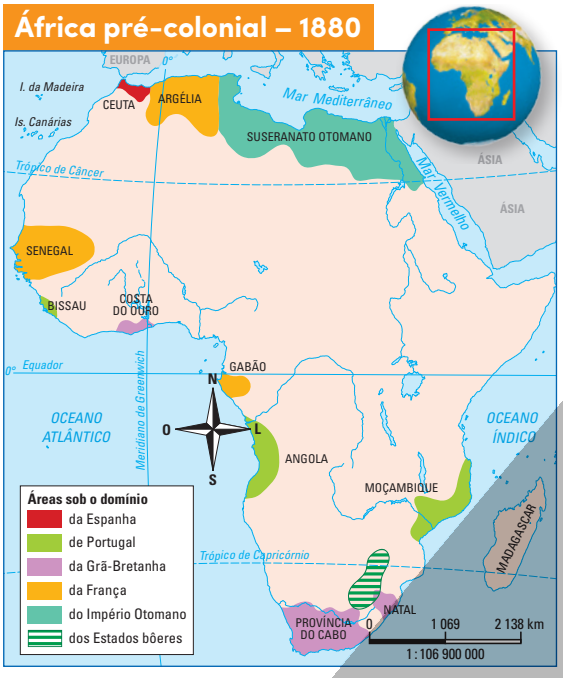
Novas formas de organização política foram impostas aos milhões de africanos nativos. Uma das estratégias imperialistas para a reorganização territorial era a fragmentação dos povos conquistados, fragilizando a coesão social deles e aumentando a instabilidade política da região.

Até então, a organização política dos povos locais era diversificada e bastante diferente da organização dos Estados Nacionais europeus. No entanto, grupos étnicos distintos foram agrupados em um mesmo território, juntamente com a implantação de um sistema político de controle europeu. As consequências dessa ocupação não foram poucas, como veremos adiante neste percurso.

Discutem-se bastante as razões pela "fácil" conquista europeia do continente. O fato é que houve inúmeras manifestações de resistência no decorrer de todos os períodos. Todavia, as décadas anteriores, em que missionários e exploradores foram ao interior do continente, garantiram um acúmulo de conhecimento que, aliado à superioridade militar europeia, foi decisivo na jornada colonial. Desde o início, também, os europeus usaram estratégias para a desagregar os povos locais, que se aliavam a diferentes potências na busca de garantir ainda alguma reserva de poder na região.

Como se observa nos mapas a seguir, até 1880 países europeus controlavam apenas alguns territórios costeiros do continente africano. Poucas décadas depois, praticamente a totalidade do continente estava dividido entre as potências europeias. Importante ressaltar que os territórios divididos e apropriados pelos europeus eram povoados por milhões de africanos, que pertenciam a diversos grupos étnicos.

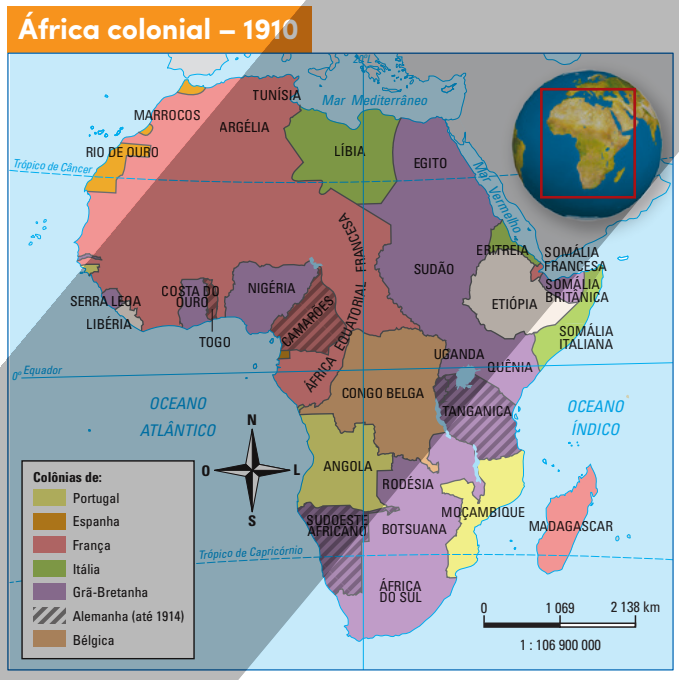
África pré-colonial – 1880



Alessandro Passos da Costa

Fonte: DUBY, Georges. *Grand Atlas Historique*. Paris: Larousse, 2011. p. 262.

África colonial – 1910



Alessandro Passos da Costa

Fonte: VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*: geral e Brasil. São Paulo: Scipione, 2011. p. 137.

Análise

O "Mapa Cor-de-Rosa" e o "Colosso de Rhodes"

Na esteira das disputas pelo controle do território africano, Portugal e Grã-Bretanha protagonizaram um embate à parte. A corrida pela ligação leste-oeste, pretendida por Portugal, chocou-se com a pretensiosa ideia da ligação norte-sul, planejada pelos britânicos.

Ainda na década de 1880, a Sociedade de Geografia de Lisboa propôs um mapa com a área de influência portuguesa na porção sul do continente, que se estendia do Atlântico ao Índico, ligando os territórios de Angola e Moçambique. O mapa apresentado por Portugal ficou popularmente conhecido como Mapa Cor-de-Rosa e se ancorava no que Portugal considerava "direito histórico", já que ocupava essas duas partes da costa africana desde o século XVI por causa do tráfico negreiro.

A proposta contrariava diretamente os interesses britânicos no continente, pois a Grã-Bretanha desejava construir uma ambiciosa estrada de ferro que ligasse o Cairo à

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

Carta da África Meridional portuguesa, 1886.

Cidade do Cabo (nunca concluída), cortando toda a extensão norte-sul do continente. Um dos personagens britânicos mais poderosos à época, que liderava o empreendimento da futura estrada de ferro, era o comerciante de diamantes Cecil Rhodes.

No auge da tensão entre as duas potências, em 1890, o governo português desistiu do projeto depois de a Grã-Bretanha dar um ultimato a Portugal.

Nessas imagens, observamos o Mapa Cor-de-Rosa, proposto pelo Estado português, e a capa da revista inglesa *Punch*, com a caricatura do colonizador Cecil Rhodes. Observe a postura do colonizador: ele se coloca sobre o continente africano, com um pé em cada extremidade latitudinal. Armado e segurando o chapéu, é possível observar em cada uma de suas mãos a extremidade dos fios dos telégrafos (uma das estratégias para concretizar a ligação norte-sul). A imagem faz referência a uma das chamadas Sete Maravilhas do Mundo Antigo, a escultura O Colosso de Rodes, uma representação de mais de 30 metros do deus do Sol grego, Hélios, construída na entrada do porto da Ilha de Rodes, na Grécia, após a vitória contra os macedônios no século IV a.C.

Biblioteca da Universidade de Cornell, Nova Iorque

Gravura de Cecil Rhodes publicada na revista *Punch*, em 10 de dezembro de 1892.

1. Utilizando elementos das duas imagens, demonstre como os interesses do Império Português e Britânico se chocavam no sul do continente africano.
2. Com base nos elementos das imagens e dos assuntos estudados neste percurso, como podemos observar a ausência dos povos locais na disputa territorial imperialista?

Observe o cartaz ao lado. Trata-se de uma propaganda do governo português, elaborada por Henrique Galvão, exibida na Exposição Colonial de 1934. Esse cartaz teve v[illegible] e inglês e foi amplamente divulgado na Europa. Sobre ele, responda às questões.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fototeca da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa

O cartaz demonstra as dimensões territoriais do império colonial português comparadas com as dos principais países da Europa.

1. Qual é a mensagem que o cartaz pretende passar?
2. Descreva detalhadamente o cartaz destacando os recursos verbais e visuais empregados para transmitir a mensagem.
3. Que informações o cartaz omite quando compara a "área estendida" de Portugal com a área contínua dos demais países europeus em pleno contexto de imperialismo?

A partilha da Ásia e da Oceania

Assim como no continente africano, a Ásia também foi inserida na rota colonial europeia a partir do século XV. Em 1498, Vasco da Gama chegou a Calicute, na Índia, e, nas décadas seguintes, ingleses, holandeses e portugueses seguiram construindo fortes e entrepostos comerciais pela costa do continente.

Biblioteca Britânica, Londres

Macau foi um entreposto português no atual território chinês, conquistado por volta de 1554. A cidade murada, como se vê no mapa, era um importante centro para o domínio português da região. Macau só passou a pertencer totalmente ao território chinês em 1999, após longas negociações diplomáticas.

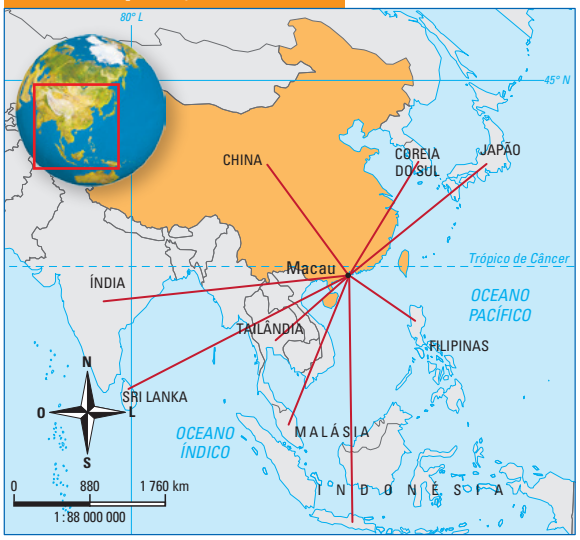
Já no século XIX, no contexto da expansão imperialista europeia, a Ásia voltou a ser palco de disputa. Diferentemente da África, o sistema político-administrativo asiático estava em grande parte baseado na formação de Estados Nacionais bastante organizados. Isso impactou na forma de partilha do continente. A China, por exemplo, embora seu território não tenha sido retalhado entre os europeus, foi regionalizada em áreas de influência (econômica e política) dessas potências.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A Oceania e a região do Sudoeste Asiático, sobretudo onde se localizam atualmente os territórios da Índia, Paquistão e Bangladesh, foram fortemente ocupadas pelos britânicos nesse período. A Coroa britânica controlava diretamente alguns territórios mas também usava bastante a estratégia da criação de **estados principescos**. Grande parte da produção agrícola desse continente era destinada a alimentar o mercado europeu, sobretudo a indústria têxtil.

A influência europeia na Ásia e na Oceania também gerou uma série de desdobramentos e tensões territoriais em curso até hoje.

Macau: posição na Ásia



Mário Yoshida

Fontes: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 47; VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*: geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2011. p. 155.

GLOSSÁRIO

Estados principescos: territórios governados por líderes locais, chamados marajás, a serviço da Coroa britânica.

Canal de Suez

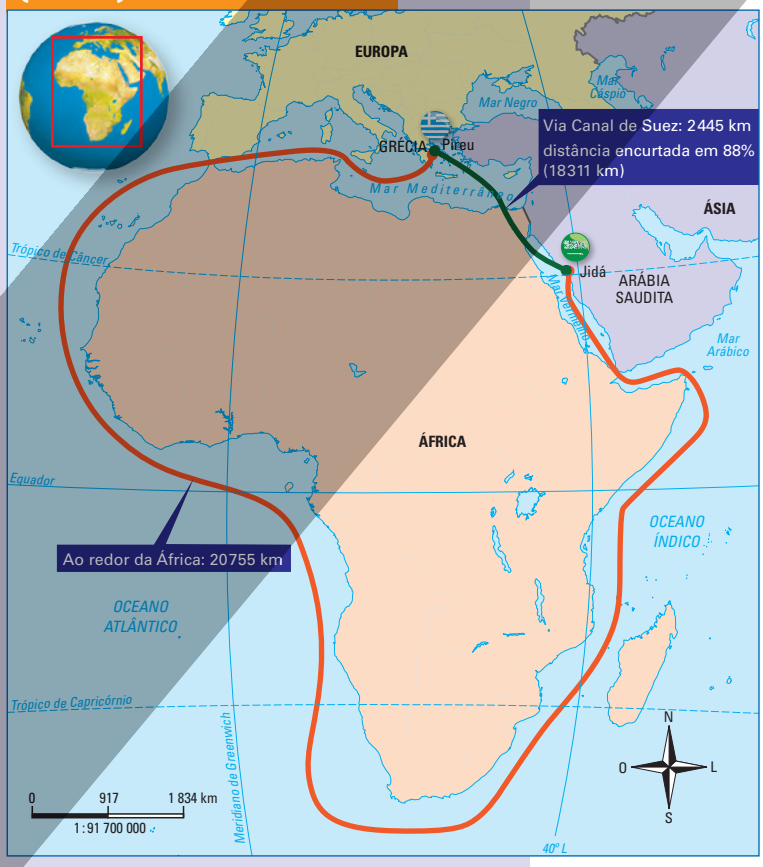
Em mais um capítulo da corrida imperialista europeia sobre a África e a Ásia, em 1869 uma ligação entre o Mar Vermelho e o Mar Mediterrâneo foi construída e financiada pelos franceses em território egípcio. Para encurtar o caminho marítimo entre a Ásia e a Europa, o canal criou uma passagem para os barcos, evitando a necessidade de contornar o continente africano inteiro.

No mapa ao lado, vemos que a viagem entre os portos de Jidá (Arábia Saudita) e Pireu (Grécia) tem sua distância encurtada em 88% se for realizada pelo Canal de Suez.

Os britânicos, que utilizavam em grande escala esse canal, tornaram-se os maiores acionistas do empreendimento e, em 1882, assumiram o seu controle e gerenciamento. O Egito só retomou o controle do canal em 1956, quando propôs sua nacionalização, o que gerou uma série de conflitos envolvendo diretamente Egito e Israel, no episódio que ficou conhecido como Guerra de Suez. Com os egípcios sendo apoiados pela União Soviética e os israelenses pela Grã-Bretanha e França, a guerra se estendeu por nove dias, até o cessar-fogo mediado pelas Nações Unidas.

Atualmente, o Egito mantém o controle do canal e milhares de navios, sobretudo petroleiros, circulam pelo local todos os dias.

Rota entre os portos de Jidá (Arábia Saudita) e Pireu (Grécia), via Canal de Suez



Tarcísio Garbellini

Fonte: SUEZ CANAL AUTHORITY. Routes & Time Saving. *In*: SUEZ CANAL AUTHORITY. Ismailia, [2019?]. Disponível em: https://www.suezcanal.gov.eg/En[illegible]s/RoutesAndTimeSaving.aspx. Acesso em: 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A China contra o imperialismo

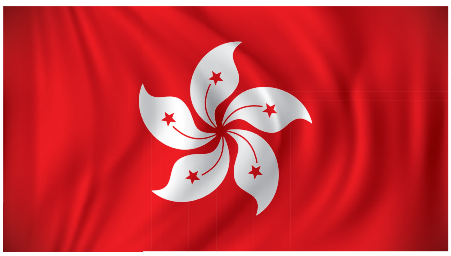
Durante o avanço imperialista na China, muitos conflitos eclodiram e demandaram engajamento de parcela significativa da população do país e de outras potências econômicas, que buscavam interferir nos diversos conflitos.

A Guerra do Ópio, duas séries de conflitos entre a Grã-Bretanha e a China, gerou impactos significativos na organização atual do território chinês.

Na incessante busca por aumentar sua influência econômica no território asiático, a Grã-Bretanha estimulava o comércio de **ópio**, sobretudo na Índia e na China. Na década de 1830, com o intuito de conter o avanço do consumo da substância pelos chineses, o imperador Daoguang determinou o confisco nos portos e a destruição de todo o estoque de ópio armazenado no país. Diante disso, a Grã-Bretanha organizou uma reação à atitude chinesa, enviando navios para tomarem os portos e forçarem a entrada do produto, obrigando a China a assinar o Tratado de Nanquim, em 1842. Nesse tratado, o país foi obrigado a abrir cinco portos para o controle inglês e entregar a ilha de Hong Kong para o domínio britânico.

GLOSSÁRIO

Ópio: conjunto de substâncias obtidas da seiva da *Papaver somniferum*, popularmente conhecida como papoula-do-oriente. Muitas substâncias derivadas do ópio oferecem benefícios médicos quando manipuladas por especialistas. Mas há também um perigoso uso "recreativo" dessa droga, que gera uma série de complicações de saúde, além de dependência química.



ojal/Shutterstock.com

Bandeira da Região Administrativa Especial de Hong Kong, integrante da China.

Hong Kong seguiu sob controle da Inglaterra até 1997, quando foi reincorporada à China. A China adota um sistema político que permite relativa autonomia política e econômica a Hong Kong, o que explica o mote "um país, dois sistemas". A relativa autonomia de Hong Kong, por outro lado, tem data marcada para terminar, e o avanço chinês para maior controle do território tem gerado graves conflitos com a população local.

Recentemente o país tem vivido uma série de conflitos ligados à autonomia da região. O governo central chinês busca aumentar sua influência no território de Hong Kong, caminhando a passos largos para sua incorporação total ao Estado chinês. Parte da população local, por outro lado, tem resistido a esse processo organizando manifestações e protestos reivindicando maior autonomia.

Análise

Crise em Hong Kong

Hong Kong vira peça de Guerra Fria 2.0 entre EUA e China

Após seis meses de convulsão política, território entra em disputa comercial

A entrada tardia em cena dos Estados Unidos na crise que abala Hong Kong há seis meses confirmou a vocação da antiga colônia britânica de ser uma linha de fratura entre Ocidente e Oriente. Pior para os desígnios daqueles que buscam manter a autonomia da região, onde moram 7,4 milhões de pessoas.

"Aqui sempre foi um centro de revolucionários estrangeiros. Agora é nossa vez, mesmo que tenhamos de sacrificar Hong Kong. Se for nosso destino queimar, que eles queimem junto com a gente", sentencia Eddie Chu, repetindo um dos bordões pró-democracia sobre "eles", os chineses.

Os protestos, ao fim, buscam manter o *status* capitalista e liberal da região, algo combinado entre chineses e britânicos quando os últimos devolveram a possessão a Pequim em 1997. [...]

As manifestações começaram, como em 2003, por causa de uma proposta de lei que ameaçava ferir a chamada Lei Básica, que rege os 50 anos do arranjo de "um país, dois sistemas" preconizado pela China.

No caso deste ano, a lei previa mecanismos para facilitar a extradição de acusados de crimes na região para a Justiça do regime comunista. Ela acabou arquivada, mas os atos continuaram.

Diferentemente do senso comum, não é certo que os comunistas chineses querem de fato acabar com o capitalismo [illegible] financiamento de suas operações externas hoje é ancorado ali: 65% do investimento que entra e sai do país transita pelo centro financeiro, que concentra trilhões de dólares em ativos chineses. [...]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

"Às vezes acham que queremos ser independentes dos chineses. Não. Somos chineses, mas temos uma outra visão do que deve ser a China", arrisca Chu.

Durante o domínio britânico, defender os valores cantoneses, como a língua e a cultura, era o mote da resistência. A minoria responde por 92% da população da região.

Em 1997, enfim, houve a integração com a China continental, o que supostamente deveria acalmar os ânimos. Mas não, agora a rebeldia é contra Pequim, bastião da maioria étnica han e, principalmente, do Partido Comunista.

"Antes queríamos ser chineses, agora queremos ser honcongueses", afirmou o gerente de hotel Lee, que pediu para ter o nome preservado. [...]

GIELOW, Igor. Hong Kong vira peça de Guerra Fria 2.0 entre EUA e China. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 1 dez. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/12/hong-kong-vira-peca-de-guerra-fria-20-entre-eua-e-china.shtml. Acesso em: 29 jun. 2020.

1. Qual foi a causa mais recente que reanimou os protestos em Hong Kong contra a intervenção chinesa?
2. Como o imperialismo britânico na China impactou sentimentos nacionalistas no passado e quais os ecos disso no presente? Utilize elementos do texto para justificar sua resposta.
3. Em sua opinião, qual é o interesse dos EUA nesse conflito?

A ocupação imperialista na Oceania

A Oceania também foi alvo do avanço imperialista. Austrália, Nova Zelândia e grande parte das ilhas do Pacífico foram ocupadas sobretudo pela Grã-Bretanha, França e Estados Unidos a partir do século XIX. Muitos foram os conflitos com os povos locais. Os maoris, que habitavam a Nova Zelândia, enfrentaram tropas britânicas por anos e foram subjugados. Grande parte dos territórios maoris (Nova Zelândia) e aborígines (Austrália) foi tomada pelos colonizadores britânicos.

Na atualidade, os maoris estão mais integrados ao conjunto da sociedade neozelandesa, mas zelam por suas características culturais. Já os aborígenes sofrem mais com a discriminação racial na Austrália. A colonização de povoamento foi um dos fatores que levou à transformação da Austrália e Nova Zelândia em países desenvolvidos a partir do século XX. Graças aos últimos movimentos reivindicatórios democráticos, alguns territórios outrora perdidos foram restituídos aos povos autóctones.

Biblioteca Nacional da Nova Zelândia, Wellington

A imagem ao lado representa o encontro entre James Cook, famoso explorador inglês, com os maoris na Nova Zelândia, em 1769. Litogravura. 10,6 cm × 7,3 cm.

Análise

All Blacks e a dança étnica Maori

Texto 1

Conheça o significado do "haka", a dança tribal maori que virou símbolo dos All Blacks

[...] Essa dança bélica de origem maori faz parte agora da cultura pop, e os responsáveis por sua popularidade são os All Blacks. A equipe de rúgbi neozelandesa há mais de 100 anos [illegible] começo de suas partidas, e a transformou em sua marca registrada. Haka é o nome genérico pelo qual é conhecida toda a dança dos maoris, uma etnia procedente da Polinésia. Os All Blacks (e muitas outras equipes neozelandesas) a utilizam em suas partidas para mostrar sua força e unidade. A seleção é considerada um exemplo de integração racial e cultural, que contribui à unidade de neozelandeses de diferentes origens, simbolizado no haka. [...]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

The Yomiuri Shimbun/AFP

Time de rúgbi All Blacks, da Nova Zelândia, faz a tradicional dança maori haka antes do jogo. Tóquio, Japão, 2019.

A primeira vez que foi realizada antes de uma partida de rúgbi foi no século XIX, e longe da Nova Zelândia. Foi feita por uma equipe formada por jogadores de origem maori em excursão pelo Reino Unido, em 1888. Essa equipe, germe dos All Blacks, foi pioneira tanto em utilizar o haka antes da partida como em utilizar o clássico uniforme negro. [...]

Graças à difusão feita pelos All Blacks, o haka se transformou em um fenômeno global, protagonista de muitos vídeos virais. [...]

CANTÓ, Pablo. Conheça o significado do "haka", a dança tribal maori que virou símbolo dos All Blacks. *El país*, São Paulo, 20 out. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/19/cultura/1508405168_363160.html. Acesso em: 29 jun. 2020.

Texto 2

Uso comercial do haka causa revolta entre povo maori

Coleção particular/The Bridgeman Art Library/Easypix Brasil

Homens da tribo maori durante dança de guerra haka. Fotografia de c. 1900.

Publicidade para vender cerveja japonesa, para promover uma inauguração de um *shopping* ou de uma loja de artigos esportivos na Inglaterra... No clima festivo da Copa do Mundo de Rúgbi, o haka aparece de tudo quanto é jeito.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Parte essencial da cultura e da identidade dos maori, a dança tradicional é vista na mídia como um *show* pitoresco, sem que as pessoas conheçam suas as raízes, lamenta o ministro do Desenvolvimento da Nova Zelândia, Te Uruora.

"As pessoas não entendem do que se trata, é uma pena", concorda Kahu Ropata, conselheiro cultural da tribo maori Ngati Toa, criadora do haka Kama Te, o mais usado pelos All Blacks antes das partidas.

"O haka não foi criado para gerar lucro. Deveria ser tratado com mais respeito", critica.

"Usamos o haka para nos expressar em diversas ocasiões, como, por exemplo, para acolher as pessoas, se despedir dos mortos, celebrar vitórias ou mostrar o nosso orgulho", descreve o conselheiro cultural.

USO comercial do Haka causa revolta entre povo maori. *Exame*, São Paulo, 16 out 2015. Disponível em: https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/uso-comercial-do-haka-causa-revolta-entre-povo-maori/. Acesso em: 29 jun. 2020.

1. Os textos apresentam pontos de vista diferentes sobre o mesmo fenômeno cultural. Qual é o fenômeno retratado e no que diferem os pontos de vista?
2. Com qual dos dois pontos de vista você tende a concordar? Justifique.
3. O rúgbi é um esporte britânico que foi introduzido na Nova Zelândia em meados do século XIX. Com base nessa informação e levando em conta a relação entre Europa e Oceania nesse contexto, como você compreende o significado simbólico da apresentação do haka em 1888 no Reino Unido?

Processo de descolonização e o surgimento dos Estados Nacionais

O avanço imperialista, como vimos até agora, se estendeu por décadas sobre os territórios africano e asiático. Guardando suas peculiaridades locais, podemos dizer que grande parte desses dois continentes se viu emaranhada nas diversas formas de dominação e controle europeu: por vezes mais diretas, assumindo a própria administração estatal; por vezes indiretas, criando dependência política e financeira. Como vimos, também, várias manifestações de resistência eclodiram durante todo o processo. As populações de várias regiões submetidas à hegemonia europeia demonstraram formas de resistência diversas contra o controle de seus territórios.

Durante as primeiras décadas do século XX, entretanto, a maior parte das potências imperialistas se envolveram nas duas grandes guerras mundiais. Enfraquecidas economicamente e pressionadas pelos povos locais, que estavam cada vez mais organizados, o controle imperialista que mantinham começou a dar lugar a emancipações e processos de independência, muitos deles perdurando por anos e impulsionando guerras e conflitos locais.

De modo geral, a descolonização se caracterizou por longos processos de independência, que se intensificaram após a Segunda Guerra Mundial e se estendem até os dias atuais. Naquele contexto, com a Europa enfraquecida economicamente, o aumento de movimentos democráticos contrários à ocupação nos próprios países europeus e a crescente resistência nas colônias, foram geradas as condições para que se iniciassem os diversos processos de independência.

Externamente a luta era contra os colonizadores, mas internamente muitos países africanos e asiáticos iniciaram conflitos civis que deixaram marcas profundas.

A criação da ONU e, sobretudo, a elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada na Assembleia Geral de 1948, impulsionou, e continua impulsionando, processos de independência e processos separatistas em diversos continentes. A Carta das Nações Unidas, assinada em 1945, defende o **direito à autodeterminação dos povos**, isto é, a garantia de que povos possam ter autonomia na gestão de seu território e que possam, de forma democrática, lutar pelo direito de soberania e independência.

Carta das Nações Unidas (1945)

Capítulo I – Propósitos e princípios

Artigo 1, Parágrafo 2

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Desenvolver relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Carta das Nações Unidas*. [Rio de Janeiro]: UNIC Rio, c2019. Disponível em: https://nacoesunidas.org/carta/cap1/. Acesso em: 29 jun. 2020.

Como vimos, foi longo o processo de retomada de controle territorial por parte das populações que haviam sido submetidas à dominação europeia durante o imperialismo. Todavia, os séculos de exploração e rearranjos territoriais geraram disputas que perduram ainda hoje nos recém-fundados países africanos e asiáticos. Motivadas por questões culturais, políticas ou econômicas, as disputas internas (muitas das quais acirradas pelos próprios colonizadores) se constituem hoje em um dos maiores desafios para esses continentes.

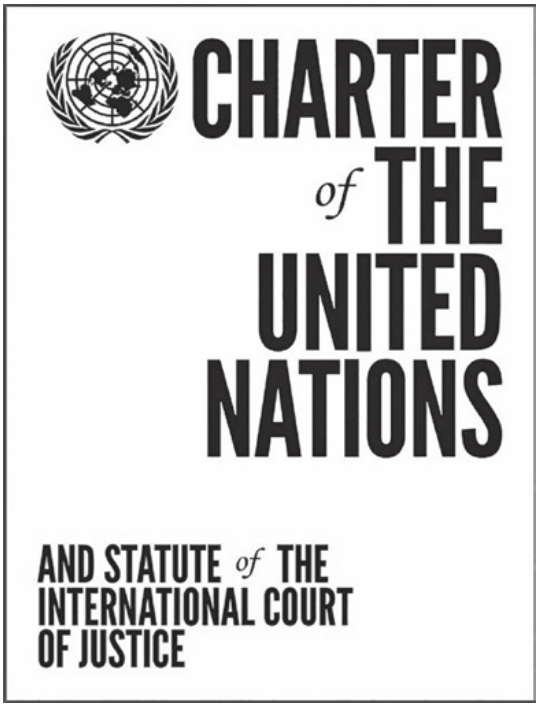


Imagem da capa da Carta das Nações Unidas, documento assinado em 1945. ONU

Por que a tensão no Sudão do Sul é comparada ao clima pré-genocídio de Ruanda

[...]

Por duas décadas, o Exército Popular de Libertação do Sudão lutou uma guerra civil buscando a independência da parte sul do país. Com o apoio da comunidade internacional, em 2011 o país organizou um referendo sobre o tema, com uma vitória arrasadora dos que pediam a separação. Foi criado, então, o Sudão do Sul, que ainda hoje é o Estado soberano mais jovem do mundo.

Roberto Schmidt/AFP

Sudaneses do sul comemoram a independência, em 2011.

Em 2016 o país completou cinco anos, sendo que mais da metade deles foram vividos sob conflito armado. As tensões começaram em 2013, quando disputas políticas com um plano de fundo étnico ganharam espaço. Ao longo dos anos, essas divisões culturais escalaram de modo a ser tornar o motivo central da briga.

Hoje o país vive uma guerra que, para especialistas em reunião do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, se assemelha à situação vivida em Ruanda no início da década de 1990, momentos antes da explosão dos massacres classificados posteriormente como genocídio – a ONU estima que houve cerca de 1 milhão de mortes e entre 150 mil e 250 mil mulheres estupradas.

[...] As etnias Dinka (maioria no país) e Nuer dividiram o poder desde a independência do país, em 2011. O presidente Salva Kiir é Dinka, e o vice-presidente Riek Machar, Nuer.

[...]

IANDOLI, Rafael. Por que a tensão no Sudão do Sul é comparada ao clima pré-genocídio de Ruanda. *Nexo*, São Paulo, 19 dez. 2016. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/16/Por-que-a-tensão-no-Sudão-do-Sul-é-comparada-ao-clima-pré-genocídio-de-Ruanda. Acesso em: 29 jun. 2020.

Mas e o *Pantera Negra*?

Neste percurso iniciamos nossa conversa partindo de um filme que buscou em referências africanas elementos para a construção de uma história de super-heróis negros. Após ter estudado os séculos de ocupação ocidental no continente africano, você pode comprovar a importância histórica de um filme como este em pleno século XXI. Na nossa análise, o longa-metragem, [illegible] o produto audiovisual propriamente dito, é um documento histórico. [illegible] europeu para subestimar e inferiorizar as culturas não ocidentais, sobretudo durante o imperialismo, gerou heranças sentidas até hoje por essas populações, como estudamos neste percurso. Por isso, a (re)valorização da estética e da cultura não ocidental proposta pelo *Pantera Negra* ganha ainda mais sentido quando conhecemos esse passado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O filme, entretanto, foi produzido nos Estados Unidos, país do qual pouco falamos neste percurso, mas que teve papel importante durante o imperialismo na América. Sobre esse tema, convidamos vocês a ler o próximo percurso.

#Ficaadica

A matriz africana no mundo, obra organizada por Elisa Larkin Nascimento (Selo Negro). Primeiro livro da coleção Sankofa, que tem como objetivo trazer artigos de estudiosos da temática africana de diversas áreas do conhecimento. O artigo 6 desse livro, de autoria da própria Elisa, aborda as lutas africanas no mundo e nas Américas.

Mitologia dos orixás, de Reginaldo Prandi (Companhia das Letras). O autor apresenta diversos mitos iorubás ligados ao orixás do candomblé.

Pantera Negra, de Ryan Coogler (135 min). Filme de ficção sobre a luta do povo de Wakanda para defender seus recursos. Roteiro elaborado com base em referências culturais africanas.

Raça e História, de Claude Lévi-Strauss (Perspectiva). Importante obra do antropólogo francês escrita com o intuito de combater ideias evolucionistas que associavam determinadas culturas ao atraso.

Prática de pesquisa

Guerras de independência na Ásia e na África

Nesta prática de pesquisa, você investigará as particularidades de diferentes processos de independência na África e na Ásia no final do período imperialista e estabelecerá comparações entre eles. No final, você fará, com toda a turma, um *podcast* para divulgar as conclusões de vocês.

Organização: turma organizada em quatro grandes grupos.

Duração sugerida: quatro aulas.

Material: computador com acesso à internet; *headset* com microfone (para *podcast*); celular.

Juntem-se e selecionem!

Organizados em grupos, reúnam-se e pesquisem o contexto político, econômico e social que levou aos movimentos por independência. Procurem em *sites* de pesquisa e artigos informações para compreender o que estava acontecendo na África e na Ásia durante o século XX, bem como alguns dos acontecimentos anteriores e posteriores. Selecionem dois países, um em cada continente, para a pesquisa.

Aprofundem, comparem e analisem!

Para o estudo de caso, observem o roteiro a seguir.

1. Busquem em artigos, livros especializados ou na internet e se aprofundem na história desses dois países para compreender as decisões tomadas por eles e as respectivas visões de mundo em que essas decisões estavam baseadas:
   - geográficas,
   - históricas,
   - sociológicas e
   - filosóficas.
2. Em seguida, estabeleçam paralelos entre os casos: O que difere ou se assemelha nos processos históricos de cada um? Essa comparação é fundamental para que vocês entendam as especificidades de cada processo e seus desdobramentos.
3. Como estão esses países hoje? De que forma esses processos históricos influenciaram na situação atual? Discutam a questão e elaborem uma hipótese que considere a conjuntura dos países estudados e o curso dos acontecimentos desses países. Vocês podem checar alguns marcadores, como IDH e taxa de analfabetismo, além de se informar sobre conflitos internos e externos, cultura etc.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Compartilhem!

Para que os conhecimentos construídos por vocês sejam transmitidos a outras pessoas da comunidade, criem um *podcast* com o tema "África e Ásia: final do imperialismo".

> Um *podcast* é uma forma de comunicação, mais especificamente uma gravação, em que um ou mais especialistas falam sobre um assunto, trazendo informações, interpretações e ideias.

Com a ajuda do professor, criem um roteiro que guie os grupos nos temas que vocês consideram fundamentais para abordar o assunto.

Em seguida, promovam um debate gravado seguindo de forma espontânea os tópicos selecionados.

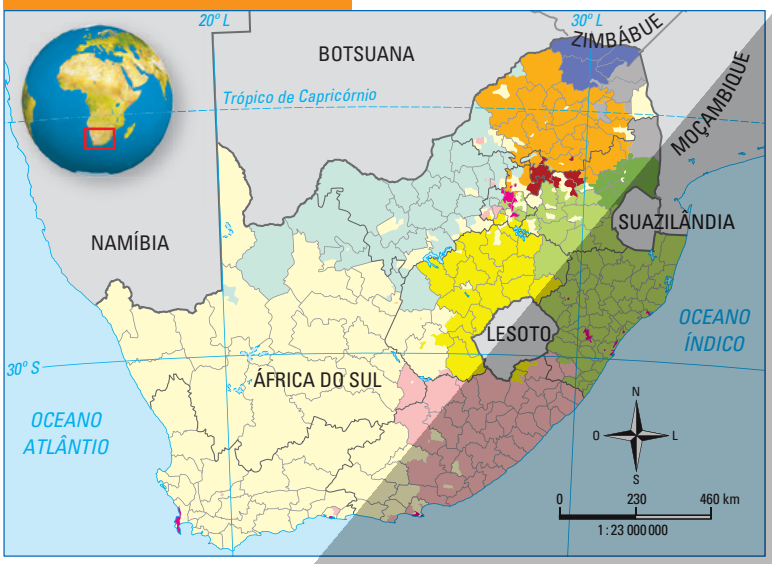
Não se preocupem em agir de forma ensaiada. É bastante comum o tom dos *podcasts* ser informal e leve. Agora, é só divulgar na escola, entre amigos e familiares!

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Com base nos estudos realizados neste percurso, produza uma análise sobre os mapas abaixo. Seu texto deve contemplar alguns pontos obrigatórios, determinados a seguir.

Idiomas da África do Sul



Tarcísio Garbellini

- Afrikaans
- Inglês
- isiNdebele
- Sesotho sa Leboa
- Setswana
- siSwati
- isiXhosa
- isiZulu
- Sesotho
- Tshivenda
- Xitsonga

Fonte: SOUTH AFRICA GATEWAY. The 11 languages of South Africa. *South Africa Gateway*, África do Sul, 2011. Disponível em: https://southafrica-info.com/arts-culture/11-languages-south-africa/ Acesso em: 29 jun. 2020.

Idiomas da Índia

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Tarcísio Garbellini

Línguas indoeuropeias

- Inglês
- Hindi
- Urdu
- Punjabi
- Guyarati
- Marati
- Konkani
- Oriá
- Assamês
- Nepali
- Bengali

Línguas drávidas

- Canarês
- Telugo
- Malabar
- Tâmil

Línguas sino-tibetanas

- Manipuri
- Mizo
- Outras línguas

Fonte: EL ORDEN MUNDIAL. El rompecabezas lingüístico de India. Lenguas oficiales por estado y territorio. *EOM*, Índia, 2019. Disponível em: https://elordenmundial.com/mapas/idiomas-india/ Acesso em: 29 jun. 2020.

a) Qual é o tema de cada mapa? Qual é a semelhança entre eles?

b) Em que medida os idiomas são importantes elementos de identidade cultural? Em ambos os casos apresentados, como eles se relacionam territorialmente com a identidade nacional?

c) Qual é a semelhança no processo histórico de ocupação desses países que pode explicar essa diversidade de idiomas dentro do mesmo Estado-Nação?

d) Em sua opinião, quais devem ser os desafios enfrentados pelos governos locais na gestão de um território com diversos idiomas?

e) Você reconhece alguma semelhança entre a realidade mostrada nos mapas e a encontrada no território brasileiro?

2. Observe as imagens a seguir e responda às questões.

Biblioteca do Congresso, Washington

Museu África, Joanesburgo/DEA Picture Library/Album/Fotoarena

A imagem 1 é da capa da revista *Puck*, publicada em 1900, cujo título é "A religião bôer". Nela observa-se um pai e um filho conversando em um ambiente rural. Ao fundo, uma mulher assiste à cena de longe. Repare nos símbolos presentes nessa imagem: o pai segura um rifle e uma Bíblia, e o menino, uma espada e um rifle de brinquedo. O menino pergunta:
– Pai, se eu estiver segurando a Bíblia em uma mão e uma arma em outra, e um inimigo se aproximar, o que devo derrubar primeiro?
– O inimigo, meu [illegible]
À direita, tela do artista Thomas Baines que retrata a visão dele do massacre de Weenen, 1838. Óleo sobre tela.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

a) Identifique o que há de comum em ambas as imagens.

b) Na imagem 2, é possível distinguir os dois grupos que estão guerreando? Como? Qual deles parece estar vencendo a batalha? Justifique.

c) Como essas imagens podem ampliar nossa noção de "vencedores e vencidos", comum nas narrativas sobre as colonizações?

3. De acordo com o texto estudado, quais são as causas atuais do conflito no Sudão do Sul?

4. Com base no que você estudou neste percurso, de que modo o conflito no Sudão do Sul reflete outros conflitos presentes na África pós-imperialismo?

5. Com o auxílio do professor, pesquise as etapas necessárias ao reconhecimento de novos países dentro da ONU.

6. Faça uma pesquisa e identifique um ou mais casos em que jogadores de futebol se negaram a cantar o hino nacional de um país e quais foram os motivos alegados.

7. Escreva um texto argumentativo sobre o papel da memória como forma de resistência diante do processo de colonização de um território estudado neste percurso.

PERCURSO

4 Desafios do Novo Mundo

O que é ser americano?

Quando assistimos a filmes ou séries de ação inspirados em quadrinhos, como Super-Homem, Mulher-Maravilha, Capitão América, nos quais há muita ação, suspense, romance e inimigos perigosos, assimilamos a história como mero entretenimento e diversão. No entanto, é possível também refletirmos criticamente a respeito desse tipo de produção que circula por grande parte do planeta, a fim de questionarmos o significado de ser um sujeito do século XXI em um mundo cada vez mais conectado.

Análise

Americano ou estadunidense?

O Capitão América, interpretado no filme pelo ator Chris Evans, é um exemplo da generalização feita quando se usa os termos **América** e **americano** para se referir exclusivamente ao país Estados Unidos e aos nascidos lá. Suas roupas são uma estilização da bandeira dos Estados Unidos da América, incluindo as cores vermelho, branco e azul e os símbolos como as listras e a estrela no centro. Contudo, o nome do personagem, Capitão América, busca representar todo o continente americano, que na realidade é plural e diverso, usando um padrão considerado e vendido como universal.

A.F. ARCHIVE/Alamy/Fotoarena

O ator Chris Evans caracterizado como Capitão América em filme de 2015.

Esses elementos padronizados de heroísmo e modelo de país são muitas vezes questionados e ironizados pelas próprias obras, entretanto, seguem atraindo milhões de pessoas e, sobretudo, reforçam e valorizam a narrativa de que americano é apenas o estadunidense.

1. Você, brasileira ou brasileiro, considera-se americano? Sente-se representado na imagem acima?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O desafio de entender e problematizar o que é ser brasileiro ou brasileira no século XXI, [illegible] americano, exige que este percurso analise, compare, identifique, relacione informações e reflita sobre o tempo atual pelo entendimento de fatores que caracterizaram a formação dos países da América, seus elementos culturais e suas identidades diversas, antes e depois do processo de colonização desses territórios, além das diferenças e dos desdobramentos do modelo colonial nas relações e nos conflitos contemporâneos.

Colonização do território americano

Esse continente, que foi colonizado por espanhóis, portugueses e britânicos, entre outros europeus, a partir do século XV, era um território de diferentes povos, como tupinambás, astecas, maias, incas, mapuches e muitos outros, com história, memória coletiva e produções culturais próprias, além de línguas, rituais sagrados, organização social e política, conhecimentos e explicações sobre o mundo. Os símbolos compartilhados por esses grupos foram reduzidos a uma única identidade: indígenas.

Isso também ocorreu na África, de maneira forçada, por meio do comércio de pessoas estabelecido ao longo de mais de três séculos para trabalharem como mão de obra escrava nas colônias do Novo Mundo. Como resultado, zulus, bacongos, iorubás, axântis, entre outros, foram reduzidos a uma única identidade: negros.

Povos que foram generalizados e unificados são parte de um processo de ocupação que, como vimos, impôs uma identidade negativa, desvalorizada, na qual aquilo que não era europeu foi considerado passado e inferior. O jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, em seu livro *As veias abertas da América Latina*, acrescenta mais um elemento a essa tentativa de generalizar e apagar a memória da diversidade de povos – o fato de ser, também, latino-americano.

> Agora, para o mundo, América é tão só os Estados Unidos, e nós quando muito habitamos uma sub-América, uma América de segunda classe, de nebulosa identidade.
>
> É a América Latina, a região das veias abertas.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 1971. *E-book*.

"Primitivo" ou "civilizado"?

Povos que foram generalizados e unificados são parte de um processo de ocupação que [...] impôs uma identidade negativa, desvalorizada.

Afinal, o que é ser americano e latino-americano? É importante considerar o modelo de ocupação, que buscou unificar um continente diverso pela consolidação de um mercado mundial cujo centro era a Europa e estabeleceu um padrão hegemônico não apenas econômico mas, sobretudo, cultural.

Nesse sentido, o que era moderno só poderia ser europeu, e todas as outras realidades e experiências foram categorizadas tendo como referência esse padrão. Assim, dicotomias como primitivo/civilizado e irracional/racional eram muito utilizadas quando se pretendia comparar os povos dos territórios colonizados com os países ocidentais europeus. Essas divisões reforçaram e impuseram uma perspectiva de superioridade europeia sobre o resto do mundo e que permaneceu, de alguma maneira, com a inclusão de potências mais recentes como os Estados Unidos e seus personagens heroicos, supostamente universais.

Quando pensamos no significado de ser americano, diante de um processo longo, mas atual, sobretudo na memória das diferentes etnias e povos, devemos considerar:

- as cidades monumentais de Machu Picchu, sede do poder inca, onde hoje é o Peru;
- a engenharia da construção das pirâmides e a força militar dos astecas, onde atualmente fica o México;
- o calendário maia, cujo império ocupava a região do atual México, Guatemala e América Central;
- outros saberes e fazeres dos povos que viviam nesses territórios muito antes do contato com os europeus.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Anna-Ch1/Shutterstock.com

A Pirâmide do Sol, construída no século II d.C., é a terceira maior pirâmide do mundo. Teotihuacan, México, 2019.

Para ampliar nosso estudo, vamos problematizar e pesquisar dois protestos recentes, um ocorrido no Equador e o outro nos Estados Unidos, a fim de relacioná-los com a memória coletiva de indígenas e negros da América no contexto da atualidade.

Observe as imagens a seguir e faça o que se pede.

1

Carlos Garcia Rawlins/Reuters/Fotoarena

Manifestantes se reúnem em protesto contra as medidas de austeridade do presidente do Equador, Lenin Moreno, do lado de fora do prédio da Assembleia Nacional. Quito, Equador, 2019.

2

Nicholas Kamm/AFP

Em 12 de agosto de 2018, centenas de pessoas se reuniram para lembrar o evento ocorrido no ano anterior em Charlottesville (Virgínia). Washington, Estados Unidos, 2018.

1. Busque informações sobre as cidades em que ocorreram os protestos: Quito, capital do Equador, em 2019 (imagem 1) e Washington, capital dos Estados Unidos, em 2018 (imagem 2). Pesquise a população, língua local, localização no país e no continente, os países e estados vizinhos, entre outros dados que considere importantes para entender a região em que ocorreram esses protestos.
2. Procure fontes e referências confiáveis sobre os motivos desses protestos. O que reivindicavam? Foram atendidos? As reinvindicações são relevantes? Justifique sua resposta.
3. Converse com os colegas e analise se há alguma relação entre os protestos e o processo histórico de ocupação dessas cidades. Justifique apresentando exemplos que considere ser permanência nas relações sociais iniciadas pelo processo de colonização do continente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ideia de raça e as mulheres negras

Se hoje ouvimos falar em globalização, mercado mundial e integração econômica, precisamos considerar esses fenômenos desde a ocupação da América pelos europeus e a consolidação do capitalismo moderno, cujo padrão de poder global foi consolidado pela Europa a partir do século XV. Segundo o sociólogo peruano Aníbal Quijano, um dos eixos fundamentais desse poder foi a classificação social de acordo com a ideia de raça. Veja a seguir.

> A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. [...]
>
> A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios*, *negros* e *mestiços*, e redefiniu outras.
>
> QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e Ciências Sociais. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117.

Essas identidades classificaram e hierarquizaram a população do continente americano como um desdobramento do novo padrão eurocentrista de poder para legitimar a dominação e permanecem na atualidade, sendo combatidas pela resistência, sobretudo de negros e indígenas.

A resistência também ocorre no Brasil. Aqui há estreita vinculação do racismo com as estruturas econômicas e sociais, em que as pessoas são exploradas no trabalho e têm o acesso a direitos de cidadania impedido. Segundo o IBGE, em 2014 os negros representavam 70% dos cidadãos em situação de extrema pobreza e 68% dos analfabetos.

O racismo no Brasil é estrutural, uma vez que se manifesta em diversas situações e condições: nos comportamentos discriminatórios entre as pessoas; na perseguição a crenças de origem africana, como o candomblé; na omissão ou no silenciamento acerca dos índices de vulnerabilidade social da negritude brasileira; nos estereótipos muitas vezes propagados pelos meios de comunicação; no uso de termos pejorativos, entre tantas outras maneiras de discriminação.

A memória e a ancestralidade negra são muito presentes na cultura brasileira. O resgate dessa memória conta com a intensa participação e reflexão das mulheres negras no Brasil e em outros países e com a atuação de lideranças das comunidades quilombolas, além de ser abordado nas universidades, na literatura, nas artes urbanas, nos movimentos sociais, no sistema político e nas demais instâncias representativas da luta por direitos da negritude e das mulheres.

Vozes

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946 em Belo Horizonte, em uma família humilde. Na década de 1970, ela migrou para o Rio de Janeiro, formou-se em Letras pela UFRJ e trabalhou como professora da rede pública na capital fluminense. Com a dissertação *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) recebeu o título de Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro. Posteriormente, recebeu também o título de Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, com um estudo sobre autores afro-brasileiros e de Angola, país da África de fala portuguesa.

Conceição Evaristo. São Paulo (SP), 2019.

Reynesson Damasceno/Futura Press

Análise

Poemas de recordação

Leia um fragmento da obra de Conceição Evaristo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Vozes mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela. [...]

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 10-11.

Considere a ideia de raça, os dados do IBGE e a poesia para responder às questões.

1. A poesia estabelece relação com o processo histórico de construção da sociedade brasileira? Justifique sua resposta utilizando o poema como referência.
2. Quais relações sociais são apresentadas no poema no que diz respeito ao mundo do trabalho e às condições de vida da população negra brasileira? Isso ainda acontece atualmente? Justifique.
3. O que você aprendeu ao estudar a questão racial pela observação da condição da mulher negra? Converse com os colegas e o professor.

Como você já sabe, apesar de vivermos em um país com grande diversidade étnico-racial, os afro-brasileiros e indígenas são alvos de práticas sociais preconceituosas e discriminatórias que atentam contra a dignidade humana, sejam membros de grupos específicos, sejam cidadãos membros da comunidade política mais ampla.

Vozes

Angela Davis é referência no debate sobre gênero, classe e raça. Professora emérita da Universidade da Califórnia (Estados Unidos), desenvolveu uma obra ampla e aprofundada sobre a construção de uma visão histórica a respeito da formação dos países americanos que traz, como questão central, a condição das mulheres e dos negros.

Intelectual e ativista política, Davis é autora de outro livro fundamental para o estudo sobre o continente americano: *Mulheres, raça e classe*, que aborda sobretudo o efeito da herança escravocrata para as mulheres negras e os desdobramentos sociais, culturais e econômicos decorrentes, que precisam ser evidenciados e combatidos na luta por direitos iguais.

Claudia Martini/Futura Press

Angela Davis. Rio de Janeiro (RJ), 2019.

Preconceitos e ações discriminatórias nas sociedades contemporâneas, como racismo, homofobia e intolerância religiosa podem ser construídos de forma sutil.

Formas de violência e preconceito

Preconceitos e ações discriminatórias nas sociedades contemporâneas, como racismo, homofobia e intolerância religiosa podem ser construídos de forma sutil, alicerçados em um conjunto de fundamentações teóricas ou evidências práticas e concretas nem sempre perceptíveis no primeiro momento. As fundamentações legitimadoras de tais posturas são respaldadas por explicações incoerentes do ponto de vista científico ou ético, mas oferecem uma narrativa da realidade que interessa a determinados grupos políticos ou classes sociais.

A essas "abordagens narrativas que pretendem explicar ou caracterizar determinada realidade" damos o nome, em uma perspectiva filosófica, de **ideologia**. Nem toda explicação ideológica é, do ponto de vista filosófico, preconceituosa e discriminatória.

Veja o que a filósofa e professora da USP Marilena Chauí entende por ideologia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros de uma sociedade o que devem pensar [...], o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir [...], o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador [...].
>
> CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 108-109.

Em outras palavras, uma explicação ideológica de determinado fato, acontecimento ou processo pode expressar valores ou ideias que podem induzir a certas práticas e comportamentos indivíduos que aceitam, acolhem ou se vinculam a essa explicação como parte integrante da vida.

Existem inúmeros aspectos que precisamos analisar quando estudamos a luta e a resistência dos povos e grupos que habitavam o continente americano durante o processo e a consolidação das dinâmicas da colonização europeia na região. Um deles é a busca de uma memória e uma narrativa sobre os fatos ocorridos que contemplem as diferentes perspectivas e visões sobre as disputas e embates dessas relações, bem como a possibilidade de analisar seus desdobramentos nos diferentes contextos.

A luta pela memória dos povos hispano-americanos

A ocupação espanhola nas Antilhas, especialmente em Cuba, ocorreu em torno da exploração econômica da produção de açúcar feita pelo trabalho de escravos de origem africana.

Já nos atuais territórios do México e de regiões da América do Sul, caracterizou-se pela exploração intensa das riquezas minerais e pela produção de gêneros tropicais, como açúcar, que eram enviadas à metrópole. Nessas regiões, os espanhóis adotaram o trabalho compulsório dos indígenas, inclusive valendo-se de práticas que já eram usadas pelas civilizações americanas conquistadas por eles.

O trabalho nas colônias espanholas

As relações de exploração do trabalho e as graves consequências sociais e econômicas decorrentes delas seguem presentes na realidade das pessoas que vivem e interagem nesse continente. Marchas e lutas por melhores condições são comuns na região, como podemos observar na imagem abaixo de migrantes em travessia pelo México rumo aos Estados Unidos, em 2019.

Forme um grupo com três ou quatro colegas. Leiam reportagens sobre o assunto da imagem e registrem no caderno as informações relevantes.

1. Qual é a diferença entre "refugiados" e "migrantes"?
2. Retomem a pesquisa sobre a imagem e o contexto em que a marcha ocorreu e registrem se aquelas pessoas devem ser consideradas refugiadas ou migrantes. Justifiquem a resposta.
3. É possível [illegible] percurso estudado até aqui sobre o que é ser americano? E é possível fazer associação com a herança colonial e a ideia de raça consolidada durante o processo de colonização? Debatam e justifiquem a resposta.
4. A questão dos refugiados e migrantes afeta muitas cidades do continente americano. No Brasil, há os venezuelanos em Roraima e haitianos no Acre, entre outros grupos que lutam por sobrevivência. Elaborem uma campanha de esclarecimento sobre a questão humanitária dos refugiados na atualidade. Caso haja pessoas nessa condição em sua cidade, escutem suas histórias e produzam um material para divulgar o debate e os assuntos relacionados ao tema.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Alfredo Estrella/AFP

Imigrantes, principalmente hondurenhos, seguem em caravana para os Estados Unidos. Chiapas, México, 2020.

Eduardo Verdugo/AP/Glow Images

Mulheres mostram apoio à Maria de Jesus Patricio, candidata a presidente do Congresso Nacional Indígena, durante uma manifestação. Chiapas, México, 2017.

Movimento zapatista

No sul do México, a região de Chiapas é o berço do protagonismo e da luta dos povos indígenas sul-americanos e de um dos maiores movimentos de luta pela terra e pela condição de reprodução de seu modo de vida e de autonomia para gerir seus territórios: os **zapatistas**, que representam inúmeros povos autóctones na defesa de seus direitos políticos, sociais e culturais. Na imagem ao lado, podemos identificar, novamente, o protagonismo das mulheres por direitos e igualdade de gênero. As vestimentas, o punho erguido e cerrado, além das máscaras, são alguns elementos simbólicos que representam a luta e a memória das mulheres zapatistas.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), criado em 1994, em plena implementação do acordo entre México, Canadá e Estados Unidos, conhecido como Nafta, é um dos maiores e mais conhecidos movimentos sociais do continente americano. Liderado, originalmente, pelo subcomandante Marcos e oriundo da região de Chiapas, no México, o movimento batalha pela autonomia de seu território como forma de luta e manutenção de suas memórias e identidades, em contraponto à organização da sociedade, que desconsiderou seu modo de vida e de reprodução cultural e continua alvo de disputas e ações no país.

Mapa 1 – América Pré-Colonial

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Alessandro Passos da Costa

Principais grupos étnicos
- Inuit
- Na-dene e apache
- Sioux
- Iroquês
- Cree-wakash
- Shoshoni-asteca
- Maia
- Aruak
- Chibcha
- Karib
- Tupi-guarani
- Jê
- Inca
- Outras populações

Fonte: ARRUDA. José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 21.

Nesta atividade em grupo, vocês vão analisar e identificar as transformações no território americano em diferentes períodos: antes da consolidação do processo de colonização, durante a colonização e a atual configuração territorial do continente. Para facilitar a pesquisa, escolham **um único território** e pesquisem as mudanças nesse lugar em diferentes períodos. Vocês devem pesquisar e registrar dados e reflexões referentes a cada mapa conforme as explicações a seguir.

- No Mapa 1, escolham ao menos um território ocupado por diferentes etnias, pesquisem e levantem informações a respeito do modelo da sociedade, crenças, costumes, arte, entre outros dados.

Mapa 2 – América no Período Colonial – c. 1770

Alessandro Passos da Costa

Fonte: O'BRIEN, Patrick. *Atlas of World History*. 2. ed. Nova York: Oxford University Press, 2012. p. 130.

Mapa 3 – América na atualidade

Sônia Vaz

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. p. 32.

- No Mapa 2, identifiquem o território escolhido no Mapa 1 e pesquisem sobre como foi o processo de colonização desse território: identifique o país que liderou o processo, a forma de administração colonial, o tipo de mão de obra, a expansão ou a perda de território ao longo dos anos.
- No Mapa 3, identifiquem o país da atualidade correspondente ao mesmo território já analisado nos mapas 1 e 2 e pesquisem questões políticas internas: protestos, acordos comerciais, expansão de fronteiras, refugiados, entre outras possibilidades. Relacionem a situação do país com a colonização do território. Por exemplo, no caso do Peru, houve a Guerra do Pacífico, o Sendero Luminoso, o governo Fujimori etc.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Pluralidade de identidades na América

Estima-se que o continente americano abrigava mais de oitenta milhões de pessoas de povos diversos que podemos chamar, genericamente, de ameríndios. O historiador francês Serge Gruzinski aponta em seus estudos a mundialização ibérica (Espanha e Portugal), processo de "ocidentalização" da América iniciado pela colonização. Segundo ele, esse processo criou rupturas e desterritorialização de povos, que passaram a circular pelo globo para sobreviver em locais desconhecidos e geralmente hostis à nova presença. Os numerosos grupos de escravizados são um exemplo desse fenômeno.

Gruzinski destaca também que essa mundialização deixa de ser teórica ou metafísica e passa a ser concreta, territorial, com imposição de padrões e modelos religiosos, políticos, jurídicos e artísticos considerados superiores, e tem como desdobramento o silenciamento e esquecimento de múltiplos saberes dos povos autóctones. Consequentemente, a potência e a capacidade criativa desses povos muitas vezes foram ignoradas e outras formas de ver o mundo foram silenciadas ou mesmo exterminadas.

Mapuche

A memória coletiva pode ser identificada na imagem abaixo, que mostra um grupo grande de pessoas protestando em Santiago, capital chilena, com bandeiras nas cores azul, verde e vermelha, que chama nossa atenção. É a bandeira **mapuche**, que representa uma identidade coletiva, herança do processo de colonização. A bandeira de torcida para o time de futebol Colo-Colo utiliza elementos indígenas mapuches em itens do clube, como o nome e o brasão com o perfil do indígena.

Club Social Y Deportivo Colo-Colo

Escudo do time de futebol chileno Colo-Colo.

GLOSSÁRIO

Mapuche: povo indígena originário do Chile e da Argentina conhecido pela resistência na demanda por direitos, principalmente relacionados à terra, e cuja bandeira vem sendo usada como um dos símbolos dos protestos contra a desigualdade social no país.

Marcelo Hernandez/Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Manifestantes empunham bandeiras mapuche, que se tornou símbolo dos protestos por reformas sociais. Santiago, Chile, 2019.

1. Pesquise sobre os protestos no Chile em 2019. O que os grupos reivindicavam?
2. Quais foram as reações do poder político chileno?
3. Pesquise e relacione as medidas tomadas pelo governo chileno para conter a crise.
4. Pesquise informações sobre o clube Colo-Colo, sua história e a de seu escudo, e seu maior ídolo, David Arellano. Depois, converse com a turma sobre a relação entre política e futebol, com a mediação do professor.

Vestígios dos povos ameríndios

Diversos povos ameríndios, como incas, maias, astecas, entre outros, desenvolveram sociedades complexas que conhecemos pelos grandes templos e outras construções ainda hoje preservados. Aprender os registros da arte e cultura desses povos, como os rituais de guerra e fúnebres, e identificar a presença dessa memória na literatura clássica de países como México e Peru ajudam-nos buscar novos elementos para o entendimento dessas etnias e nos levam a refletir sobre o impacto da colonização, ainda vivo no imaginário das populações.

O processo de ocupação do continente americano ocorreu muito antes da chegada dos europeus.

Um exemplo dos vestígios dessas civilizações é o Monte Albán, destacado na imagem abaixo. Localizado no México, esse lugar foi a capital da civilização zapoteca, e as ruínas nos permitem estudar sua importância econômica e política para a região do Vale de Oaxaca, habitado por inúmeros povos além dos zapotecas, como os mistecas e os teotihuacanos. O Monte Albán teve seu auge entre os anos 300 e 750 e é um dos exemplos da diversidade de povos e civilizações que habitavam a região antes da chegada dos europeus.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Bisual Photo/Shutterstock.com

Monte Albán, antiga capital da civilização zapoteca. Oaxaca, México, 2019.

A imagem nos fornece algumas informações acerca da civilização zapoteca, que se desenvolveu a partir do século IV, no atual território do México: o aproveitamento de pedras na construção; o conhecimento de noções de cálculo matemático e engenharia, motivo pelo qual as construções permanecem preservadas; a aparente organização intencional do espaço que vemos na imagem, pois nela há diferentes tipos de construção. Pela fotografia, é possível notar a presença de visitantes ao local, provavelmente turistas.

Contudo, há outros conhecimentos sobre essa imagem, frutos de pesquisas que ainda hoje ocorrem nas universidades mexicanas. Esses estudos mostram que, provavelmente, a parte mais alta da construção era uma estratégia de defesa. Essas edificações estão próximas ao Rio Atoyac, o que revela preocupação com a fertilidade das terras, fato comprovado pela descoberta de um sistema pluvial complexo no subsolo. Tudo isso nos leva a entender que o processo de ocupação do continente americano ocorreu muito antes da chegada dos europeus. É importante valorizarmos os saberes, hábitos, costumes e conhecimentos desses povos sobre questões econômicas, políticas, religiosas, comerciais, entre tantos outros assuntos.

Para conhecer melhor esses vestígios, são feitos estudos arqueológicos que envolvem diversos cientistas das Ciências Humanas, como geógrafos, historiadores, sociólogos e filósofos, além de cientistas das Ciências da Natureza e Exatas como químicos, biólogos, geólogos, entre outros. É um campo de conhecimento que exige interdisciplinaridade e diálogo entre os saberes.

> A Arqueologia analisa, identifica e estuda os vestígios materiais dos povos desaparecidos, com o objetivo de conhecer melhor a vida de nossos antepassados e os problemas enfrentados e solucionados (ou não) no passado.
>
> MILLER, T. O. Usos da arqueologia na sala de aula. *Revista HISTEDBR On-Line*, Campinas: Unicamp, v. 9, n. 34, p. 167-179, jun. 2009. Disponível em: https://doi.org/10.20396/rho.v9i34.8639586. Acesso em: 20 maio 2020.

Análise

Maias

Os maias tinham uma organização complexa; diante das várias possibilidades de estudo desse povo, vamos pesquisar e compartilhar um dos elementos dessa cultura que nos permite avançar nos estudos: o calendário maia, reproduzido na imagem a seguir.

Imagine que você é um arqueólogo que não pode estar em campo e tenha de pesquisar o calendário maia.

1. Para o modo de vida dos maias, qual era a utilidade do calendário?
2. Relacione o calendário maia e seu uso com o modo que usamos o calendário atualmente.
3. É possível conhecer melhor o cotidiano desse povo por meio do calendário? Cite exemplos que justifiquem sua resposta.

Patryk Kosmider/Shutterstock.com

Calendário maia. México, 2011.

Incas

Contudo, a diversidade cultural ameríndia não se concentrou apenas nos territórios que hoje fazem parte do México. Pelo contrário, ela é uma característica de todo o continente americano e ainda se faz presente por meio de costumes, línguas, símbolos e tradições mantidas por etnias indígenas que vivem em diferentes países da América. No sul do continente, mais especificamente no atual Peru, encontram-se construções feitas pelos incas.

No centro da cidade de Lima, capital do Peru, estão as ruínas de Huaca Pucllana, no coração do bairro Miraflores.

Myriam B/Shutterstock.com

Sítio arqueológico de Huaca Pucllana em Lima, Peru, 2019.

1. Pesquise a história dos incas em relação ao território ocupado, sua base alimentar, a forma de administração do território, a religiosidade e seus rituais.
2. Identifique a forma de dominação desse império sobre outros grupos e regiões. Em seguida, compare o modelo colonial europeu e o modelo de dominação inca.
3. É possível afirmar que esses povos carregados de conhecimento foram "descobertos pelos europeus"? Justifique sua resposta e participe de uma roda de conversa com a mediação do professor.

No trecho que percorremos do início até aqui, vimos que a herança dos povos pré-hispânicos faz parte dos hábitos, costumes e demais características dos povos que vivem no continente americano; conhecemos a resistência e a busca de valorização desses conhecimentos para entender o que representou e continua representando a ocupação e a dominação colonial europeia dos territórios. Buscamos também problematizar o significado, como brasileiros, de pensar sobre povos que são parte da identidade e da memória do continente.

E nada melhor para a construção dessa memória e para manter a força dessas identidades do que a linguagem da arte.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A arte e seus símbolos na América

Quando estudamos o processo de independência do continente americano, entre os séculos XVIII e XIX, identificamos múltiplas visões sobre os fatos, além do surgimento de figuras heroicas que povoam o imaginário nos diferentes países americanos.

A despeito dessas figuras, muitas vezes controversas, como **Simón Bolívar** e **José de San Martín**, entre outros, uma coisa é consensual entre os pesquisadores: os processos de independência dos países do continente representaram o nascimento dos Estados Nacionais na região.

Simón Bolívar e **José de San Martín** foram atuantes nos processos de independência dos países de língua espanhola do continente americano e ainda hoje são considerados figuras representativas desse processo. Não vamos nos aprofundar agora nesses personagens, mas buscaremos entender e analisar como as obras de arte, produzidas em diferentes países e contextos, podem ser representativas para a construção e interpretação da memória do processo histórico, que é formulado com base em contradições, disputas e embates entre diferentes realidades.

Movimento muralista

A Revolução Mexicana de 1910 buscava uma nova ordem nacional para superar problemas históricos – como analfabetismo, injustiça social, exploração do trabalho, entre outros –, e trazer para o centro das discussões a herança dos povos indígenas, de maneira a incorporá-los social, cultural e politicamente.

Um exemplo das reivindicações era a concentração fundiária, um grande problema nacional, que fazia com que o modo de vida dos povos tradicionais do país fosse inviabilizado, uma vez que a concentração de terra estava voltada para o modelo de produção capitalista e o comércio, em contraponto ao modelo tradicional, ligado à ancestralidade, aos deuses e à espiritualidade relacionada à terra.

Os ideais de vinculação e integração das populações indígenas à sociedade mexicana receberam o apoio e o entusiasmo de inúmeros artistas e intelectuais, que defendiam um projeto cultural e estético nacional, que valorizasse a pluralidade da população indígena, para construir uma nova ordem cultural. O vigor do movimento **muralista**, com uma arte política e de caráter público, em contraponto à tradição europeia, é um exemplo dessa movimentação nas artes em busca de um nacionalismo e de uma tradição cultural e artística própria do México.

Os **muralistas** não são apenas um desdobramento da Revolução Mexicana de 1910; são responsáveis, sobretudo, pelo resgate e pela valorização da América Pré-Hispânica, que já vimos ao longo deste percurso.
O movimento contou com nomes muito conhecidos, como Diego Rivera (1886-1957), David Siqueiros (1896-1974) e José Orozco (1883-1949).

Universidade Nacional Autônoma de México

David Siqueiros. *El pueblo a la Universidad y la Universidad al pueblo*, 1953. O mural adorna a Reitoria da Universidade Nacional Autônoma do México. Cidade do México, México, 2014.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Colégio São Ildefonso, Cidade do México

José Clemente Orozco. *La trinchera*, 1926. Mural.

Observe, a seguir, a obra *La Guerra de la independência de México*, do artista mexicano Diego Rivera. A pintura busca resgatar e criar uma memória do processo de luta do povo mexicano pela independência. Ela foi produzida durante o movimento muralista, que se caracterizou pelo uso de grandes murais permanentes.

Análise

La guerra de la Independencia de México

Para analisar esta pintura, é preciso contextualizar autor e obra e aplicar uma série de procedimentos de pesquisa que nos auxiliam na reflexão e no aprofundamento do assunto. Forme uma dupla de estudo com um colega e, juntos, iniciem a análise, registrem as descobertas, identifiquem e pesquisem os pontos a seguir.

Frédéric Soltan/Corbis/Getty Images

Diego Rivera. *La guerra de la Independencia de México*, 1935. Mural localizado no Palácio Nacional. Cidade do México, México, 2019.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Para entender o contexto e as referências simbólicas da obra pesquisem a Revolução Mexicana de 1910. Registrem no caderno, com a mediação do professor, informações sobre esse processo: os líderes da revolução, suas reivindicações, as forças contrárias ao processo, entre outros dados que considerem importantes para o restante da análise.
2. Criem hipóteses para explicar a escolha do autor para os diferentes níveis de representação da cena (o inferior, o mediano e o superior).
3. Selecionem dois ou três elementos representados na obra que carregam símbolos culturais, religiosos e políticos. Expliquem cada elemento relacionando-os com a pintura.
4. Há interação entre as diferentes cenas? Expliquem, utilizando a pesquisa inicial, quais seriam essas trocas entre os diferentes personagens e os símbolos representados.

Vozes

Carlos Fuentes (1928-2012) nasceu na cidade do Panamá, no Panamá, mas passou a maior parte da infância em diversos países. Quando tinha 16 anos, Fuentes fixou-se no México e começou a trabalhar como jornalista. Escritor de muitas obras, é considerado um dos maiores romancistas em língua espanhola da América Latina. Foi importante figura no cenário prolífico da literatura latino-americana na década de 1960, ao lado de Mario Vargas Llosa, Gabriel Garcia Márquez e Octavio Paz.

Notimex/ACE/AFP

Carlos Fuentes. México, 2012.

Voltando ao Capitão América

Biblioteca do Congresso, Washington

Thure de Thulstrup. *A Batalha de Antietam,* 1887. Essa pintura retrata a Batalha de Antietam, ocorrida em 17 de setembro de 1862. Foi a primeira batalha em solo da União e também a mais sangrenta da Guerra de Secessão.

Até aqui buscamos evidenciar que o Capitão América, apresentado na abertura deste percurso, representa uma perspectiva sobre os Estados Unidos e o território americano que elimina ou silencia os elementos africanos e indígenas que ajudaram a formar os diferentes países do continente.

A visão de grandeza e universalidade representada por esse herói da cultura *pop* pode ser mais bem compreendida pelo estudo e pela reflexão acerca da colonização e ocupação do território onde hoje estão localizados os Estados Unidos da América.

A expansão territorial dos Estados Unidos foi consolidada por meio de um processo violento que se valeu de genocídios, acordos e tratados internacionais, além de negociações envolvendo as principais potências coloniais dos séculos XVI e XVII, como França, Inglaterra, Holanda e Espanha.

A Guerra de Secessão nos EUA

Esse fenômeno, por sua vez, está diretamente relacionado às questões internas e às disputas no processo de colonização das Treze Colônias que culminaram na **Guerra de Secessão**. A memória atual também carrega o conflito entre o Norte e o Sul, como pudemos identificar nas marchas antirracistas ocorridas por conta do evento em Charlottesville (EUA).

A expansão territorial ganhou força após a consolidação que culminou na expansão do território americano, que ia do Oceano Atlântico até o Oceano Pacífico, formando as Treze Colônias. As experiências coloniais de dominação britânica apresentam diferenças se comparadas à hispânica. No entanto, as relações entre colonizadores e povos indígenas também foram marcadas por violência e extermínio, como observou o historiador norte-americano Herbert Aptheker Herbert (1915-2003):

> Em regra geral, a política inglesa em relação aos povos que habitavam originalmente as áreas colonizadas foi a do genocídio.
>
> Dois grandes agrupamentos de povos ocupavam a área que deveria constituir as treze colônias: eram os Iroqueses e os Algonquianos, e somavam perto de 200 mil almas. [...] Colonizadores brancos, portanto, trouxeram aos índios morte e destruição, e encontraram uma resistência persistente e heroica que constitui uma das grandes sagas da história da humanidade.
>
> APTHEKER, Herbert. *Uma nova história dos Estados Unidos*: a Era Colonial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. p. 14-17.

A **Guerra de Secessão**, ou Guerra Civil Americana (1861-1865), ocorreu entre a parte norte do território, que defendia um modelo de trabalho assalariado com forte presença da classe média urbana, contra a parte escravagista do Sul, que defendia a manutenção de seu forte modelo agrário exportador que usava intensamente a mão de obra escrava. O Sul foi derrotado depois de um longo conflito que resultou em milhares de mortos. A guerra deixou marcas profundas nessa sociedade, que permanecem até hoje.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O deslocamento e a expansão da fronteira estadunidense, no contexto da grande Marcha para o Oeste, não se limitou aos territórios acordados e estabelecidos. A essência expansionista desse processo ocorreu por meio de compra, ocupação ou invasão de novas regiões, como Califórnia, Nevada, Arizona, Novo México e Texas, que originalmente pertenciam ao México, entre outros territórios, para garantir ampliação permanente. Essa expansão, por sua vez, foi fundamentada em valores religiosos, como o calvinismo, que internalizava a ideia de povo escolhido para liderar o mundo. Esses valores fazem parte do discurso salvacionista, característico do processo de anexação e expansão das fronteiras dos Estados Unidos, mas que permanece, ainda hoje, no discurso de boa parte das lideranças políticas, dos filmes e das intervenções estadunidenses pelo mundo.

Centenas de milhares de pessoas deslocaram-se na direção das terras do Oeste anunciando um novo tempo, que consolidaria a nação e os valores de predestinação dos estadunidenses por meio da expansão incentivada pelo governo. Havia ainda outros motivos, como a fertilidade do

solo, o baixo custo das terras, além do discurso de levar a liberdade, pela perspectiva dos expansionistas, para o restante da humanidade, valor este ainda muito presente nas datas comemorativas, como os feriados que rememoram datas e personagens que alimentam esse sentimento e a tradição de alargamento de seu território.

Na área britânico-americana, a ocupação do território foi violenta desde o começo. No entanto, antes da Independência, conhecida nos Estados Unidos como Revolução Americana, o território ocupado era muito pequeno e os grupos, em princípio vizinhos dos territórios ocupados pelas Treze Colônias, não haviam sido colonizados.

O território foi crescendo e incorporando regiões por meio de acordos com as potências em decadência, como a Espanha, de negociações com a Inglaterra e até mesmo com a Rússia, como a inclusão do Alasca em 1867, como podemos ver no mapa a seguir, que mostra os anos e os acordos que foram moldando o atual território dos Estados Unidos.

Marcha para o Oeste

Sônia Vaz

Fonte: BLACK, Jeremy. *World History Atlas*. Londres: Dorling Kindersley, 2008. p. 129.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Conforme problematizamos no começo deste percurso, para entender melhor a perspectiva de grandeza de um povo escolhido, que deve servir como referência para o mundo "civilizado", representado pelo Capitão América, personagem que incorpora esses ideais, precisamos analisar a ideia e a crença desse povo ser um povo escolhido e civilizado.

Mas quem era civilizado? Que grupos ajudaram a formar essa nação e estão representados em obras de arte que buscam exaltar e resgatar essa história?

O termo **Destino Manifesto** carrega um sentido de natureza expansionista, a predestinação do povo escolhido no contexto da expansão territorial dos Estados Unidos, a conhecida Marcha para o Oeste. A expressão, publicada em 1845, defendia a ideia de ser esta uma nação "condenada" a levar o progresso, a liberdade individual e a libertação universal para o restante do mundo. Além do componente de progresso e libertação, a religiosidade e a crença em um deus unificador da nação consolida a tradição puritana e está ainda hoje nos discursos e nas produções do país.

Quando assistimos aos filmes de Hollywood, lemos os quadrinhos da Marvel, acompanhamos as cerimônias, como a celebração da Independência em 4 de julho, identificamos a permanência e o entusiasmo nacionalista dedicados a exaltar a ideia salvacionista do Destino Manifesto.

Essa predestinação não justificou apenas as anexações dos territórios durante a Marcha para o Oeste como também difundiu uma ideia civilizatória, na qual povos e territórios dominados seriam salvos e libertos por essa nação regeneradora, ou seja, a ideia de "salvar" o mundo foi sedimentada ao longo da formação dos Estados Unidos como nação.

Análise

Marcha para o Oeste

Analise atentamente a figura abaixo.

Biblioteca do Congresso, Washington

John Gast. *Progresso americano*, 1872. Cromolitografia, 37,6 cm × 49 cm.

Com base na obra acima, vamos pesquisar e analisar quais valores se cruzaram e se chocaram no processo de expansão e dominação territorial iniciado com a Marcha para o Oeste. Observe e analise os elementos da obra, levante hipóteses e reflita sobre elas. Então, registre a explicação no caderno de acordo com as questões a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Quem está representada na imagem?
2. Qual relação pode ser estabelecida entre a gestualidade dela e os processos históricos estudados?
3. O que representam os movimentos dos indígenas nas cenas?
4. Que objeto a mulher carrega na mão direita? O que ele representa nesse processo?
5. Qual relação pode ser estabelecida entre as figuras da mulher da pintura e do Capitão América?

Povos das Américas: diferentes narrativas

Este percurso buscou apresentar as inúmeras possibilidades de refletirmos sobre a formação do continente americano. Destacamos a atualidade de lutas dos povos que vivem nessa região do mundo, resgatamos alguns povos e seus saberes, buscamos identificar as relações de dominação e resistência representadas pelo processo de colonização, além de termos analisado obras de arte como representação e versão de determinado processo e contexto histórico.

Também problematizamos a relação entre arte e identidade nacional, compreender os fatores religiosos que justificaram e criaram a narrativa de povo escolhido, além de resgatar uma memória que é parte da história e formação das nações do continente americano. Essa retomada, por

sua vez, permite-nos ampliar e refletir sobre o significado de viver e conviver nesse continente plural, desigual, instável, entre outras características, que segue aberto e lutando pela memória e valorização dos povos que lá viviam antes e depois do processo de colonização.

Nesta unidade, você estudou como as questões enfrentadas por diferentes povos na atualidade carregam heranças do passado. A história de ocupação e conquista dos cinco continentes é parte de um processo histórico que se intensificou a partir do século XV, com o empreendimento colonial na África e na América, e, mais tarde, nos séculos XIX e XX, com a corrida imperialista – protagonizada em larga medida pelas potências europeias.

Iniciamos nosso percurso discutindo fatos recentes ligados à questão racial na América Latina e nos EUA. As manifestações antirracistas são formas de resistência à atual condição dos negros no sistema capitalista. Não raramente, esse grupo ocupa posições periféricas na economia (em nível global e local).

Para entender como as manifestações atuais se relacionam com o passado, convidamos vocês a refletir sobre a seguinte questão: A memória resiste à dominação?

A derrubada da estátua do comerciante de escravizados Edward Colston, em junho de 2020 (e a polêmica envolvida nessa ação), pode ser considerada uma metonímia da disputa pela memória em diferentes países do mundo. A memória da colonização costuma reservar aos brancos ocidentais a narrativa da vitória e, aos povos colonizados, o lugar do apagamento. A manifestação que retirou a estátua do seu local está reescrevendo essa narrativa, muito embora de forma violenta, como alguns analistas a avaliaram.

Para compreender tais símbolos, voltamos à história de ocupação colonial da América, África, Ásia e Oceania. Vimos que esse processo é intrínseco ao desenvolvimento do modo de produção capitalista. A busca por expansão territorial – fonte de matéria-prima e, portanto, de poder – foi responsável pelo redesenho do mapa-múndi desde o século XV. Novas configurações territoriais foram se constituindo ao sabor das conquistas e resistência dos povos locais.

Da partilha do continente africano pelas potências europeias ao Destino Manifesto estadunidense, percebe-se que um conjunto de justificativas civilizatórias sempre davam suporte ideológico para legitimar o processo de dominação de um povo pelo outro. Tais justificativas produziram uma marca na autoestima de negros e negras em países africanos, como estudamos no Percurso 3, ou o racismo estrutural que se instalou no Brasil, que tratamos neste percurso.

O século XXI, portanto, não passou ileso às consequências de séculos de dominação. A América e a Europa têm sido palco de movimentos que buscam escrever sua narrativa nas histórias oficiais de vários países. A África, a Ásia e a Oceania tensionam-se nos sucessivos arranjos territoriais que vieram depois do imperialismo. Em todos os casos são povos e nações que procuram [illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural, organizado por Arjun Appadurai (Eduff). Esse livro debate o conceito de mercadoria relacionado à cultura. É um importante elemento para teorizar sobre a construção das imagens de super-heróis.

Geopolítica e política exterior dos Estados Unidos, Brasil e América do Sul, de Luiz Alberto Muniz Bandeira (Funag). Nessa obra é possível ampliar o conhecimento do processo histórico das relações entre os Estados Unidos e outros países do continente americano, sobretudo o Brasil.

Museu Nacional de Antropologia do México (Cidade do México). Um dos maiores acervos sobre os povos pré-hispânicos com possibilidade de acesso virtual. É uma ferramenta importante para conhecer melhor os hábitos e costumes de maias, astecas, mapuches, entre outros povos. Disponível em: https://www.mna.inah.gob.mx/. Acesso em: 16 maio 2020.

Nações Unidas. Plataforma digital com imenso acervo sobre refugiados, além de vídeos de diferentes relatos e experiências.

Revista Lua Nova: O conceito de hegemonia – de Gramsci a Laclau e Mouffe, de Ana Rodrigues Cavalcanti Alves. Esse ensaio problematiza o conceito gramsciano de hegemonia dialogando com o modelo imperialista abordado nos percursos em relação aos continentes americano, africano e asiático.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

© Joaquín Salvador Lavado (QUINO)

"Vejam, com isto se apaga ideologias". (Tradução livre).

1. Observe a charge da Mafalda e responda às questões abaixo.

a) Quem é o outro personagem da imagem? Justifique sua resposta tendo em vista elementos visuais que caracterizam o personagem.

b) Para que objeto Mafalda aponta? Como ela define esse objeto?

c) Tendo em vista o conceito de ideologia proposto por Marilena Chauí, o que significa dizer que o objeto apontado por Mafalda apaga ideologias?

d) De que maneira o objeto poderia ser usado para apagar ideologias?

2. Escreva um breve texto criticando o fato de comumente vermos as expressões **América** e **americanos** se referirem ao país Estados Unidos ou ao povo estadunidense.

3. O movimento muralista mexicano, ocorrido logo após a Revolução Mexicana em 1910, até hoje é considerado o grande mobilizador social da América Latina no século XX, pois viabilizou uma arte pública e coletiva. Explique algumas das características e destaque os principais nomes desse movimento nas artes mexicanas.

4. Qual é a localização do território asteca atualmente e antes da colonização espanhola? Identifique e explique uma característica dessa civilização.

5. A representação simbólica da arte no contexto da Revolução Mexicana foi estudada ao longo deste percurso. Neste momento, você já compreendeu que a obra de arte é uma representação criativa, mas não é necessariamente fiel aos fatos. De certa maneira, todo artista põe em seu trabalho uma perspectiva de mundo, o lugar e a condição de onde fala, entre outros elementos que precisamos considerar. Vamos analisar o quadro de Pedro Américo (1843-1905), exposto pela primeira vez no Brasil em 1888, que representa a Independência do Brasil, proclamada em 7 de setembro de 1822.

Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo

Pedro Américo. *Independência ou morte*, 1888. Óleo sobre tela. 415 cm × 760 cm.

a) Reflita e levante hipóteses sobre como e por que o artista organizou desse modo o espaço da obra. Entre outras suposições que considere importantes, responda, por exemplo: Quem ele destaca na cena? Quais são suas intenções?

b) Pesquise o contexto de produção dessa obra. Quem encomendou-a?

c) Por que representar um evento anos depois de ocorrido?

d) Procure dados e referências sobre esse assunto com a mediação do professor.

6. Explique, com base no que você estudou neste percurso, o porquê de o Brasil não se identificar e não manter uma relação intensa com os países de língua espanhola.

7. Você já deve ter ouvido falar no torneio de futebol chamado Copa Libertadores da América. Por que esse campeonato recebeu esse nome? Pesquise esse assunto e explique a importância de problematizar o processo de independência dos países da América de acordo com o que estudou neste percurso.

8. O grupo apresentado na imagem ao lado vem se destacando no cenário cultural brasileiro por meio de encontros musicais com encenação, declamação de poemas, rimas, grafite, entre outras linguagens artísticas presentes em grandes cidades do mundo.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Evento do Slam das Minas. Rio de Janeiro (RJ), 2020.

Marina Almeida, do *blog* e coletivo Slam das Minas, define assim a experiência artística dos *slams*:

> Uma batalha de poesia autoral, sem acompanhamento de instrumentos musicais ou objetos cênicos, apenas a palavra e o corpo de quem declama a poesia – esse é o *slam*. O movimento, que começou nos EUA nos anos 1980, chegou ao Brasil em 2008 e desde então tem se espalhado por diversas cidades do país. Só no Campeonato Brasileiro de Slam (Slam BR), uma competição nacional cujo finalista se apresenta na Copa do Mundo de *Slam*, participaram 53 grupos de diferentes estados brasileiros. [...]

ALMEIDA, Marina. Slam das Minas: mulheres na batalha poética. *Escrevendo o futuro*, [*s. l.*], 7 dez. 2017. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/slam-das-minas/. Acesso em: 11 maio 2020.

Esse tipo de manifestação artística pode servir como síntese de nosso percurso, uma vez que, por meio dele, podemos pensar em encontros de diferentes povos no contexto da expansão marítima: os corpos em movimento, a memória e a ancestralidade dos povos da África e da América pré-hispânica, a integração e a globalização dos mercados que produzem fenômenos globais de entretenimento, entre outros conceitos que abordamos até aqui. E o mais importante: os *slams* dão voz a sujeitos historicamente silenciados! São uma forma de resistência às imposições [illegible] do século XXI e, em larga medida, refletem a herança de outras tantas formas de resistência em outros contextos históricos que nossa unidade abordou.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O modelo *slam* permite reunir música, literatura, dança, encenação e improviso, além de outras expressões artísticas. Convidamos você a pesquisar, planejar, organizar e fazer um evento de *slam* em sua escola para resgatar o que aprendeu, compartilhar com os colegas talentos e habilidades e viver, por meio da experiência artística, um momento criativo de síntese de seus estudos.

As orientações a seguir vão ajudá-lo a viabilizar essa ideia. Faça a atividade com os colegas da sala.

1. Pesquisem vídeos, relatos e referências disponibilizados pelo professor sobre como é um *slam*: onde ele ocorre; que equipamentos são necessários; qual é o melhor local para ser realizado; se é preciso criar um tema para o encontro; entre outras informações importantes para organizar o evento.
2. Identifiquem as linguagens artísticas dessa manifestação cultural: dança, improviso, poesia, música, rimas etc.
3. Com base nessas linguagens, organizem a turma contemplando os talentos, interesses e desejos de cada participante. Aqui, é importante acolher as diferenças e os talentos de maneira construtiva e respeitosa, e falar sobre eles, para ninguém ser excluído da experiência.
4. Escolham os temas que serão a base da produção. Voltem aos percursos, revisitem as anotações, relembrem o que mais chamou a atenção de vocês e, em especial, o que dialoga com os dias atuais e com a realidade. Se necessário, façam uma pesquisa e aprofundem o tema para elaborar o produto final.
5. Agora, ponham o corpo e a mente em sintonia com o percurso deste estudo!

UNIDADE 3

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM QUE MUNDO QUEREMOS VIVER?

Ardif/Marechal Aurore/Abaca/ZUMA

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Grafite do artista Ardif dedicado aos profissionais da saúde que trabalharam no combate da pandemia do coronavírus no mundo. Paris, 2020.

1. Qual é a relação entre a pandemia da covid-19, a globalização e a "desglobalização"?
2. De que modo os acontecimentos históricos globais marcam a memória de gerações e despertam mudanças?
3. De que forma o modo de vida contemporâneo afetará as próximas gerações?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 1, 5, 8 e 9, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 2, 4 e 6 e as habilidades EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS403, EM13CHS603, EM13CHS604.

(Des)Equilíbrios geopolíticos no século XX

Nesta unidade, refletiremos sobre eventos mundiais complexos que se desenrolaram ao longo dos séculos XX e XXI e impactaram profundamente – e estão impactando – as sociedades da época, reconfiguraram fronteiras, repercutiram nas relações internacionais, tiveram desdobramentos sobre as dinâmicas sociopolíticas e culturais, moldaram sistemas econômicos, enfim, redesenharam o mundo com os contornos que temos hoje. Esses mesmos contornos foram redesenhados recentemente pelos efeitos da pandemia de covid-19, que alterou nosso jeito de viver, de nos relacionar e de refletir sobre o mundo.

Estamos vivendo a segunda década do século XXI, um início de novo século marcado por expectativas quanto aos rumos do mundo contemporâneo, que se tornaram ainda maiores diante das incertezas trazidas pela pandemia da covid-19.

Por um lado, a acelerada Revolução Científico-Tecnológica experimentada nas sociedades ocidentais a partir da década de 1970 – especialmente nos campos da informática, eletrônica, robótica, comunicação, biotecnologia –, provocou mudanças profundas no sistema capitalista e moldou a globalização, juntamente com promessas de desenvolvimento, estabilidade e integração das nações no mundo que estaria por vir. Por outro lado, as múltiplas questões em aberto, herdadas dos impasses e conflitos do século XX, construíram os contornos do nascente século XXI impondo às gerações de hoje os desafios de superar (ou, ao menos, minimizar) as crescentes desigualdades sociais e regionais, as variadas formas de exclusão social que inviabilizam condições de vida dignas a milhões de pessoas e os graves desequilíbrios ambientais que comprometem a vida do planeta.

Considerando esse amplo cenário geral, o que poderiam ter em comum as imagens a seguir?

Ktsdesign/Science Photo Library/Science Photo Library/Fotoarena

Modelo em 3D do Sars-CoV-2, o vírus causador da covid-19.

Tropas estadunidenses e francesas que atuaram conjuntamente na Batalha de St. Mihiel, em setembro de 1918, no final da Primeira Guerra Mundial.

Everett Historical/Shutterstock.com

Architectis Eye/Alamy/Fotoarena

Parte atual do Muro de Berlim (East Side Gallery), barreira física que dividiu a cidade e o mundo entre 1961 e 1989. Berlim, Alemanha, 2019.

Um dos mais destacados historiadores sobre a contemporaneidade, o britânico Eric Hobsbawm (1917-2012), criou a denominação Breve Século XX para se referir ao período de profundas mudanças na geopolítica mundial que se estendeu da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) à desintegração do regime socialista na antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 1991, como um dos efeitos da queda do Muro de Berlim que ocorrera dois anos antes.

Ao analisar os acontecimentos desse período, ele fez o seguinte testemunho pessoal:

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Meu objetivo é compreender e explicar *por que* as coisas aconteceram como aconteceram e como elas se relacionam entre si. Para qualquer pessoa de minha idade que tenha vivido todo o Breve Século XX ou a maior parte dele, isso é também inevitavelmente, uma empresa autobiográfica. Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. E falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas – por mais insignificantes que sejam nossos papéis -, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. Somos parte deste século. Ele é parte de nós. Que não o esqueçam os leitores que pertencem a outra era, por exemplo os estudantes que estão ingressando na universidade no momento em que escrevo (...) Como iremos compreender o Breve Século XX, ou seja, os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS, que como agora podemos ver retrospectivamente, formam um período coerente já encerrado? Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o segundo milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX.
>
> HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13 e 15.

Everett Historical/Shutterstock.com

Mussolini (à esquerda) e Hitler (à direita) em Munique, Alemanha, em junho de 1940, quando a aliança político-militar de ambos estava fortalecida pela conquista de parte da Europa Ocidental.

Você sabe o que é geopolítica e como ela interfere nas realidades atuais e do passado?

PERCURSO 5

Geopolítica, espaço e poder

A **Geopolítica** é um campo de estudos interdisciplinares da área de Ciências Humanas que reúne conhecimentos de Geografia, Direito, História, Filosofia, Relações Internacionais, Ciência Política, Sociologia, Economia, entre outros, e produz análises sobre as relações entre espaço e poder. Embora o termo tenha sido criado em 1905 pelo jurista sueco Kjellén no artigo "As grandes potências", o tema já era alvo de estudos anteriores, conforme ressalta o geógrafo brasileiro José William Vesentini:

> [...] as grandes preocupações geopolíticas não surgiram no início do século XX (preocupações sobre o que é e quem é uma potência mundial, como se dá a disputa mundial pelo poder entre os Estados, que estratégias seriam adequadas para tal ou qual Estado tornar-se a potência regional nesta ou naquela parte do globo etc.). Isto é, já existiam anteriormente juízos ou análises a respeito do poderio de cada Estado, das grandes potências mundiais ou regionais, com a importância ou o uso do espaço geográfico na guerra ou no exercício do poder estatal.

VESENTINI, José Willian. O que é geopolítica? E geografia política? *In*: GEOPOLÍTICA E ATUALIDADE – BRASIL E MUNDO. [*S. l: s. n*], [2015]. Disponível em: http://geopoliticaemfoco.weebly.com/textos-e-artigos.html. Acesso em: 6 jul. 2020.

Havia elevado grau de disputas por mercados e por territórios entre as principais nações industrializadas da época que culminaram com a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Fazem parte da geopolítica as disputas de poder que configuram e transformam o espaço geográfico, as relações sociais, o desenvolvimento cultural em diferentes escalas (mundial, regional, nacional, local) e ainda as relações de dominação no âmbito político, econômico, militar, cultural, sexual, não só do Estado mas de diversos atores do sistema internacional (como classes ou segmentos sociais; organismos supranacionais como a Organização das Nações Unidas; organizações não governamentais; corporações privadas transnacionais) e as articulações que estabelecem para implantar ou fazer prevalecer seus interesses e suas demandas.

Com a Segunda Revolução Industrial, iniciada em meados do século XIX, e o consequente desenvolvimento do capitalismo monopolista (ou financeiro), emergiram na Europa diferentes centros de poder que concorriam por influência política, econômica, militar. Havia elevado grau de disputas por mercados e por territórios entre as principais nações industrializadas da época que culminaram com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, entre 1880 e 1914, as potências capitalistas (das quais destacamos Grã-Bretanha, França, Alemanha e Estados Unidos) adotaram um conjunto de práticas e estratégias visando dominar territórios fora de suas fronteiras para ampliar o próprio desenvolvimento industrial e aumentar seus lucros por meio do controle de novos centros consumidores e fornecedores de matérias-primas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Conhecido por **imperialismo**, este fenômeno combinou diferentes meios de se manifestar sobre povos e regiões dominados: ações militares e/ou diplomáticas dos países capitalistas, investimentos de capitais privados, controle político e econômico, imposição cultural. Do ponto de vista ideológico, a expansão imperialista buscou legitimar-se pela defesa de um pretenso projeto civilizatório no qual as nações desenvolvidas estariam empenhadas em ajudar os povos "primitivos" a sair da condição de "barbárie" em que viviam. Você percebeu como essa justificativa implica uma visão de mundo **etnocêntrica** acerca dos povos submetidos ao domínio imperialista?

Essa forma de pensar apoiou-se no darwinismo social, que pregava haver superioridade de algumas raças humanas sobre outras predestinadas a não progredirem socialmente, considerando assim natural submeter as raças tidas como inferiores. Nesse terreno ganharam força teorias racistas que aplicavam o conceito biológico de raça para explicar diferenças culturais, morais, comportamentais entre as sociedades e os indivíduos, abrindo caminho para

GLOSSÁRIO

Etnocêntrico: relativo a etnocentrismo, ou seja, visão de mundo fundamentada em valores e modelos de determinado sistema cultural considerado como o único válido e, em decorrência, julgamento com base em seu próprio ponto de vista de outras práticas culturais, tendendo a vê-las de maneira preconceituosa e estereotipada.

a eugenia. A eugenia foi um campo de estudo pseudocientífico que enaltecia a pureza das raças e entendia a miscigenação como **degenerativa**. Entre as décadas de 1920 e 1940, tal concepção esteve no centro da ideologia nazista desenvolvida na Alemanha, a qual pregava a superioridade da raça ariana e o extermínio de raças vistas como inferiores.

GLOSSÁRIO

Degenerativo: que destrói as características originais de algo; decaído.

Le Petit Journal, janeiro de 1898

Retalhamento da China, em caricatura francesa publicada em 1898. *Le Petit Journal*, janeiro de 1898.

Nesse cartum político francês, publicado em 1898, vê-se uma torta que representa a China sendo dividida entre representantes dos Estados europeus e do Japão, sob protesto de um oficial chinês. Você consegue estabelecer alguma relação entre o cartum e o imperialismo?

O imperialismo promoveu a formação de impérios coloniais submetidos às nações economicamente m[illegible] Hobsbawm:

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Entre 18[illegible] um quarto da superfície continental do globo foi distribuído ou redistribuído, como colônia, entre meia dúzia de Estados. A Grã-Bretanha aumentou seus territórios em cerca de dez milhões de quilômetros quadrados, a França em cerca de nove, a Alemanha conquistou mais de dois milhões e meio, a Bélgica e a Itália pouco menos que essa extensão cada uma. Os EUA conquistaram cerca de 250 mil, principalmente da Espanha, o Japão algo em torno da mesma quantidade às custas da China, da Rússia e da Coreia.
>
> HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios*: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 91.

A violência foi outra marca das relações de poder estabelecidas pelo colonizador.

No mundo colonial do imperialismo, a desigualdade entre o europeu e o colonizado era bastante demarcada: não importava a posição hierárquica que o colonizado ocupasse na sociedade original, pois, a partir da colonização, sua condição sempre seria inferior à do colonizador. A violência foi outra marca das relações de poder estabelecidas pelo colonizador. No continente africano, ela é exemplificada pela quebra do modo de vida tradicional de inúmeros povos, imposição de sistemas de trabalho forçado, punições físicas, definição arbitrária de fronteiras nas regiões colonizadas a qual separou grupos étnicos que compartilhavam das mesmas tradições culturais e linguísticas e reuniu sob a mesma administração grupos étnicos rivais, situação que aumentou ainda mais a tensão entre a população colonial.

Nacionalismos e geopolítica na Europa

Desde a Revolução Francesa (1789-1799), as revoluções liberais disseminaram o sentimento de que o povo era a fonte da autoridade e legitimadora do governo instituído.

Nas primeiras décadas do século XX, ainda que os Estados Unidos e o Japão emergissem como nações industrializadas no cenário internacional, a Europa detinha a posição de liderança política, cultural e militar em âmbito mundial. Contudo, não havia um país capitalista hegemônico; com a rápida expansão industrial e o fortalecimento da economia europeia, os governos buscavam o equilíbrio de poder externo por meio das práticas imperialistas. No plano interno, o período foi marcado pela emergência de movimentos nacionalistas em vários Estados.

A burguesia europeia liderou processos revolucionários que, sustentados no princípio da soberania dos povos, defendiam que os governos deveriam ser a expressão do conjunto de seus cidadãos e não a vontade particular do monarca. Esse princípio, designado **Liberalismo Político**, foi lançado pelos filósofos iluministas no século XVIII – embora sua gênese se encontre no ideário liberal formulado por John Locke (1632-1704) em fins do século XVII – e seus pilares são: a liberdade individual, a igualdade perante as leis, a defesa da propriedade privada e do livre-comércio e a adoção de um governo constitucional que não coloque em risco os direitos dos cidadãos. Desde a Revolução Francesa (1789-1799), as revoluções liberais disseminaram o sentimento de que o povo era a fonte da autoridade e legitimadora do governo instituído.

Nesse contexto, o **nacionalismo** surgiu como uma identidade nova para cada povo europeu em substituição à unidade antes **forjada** pela religiosidade, em que os indivíduos se percebiam mais como judeus, católicos, puritanos, anglicanos, calvinistas, do que integrantes de uma comunidade nacional.

Entre os estudiosos do tema há divergências sobre a definição de nacionalismo. Para alguns, sua ênfase está no princípio político, outros priorizam suas dimensões culturais. Hobsbawm, entretanto, o define assim:

> [...] a própria palavra "nacionalismo" apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que **brandiam** entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados, que viria a ser tão característica [...] movimentos. Foi esta, igualmente, a época em que a canção "Deutschland Über Alles" (A Alemanha acima de todos os outros) substituiu composições rivais, tornando-se o hino nacional da Alemanha.
>
> HOBSBAWM, Eric. J. *A Era dos Impérios:* 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 228.

Você consegue notar como a ideologia nacionalista se manifesta também nos dias atuais? Um exemplo é a **xenofobia**, que resulta em ataques ou práticas discriminatórias contra imigrantes e refugiados, situação que nos últimos anos vem ocorrendo em diferentes sociedades. Ou ainda posições que defendem o nacionalismo em contraposição à globalização, vista como nociva aos interesses nacionais. Você conhece algum outro exemplo de situação recente associada ao nacionalismo?

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, adotou, entre 2017 e 2020, o nacionalismo como bandeira política de seu governo e defendeu, entre outras coisas, a construção de um muro na fronteira com o México como barreira à imigração irregular ao país. Contudo, sem que o muro fosse erguido, dados da Agência de Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA mostravam que as tentativas de travessia ilegal de fronteira tiveram declínio geral no período de 2000 a 2018.

GLOSSÁRIO

Brandir: agitar.
Forjar: modelar; moldar.
Xenofobia: termo de origem grega formado por *xenos* ("estrangeiro") e *phóbos* ("medo") que se manifesta em práticas de ódio, hostilidade, rejeição em relação aos estrangeiros. Também se associa à fobia em relação a grupos étnicos diferentes ou a pessoas cuja caracterização social, cultural e política se desconhece.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unificação da Alemanha e da Itália

O nacionalismo exerceu forte influência sobre as populações europeias governadas por monarquias estrangeiras ou divididas em pequenos reinos; a unificação italiana (1870) e a alemã (1871) foram casos emblemáticos de movimentos nacionalistas europeus daquele contexto marcados por disputas, tensões, conflitos e guerras.

Como exemplos podemos citar o Império Austro-Húngaro e o Império Russo, ambos formados por grupos de diferentes etnias e culturas. Neles, o nacionalismo criou tensões entre os grupos majoritários – que se identificavam em torno da língua falada e da tradição histórica – e os demais grupos étnicos daqueles territórios, que, embora fossem submetidos ao governo central, tinham línguas e tradições próprias, não se reconhecendo como membros da mesma nação.

Esse caldo sociopolítico, somado às rivalidades das potências imperialistas europeias e à sua militarização, consolidou um sistema de alianças político-militares que acabou por dividir a Europa e instaurar a **Paz Armada**, período de acentuada instabilidade que ameaçava romper o frágil equilíbrio de poder na Europa e desencadear uma guerra, o que se concretizou em meados de 1914 com o início da Primeira Guerra Mundial.

Unificação da Itália

Sônia Vaz

Fonte: ARRUDA, José Jobson de A. *Atlas histórico básico*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 26.

Unificação da Alemanha

Jairo Souza

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: VICENTINO, Claúdio. *Atlas histórico: geral e Brasil*. São Paulo: Scipione, 2011. p. 135.

1. Podemos concluir que na passagem do século XIX para o XX, no continente europeu, a paz era instável? Justifique com base nas informações do texto.

1ª GUERRA MUNDIAL

As alianças antecederam a guerra, indicando o contexto de paz instável, ameaçada por rivalidades imperialistas entre as nações industrializadas europeias e tensões nacionalistas no interior do Império Austro-Húngaro e da Rússia. Naquele contexto, qualquer choque entre duas nações de blocos divergentes poderia implicar o confronto bélico entre seus membros, fazendo valer o sistema de alianças.

Cristiane Viana

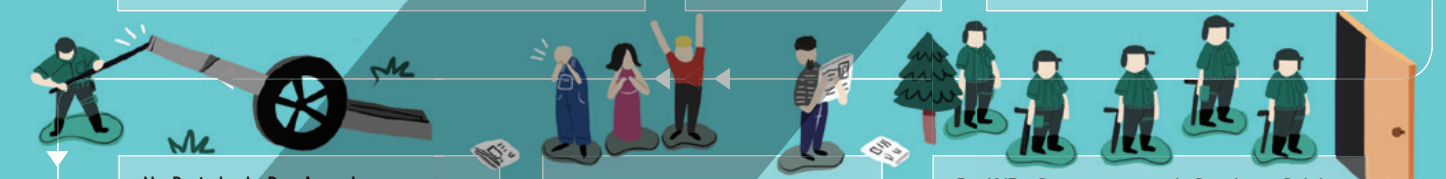
O estopim para o início do conflito foi o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, e de sua esposa, a duquesa Sofia, na cidade de Sarajevo (capital da Bósnia, então uma província do Império Austro-Húngaro), em 28 de junho de 1914. O governo austro-húngaro creditou o atentado a um grupo local da Sérvia que, supostamente, teria recebido auxílio do governo sérvio.

A questão saiu do campo diplomático quando a Áustria-Hungria declarou guerra à Servia, em 28 de julho de 1914. Como a Rússia iniciou preparativos para apoiar a Sérvia, a Alemanha declarou guerra à Rússia em 1° de agosto e à França (aliada russa na Entente) dois dias depois; no dia 4 de agosto foi a vez de a Inglaterra declarar guerra à Alemanha em resposta à invasão alemã na Bélgica, que havia declarado sua neutralidade. Um dia depois, a Áustria-Hungria entrou em guerra contra a Rússia.

A Itália assumiu posição inicial de neutralidade pressionada pela opinião pública nacional; a efervescência do contexto beligerante no continente pressionou muitos debates entre defensores da neutralidade e da intervenção na guerra. Entre os últimos prevalecia a ideia de se aliar à França, país símbolo dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, bem como da república, regime político defendido por ativo grupo de republicanos em oposição ao regime monárquico vigente em solo italiano. Além disso, a antiga aliança com a Áustria-Hungria e Alemanha (selada em fins do século XIX) era impopular.

A Itália entrou no conflito em maio de 1915 ao lado da Entente após negociar com Grã-Bretanha e França um acordo secreto para obtenção territorial, no pós-guerra, de parte da costa adriática, de territórios turcos e de colônias na África.

Nos diferentes exércitos, o conflito mobilizou um total de 65 milhões de homens. Na Frente Ocidental (norte da França e Países Baixos), os dois principais exércitos se enfrentaram: o francês e o alemão. Ao final do conflito contabilizaram-se 9 milhões de mortos e aproximadamente 6 milhões de mutilados. Na Frente Oriental, as batalhas envolveram principalmente tropas da Alemanha, da Áustria-Hungria e do Império Turco-Otomano contra a Rússia.

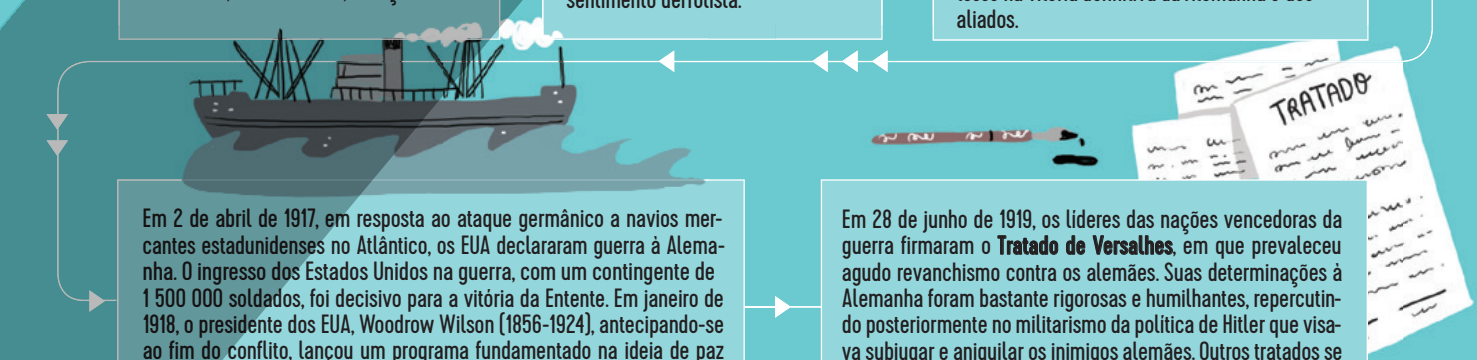


No Período da Paz Armada, que antecedeu o conflito, cresceram os investimentos bélicos: canhão de grande calibre, metralhadora automática, gases químicos, tanques e aviões de guerra. Cada nação beligerante entrou na guerra com a evolução técnica, econômica e organizacional que tinha desenvolvido; os exércitos mais bem equipados e mais modernos para os padrões da época eram os da Alemanha, Grã-Bretanha, França e EUA.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A imprensa intermediou a relação dos campos de batalha com a população civil, sobretudo das nações diretamente envolvidas no conflito. Contudo, as informações veiculadas por jornais conservadores que representavam a classe dirigente em cada país atendiam aos propósitos de mobilizar a opinião em prol do otimismo quanto à vitória e evitar difundir um sentimento derrotista.

Em 1917, a Rússia passou pela Revolução Bolchevique e a população pressionou o novo governo revolucionário a deixar a guerra. O fato foi oficializado em março de 1918 com a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha. A saída russa do conflito precipitou a entrada dos EUA no palco da guerra ao lado da Entente; os Estados Unidos, que até então forneciam alimentos, armas e munição aos países da Entente, temeram que a retirada russa do conflito se revertesse na vitória definitiva da Alemanha e dos aliados.



Em 2 de abril de 1917, em resposta ao ataque germânico a navios mercantes estadunidenses no Atlântico, os EUA declararam guerra à Alemanha. O ingresso dos Estados Unidos na guerra, com um contingente de 1 500 000 soldados, foi decisivo para a vitória da Entente. Em janeiro de 1918, o presidente dos EUA, Woodrow Wilson (1856-1924), antecipando-se ao fim do conflito, lançou um programa fundamentado na ideia de paz justa (ou paz sem vencedores), conhecido como 14 Pontos de Wilson.

Em 28 de junho de 1919, os líderes das nações vencedoras da guerra firmaram o **Tratado de Versalhes**, em que prevaleceu agudo revanchismo contra os alemães. Suas determinações à Alemanha foram bastante rigorosas e humilhantes, repercutindo posteriormente no militarismo da política de Hitler que visava subjugar e aniquilar os inimigos alemães. Outros tratados se sucederam, alterando as fronteiras do Leste Europeu.

Fontes: ARARIPE, Luiz Alencar. Primeira Guerra Mundial. *In*: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006; ISNENGHI, Mario. *História da Primeira Guerra Mundial*: século XX. São Paulo: Ática, 1995; STEVENSON, David. *1914 a 1918*: história da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Novo Século, 2016.

Crise econômica e das democracias liberais

Com o fim da Primeira Guerra, o eixo da economia mundial se deslocou da Europa, então destruída pelos conflitos, para os Estados Unidos, que ao longo da década de 1920 teve acentuado crescimento econômico, projetando o país à condição de potência internacional.

A produção agrícola e industrial dos Estados Unidos cresceu estimulada pelo aumento das necessidades de consumo do mercado interno e pela ampliação das exportações. A euforia do desenvolvimento econômico repercutiu em investimentos de capitais na Bolsa de Valores, proporcionando vultosos lucros que atraíam novos investidores nacionais: grandes empresas, bancos e financistas, além de pequenos empresários e pessoas da classe média entusiasmados pela possibilidade de ganhos elevados com a valorização das ações no mercado financeiro.

Em outubro de 1929, a crise provocou a quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

Em meados da década de 1920, houve, porém, retração nas exportações devido à retomada da produção europeia. O consumo interno também diminuiu em decorrência da elevação da inflação. Como o ritmo de produção continuou intenso, houve uma crise de superprodução em setores econômicos dos Estados Unidos agravada pela falência de algumas indústrias, pelo aumento do desemprego e pela nova queda no consumo. O cenário econômico desfavorável fez cair o preço das ações. Em outubro de 1929, a crise provocou a quebra da Bolsa de Valores de Nova York.

A economia dos Estados Unidos entrou em colapso com a falência de empresas agrícolas e de serviços variados, bancos, indústrias. O desemprego atingiu milhares de pessoas, enquanto a renda das famílias das pequenas propriedades caiu 60% entre 1929 e 1932.

As contradições do modo de ser estadunidense

Veja nesta imagem a expressão das desigualdades pós-crise na sociedade estadunidense.

Ann Ronan Picture Library/Photo12/AFP

Desempregados fazem fila em frente a um local de distribuição de sopa durante a Grande Depressão. Nova York, Estados Unidos, 1930.

1. Para você, quais elementos da imagem apontam as desigualdades daquele contexto?
2. A crise econômica decorrente da pandemia da covid-19 teve efeito semelhante nas comunidades das quais você participa?

Revolução Bolchevique: também conhecida por Revolução Russa, ocorreu em 1917 e marcou a implantação do regime socialista na Rússia em decorrência de um golpe de Estado contra o então governo de Kerensky, que buscara apoio tanto entre socialistas quanto na burguesia para promover reformas sociais. A revolução foi liderada por Lênin (1870-1924), representante dos bolcheviques. O governo de Lênin retirou o país da Primeira Guerra em 1918 ao assinar o Tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha, por meio do qual cedeu ao governo alemão os territórios da Letônia, Estônia, Lituânia, Finlândia, Ucrânia e parte da Polônia. Após vencer a guerra civil, Lênin implantou a Nova Política Econômica (NEP) e, em dezembro de 1922, instituiu a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), conjunto de repúblicas federadas socialistas submetidas ao governo central de Moscou.

O liberalismo econômico que até então imperava no país cedeu lugar ao intervencionismo estatal: por meio do programa econômico conhecido como New Deal, houve investimentos do Estado em obras de infraestrutura, concessão de crédito com juros baixos e adoção de programas sociais. Tais ações estimularam o crescimento econômico, com consequente geração de emprego e renda à população em um processo gradativo de recuperação da economia. Na década de 1930, a crise se estendeu pelas demais economias capitalistas do mundo, com profundas repercussões no campo sociopolítico, sobretudo na Europa. Nos países europeus, as dificuldades econômicas vivenciadas no pós-guerra motivaram a emergência de movimentos sociais de diferentes tendências. Entre os operários urbano-industriais cresceu o apoio ao socialismo como meio para superar as desigualdades sociais **intrínsecas** ao capitalismo; a **Revolução Bolchevique**, em 1917, que implantara o socialismo na Rússia, foi tomada como inspiração e isso provocou embates com os Estados Nacionais, compromissados com a manutenção do capitalismo.

O Período **Entreguerras** foi marcado ainda pela descrença nas democracias liberais por parte de diferentes segmentos sociais, incluindo a burguesia e a classe média. Mas o que caracteriza uma democracia liberal?

É o regime democrático organizado segundo a Constituição e em torno do equilíbrio de poderes do Estado (Poder Executivo, Poder Legislativo e Poder Judiciário); nele, os eleitores escolhem representantes para que exerçam o governo durante determinado período (mandato), devendo tais representantes prestar contas à sociedade. Esse regime prioriza a liberdade do indivíduo e seus interesses privados em detrimento da interferência da autoridade pública; a democracia liberal concebe a liberdade como ausência de privilégios entre os indivíduos (princípio da igualdade de todos perante as leis) e como condição para que eles alcancem seus objetivos pessoais por mérito próprio, atribuindo unicamente aos indivíduos as razões para seu eventual sucesso ou insucesso. Para ampliar o conceito de democracia liberal, vejamos a seguinte explicação:

> De forma geral, pode-se dizer que a democracia é o governo do povo, ou melhor, o [illegible] povo constitui a autoridade soberana, é ele que toma as decisões importantes no que concerne à organização e às políticas públicas. [...] Além disso, como é todo o povo que governa, não há um soberano que **sobrepuje** a todos em autoridade. Todos são igualmente cidadãos, e, por isso, o poder político deve ser distribuído igualitária ou equitativamente entre todos. Isto, por sua vez, significa respeitar a igual cidadania. Nas sociedades liberais, normalmente, a democracia é concebida como um sistema político onde as decisões são tomadas mediante deliberação e votação de agentes racionais, limitados pelos direitos fundamentais, em âmbito institucional, tendo como base a regra da maioria, ou seja, a regra que prescreve que a decisão de todos é aquela **endossada** pela maioria dos cidadãos.
>
> COUTO, Leonardo Diniz. Características da democracia liberal: breves comentários. *Redescrições – Revista on-line do GT de Pragmatismo e Filosofia Americana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 63-64, 2012. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/view/31. Acesso em: 15 maio 2020.

Você percebeu que a democracia liberal é o regime político adotado em grande parte das atuais sociedades ocidentais? Suas origens remontam ao pensamento iluminista do século XVIII e, embora possamos apontar limitações em seu funcionamento e caracterizá-lo como um regime incompleto e até imperfeito, também é válido reconhecê-lo como regime aberto, isto é, que está em constante reelaboração pelas sociedades, o que permite seu aperfeiçoamento.

GLOSSÁRIO

Endossado: garantido, avalizado.
Entreguerras: denominação dada ao período transcorrido entre o fim da Primeira Guerra, em novembro de 1918, e o início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939.
Intrínseco: inerente; que é próprio de algo.
Sobrepujar: superar, destacar, sobressair.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ascensão do fascismo e do nazismo

No contexto da crise das democracias liberais na Europa, agravada pelos efeitos da depressão econômica, ganharam projeção forças políticas antidemocráticas que apoiavam a adoção de regimes ditatoriais: o salazarismo, em Portugal; o franquismo, na Espanha; o fascismo, na Itália; e o nazismo, na Alemanha. Em nosso percurso, abordaremos os dois últimos e suas relações com a Segunda Guerra.

As origens da palavra **fascismo** na Itália remontam a um símbolo de poder usado na Roma Antiga, o *fascio littorio*, um feixe de varas presas em torno de um machado usado para indicar a execução de uma ordem judicial. No fascismo, tal símbolo foi associado ao passado romano de glórias e à força da união do povo italiano. Em 1919, o termo foi usado por Benito Mussolini (1883-1945) para denominar a organização fundada por ele, a *Fasci di Combattimento*, que tinha um programa nacionalista e incluía algumas propostas do socialismo (Mussolini fora do Partido Socialista, mas rompeu com o partido na Primeira Guerra).

Composto sobretudo de jovens da pequena burguesia, a *Fasci* atuou como grupo paramilitar de oposição ao regime político liberal italiano, sendo convertida no Partido Nacional Fascista, em 1921. O partido exaltava a disciplina militar e considerava que os movimentos proletários de base socialista enfraqueciam a unidade nacional, devendo ser combatidos. O movimento fascista se ampliava e almejava o poder e o estabelecimento de um Estado forte; as elites econômicas não frearam tal objetivo uma vez que poderiam usar o nacionalismo para controlar as massas populares e afastar o risco de um avanço na luta da classe trabalhadora. Em 1922, o fascismo ascendeu ao poder com a nomeação de Mussolini ao cargo de primeiro-ministro pelo então monarca italiano Victor Emanuel III.

Na Alemanha, o **nazismo** se estabeleceu como regime político a partir da nomeação de Adolf Hitler (1889-1945) como chanceler em 1933, consolidando-se quando ele instituiu o III Reich, em 1934. Hitler fundara o partido nazista, cujo nome oficial é Partido **Nacional-Socialista** dos Trabalhadores Alemães, em 1920, em meio ao sentimento de humilhação dos alemães pelas duras imposições do Tratado de Versalhes (1919). Inicialmente uma força política inexpressiva no cenário alemão, o partido hitlerista ganhou adeptos à medida em que a depressão econômica se intensificou no país. Embora o partido tenha adotado a denominação socialista, o termo foi empregado como meio de cooptar as massas trabalhadoras, profundamente impactadas pela inflação e pelo desemprego.

Nacional-socialismo: os nazistas consideravam o socialismo uma instituição ancestral ariana, germânica, preocupada com o bem comum. Mas, opondo-se ao socialismo marxista, não rejeitavam a propriedade privada e negavam a luta de classes. Também eram firmemente contrários ao marxismo e ao bolchevismo, pois julgavam-nos criação dos judeus, a quem acusavam de querer o domínio mundial. Hitler declarou sua intenção de destruir o marxismo; e o nazismo foi apoiado pelos capitalistas por receio do bolchevismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As pesquisas acadêmicas de Ciências Humanas atestam que o ideário nazista não era socialista. Tanto no conjunto de ideias como nas ações do regime nazista, e ainda em declarações do próprio Hitler, há evidências de que o nacional-socialismo divergiu do socialismo marxista.

Tanto o fascismo como o nazismo tiveram uma base de apoio heterogênea, composta de diversos grupos sociais, entre os quais membros da burguesia, da classe média, militares, funcionários públicos, trabalhadores; ambos chegaram ao poder com apoio das elites, temerosas do perigo socialista que rondava a sociedade.

Thomas F. Starke/Getty Images

Neonazistas demonstram apoio público contra a prisão de um negador do holocausto. Bielefeld, Alemanha, 2019.

adoc-photos/Album/Fotoarena

Benito Mussolini em fotografia de 1938, na Itália.

Além de antiliberais, eram anticomunistas, e seus projetos políticos caracterizaram-se por um nacionalismo exacerbado, que exaltava um passado glorioso recriado por meio de rituais e símbolos cívicos que imprimiam valores e comportamentos tidos como da nação, fenômeno ideológico que o historiador Hobsbawm definiu como "invenção das tradições". Sob essa perspectiva, os grandes desfiles militares realizados tanto na Itália fascista quanto na Alemanha nazista, bem como os símbolos nacionais e a saudação típica de cada um desses regimes, cumpriam o papel de forjar uma coesão social em torno do sentimento de unidade nacional, encarnado no culto ao líder (respectivamente, Mussolini e Hitler) promovido pelas propagandas oficiais.

De 1933 a 1945, o regime racista de Hitler perseguiu minorias (homossexuais, ciganos, afro-germânicos, pessoas com deficiências físicas e mentais) e classificou os judeus como principal inimigo, praticando contra eles um genocídio – isto é, um assassinato em massa – que condenou todos os judeus, homens, mulheres ou crianças. Eles perderam bens e direitos, foram presos e submetidos a trabalhos forçados; destituídos de sua humanidade e da personalidade individual, milhões foram mortos em campos de concentração. Estima-se que a política **antissemita** nazista tenha provocado a morte de 6 milhões de judeus na Europa.

GLOSSÁRIO

Antissemita: ideia ou prática hostil de discriminação aos judeus, povo de origem semita.

A filósofa-política Hannah Arendt, em estudo sobre o nazismo e o stalinismo (regime ditatorial que vigorou na URSS entre 1924 e 1953 sob a liderança de Josef Stalin), considerou ambos como Estados totalitários pela política de extermínio que cada um desses regimes políticos empreendeu respectivamente contra os judeus e contra parcela da população soviética que se opunha ao governo (apenas entre 1936 e 1938, calcula-se que 1 milhão de opositores tenham sido mortos pelo governo stalinista). Assim, o terror é a essência dos regimes totalitários; aplicado contra uma população totalmente subjugada, ele implica a eliminação do "inimigo".

Eles perderam bens e direitos, foram presos e submetidos a trabalhos forçados; destituídos de sua humanidade e da personalidade individual, milhões foram mortos em campos de concentração.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Arendt esclarece ainda que o que diferenciava os Estados totalitários dos demais Estados autoritários e tiranos era o uso do terror pelo nazismo e stalinismo como instrumento corriqueiro para governar as massas obedientes. Para ela, as massas são constituídas de grande número de indivíduos desconectados de uma classe social específica e apáticos às questões coletivas. Seus estudos influenciaram novas interpretações sobre o totalitarismo e alertam para os riscos da propaganda de massa que visam difundir ideologias políticas extremistas e criar um elo delas com a população.

Propaganda com apelo político

A propaganda exerceu papel central na construção da imagem de Hitler perante a sociedade alemã e na divulgação do ideário nazista, especialmente o antissemitismo. O conteúdo das diversas mídias da época, como livros, jornais, filmes, era controlado por órgãos de censura.

Você considera que a propaganda de massa seja um fenômeno presente atualmente nos meios de comunicação de massa como a internet? Reflita e discuta com os colegas.

Análise

A praça da ignorância

AP/Glow Images

Queima de livros considerados "não alemães", em 1933, em praça de Berlim, na Alemanha.

De praça, quase não tem nada: não há banco para descanso, árvore ou gramado. [...] No meio da Bebelplatz, no entanto, algo chama a atenção dos mais atentos: uma placa de vidro cobrindo um buraco no chão. Dentro dele, prateleiras brancas vazias.

O monumento lembra um dos episódios mais emblemáticos do período nazista. Em 10 de maio de 1933, livros de intelectuais considerados críticos ou que não se encaixavam no padrão pregado pelo regime de extrema direita comandado por Adolf Hitler foram queimados em praças públicas em várias cidades da Alemanha.

Em Berlim, o palco deste ato de intolerância foi a Bebelplatz, que na época era chamada de Praça da Ópera. Em frente à praça estava o prédio da Universidade Humboldt de Berlim. [...] Os livros queimados pertenciam principalmente às bibliotecas públicas e universitárias. [...]

Sergio Foto/Shutterstock.com

Memorial produzido por Micha Ullman na praça Bebelplatz, em homenagem aos livros queimados no mesmo local em maio de 1933. Berlim, Alemanha, 2019.

A queima dos livros marcou o auge da perseguição aos intelectuais, que havia começado lentamente e vinha sendo praticamente ignorada pela opinião pública por muito tempo. [...]

Primeiro foi publicado um manifesto defendendo a cultura alemã e pregando acabar com supostas mentiras. Logo em seguida veio a perseguição a professores. [...]

Depois veio a decisão de banir livros de intelectuais que "alienavam a cultura alemã". Obras foram saqueadas de bibliotecas e, em 10 de maio de 1933, jogadas em fogueira pública. [...]

Hoje na Bebelplatz, [...] há uma placa com a frase do poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856): "Onde se queimam livros, acabam-se queimando pessoas". [...]

NEHER, Clarissa. A praça da ignorância. *Deutsche Welle Brasil*, [*s. l.*], 6 maio 2019. Disponível em: https://www.dw.com/pt-bra-praça-da-ignorância/a-48598994. Acesso em: 2 jul. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Qual fato marcou a história alemã na Bebelplatz, em Berlim, e em qual contexto ocorreu?
2. Como essa data é rememorada atualmente na Bebelplatz?
3. Qual seria a intenção em rememorá-la? Como você chegou a essa conclusão?
4. Que sentido você atribui à frase de Heine inscrita na placa próxima ao monumento da Bebelplatz? Por quê?

Vozes

A filósofa judia-alemã Hannah Arendt (1906-1975) foi uma das principais pensadoras de Teoria Política do século XX, propondo-se a compreender o totalitarismo nazista e stalinista por meio de reflexões filosóficas sobre o poder, o direito e a condição humana. Arendt nasceu em Hannover, na Alemanha, em uma família de judeus de classe média. Em 1933, para escapar às perseguições nazistas aos judeus, ela migrou para a França com o primeiro marido, onde viveu até 1941. Após ser presa em um campo de concentração por semanas, fugiu com o segundo marido para Nova York, nos Estados Unidos, lá permanecendo até o fim da vida. Obteve a cidadania estadunidense apenas em 1951, passando quase 20 anos como **apátrida**, fato que marcou profundamente seu pensamento político-filosófico, levando a reflexões sobre a efetividade dos direitos humanos e seus vínculos com a cidadania.

Fred Stein/picture alliance/Album/Fotoarena

Hannah Arendt, em 1960.

GLOSSÁRIO

Apátrida: sem nacionalidade alguma.

Segunda Guerra Mundial

Principais acontecimentos

Aleksandr Bryliaev_Shutterstock.com

1936

• A Itália (fascista) invade, conquista e anexa a Etiópia.
• A Alemanha (nazista) e a Itália (fascista) assinam um tratado de cooperação e firmam o Eixo Berlim-Roma.
• De 1936 a 1939 ocorreu a Guerra Civil Espanhola. A vitória de Franco no conflito deu início a um regime ditatorial no país que duraria até 1975.

1938

• Anexação da Áustria e da região dos Sudetos (no nordeste da Tchecoslováquia) pela Alemanha, onde vivia população de etnia alemã.

1939

• A Polônia é ocupada pelos alemães, fato que desencadeia a guerra.
• França e Inglaterra declaram guerra à Alemanha.
• A URSS invade a Polônia e, posteriormente, a Finlândia.

1940

[illegible] a Dinamarca e, em seguida, Bélgica, Holanda e França, que se [illegible]
• Itália (fascista) declara guerra à França e à Inglaterra.
• Alemanha bombardeia Londres.
• Alemanha, Itália e Japão estabelecem aliança militar.
• Os ingleses atacam a Líbia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1941

• Inglaterra bombardeia Gênova (Itália).
• As forças alemãs invadem a Iugoslávia, a Grécia e a URSS, rompendo o pacto firmado anos antes.
• Massacre de judeus na Europa Oriental pelas forças móveis nazistas.
• Os ingleses bombardeiam Berlim.
• Ataque japonês à base militar de Pearl Harbor (Havaí), estopim para que os Estados Unidos entrem na guerra.
• Hitler declara guerra aos Estados Unidos.

1942

• O Brasil, sob o governo de Getúlio Vargas, alinhou-se aos EUA e rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo. A base aeronaval em Natal, no Rio Grande do Norte, passa a ser usada pelos EUA para chegar à África e, de lá, à Europa.

1943

• Mussolini, ditador italiano e aliado de Hitler, é destituído.
• Os Aliados bombardeiam Hamburgo (Alemanha); mais de 300 mil pessoas morrem. É o pior ataque até então.
• A Itália assina o armistício com os Aliados.
• Tropas soviéticas derrotam as tropas alemãs na Batalha de Stalingrado, marcando o limite da expansão alemã no território soviético.

1944

• Cerca de 25 mil brasileiros lutam nas frentes de combate na Itália.
• Os Aliados conseguem importante vitória na Normandia (França). Os alemães perdem em torno de 158 mil soldados no episódio que ficou conhecido por Dia D.
• Tropas aliadas alcançam Paris e a libertam do domínio nazista.

1945

• O Exército Vermelho liberta o campo de concentração de Auschwitz, onde mais de 7 mil pessoas são libertadas.
• Os russos tomam Varsóvia (Polônia).
• Berlim é cercada pelas tropas soviéticas. A Alemanha é dividida em quatro zonas: três no oeste (Estados Unidos, Grã-Bretanha e França) e uma no leste (dominada pela União Soviética).
• Rendição das forças nazistas e suicídio de Hitler.
• Os Aliados ocupam Nuremberg e Munique, na Alemanha.
• Os russos ocupam Berlim e exigem a rendição das tropas alemãs na Baviera e na Áustria.
• Os Estados Unidos lançam duas bombas atômicas contra o Japão: Hiroshima e Nagasaki. Os ataques vitimam quase 200 mil pessoas.
• Japão assina acordo de rendição incondicional, o que estabelece o fim da Segunda Guerra Mundial.

Eixo	Principais potências aliadas
• Itália • Alemanha • Japão	• Estados Unidos • Grã-Bretanha • URSS • França

Fontes: CHIARELLI, Marco. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1997; COGGIOLA, Oswaldo. A Segunda Guerra Mundial – Conflito e violência. *Produção Acadêmica*, Palmas, v. 3, n. 1, p. 92-122, 2017. Disponível em: https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/producaoacademica/article/view/4047/11471. Acesso em: 7 jul. 2020; TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. *In*: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

A ordem bipolar da Guerra Fria (1945–1991)

Desde meados do século XX, a repartição de poder político entre os países do mundo foi substancialmente influenciada pelo término da Segunda Guerra Mundial. Com o fim do conflito e a vitória dos Aliados contra o Eixo, as economias do Japão e dos países da Europa Ocidental estavam em dificuldade. Logo, despontaram duas **superpotências** mundiais: os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS).

A partir de então, ambos passaram a disputar poder econômico e geopolítico, defendendo sistemas socioeconômicos antagônicos: os Estados Unidos, o capitalismo, e a União Soviética, o socialismo.

Fine Art Images/Album/Fotoarena

Leslie Gilbert Illingworth. Crise dos mísseis de Cuba. *Daily Post*, outubro de 1962. A charge destaca a crise dos mísseis em Cuba (1962) entre os EUA (John Kennedy) e URSS (Nikita Kruschev) durante a Guerra Fria.

O relacionamento entre as superpotências foi regido pela **Guerra Fria**, uma disputa ideológica, econômica, geopolítica e militar. As divergências resultaram numa corrida armamentista, nuclear e aeroespacial entre elas, desdobrando-se em uma ordem mundial bipolarizada.

A Guerra Fria foi deflagrada em 1947, com a **Doutrina Truman** (visando conter o expansionismo e a influência geopolítica soviética) e o **Plano Marshall** (para ampliar a influência dos Estados Unidos na Europa). A partir da década de 1950, o governo dos Estados Unidos, com base no ideário de Joseph McCarthy, empreendeu uma política interna de perseguição às lideranças e aos artistas de esquerda denominada **macarthismo**.

Os Estados Unidos teceram alianças econômicas e militares para conter o avanço do socialismo em seus matizes soviético e chinês. Empregavam até a expressão *cordon sanitaire* ("cordão sanitário"), utilizada pelo então primeiro-ministro francês Georges Clemenceau, em 1919, para descrever o necessário isolamento que o Ocidente deveria impor à Rússia após a Revolução Bolchevique de outubro de 1917 para que o "vírus comunista" fosse contido. A origem da expressão, no entanto, remete à Idade Média e se referia às práticas de isolamento para a contenção de epidemias.

A bipolaridade favoreceu as duas superpotências, uma vez que estimulou a configuração de áreas de influência econômica e geopolítica de ambas. Na década de 1970, as relações entre as superpotências foram marcadas pela coexistência pacífica, em que cada uma chegou até a respeitar o espaço de influência geopolítica da outra sobre seus respectivos blocos, o **capitalista** e o **socialista**.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sistema de Posicionamento Global

A Guerra Fria levou a uma competição tecnológica entre as superpotências. Do complexo industrial e militar dos Estados Unidos surgiram inovações como a internet e o Sistema de Posicionamento Global (GPS, na sigla em inglês). O GPS foi inventado na década de 1970 e seria importante para guiar a trajetória de mísseis na hipótese de uma guerra. Na atualidade, ele funciona com duas dezenas de satélites que fornecem com exatidão as coordenadas geográficas de latitude e longitude de qualquer pessoa ou objeto na superfície do planeta.

1. O investimento no setor de defesa é justificável devido aos benefícios futuros, como a utilização de novas tecnologias para uso das sociedades? Qual é sua posição sobre o assunto?
2. Com o advento de tecnologias como o GPS e a internet, você defende o investimento em tecnologias similares por países emergentes, como China, Rússia e Brasil? Reflita e discuta com os colegas.

Boris Rabtsevich/Shutterstock.com

Ilustração representativa da rede de satélites de monitoramento.

Alianças militares

O temor de um ataque militar do inimigo fez com que as superpotências organizassem uma respectiva política de alianças militares.

A **Otan** (Organização do Tratado do Atlântico Norte), fundada em 1949, foi liderada pelos Estados Unidos e teve como parceiros o Canadá, a maioria dos países capitalistas da Europa e a Turquia. O objetivo era defender as nações capitalistas contra um possível ataque do bloco socialista.

O **Pacto de Varsóvia**, aliança fundada em 1955 em contraposição à Otan, foi liderada pela União Soviética em parceria com países socialistas europeus como Polônia, Checoslováquia, Hungria e Bulgária.

Alguns países europeus – por exemplo, a Suíça e a Iugoslávia – preferiram manter uma posição de neutralidade, sem aderir às alianças militares.

Alianças econômicas

Museu Histórico Alemão, Berlim

Propaganda do Plano Marshall traz o *slogan* da campanha: "Independente do tempo devemos seguir juntos", 1950.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Na esfera econômica, os Estados Unidos consolidaram sua hegemonia no mundo capitalista. A **Conferência de Bretton Woods**, realizada em 1944, estabeleceu o dólar como moeda de referência mundial, substituindo o ouro enquanto reserva de valor.

Após a criação da ONU pela **Conferência de São Francisco** (1945) foram fundadas instituições financeiras como o **FMI** (Fundo Monetário Internacional) e o **Banco Mundial** (Banco Internacional de Reconstrução de Desenvolvimento), ambas com hegemonia dos Estados Unidos e potências da Europa Ocidental.

Para firmar sua hegemonia entre os países capitalistas, os Estados Unidos lançaram um programa de cooperação econômica e empréstimos para a reconstrução da Europa Ocidental no pós-guerra por meio do **Plano Marshall**, cujos investimentos foram administrados pela Organização Europeia de Cooperação Econômica (Oece), criada para este fim. Já para a recuperação do Japão e de outros países asiáticos, foi lançado, em 1951, o **Plano Colombo**.

Em contrapartida, a União Soviética incrementou a cooperação econômica com os países do Leste Europeu a partir de 1949 por meio do **Comecon** (Conselho para Assistência Econômica Mútua).

1. No cartaz, como a ideia de cooperação entre o bloco capitalista é desenvolvida?

Nações divididas pela Guerra Fria

O cenário internacional da Guerra Fria conjugado com a disputa entre os partidários do capitalismo e do socialismo no interior de algumas nações levou à fragmentação territorial. Nações foram divididas em dois Estados com sistemas antagônicos, um capitalista e outro socialista. Foram os casos da Alemanha, Coreia, China, Iêmen e Vietnã. Tais divisões territoriais afetaram profundamente a população civil, uma vez que famílias e amigos foram separados.

No caso da Alemanha, a Conferência de Potsdam – que ocorreu entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945, após a derrota definitiva do III Reich hitlerista – decidiu que o país seria dividido em quatro zonas de ocupação: britânica, francesa e norte-americana, que, juntas, originaram a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) em 1949; e a zona soviética, que originou a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) no mesmo ano. A primeira, com capital em Bonn; a segunda, com capital em Berlim.

A cidade de Berlim, encravada na Alemanha Oriental, também foi dividida. Em grande medida, a parte capitalista ficou separada da parte socialista pelo **Muro de Berlim**, construído em 1961.

No caso vietnamita, a fragmentação originou-se na descolonização, quando Vietnã, Camboja e Laos se tornaram independentes da França. O país foi dividido em Vietnã do Norte (socialista), liderado por Ho Chi Minh e com respaldo soviético, e Vietnã do Sul (capitalista). A Guerra do Vietnã começou em 1960, quando o sul recebeu apoio militar dos Estados Unidos para combater a guerrilha socialista *vietcong*, disposta a unificar o país. Após 40 mil soldados estadunidenses mortos no conflito e forte pressão da opinião pública, os Estados Unidos deixaram o Vietnã em 1973. Em 1975, o Vietnã foi reunificado como país socialista.

Análise

Desespero e inocência

As imagens destacam uma das sobreviventes da Guerra do Vietnã em duas épocas distintas, na infância e na idade adulta.

Nick Ut/AP/Glow Images

Joe McNally/The LIFE Picture Collection/Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

À esquerda, Kim Phuc Phan Thi, quando criança, corre aterrorizada com seus irmãos e primos depois de atingidos por ataque de napalm na C[illegible]. À direita, Kim, em 1995, posando com um de seus filhos.

Em 1972, um bombardeio estadunidense com armas químicas na vila de Trang Bang, no Vietnã, provocou o desespero. Na primeira fotografia, destaca-se Kim Phuc Phan Thi, uma criança de 9 anos de idade. A fotografia de Nick Ut, ganhador do Prêmio Pulitzer, correu o mundo e ajudou a conscientizar a opinião pública sobre a barbárie de uma longa guerra que ceifou a vida de milhões de vietnamitas. A menina sobreviveu às armas químicas e tornou-se mulher residente do Canadá. Escreveu o livro *A menina da foto: do horror da guerra ao caminho da paz*, no qual relatou os tempos de guerra, mas também o nascimento de seu primeiro filho.

Reúna-se com um colega e troque ideias sobre as questões a seguir.

1. Que elementos da fotografia de Kim com as demais crianças mais sensibilizaram vocês? Por quê?
2. Quais são as consequências humanas de uma guerra?
3. Qual é o papel da imprensa livre, jornalistas e fotógrafos na promoção da cultura da paz?

A parte norte do Vietnã tornou-se independente do Império Otomano ao fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, dando origem à **República Árabe do Iêmen** ou **Iêmen do Norte** (capitalista). A parte sul tornou-se independente do Reino Unido em 1967, originando a **República Popular do Iêmen** ou **Iêmen do Sul** (socialista). Na década de 1970, aconteceram conflitos entre os dois países. A unificação do Iêmen se deu em 1990.

E quais nações continuam atualmente divididas pelo antagonismo gestado na Guerra Fria? A China e a Coreia. No caso da China, após a Revolução Socialista de 1949, o país acabou dividido entre **República Popular da China** (socialista, parte continental), com liderança de Mao Tsé-Tung, e **República da China**, **Taiwan** ou **Formosa** (capitalista, parte insular), com liderança de Chiang Kai Shek.

No caso coreano, a fragmentação aconteceu durante a Guerra da Coreia (1950-1953). Na Segunda Guerra, a Península Coreana fora ocupada pelos japoneses, responsáveis por diversas atrocidades contra a população civil. Com a retirada japonesa, a Península Coreana encontrava-se dividida em duas partes. O norte do país passou a ser controlado pelo Partido Comunista da Coreia, apoiado pela União Soviética e China. O sul do país passou para a órbita de influência dos Estados Unidos, com sistema capitalista.

Em 1950, as forças militares norte-coreanas invadiram o território sul-coreano com a finalidade de reunificar o país. A ofensiva do norte teve apoio chinês, e a invasão foi condenada pela ONU. A partir de então, os Estados Unidos fizeram uma intervenção apoiando a Coreia do Sul. Assim, norte-coreanos e chineses foram obrigados a recuar até o paralelo de latitude 38º, ao norte de Seul, a zona fronteiriça entre as duas Coreias. Em julho de 1953, foi assinado um armistício. Desde então, os coreanos permanecem divididos em dois países: a República Democrática da Coreia ou **Coreia do Norte** (socialista) e a República da Coreia ou **Coreia do Sul** (capitalista). Em abril de 2018, os líderes das duas Coreias se reuniram na Zona Desmilitarizada, localizada entre os dois países, e concordaram em iniciar discussões visando à assinatura de um tratado de paz para encerrar oficialmente a guerra.

Durante a Guerra Fria, a Coreia do Sul foi submetida a governos autoritários. Todavia, com viés nacionalista, a Coreia do Sul teve uma guinada econômica em que o Estado coreano estimulou o fortalecimento de corporações privadas nacionais e atraiu capitais externos; nesse ambiente nasceu o maior Tigre Asiático. Atualmente, a Coreia do Sul é uma democracia pluripartidária.

Já a Coreia do Norte permaneceu como uma ditadura de partido único liderada por uma dinastia de líderes, o avô (Kim Il-sung), o pai (Kim Jong-il) e o neto (Kim Jong-un). Após a fragmentação soviética (1991), a Coreia do Norte foi enfraquecida do ponto de vista econômico. A Coreia do Norte deixou o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP) em 2003 e investiu em um polêmico programa de mísseis e armas atômicas, com períodos de tensão entre os adversários geopolíticos, Estados Unidos, Japão e Coreia do Sul.

Nos períodos de aproximação política, as Coreias promovem encontros emocionantes de famílias separadas pela divisão da nação.

1. A Coreia do Norte e a Coreia do Sul permanecem como marcos da geopolítica bipolar que caracterizou a Guerra Fria. Como as divisões territoriais de nações afetaram a vida das pessoas, as amizades e as famílias?
2. Que medidas você propõe para promover maior integração social entre as Coreias?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Korea Pool/AFP

Mãe e filho se reencontram durante uma reunião de famílias separadas. Coreia do Norte, 2018.

A crise no bloco socialista

O **socialismo real**, aplicado na prática na União Soviética e nos países de sua esfera de influência, apresentou distorções em relação ao socialismo científico e utópico.

Em 1985, ascendeu ao poder na URSS o líder reformista **Mikhail Gorbachev**, que iniciou duas reformas. A **perestroika** visava reestruturar e modernizar a economia soviética; a **glasnost**, por sua vez, pretendia introduzir elementos democráticos, como a liberdade de expressão e de imprensa.

Após décadas de domínio socialista, os países do Leste Europeu passaram a sofrer transformações a partir do final da década de 1980. A distensão provocada pela perestroika e glasnost levou à queda dos regimes socialistas autoritários em toda a região.

Em 1989, o governo socialista na Alemanha Oriental entrou em colapso, fato simbolizado pela **Queda do Muro de Berlim**.

A partir de 1989, quase todos os regimes socialistas do Leste Europeu caíram devido às pressões populares por abertura econômica e democracia. Na Romênia, ocorreram violentos confrontos entre manifestantes e forças de segurança leais à ditadura de Nicolau Ceaucescu. O ditador acabou condenado à morte. Na Hungria, Bulgária e Albânia, as mudanças foram graduais.

Com o enfraquecimento dos governos centrais e a crise econômica, os movimentos nacionalistas e separatistas com motivação étnica e religiosa, antes sufocados, começaram a ganhar **ímpeto**. Em pouco tempo, o socialismo real perdeu espaço em todo o Leste Europeu e, a partir da década de 1990, os países da região adotaram a democracia pluripartidária e a economia de mercado capitalista. Alguns Estados multiétnicos sofreram fragmentação territorial, foi o caso da União Soviética (1991) e da Iugoslávia (1991 até 2008).

GLOSSÁRIO

Ímpeto: impulso.

O processo de transição para a economia de mercado foi turbulento. Em muitos países, a situação socioeconômica se deteriorou devido à elevação do desemprego, aumento da pobreza e declínio da qualidade dos serviços sociais. Uma das consequências da crise foi a intensificação dos fluxos de imigrantes do Leste Europeu em direção aos países da União Europeia.

Atualmente, a Coreia do Norte é o único país que mantém um regime socialista nos moldes soviéticos. China, Vietnã e Cuba mesclam socialismo com abertura para a economia de mercado capitalista. Nações africanas como Angola, Moçambique e Guiné-Bissau também se tornaram economias de mercado.

No próximo percurso, você vai conhecer melhor as transformações econômicas e políticas que marcaram a nova ordem mundial que emergiu do colapso do socialismo na URSS e no Leste Europeu.

#Ficaadica

1917, de Sam Mendes (119 min). O enredo do filme gira em torno da jornada de dois soldados britânicos da Primeira Guerra encarregados de cruzar o território inimigo para alertar seus aliados sobre uma armadilha e, assim, salvar 1600 vidas. A história é inspirada em eventos reais contados ao diretor, quando era criança, por seu avô que lutou no conflito.

Adeus, Lenin!, de Wolfgang Becker (117 min). Comédia com tons dramáticos sobre as relações familiares e ideologia[illegible]a do Muro de Berlim.

Ele está de v[illegible] min). Sátira política contemporânea em que Adolf Hitler transforma-se em um fenômeno da mídia ao ser confundido com um comediante. O filme estimula a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação de massa atuais na difusão e legitimação de discursos autoritários.

Jojo Rabbit, de Taika Waititl (108 min). Sátira da Alemanha nazista, a história se desenvolve em torno de um solitário garoto alemão que tem como amigo imaginário Adolf Hitler e o sonho de participar da Juventude Hitlerista. Contudo, sua visão de mundo é colocada em xeque quando descobre que sua mãe está escondendo uma jovem judia no sótão e tem de confrontar seu nacionalismo cego.

Maus: a história de um sobrevivente, de Art Spiegelman (Companhia das Letras). A *graphic novel* narra a história de Vladek Spiegelman, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz. O livro é considerado um clássico contemporâneo das histórias em quadrinhos.

O diário de Anne Frank em quadrinhos, de Ari Folman e David Polonsky (Record). Edição oficial em quadrinhos da obra *O diário de Anne Frank* (publicada pela primeira vez em 1947). Em linguagem visual contemporânea, o livro narra o depoimento da menina judia Anne Frank em sua luta para sobrevier ao Holocausto nos anos em que ficou escondida no sótão de uma casa em Amsterdã até ser morta pelos nazistas.

***Podcast* Jornal da USP** (28 min). Esse episódio trata das principais causas da Primeira Guerra e discute as consequências desse conflito com o historiador e professor universitário Gilberto Abreu. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/usp-analisa-discute-consequencias-da-primeira-guerra-mundial/. Acesso em: 2 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Carl Peters, capitalista alemão à frente de companhia privada na exploração da África Oriental, possessão alemã, foi criticado pelo tratamento desumano aos africanos. Em resposta às críticas, registrou em suas memórias, publicadas em 1906 e transcritas por Luís Edmundo Moraes:

> Eu fui muito atacado e insultado na Alemanha pela maneira como [...] lidei com os nativos; certamente por pessoas que sabem tanto dos africanos quanto do homem na lua. [...] E achou-se para isto a acusação conveniente de "brutalidade" contra os "pobres negros". [...] Competente para julgar-me são, na minha opinião, só os que conheceram os africanos nas áreas onde eles mesmos dominam; e não onde eles vivem sob o domínio branco, onde se tem a impressão de que sua índole é melhor do que ela realmente é, e assim não se pode conhecê-los como o animal brutal que saiu das mãos da natureza. [...] Se eu dou a um chefe negro um boi, ele estará imediatamente inclinado a tirar todo o meu rebanho; se eu dou a ele um golpe com o chicote, ele estará inclinado a me dar bois de presente. Isso traz a questão à sua fórmula mais sintética: ele sempre verá, nos atos de bondade, o medo e, nos atos de firmeza, a consciência da força superior dos brancos.

MORAES, Luís Edmundo. *História Contemporânea*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2017. p. 147.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

a) Diante das críticas recebidas, que argumentos Carl Peters utiliza em sua defesa para justificar os atos pelos quais foi atacado?

b) Partindo do conceito de imperialismo que vimos anteriormente, podemos dizer que as ideias de Peters eram imperialistas? Justifique sua resposta tendo em vista elementos do texto.

c) Redija uma crítica social aos argumentos de Carl Peters levando em conta princípios éticos.

2. Leia o que disse o primeiro-ministro da França, Jules Ferry, sobre a China em discurso de 1883 aos deputados franceses, transcrito no livro de Héctor Bruit:

> De todas as direções convergem os interesses ou a cobiça pela China, tesouro do pacífico, sonho e aspiração de muitos; a velha e prodigiosa China, a China de todos os cálculos e de todas as esperanças, com seu imenso mercado de 400 a 500 milhões de consumidores, com seu subsolo cheio de jazidas de carvão de pedra de mais de 700 000 km² de superfície, com filões minerais inesgotáveis, gigantescas províncias que esperam seu equipamento industrial, suas ferrovias e seu fornecimento metálico. Foi na China que chegaram primeiro os concorrentes europeus em busca do Eldorado para garantir sua zona de influência, seu domínio privilegiado.

BRUIT, Héctor. *O imperialismo*. 12. ed. São Paulo: Atual, 1994. p. 39.

Podemos associar o discurso de Ferry aos interesses imperialistas sobre a China? Justifique com base no trecho anterior.

3. Compare as justificativas dadas ao imperialismo no texto de Peter e no discurso de Ferry.

4. No início do século XX, a Europa estava agrupada em blocos de alianças que deram início a um conflito devastador em 1914, a Primeira Guerra Mundial.

a) Analise o contexto geopolítico que culminou na formação dos blocos político-militares.

b) Identifique e explique os principais desdobramentos da Primeira Guerra no reordenamento do poder mundial.

5. Leia um trecho de artigo que faz referência à situação econômica estadunidense à época da crise:

> Até início de 1929, os Estados Unidos encontravam-se dentro da mais favorável situação econômica desde o período anterior à Primeira Guerra; a taxa de desemprego atingira 0,9% da população ativa. A reversão do processo acumulativo – e, por consequência, a crise que foi se instalando – pode ser dimensionada pelos seguintes dados: A produção industrial declinou 28% entre 1929 e 1931. O desemprego guindou-se a 16% da população ativa em 1931. Equivale isto a dizer que o número dos desempregados, 429 mil em 1929, engrossou até 7 milhões em 1931 [...].

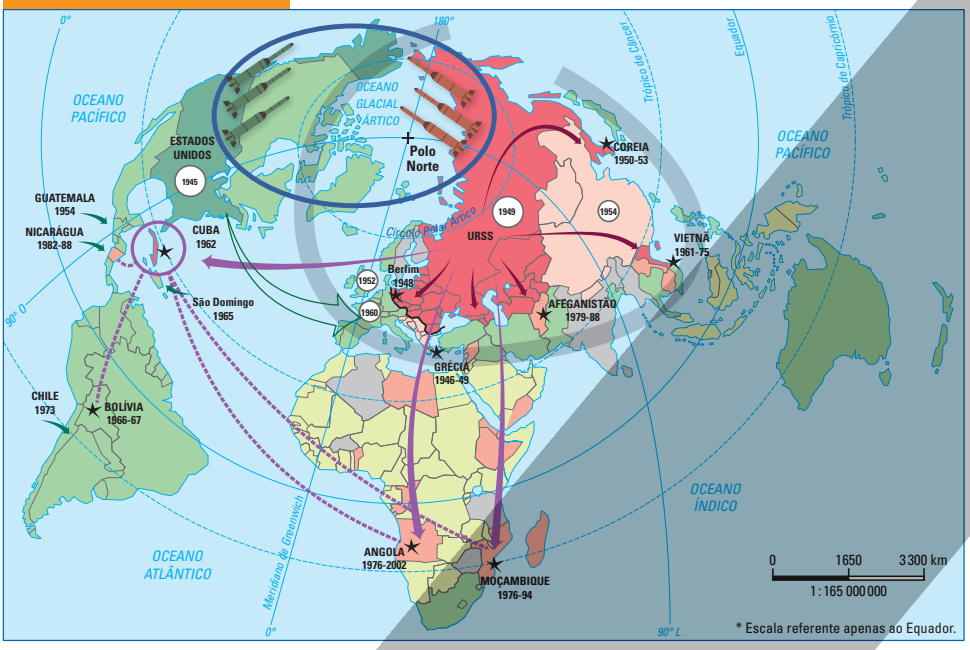
COTRIM, Ivan. Superprodução: velhas e novas crises. *Revista de Economia Mackenzie*, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 147, 2 fev. 2011. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rem/article/view/3794/0. Acesso em: 16 maio 2020.

a) O ano de 1929 marcou uma mudança na situação socioeconômica dos Estados Unidos. Essa afirmativa é verdadeira? Justifique com base nas informações do texto.

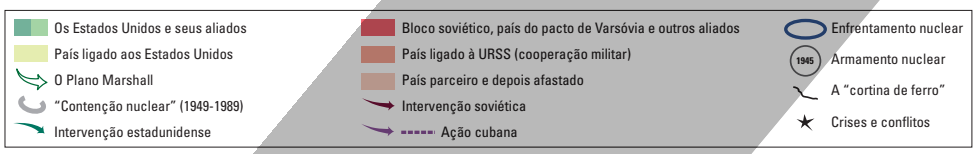
b) Analise a crise social ocorrida nos Estados Unidos na década de 1930 em decorrência da crise econômica de 1929.

6. Leia o mapa a seguir para resolver as questões.

Mundo: Guerra Fria



Alessandro Passos da Costa



Fonte: BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert. *Atlas do mundo global*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p. 18.

a) Identifique quatro países socialistas e quatro países capitalistas de continentes diferentes.

b) Com base nas informações do mapa, por que o Ártico era uma região estratégica durante a Guerra Fria?

c) Que ação econômica foi importante para conter a influência soviética no pós-Segunda Guerra Mundial? Caracterize essa ação considerando as informações do mapa e do texto de todo o percurso.

7. Observe o mapa a seguir e, com base nos estudos do percurso, interprete as informações e resolva as questões.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Alemanha dividida

Mário Yoshida

Fonte: ATLAS da História do Mundo. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1993. p. 270.

a) De acordo com o mapa, que nações controlaram as zonas em que o território alemão foi dividido?

b) O Tratado de Potsdam (1949) ratificou a divisão da Alemanha. Essa afirmativa está correta? Justifique.

c) Por mais de duas décadas, o Muro de Berlim foi uma fronteira física que dividiu a Alemanha. Sua queda, em 1989, marcou o fim da ordem mundial bipolar. Explique por quê.

PERCURSO

6 A Nova Ordem Mundial e o respiro democrático

Marwan Naamani/AFP

As mulheres, oprimidas em vários regimes autoritários, tiveram participação importante nos protestos de rua durante a Primavera Árabe. Cairo, Egito, 2012.

Primavera Árabe: movimento por democracia contra regimes autoritários em países árabes. O movimento reivindicava o fim da repressão política e da corrupção governamental e a implantação de políticas sociais e da democracia. Contou com expressiva participação popular e uso das tecnologias informacionais, como celulares e redes sociais da internet. Começou no final de 2010 na Tunísia e alastrou-se pelo Egito, Líbia, Síria, Bahrein, Iêmen, Jordânia, Kuwait, Líbio e Iemenita, deu início a graves conflitos internos e interferência estrangeira.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Vamos refletir. Qual foi o impacto do término da Guerra Fria (1945-1991) na economia mundial, nas sociedades e na vida política? Com a instauração da Nova Ordem Mundial a partir da década de 1990, várias regiões do mundo passaram por transformações políticas. Antes, na Velha Ordem Mundial, caracterizada pelo bipolarismo, muitos regimes autoritários eram apoiados pelos Estados Unidos e pela União Soviética. Com o término das amarras da bipolaridade, um sopro de democracia chegou a vários continentes. Aqueles que comemoraram insinuavam que seria uma nova era de liberdade econômica e liberdade democrática para o mundo.

Na América Latina, diversos governos autoritários liderados por militares perderam o aval dos estadunidenses. Esses regimes definhavam gradativamente desde a década de 1980. No Brasil, a democracia foi restaurada com a Nova República após a eleição presidencial indireta em 1985, em que o Parlamento escolheu o novo presidente. A primeira eleição presidencial direta do país depois da Ditadura Civil-Militar ocorreu apenas em 1989.

Na África, apesar dos percalços, a **democratização** avançou a partir da década de 1990. Na África do Sul, chegou ao fim o *apartheid*, regime de segregação socioeconômica e racial, e, em 1994, Nelson Mandela (1918-2013) foi eleito o primeiro presidente negro do país. Em 1997, caiu a ditadura totalitária de Mobutu Sese Seko (1930-1997), no Zaire, rebatizado então de República Democrática do Congo. A onda democrática chegou também à Ásia, com o fim de regimes autoritários em vários dos Tigres e Novos Tigres Asiáticos, como Coreia do Sul, Taiwan, Filipinas e Indonésia.

A Nova Ordem Mundial é marcada por três características fundamentais: a aceleração da globalização capitalista; a multipolaridade geopolítica; o aumento de conflitos étnicos, religiosos e separatistas, em muitos deles utilizando-se métodos terroristas.

Com a Nova Ordem Mundial, houve um respiro de democracia e também a redução da pobreza em alguns países até os anos 2000, mas a desigualdade social se **agudizou**. A partir do final de 2010, aspirações democráticas eclodiram com a **Primavera Árabe** em alguns países do Norte da África e do Oriente Médio. Em nações como Tunísia, Egito e Síria, jovens, mulheres e opositores, munidos de celulares e internet para burlar a censura aos meios de comunicação, reivindicavam mudanças, enquanto, em outros países, questionava-se o modelo de democracia representativa por não oferecer soluções eficazes para problemas socioeconômicos importantes, o que resultou em insurreições populares e na ascensão ao poder de lideranças políticas extremistas.

GLOSSÁRIO

Agudizar: tornar(-se) agudo, intenso, exacerbado.

Democratização: transição para um regime político mais democrático, com mudanças políticas substanciais capazes de promover a democracia.

1. Agora, você e um colega pesquisarão na internet qual foi o papel das mulheres, ou seja, a importância do protagonismo feminino em países que atravessaram a Primavera Árabe, como Tunísia, Egito, Síria e Iêmen.

Análise

Trajetória da democracia

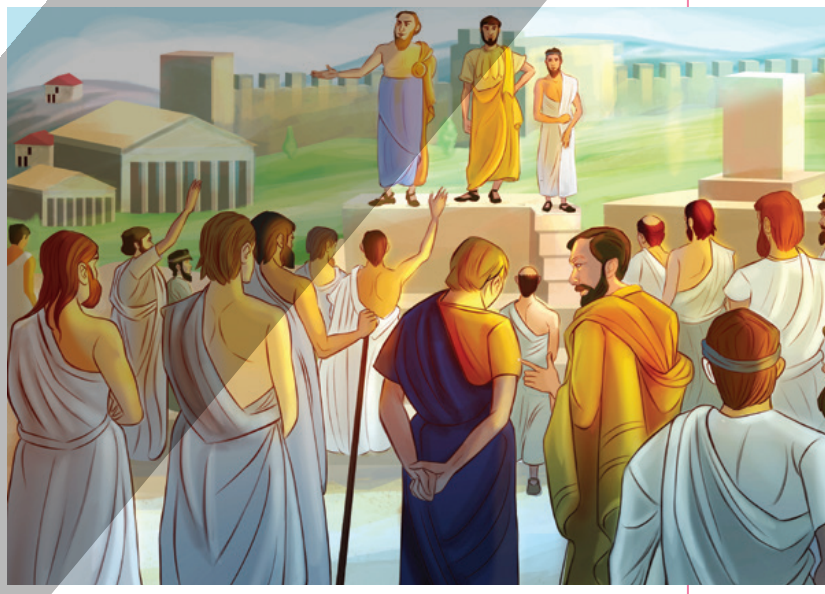
Grécia

A palavra **democracia** origina-se das palavras gregas *demo* ("povo") e *kratos* ("poder"), literalmente significa "poder do povo". O termo se opõe a "poder de poucos" (oligarquia) e a "poder dos melhores" (aristocracia). Assim, a democracia é gestada na Grécia durante a Antiguidade Clássica, em meados do século V a.C., período em que se firmam as cidades-Estado. Em Atenas vigorava a democracia direta, na qual os cidadãos participavam de assembleias públicas (eclésias). Tomando-se Atenas como referência, somente eram considerados cidadãos os homens livres maiores de idade (18 anos), filhos de pai e mãe livres e atenienses. A democracia no mundo grego excluía os estrangeiros, as mulheres, os escravizados e as crianças, que não tinham direitos políticos. Estima-se que a cidadania era exercida, efetivamente, por cerca de 10% da população de cada pólis (cidade-Estado), número considerado expressivo para a época.

O século XVIII e a filosofia iluminista

No século XVIII, a democracia voltou ao debate durante o Iluminismo. O Barão de Montesquieu (1689-1755), em sua principal obra – *O espírito das leis* –, escreveu sobre a necessidade de separação, harmonia e equilíbrio entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A teoria defendia limitações para o poder dos reis em prol da burguesia nascente e foi fundamental para o desenvolvimento da democracia como conhecemos atualmente. A Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa (1789) foram profundamente influenciadas pelas ideias iluministas.

Hare Lanz



A **Eclésia** (assembleia popular) pode ser considerada o "coração" da democracia ateniense e dela podiam participar todos aqueles que tinham direito à cidadania.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O século XX: a Escola de Frankfurt

Em 1923, um [illegible] intelectuais foi responsável pela criação do Instituto de Pesquisa Social, associado à Universidade de Frankfurt, na Alemanha. Na primeira geração da Escola de Frankfurt, destacaram-se Theodor Adorno (1903-1969), Herbert Marcuse (1898-1979) e Max Horkheimer (1895-1973). Discípulo de Adorno, o filósofo Jürgen Habermas relacionou a dinâmica capitalista com o declínio da esfera pública, o que trazia implicações para a democracia. Habermas defende a valorização da esfera pública, a prática da cidadania por meio de organizações da sociedade civil e movimentos de emancipação. Defende ainda a criação de um ambiente social de debate no qual prevaleça o que chamou de razão comunicativa, onde se desenvolva a empatia, ou seja, colocar-se na posição do outro.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi deflagrada por regimes totalitários responsáveis por perdas humanas e econômicas em escala inédita. Em vista disso, a democracia ganhou importância nas décadas de 1950 e 1960, pois ela é a única forma de governo que possibilita a mediação de conflitos sociais no interior da sociedade. Eclodiram, assim, protestos como Maio de 1968, na França, e, no mundo desenvolvido, uma série de movimentos emancipatórios de grupos sociais oprimidos, com repercussão no então Terceiro Mundo.

1. Identifique a contribuição fundamental da Grécia Antiga em relação à vida política na sociedade.
2. Qual foi a contribuição do filósofo iluminista Montesquieu quanto ao funcionamento da democracia? Você conhece algum país que tenha recentemente violado um princípio da democracia? Qual?
3. Por que os movimentos de emancipação, defendidos pelo filósofo Habermas, são fundamentais para a vida democrática da atualidade? Cite um movimento atuante no Brasil.

Globalização: a liberdade econômica?

©Thales Alenia Space/Master Image Programmes

Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC), lançado em 2017 a serviço da Telebras e do Ministério da Defesa do Brasil.

A globalização não é um fenômeno atual. Com o significado de integração econômica entre os países, ela remonta às Grandes Navegações dos séculos XV e XVI, resultantes da expansão mercantil e territorial, com a predominância de nações como Portugal, Espanha e Países Baixos. A chegada dos europeus à América e, posteriormente, à África e parte da Ásia impregnou esses territórios com o *modus operandi* capitalista nos aspectos técnicos, comerciais e financeiros.

Já a globalização contemporânea se consolida com o declínio do bloco socialista, a partir da década de 1980, e acelera de forma vertiginosa com a Nova Ordem Mundial, já que grande parte dos territórios antes submetidos ao socialismo real foi ocupada pelo modo de produção capitalista, a exemplo de todo o Leste Europeu, incluindo a Federação Russa e adjacências.

Podemos entender a globalização como a atual fase de expansão do capitalismo financeiro e monopolista no espaço mundial, incorporando novos territórios e segmentos sociais como consumidores. Esse fenômeno é marcado pela aceleração dos fluxos de capital, mercadorias, informações, ideologias e pessoas no planeta.

Mas o que permite que a globalização aconteça? Que tecnologias favorecem a mobilidade, a fluidez no espaço? O que torna possível a globalização é a modernização integrada dos modais de transporte (rodovias, ferrovias, hidrovias e dutovias), telecomunicações e informática ocorrida nas últimas décadas.

O que torna possível a globalização é a modernização integrada dos modais de transporte (rodovias, ferrovias, hidrovias e dutovias), telecomunicações e informática ocorrida nas últimas décadas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O liberalismos e a experiência do Chile

O liberalismo clássico, ligado aos interesses da burguesia fabril, surgiu na Inglaterra, berço da Primeira Revolução Industrial. O economista Adam Smith (1723-1790), autor da obra *A riqueza das nações*, foi o intelectual mais influente dessa corrente. A tese dele fomenta a ideia de que o sistema econômico deve valorizar a livre concorrência e a lei da oferta e da procura, deixando que o mercado regule a produção e a distribuição da riqueza. É a política econômica do *laissez-faire* ("deixe fazer"), cujo centro é o indivíduo. O Estado não deve intervir na economia, mas se esforçar para garantir a propriedade privada e a ordem social.

O **neoliberalismo** surgiu no século XX, formulado pelo economista austríaco Friedrich Hayek (1899-1992). Nos Estados Unidos, a Escola de Chicago, no estado de Illinois, passou a exercer forte influência na política econômica estadunidense e de vários países. Um dos intelectuais liberais mais mencionados é o economista Milton Friedman (1912-2006).

O neoliberalismo prega a redução do papel do Estado na economia, preconizando a privatização das empresas estatais e a desregulamentação do capital financeiro. Também defende maior abertura das economias nacionais para o comércio global (exportações e importações) e a supressão das práticas protecionistas. Em seu **arcabouço** ideológico, está a tese de que as empresas privadas são mais eficientes e capazes de produzir mercadorias e serviços de mais qualidade e com preços melhores do que o Estado.

GLOSSÁRIO

Arcabouço: estrutura de uma construção; no sentido figurado, competência.

Essa concepção ganhou terreno nos países capitalistas centrais após a primeira Crise do Petróleo (1973). Na década de 1980, foi implantada pelos governos do republicano Ronald Reagan, nos Estados Unidos, e da conservadora Margaret Thatcher, no Reino Unido.

Na América Latina, a ditadura militar chilena, liderada pelo general Augusto Pinochet, foi um laboratório neoliberal do mundo subdesenvolvido. Pinochet ascendeu ao poder com o golpe militar deflagrado em 11 de setembro de 1973, com o apoio dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Esse golpe removeu do poder o presidente democraticamente eleito, Salvador Allende.

De modo geral, o liberalismo está bastante vinculado à defesa das liberdades individuais e democráticas. Todavia, o caso do Chile foi uma associação insólita de liberalismo econômico e autoritarismo político.

Mesmo com o término do regime autoritário em 1989 e a redemocratização do Chile, os governos eleitos democraticamente, tanto de centro-direita como de centro-esquerda, mantiveram a política econômica neoliberal, mas com ajustes pontuais e pitadas de social-democracia. Durante um longo tempo, o crescimento econômico do país esteve acima da média regional e a proporção de pobres foi reduzida, fazendo com que ele despontasse na primeira posição do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da América do Sul. Entretanto, o Chile participa da economia globalizada como exportador de cobre, vinhos, frutas e pescado, e sua industrialização é limitada. Portanto, seu desempenho não é similar ao dos Tigres Asiáticos.

Assim, as tensões sociais e insatisfações com o modelo econômico e social eclodiram em imensos protestos em 2019, motivadas principalmente pela desigualdade social e o alto custo da previdência social, da educação superior e da saúde, setores que foram privatizados na década de 1980.

As tensões sociais e insatisfações com o modelo econômico e social eclodiram em imensos protestos em 2019.

1. Em livros ou na internet, pesquise as características do golpe de Estado sofrido pelo Chile em 1973 e resuma os pontos principais.
2. Analise a fotografia abaixo, feita em uma manifestação durante a ditadura chilena. Identifique e cite uma característica de governo autoritário.

Geraldo Guimarães/Estadão Conteúdo

Período de grande instabilidade político-militar no Chile com frequentes protestos e manifestações, confrontos entre populares e militares, em geral, muito violentos, deixando um clima de constante tensão em todo o país. Santiago, Chile, 1972.

Munir uz ZAMAN/AFP

Desabamento de prédio onde havia oficinas de confecção de roupas. Daca, Bangladesh, 2013.

As corporações transnacionais

Durante a globalização, as corporações transnacionais se expandiram mundo afora de forma mais acelerada, em busca de incentivos fiscais (redução ou isenção temporária de impostos), menores salários, energia e matérias-primas mais baratas e legislação ambiental permissiva. Além da instalação física nos países emergentes e subdesenvolvidos, essas empresas se associam a outras, locais, nas quais o trabalho é explorado quase sem limites, e onde o trabalho infantil é frequente.

Por exemplo, Bangladesh, país localizado no sul da Ásia, cuja economia até então era agrícola, apresentou enorme crescimento industrial nos últimos anos. O país tornou-se exportador de roupas, gerando milhares de empregos. As empresas desse setor trabalham sob encomenda para empresas transnacionais que detêm marcas de grife.

Em 2013, um edifício de oito pavimentos desabou na periferia de Daca, capital de Bangladesh, onde funcionavam várias confecções. O desabamento vitimou centenas de trabalhadores e deu notoriedade às condições insalubres e perigosas de trabalho no país. Após a tragédia, ocorreu uma onda de protestos de trabalhadores do setor têxtil, que cobravam providências das empresas e do governo.

1. Com base na leitura do texto e da imagem, aponte um aspecto positivo e um aspecto negativo da atuação das empresas transnacionais.
2. Qual é o principal problema evidenciado no texto?
3. Proponha uma solução democrática para o problema citado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A fluidez das pessoas e a turismofobia

O turismo integra o setor terciário da economia. Em vários países, é uma atividade econômica com potencial para gerar muitos empregos, mas em cidades como Veneza, na Itália, e Barcelona, na Espanha, o excesso de turistas, principalmente estrangeiros, altera bastante o cotidiano dos moradores. Muitas atividades econômicas, como o comércio e os serviços, expandiram-se para dar conta do número crescente de turistas, sobretudo nas temporadas de férias. Multiplicaram-se restaurantes, cafeterias, hotéis, agências de viagens, locadoras de automóveis, lojas de suvenires, museus, boates e eventos dos mais diversos tipos.

Assim, muitas famílias residentes nesses bairros se deslocam para bairros periféricos onde o custo de vida é mais baixo.

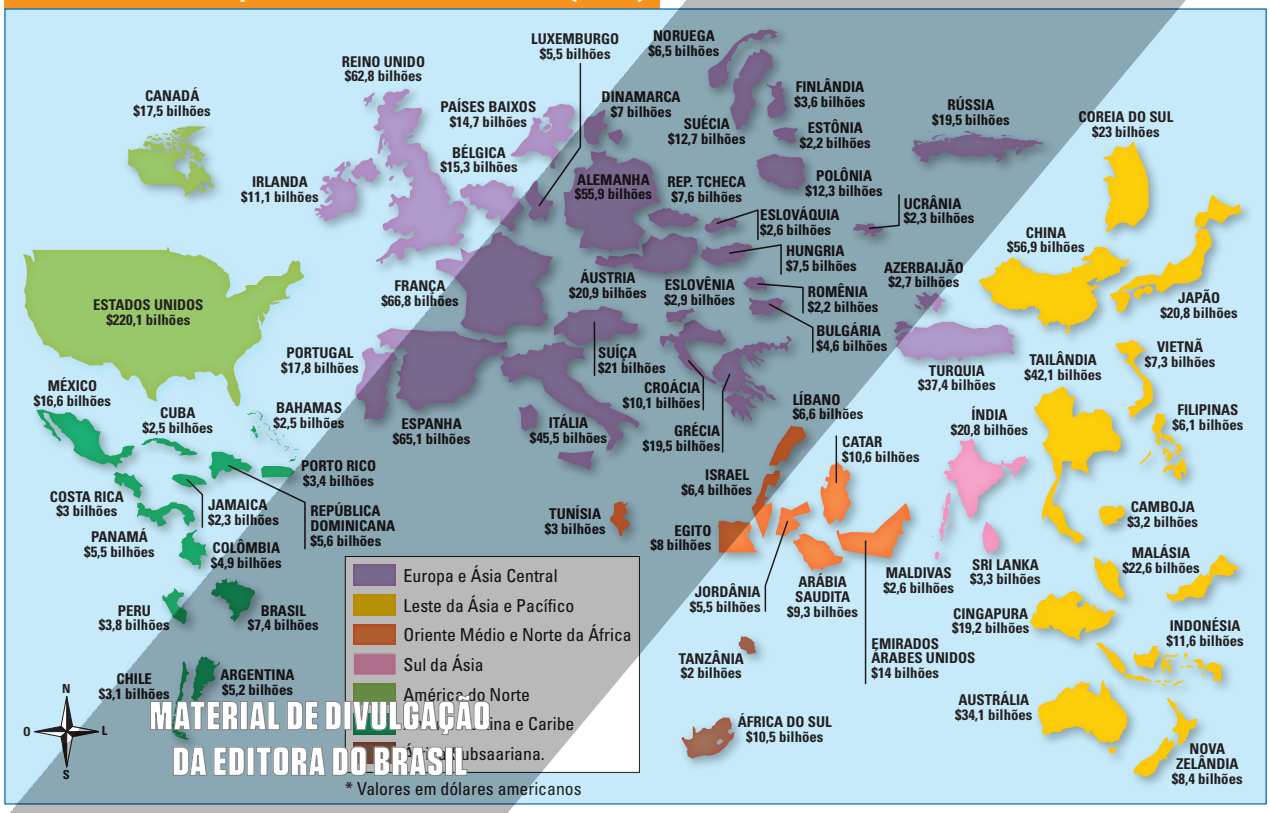
Um dos impactos do turismo massivo nas cidades é a especulação imobiliária. De modo geral, o preço dos imóveis localizados em regiões de grande visitação aumenta de modo excessivo, tanto para compra como para aluguel. Assim, muitas famílias residentes nesses bairros se deslocam para bairros periféricos onde o custo de vida é mais baixo. Muitas optam por alugar seus imóveis e morar longe deles.

Além dos transtornos no dia a dia, em alguns lugares o impacto ambiental também é preocupante. Podemos citar desde a produção de lixo em larga escala até modificações nos ecossistemas marinhos para permitir a aproximação de navios de cruzeiro que podem abrigar até 4 mil turistas. Cruzeiros que, às vezes, lançam nos oceanos os dejetos dos viajantes.

Com a globalização, o crescimento do turismo internacional foi exorbitante. A expansão só foi interrompida pela crise financeira de 2008 e pela pandemia da covid-19 em 2020. Além do tradicional fluxo das classes média e alta, com maior renda *per capita* dos países desenvolvidos, como dos Estados Unidos, potências europeias e Japão, a novidade foi o advento de um número cada vez maior de turistas provenientes dos países emergentes. A China tornou-se grande emissora de turistas e também um destino turístico importante, devido ao papel central que ocupa atualmente na economia global. O turismo de negócios e o turismo cultural no país ganharam evidência.

A partir das informações da imagem a seguir e de outros conhecimentos, responda às questões.

Mundo: receitas provenientes do turismo (2016)



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Alessandro Passos da Costa

Fonte: VISUALIZING the tourism economy around the world. *In*: *How much.net*. [*S. l.*], 2016. Disponível em: https://howmuch.net/articles/visualizing-tourism-economy. Acesso em: 3 jul. 2020.

1. Identifique cinco países com elevada receita oriunda do turismo.
2. Qual continente apresenta menor área territorial original, mas destaca-se nas receitas provenientes do turismo? Justifique.
3. Em países como México, Tailândia e Grécia o turismo representa mais de 7% do PIB (Produto Interno Bruto). A alta dependência do turismo é saudável para a economia de um país? Justifique.

Enquanto o México atrai mais de 30 milhões de turistas estrangeiros anualmente, o Brasil tem um desempenho modesto – apenas 6 milhões. Entre os problemas que dificultam a vinda de mais turistas para o país, estão: a maior distância em relação aos principais centros emissores (Estados Unidos, União Europeia, Japão e China), o alto índice de violência, o custo mais elevado dos hotéis, as deficiências do transporte (rodovias, ferrovias e aeroportos), a degradação ambiental e a falta de cuidado com o patrimônio histórico e arquitetônico.

Organizações internacionais, multipolaridade e democracia

No fim da Segunda Guerra Mundial (1945), surgiram várias organizações internacionais na esfera financeiro-econômica, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Desde a década de 1970, foram criadas novas organizações internacionais, que apostaram na diplomacia e na cooperação entre as lideranças políticas.

Ricardo Ceppi/Getty Images

Protestos contra o FMI. Na faixa, lê-se: "A dívida é com o povo não com o FMI". Buenos Aires, Argentina, 2019.

Observe a imagem de manifestantes argentinos para responder às questões.

1. Pesquise e liste as funções do Fundo Monetário Internacional.
2. Pesquise o quadro econômico da Argentina nos últimos anos e sua relação com o FMI.
3. Qual é a relação entre o texto da faixa do protesto e a atuação da organização internacional?

GLOSSÁRIO

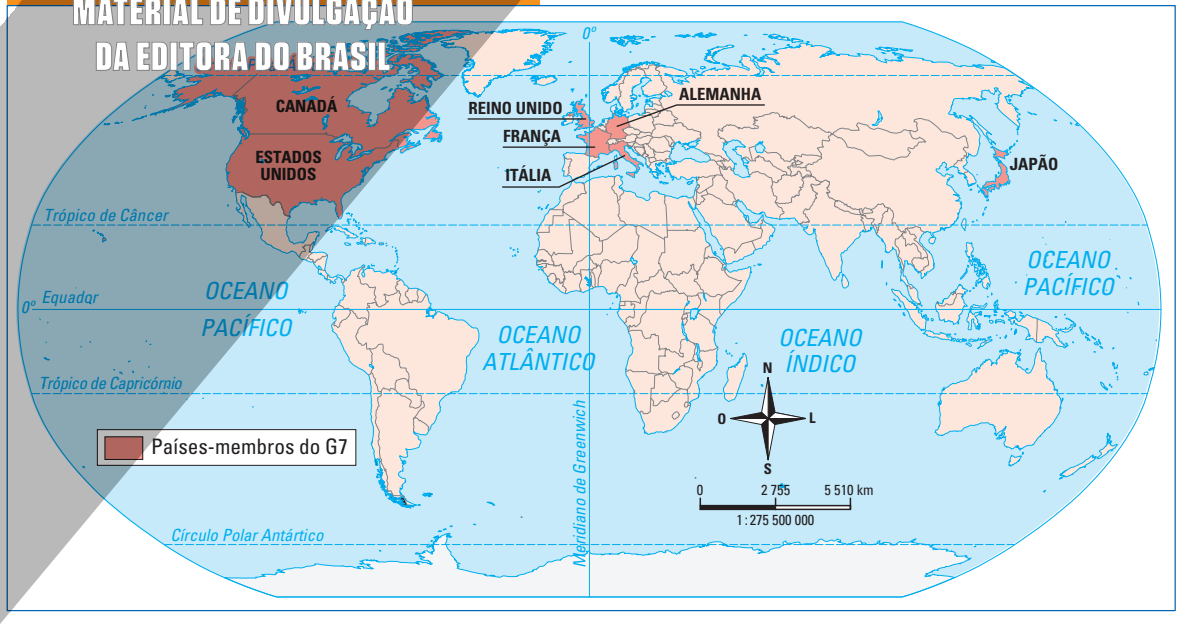
Países-membros: aqueles que fazem parte de um grupo formado por diversos países.

A partir da década de 1990, com a globalização aprofundando as inter-relações entre os países, problemas econômicos, geopolíticos e ambientais ficaram mais complexos. Assim, organizações como o G7 tornaram-se insuficientes para resolvê-los devido à limitada representatividade global, e surgiram ou se fortaleceram organizações supranacionais como o Brics, a Organização para Cooperação de Xangai e o G20.

- **G7:** Grupo criado em 1975 e composto das sete maiores economias capitalistas desenvolvidas, suas lideranças debatem os rumos da economia mundial e as questões geopolíticas.

Mapa-múndi: países-membros do G7

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

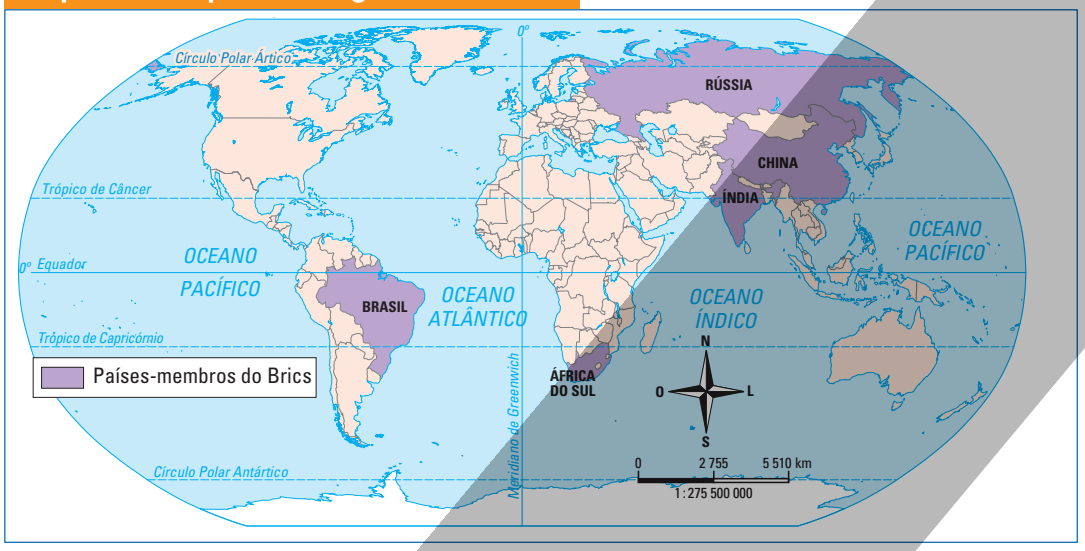


Alessandro Passos da Costa

Fonte: WEBSTER, Julia. What does the G7 stand for? *Time*, [*s. l.*], 23 ago. 2019. Disponível em: https://time.com/5657375/what-is-g7/. Acesso em: 3 jul. 2020.

- **Brics:** Grupo criado em 2009, promove a cooperação econômica e diplomática entre países emergentes estratégicos. Entre as decisões mais importantes, está a criação do Novo Banco de Desenvolvimento, com sede em Xangai, China, visto como virtual concorrente do Banco Mundial.

Mapa-múndi: países integrantes do Brics



Alessandro Passos da Costa

Fonte: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *O que faz o Brics?* Brasília, DF: Itamaraty, 2019. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics. Acesso em: 3 jul. 2020.

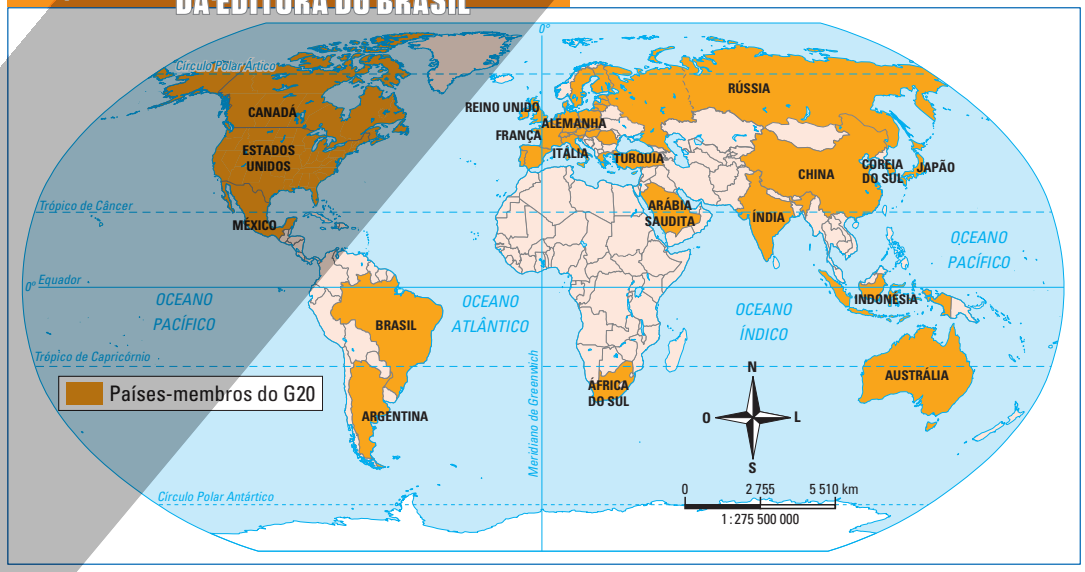
- **G20:** O G20 foi criado em 1999 para prevenir crises financeiras após sucessivos problemas no México (1994), nos países asiáticos (1997), no Brasil (1998) e na Rússia (1998) decorrentes da saída abrupta de capital especulativo dos mercados emergentes. A ideia era promover a cooperação entre os maiores bancos centrais do mundo. Após a crise financeira de 2008, o grupo ganhou mais relevância.

O G20 é formado por 19 grandes economias (desenvolvidas e emergentes) e a União Europeia, considerada uma organização, pois controla o euro.

A pauta do grupo também sofreu transformações e hoje, além da economia, são debatidas questões sociais e ambientais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mapa-múndi: países integrantes do G20



Sônia Vaz

Fonte: G20 SAUDI ARABIA 2020. G20 participants. *In:* G20. Arábia Saudita, 2020. Disponível em: https://g20.org/en/about/Pages/Participants.aspx. Acesso em: 3 jul. 2020.

1. Com base na leitura dos mapas e com o auxílio de um atlas, identifique os países integrantes do G7, do Brics e do G20.
2. É possível afirmar que nas últimas décadas o mundo tornou-se multipolar? Justifique.
3. Faça uma busca na internet ou em jornais sobre as últimas cúpulas do G7, do Brics e do G20, destacando os temas mais debatidos e as controvérsias entre os países.

Nos anos 2000, os holofotes se voltaram para os encontros anuais do Fórum Econômico Mundial em Davos, nos Alpes Suíços, com a participação de empresários, banqueiros, ministros da economia e alguns chefes de Estado.

Um dos questionamentos é que os organismos internacionais são assimétricos e pouco democráticos, visto que os países desenvolvidos detêm muito poder e os países emergentes e subdesenvolvidos têm menos influência.

No capitalismo globalizado, o poder dos organismos e das empresas transnacionais sobre as sociedades foi aumentando, acompanhado da redução neoliberal do poder de vários Estados Nacionais em relação à implantação de políticas públicas. Assim, os cidadãos comuns tornaram-se espectadores irrelevantes do poder das organizações supranacionais e corporações privadas, que, por vezes, agem à revelia de quaisquer controles democráticos.

OMC e Rodada de Doha

Organização Mundial do Comércio: foi fundada em 1995 com a premissa de estabelecer as normas para o comércio mundial.

A aceleração do comércio internacional foi uma das bases da globalização. Em 2001, a **Organização Mundial do Comércio** (OMC) lançou a Rodada de Doha, a maior negociação comercial da história. Nesse contexto, surgiu, em 2003, um novo G20 com caráter comercial, um grupo de países emergentes e subdesenvolvidos liderados pelo Brasil e a Índia cuja reivindicação era aumentar a abertura dos mercados dos países desenvolvidos para a entrada de produtos do agronegócio provenientes de países em desenvolvimento. Em contrapartida, os Estados Unidos e a União Europeia exigiram maior abertura dos mercados dos países subdesenvolvidos e emergentes para produtos industrializados e serviços oriundos dos países desenvolvidos.

Mundo: com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mário Yoshida

1. Analise o mapa ao lado.
   a) Descreva os fluxos de comércio marítimo internacional.
   b) Pesquise a importância de pontos estratégicos como o Canal do Panamá, o Canal de Suez (Egito), o Estreito de Ormuz (Irã e Omã) e o Estreito de Málaca (Singapura).
2. Pesquise na internet um produto de exportação brasileiro, por exemplo, soja, minério de ferro, café ou suco de laranja, e descreva sua rota marítima até os principais mercados consumidores.

Fonte: EL ATLAS de Le Monde Diplomatique. Valencia: Uned, 2012. p. 59.

A Rodada de Doha resultou, assim, em um impasse, visto que ambos os lados pouco cederam. A saída foi a realização de acordos parciais com base em temas consensuais, como aconteceu na Conferência da OMC em Bali, Indonésia (2013). Com a emergência de líderes protecionistas, como Donald Trump nos Estados Unidos, a Rodada de Doha praticamente foi sepultada. Em várias oportunidades, o presidente estadunidense se manifestou contra a OMC.

1. É possível afirmar que o G20 foi uma tentativa de democratizar o comércio mundial? Justifique.

Os blocos econômicos

Nas últimas décadas, proliferaram blocos econômicos, muitos inspirados na trajetória de êxito da União Europeia. O objetivo dos blocos é a ampliação do comércio regional entre os países-membros, com incentivo à abertura de novos mercados e interdependência econômica.

A entrada excessiva de produtos importados em um país pode ser prejudicial para os produtores nacionais, uma vez que muitos não têm condições de competir com as mercadorias importadas. As consequências negativas são a diminuição da produção local, a falência de empresas e a elevação da taxa de desemprego.

Por outro lado, os blocos proporcionam vantagens, como a melhoria da competitividade. A entrada de produtos importados pode favorecer o desempenho das empresas locais, que têm de produzir mercadorias de melhor qualidade e com preço adequado para competir com os produtos estrangeiros, o que beneficia os consumidores locais, que têm acesso a produtos de melhor qualidade locais e importados, com preços mais baixos. Outra vantagem é que as mercadorias são exportadas para os países sócios, o que amplia o mercado consumidor (economia de escala) e estimula a geração de empregos.

Os blocos proporcionam vantagens, como a melhoria da competitividade.

Fases de integração nos blocos econômicos

- **Área de livre comércio**. Em uma área ou zona de livre comércio, os países sócios reduzem ou eliminam as taxas de importação entre os países-membros, o que aumenta as trocas comerciais. Porém, no comércio com países de fora do bloco, cada país estabelece regras próprias. É o caso de [illegible] Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec) e o Acordo Estados Unidos, México e Canadá (USMCA).
- **União aduaneira**. Numa união aduaneira, os países-membros eliminam grande parte das tarifas de importação no comércio entre os sócios. Todavia, adotam tarifas unificadas mais altas no comércio com nações que não integram o bloco. É o caso do Mercosul.
- **Mercado comum**. O mercado comum é um estágio mais avançado de integração que permite a livre circulação de mercadorias, bens, capital financeiro e trabalhadores no interior do bloco. É o caso da União Europeia.
- **União monetária**. A união econômica e monetária é a fase mais sofisticada de integração entre os países de um bloco. Os membros precisam ajustar suas economias para a adoção de uma moeda única. O único bloco que chegou a esse estágio foi a União Europeia, com a adoção parcial do euro.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

surflover/Shutterstock.com

Escultura do cifrão do euro na frente do Banco Central da União Europeia em Frankfurt, Alemanha, 2020.

1. Pesquise na internet e em livros as vantagens e desvantagens da adoção de uma moeda única entre os países. À luz da pesquisa, você defenderia a adoção da união monetária entre os países do Mercosul? Justifique.

União Europeia

A integração da Europa do pós-guerra

AKG-Images/Album/Fotoarena

Chefes de governo da Bélgica, França, Itália, Luxemburgo, Holanda e República Federal da Alemanha reunidos em Roma para assinatura do Tratado de Roma, 1957.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os países da Europa Ocidental se viram dependentes dos Estados Unidos do ponto de vista econômico e comercial após a adoção do Plano Marshall. A Europa Ocidental foi o laboratório de experimentos de novas formas de cooperação econômica e política entre os países europeus, buscando minimizar as rivalidades históricas. A primeira experiência europeia de cooperação comercial foi a criação do Benelux, em 1948, que integrava as economias de Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

Mesmo após a Segunda Guerra, havia desavenças fronteiriças entre França e Alemanha Ocidental, cuja questão central era o controle das jazidas de carvão mineral e ferro, vitais para a indústria e reconstrução após o conflito. A criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Ceca) pelo luxemburguês radicado na França Robert Schuman e pelo francês Jean Monnet, e a posterior assinatura do Tratado de Paris (1951), uniu os dois países, integrando a indústria extrativa e siderúrgica. Os países integrantes da Ceca eram Bélgica, Países Baixos, Luxemburgo, Alemanha Ocidental, França e Itália.

Com o êxito da Ceca, a iniciativa seguinte foi estender a cooperação comercial para outros setores da economia. Nesse intuito, foi assinado o Tratado de Roma (1957), que fundou a Comunidade Econômica Europeia, ou CEE. No início, eram apenas seis países: Alemanha Ocidental, França, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Em 1973, a CEE foi ampliada com a adesão do Reino Unido, Irlanda e Dinamarca. Em 1981, foi a vez da Grécia.

Os países ibéricos, Espanha e Portugal, eram praticamente subdesenvolvidos e governados por ditadores até meados da década de 1970. A mudança veio com a democratização e entrada na CEE, o que fez com que recebessem investimentos vitais para seu desenvolvimento nos setores industrial, agrícola e de serviços.

Na década de 1990, o bloco aprofundou a interdependência econômico-financeira. Com a assinatura do Tratado de Maastricht (1992), os países sócios comprometeram-se a padronizar seus indicadores econômicos de inflação, juros e déficit público com a finalidade de viabilizar [illegible] ria.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A União Europeia (UE) substituiu a CEE e, em 1995, a Áustria, a Suécia e a Finlândia aderiram ao bloco. A unificação monetária avançou com a criação de um Banco Central do bloco em Frankfurt, Alemanha, em 1998. O Tratado de Nice, em vigor desde 2003, definiu as regras de adaptação das instituições europeias para a inclusão dos novos membros.

Em 2004, a União Europeia empreendeu uma expansão rumo ao Mediterrâneo e ao Leste Europeu. Foi um marco histórico, uma vez que um bloco comercial avançaria sobre territórios do Leste Europeu que há pouco tempo estavam sob regimes socialistas. Ingressaram na UE os seguintes países: Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Eslovênia, Malta e Chipre. Em 2007, foi a vez da Bulgária e da Romênia, dois dos países menos desenvolvidos do Leste Europeu. A Croácia ingressou em 2013.

Houve resistência à expansão oriental, sobretudo daqueles que temiam o movimento de numerosos imigrantes em direção à Europa Ocidental. Para as empresas transnacionais europeias, sobretudo as alemãs, foi a oportunidade de agregar novos mercados consumidores e obter vantagens com a instalação de fábricas com benefícios tributários e salários mais baixos.

A moeda única, o euro, foi implantada de modo gradual a partir de 1999, e inicialmente conviveu com as moedas de cerca de 11 países. A partir de 2002, a moeda de cada país foi eliminada e o euro tornou-se moeda única.

Os países da União Europeia onde o euro substituiu as moedas locais integram a Zona do Euro: Alemanha, França, Itália, Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo, Espanha, Portugal, Grécia, Áustria, Finlândia, Irlanda, Eslovênia, Eslováquia, Estônia, Letônia, Lituânia, Chipre e Malta.

Democracia na União Europeia

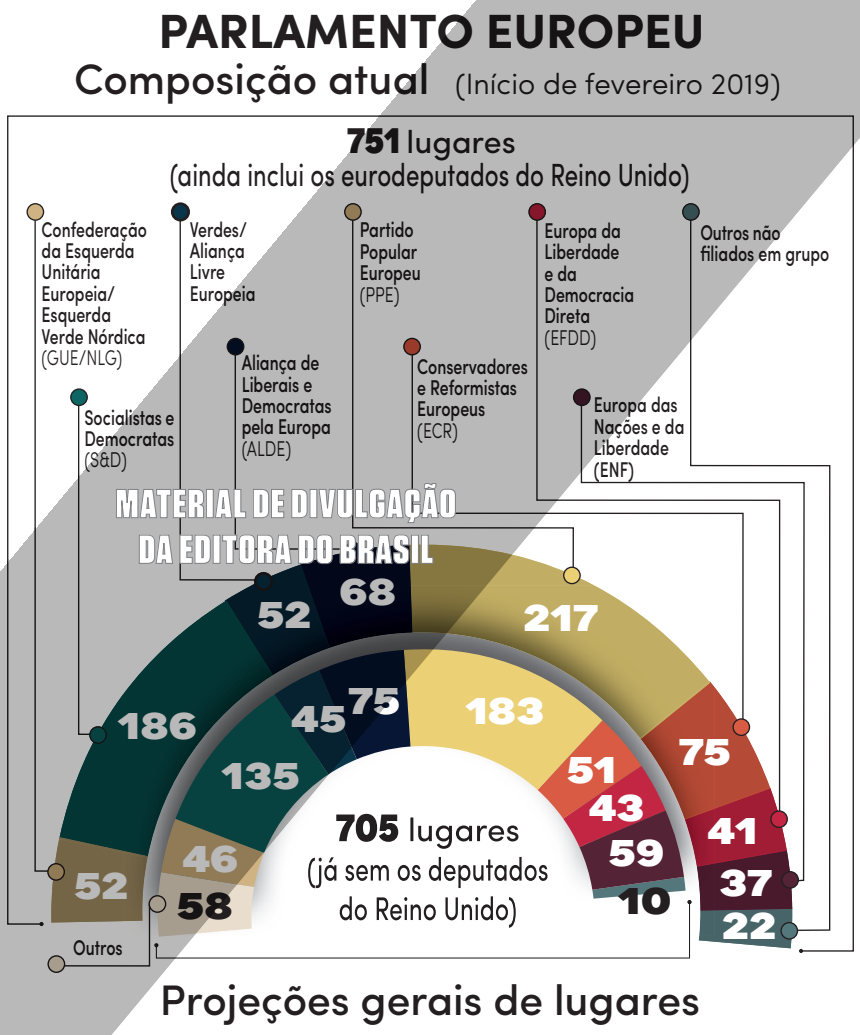
A União Europeia é um bloco comercial com princípios democráticos importantes. A adesão de um país ao bloco ocorre com o aval dos cidadãos, precisa ser aprovada pelo Parlamento e passar por referendo popular. As populações da Noruega e da Suíça rejeitaram a entrada na União Europeia. Já os suecos e dinamarqueses rejeitaram a adoção do euro.

O corpo legislativo que formula as leis que regem a UE é representado pelo Parlamento Europeu, uma assembleia parlamentar eleita pelo voto direto dos cidadãos europeus, com sede em Estrasburgo, na França. A Comissão Europeia é o órgão executivo que defende os interesses do bloco como um todo por meio de propostas de legislação e ações, e é responsável pela execução das decisões do Parlamento Europeu.

O Tratado de Lisboa (2007) reformou a Constituição da União Europeia, que passou a permitir que o bloco assine acordos internacionais e tenha um alto representante para a política exterior.

A respeito do Parlamento Europeu:

1. Pesquise na internet as atribuições e decisões importantes do Parlamento Europeu.
2. Com base na leitura da figura a seguir, comente a diversidade política na União Europeia.



Composição do Parlamento Europeu.

Fonte: PARLAMENTO EUROPEU. *In*: MAIA, Alfredo. "Centrão" perde controle do Parlamento Europeu e deixa subir extrema-direita. *Jn Direto*, Porto, 19 fev. 2019. Disponível em: https://www.jn.pt/mundo/centrao-perde-controlo-do-parlamento-europeu-e-deixa-subir-extrema-direita-10592969.html. Acesso em: 2 jul. 2020.

3. Pesquise a composição atual o Parlamento Europeu e levante hipóteses sobre permanêncais e mudanças nesta composição.

Guerra civil na Síria: o conflito na Síria começou em 2011 com a Primavera Árabe (protestos em prol da democracia) contra o governo autoritário de Bashar Al Assad. Os grupos rebeldes eram variados, havia desde moderados até extremistas como o Estado Islâmico. O conflito sofreu interferência externa de potências como a Rússia (aliada de Assad) e Estados Unidos (aliados de parte dos rebeldes). A guerra civil resultou em numerosas mortes e fez com que milhares de refugiados fossem para os países vizinhos (Turquia, Jordânia e Líbano) e para a União Europeia. O conflito perdeu intensidade nos últimos anos com a retração do Estado Islâmico e com conquistas territoriais do governo de Assad, como a cidade de Aleppo.

O Acordo de Schengen

Em 1985, foi criado o Acordo de Schengen, um avanço democrático na Europa, que vai muito além da integração comercial. Ele permite a livre circulação de pessoas entre os países signatários, sem a necessidade de apresentação de passaporte nas fronteiras. A livre circulação é válida para as pessoas da maioria dos países da União Europeia e de países desenvolvidos que estão fora do bloco, como Islândia, Noruega e Suíça.

O acordo é alvo de críticas por grupos xenófobos que resistem à ideia da entrada de estrangeiros ou de grupos étnicos específicos. A presença de ciganos provenientes do Leste Europeu já foi alvo de controvérsias na França. A entrada massiva de refugiados sírios (que fugiam da **guerra civil na Síria**, desde 2011) e o acolhimento por países como a Alemanha foram criticados por lideranças extremistas de vários países, como Hungria e Polônia.

O Brexit

Em 2016, em referendo, no Reino Unido, a maioria dos eleitores que compareceu às urnas decidiu pela saída do país da União Europeia. O resultado foi uma surpresa para muitos analistas. Qual é a explicação para essa escolha dos eleitores? Em parte, o sentimento de que a União Europeia, como entidade supranacional, se sobrepõe aos interesses nacionais e de parte da população britânica. Ou seja, embora o bloco seja uma construção com elementos democráticos, suas normas econômicas e políticas retiram poder dos Estados Nacionais e, por vezes, entra em contradição com a vontade popular.

A vitória do Brexit (abreviação de *Britain exit*, ou "saída britânica") foi por pouco – 51,9% dos votos –, e caracterizou-se por grande comparecimento de eleitores de terceira idade (saudosos de um passado mais próspero), pelo eleitorado conservador e pela extrema direita xenófoba, que deseja bloquear a entrada de imigrantes e refugiados no país.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O Brexit contou também com votos de setores insatisfeitos com a crise econômica e o desemprego em algumas regiões do país. Votaram pela permanência do Reino Unido no bloco os eleitores jovens, os liberais e parte dos eleitores de esquerda.

As pessoas que preferiam a permanência na União Europeia estavam concentradas na região metropolitana de Londres, na Escócia e na Irlanda do Norte.

O Brexit revelou um Reino Unido marcado por profunda polarização política, social e territorial. Ele foi vitorioso em vastas áreas da Inglaterra e do País de Gales. Os que preferiam a permanência na União Europeia estavam concentrados na região metropolitana de Londres, na Escócia e na Irlanda do Norte.

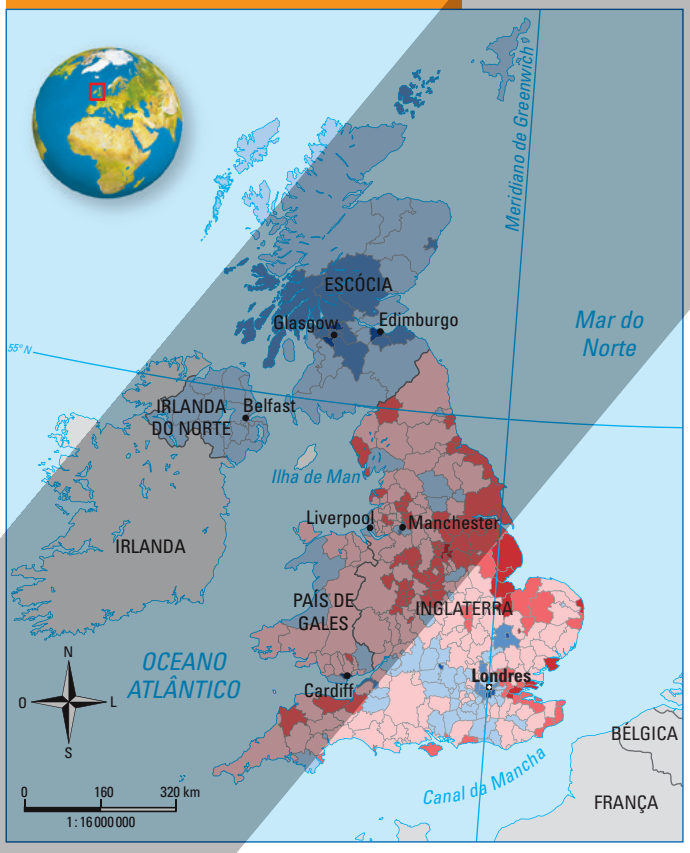
O movimento poderá reativar movimentos separatistas históricos. No século XX, a Irlanda do Norte (maioria protestante e minoria católica) foi marcada pela atuação do grupo católico Exército Republicano Irlandês (IRA) que reivindicava o fim do domínio britânico e a fusão com a República da Irlanda ao sul. A questão foi resolvida por meio de um acordo de paz em 1998. Em 2014, em referendo, os separatistas da Escócia atingiram 44,7% dos votos, enquanto 55,3% dos escoceses optaram pela permanência no Reino Unido.

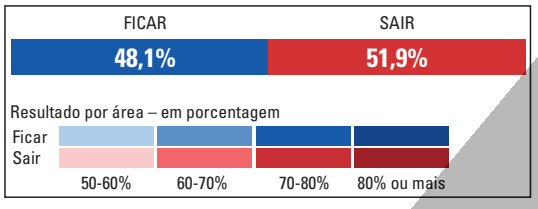
Alguns economistas, como Simão Davi Silver, professor de economia da Universidade de São Paulo, advertem que o Brexit pode prejudicar a economia britânica, que pode perder mercados na União Europeia. Os prejuízos transcendem o comércio exterior, visto que agências de cooperação europeias e empresas que operavam em Londres, do setor financeiro e da mídia, mudaram-se para outras cidades localizadas no continente.

De acordo com o mapa ao lado, faça o que se pede.

1. Identifique aspectos geográficos do referendo do Brexit.
2. Levante possíveis razões para a Escócia e Londres terem optado pela permanência na União Europeia.

Reino Unido: referendo do Brexit





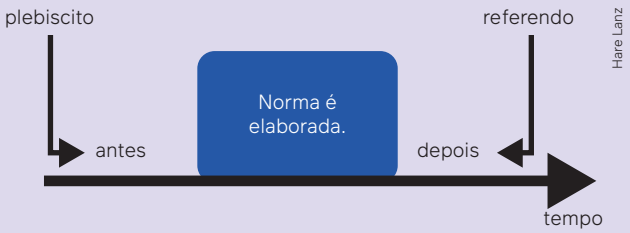
Fonte: GUIMÓN, Pablo. 'Brexit' vence e Reino Unido deixará a União Europeia. *El País*, Londres, 24 jun. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/24/internacional/1466741749_403437.html. Acesso em: 3 jul. 2020.

A diferença entre plebiscito e referendo

Em um **plebiscito**, o momento da consulta popular é prévio. Os eleitores podem aprovar ou não determinada proposta. No caso de aprovação, a norma ou lei é, então, criada pelos legisladores. Em 1993, em um plebiscito, os brasileiros [illegible] forma de governo (república ou monarquia constitucional) e sistema de governo (presidencialismo ou parlamentarismo). O Brasil permaneceu como uma república presidencialista.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No caso de um **referendo**, primeiro a lei é elaborada pelo poder legislativo e posteriormente é submetida à consulta popular; se a maioria dos eleitores concordar, a norma é ratificada; caso contrário, é rejeitada. Por exemplo, em 2005, houve um referendo no Brasil sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições, o artigo 35 do Estatuto do Desarmamento. A pergunta aos eleitores foi: O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil? A maioria, 63,94%, optou por não; assim se manteve a comercialização de armas, mas com restrições.



1. Para quais questões nacionais você convocaria um referendo ou um plebiscito? Justifique.

A integração da América Latina

Com economias dependentes das ex-metrópoles coloniais e dos Estados Unidos, os países latino-americanos tiveram dificuldades de integração comercial e política ao longo da história. Uma iniciativa relevante foi a criação, em 1960, da Associação Latino-Americana para o Livre Comércio (Alalc), substituída em 1981 pela Aladi (Associação Latino-Americana para o Desenvolvimento e Integração). O Mercosul se estabeleceu em 1991. Na década de 2000, surgiram iniciativas com propósitos diplomáticos como a Celac (Comunidade das Nações Latino-Americanas e do Caribe). A Alternativa Bolivariana para as Américas (Alba), liderada pela Venezuela e países como Cuba e Nicarágua, reunia países com governos de esquerda e críticos à influência dos Estados Unidos na região.

A União das Nações Sul-Americanas (Unasul) foi uma organização diplomática cujo objetivo era integrar os países da América do Sul, com notório empenho dos países com governos de esquerda. Em 2019, foi criado o Fórum para o Progresso da América do Sul (Prosul) em oposição à Unasul, uma iniciativa dos governos de direita do subcontinente. O desafio sul-americano para o futuro é criar organizações de integração que sobrevivam à orientação política e ideológica conjuntural dos países.

Mercosul

Com a redemocratização da maioria dos países da América do Sul a partir da década de 1980, renasceram as esperanças de maior integração econômica e diplomática entre alguns países do continente, como Brasil e Argentina. Em 1985, foi firmado o Tratado de Iguaçu entre os presidentes José Sarney (Brasil) e Raúl Alfonsín (Argentina) em prol da integração econômica do Cone Sul.

Em 1991, o Tratado de Assunção criou o Mercado Comum do Sul (Mercosul), com princípios de zona de livre comércio com quatro membros plenos: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. A sede do bloco é em Montevidéu, Uruguai. O Protocolo de Ouro Preto (1994) transformou o Mercosul em uma união aduaneira. O Protocolo de Olivos (2004) constituiu uma instância para solucionar controvérsias entre os membros.

Países andinos: nações da América do Sul que têm a Cordilheira dos Andes (dobramento moderno da E[illegible] em seus territórios: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, B[illegible]

Países platinos: nações sul-americanas que têm a bacia hidrográfica platina em parte de seus territórios: Argentina, Uruguai e Paraguai.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A criação do Mercosul intensificou as relações comerciais entre os países-sócios. Na atualidade, a maior parte das mercadorias circula sem tarifas de importação. Os membros plenos adotaram a união aduaneira e seu mecanismo é a Tarifa Externa Comum (TEC).

Os membros associados ao Mercosul (não plenos) – Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Suriname e Guiana – não adotam a união aduaneira, portanto, são livres para praticar as tarifas de importação que desejarem com países que não fazem parte do bloco.

Os principais problemas do Mercosul são as divergências comerciais entre os membros; a assimetria econômica entre os países, uma vez que a economia do Brasil é muito maior em comparação aos demais; as eventuais crises econômicas, a exemplo do Brasil e da Argentina recentemente; e as crises políticas internas em cada país.

Na América do Sul, a integração econômica requer investimentos em infraestrutura de transportes no subcontinente. Ao longo de décadas, pouco foi feito para integrar o Brasil aos **países andinos** e **platinos**. A construção de rodovias, pontes e ferrovias é fundamental, desde que acompanhada de medidas para diminuir o impacto socioambiental. Uma das iniciativas foi a construção da Rodovia Transoceânica entre Brasil e Peru passando por trechos da Amazônia, dos Andes e do litoral do Pacífico. Outra proposta é a Ferrovia Interoceância ligando o Atlântico (Brasil) ao Pacífico (Peru), obra que seria financiada pela China, cujo interesse é facilitar o escoamento de *commodities* minerais e agrícolas sul-americanas em direção ao mercado chinês.

Mercosul

MERCOSUL

Logotipo do Mercosul.

Democracia no Mercosul e o Protocolo de Ushuaia

O Mercosul foi instituído por um plebiscito ou um referendo? Na origem do Mercosul, apesar de o acordo ser ratificado pelos parlamentos dos países integrantes, não houve qualquer consulta popular. Tampouco se consultou a população sobre a criação da controversa união aduaneira, criticada por muitos empresários.

Todavia, o Protocolo de Ushuaia (1998) tem foco democrático, por isso nenhuma ditadura pode ingressar no Mercosul. Se um país violar a ordem democrática, pode ser afastado temporariamente. Em 2012, o Paraguai foi suspenso temporariamente devido a um golpe de Estado parlamentar que removeu o presidente Fernando Lugo do poder. O país retornou ao bloco após as eleições presidenciais de 2013.

A Venezuela – que havia aderido ao bloco em 2012, apesar da oposição paraguaia –, mergulhada numa crise política, socioeconômica e migratória nos últimos anos, foi suspensa do Mercosul em 2017 devido a características autoritárias do governo de Nicolas Maduro: ele decidiu convocar uma Constituinte cujos membros foram escolhidos de forma pouco transparente e democrática, o que, na prática, retirava poderes do Parlamento, cuja maioria dos deputados era de oposição ao governo. O quadro institucional venezuelano, com o Poder Executivo interferindo substancialmente nos poderes Judiciário e Legislativo, foi considerado uma violação das regras democráticas.

1. Qual é a importância do Protocolo de Ushuaia para a estabilidade política na América do Sul?

Aliança do Pacífico

Em 2012, foi criada a Aliança do Pacífico, bloco econômico latino-americano formado por México, Colômbia, Peru e Chile. Nesse bloco as economias são mais abertas do que as do Mercosul e o foco inicial é a integração entre os países e o comércio com a Ásia e os Estados Unidos. O protecionismo trumpista frustou um pouco os propósitos do bloco.

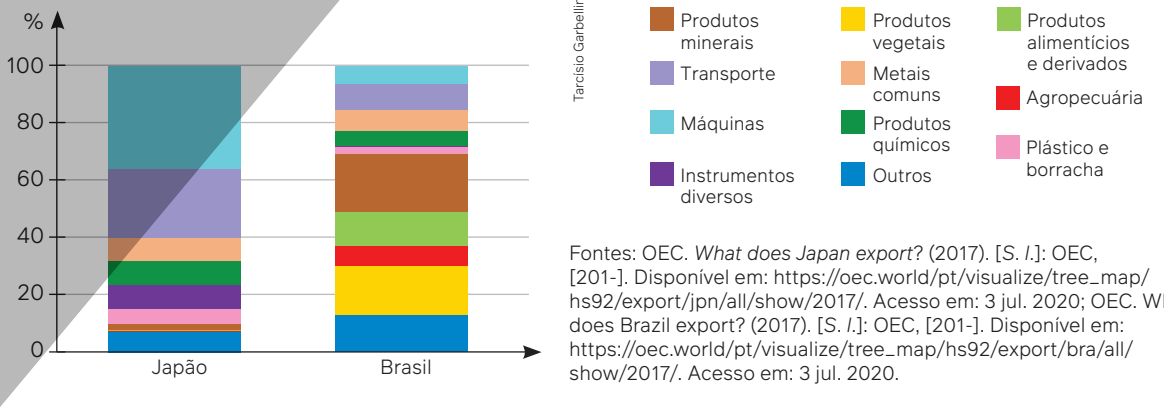
Blocos na Bacia do Pacífico

Na Bacia do Pacífico, o principal bloco econômico é a Cooperação ou Fórum Econômico da Ásia e Pacífico (Apec), criada em 1989. Os países da Apec apresentam diferentes níveis de desenvolvimento socioeconômico e, portanto, são complementares do ponto de vista comercial. Entre os integrantes estão Estados Unidos, Canadá, México, Chile, Peru, Rússia, Austrália, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné, Indonésia, Japão, Malásia, Singapura, Vietnã e China.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Interprete o gráfico a seguir e, depois, compare os países quanto à pauta de exportações e seu papel na divisão internacional do trabalho.

Japão e Brasil: mercado de exportações – 2017



Tarcísio Garbellini

Fontes: OEC. *What does Japan export*? (2017). [*S. l.*]: OEC, [201-]. Disponível em: https://oec.world/pt/visualize/tree_map/hs92/export/jpn/all/show/2017/. Acesso em: 3 jul. 2020; OEC. What does Brazil export? (2017). [*S. l.*]: OEC, [201-]. Disponível em: https://oec.world/pt/visualize/tree_map/hs92/export/bra/all/show/2017/. Acesso em: 3 jul. 2020.

O poder da mídia

Democracia e censura

Arquivo/Agência O Globo

Manifestação estudantil em São Paulo (SP), 1968.

A promoção de diversos meios de comunicação é fundamental para a cidadania e a prática democrática. Todavia, o acesso e a diversidade variam de acordo com a classe social e o grau de desenvolvimento dos países.

Países desenvolvidos e alguns emergentes, como a China, dispõem de pujante infraestrutura e diversidade de meios de comunicação. Já os países subdesenvolvidos periféricos da África e Ásia apresentam situação crítica, visto que apenas segmentos pequenos da sociedade têm acesso a meios de comunicação variados.

Outro problema é o déficit de democracia relacionado à liberdade de imprensa e de expressão. Em países com regimes autoritários, com tendências autoritárias ou temerosos da influência cultural externa pratica-se censura aos meios de comunicação. Em muitos deles, como China, Coreia do Norte, Arábia Saudita, Irã e Rússia, jornalistas sofrem perseguição política e são presos.

No Brasil, no período da ditadura instaurada pelo Golpe Civil-Militar (1964), imprensa e artistas foram vítimas de censura. Jornais necessitavam de autorização prévia para publicação de notícias; muitas canções de compositores como Chico Buarque e Caetano Veloso eram proibidas de serem tocadas; capítulos de novelas eram editados e alterados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O poder da televisão

A televisão é um dos mais poderosos meios de comunicação de massa. Os números confirmam: mais de 96% dos lares brasileiros têm televisão, conforme a Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios (Pnad).

A maior parte da receita das emissoras depende de patrocinadores, que são empresas particulares ou o governo. Isso explica por que agências de publicidade têm estreita ligação com as emissoras.

Nos países da América Latina, um dos produtos de entretenimento com maior audiência são as novelas. No Brasil, constitui um produto que exige grande investimento. Não é difícil os roteiros ainda difundirem o clichê da mobilidade social por meio de romances cada vez menos frequentes no mundo real, onde impera uma desigualdade social imensa.

A maior emissora de televisão aberta do Brasil atualmente surgiu na Ditadura Civil-Militar, na década de 1960.

O Regime Militar brasileiro investiu em infraestrutura de telecomunicações com a criação da Telebrás e da Embratel. Em paralelo, emissoras de televisão cresceram muito, conseguindo montar redes nacionais com afiliadas na maioria dos estados.

Após a redemocratização do país, outras redes de televisão tiveram significativo crescimento. Com o advento da televisão por assinatura e, mais recentemente, de plataformas de *streaming*, a audiência da televisão aberta está em declínio.

1. Faça uma pesquisa sobre as grandes emissoras de TV brasileiras. Em que contexto elas surgiram?

O poder da internet

O uso de computadores para armazenar, manipular e transmitir informações expandiu-se rapidamente a partir da década de 1980. Logo os meios de comunicação foram se integrando à informática.

O barateamento dos computadores pessoais e o posterior surgimento de *smartphones* aumentaram o acesso à internet, que foi se tornando importante para o acesso à informação, à educação e ao entretenimento. Na atualidade, muitas corporações do setor de tecnologia e internet têm mais valor do que algumas transnacionais de petróleo e automóveis.

A exclusão digital dificulta a democratização da internet e, consequentemente, da informação, uma vez que as classes alta e média têm um acesso muito mais amplo do que as parcelas mais pobres da população. Na Coreia do Sul, 84,1% da população é usuária de internet. Na Índia, chega a 25%. Na Somália, apenas 1,4%.

1. Em uma pesquisa, identifique os países com maior número de usuários de internet.
2. Quais sugestões você daria para combater a exclusão digital nos países em desenvolvimento?

O uso político da internet

A partir da década de 2010, a utilização da internet e das redes sociais com finalidade política e geopolítica se intensificou. Alguns exemplos foram as mobilizações populares por democracia: a Revolução das Panelas (Islândia), a já conhecida Primavera Árabe, o Ocupe Wall Street (Estados Unidos), os Indignados (Espanha), as Jornadas de Junho de 2013 (Brasil) e o Movimento dos Coletes Amarelos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em 2010, o WikiLeaks, *site* comandado pelo jornalista australiano Julian Paul Assange, divulgou na internet documentos secretos de países comprovando violações dos direitos humanos, informações antes pouco acessíveis pelos canais da mídia convencional.

Em 2012, Edward Snowden, funcionário que prestava serviços para a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA), denunciou o uso massivo de informações de empresas de internet para o governo estadunidense promover espionagem com fins geopolíticos e econômicos contra vários países.

Jack Taylor/Getty Images

Julian Assange fala à mídia da varanda da Embaixada do Equador. Londres, Reino Unido, 2017.

1. Pesquise na internet a trajetória de Julian Paul Assange e os casos polêmicos envolvendo o WikiLeaks.

Democracia em risco?

Multiplicam-se os episódios de uso de tecnologia para fraudar a democracia. Um dos casos mais estudados ocorreu com uma empresa britânica, que se apoderou de dados de milhões de usuários de uma grande rede social digital e de outras redes sociais a serviço de grupos políticos, alguns de ultradireita.

A empresa trabalhou para a vitória da campanha do Brexit no Reino Unido. Atuou também na campanha eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, identificando os eleitores mais influenciáveis e os estados e distritos decisivos para as eleições, como Michigan e Pensilvânia. A empresa também atuou nas eleições em Trinidad e Tobago prestando serviços para o grupo político liderado pela etnia indiana. A expressiva presença de indianos em Trinidad e Tobago se explica em razão da abolição do regime escravista no país em 1833; a partir de então, trabalhadores indianos foram recrutados para substituir a mão de obra escrava. A partir de então, trava-se um debate sobre o uso da internet e das redes sociais para fins políticos. A produção massiva de *fake news* é um dos principais problemas.

Fake news são notícias falsas normalmente veiculadas de forma muito rápida nas redes sociais virtuais. Elas são elaboradas em linguagem simples, direta, popular e sensacionalista. Não apresentam fontes confiáveis de pesquisa para comprovação.

Crise financeira de 2008: grave crise que eclodiu inicialmente nos Estados Unidos, devido à regulação insuficiente do sistema financeiro pelo governo, o que facilitou a excessiva especulação financeira dos mercados, sobretudo o imobiliário. O estopim foi a inadimplência no setor imobiliário e as dificuldades financeiras do setor bancário, agravadas por problemas como alto déficit público (governo gasta mais do que arrecada com impostos) e alta dívida pública. A crise levou à queda das bolsas de valores ao desaquecimento da economia e desemprego. Nos anos posteriores, a crise avançou sobre nações da União Europeia (Portugal, Irlanda, Itália, Grécia, Espanha e Chipre) e países emergentes, [illegible] (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Voltaram a circular na internet, na última década, ideologias políticas extremistas como nazismo e fascismo, autoritárias e antidemocráticas, que contribuíram para a eclosão da Segunda Guerra Mundial no século XX, favorecidas pelo ambiente de crise socioeconômica em vários países. Em 2020, a circulação de notícias falsas sobre a pandemia da covid-19 causou dificuldades para o combate à pandemia em vários países.

Com a **crise financeira de 2008**, vários países atravessaram graves dificuldades socioeconômicas, o que fez com que parte das populações contestasse a eficácia das democracias representativas na solução de problemas efetivos da sociedade. Um dos efeitos foi a busca de alternativas políticas que nada mais são do que a reciclagem de ideias extremistas do século XX. As vitórias eleitorais de lideranças com discurso extremista em países como Estados Unidos, Venezuela, Hungria e Filipinas é um alerta.

Mudanças na contemporaneidade

O mundo pós-pandemia: o que vai mudar?

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu uma pandemia, a covid-19, doença respiratória sobre a qual pouco se conhecia. Na memória coletiva das diferentes sociedades ao redor do mundo, ficaram marcados os múltiplos desafios colocados às nações para conter a rápida disseminação, por diferentes regiões do planeta, do novo coronavírus, denominado pelos cientistas de Sars-CoV-2, causador da doença cujos primeiros casos oficiais foram relatados na metrópole de Wuhan, na China.

Embora não seja a primeira do século XXI – uma vez que, em 2009, o contágio da gripe influenza A, provocada pelo vírus H1N1, também foi classificado como pandêmico – essa pandemia é mais transmissível e mais letal que a anterior. Assim, o fenômeno recebeu atenção crescente e ininterrupta da comunidade mundial.

Em pouco tempo, o dia a dia de milhões de pessoas ao redor do mundo mudou: passamos a dar mais atenção à higiene pessoal – especialmente à lavagem das mãos – a evitar

abraços e beijos e a manter distância segura uns dos outros, mudando assim nosso comportamento nos encontros pessoais, além de adotarmos o uso de máscara de proteção nos ambientes coletivos.

Ao longo da história, outras epidemias – como a peste bubônica, na Baixa Idade Média (século XIV), e a gripe influenza, conhecida por "espanhola" (século XX) – provocaram transformações sociais, culturais e econômicas. Fenômenos como esses ficam na memória de uma geração, tal como aconteceu com a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Após eventos dessa magnitude, ocorrem inevitáveis mudanças na organização da economia, nas relações geopolíticas e na cultura. Comportamentos e valores são revistos e modificados.

Você consegue imaginar como seria viver em um país isolado do restante do mundo a fim de evitar o contágio pelo vírus?

Ministério da Saúde

Houve um movimento global no sentido de coletar e divulgar para a população informações respaldadas em conhecimentos científicos, visando orientá-la sobre a melhor maneira de enfrentar a pandemia.

Reflexões e incertezas

A pandemia da covid-19 provocou reflexões sobre as normalidades ou anormalidades que surgiram a partir da década de 1990, com a Nova Ordem Mundial. Despertou questionamentos sobre o neoliberalismo e o papel do Estado na economia e em setores sociais como a saúde pública.

A covid-19 também jogou luz sobre a gravidade do desequilíbrio ambiental no Antropoceno (proposta de época geológica que registra o impacto humano na superfície terrestre) e a necessidade de um mundo realmente sustentável.

A pandemia desacelerou o sistema econômico globalizado, que para alguns estudiosos é um sintoma d[illegible] nos mobiliza a refletir, a questionar o mundo em que vivemos e nossa [illegible] ele, além de imaginar, inventar e construir a Novíssima Ordem Mundial que queremos para o século XXI.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Há muitas incertezas sobre como será o mundo pós-covid-19, mas dificilmente ele será como antes. Como em outros contextos de aguda crise vivenciados ao longo da história, a pandemia acelerou mudanças, aprofundou contrastes, agravou crises, evidenciou mazelas das sociedades contemporâneas, provocou tragédias individuais e coletivas, remodelou modos de ser e de viver, questionou valores sociais, refez prioridades e projetos. Tudo isso nos faz refletir: Você consegue imaginar como seria viver em um país isolado do restante do mundo a fim de evitar o contágio pelo vírus? Qual é a nossa corresponsabilidade pelo mundo em que vivemos? Que mundo queremos construir? Como você pode ajudar nessa transformação?

1. No contexto da pandemia da covid-19, vimos muitas ações e comportamentos de inúmeras pessoas ao redor do mundo voltados a preservar e promover não apenas a própria saúde e o bem-estar como também da coletividade. Que ações desse tipo você conhece? Como você as conheceu e que importância atribui a tais ações? Por quê?
2. Que papel você atribui aos meios de comunicação em tempos de pandemia? Quais cuidados julga necessários ao receber e divulgar informações relativas à pandemia? Por quê?

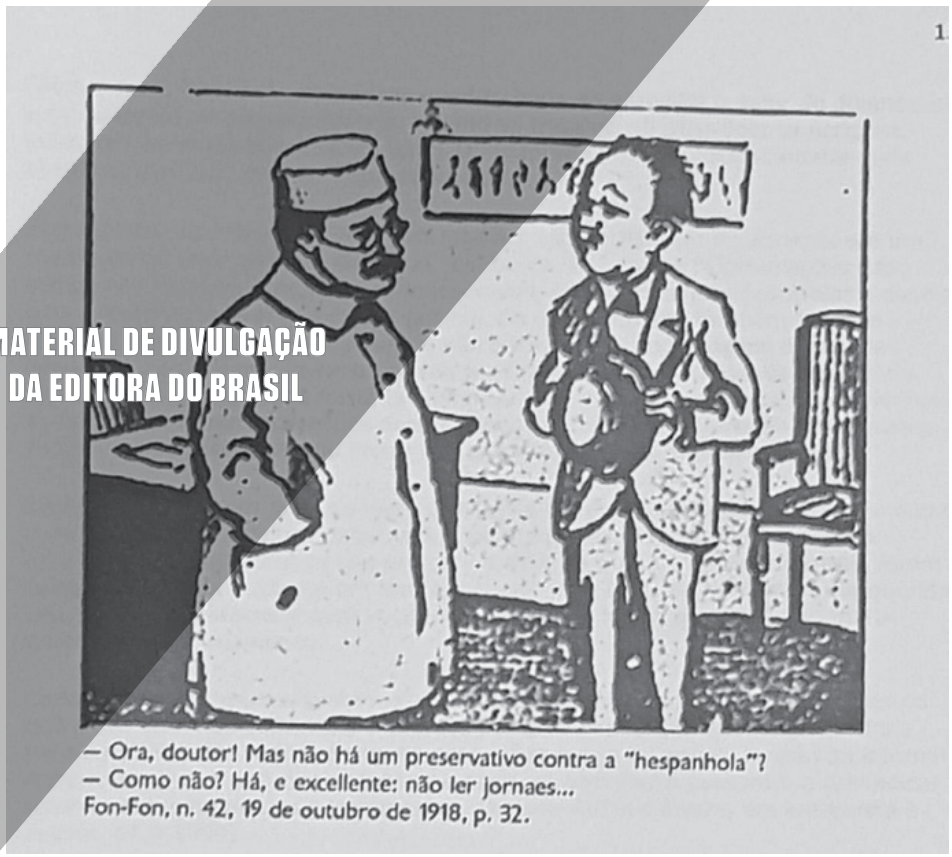
Análise

A pandemia anterior

Cerca de cem anos atrás, entre 1918 e 1919, outra pandemia, conhecida como **gripe espanhola**, assustava pessoas do mundo todo. Estima-se que essa doença, também causada por um vírus, tenha sido contraída por 600 milhões de pessoas e matado cerca de 20 milhões delas. Os dados são apontados em estudo realizado pela historiadora Gabrielle Werenicz Alves, que concedeu uma entrevista sobre o tema:

> Existem várias teorias sobre a origem daquela pandemia. O certo é que ela foi propagada, e talvez gerada, pela queda dos padrões sanitários e pelos efeitos da escassez alimentar decorrentes da Primeira Guerra Mundial (conflito bélico ocorrido entre 1914 e 1918). [...]
>
> A denominação dada ao surto de 1918 vem do fato de que na Espanha não era segredo os estragos feitos pela gripe. As notícias sobre a pandemia eram publicadas livremente pelos jornais, o que dava a impressão de que lá havia muito mais doentes do que em outras regiões. Outros países preferiram suavizar o impacto causado pela enfermidade ou até mesmo censurar a imprensa a respeito do assunto. [...]
>
> Ainda sobre a gripe espanhola cabe destacar que, naquela época, as autoridades brasileiras ouviram com descaso as notícias vindas da Europa. Acreditava-se que o oceano impediria a chegada da doença ao Brasil, o que não aconteceu. A doença chegou ao país a bordo do navio inglês SS Demerara (uma espécie de Correios britânicos), no dia 17 de setembro de 1918. Esse navio chegou com a tripulação contaminada e passou livremente pelos portos de Recife, Salvador e Rio de Janeiro, repleto de doentes. [...]

ALVES, Gabrielle Werenicz. Uma comparação entre a pandemia de gripe espanhola e a pandemia de coronavírus. *In*: UFRGS. Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/uma-comparacao-entre-a-pandemia-de-gripe-espanhola-e-a-pandemia-de-coronavirus/. Acesso em: 3 jul. 2020.



Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Charge publicada na revista *Fon Fon* n. 42, de 19 de outubro de 1918.

1. Considerando o contexto de produção da charge, o que você depreende sobre as informações veiculadas pela imprensa brasileira sobre a pandemia que ocorria? Justifique sua resposta com elementos da charge.

Desglobalização e pandemia

Alguns teóricos, como o economista Marcos Troyjo, adiantam um possível esgotamento da globalização; para eles, está em curso a desglobalização, em que o período de vertiginosa expansão capitalista global estaria chegando ao fim.

Mundo vive fase antiglobalização, afirma pesquisador da Columbia University

Ainda é cedo para dizer que o mundo vive completamente o fenômeno da desglobalização (ou antiglobalização), mas, seguramente atravessa uma fase desglobalizadora. [...]

Estamos então passando por uma névoa, uma fase desglobalizadora. Na minha opinião ela não será tão duradoura, mas, sim, hoje os vetores da desglobalização estão mais fortes, muito mais operantes que os da globalização.

Eu vejo mais malefícios ao mundo se essa tendência de desglobalização se aprofundar, principalmente do ponto de vista econômico. Por exemplo, se um consumidor está acostumado a comprar uma folha de papel produzido no Vietnã por uma fração de custo, ele provavelmente está tirando posto de trabalho de alguém que faria esse papel no Brasil ou nos EUA. Por outro lado, esse consumidor está sendo compensado com um bem muito mais barato. Essa dinâmica permite uma melhora na eficiência da economia, porque aquela porção de pessoas que produziriam o papel pode ser treinada para fazer outra coisa que o país tenha mais vantagens comparativas. [...]

Vamos ter aumento no custo de produção dos bens e isso vai ser repassado para os consumidores. Com o aumento da inflação, vão ser necessárias políticas monetárias mais apertadas.

Discursos nacionalistas reforçam esse clima antiglobalização?

Do ponto de vista político, infelizmente as lições da história mostram que o nacionalismo, que é uma das antíteses da globalização, vem de mãos dadas com o militarismo. O nacionalismo é um discurso muito desglobalizador e não há exemplos de nacionalismo exacerbado sem militarismo exacerbado. Então quando você leva em consideração que há uma potência como os EUA armada até os dentes, outra como a Rússia que era antagonista e também está armada até os dentes, além de um ator econômico em ascensão, como é a China, que também está se armando. Tudo isso aumenta o potencial de conflito e, portanto, [illegible] um contencioso comercial possa se transformar em uma confrontação militar maior.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

XAVIER, Getúlio. Mundo vive fase antiglobalização, afirma pesquisador da Columbia University. *Gazeta do povo*, Curitiba, 24 mar. 2017. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/economia/mundo-vive-fase-antiglobalizacao-afirma-pesquisador-da-columbia-university-6qp2mf7tc7o7pya9e9a19d607/. Acesso em: 3 jul. 2020.

Entre os fatores de desglobalização estão os efeitos da crise financeira de 2008; o enfraquecimento do comércio internacional (expansão inferior ao crescimento do PIB global); o advento de lideranças políticas que praticam o protecionismo, a exemplo de Donald Trump nos Estados Unidos (eleito presidente em 2016); a contestação aos blocos econômicos, a exemplo do Brexit, que consolidou a saída do Reino Unido da União Europeia; e a pandemia da covid-19.

Por sua vez, a própria globalização propagou rapidamente o vírus pela fluidez global do transporte aéreo e marítimo. Em alguma medida, a pandemia funcionou como antídoto para os excessos da globalização. Em 2020, houve recessão na economia global, o comércio internacional se retraiu drasticamente, o fluxo de tráfego de todos os modais de transporte foram desacelerados. Nas cidades, os movimentos pendulares entre residências e locais de trabalho se reduziram. A pandemia causou o efeito de isolar parcelas relevantes da população mundial na menor categoria geográfica, os lugares.

O fenômeno reativou reflexões sobre o futuro da civilização humana, incluindo nossa relação com o meio ambiente, padrões de consumo, o papel do Estado em setores sociais como saúde pública e educação, a importância do conhecimento científico e a relação entre trabalho, tecnologia e mobilidade espacial.

Análise

A noite

Na obra de Iran do Espírito Santo são suprimidas as cores da bandeira brasileira e o lema positivista. Ficam as estrelas e o mapa celestial do dia da Proclamação da República. A obra possibilita muitas interpretações. Na época de sua criação, em 1989, o Brasil atravessava um grave crise econômica e social deflagrada pela fuga abrupta de capital financeiro. O mundo globalizado não se revelou tão benigno assim.

1. Observe a imagem ao lado. O que ela lembra?
2. Você já viu algo parecido? Onde?

Acervo do artista

Iran do Espírito Santo. *A noite*, 1989. Tinta eletrostática sobre aço, 134 cm × 193 cm.

Vozes

Iran do Espírito Santo nasceu em Mococa, interior paulista, em 1963. Tornou-se um dos mais importantes artistas contemporâneos brasileiros, com reconhecimento internacional. Seu trabalho plástico consiste em desenho, gravura, escultura e instalações. Representou o Brasil na Bienal de Veneza em 1999, entre várias exposições individuais e coletivas dentro e fora do país. Suas obras promovem um diálogo entre o que vemos e como compreendemos o que vemos, [illegible] técnica e formal. Ele utiliza a cor com parcimônia, evitando estereótipos tropicais que muitos estrangeiros esperam de um artista brasileiro. Iran sempre esteve atento às questões nacionais e internacionais, como a política, a desigualdade, o meio ambiente e o impacto da globalização que potencializou a arte como mercadoria. A obra *A noite* resulta dessas preocupações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Gui Gomes

Iran do Espírito Santo, 2019.

#Ficaadica

Amor líquido, de Zygmunt Bauman (Zahar). O livro aborda as relações interpessoais amorosas e afetivas no contexto da globalização.

Encontro com Milton Santos (ou o mundo global visto do lado de cá), de Silvio Tendler (90 min). Documentário sobre a vida e o pensamento do geógrafo Milton Santos a respeito da globalização, suas consequências sociais e o futuro possível.

IBGE Educa. *Site* com conteúdo científico e informações estatísticas sobre o Brasil apresentados de forma lúdica. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/. Acesso em: 3 jul. 2020.

Prática de pesquisa

Covid-19 e os impactos no cotidiano de cada um

Nesta prática de pesquisa, você entrevistará pessoas a sua volta para compreender melhor as experiências delas durante o período da pandemia. Lembre-se de que, durante uma entrevista, entrevistador e entrevistado são convidados a relembrar e, portanto, reelaborar suas experiências e visão dos fatos, permitindo-se refletir sobre eles e construir uma memória dos processos vividos.

Este projeto será uma oportunidade para problematizar, de forma contextualizada, os impactos do surto da covid-19 no cotidiano individual e de que forma comportamentos e modos de pensar foram influenciados pelo acesso à informação e por questões de ordem econômica e sociocultural.

- Organização: grupos de 3 a 4 estudantes.
- Duração sugerida: de 4 a 5 aulas.
- Material: computador com acesso à internet; caderno; caneta; lápis.

Juntem-se e desenvolvam!

Para iniciar o projeto, reúna-se a três colegas. Juntos, elaborem uma entrevista considerando três temas:

- a influência da Organização Mundial da Saúde no modo de o entrevistado enfrentar a covid-19;
- os principais meios usados pelo entrevistado para se informar;
- como o cotidiano dele foi afetado pela pandemia.

Procurem fazer um diagnóstico da situação e elaborar perguntas relacionadas a esses temas. Para os dois primeiros, as perguntas devem ser mais diretas para obter informações bem objetivas; já em relação ao cotidiano do entrevistado, conversem com ele e o deixem mais livre e à vontade para dar seu depoimento.

Antes de iniciar as perguntas ligadas à Organização Mundial da Saúde (OMS), certifiquem-se de que ele conheça a atuação desse organismo internacional. Se necessário, forneçam informações sobre a atuação da OMS durante a pandemia. Vocês podem consultar o *site* da OMS para obtê-las.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Entreviste!

Organize-se com seu grupo para que, durante as entrevistas, vocês se revezem nas funções de entrevistador (quem faz as perguntas) e de redator (responsável por registrar as respostas dos entrevistados). Selecionem três pessoas da comunidade escolar e três de seu bairro, lembrando sempre de pedir a elas, com antecedência, autorização para participar do projeto.

Façam as entrevistas de forma clara e organizada, respeitando as posições e as falas, estabelecendo formas de registro para a comprovação do que foi escrito e sendo fiéis ao que foi dito nos registros.

Analise e reflita!

Depois das entrevistas, converse com os colegas e o professor comparando as diferentes visões de mundo abordadas durante o projeto. Redija um texto que reflita sobre os diferentes comportamentos e as formas de pensar das pessoas, quando relacionados ao acesso à informação sobre o surto da covid-19. Questione-se sobre a própria experiência durante a pandemia e registre suas conclusões.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Em 1988, o plebiscito representado nos cartazes abaixo mobilizou os chilenos.

Junta Militar Governo Pinochet

Concertación de Partidos por el No

Plebiscito de 1988: determinante para a vida política do Chile.

   a) Qual campanha venceu?

   b) Qual foi a importância desse plebiscito para o futuro político chileno?

2. Identifique os aspectos positivos da política econômica chilena implantada a partir da década de 1980.
3. De que modo a Nova Ordem Mundial proporcionou a expansão dos regimes democráticos no mundo? Dê exemplos.
4. Qual é a origem histórica do termo democracia?
5. Que característica das democracias atuais está relacionada ao filósofo Montesquieu? De que forma esse princípio embasou a suspensão da Venezuela do Mercosul em 2017?
6. Quais os papéis desempenhados pela OMC? Em que medida a atuação do G20 (países emergentes e subdesenvolvidos) implicaria na maior democratização do comércio mundial?
7. Compare a União Europeia ao Mercosul em relação às instituições democráticas.
8. Qual é a diferença entre plebiscito e referendo? O Brexit é um exemplo de democracia participativa?
9. O uso político das redes sociais e da internet, de forma geral, é favorável ou desfavorável à democracia? Explique.
10. Que elementos favoreceram a circulação de ideologias totalitárias do século XX e, nos últimos anos, sua ascensão nas esferas políticas?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

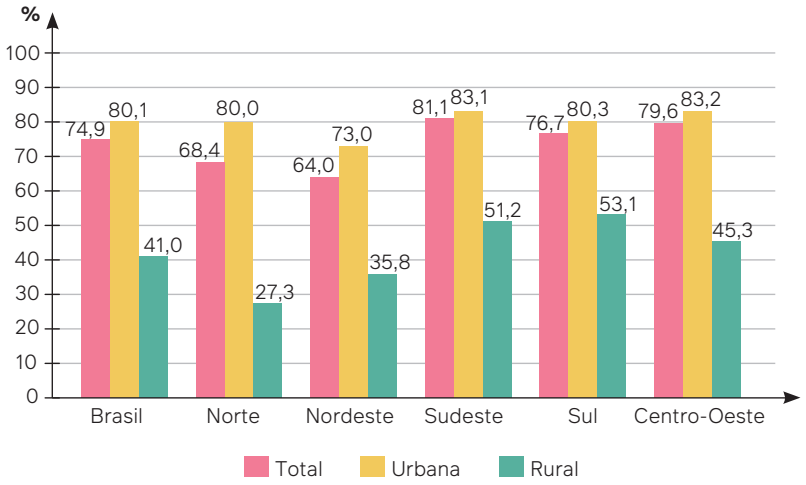
11. Analise o gráfico ao lado e responda às questões.

   a) Há diferença no uso da internet entre os espaços urbano e rural? Explique.

   b) E há diferenças regionais no uso da internet? Justifique.

   c) O que é exclusão digital? Quais hipóteses explicam o maior ou o menor acesso à internet?

Brasil: domicílios com acesso à internet – 2017



Tarcísio Garbellini

Fonte: USO de internet, televisão e celular no Brasil. *In*: IBGE EDUCA. Rio de Janeiro, c2020. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html. Acesso em: 3 jul. 2020.

12. Leia o discurso a seguir, do escritor português José Saramago, feito no Fórum Social Mundial em 2011 e transcrito por Renato Rovai.

> [...]
>
> A **democracia amputada**. Eu tinha dito que iria propor tirar a palavra utopia do dicionário. Mas, enfim, não vou a tanto, não vou a tanto, deixe ela lá estar. Deixe ela estar, até porque ela está quieta. O que eu queria dizer, amigos, é que há uma outra questão que tem de ser urgentemente revista. Tudo se discute neste mundo, menos uma única coisa que não se discute. Não se discute a democracia. A democracia está aí, como se fosse uma espécie de santa no altar, de quem já não se espera milagres, mas de quem está aí como uma referência. Uma referência é a democracia. E não se repara que a democracia em que vivemos é uma democracia sequestrada, condicionada, amputada.
>
> Porque o poder do cidadão, o poder de cada um de nós, limita-se, na esfera política, a tirar um governo de que não gosta e a pôr outro de que talvez venha a se gostar. Nada mais. Mas as grandes decisões são tomadas em uma outra grande esfera e todos sabemos qual é. As grandes organizações financeiras internacionais, os FMIs, a Organização Mundial do Comércio, os bancos mundiais, tudo isso. Nenhum desses organismos é democrático. E, portanto, como é que podemos falar em democracia se aqueles que efetivamente governam o mundo não são eleitos democraticamente pelo povo? Quem é que escolhe os representantes dos países nessas organizações? Os povos? Não. Donde está então a democracia? [...]
>
> ROVAI, Renato. Saramago e nossos moinhos de vento. *Fórum*, Porto Alegre, 20 out. 2011. Disponível em: https://revistaforum.com.br/revista/24/saramago-e-nossos-moinhos-de-vento/. Acesso em: 3 jul. 2020.

Com base na leitura do discurso, responda às questões:

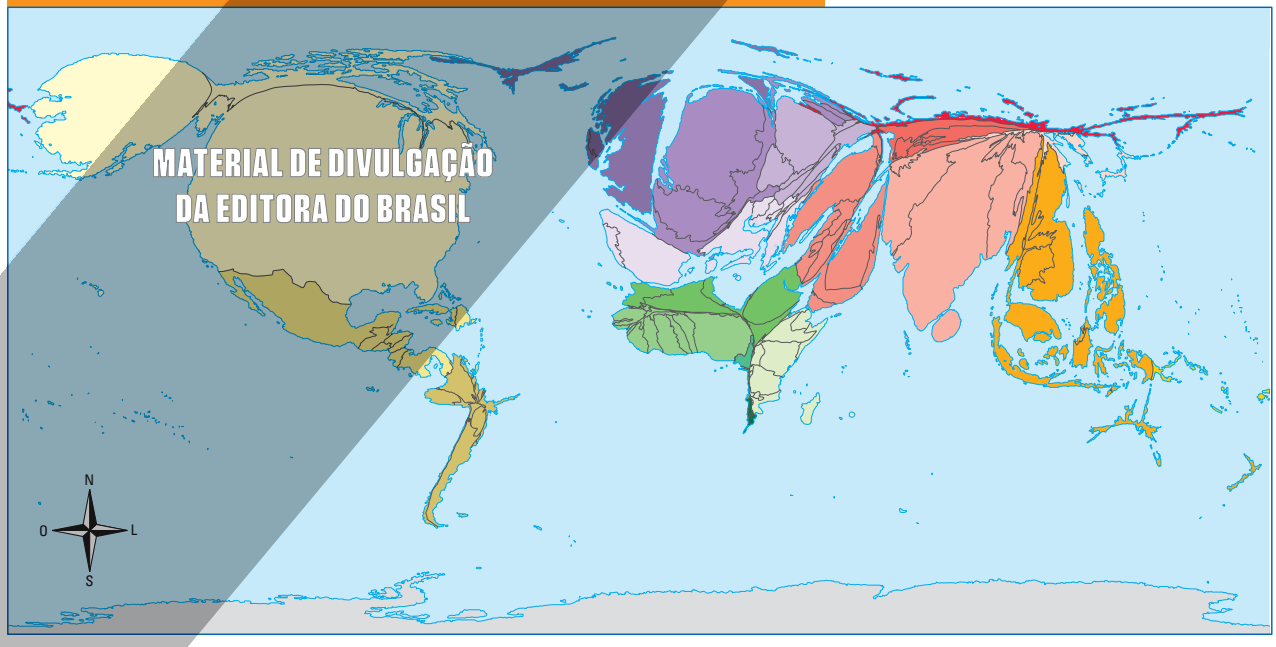
a) Qual característica da Nova Ordem Mundial pode ser identificada no discurso?

b) Por que a democracia teria sido sequestrada, condicionada ou amputada no mundo globalizado?

c) Quais reformas você proporia para melhorar o funcionamento da democracia nos âmbitos nacional e global?

13. Considere o mapa a seguir e comente o papel da China no comércio mundial. Explique a adoção de medidas protecionistas contra o país.

Países com os quais a China tem superávit comercial (2017)



Alessandro Passos da Costa

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: TRADE surplus China 2017. *In*: WORLD MAPPER. Londres, [201-?]. Disponível em: https://worldmapper.org/maps/trade-surplus-china-2017/?sf_action=get_data&sf_data=results&_sft_product_cat=trade. Acesso em: 3 jul. 2020.

14. Compare as pandemias da gripe espanhola (1918) e da covid-19 (2020) considerando os contextos históricos e de integração global.

15. Quais fatores justificariam o processo de desglobalização?

Questões de Enem e vestibulares

Unidade 1

1. (Unesp 2018)

O cooperativismo de consumo não está morto, mas perdeu a batalha contra o grande capital comercial, que é atacadista e varejista ao mesmo tempo. Em termos de preços e qualidade, o grande capital é imbatível. Só que é impessoal, burocrático, não permite atentar para necessidades particulares. Suas vantagens se dirigem a um público cujas preferências são pautadas pela publicidade nos meios de comunicação.

SINGER, Paul. *Introdução à economia solidária*, 2013 (adaptado).

Um pressuposto das relações contemporâneas de consumo, coerente com a lógica do modo de produção capitalista, é:

a) a pluralidade na produção.

b) a diversidade dos indivíduos.

c) a generalização de tarefas.

d) a massificação da sociedade.

e) a pequena escala produtiva.

2. (Enem 2016)

A Segunda Revolução Industrial, no final do século XIX e início do século XX, nos EUA, período em que a eletricidade passou gradativamente a fazer parte do cotidiano das cidades e a alimentar os motores das fábricas, caracterizou-se pela administração científica do trabalho e pela produção em série.

MELLO, A. A. C., LAPIS, N. L. *A saúde e os processos de trabalho*: [illegible] na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

De acordo com o texto, na primeira metade do século XX, o capitalismo produziu um novo espaço geoeconômico e uma revolução que está relacionada com a:

a) proliferação de pequenas e médias empresas, que se equiparam com as novas tecnologias e aumentaram a produção, com aporte do grande capital.

b) técnica de produção fordista, que instituiu a divisão e a hierarquização do trabalho, em que cada trabalhador realizava apenas uma etapa do processo produtivo.

c) passagem do sistema de produção artesanal para o sistema de produção fabril, concentrando-se, principalmente, na produção têxtil destinada ao mercado interno.

d) independência política das nações colonizadas, que permitiu igualdade nas relações econômicas entre os países produtores de matérias-primas e os países industrializados.

e) constituição de uma classe de assalariados, que possuíam como fonte de subsistência a venda de sua força de trabalho e que lutavam pela melhoria das condições de trabalho nas fábricas.

3. (Uncisal 2019)

Os primeiros filósofos que detectaram a dissolução das fronteiras entre informação, consumo, entretenimento e política ocasionada pela mídia, bem como seus efeitos nocivos na formação crítica de uma sociedade, foram os pensadores da Escola de Frankfurt.

Disponível em: http://educacao.uol.com.br. Acesso em: 16 nov. 2018.

Um dos conceitos principais cunhados pela Escola de Frankfurt em seus primeiros anos foi o de "indústria cultural".
Com esse conceito, os pensadores dessa escola buscavam mostrar que:

a) a cultura é um bem como qualquer outro bem de consumo.

b) a cultura servia como forma de eternizar o sistema capitalista.

c) o consumismo poderia desenvolver o senso crítico da população.

d) a sociedade capitalista desejava tornar a cultura acessível a todos.

e) obras literárias e artísticas complexas seriam o foco da produção industrial.

4. (Enem 2016)

A mundialização introduz o aumento da produtividade do trabalho sem acumulação de capital, justamente pelo caráter divisível da forma técnica molecular-digital do que resulta a permanência da má distribuição da renda; exemplificando mais uma vez, os vendedores de refrigerantes às portas dos estádios viram sua produtividade aumentada graças ao *just in time* dos fabricantes e distribuidores de bebidas, mas para realizar o valor de tais mercadorias, a forma do trabalho dos vendedores é a mais primitiva. Combinam-se, pois, acumulação molecular-digital com o puro uso da força de trabalho.

OLIVEIRA, F. *Crítica à razão dualista e o ornitorrinco*. Campinas: Boitempo, 2003.

Os aspectos destacados no texto afetam diretamente questões como emprego e renda, sendo possível explicar essas transformações pelo(a):

a) crise bancária e o fortalecimento do capital industrial.

b) inovação toyotista e a regularização do trabalho formal.

c) impacto da tecnologia e as modificações na estrutura produtiva.

d) emergência da globalização e a expansão do setor secundário.

e) diminuição do tempo de trabalho e a necessidade de diploma superior.

Unidade 2

1. (Unicamp 2016) País da África Austral que se tornou independente em 1975 após séculos de colonialismo europeu. No período posterior à independência, a terra passou a ser propriedade do Estado, com predomínio de uso pela população camponesa e com forte participação das mulheres na produção agrícola familiar. De 1976-1992 vivenciou intensos conflitos produzidos pela guerra civil envolvendo dois dos principais grupos armados do país.
O texto acima faz referência ao seguinte país:

a) Congo.

b) África do Sul.

c) Moçambique.

d) Nigéria.

2. (Unioeste-PR 2016) Para Gilberto Freire,

> a família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é, desde o século XVI, o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela, o rei de Portugal quase reina sem governar. [...] Expressões desse familismo político, cedo limitam o poder dos reis e mais tarde o próprio imperialismo ou, antes, parasitismo econômico, que procura estender do reino às colônias os seus tentáculos absorventes.
>
> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1994, p. 19.

Assinale a afirmativa CORRETA.

a) Para Freyre, o Estado Brasileiro foi o grande impulsionador do desenvolvimento brasileiro.

b) Para Freyre, o rei de Portugal mantinha o total controle sobre o processo de colonização no Brasil.

c) Para Freyre, a família não pode ser considerada o agente colonizador do Brasil.

d) Para Freyre, a família foi predominante no desenvolvimento da sociedade brasileira, sua existência relacionou-se, desde o início, ao domínio das grandes propriedades, tanto na zona rural como posteriormente no meio urbano.

e) Para Freyre, a família manteve-se longe da aristocracia colonial brasileira.

3. (UFPR 2020) Considere o texto abaixo:

> A emancipação fora conseguida num contexto de violência generalizada, que causara a morte de centenas de milhares de pessoas, em especial na Colômbia, na Venezuela, no México e no Haiti. Os países que sofreram menos baixas foram Brasil, Equador, Paraguai e os da América Central. Os sofrimentos da população foram agravados pelos deslocamentos, como o "êxodo oriental" no Uruguai em 1811 e a fuga em massa dos partidários da independência do Chile, que tiveram de emigrar de Concepción para Santiago em 1817.
>
> DEL POZO, José. *História da América Latina e do Caribe*: dos processos de independência aos dias atuais. Tradução: Ricardo Rosenbusch. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009. p. 41.

Considerando as informações do trecho acima, os conhecimentos sobre o contexto histórico e os aspectos sociais e políticos da independência dos países latino-americanos e do Caribe, é correto afirmar:

a) as políticas liberais que surgiram na década de 1850, no processo de consolidação das independências, favoreceram a aquisição de terras pelas comunidades indígenas.

b) líderes políticos como Bolívar e Bernardo O'Higgins, entre outros, passaram a apoiar a independência do Brasil em 1822, e, sobretudo, incentivaram a instauração do regime monárquico.

c) a participação das mulheres nos processos de independência assumiu somente o papel atribuído a elas nesse tipo de conflito, como o de preparar comida para as tropas e cuidar dos feridos.

d) com o fim dos conflitos, os países emancipados da região saldaram as pesadas dívidas que contraíram com os bancos ingleses.

e) somente Cuba e Porto Rico não se emanciparam, permanecendo como colônias espanholas até 1898.

4. (UFTPR 2020) A concepção de democracia racial no Brasil acaba por ocultar as discriminações sofridas diariamente pelos(as) negros(as) e indígenas, pois imaginamos uma sociedade em que brancos(as), negros(as) e indígenas convivem harmoniosamente e não há discriminação étnico-racial.
Assinale a alternativa CORRETA.

a) As desigualdades entre brancos(as), negros(as) e indígenas é histórica e podem ser verificadas pelos dados, por exemplo, de desemprego, renda e escolaridade.

b) Vivemos em um país democrático e sem nenhum tipo de distinção que provoque desigualdades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

c) Nascemos livres e iguais e depende dos indivíduos a conquista econômica, educacional e cultural.

d) Negros(as) e indígenas têm historicamente as mesmas oportunidades que os(as) brancos(as).

Unidade 3

1. (Uema 2020) A sociedade de uma forma geral, em cada tempo, produz conceitos ou amplia os já existentes para que possamos pensar em determinadas condições vigentes e entender determinados processos nas relações humanas vividas no momento. Um exemplo disso pode ser visto no texto abaixo sobre Kant e sua ideia relativa ao tutelamento.

> Dizem os historiadores que no século XVIII para se entender certo fenômeno que ocorria na Europa, conhecido como Iluminismo, perguntaram ao filósofo Kant o que seria esse movimento. O referido filósofo explicou que seria como um processo de esclarecimento, a partir do qual o ser humano sairia de sua menoridade graças ao uso da razão e ao exercício da liberdade de pensamento. Escreveu o filósofo em sua resposta o seguinte: "O iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. É-se culpado da própria tutela quando esta resulta não de uma deficiência do entendimento, mas de falta de resolução e coragem para fazer uso do entendimento independentemente da direção de outrem. Tenha coragem para fazer uso da tua própria razão!".
>
> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria de Helena. *Filosofando*: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2016.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Hoje, em pleno século XXI, onde há um amplo uso das redes sociais tais como Facebook, Instagram, YouTube, WhatsApp, é apropriado retomar esse conceito kantiano acima exposto, para que se possa entender a condição de tutela a que os homens se encontram.
A relação que exemplifica o conceito de tutela de Kant aplicado aos dias de hoje é o seguinte:

a) os *designers* gráficos e suas novas produções no YouTube.

b) os adolescentes e o desejo de nova realidade nos jogos *on-line*.

c) as novas profissões e as oportunidades de trabalho no Instagram.

d) os estudantes e as pesquisas de artigos nos *sites* acadêmicos.

e) os internautas e a manipulação de informações nas mídias sociais.

2. (Enem 2016)

> A Guerra Fria foi, acima de tudo, um produto da heterogeneidade da organização interna e da prática internacional – e somente poderia ser encerrada pela obtenção de uma nova homogeneidade. O resultado disto foi que, enquanto os dois sistemas distintos existiram, o conflito da Guerra Fria estava destinado a continuar: a Guerra Fria não poderia terminar com o compromisso ou a convergência, mas somente com a prevalência de um destes sistemas sobre o outro.
>
> HALLIDAY, F. *Repensando as relações internacionais*. Porto Alegre: EdUFRGS, 1999.

A caracterização da Guerra Fria apresentada pelo texto implica interpretá-la como um(a):

a) esforço de homogeneização do sistema internacional negociado entre Estados Unidos e União Soviética.

b) guerra, visando ao estabelecimento de um renovado sistema social, híbrido de socialismo e capitalismo.

c) conflito instersistêmico em que países capitalistas e socialistas competiriam até o fim pelo poder de influência em escala mundial.

d) compromisso capitalista de transformar as sociedades homogêneas dos países socialistas em democracias liberais.

e) enfrentamento bélico entre capitalismo e socialismo pela homogeneização social de suas respectivas áreas de influência política.

3. (Enem 2019)

> Essa atmosfera de loucura e irrealidade, criada pela aparente ausência de propósitos, é a verdadeira cortina de ferro que esconde dos olhos do mundo todas as formas de campos de concentração. Vistos de fora, os campos e o que neles acontece só podem ser descritos com imagens extraterrenas, como se a vida fosse neles separada das finalidades deste mundo. Mais que o arame farpado, é a irrealidade dos detentos que ele confina que provoca uma crueldade tão incrível que termina levando à aceitação do extermínio como solução perfeitamente normal.
>
> ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989 (adaptado).

A partir da análise da autora, no encontro das temporalidades históricas, evidencia-se uma crítica à naturalização do(a):

a) ideário nacional, que legitima as desigualdades sociais.

b) alienação ideológica, que justifica as ações individuais.

c) cosmologia religiosa, que sustenta as tradições hierárquicas.

d) segregação humana, que fundamenta os projetos biopolíticos.

e) enquadramento cultural, que favorece os comportamentos punitivos.

Índice remissivo

A

África 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 43, 44, 50, 51, 55, 58, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 81, 82, 83, 84, 87, 101, 103, 112, 118, 124, 126, 128, 131, 142

América 13, 16, 30, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 55, 58, 59, 60, 80, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 126, 128, 129, 131, 140, 141, 142

Apec 16, 135, 141

Ásia 16, 30, 35, 39, 50, 55, 58, 60, 61, 74, 75, 81, 101, 126, 128, 130, 131, 135, 141, 142

B

Brexit 138, 139, 144, 147, 150

burguesia 12, 18, 20, 21, 31, 46, 49, 110, 114, 115, 127, 128

C

capital 38, 44, 128, 133, 135, 148

capitalismo 10, 11, 12, 18, 20, 26, 27, 30, 36, 37, 38, 41, 43, 45, 50, 51, 52, 60, 62, 63, 69, 76, 86, 103, 108, 114, 119, 120, 128, 134

censura 116, 126, 142, 146

corporações de ofícios 20, 21, 27

Cruzadas 14, 15

D

democracia 63, 73, 112, 114, 115, 122, 123, 126, 127, 129, 132, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 150, 151

desglobalização 105, 145, 147, 151

desigualdade 92, 109, 126, 129, 142, 148

E

exploração 21, 25, 32, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 52, 70, 79, 89, 96, 124

G

geopolítica 101, 107, 108, 110, 119, 122, 126, 143

globalização 9, 11, 12, 16, 86, 103, 105, 106, 110, 126, 128, 130, 131, 132, 134, 147, 148

Guerra Fria 76, 119, 120, 122, 125, 126, 129, 145

I

Idade Média 12, 13, 14, 115, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 26, 27, 119, 145

igualdade 46, 63, 79, 90, 110, 112, 114

imperialismo 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 75, 76, 79, 80, 81, 83, 101, 108, 109, 124

Independência 35, 45, 46, 47, 48, 49, 69, 79, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 127

indivíduo(s) 44, 88, 108, 110, 114, 116, 128

indígena(s) 29, 32, 38, 39, 51, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 92, 95, 96, 98

L

Leste Europeu 112

M

mercantilismo 38, 45

Mercado Comum do Sul (Mercosul) 135, 140, 141, 150

mestres-artesãos 20

mundialização 9, 26, 29, 30, 43, 49, 65, 91

N

nacionalismo 96, 110, 111, 115, 116, 123, 147

natureza 23, 42, 99, 124

Nova Ordem Mundial 123, 126, 128, 145, 150, 151

O

Oceania

ONU 79, 80, 83, 120, 122

OMC 134, 135, 150

OMS 144, 149

Oriente Médio 126, 131

P

pandemia

- covid-19 24, 25, 28, 29, 105, 106, 113, 131, 144, 145, 147, 149, 151
- gripe influenza 144, 145
- peste bubônica 23, 24, 25, 27, 34, 36, 145

plebiscito 139, 141, 150

Primavera Árabe 126, 138, 143

Primeira Guerra Mundial 106, 107, 108, 111, 112, 121, 123, 124, 145, 146

R

referendo 80, 137, 138, 139, 141, 150

Rússia 11, 12, 13, 48, 51, 99, 109, 112, 114, 119, 131, 133, 138, 141, 142, 144, 147

S

Segunda Guerra Mundial 60, 79, 114, 118, 119, 125, 127, 132, 136, 144, 145

sistema capitalista 9, 12, 22, 27, 43, 101, 106, 122

sistema feudal 22, 25

sociedade(s) 12, 17, 22, 25, 26, 29, 30, 37, 43, 44, 45, 46, 51, 61, 65, 66, 77, 87, 88, 90, 93, 96, 98, 106, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 119, 126, 127, 134, 142, 144, 145

T

trabalho 12, 18, 20, 21, 25, 27, 28, 33, 36, 37, 39, 40, 43, 44, 53, 62, 87, 89, 96, 97, 98, 102, 109, 116, 130, 141, 144, 147, 148

U

União Europeia 16, 123, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 147, 150

USMCA 16, 135

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências e habilidades da BNCC trabalhadas neste volume

Competências gerais da Educação Básica
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio: competências específicas e habilidades	
1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
(EM13CHS101)	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
(EM13CHS103)	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
(EM13CHS104)	Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
(EM13CHS106)	Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no Ensino Médio: competências específicas e habilidades	
2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-Nações.
(EM13CHS201)	Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
(EM13CHS204)	Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.
(EM13CHS206)	Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
(EM13CHS401)	Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
(EM13CHS404)	Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
(EM13CHS503)	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
(EM13CHS601)	Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
(EM13CHS603)	Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, [illegible]).
(EM13CHS604)	Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.
(EM13CHS605)	Analisar os princípios da Declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Referências

Unidade 1

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
Esse dicionário se tornou referência no campo da História, oferecendo a estudantes e professores milhares de verbetes selecionados, redigidos em linguagem clara e objetiva.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 3 v.
Texto clássico em que o tema dos sistemas mundiais é o principal articulador de sua análise sobre os séculos XV-XVIII. Braudel faz uma abordagem que estabelece relações entre Economia, Política, Geografia e História, construindo diversas camadas analíticas para dar conta da longa duração desses quatro séculos.

CHARLEAUX, João Paulo. O que faz do Haiti um país de crises ininterruptas. *Nexo*, São Paulo, 13 out. 2016. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2016/10/13/O-que-faz-do-Haiti-um-país-de-crises-ininterruptas. Acesso em: 21 maio 2020.
Entrevista com a advogada Gabrielle Apollon, em que ela discute as origens históricas da atual situação do Haiti, destacando as heranças do processo de colonização.

FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. 2. ed. Lisboa: Plátano, 1977.
A análise e a interpretação de documentos históricos, sem dúvida, constituem uma das tarefas mais importantes do historiador. O autor reúne centenas de fontes nessa antologia, que coloca o leitor em contato direto com materiais próprios da pesquisa histórica.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Ucam, 2002.
O autor propõe uma abordagem transnacional para refletir sobre a diáspora negra ocorrida a partir do século XVI. Sua análise constata o intenso intercâmbio de pessoas, mercadorias e culturas que transitaram entre as margens do Atlântico, configurando um espaço de trocas, circulações e contatos.

GOODY, Jack. *O roubo da história*: como europeus se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Contexto, 2008.
Nessa obra, o autor critica o viés etnocêntrico da maior parte da historiografia ocidental, mostrando como isso resultou no que ele chama de um "roubo", pelo Ocidente, de conquistas de outras culturas.

GRUZINSKI, Serge. *A águia e o dragão*: portugueses e espanhóis na globalização do século XVI. Lisboa: Edições 70, 2015.
Essa obra analisa a inserção das nações ibéricas no processo de mundialização. Sua perspectiva multidisciplinar conecta diferentes campos das Ciências Humanas e faz uma crítica à concepção eurocêntrica da "chegada" dos europeus na América.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
Nesse que é um dos mais importantes livros do pensamento social brasileiro, o autor reflete sobre o processo de formação do Brasil, tomando como ponto de partida as principais características da colonização portuguesa.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
Nesse estudo, o autor destaca a importância de estudar o Período Medieval para a compreensão do presente. Por meio de um texto claro e conciso, organizado na forma de um diálogo, a obra apresenta aos jovens estudantes as características da Idade Média.

MELLO, Evaldo Cabral. *Olinda restaurada*. São Paulo: Editora 34, 2007.
O livro aborda a presença holandesa no nordeste do Brasil entre 1630 e 1654. O conflito entre portugueses e holandeses se insere na disputa pelo controle da produção de açúcar em um cenário político em crescente integração.

PERNOUD, Régine. *As origens da burguesia*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1973.
Nessa obra, a autora procura desvendar as origens da burguesia no contexto do feudalismo. Para ela, o burguês da Idade Média é um homem da cidade, um comerciante que busca no lucro o sentido da sua atividade.

PIRENNE, Henri. *As cidades da Idade Média*. 4. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
O autor sintetiza nessa obra as etapas da expansão muçulmana para depois analisar a revitalização das rotas comerciais e das cidades durante a Baixa Idade Média.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *Sociedade feudal*: guerreiros, sacerdotes e trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1982.
O autor destaca nesse livro o processo de crise que se abateu sobre a Europa no século XIV e analisa o embate entre grupos e classes sociais, compreendido como elemento explicativo de todo o processo histórico.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
O autor utiliza as guerras de conquista empreendidas pelos espanhóis no continente americano para compreender as relações entre o sentido de alteridade e o exercício do poder.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
Nesse que é um dos maiores clássicos da Sociologia, Max Weber desenvolve sua conhecida teoria sobre relação entre o protestantismo e o crescimento do capitalismo.

Unidade 2

CHAUÍ, Marilena. *A ideologia da competência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. v. 3.
Obra que busca explicar a forma e o entendimento do conceito de ideologia quando problematizamos discursos e narrativas muitas vezes preconceituosos e intolerantes, entre outras maneiras de explicar a realidade.

CLARK, J. D. Pré-história da África austral. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). *Metodologia e Pré-História da África*. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.
Artigo presente na vasta coleção sobre África organizada pela Unesco que aborda aspectos da organização social e étnica do sul do continente africano.

COQUERY-VIDROVITCH, C. A economia colonial das antigas zonas francesas, belgas e portuguesas (1914-1935). *In*: BOAHEN, A. A. (ed.). *A África sob dominação colonial*: 1880-1935. 2. ed. rev. Brasília: Unesco, 2010.
Essa obra analisa o período da partilha colonial, a conquista e a ocupação europeia da África e a invasão da Etiópia pela Itália fascista. Todo o volume é direcionado para as respostas dos próprios africanos aos desafios do colonialismo.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Tradução: Galeno de Freitas. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
Livro clássico que procura explicar e problematizar o modelo de colonização no continente americano, bem como [illegible] de rupturas e permanências dos efeitos sociais, políticos, culturais e econômicos desse processo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

GRUZINSKI, Serge. O historiador e a mundialização. *In*: SILO.TIPS. [*S. l*: *s. n.*], 12 jun. 2007. Disponível em: https://silo.tips/download/o-historiador-e-a-mundializaao-1. Acesso em: 18 maio 2020.
Obra que busca explorar elementos culturais presentes e em disputas nos mais diversos países colonizados, com destaque para a valorização e a problematização dos elementos simbólicos.

HOBSBAWM, E. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
O livro, que se insere numa série de outros títulos publicados pelo autor, aborda, por meio do método historiográfico, as transformações pelas quais o mundo passou durante o imperialismo.

LEMOS, Maria Tereza Toríbio Brittes. Tlachtli: o jogo de bola na Mesoamérica. *Pesquisa de Campo*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 55-62, 1995.
Análise dos esportes nas sociedades mesoamericanas com destaque para os diferentes usos da bola em rituais e encenações, entre outros elementos que possibilitam uma compreensão cultural ampla desses povos.

LÊNIN, V. I. *O imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Apresentação: Plínio de Arruda Sampaio. Unicamp: Campinas, 2011.
Livro considerado um clássico da análise leninista do imperialismo. Na edição, há uma apresentação robusta que visa revisitar o livro à luz do capitalismo do século XXI.

SERANO, C.; WALDMAN, M. *Memória d'África*: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.
O livro aborda o continente africano sob uma perspectiva ampla das Ciências Humanas, trazendo elementos da Antropologia, Sociologia, Geografia e História.

VASCONCELOS, Camilo de Mello. Visões da revolução mexicana: arte e política nos murais do Museu Nacional de História da Cidade do México. *In*: ENCONTRO DA ANPHLAC, 6., 2004, Maringá. *Anais eletrônicos* [...]. Maringá: Anphlac, 2004. Disponível em: http://docplayer.com.br/23549955-Visoes-da-revolucao-mexicana-arte-e-politica-nos-murais-do-museu-nacional-de-historia-da-cidade-do-mexico.html. Acesso em: 18 maio 2020.
Obra para ampliar e debater o processo revolucionário mexicano com a possibilidade de relacioná-lo ao percurso quando destacada a permanência dos conflitos no continente, bem como o resgate dessas lutas, como a dos zapatistas na região de Chiapas.

VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Imagens da Revolução Mexicana*: o Museu Nacional de História do México (1940-1982). São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2007.
Obra que aborda uma série de elementos e relações que envolvem a produção artística sobre a história do México, com destaque para o processo revolucionário de 1910.

Unidade 3

ARARIPE, Luiz Alencar. Primeira Guerra Mundial. *In*: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras.* São Paulo: Contexto, 2006.
Apresenta a síntese da Primeira Guerra Mundial, discorrendo sobre a tecnologia militar empregada, as fases do conflito, as principais mudanças do pós-guerra e a memória da guerra na literatura.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
Reúne ensaios biográficos de homens e mulheres que viveram os "tempos sombrios" da primeira metade do século XX, marcada pela emergência do totalitarismo na forma do nazismo e do stalinismo.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Obra de referência sobre os movimentos políticos totalitários que elucida o crescimento do antissemitismo na Europa nos anos 1800 e discute as operações do nazismo e do stalinismo.

BONIFACE, Pascal; VÉDRINE, Hubert. *Atlas do mundo global.* São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
Atlas acompanhado de textos sintéticos que abordam a geopolítica global no século XX, apresentando as grandes referências históricas para a compreensão do mundo contemporâneo.

COSTA, Emannuel. O que é gentrificação e por que você deveria se preocupar com isso. *In*: COURB. [*S. l.: s. n.*], 4 abr. 2016. Disponível em: http://www.courb.org/pt/o-que-e-gentrificacao-e-por-que-voce-deveria-se-preocupar-com-isso/. Acesso em: 23 jun. 2020.
O artigo apresenta o conceito de gentrificação, aborda vários estudos de caso pelo mundo e alerta para suas consequências sociais.

ECO, Umberto. *Fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
O autor alerta para a permanência das ideias autoritárias fascistas nas relações sociais e políticas presentes em muitos discursos e práticas políticas cotidianas.

HOBSBAWM, E. J. *A Era dos Impérios*: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
O livro analisa a expansão capitalista e a dominação europeia do século XIX, abordando os fatos de um período de paz que desencadearam uma crise e a Primeira Guerra.

HOBSBAWM, E. J. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
Ensaio-síntese sobre o período entre a Primeira Guerra Mundial e a Queda do Muro de Berlim, com análise da história política ligada aos acontecimentos que desde 1914 [illegible] os 1990.

KARNAL, Leandro [illegible] *dos Unidos*: das origens ao século XXI. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
A obra discute a formação histórica dos Estados Unidos, da colonização ao fim do século XX, apresentando-a à luz das dinâmicas de poder que envolveram consensos, rupturas e tensões de múltiplas ordens.

MORAES, Luís Edmundo. *História contemporânea*: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 1917.
Livro que prioriza o século XIX e o início do século XX, quando eclode a Primeira Guerra Mundial. Aborda as transformações políticas, tecnológicas e urbanas do período.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
Analisa o processo de globalização do ponto de vista ideológico e das condições técnicas e seus efeitos perversos mundo afora. A obra descortina caminhos para uma globalização socialmente inclusiva.

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. *In*: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das guerras*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
O artigo apresenta as origens da Segunda Guerra e os principais eventos geopolíticos da Europa nos anos 1930, as operações militares e o desfecho do conflito.

TROYJO, Marcos. *Desglobalização*: crônica de um mundo em mudança. São Paulo: Agbook, 2016.
Aborda o processo de globalização, evidenciado pela crise financeira deflagrada em 2008, a proliferação de políticas protecionistas, o declínio relativo dos EUA e a ascensão da China.

VITALE, Denise. Jürgen Habermas, modernidade e democracia deliberativa. *Caderno CRH*, Salvador, v. 19, n. 48, p. 551-561, 2006.
O artigo discute as relações políticas nas sociedades e explora as possibilidades e os limites do modelo da democracia deliberativa, tendo por base a construção teórica de Jürgen Habermas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ISBN 978-85-10-08373-7